



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

CURSO DE DOUTORAMENTO EM TEOLOGIA (2.º grau canónico)

Especialidade: Teologia Prática

LUÍS MIGUEL PROENÇA LEAL

***Ecce Homo* num arquipélago de evangelização**

Para uma pastoral de conjunto a partir das devoções populares do Senhor Bom Jesus Milagroso e do Senhor Santo Cristo dos Milagres, nos Açores.

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor Alfredo Teixeira

Lisboa

2020

Ao meu pai, Diác. Francisco Leal, agora junto a Cristo, que me deu Vida pela carne e pelo Espírito. Companheiro na vida e na pastoral e dedicado na ajuda deste projeto.

À minha mãe, Salete Leal, e minhas irmãs Teresa e Margarida. Três mulheres de armas, meus pilares fundamentais que comigo partilham Vida e essenciais neste projeto.

Agradecimentos

Embora este estudo fosse um projeto individual, ele não teria sido possível sem o apoio e ajuda de muitas pessoas e instituições. Como em muitas outras circunstâncias os agradecimentos não se esgotam aos agora mencionados, mas estendem-se a todos os que me ajudaram, animaram e proporcionaram este caminho.

Companhia de Jesus - Comunidade do Colégio de São João de Brito; Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres; Missionários Claretianos - Comunidade do Colégio Pio XII; Paróquia da Ameixoeira; Paróquia de São José de Ponta Delgada; Rancho de Romeiros de São José de Ponta Delgada; Religiosas de Maria Imaculada no Convento da Esperança em Ponta Delgada; RTP - Rádio Televisão Portuguesa - Direção de Emissão e Arquivo; RTPAçores - Rádio televisão Portuguesa dos Açores; Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso; Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres; Seminário Episcopal de Angra; Seminário Nossa Senhora da Graça de Penafirme.

D. Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa, D. António Sousa Braga, Bispo Emérito de Angra; D. João Evangelista Lavrador, Bispo de Angra; D. Joaquim Mendes Bispo Auxiliar de Lisboa;

P. Abílio Ramos; Cón. Adriano Borges; P. Alexandre Palma; Alfredo Teixeira; Ana Jorge; António Mendonça; António Miguel Ferreira; António Pedro Cipriano; P. Arsénio Isidoro; Mons. Augusto Borges, *in memoriam*; Carlos Alberto Silva e Gabriela Silva; Carlos Faria e Maia; P. Carlos Martins; Delfim Machado; P. Duarte Melo; Cón. Francisco Couto; Francisco Faria e Maia; Cón. Hélder Fonseca Mendes; Cón. Hélder Miranda; Hélio Ponte; P. Hélio Soares; Isabel Nunes; P. Jacob Vasconcelos; Joana Caetano; P. João das Neves; João Rebelo de Carvalho; P. Jorge Ferreira; José Borges de Pinho; P. José Francisco Sousa; José Reis, *in memoriam*, e Maria do Carmo Bettencourt Reis; Juan Hernandez; Lourdes Rito; Luís Bettencourt Reis; Luís Ferreira; Cón. Luís Manuel Silva; Marco Fonseca; P. Marco Luciano Carvalho; P. Marco Martinho; P. Marco Sérgio Tavares; Ir^a. Margarida Borges, R.M.I.; Maria da Luz Cordeiro; Maria da Luz Fernandes; Maria de Lurdes Soares; Maria Luísa Jacquinet; Marlisa Furtado; P. Nuno Maiato; Nuno Matos; P. Nuno Queirós; Diác. Pedro Carvalho; P. Pedro Ferreira, OCD; Pedro Galvão Henriques; Ricardo Raposo; Ruben Lopes; Ruy Pacheco; Tiago Costa; Sérgio Fernandes; Venilde Sousa; Ir^a. Zilda Melo, R.M.I.

Vede como vai prosperar o meu servo: subirá, elevar-se-á, será exaltado. Assim como, à sua vista, muitos se encheram de espanto - tão desfigurado estava o seu rosto que tinha perdido a aparência de um ser humano - assim se hão-de encher de assombro muitas nações e diante dele os reis ficarão calados porque hão-de ver o que nunca lhes tinha sido contado e observar o que nunca tinham ouvido.

Is 52, 13-15 (tradução segundo a *Liturgia das Horas*)

Resumo

Povoado no século XV, o arquipélago dos Açores cedo teve uma forte marca devocional crística. Esta marca, que vai resistindo ao tempo e às várias alterações sociais, permanece ainda hoje, especialmente nos mistérios da Paixão de Jesus. Será na devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, em São Miguel, e também na do Senhor Bom Jesus Milagroso, no Pico, que a marca devocional crística toma maior relevo, nas ilhas açorianas, sem contudo a devoção crística nos mistérios da Paixão se esgotar nestas duas expressões devocionais. De géneses diferentes, mas sob a mesma invocação do *Ecce Homo*, estas duas devoções tornar-se-ão identitárias da cultura e sociedade açoriana, não apenas no arquipélago, mas também fora dele.

A devoção ao Santo Cristo nasce, sobretudo na transição dos séculos XVII e XVIII, pelo empenho de uma religiosa clarissa, Madre Teresa da Anunciada, do Convento da Esperança em Ponta Delgada. Nesse convento está a Imagem originária do culto, mas que hoje se expandiu para outras partes do mundo. Já a devoção do Bom Jesus é trazida do Brasil, no século XIX, por emigrante picoense, Francisco Ferreira Goulart, para a sua terra natal São Mateus. Também o Bom Jesus, se veio da cidade brasileira de Iguape, de São Mateus partiu para o mundo na diáspora açoriana.

Estas devoções, marcadas pela piedade popular, constituem um lugar decisivo para a compreensão da simbólica e dos percursos religiosos e eclesiais que caracterizam, neste contexto, a piedade popular. De igual modo, os dinamismos pastorais da diocese de Angra estão indubitavelmente marcados por estas formas de expressão da piedade popular. Assim, procura-se mostrar, neste estudo, como a devoção ao Bom Jesus e ao Santo Cristo podem ser instrumentos privilegiados para uma pastoral de conjunto e de evangelização. Sendo estas referências locais, a leitura destes dinamismos devocionais, pastorais e evangelizadores poderão ser extrapolados, com as devidas adaptações, para outros contextos de vida pastoral cujas práticas da piedade popular conheçam a mesma centralidade.

Palavras-chave: Açores; *Ecce Homo*; Pastoral de Conjunto; Piedade Popular.

Abstract

Populated in the 15th century, the Azores archipelago early had a strong christistic devotional mark. This mark, which is staying on time and the various social changes, remains today, especially in the mysteries of the Passion of Jesus. It will be in devotion to the Senhor Santo Cristo dos Milagres in São Miguel Island, and also in the Senhor Bom Jesus Milagroso, at Pico Island, that the christistic devotional mark takes greater prominence in the Azorean islands, without yet the scum devotion in the mysteries of passion to be exhausted in these two devotional expressions. Having different genesis, but under the same invocation of the *Ecce Homo*, these two devotions will become part of the identity of Azorean culture and society, not only in the archipelago, but also outside it.

Devotion to the Santo Cristo is born, especially in the transition of the seventeenth and eighteenth centuries, by the commitment of a poor clarees religious, Madre Teresa da Anunciada, of the Convento da Esperança in Ponta Delgada. It is in this convent that the original image of the cult is found, but today it has expanded to other parts of the world. Devotion to the Bom Jesus was brought from Brazil in the 19th century by an emigrant from the Pico Island, Francisco Ferreira Goulart, to his hometown. Devotion to the Bom Jesus, from the Brazilian city of Iguape in São Mateus also spread throughout the Azorean diaspora.

These devotions, characterized by popular piety, are very important to understand the symbolic and religious and ecclesial paths that characterize, in this context, popular piety. Likewise, the pastoral dynamism of the diocese of Angra is undoubtedly marked by these forms of expression of popular piety. Thus, the intention of the study is to explain how devotion to Bom Jesus and the Santo Cristo can be privileged instruments for a comprehensive pastoral care and evangelization. Being these local references, the Reading of these devotional, pastoral and evangelizing dynamisms can be extrapolated, with the appropriate adaptations, to other contexts of pastoral life whose practices of popular piety know the same centrality.

Keywords: Azores, *Ecce Homo*, Comprehensive Pastoral Care; Popular Piety.

Índice Geral

Índice Geral	9
Índice de Quadros, Gráficos, Mapas e Imagens	13
Siglas utilizadas em notas	15
Introdução	17
1. A piedade popular como expressão religiosa e cultural de uma comunidade	25
1.1. Uma aproximação à definição de piedade popular	25
1.2. Dimensões da piedade popular	29
1.2.1. O significado	30
1.2.2. “Eis”	35
1.3. Permanência das vivências religiosas em Portugal	40
1.4. Repertórios de práticas e vivências	45
1.4.1. As imagens, centro da devoção	46
1.4.2. A peregrinação, caminho para o santuário	50
1.4.3. A procissão	57
2. O arquipélago dos Açores e as suas características religiosas	61
2.1. Povoamento, insularidade e emigração	61
2.1.1. Povoamento e matrizes religiosas	61
2.1.2. A insularidade, tensão entre cristalização e progresso	64
2.1.3. Emigração açoriana: partilha de cultura e de fé	67
2.2. Devoções e práticas religiosas na vivência açoriana	69
2.2.1. As marcas franciscanas	69
2.2.2. Devoção mariana, devoção crística	71
2.2.3. As invocações “Santo Cristo” e “Bom Jesus”	77
2.2.4. O Culto ao Espírito Santo	88
2.2.5. As Romarias Quaresmais	98
3. As principais festas açorianas do <i>Ecce Homo</i>	103
3.1. Senhor Bom Jesus Milagroso	103
3.1.1 O Bom Jesus do Iguape, génese do culto do Bom Jesus do Pico	105
3.1.2. De Iguape para São Mateus	108
3.1.3. A Disseminação da devoção ao Bom Jesus do Pico	110
3.1.4. A devoção ao Bom Jesus pelos testemunhos epistolares	115
3.1.5 O Santuário do Bom Jesus do Pico	119
3.1.6 Principais manifestações da devoção ao Bom Jesus Milagroso	121

3.1.7. O Bom Jesus e a sua festa anual.....	135
3.2. Senhor Santo Cristo dos Milagres.....	141
3.2.1. Madre Teresa da Anunciada, a "freira do Santo Cristo"	141
3.2.2. A Imagem do Senhor Santo Cristo: genealogia e percursos	145
3.2.3. O Milagre do Pão, marco essencial na devoção do Santo Cristo	149
3.2.4. A primeira procissão do Senhor Santo Cristo: Ação de Graças.....	151
3.2.5. Segunda procissão: Penitência	157
3.2.6 Os atributos da Imagem do Santo Cristo, mediadores no culto	160
3.2.7. A disseminação do culto e as cartas ao Santo Cristo	165
3.2.8. As estruturas eclesiais de apoio à devoção ao Santo Cristo	170
3.2.9. A roda do convento, uma particularidade de difusão da devoção.....	176
3.2.10. Os hinos do Santo Cristo	189
3.2.11. A Festa do Senhor Santo Cristo	191
3.2.12. A atual procissão do Santo Cristo	216
4. As festas do <i>Ecce Homo</i> , evangelização e pastoral de conjunto	221
4.1. Análise sinótica da sintaxe devocional	221
4.2. Práticas devocionais.....	230
4.3. Piedade popular e experiência eclesial	237
4.4. Piedade popular e liturgia	243
4.5. As Homilias da festa	248
4.6. Elementos fundadores da festa como meio de anúncio evangélico	253
4.7. Santuário, lugar privilegiado de espiritualidade e ação pastoral.....	268
4.8. Dois Santuários, uma invocação	271
4.9. Síntese para uma pastoral de conjunto.....	277
4.9.1. A importância do contexto social, cultural e geográfico para uma pastoral de conjunto.....	279
4.9.2. As Imagens como testemunho de fé.....	281
4.9.3. <i>Ecce Homo</i> como eixo da pastoral de conjunto	283
4.9.4. Piedade popular e vivência eclesial.....	285
Conclusão	289
Bibliografia.....	293
Fontes e documentos.....	293
Bibliografia subsidiária.....	296
Anexos	303
1. Bom Jesus da Pedra	303

2. Bom Jesus Milagroso	305
2.1. Programas.....	305
2.2. Cartas.....	308
2.3. Alocução na inauguração de Exposição	313
3. Santo Cristo dos Milagres	317
3.1. Programa	317
3.2. Cartas.....	318
3.3. Hino	324
3.4. Homilias da Festa 1996-2016.....	325
3.5. Entrevistas	395

Índice de Quadros, Gráficos, Mapas e Imagens

Quadro 1. Santuários diocesanos.....	75
Quadro 2. Presidências e temas da festa do Bom Jesus Milagroso	140
Quadro 3. Conventos de Ponta Delgada.....	153
Quadro 4. Presidências e temas da festa do Santo Cristo	204
Quadro 5. Sinopse das procissões do Santo Cristo.....	219
Quadro 6. Sinopse das invocações e festas do Santo Cristo e do Bom Jesus.....	225
Quadro 7. Relação das homilias existentes e a temática da festa do Bom Jesus.....	249
Quadro 8. Relação das homilias existentes com a temática da festa do Santo Cristo. .	251
Quadro 9. Sinopse dos temas da festa do Bom Jesus e do Santo Cristo.	273
Gráfico 1. Patronos paroquiais: tipologias (%).	71
Gráfico 2. Patronos de paróquias: tipologias (nº).....	72
Gráfico 3. Paróquias dedicadas a Nossa Senhora e dedicadas a outras invocações.....	72
Gráfico 4. Total de dedicações e tipos diferentes de invocações	72
Gráfico 5. Criação de invocações ao longo do tempo.	73
Gráfico 6. Distribuição e criação das invocações ao longo dos séculos.....	73
Gráfico 7. Paróquias de patronato crísticos da Paixão	84
Mapa 1. Percurso da procissão do Bom Jesus Milagroso.....	137
Mapa 2. Percurso da procissão do Santo Cristo e localização dos conventos de Ponta Delgada.....	153
Imagem 1. Primitiva imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra.....	79
Imagem 2. Atual imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra.....	79
Imagem 3. Registo de azulejo do Bom Jesus da Pedra.	81
Imagem 4. Santo Cristo da Praia.	86
Imagem 5. Pagela do Senhor Santo Cristo da Praia (frente e verso).....	87
Imagem 6. Insígnias do Espírito Santo: coroa, cetro e respetiva bandeja.	89
Imagem 7. Romaria Quaresmal, Rancho de S. José de Ponta Delgada.....	100
Imagem 8. Bom Jesus Milagroso de São Mateus.....	104
Imagem 9. Memória do primeiro lugar da Imagem do Senhor Bom Jesus Milagroso em São Mateus.	105
Imagem 10. Bom Jesus de Iguape.	106
Imagem 11. Registo do Bom Jesus.....	112
Imagem 12. Igreja Paroquial de São Mateus e Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus Milagroso.	120
Imagem 13. Pagela do Senhor Bom Jesus Milagroso, oração D. José Costa Nunes (frente e verso).....	125
Imagem 14. Pagela Senhor Bom Jesus Milagroso, alocução D. António Braga (frente e verso).	127
Imagem 15. Pagela preces ao Senhor Bom Jesus Milagroso.	129
Imagem 16. Partitura original do hino <i>Quicumque Christum</i> , por Pe. Tomaz Borba. .	131
Imagem 17. Pagela com o hino português ao Senhor Bom Jesus Milagroso.....	132
Imagem 18. Imagem da Madre Teresa junto ao Convento da Esperança.	144

Imagem 19. Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.	146
Imagem 20. Coro-baixo do Convento da Esperança com a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres na sua capela própria.	148
Imagem 21. Armário onde terá ocorrido o milagre do pão.	150
Imagem 22. Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres com os seus atributos preciosos.	161
Imagem 23. Capa do Senhor Santo Cristo dos Milagres e respetiva legenda de cura e doação.	164
Imagem 24. Convento da Esperança e Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres.	170
Imagem 25. Roda e peregrinos junto da mesma pedindo orações.	178
Imagem 26. Alguns objetos de <i>merchandising</i> entregues na Roda.	178
Imagem 27. Fita com a medida da face da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.	181
Imagem 28. Fita com a medida da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.	181
Imagem 29. Relíquia da capa.	182
Imagem 30. Relíquia da Roseira da Madre Teresa, com pétalas de rosa.	182
Imagem 31. Antiga relíquia da Roseira da Madre Teresa (frente e verso).	182
Imagem 32. Relíquia de plantas do Jardim do Senhor Santo Cristo dos Milagres (frente e verso).	183
Imagem 33. Folha com a legenda que acompanhava a relíquia da terra do jardim.	183
Imagem 34. Relíquia do armário do milagre do pão (frente e verso).	183
Imagem 35. Pagela da Paixão do Senhor Santo Cristo dos Milagres (frente e verso).	186
Imagem 36. Pagela da Ressurreição do Senhor Santo Cristo dos Milagres (frente e verso).	188
Imagem 37. Pagela da Madre Teresa (frente e verso).	189
Imagem 38. Caramelos de açúcar.	196
Imagem 39. Galito de açúcar (frente e verso).	196
Imagem 40. Iluminação da fachada principal do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres.	198
Imagem 41. Peregrinos com os círios.	200
Imagem 42. Peregrinos a fazer a volta do Campo de S. Francisco de joelhos.	201
Imagem 43. Desfile cívico de homenagem ao Senhor Santo Cristo dos Milagres.	202
Imagem 44. Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres despojada dos atributos e com o manto de D. João V para a procissão interior.	206
Imagem 45. Imagem do Santo Cristo no seu andor principal.	207
Imagem 46. Roda, Porta da Roda (ou Porta Regral) e Porta do Carro.	208
Imagem 47. Guarda de honra após a procissão da mudança.	210
Imagem 48. Procissão do Santo Cristo.	213
Imagem 49. Procissão interior de reposição da Imagem na sua capela.	216

Siglas utilizadas em notas

VSD - Vida da Serva de Deus.

ANUNCIADA, T., *Vida da Serva de Deus Teresa da Anunciada estrita por ela por mandato de Deus e seus confessores*, datilografado em 1963 a partir dos originais existentes no Convento da Esperança.

DA - Documento de Aparecida.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Ed. CNBB - Paulus - Paulinas, Brasília - S. Paulo, 2008.

DPP - Diretório sobre a piedade popular

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia*, Paulinas, Lisboa, 2003.

DS - Duodecimum Saeculum

JOÃO PAULO II, *Duodecimum Saeculum*, in *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2014, 1086-1090.

CCE - Catechismus Catholicae Ecclesiae

Catecismo da Igreja Católica (Catechismus Catholicae Ecclesiae), Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

EE - Ecclesia in Europa

JOÃO PAULO II, *A Igreja na Europa (Ecclesia in Europa)*, Paulinas, Lisboa, 2003.

EG - Evangelii Gaudium

FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*, Paulus, Lisboa, 2013.

EN - Evangelii Nuntiandi

PAULO VI, *Evangelho aos homens de hoje (Evangelii Nutiandi)*, Ed. AO, Braga, 1990.

GS - Gaudium et Spes

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral A Igreja no mundo actual (Gaudium et Spes)*, Ed. AO, Braga, 1987, 345-418.

LG - Lumen Gentium

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição dogmática A Santa Igreja (Lumen Gentium)*, Ed. AO, Braga, 1987, 59-116.

NII 6 - CONCÍLIO NICEIA II, "Sessão 6"

CONCÍLIO NICEIA II, "Sessão 6", in CORDEIRO, J. L. (coord.), *Antologia Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2015, 1674.

NII 7 - CONCÍLIO NICEIA II, "Sessão 7"

CONCÍLIO NICEIA II, "Sessão 7", in CORDEIRO, J. L. (coord.), *Antologia Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2015, 1674-1675.

SC - Sacrosanctum Concilium

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição A Sagrada Liturgia (Sacrosanctum Concilium)*, Ed. AO, Braga, 1987, 13-41.

TR 25 - CONCÍLIO TRENTO, "Sessão 25"

CONCÍLIO TRENTO, "Sesión 25", in DENZINGER, H, HÜNERMANN, P., *El Magistério de la Iglesia, Encheridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder, Barcelona, 2000, 554-556.

VQA - Vicesimus Quintus Annus

JOÃO PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus, Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2014, 1134-1148.

Introdução

No panorama nacional português, o arquipélago dos Açores é reconhecido como tendo uma forte presença da religiosidade e de importantes manifestações de piedade popular. A própria transmissão da fé de pais para filhos é, no universo português, um fenómeno particular de elevada percentagem, mesmo que a prática religiosa não seja assídua.¹ Porém, essa piedade popular, que na maior parte do território nacional se tornou eminentemente mariana, aqui é crística e pneumática. Porquê essa prevalência singular de uma piedade centrada em Cristo e no Espírito Santo, tendo em conta que no restante país a piedade mariana se tem vindo a impor? Esta é uma primeira questão que despertou o autor para a elaboração deste estudo. Contudo, esta questão levou a uma outra: poderá ser a piedade popular um importante veículo de evangelização e de uma pastoral de conjunto? E se sim, como? Sem se querer fugir à primeira questão, será esta segunda que irá orientar este estudo.

Antes de mais será importante perceber que, por pastoral de conjunto, se entende toda a ação pastoral integradora, coordenada e planificada entre os diferentes agentes de ação pastoral e estruturas eclesiais², seja a nível diocesano, seja local, nas zonas pastorais, nos santuários e paróquias. E tal como um arquipélago é composto por um conjunto de ilhas que formam uma unidade geográfica, a pastoral de conjunto é como um arquipélago eclesial e de evangelização. A variedade de comunidades, movimentos e expressões de fé devem estar também unidos numa mesma identidade eclesial e de pastoral coordenada.

¹ Neste estudo optou-se pela norma bibliográfica proposta pela Faculdade de Teologia na *Proposta de orientações para elaboração de trabalhos escritos na Faculdade de Teologia*, 2012. Cf. A. ESTEVES, E. PANYIK, M. CUNHA, “Identidades religiosas nas regiões autónomas”, *Didaskalia*, 43 (2013) 226.

² Cf. C. FLORISTÁN, *Teologia Practica, teoria y praxis de la accion pastoral*, Sigueme, Salamanca, 1991, 229.

Sendo o arquipélago açoriano uma unidade enquanto diocese e, por essa razão, composta por uma mesma unidade eclesial, e consequentemente pastoral, poderão determinadas devoções e expressões de piedade concorrer para a coesão e serem meios facilitadores de uma pastoral de conjunto?

De facto, o isolamento e a dispersão das ilhas podem criar dificuldades à missão da Igreja local, ao mesmo tempo que a grande predominância de expressões de piedade popular, muitas vezes originárias e vividas fora da esfera e controlo clericais e hierárquicos, tornam-se um verdadeiro desafio aos agentes de pastoral na sua missão evangelizadora. Muitas vezes, a piedade popular foi olhada como desprezível na pastoral, ou como um elemento menor da fé, ou como expressão de uma fé não amadurecida, sendo frequente a constituição de polos de tensão entre uma hierarquia clerical e as comunidades, num dualismo eclesial pouco fecundo para a construção das comunidades. Será tarefa deste trabalho chegar a uma compreensão da piedade popular para a pensar como importante elemento evangelizador e congregante de uma pastoral de conjunto. São muitas e diferentes as expressões de piedade popular nos Açores, mas, como veremos, existem dois grandes pilares da piedade popular açoriana: o culto ao Espírito Santo e ao Santo Cristo. Esta segunda denominação desdobra-se em diferentes expressões, mas todas ligadas à Paixão de Cristo, sendo a Crucificação e o *Ecce Homo*, a apresentação de Jesus à multidão por Pilatos, os dois momentos principalmente invocados nessas devoções. Qualquer um destes dois pilares é transversal à cultura açoriana, independentemente da ilha. Por essa razão são tão significativos no açorianismo religioso e cultural.

Se o culto ao Espírito Santo está profundamente estudado etnográfica, sociológica e teologicamente, o culto ao Santo Cristo ainda carece de mais estudos especialmente no que se refere à esfera teológica. Analisar cuidadosamente todas as

invocações açorianas do Santo Cristo seria uma tarefa por demais exigente e complexa. Por essa razão se optou apenas por duas expressões, ambas sobre a invocação do *Ecce Homo*. Serão elas o Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, ilha de São Miguel, e o Senhor Bom Jesus Milagroso, em São Mateus, ilha do Pico. Pode resumir-se, desta forma, o conjunto dos critérios que levaram à escolha destas duas devoções: prendem-se à evidência de uma forte devoção, que nestes casos vai para além do local onde se encontra a Imagem; por ambas as igrejas onde se encontram as Imagens serem santuários diocesanos; por ambas as devoções serem do *Ecce Homo* e por isso permitirem um paralelismo na sua história, culto e expressão social, cultural e religiosa. Apesar das grandes diferenças que lhes vamos encontrar, não só na génese da devoção, mas também como esta foi tendo a sua evolução ao longo dos tempos, procurar-se-á encontrar os pontos de diálogo entre estas duas devoções, o que é fundamental para uma pastoral de conjunto. Será, pois, através do exemplo destas duas devoções do *Ecce Homo* que se irá procurar responder à questão nuclear: como pode a piedade popular ser meio de evangelização e de construção de uma pastoral de conjunto? Tendo como meio de análise a devoção do Santo Cristo e do Bom Jesus, as representações plásticas destas devoções serão centrais. Como se verá, a representação do Santo Cristo é uma estátua de meio corpo do *Ecce Homo*, enquanto a do Bom Jesus é de corpo inteiro. Contudo, a expressão portuguesa que mais é usada para a estatuária devocional e cultural é “imagem”. Num contexto religioso, de piedade e litúrgico poderemos definir como “imagem” aquela representação tridimensional de Cristo, ou de um santo. Neste estudo, identificam-se as representações do Santo Cristo e do Bom Jesus com a expressão “Imagem” ou “Imagens”, sendo que o uso de maiúscula ajudará a identificar e não

confundir estas duas representações concretas com outras representações que possam ser referenciadas.³

Olhar para a piedade popular como objeto de estudo, ou para alguma das suas representações, é entrar-se em zonas de fronteira, muitas vezes pouco definidas. Pretende-se aqui, não um estudo exaustivo das problemáticas sociológicas, antropológicas e etnográficas da piedade popular, em volta de duas devoções, pese embora não se deixar de as abordar como base fundamental para a compreensão do fenómeno. Tão pouco se pretende fazer uma reflexão cristológica, usando as duas devoções que analisaremos apenas como ilustração dessa mesma reflexão. O que se pretende é olhar para o concreto das devoções crísticas do Santo Cristo dos Milagres e do Bom Jesus Milagroso, como ponto de partida para uma reflexão teológico prática e de aplicação numa pastoral de conjunto.

Assim, para que o intuito deste estudo seja cabalmente alcançado, percorrer-se-á um caminho dividido em quatro etapas. Num primeiro momento procurar-se-á observar o fenómeno da piedade popular, começando por definir o conceito de piedade popular e quais os dinamismos conceptuais que lhe estão subjacentes, olhando sempre para os dois casos concretos aqui estudados, tendo em conta que a centralidade das devoções está numa Imagem. Também, neste primeiro capítulo, ter-se-á um olhar sobre as principais expressões de piedade popular que podem envolver uma devoção como as aqui analisadas.

Numa segunda etapa, será analisado o contexto originário destas devoções do Santo Cristo e do Bom Jesus, e o modo como o ambiente histórico, social, cultural e

³ O mesmo acontecerá na utilização da palavra "Santuário" que em maiúscula identificará o Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso ou o do Senhor Santo Cristo dos Milagres, distinguindo-os dos santuários em geral. O mesmo critério será usado para as Reitorias dos referidos Santuários, para a Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e para a Comunidade de Vida Consagrada existente no Convento da Esperança. A maiusculização tem por objetivo melhor diferenciar estas estrutura eclesiais das demais. Do mesmo modo, os mistérios de Cristo estarão escritos em maiúscula (Encarnação, Batismo, Transfiguração, Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão).

geográfico podem ser a base e influenciar a génese e o desenvolvimento destas devoções. Também aqui cabe um olhar sobre outras manifestações religiosas existentes e preponderantes na cultura açoriana.

Caberá numa terceira fase analisar a devoção ao Santo Cristo em São Miguel e ao Bom Jesus no Pico. Aqui se verá como cada uma delas surgiu, quem as impulsionou, como se foram desenvolvendo localmente ao longo dos tempos e como o culto de cada uma delas se espalhou, não só no arquipélago, mas também pelo mundo. Também se estudará quais as características de cada uma das devoções, como se estruturam local e eclesialmente e as práticas devocionais e festivas a elas associadas. As festas anuais do Santo Cristo e do Bom Jesus terão uma atenção especial, pois são esses acontecimentos anuais onde a piedade popular mais se destaca e onde há uma maior convergência eclesial em torno da devoção. Tendo em conta a complexidade destas duas devoções e a importância de se ter algum cuidado na análise de cada uma delas, justifica-se que esta seja uma etapa mais extensa, também devido à sua centralidade neste estudo.

Finalmente, num último capítulo, procurar-se-á pôr em paralelo as duas devoções do *Ecce Homo* e perceber como cada uma delas é, desde já, meio evangelizador e concorrente para uma pastoral de conjunto; quais as fragilidades de cada uma para essa mesma missão e de como ambas podem ser juntamente protagonistas dessa mesma evangelização e pastoral de conjunto num território específico como é a diocese angrense.

Na base documental deste trabalho, além de vasta bibliografia subsidiária, teremos em conta a experiência pessoal de observação local de cada uma destas devoções, não só nos momentos festivos, desde 2013, mas também fora deles. Nessa observação, e especialmente na ocasião das festas, houve a possibilidade de uma presença participativa e ativa como padre, bem como presença de observador nas

ocasiões importantes no desenvolvimento da festa, mesmo em algumas das que estão reservadas a apenas um pequeno número de agentes locais.

As fontes locais de documentação manuscrita ou dactilografada, existentes nos arquivos dos Santuários e da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, são fundamentais para a análise que se irá efetuar – no corpo do texto, surgem sempre segundo a sua ortografia original. Nesta documentação encontraremos também testemunhos epistolares que estarão, neste estudo, na sua forma original, mesmo que em língua estrangeira, e com a ortografia ali contida, ainda que com erros ou gralhas de escrita. Salienta-se que, tendo em conta a privacidade dos devotos, os nomes neles contidos surgirão descaracterizados⁴.

Enquanto as cartas existentes no arquivo da Reitoria do Santuário do Bom Jesus Milagroso eram facilmente todas consultadas, no arquivo da Reitoria do Santuário do Senhor Santo Cristo o seu volume era tal, e sem qualquer classificação, que se optou por fazer uma pequena amostra exemplificativa de diferentes datas e locais de remetente, de dentro e fora do arquipélago. Elementos fotográficos e publicações devocionais, como pagelas e pequenos opúsculos, foram também importantes para o estudo aqui contido. Destes, alguns foram recolhidos diretamente nos Santuários, ao passo que outros apenas puderam aí ser consultados. Também se mostrou importante a consulta do arquivo particular do P. José Carlos Simplício, em depósito no Seminário de Angra, especialmente no que se refere a antigos recortes de jornal, programas de festas e outros subsídios não publicados. Alguns recortes não estavam devidamente catalogados, sem referência à publicação de origem, pelo que, nestes casos, se optou por colocar em anexo os documentos referenciados no corpo deste estudo. Já os recortes de jornal, existentes neste arquivo, de que nos é dada a referência de publicação (nome de jornal e

⁴ Para essa descaracterização optou-se por colocar um "N" no lugar do nome. Nos anexos, os nomes foram apagados.

data), por vezes sem a referência às páginas do artigo, estão incluídos na bibliografia deste estudo, categorizados como “Arquivo Particular P. José Carlos Simplício”.

Na recolha documental surgiram algumas dificuldades, especialmente no que se refere às homilias das festas do Bom Jesus e do Santo Cristo. No tocante aos dois casos em estudo, poucas homilias foram publicadas no *Boletim Eclesiástico dos Açores*, órgão oficial da Diocese de Angra, pelo que não foi possível fazer, por esse meio, uma compilação cabal das homilias proferidas. Também se procurou em outras publicações, mas sem grande fruto. Optou-se pela recolha das mesmas através dos meios de comunicação social, mas apenas para as homilias do Santo Cristo foi possível obter tal resultado. Para esta recolha optou-se pela janela de tempo do pontificado do Bispo de Angra D. António Sousa Braga (1997-2016). Contudo, e no sentido de fazer uma ponte entre o seu antecessor e o sucessor, também se julgou oportuno incluir a última homilia do pontificado de D. Aurélio Granada Escudeiro (1996) e a primeira do pontificado de D. João Lavrador (2017). Como se referiu, embora se encontrassem algumas (poucas) homilias publicadas pelo órgão oficial da diocese, tomou-se a opção de utilizar todas elas da mesma fonte, para se ter uma coerência da forma. Através das gravações cedidas pelos arquivos da Rádio Televisão Portuguesa (RTP), fez-se a transcrição de cada uma delas, as quais se encontram em anexo a este estudo. No que se refere às homilias da festa do Bom Jesus Milagroso do Pico, e obedecendo ao mesmo critério temporal para uma análise temática, utilizaram-se as que foi possível encontrar publicadas.

As entrevistas a agentes privilegiados do culto destas devoções constituíram um outro *corpus* documental. Assim, foram feitas entrevistas aos Bispos de Angra D. António Braga e D. João lavrador; ao Provedor da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Sr. Carlos Faria e Maia; à Irmã zeladora da Imagem do Santo Cristo, Ir. Margarida Borges. Estas quatro entrevistas surgem em anexo, neste estudo. Ainda se

realizaram entrevistas aos Reitores dos Santuários do Bom Jesus Milagroso e do Santo Cristo dos Milagres, mas, por questões técnicas, essas mesmas entrevistas foram perdidas e não foi possível realizar novas entrevistas, pelo que se assume a responsabilidade por essa lacuna.

1. A piedade popular como expressão religiosa e cultural de uma comunidade

A religiosidade é inerente à realidade humana e esta busca do sobrenatural, a compreensão da vida quotidiana e o destino como comunidade são o cerne da religiosidade. Por esta razão, a religiosidade está presente em todas as vivências culturais e sociais humanas, podendo ser esta um polo diferenciador entre comunidades e, ao mesmo tempo, congregador na comunidade. Não se poderá olhar para uma sociedade, uma cultura, uma comunidade, sem se ter em conta a vivência religiosa e de piedade nela existente, pois "a religiosidade popular manifesta um povo 'situado' social e historicamente, de forma que o tipo de expressão pode variar com a mudança político-social."⁵

Sendo a devoção ao *Ecce Homo*, através das Imagens do Senhor Santo Cristo dos Milagres e do Bom Jesus Milagroso, eminentemente uma expressão de religiosidade e piedade popular marcante na comunidade e cultura açoriana, importa perceber o que se entende por religiosidade e piedade popular, bem como os dinamismos e expressões de fé que as caracterizam.

1.1. Uma aproximação à definição de piedade popular

Não é consensual a diferenciação entre religiosidade popular e piedade popular. Na verdade, os dois termos são habitualmente utilizados para descreverem uma mesma realidade, não havendo, por norma, grande diferença entre ambos. A própria Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos vai encontrar essa dificuldade no *Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia*, pois ambos os termos

⁵ J. S. LIMA, "Religiosidade Popular", in C. AZEVEDO (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Circulo de Leitores, 2000, 111.

são utilizados pelos documentos oficiais do Santo Padre e da Santa Sé, sem quererem fazer especiais distinções entre os dois.⁶ Diante esta dificuldade, o próprio *Diretório* irá realizar uma breve definição dos termos, consciente que a mesma será tida especialmente como base para o entendimento do conteúdo do *Diretório* e não como doutrina terminológica.⁷ Com efeito, o *Diretório* vai fazer a seguinte definição de piedade popular:

“A locução «piedade popular» designa aqui as diversas manifestações cultuais de carácter privado ou comunitário que, no âmbito da fé cristã, se exprimem predominantemente não com os módulos da sagrada Liturgia, mas através das formas peculiares derivadas do génio de um povo ou de uma etnia e da sua cultura.”⁸

Paralelamente fará a seguinte definição de religiosidade popular:

“A realidade indicada pela locução «religiosidade popular» refere-se a uma experiência universal: tanto no coração de cada pessoa, como na cultura de cada povo e nas suas manifestações coletivas, está sempre uma dimensão religiosa. [...]

A religiosidade popular não se reporta necessariamente à revelação cristã.”⁹

Daqui depreendemos que a especial diferenciação entre estes dois termos se refere ao carácter cristão ou universal da expressão e vivência da fé. Isto é, a piedade popular implica a vivência da fé cristã ao passo que a religiosidade popular torna-se mais abrangente no que toca à experiência do religioso. A primeira é a vivência e expressão da fé cristã para além da Liturgia e a segunda é a experiência religiosa de uma cultura para além da fé cristã como base da experiência interior e espiritual do ser humano: “expressão humana intrínseca”¹⁰ e “primeira forma que torna a espiritualidade

⁶ Cf. DPP 6.

⁷ Cf. DPP 6.

⁸ DPP 9.

⁹ DPP 10.

¹⁰ J. MACEDO, “Religiosidade popular como questão cultural”, in A. CARDOSO (coord.), *Peregrinação e piedade popular*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1988, 12.

do real”¹¹. Tendo em conta a centralidade dos mistérios cristãos, neste estudo, será privilegiado o termo piedade popular.

Também o Papa Paulo VI faz a diferenciação entre religiosidade popular e piedade popular, preferindo este último termo como melhor forma de exprimir a realidade da vivência da fé, numa sede de Deus e no Evangelho encarnado numa cultura e vida quotidiana dos crentes, capaz ela própria de ser também evangelizadora.

“Se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores. Assim ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em virtude destes aspetos, nós chamamos-lhe de bom grado «piedade popular», no sentido religião do povo, em vez de religiosidade.”¹²

É neste sentido que posteriores abordagens sobre a piedade popular a vão observar, reconhecendo que a mesma tem intrinsecamente presente o sentido do sagrado e do transcendente numa “verdadeira experiência de amor teologal”¹³, pois “manifesta uma genuína sede de Deus e um sentido apurado dos atributos profundos de Deus.”¹⁴ Exprime uma disponibilidade para o Mistério de Deus nas suas diferentes dimensões de um Deus Encarnado no concreto da realidade humana como infante, e do mesmo modo na sua dádiva amorosa na cruz.¹⁵

Como podemos observar, a piedade popular é a expressão singular dos Mistérios de Deus encarnada numa cultura e sociedade com a sua história e vivências particulares. Seria irreal pensar-se que há uma pureza religiosa sem ser encarnada e vivida numa

¹¹ J. MACEDO, "Religiosidade popular como questão cultural", 16.

¹² EN 48.

¹³ DA 263.

¹⁴ DPP 61.

¹⁵ Cf. DPP 62.

realidade concreta social e culturalmente. Na verdade, “a religião pede condições para florescer e crescer nas sociedades onde se exprime.”¹⁶ De tal forma a piedade popular está enraizada numa cultura e sociedade, que por vezes ganha um carácter político, como veículo de memória de uma comunidade, local, regional ou nacional.¹⁷ Posteriormente se verá o quão importante é o culto e devoção do Bom Jesus e do Santo Cristo como forma identitária, não só religiosa, de uma comunidade política e social que se expande pelo mundo.

“Quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação. [...]

Na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se”¹⁸

A piedade popular, apesar de muitas vezes ser vivida em comunidade e no meio de multidões, não é uma “espiritualidade de massas”, pois ao encontrar-se enraizada num quadro social e cultural, ela “penetra delicadamente a existência pessoal de cada fiel”.¹⁹

Embora a piedade popular tenha dinamismos próprios para além da Liturgia, não é necessariamente antagónica a esta. Pelo contrário, Liturgia e piedade popular estão intimamente ligadas e complementam-se. A piedade popular dá à Liturgia a expressão concreta de uma cultura e de uma comunidade. A Liturgia dá o conteúdo salvífico e sacramental da universalidade da fé à primeira.

“Que a mensagem cristã não seja um elemento de rotura na cultura, nem seja uma peça estranha colocada nela, mas represente uma linha de desenvolvimento dentro dessa cultura.”²⁰

¹⁶ M. B. CRUZ, *Os católicos, a sociedade e o estado*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013, 33.

¹⁷ Cf. M. CLEMENTE, *A Fé do Povo: compreender a religiosidade popular*, Paulus, Lisboa, 2013, 25.

¹⁸ EG 122-123.

¹⁹ DA 261.

²⁰ “Così che il messaggio cristiano non sia un elemento di rotura nella cultura, né sia una pezza estranea messa sopra, ma rappresenti una linea di sviluppo entro quella cultura.”: M. PRETTO, *La grande teologia e la pietà popolare*, Ed. Progetto 200, Cosenza, 2012, 215.

Neste sentido, há que ter atenção para que a piedade popular não se desenraíze da Liturgia nem dela se afaste, mas antes ajude os fiéis a viverem melhor os Mistérios de Deus celebrados na Liturgia.²¹ As diferentes expressões de piedade popular devem ser cada vez mais percebidas como uma riqueza da própria Igreja onde o “sentimento religioso do povo cristão desde sempre encontrou a sua expressão”.²² Deste modo, não se pode descartar a importância e a riqueza evangélica e evangelizadora da piedade popular, pois desse modo estar-se-ia a “esquecer o primado da ação do Espírito e a iniciativa gratuita do amor de Deus.”²³ É necessário que a piedade popular seja “continuamente evangelizada, a fim de que a fé que a inspira se torne um ato cada vez mais amadurecido e autêntico.”²⁴ Na sua primeira Exortação Apostólica o Papa Francisco recorda que é necessário encorajar e fortalecer a piedade popular como forma de aprofundar o processo de inculturação e de missão evangelizadora, de que esta é base no percurso de fé de tantos fiéis, tornando-se por essa razão em lugar teológico para uma nova evangelização.²⁵

1.2. Dimensões da piedade popular

A piedade popular, por natureza, vive e alimenta-se de expressões concretas de vivência da fé. Seja o uso de orações de caráter individual ou comunitário, seja pelos exercícios, também de esforço físico, como peregrinações, promessas e procissões, ou mesmo pelo uso de objetos, determinantes no domínio da cultura material. Neste último ponto, as imagens dos santos e de Cristo têm uma especial importância. Qualquer uma destas expressões da piedade popular, palavras, gestos ou objetos, tem um significado próprio que implica a sua interpretação num dinamismo cultural e cultural que vai sendo

²¹ Cf. SC 13.

²² CCE 1674.

²³ Cf. DA 262.

²⁴ VQA 18.

²⁵ Cf. EG 126.

transmitindo. Um significado que é apresentado numa linguagem que visa mostrar, tornar patente, dar visibilidade – “eis”. Importa, pois, olhar ainda que brevemente, para essas duas dimensões da piedade popular.

1.2.1. O significado

O significado é parte integrante do ser e agir do homem, bem como a sua vivência religiosa, de acordo, com o seu tempo e espaço, a sua vontade e liberdade. O teólogo Bernard Lonergan, na sua obra *Método em Teologia*,²⁶ identificou cinco tipos de significados: intersubjetividade, arte, símbolo, linguístico e encarnado. Estas categorias de significado mostram como este desempenha diferentes funções na vida humana.

A intersubjetividade é o tipo de significado que existe para além da dimensão cultural e histórica do indivíduo, é um acontecimento que não depende da subjetividade dos indivíduos, mas que é percebido independentemente desta. Esta dimensão do significado é facilmente compreendida quando sorrimos. Esta expressão do ser humano não tem variante de significado consoante a cultura e a história dos indivíduos, pois está para além disso mesmo.

A arte como significado é a expressão de alguém que concretiza uma experiência e que leva, a quem o percebe, a ter também uma experiência. Arte e liberdade estão intimamente unidas, uma vez que a arte "coopera na exploração de novas faces da experiência humana".²⁷ Neste universo do significado, o artista tem uma experiência, fruto da sua história e do seu ser, que transcreve para uma pintura, música, escultura, etc. A quem vê, é dado perceber, também de acordo com a sua história e ser, que poderá ter uma reação diferente daquele que fez a obra de arte. Por exemplo, na

²⁶ B. LONERGAN, *Método em Teologia*, É Realizações, São Paulo, 2012.

²⁷ M. HENRIQUES, *Bernard Lonergan: Uma filosofia para século XXI*, É Realizações, São Paulo, 2010, 113.

pintura contemporânea (talvez mais que na pintura clássica, muito "fotográfica"), o artista coloca a sua experiência, história e percepção, conjugando cores e traços. Cores e traços, tal como sons que, quando dissociados entre si, estão fora do esquema que é a arte. Quem vê a mesma obra, poderá ter uma leitura diferente ou ir mais além daquilo que o autor quis transmitir. Ou ainda, não raro, encontramos obras "sem título", nas quais é vontade do autor que aquele que contempla a obra faça ele próprio a sua experiência pessoal e perceba o significado desta no seu ser subjetivo, quer amando, quer odiando.

Símbolo é a imagem de um objeto imaginário ou real e que evoca um sentimento ou é evocado nele e proporciona ao indivíduo o “equilíbrio e a riqueza da sua vida interior.”²⁸. Contudo, os símbolos, apesar de evocarem um sentimento, não implicam que todos os sujeitos tenham idêntico sentimento diante do mesmo objeto. Também, de igual forma, nem todos os sentimentos suscitam as mesmas imagens simbólicas. Diante de uma mesma imagem religiosa, os diferentes sujeitos podem ter sentimentos diferentes.

"O símbolo, portanto, tem a capacidade de reconhecer e expressar o que o discurso lógico abomina: a existência de tensões internas, de incompatibilidades, conflitos, lutas e destruições."²⁹

Esta característica do símbolo é identificada por Lonergan, como particularidade deste significado. Uma imagem de Cristo Crucificado, que num discurso lógico, não é mais que uma imagem de morte numa das suas mais terríveis formas, como símbolo, o mesmo objeto é imagem da redenção, da misericórdia de Deus, do amor de Deus. Diante da Cruz, que deveria despertar os sentimentos de repulsa, horror e derrota, o cristão tem sentimentos de glorificação, júbilo e vitória. Do mesmo modo, o *Ecce Homo* é exibido por Pilatos como um rei de escárnio e é visto pelo crente como o rei divino e

²⁸ M. ELIADE, *Images et symboles*, Gallimard, Saint-Amand, 1990, 23.

²⁹ B. LONERGAN, *Método em Teologia*, 84.

salvador. É apresentado como imagem do ser humano perdido na sua completa precariedade e é visto como o ser humano em toda a sua plenitude. O símbolo surge como epifania de algo secreto, como aparição do mistério,³⁰ e “mantém contacto com as fontes profundas da vida”³¹.

Podemos dizer que os símbolos são a comunicação da mente ao corpo e da mente ao coração, despertando sentimentos e sensações próprias. São também a comunicação do coração ao corpo, porque diante dos símbolos, o coração comunica e o corpo interage de forma própria.

Diante do símbolo, o sujeito reage de forma própria, o que leva a que haja um desenvolvimento e relação do sujeito com o símbolo. Este tem um significado próprio que vai cumprindo a sua função no sujeito "que imagina ou percebe à medida que a sua intencionalidade consciente se desenvolve ou extravia, ou ambos."³² Esta relação do sujeito com o símbolo, à medida que vai havendo interação consciente, cria um dinamismo de aproximação ou de repulsa do próprio símbolo, mas, paradoxalmente, os símbolos têm igualmente a capacidade de num mesmo sujeito provocar a aproximação e extravio. A piedade popular tem, assim, no símbolo, uma das suas dimensões vitais como elemento da vivência religiosa primeira.

“A experiência simbólica é o lugar próprio da experiência religiosa (do *religo*) e a piedade popular é uma das expressões mais imediatas do sentimento religioso, respondendo ao forte e elementar impulso de aceder ao *nouminosum*.”³³

No processo que conduz a pessoa da experiência impessoal à presença no seu mundo, ouvir e falar desempenham um papel crucial. O significado linguístico é um

³⁰ Cf. J. RIES, *Le Symbole et le symbolisme dans la vie de l'Homo Religiosus*, Centre d'histoire des religions, Louvain-la-Neuve, 1982, 7.

³¹ “[Les symboles] gardent le contact avec les sources profondes de la vie.” : J RIES, *Le Symbole et le symbolisme dans la vie de l'Homo Religiosus*, 129.

³² B. LONERGAN, *Método em Teologia*, 84.

³³ “L’esperienza simbolica è il luogo proprio dell’esperienza re-ligiosa (da *religo*) e la pietà popolare è una delle espressioni più immediate del sentimento religioso, risponde all’impulso forte ed elementare di accedere al *nouminosum*.”: C. WIDMANN, “Rito e Pietà Popolare”, *Rivista Liturgica* 98 (2011) 112. Por *nouminosum* se entende a estrutura mental que permite o homem de perceber o mundo não racional.

processo não apenas de comunicação, mas de estruturação do indivíduo. Na verdade, "a linguagem não apenas molda a consciência que se desenvolve, mas também estrutura o mundo que cerca o sujeito"³⁴. Verbalizar não transmite apenas uma ideia, um conceito, uma descrição, mas estrutura o meio envolvente do indivíduo. Quando damos nomes às coisas e às ideias, não só ordenamos o nosso próprio mundo, mas nos orientamos nele. Eis a dupla tarefa da linguagem. Quando um alguém muda o seu nome pessoal (o seu nome no "século") para um nome religioso, está também a ordenar-se num novo mundo de vida consagrada e a apropriar-se desse mundo e deixar que esse mundo se aproprie de si, de acordo com a vivência da congregação religiosa e seus carismas.

Poderemos perceber que o significado é encarnado quando determinada pessoa assume um modo de vida específico, nas suas palavras e nos seus feitos. Um político, um ativista, um religioso encarnam nas suas vidas determinados significados que moldam o seu modo de viver, sentir, falar e agir.

Lonergan vai ainda identificar quatro funções do significado: cognitiva, eficiente, constitutiva e comunicativa. A função cognitiva leva-nos a conhecer o mundo nos seus significados diversos para além do imediato. Um objeto que observamos ganha significado na medida em que nos relacionamos com ele. As palavras são mais que descrição de objetos, elas são a sua perceção num passado e num futuro, de um presente e de um ausente. É esta função cognitiva que nos "retira do mundo da imediação infantil e nos coloca num mundo dos adultos."³⁵ A função será eficiente quando o que fazemos é aquilo que pretendemos. É o envolvimento de todo o processo que acompanha os atos do significado. A função constitutiva entende-se como componente intrínseca do significado: é o que constitui a essência de uma realidade, sejam as culturas humanas, as instituições sociais ou as religiões. Finalmente, encontramos a função comunicativa que

³⁴ B. LONERGAN, *Método em Teologia*, 88.

³⁵ B. LONERGAN, *Método em Teologia*, 94.

não é mais que o dizer ao outro. O significado tem esta missão de se transmitir e comunicar.

De acordo com Bernard Lonergan, as funções do significado, constitutiva e comunicativa, mutuamente conjugadas, tornam-se a chave de leitura para os conceitos de comunidade, história e existência.³⁶

A comunidade é a realização de um significado comum, seja potencial se há experiências comuns, ou real se há juízos comuns. Na história, "o significado ingressa no tecido mesmo do viver humano, mas varia de um lugar para outro e de uma época para outra."³⁷ A existência é o processo de relação com os significados comuns. A forma como se vive o significado pode ser uma existência autêntica, ou uma existência inautêntica, se ao invés de uma vivência plena do significado, se escolhe, consoante a vontade, gosto e juízo, as partes do significado que se quer viver. A título de exemplo, um fiel religioso será autêntico se viver a sua adesão à vivência religiosa em todas as suas dimensões e práticas, ao passo que será inautêntico se escolher apenas o que lhe convier na sua adesão a determinada religião.³⁸

Esta leitura do significado feita pelo padre jesuíta Bernard Lonergan está plasmada nas duas devoções aqui analisadas. As Imagens do Bom Jesus Milagroso e do Santo Cristo dos Milagres são obras escultóricas cujos autores pretenderam transmitir um momento específico de um acontecimento concreto, a apresentação de Jesus por Pilatos à multidão, mas transmitem também a sua forma de ver e interpretar este acontecimento ao mesmo tempo que favorecem ao devoto a sua própria leitura do acontecimento, ou seja, os atributos das Imagens são expressão dessa interpretação. Sendo objetos, são símbolos de algo que está para além da sua matéria. Estas Imagens são a representação de Cristo, por isso ganham uma carga simbólica fazendo dela a

³⁶ Cf. B. LONERGAN, *Método em Teologia*, 97.

³⁷ B. LONERGAN, *Método em Teologia*, 99.

³⁸ Cf. B. LONERGAN, *Método em Teologia*, 98-99.

imagem de alguém com quem os devotos se identificam. Olhar para a Imagem é olhar para o próprio Cristo e deixar-se olhar por ele. É uma presença simbólica e por isso tão relevante na piedade popular. Também a própria denominação das Imagens, como *Ecce Homo*, ou Santo Cristo dos Milagres e Bom Jesus Milagroso, dá um significado à própria devoção, identificando o objeto devocional, qualificando-o e inserindo-o em determinadas categorias religiosas e devocionais. A própria vivência do devoto em torno desta sua devoção leva a que este encarne esse mesmo significado. É o devoto do Santo Cristo, ou é o devoto do Bom Jesus, e isso implica a sua vivência com autenticidade ou inautenticidade.

Também é nas funções do significado, de acordo como Lonergan, que a piedade popular, e nestas devoções do *Ecce Homo* em particular, se desenvolve. A piedade popular é intrinsecamente vivida em comunidade e num contexto histórico e social, que tem linhas culturais e cultuais que perduram ao longo do tempo na fidelidade a um mesmo significado e outras que são próprias de cada tempo na fidelidade à época social e histórica em que são experimentadas. Como veremos, nestas devoções, a piedade popular vive ao longo do tempo na lealdade a um mesmo significado, essencialmente artístico, simbólico e linguístico, mas que se vai adaptando à cultura local, em cada momento histórico de acordo com uma experiência religiosa, social e geográfica que vai marcando a comunidade, deixando esse significado como legado a gerações futuras.³⁹

1.2.2. “Eis”

A invocação crística estudada é a do *Ecce Homo*, “Eis o Homem”. Assim, Jesus é apresentado por Pilatos à multidão. Esta forma de apresentação, *Ecce*, que é aqui materializada nas Imagens do Bom Jesus e do Santo Cristo, não é uma exclusividade

³⁹ Cf. B. LONERGAN, *Método em Teologia*, 99.

das imagens desta cena bíblica. Antes pelo contrário, qualquer imagem cultural no seu dinamismo simbólico é a apresentação de um mistério que ultrapassa a sua matéria sendo, por isso, símbolo de uma outra realidade. A piedade popular é, pois, uma apresentação, por meios acessíveis ao comum das pessoas, de uma realidade transcendente. Poderíamos dizer que em cada expressão de piedade popular há um *Ecce*, um “Eis”: “eis” o mistério de Cristo nascido em Belém; “eis” o mistério da Imaculada Conceição; “eis” o mistério da Cruz; “eis” a vida deste santo onde Cristo se torna presente, entre tantos outros “eis”, tantos quantos as invocações e devoções da piedade popular. O *Ecce* é intrínseco da piedade popular.

O investigador Paulo Pires do Vale, a partir da teoria da arte, afirma que *Ecce* é uma expressão que, mais do que indicar algo, revela esse algo que apresenta e anuncia.

“Significa: «Aqui está», «Vede», «Olhai». É um demonstrativo, um indicador, um mostrador: um dispositivo de apresentação. Aponta para algo que se presentifica ou presentificará em breve. Ou melhor, que a própria fórmula torna presente: a palavra *Ecce* é performativa. Não enuncia apenas, ela forma uma presença. É um dispositivo ostensivo: um ostensório discursivo.”⁴⁰

Esta ostentação está particularmente presente nos Evangelhos e tornar-se-á também iconograficamente emblemática e presente como veículo doutrinal. Recordemos, a este propósito, não apenas a cena do *Ecce Homo*, aqui trabalhada, mas também a apresentação de Cristo por João Batista, o Batismo de Jesus, a instituição da Eucaristia na Última Ceia, ou o “Eis o teu filho” e o “Eis a tua mãe” no diálogo de Jesus na cruz com sua mãe e o discípulo João. Assim, há aqui a intenção de se ir para além de uma narrativa ou de um imediatamente visível. O “Eis” pretende transpor uma realidade

⁴⁰ “It means: “Here it is”, “Look”, “See”. It is demonstrative, an indicator, a means of presenting something that is being presented or will soon be presented. Or rather, something which the formula itself makes present: the word *Ecce* [Behold!] is performative. It is an ostensive device: a discursive ostensory / monstrence.”: P. P. VALE, “*Ecce*. Credo: Tow Concepts of the Theory of Art”, in J. T. MENDONÇA, A. TEIXEIRA, A. PALMA (coord.), *Religion and Culture in the Process of Global Change: Portuguese Perspectives*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington, 2015, 118-119.

para além da matéria e apresenta-a como sendo ela própria essa realidade. Isto é, o apresentado, o ostentado, é por si próprio a realidade.⁴¹

Há, portanto, aqui uma identificação do objeto como algo com valor em si mesmo para além da sua circunstância. Marcel Duchamp, referindo-se às obras de arte, vai utilizar o termo de transubstanciação para identificar essa assunção de um valor em si, para além da matéria ou uso ordinário, de determinado objeto⁴². “Isto é uma obra de arte” é esse momento de transubstanciação do objeto em obra de arte. Esta colagem ao acontecimento da transubstanciação do pão e do vinho em Corpo e Sangue de Jesus, quer indicar que, para além de ostentador, o “*Ecce*” é preformativo, pois não apenas aponta como altera o que apresenta. Isto no que se refere às obras de arte, mas o mesmo acontece na piedade popular. Determinada representação escultórica ao ser apresentada como milagrosa e objeto de devoção é alvo deste “Eis” ostentador e performativo. As Imagens do Bom Jesus ou do Santo Cristo – usemos os nossos exemplos – não são, neste dinamismo da piedade popular, meras representações de Jesus, como simples recordação de um acontecimento, elas são identificadas como o próprio Jesus. Obviamente não poderemos aqui usar o termo transubstanciação no processo de identificação das Imagens com o próprio Cristo. Na verdade, elas não são Cristo, mas o seu símbolo, tal como foi observado por Bernard Lonergan.

É aqui que encontramos um dos maiores perigos da piedade popular diante das imagens e outros objetos. Tal identificação simbólica é perigosamente tida como real, correndo-se o perigo da idolatria. Ao contrário das espécies sagradas, aqui não é operada nenhuma transubstanciação sacramental, por isso a escultura do *Ecce Homo* não se torna o verdadeiro Corpo de Cristo, mas significa, pela arte e pelo símbolo, aquele mistério encerrado na narrativa evangélica da apresentação de Jesus por Pilatos.

⁴¹ Cf. P. P. VALE, “*Ecce*. Credo: Tow Concepts of the Theory of Art”, 120.

⁴² Cf. P. P. VALE, “*Ecce*. Credo: Tow Concepts of the Theory of Art”, 121-122.

É a imagem de algo que está para além da sua matéria e que aqui é ostentado. Por essa razão, são denominadas de imagens e não de estátuas. Elas são mais que meras estátuas, como “lembretes” de um acontecimento ou figura histórica. Dizer: “Eis o Santo Cristo” ou “Eis o Bom Jesus”, não é dizer que este é o próprio Cristo, mas que é símbolo de Cristo. Este “*Ecce*”, ainda que ostentador e performativo, não tem o mesmo grau do “*Ecce*” na consagração do pão e do vinho. Tal como os sacramentais, sendo sinais da ação salvífica de Deus no homem, não o são no mesmo grau dos sacramentos, que são ação salvífica. Na piedade popular, pode acontecer que quando as representações de “Eis o Santo Cristo” e de “Eis o Bom Jesus” deixam de veicular a identificação simbólica de uma realidade e se tornam elas mesmas numa realidade. Isto é, quando o devoto de tal forma integra essa identificação do objeto com a realidade que representa, o objeto torna-se ele mesmo a realidade representada em si mesma, deixaria de ser um símbolo para passar a ser uma outra realidade transubstanciada. A aproximação devocional e sensorial às Imagens é feita em diferentes graus de presença do sagrado: podendo o devoto reconhecer a presença do sagrado na Imagem, mas reconhecendo que não é a Imagem enquanto objeto que realiza qualquer ação divina, mas mediadora com o divino que ela representa; ou podendo relacionar a presença divina na Imagem que identifica o objeto como aquele que ele significa. Isto é, trata-se de uma religiosidade híper sensorial, taumatúrgica, valorizadora das dimensões materiais da cultura religiosa, perdendo-se o intervalo da mediação. Na verdade, “os símbolos religiosos nunca substituem o divino, não capturam o olhar do homem, mas, antes, reenviam à realidade que tornam presente.”⁴³

Poder-se-á então definir, cada um com o seu grau performativo e ostentador, três níveis do “*Ecce*”: o indicativo, o simbólico, o real. O “*Ecce*” indicativo diz respeito a

⁴³ C. GRECO, *A experiência religiosa. Essência, valor, verdade*, Ed. Loyola, São Paulo, 2009, 60.

algo que é identificado naquilo que ele é e como é: um objeto é identificado como obra de arte em toda a sua dimensão de significado. É simbólico na medida que determinado objeto se torna símbolo de uma dimensão que o transcende e é transcendental: é o caso das imagens. É real na medida que indica e transforma um determinado objeto em outra realidade: é o caso das espécies sagradas.

Na piedade popular e na religiosidade popular, o “*Ecce*” é proclamado não apenas na nomenclatura de determinada invocação, mas está também presente nas fórmulas de orações e expressões de vivência da piedade como as peregrinações ou ações sacrificiais.

Quer o reconhecimento de uma obra de arte, quer as espécies sagradas, quer a identificação de um objeto como imagem sagrada, exigem não apenas uma apresentação, um “Eis”, mas também implicam um “Crer”, daquele a quem são apresentados.

O crer implica uma postura ativa diante do que é acreditado, é uma relação e não apenas uma aceitação passiva, no contexto específico de quem crê, de quem recebe a mensagem, sendo esse mesmo contexto determinante para essa vivência do crer.⁴⁴ Esta relação não é apenas com o objeto da crença, mas é uma relação de comunidade, implica relação com o outro que é simbolizado na imagem, mas igualmente com o outro que faz a mesma experiência do crer.⁴⁵ Por essa razão, crer é uma vivência comunitária, histórica e de tradição.

A título de exemplo do que se acabou de referir, a quando da sua passagem por São Miguel a 11 de maio de 1991, na sua homilia da Celebração da Palavra no Campo de São Francisco em Ponta Delgada, o Papa João Paulo II refere a importância da Imagem do Santo Cristo para os açorianos ao longo das várias gerações. A devoção à

⁴⁴ Cf. A. TEIXEIRA, “«Aggiornamento» ou «bricolage» ritual? Para uma hermenêutica da ritualidade eucarística”, *Theologica* 43 (2008) 144.

⁴⁵ Cf. P. P. VALE, “*Ecce*. Credo: Tow Concepts of the Theory of Art”, 128.

Imagem é expressão do acolhimento ao próprio Cristo e de transmissão da fé pessoal e comunitariamente a partir do símbolo que é aquela Imagem do *Ecce Homo*:

"«Maria escolheu a melhor parte, que lhe não será tirada» (Lc 10, 42).

Já há muitas gerações que a referida «melhor parte» se tornou também a vossa parte, a que carinhosa e confiadamente daís o nome de «Senhor Santo Cristo dos Milagres» (*Ecce Homo*). O amor e adoração ao nosso Redentor, sob o perfil do *Ecce Homo*, foi-se arraigando cada vez mais na vossa vida - já lá vão cinco séculos e meio de convivência com o Senhor Santo Cristo, que *encontra no meio de vós uma Casa hospitaleira, à semelhança da Casa de Lázaro e das suas irmãs Marta e Maria.*"⁴⁶

É pelo crer do outro que acreditamos, isto é, pelo testemunho. Aquele que crê afirma “Eis!” e assim dá testemunho da sua fé e assim transmite ao outro que é chamado também a dizer a outros “Eis!”.⁴⁷ Esta aceitação e transmissão do “Eis!” está igualmente assente na importância da ritualidade:

“A linguagem ritual religa o tempo do praticante ao tempo da memória que funda o crer instituído. Por isso o rito é recebido. Por isso o crédito que o institucionaliza exige a referência a algo que o ultrapassa, não podendo reduzir-se à figura do jogo, sem necessariamente a excluir”⁴⁸

Na piedade popular o crer e o rito não estão desvinculados. Aceitar o “Eis!” em relação a uma imagem como as Imagens do Santo Cristo e do Bom Jesus é também uma aceitação dos seus rituais, sem contudo, estes se sobreporem, mas antes servirem ao dinamismo do crer na Imagem, como símbolo do divino. Os ritos são igualmente um elo de transmissão do “Eis!”, são uma das suas expressões. É pois, pelos ritos que o objeto do crer é também apresentado.

1.3. Permanência das vivências religiosas em Portugal

Uma das características da piedade popular é ser, de alguma forma, imutável diante das alterações sociais na comunidade. Ela é um dos alicerces identitários de uma

⁴⁶ JOÃO PAULO II, *Discursos do Papa João Paulo II em Portugal: Maio 1991*, Rei dos Livros, Lisboa, 1991, 59.

⁴⁷ Cf. P. P. VALE, “*Ecce*. Credo: Tow Concepts of the Theory of Art”, 131-132.

⁴⁸ A. TEIXEIRA, “«Aggiornamento» ou «bricolage» ritual?”, 141.

comunidade e de uma cultura e, por essa razão, é resistente às mudanças que se vão operando na sociedade.

"É no quadro da permanência dos fenómenos culturais que a religiosidade popular pode ser entendida. Deles, é, de resto, um caso particular, porventura o mais fundamental. Por isso, define os traços mais profundos da identidade de um povo. [...]"

Sendo, pois, a religiosidade popular constituída de percepções, ideias e símbolos das culturas passadas que resistiram ao trabalho de transformação conceptual que ocorre constantemente no seio das culturas, particularmente nos tempos actuais, o entendimento desse legado está continuamente em redefinição. Mas, no íntimo, ele é dotado de uma inércia específica e, porventura, maior do que a de outros fenómenos culturais."⁴⁹

Desta forma, Mário Lages evidencia aquela que será uma das características fundamentais da piedade popular, o carácter de permanência. Este permite que o objeto da piedade popular se torne identitário de uma comunidade. Não quer dizer que a piedade popular não possa ser permeável às mudanças socioculturais, mesmo que haja alguma resistência a essas mesmas mudanças. Na verdade, mais facilmente a religião, enquanto organização estabelecida, pode sofrer alterações do que a piedade popular, pois, enquanto a primeira depende de uma organização formal e de "«administradores» do sagrado"⁵⁰, a segunda "depende de sociabilidades espontâneas e restritas, num contexto de relações interindividuais e comunitárias."⁵¹ Como veremos posteriormente, aqui pode radicar também alguma tensão entre piedade popular e religião enquanto instituição. Contudo, estas duas realidades não são necessariamente antagónicas, no que se refere ao carácter de resistência às mudanças sociais. Aliás, a religião institucional, embora possa ter maior capacidade de mudança, esta não será sem resistências e, por isso, pode acentuar o carácter imutável da piedade popular.

No caso português, é visível que a piedade popular ainda está muito enraizada e presente em muitas comunidades, permanecendo como um traço identitário. Mário

⁴⁹ M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", in M. B. CRUZ, N. C. GUEDES (coord.), *A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal*, UCP, 2000, 239-436, 379.

⁵⁰ M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 380.

⁵¹ M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 380.

Lages lembra que a situação portuguesa em meados do século XX era caracterizada por um "imobilismo tradicionalista"⁵² provocado pelo ambiente sociocultural do Estado Novo e por uma ambiência de cristandade na sociedade portuguesa de então, onde a cultura predominante era rural e aldeã, a qual marcava o próprio regime e sistema político.⁵³ Esta relação entre uma ruralidade de cristandade e a regulação política, legitimava um controlo social de tipo autoritário, servindo ao isolamento que as políticas de Estado Novo preconizavam.⁵⁴ Não quer isto dizer que nesse período não houvesse uma forte tensão entre piedade popular e as formas oficiais e semioficiais da vivência religiosa. Na verdade, havia a tensão entre as devoções promovidas e incentivadas pela Igreja clerical (mesmo que fossem de expressão popular e não litúrgico-sacramental, como as novenas, procissões, vias-sacras, entre outras) e as realizadas por iniciativa laical (como a devoção às Almas do Purgatório, terços rezados por grupos específicos de pessoas, entre outras)⁵⁵ e que eram, muitas vezes, apenas "toleradas, mas não aceites, continuando-se a lutar contra a «fé pouco esclarecida» do povo e a tentar controlar as suas expressões, substituindo-as por funções para-litúrgicas."⁵⁶ A piedade popular era institucionalmente vista como forma de reminiscência de culturas e vivências pagãs cuja "sua configuração ancestral mostra que o seu substrato simbólico ultrapassa as fronteiras do cristianismo."⁵⁷

Será na segunda metade do século XX que o panorama eclesial e religioso português sofre algumas mutações. A influência do Concílio Vaticano II, nos anos 60 e que começa a ter os seus efeitos já nos anos 70, vai alterar a vida eclesial e a forma como a Igreja se relaciona com o mundo. Paralelamente, as transformações que se vão

⁵² M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 381.

⁵³ Cf. M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 382.

⁵⁴ Cf. A. TEIXEIRA, *Religião e sociedade portuguesa*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2019, 19.

⁵⁵ Cf. M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 384.

⁵⁶ M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 384.

⁵⁷ A. TEIXEIRA, *Religião e sociedade portuguesa*, 25.

operando num Portugal em "primavera marcelista" e posteriormente revolucionário em 1974 vão marcar, não só a sociedade civil numa verdadeira revolução, que não é apenas política mas cultural e social, como também a própria Igreja e a forma de viver a religião. Na verdade, a vida eclesial em Portugal vai sofrer estas duas fortíssimas influências (Concílio e Revolução de Abril) em simultâneo e, consequentemente a abertura do debate em torno de "religião oficial" e "religião popular".⁵⁸

Já nos anos 80 do século XX começam a surgir alguns movimentos de valorização da piedade popular e o aparecimento público de algumas outras formas de religiosidade, como astrólogos, videntes, curandeiros, muitas vezes "favorecida pela comunicação social, muitos deles instrumentalizando os símbolos da religião, outros dizendo-se católicos."⁵⁹ Deste modo afirma Mário Lages:

"A religiosidade é, assim e cada vez mais, uma condição difusa da vivência religiosa, a que tivesse sido retirada a coerência do primeiro período [anos 50]. Nela se reproduzem as características de dispersão e de sincretismo da pós-modernidade, que em Portugal, é incipiente e anacrónica."⁶⁰

O mesmo autor afirma que será o crescimento económico, o progresso social de abundância e de consumo, potenciado pela adesão de Portugal à União Europeia, que irá provocar um maior afastamento e "abandono progressivo dos quadros de pensamento e de vivência tradicional."⁶¹ Porém, surgem aqui dois movimentos face à religiosidade: por um lado, a rejeição e afastamento da tradição; por outro, a sua recuperação, embora, muitas das vezes, apenas no aproveitamento dos aspetos exteriores, não sendo uma recuperação tanto religiosa e devocional, mas mais cultural e do folclore. Este clima social, cultural, político e religioso, favoreceu que se desenvolvesse na sociedade um alheamento às instituições civis e religiosas, mesmo pelos crentes, em detrimento de um

⁵⁸ J. S. LIMA, «*Deus, não tenho nada contra...*», *sociedades e eclesialidade no destino do Alto-Minho*, UCP-Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1994, 104.

⁵⁹ M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 387; Sobre este assunto ver também J. S. LIMA, "Religiosidade Popular", 112.

⁶⁰ M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 387.

⁶¹ M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade no século XX", 387.

florescimento do individualismo e do desenvolvimento de grupos pela afinidade e não pela autoridade e tradição. Poder-se-á dizer que entramos num período de "crise das instituições". A este propósito afirma Alfredo Teixeira:

"As investigações no domínio biográfico mostraram que os indivíduos, face ao desmoronamento das antigas coesões, desenvolveram dinamismos de revalorização das dimensões experienciais e expressivas do religioso, relativizando a autoridade e a tradição. Neste contexto, o enraizamento da identidade pode passar mais pela implementação de grupos de eleição do que pelo regime de pertença a uma comunidade ou associação estáveis."⁶²

Segundo o estudo de Mário Lages em 1999, a vivência religiosa e de festa em Portugal é "um misto de fervor religioso e de exaltação sensível, de carácter puramente profano."⁶³ Isto é, em Portugal, nas festas dos santos, poderemos ver o fenómeno de comemoração de santos de inverno e santos de verão, sendo os primeiros ligados à vida sofredora em contraposição com os segundos, ligados à alegria e aos ciclos da vida. Trata-se de expressões diversas de sacralidade.⁶⁴

Como se observa, a piedade popular tem por característica uma certa cristalização, mas que ao mesmo tempo é influenciada pelo contexto social, cultural e político da comunidade que a pratica, além da influência da religiosidade estabelecida. Paralelamente, ela vive em constante tensão na coabitação entre as suas características específicas e as normas oficiais da vivência religiosa. No caso português, o passado recente de uma sociedade de característica rural, conservadora, de cristandade e isolada, ajudou a que as práticas de piedade popular fossem preservadas, mesmo que não oficialmente alimentadas, e ao mesmo tempo, em algumas circunstâncias, "oficializadas". Já o período que se seguiu, de uma sociedade urbana, progressista,

⁶² A. TEIXEIRA, *Religião e sociedade portuguesa*, 33.

⁶³ M. LAGES, "A religiosidade popular na segunda metade do século XX", 400.

⁶⁴ Lembremos neste ponto particular as festas de Santo António e de São João, das cidades de Lisboa e Porto respetivamente, onde a festividade é essencialmente profana e social, ainda que tenha algum momento de cariz religioso que não é necessariamente vivido pelos mesmos indivíduos. O mesmo acontece nas Sanjoaninas, o grande momento festivo da cidade de Angra do Heroísmo.

laicizada e aberta, fomentou que essa mesma piedade popular se libertasse da oficialização, mas fosse valorizada pela Igreja, ao mesmo tempo que foi sendo apropriada pela esfera do profano como modelo de folclore e meramente cultural em detrimento do cultural. Será, pois, neste contexto nacional, ao qual o arquipélago dos Açores não é alheio, que se irão também desenvolver as devoções aqui apresentadas e estudadas. Neste caso, e como se verá posteriormente, o contexto açoriano terá ainda as condicionantes próprias de um arquipélago situado a meio Atlântico.

1.4. Repertórios de práticas e vivências

A piedade popular, como já se observou, implica a vivência de formas concretas de expressão e de devoção. Elas são lugar de memória, materializando a fé e "lugar de um contacto ou de um corpo-a-corpo com o transcendente."⁶⁵ Não é um mero exercício conceptual, mas uma práxis de ritos e utilização de determinados objetos inseridos numa cultura concreta que ajudam o fiel na vivência da sua fé. Práxis esta que não está necessariamente dependente da urbanidade ou ruralidade, da instrução ou classe social do crente. Isto porque a busca do divino envolve o corpo com os seus sentidos e sentimentos, sendo comum a todo o ser humano ainda que diferenciadamente consoante a sua personalidade, cultura e comunidade.

"Há efetivamente facetas emotivas e gestos que são comuns a urbanos e rurais, a escolarizados e a não escolarizados e que atravessam classes e frações sociais. Certamente que existe uma procura, ou pelo menos, uma vivência socialmente diferenciada. [...] Nas manifestações de cariz popular, o que está em causa não é um conjunto de regras escritas intelectualmente elaboradas, é antes um conjunto de práticas, de gestos que envolvem o corpo e dimensões sensoriais e afetivas."⁶⁶

Tendo em conta as duas devoções aqui analisadas, fortemente marcadas pela piedade popular e que têm por base duas imagens de Cristo num mesmo momento da

⁶⁵ J. S. LIMA, "Religiosidade Popular", 111.

⁶⁶ H. VILAÇA, M. J. OLIVEIRA, *A religião no espaço público português*, INCM, Lisboa, 2019, 109.

Paixão do *Ecce Homo*, importa ter-se presente as três principais dinâmicas que descrevem os repertórios devocionais em estudo: as próprias imagens, as peregrinações e o santuário e as procissões.

1.4.1. As imagens, centro da devoção

As imagens têm, na piedade popular, uma importância basilar. A maioria das expressões de piedade popular está relacionadas com a devoção a determinada imagem e invocação, e é a partir delas, e em volta delas, que decorrem todas as outras expressões de piedade e vivência espiritual, pois são mediadoras do divino.⁶⁷ Estas têm uma singular importância, pois ajudam os fiéis a aproximarem-se dos mistérios da fé cristã.⁶⁸ Elas são um veículo de transmissão da fé tal como as Escrituras. Aliás, afirma o II Concílio de Niceia, no século VIII, que as imagens e as Escrituras complementam-se como meio do testemunho da fé e dos mistérios de Deus.

“Os ícones foram transmitidos na Igreja como os Evangelhos; na verdade, tal como a inteligência compreende a leitura escutada pelos ouvidos, do mesmo a inteligência é iluminada pela imagem vista pelos olhos, e, com as duas coisas interdependentes, isto é, a leitura das Escrituras e a visão da pintura, aprendemos a mesma notícia e chegamos à memória da história.”⁶⁹

A veneração de imagens não consiste numa adoração, elas não são objeto de adoração dos cristãos, mas sim de veneração, não pelo que são, mas pelo que representam, pelo que simbolizam. Esta foi a premissa afirmada no II Concílio de Niceia, no qual se definiu a importância do uso das imagens, na vivência dos mistérios da fé. Na sua sétima sessão, o Concílio afirma: “A veneração prestada a uma imagem

⁶⁷ Cf. J. S. LIMA, *Entre Rezas e Romarias: Piedade Popular e Prática Pastoral*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011, 67.

⁶⁸ Cf. DPP 18.

⁶⁹ NII 6, 1674.

dirige-se àquele que ela representa. Quem venera uma imagem, venera a pessoa que nela está representada.”⁷⁰

Para os padres conciliares era claro que a veneração de imagens não era a sua adoração e que estas surgem como representação visível do invisível. São João Damasceno, grande defensor do uso de imagens à veneração dos fiéis, afirma que, em Cristo, Deus se fez matéria e desse modo a santifica e por meio dela trouxe a salvação ao mundo. Por essa razão, a matéria é digna de veneração, mas não de adoração.

“Outrora, Deus nunca fora representado em imagens, uma vez que era incorpóreo e sem rosto. Mas dado que agora Deus foi visto na carne e viveu no meio dos homens, eu represento aquilo que é visível em Deus. E, ao venerar o ícone, não venero a matéria, mas o Criador da matéria, que por mim se fez matéria e se dignou habitar na matéria e realizar a minha salvação através da matéria. Por isso, não cessarei de venerar a matéria através da qual chegou a minha salvação. Mas não a venero de modo algum como Deus. [...] Mas venero e respeito também todo o resto da matéria que me propiciou a salvação, enquanto plena de energia e de graças santas. [...]

A beleza e o colorido das imagens estimulam a minha oração. É uma festa para os meus olhos, tanto como o espetáculo da campina impele o meu coração a dar glória a Deus.”⁷¹

Também o Concílio de Trento realçou a importância da veneração das imagens como forma de adoração a Cristo, procurando distinguir o que elas são, do que elas representam.

"Igualmente, que devem existir e preservar, especialmente nos templos, as imagens de Cristo, da Virgem Mãe de Deus e dos outros santos e tributar-lhes honra e veneração, não porque se acredita que existe alguma divindade ou virtude, [...] mas porque a honra que lhes é tributada, refere-se às origens que eles representam; de modo que, por meio das imagens que beijamos e diante das quais descobrimos nossa cabeça e nos prostramos, adoramos a Cristo e veneramos os santos, cuja semelhança elas ostentam.”⁷²

⁷⁰ NII 7, 1674-1675.

⁷¹ JOÃO DAMASCENO "Discurso sobre as Imagens", in J. L. CORDEIRO (coord.), *Antologia Litúrgica*, 1610-1611.

⁷² "Imagines porro Christi, Deiparae Virginis et aliorum Sanctorum, in templis praesertim habendas et retinendas, eisque debitum honorem et venerationem impertiendam, non quod creadatur inesse aliqua in iis divinitas vel virtus, [...] sed quoniam honos, qui eis exhibetur, refertur ad prototypa, quae illae repraesentant: ita ut per imagines quas osculamur et coram quibus caput aperimus et procumbimus, Christum adoremus, et Sanctos, quorum illae similitudinem gerunt, veneramus.": TR 25, 283-284.

O Concílio Vaticano II não deixou um especial pronunciamento sobre a veneração de imagens, do culto e veneração dos santos. Ao contrário dos anteriores concílios de Niceia e de Trento, agora não havia uma crise iconoclasta que obrigasse a uma maior definição do culto das imagens por parte dos padres conciliares. Contudo, não deixou de lembrar o que era já anteriormente dito pelos concílios de Trento e o II de Niceia⁷³, alertando para o cuidado que se deve ter, para que os fins para os quais elas existem não deixem de se realizar.

“Ao mesmo tempo, com solicitude pastoral, exorta todos aqueles a quem isto diz respeito a esforçarem-se por desterrar ou corrigir os abusos, excessos ou defeitos que por ventura tenham surgido aqui ou além, e tudo restaurem para maior glória de Cristo e de Deus.”⁷⁴

Paralelamente, o Concílio do Vaticano II realça a importância da veneração das relíquias e das imagens que, tal como nos concílios anteriores aqui referenciados, “proclamam as grandes obras de Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis os bons exemplos a imitar.”⁷⁵

Ao celebrar-se o duodécimo centenário do II Concílio de Niceia, o Papa João Paulo II escreve a Carta Apostólica *Duodecimum Saeculum* recordando a importância das imagens e de toda a controvérsia iconoclasta que esteve na base do pronunciamento, como se viu, do II Concílio de Niceia sobre as imagens. Porém, João Paulo II não se limita a recordar, mas a realçar a atualidade da importância pastoral e espiritual contida nas imagens cristãs.

“A redescoberta do Ícone cristão ajudará também a tomar consciência da urgência de reagir contra os efeitos despersonalizadores, e às vezes degradantes, das múltiplas imagens, que condicionam a nossa vida, na publicidade e nos «mass-media». Trata-se, de facto, de uma imagem que faz chegar até nós o olhar de um Outro invisível e que nos dá acesso à realidade do mundo espiritual e escatológico.”⁷⁶

⁷³ Cf. LG 51.

⁷⁴ LG 51.

⁷⁵ SC 111.

⁷⁶ DS 11.

As imagens religiosas, enquanto ícones de Deus, surgem como tradução simbólica da verdade bíblica acerca da pessoa humana como imagem de Deus. Elas são contraponto à parafernália de figurações que enchem os olhos, mas que afastam o ser humano de si próprio e de Deus. A imagem cristã é entendida não apenas como objeto de contemplação, mas como forma de o crente se deixar contemplar e olhar pelo próprio Deus. O fiel olha a imagem e sente-se olhado pelo divino e, dessa forma, alcança o mistério de uma realidade espiritual. É nesta linha que Pedro Penteado afirma:

"Do ponto de vista dos fiéis, elas [imagens] podem substituir a entidade sagrada ausente e assumir a sua personalidade, aspetos que facilitam o estabelecimento de uma relação direta e pessoal"⁷⁷

O *Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia* lembra que as imagens são a transcrição evangélica, pela iconografia, e que a palavra revelada e as imagens esclarecem-se mutuamente. Do mesmo modo, as imagens são sinais sagrados de referência a Cristo e memória dos Santos. Estas ajudam o fiel à oração e à imitação daquilo que vê, ao mesmo tempo que são uma forma de catequese.⁷⁸

"A contemplação dos sagrados ícones, unida à meditação da Palavra de Deus e ao cântico dos hinos litúrgicos, faz parte da harmonia dos sinais da celebração, para que o mistério celebrado se imprima na memória do coração e depois na vida nova dos fiéis."⁷⁹

Como se observa, as imagens são veículos fundamentais da vivência da fé e que encontram na piedade popular um especial lugar e relevância. As imagens e o seu culto não estão dissociados de outras expressões da fé e da sua vivência individual e comunitária. Elas potenciam uma maior envolvência do crente no mistério da fé em que acredita e é revelado e significado pela imagem.

"Um ícone (e a sua veneração) na medida em que é autêntico e não se transforma em idolatria, na representação de Deus proibida pela escritura, deve ser diáfano e «transparente» de dois modos. Primeiro, deve virar os olhos e o

⁷⁷ P. PENTEADO, "Santuários", in C. AZEVEDO (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, 2000, 165-166.

⁷⁸ Cf. DPP 240.

⁷⁹ CCE 1162.

coração dos crentes do mundo terreno, material e visível (e *através* dele) para o invisível e o não representável. Mas depois vira-se de novo para o mundo, para nós, na sua luz (e *através* dele), contemplamos o rosto de Deus no rosto dos que sofrem.

Um ícone é uma janela para Deus, mas sempre ainda tapada com o véu, por detrás do qual irradia a luz divina.”⁸⁰

A imagem religiosa é mediadora do crente com o transcendente, não se confundido com este. A sua missão é ser elo de ligação visível e material da relação do devoto com Deus.

“A imagem não é uma mera ilusão, é uma janela entre o interior e o exterior, entre o eu real que olha para a imagem e o eu que se torna parte do horizonte aberto pela própria imagem.”⁸¹

Na imagem, o crente, olhando para além da matéria constitutiva da imagem, contempla Deus. Paralelamente, o crente sente-se olhado por Deus através do olhar da imagem.⁸²

1.4.2. A peregrinação, caminho para o santuário

A devoção a determinada imagem, e a sua respetiva veneração, articula-se com as práticas de peregrinação. De acordo com a sua importância devocional e pastoral, esses locais tornam-se santuários, proporcionando uma série de suporte físico e espiritual aos devotos que a eles chegam, de um modo especial no que se refere à vida litúrgica e sacramental.⁸³

“Os santuários, reconhecidos pelos crentes como lugares privilegiados da intervenção sobrenatural, vivem da manutenção e da reelaboração de uma memória. Eles são, por assim dizer, o suporte material de uma memória crente.”⁸⁴

⁸⁰ T. HALIK, *O meu Deus é um Deus ferido*, Prior Velho, Paulinas, 2016, 196.

⁸¹ “L'immagine non è una semplice illusione, è una finestra tra il dentro e il fuori, tra l'io reale che guarda l'immagine e l'io che diventa parte dell'orizzonte aperto dall'immagine stessa.”: R. TAGLIAFERRI, *Il cristianesimo «pagano» della religiosità popolare*, Ed. Messagero Padova, Pádua, 2014, 128.

⁸² Cf. DA 259.

⁸³ Cf. DPP 263.

⁸⁴ A. TEIXEIRA, *Identidades Religiosas em Portugal*, Paulinas, Prior Velho, 2012, 149.

Eles atestam e documentam uma história santa e “marca de uma busca tão fundamental nos seres humanos como fundamental é a resposta que a história da revelação atesta.”⁸⁵ Essa marca está presente no objeto simbólico de que o santuário é guardião, seja imagem ou relíquia, e constitui o eixo do seu culto, transportando os crentes para uma memória herdada,⁸⁶ mas projetando também o crente para uma vida futura, como se aquele lugar fosse, de algum modo, a antecipação do paraíso. Deste modo, os santuários têm uma orientação escatológica.

“Pela orientação escatológica, chamada de atenção para que se cultive o sentido da transcendência e se dirijam os passos pelos caminhos da vida temporal em direção do santuário do céu.”⁸⁷

Reconhecendo que os santuários são lugares com marca de uma história santa, não deixa de ser verdade, como lembra Pedro Penteado, que “difícilmente a história e a memória histórica dos centros de peregrinação são conciliáveis.”⁸⁸ Isto é, nem sempre, como veremos posteriormente em alguns dos centros de peregrinação, aquilo que aconteceu de facto é conciliável com a memória coletiva da comunidade no seu conjunto de lembranças e experiências vividas ou mitificadas.⁸⁹

Para que determinado lugar seja reconhecido como santuário é necessária a aprovação do bispo diocesano, para os santuários diocesanos; da Conferência Episcopal, para os santuários nacionais; da Santa Sé, para os santuários internacionais.

“A aprovação canónica constitui um reconhecimento oficial do lugar sagrado e da sua finalidade específica que é a de acolher as peregrinações do povo de Deus que para lá se dirige para adorar o Pai, professar a fé, reconciliar-se com Deus, com a Igreja e com os irmãos, e implorar a intercessão da Mãe do Senhor ou de um Santo”⁹⁰

⁸⁵ J. S. LIMA, *A Peregrinação, percursos e palavras*, INCM, Lisboa, 2007, 77.

⁸⁶ Cf. A. TEIXEIRA, "Matrizes das crenças em Portugal", *Povos e culturas* 13 (2009) 312.

⁸⁷ DPP 263.

⁸⁸ P. PENTEADO, "A construção da memória nos centros de peregrinação", *Communio* 14 (1997) 332.

⁸⁹ Cf. P. PENTEADO, "A construção da memória nos centros de peregrinação", 331.

⁹⁰ DPP 264.

Como se constata, o santuário é lugar onde a vivência litúrgica e sacramental, bem como o acolhimento, ganham um principal destaque e, por isso, deve existir um particular cuidado e observância das normas, a fim de proporcionar ao devoto conforto e edificação na sua vida espiritual e humana. Para tal deve haver um especial cuidado na “nobre simplicidade das expressões rituais, pela observância fiel das normas litúrgicas”⁹¹, para que a mensagem salvífica seja efetivamente comunicada. Toda esta linguagem espiritual, ritual e litúrgica vivida no santuário é replicada nas comunidades de proveniência.

Ligado a determinada devoção, o santuário é, por excelência, um lugar de evangelização. O anúncio do Evangelho é dado ao fiel que a ele se desloca, bem como se torna ponto difusor da mensagem salvífica a todos os homens.

Também o exercício da caridade tem lugar central na vida do santuário. A caridade encontra no santuário “as suas manifestações concretas no acolhimento e na misericórdia, na solidariedade e na partilha, na ajuda e no dom.”⁹² Esta função basilar do santuário não é apenas o apoio assistencial e sócio-caritativo aos mais pobres e desprotegidos. A caridade é, igualmente, o acolhimento a todos os peregrinos que a ele acorrem, sendo dada especial atenção à especificidade de cada um deles nas suas concretas necessidades físicas, espirituais e materiais.⁹³

O santuário é ainda lugar onde o peregrino se encontra consigo e com Deus, num encontro e partilha íntima e orante de vida. Quer nos momentos de grande afluência de peregrinos ao santuário, quer fora deles, o fiel encontra no santuário um espaço de recolhimento pessoal. Mesmo no meio da multidão, ele tem encontro a sós com Deus a partir da sua devoção. É lugar de refúgio libertador e plataforma para o transcendente,

⁹¹ DPP 266.

⁹² DPP 275.

⁹³ Cf. DPP 275.

onde o crente e aquele que apenas ali procura respostas para a sua vivência quotidiana não se distinguem,⁹⁴ bem como berço de um novo renascimento.⁹⁵

“Nos santuários muitos peregrinos tomam decisões que marcam suas vidas. As paredes dos santuários contêm muitas histórias de conversão, de perdão e de dons recebidos que milhões poderiam contar.”⁹⁶

Por natureza, o santuário está carregado de símbolos que aproximam os devotos a uma realidade que os transcende, mas que dela carecem. O próprio santuário é “lugar de Deus”⁹⁷, para onde o peregrino caminha, na esperança da ressurreição e da qual o santuário é sinal particular.⁹⁸ Estes símbolos, como já foi observado, começando pelas imagens, mas também pelas orações, relíquias e rituais, falam por si, não necessitam de profundas explicações, sob pena de serem esvaziados no seu significado e se tornarem estéreis na sua função.

“Nos lugares de romaria convém não empobrecer o recado secreto dos símbolos, formalizando de forma exagerada conselhos e notas explicativas. O pastor acredita na riqueza dos símbolos e deixa-a falar, já que só ela abre a onda adequada de escuta.”⁹⁹

Intimamente ligada ao santuário está a peregrinação. Peregrino e santuário estão umbilicalmente ligados e são a razão de ambos: “O peregrino precisa do santuário e o santuário precisa do peregrino.”¹⁰⁰

A peregrinação é uma experiência religiosa universal e característica da religiosidade popular. O homem é, na sua natureza, um caminhante (*viator*). Mas ser peregrino é essência do crente (*peregrinus*).¹⁰¹ A principal diferença entre o caminhante e o peregrino, ainda que fazendo o mesmo percurso lado a lado, radica precisamente na

⁹⁴ Cf. J. S. LIMA, *Entre rezas e romarias*, 88.

⁹⁵ Cf. J. S. LIMA, *Entre rezas e romarias*, 91.

⁹⁶ DA 260.

⁹⁷ J. S. LIMA, "Santuário, festas e romarias", in A. CARDOSO (coord.), *Peregrinação e Piedade Popular*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1988, 87.

⁹⁸ Cf. P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio, Appunti di pastorale del pellegrinaggio*, Lateran University Press, Cidade do Vaticano, 2013, 38-39.

⁹⁹ J. S. LIMA, *Entre rezas e romarias*, 139.

¹⁰⁰ DPP 279.

¹⁰¹ Cf. P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 31.

dimensão da fé, razão pela qual este último caminha, sendo as motivações do primeiro culturais, desportivas ou outras. Não quer isto dizer que a caminhada do *viator* não possa transformar-se, a determinada altura, em caminho de peregrinação, isto porque o caminho leva a uma interioridade que pode desembocar numa conversão. A prática das peregrinações, ao longo dos séculos, foi sendo encorajada pela Igreja, pois os seus valores espirituais, em consonância com a doutrina cristã, tornam esta prática religiosa profundamente evangélica e evangelizadora.¹⁰²

“A decisão de caminhar em direção ao santuário já é uma confissão de fé, o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor.”¹⁰³

A peregrinação é um caminho de dificuldades e renúncias, mas que culmina em festa à chegada ao santuário. Nela, o peregrino vai-se moldando numa união mística com Deus e com os demais peregrinos ou com quem se vai cruzando.¹⁰⁴ Paolo Asolan identifica três passos na relação com Deus em contexto de peregrinação¹⁰⁵. O primeiro refere-se “à necessidade e a busca de um fundamento como instrumentos de re-inculturação da fé (*prolegomena fidei*)”¹⁰⁶, como base da motivação de fé e promotor da caminhada a partir da realidade existencial do peregrino. Um segundo passo refere “a peregrinação e o santuário como instrumentos de reinterpretação cristã da vida (*intellectus fidei*)”¹⁰⁷. Assim, a peregrinação e o santuário surgem como catalisadores de conversão e de aproximação de uma vida nova em Deus. Finalmente, o terceiro passo: “a peregrinação e o santuário como ocasião de fé e de vida eclesial (*ecclesiale forma*

¹⁰² Cf. DPP 282.

¹⁰³ DA 259.

¹⁰⁴ Cf. J. S. LIMA, *Entre rezas e romarias*, 92.

¹⁰⁵ Cf. P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 63-74.

¹⁰⁶ “La necessità e la ricerca di un Fondamento quali strumenti di re-inculturazione della fede (*prolegomena fidei*)”: P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 63.

¹⁰⁷ “Il pellegrinaggio e il santuario come strumenti di reinterpretazione cristiana della vita (*intellectus fidei*)”: P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 68.

fidei)”¹⁰⁸, reconhecendo a peregrinação como lugar de acontecimento eclesial como Povo de Deus que caminha para o encontro com Cristo na plenitude.

São seis as dimensões da espiritualidade da peregrinação descritas pelo *Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia*.¹⁰⁹ Estas dimensões concorrem para que a peregrinação seja uma caminhada de oração iluminada e alimentada pela Palavra de Deus.¹¹⁰

A peregrinação, como caminhada a um santuário, é parábola da caminhada do crente para o Reino de Deus. Esta dimensão escatológica da peregrinação ajuda a que o peregrino perceba a sua vida como uma caminhada para Deus e que, “independentemente da meta imediata do santuário, avança através do deserto da vida em direção ao Céu, a verdadeira Terra Prometida.”¹¹¹ A peregrinação é, como imagem da caminhada para a Terra Prometida, um caminho de conversão. Por esta dimensão penitencial, o peregrino é impelido a um propósito de mudança de vida, orientando-a para Deus e infundindo nela “uma perspectiva transcendente mais acentuada.”¹¹² A par com isto, a peregrinação tem também uma dimensão festiva, como expressão de rutura com o quotidiano e convivência espontânea com outros peregrinos¹¹³, ao mesmo tempo que é experimentada a alegria do caminho e chegada ao santuário, como manifestação de vitória sobre as dificuldades. Por excelência, a peregrinação é toda ela um ato de culto a Deus para quem peregrina, “prestando-lhe homenagem da sua adoração e abrindo-lhe o coração.”¹¹⁴ Assim, a dimensão cultural está na essência ontológica da peregrinação, não apenas porque o peregrino realiza atos de culto e orações no santuário

¹⁰⁸ “il pellegrinaggio e il santuario come occasioni di fede e di vita ecclesiale (ecclesiale forma fidei)”: P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 71.

¹⁰⁹ Cf. DPP 286.

¹¹⁰ Cf. DPP 287.

¹¹¹ DPP 286.

¹¹² DPP 286.

¹¹³ Cf. DPP 2286.

¹¹⁴ DPP 286.

e durante o caminho, mas porque o próprio caminhar é um ato de culto prestado a Deus com quem o peregrino se encontra e caminha e ao encontro de quem se dirige.

Pelo facto de ser identificado, ao longo do caminho, como peregrino, o devoto dá testemunho da sua fé. Por esta razão, a peregrinação tem, também, uma dimensão apostólica,¹¹⁵ pois “a experiência humana da peregrinação é oferecida à missão evangelizadora da Igreja como uma realidade que a interpela no profundo da sua identidade¹¹⁶. Finalmente, o peregrino não caminha sozinho, ele vive uma comunhão de fé e de caridade com quem faz com ele fisicamente o caminho, mas, e sobretudo, com Cristo “que caminha com ele como o fez ao lado dos discípulos de Emaús.”¹¹⁷ De facto, ainda que caminhe sozinho, o peregrino vive esta dimensão de comunhão. Ele insere-se numa comunhão espiritual com a sua comunidade de proveniência e com os que com ele se relacionam no quotidiano, unindo-se de igual forma às esperanças e sofrimentos de uma humanidade peregrina.¹¹⁸ Neste sentido afirma Silva Lima:

“O que é mais impressionante e o que mais conta é a margem de todos os «eu», como lugar de um certo desdobramento de si ou da sua própria ausência, para habitar no espaço da comunidade que ninguém pode confiscar. É esta imersão também espacial no comunitário que oferece ao desejo as asas adequadas para ir muito mais longe, fazendo a experiência da diferença contactando com ela.”¹¹⁹

Há, pois, a necessidade de se ajudar o peregrino a ser melhor e mais peregrino no sentido de ser um caminhante de fé que a transmite aos demais e que caminha com e pela comunidade.¹²⁰ Igualmente, é necessário que essa ajuda conduza a caminhada física à condição de caminhada de fé, que se repercute no quotidiano do crente.

¹¹⁵ Cf. DPP 286.

¹¹⁶ “L’esperienza umana del pellegrinaggio si offre alla missione evangelizzatrice della Chiesa come una realtà che la interpela nel profondo della sua identità”: P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 32-33.

¹¹⁷ DPP 286.

¹¹⁸ Cf. DPP 286.

¹¹⁹ J. S. LIMA, *A Peregrinação, percursos e palavras*, 12.

¹²⁰ Cf. R. BACCARI, “Introduzione, Si può insignare il Pellegrinaggio?”, in P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 14.

A chegada ao santuário é o momento fulcral da peregrinação. É aqui que o peregrino se encontra com o propósito que o fez caminhar. Ainda que tenha havido sofrimento físico, emocional e espiritual na caminhada, a chegada ao santuário reveste-se de alegria festiva, mesmo que esta não seja expressa exteriormente. Mas é no cumprimento do ato litúrgico, como vivência da comunidade peregrina, que a peregrinação atinge o seu auge, como remate do caminhar individual e comunitário.¹²¹

1.4.3. A procissão

A piedade popular ganha uma especial ligação à Liturgia através das procissões como expressão cultural e cultural de “valência religiosa e social múltipla”.¹²² Por natureza, as procissões são imagem do povo de Deus que caminha com Cristo em direção à glória, são uma “caminhada pelas ruas da cidade terrena em direção à Jerusalém celeste.”¹²³ São igualmente uma manifestação pública de fé “nas estruturas da sociedade civil”.¹²⁴ São uma expressão missionária da Igreja que se coloca em marcha para anunciar o Evangelho de Salvação.¹²⁵ De facto, as procissões “contêm os grandes e divinos mistérios, e obtêm de Deus, pelo seu exercício, os frutos salutareis da piedade cristã.”¹²⁶

Uma procissão não é uma mera caminhada em conjunto, ela é um ato de fé de oração. Tal como a peregrinação, a procissão é acompanhada de cânticos e orações como expressão de uma comunidade cristã que dá o seu testemunho público de fé. Como expressão de uma comunidade, Corpo de Cristo em oração, as procissões devem ser presididas pelo bispo, pelo presbítero ou diácono, sendo introduzidas e concluídas

¹²¹ J. RIES, “O universo das peregrinações: aspetos religiosos e culturais”, *Communio* 14 (1997) 314-315.

¹²² DPP 245.

¹²³ DPP 247.

¹²⁴ DPP 247.

¹²⁵ Cf. DPP 247.

¹²⁶ “continent enim magna, ac divina mysteria, et salutare Christianae pietatis fructus eas pie exequentes a Deo consequuntur”: *Processionale Juxta Formam Ritualis Romani Pauli V Pontificis Maximi*, Jussus Editi, Typographia Regia, Lisboa, 1777, 3.

por uma oração, a fim de dispor os fiéis a uma caminhada de fé e de projetarem para as suas vidas os frutos dessa mesma caminhada. Aliás, esta corporeidade é fundamental na piedade popular, pois esta vive e expressa-se num corpo e pelo corpo, seja como indivíduo, seja como comunidade, e as procissões são expressão singular dessa corporeidade da piedade popular, pois envolve a corporeidade individual do fiel e a corporeidade coletiva de uma comunidade.¹²⁷

A procissão é, por si, um momento de relação do devoto com o objeto da sua devoção. A imagem de Cristo, de Maria ou de um Santo, levada em procissão, entra na vida do crente, passa pelas ruas por onde o crente caminha no seu quotidiano, onde mora, trabalha e se relaciona com os demais. A este propósito Alfredo Teixeira ressalva a importância que a devoção a um santo tem na vida do crente como garante de uma unidade pessoal e social integrada no seu quotidiano.

"O santo faz parte do circuito de aliança que constitui a linguagem crente familiar. O «santo da minha devoção» configura-se como uma forma de «patrocinato divino», facilmente integrável nas trajetórias biográficas, individuais e familiares, e na construção do espaço-tempo doméstico, em razão tanto da possibilidade de miniaturização do santo, como do seu carácter portátil.

O santo tem uma dimensão totémica, enquanto vigilante e garante da unidade social - o que está em causa parece ser a salvaguarda do corpo, não só o corpo-saúde (daí a orientação taumatúrgica de muitas práticas), mas também o corpo-social (daí a sintaxe comunitária de muitas das crenças em ação)."¹²⁸

A procissão enquadra-se nesta salvaguarda do corpo-social como expressão comunitária de uma devoção, mas não exclui a dimensão individual da devoção e da ligação estritamente pessoal ao santo. Isto porque o devoto, embora participe num ato comunitário, está ali por uma relação pessoal com o santo, numa esfera de religiosidade individual e doméstica, que é também comunitária.¹²⁹ Está ali porque é o "santo da sua devoção" e não por uma obrigação religiosa.

¹²⁷ Cf. J. S. LIMA, *Entre rezas e romarias*, 67.

¹²⁸ A. TEIXEIRA, "Matrizes das crenças em Portugal", 346.

¹²⁹ Cf. A. TEIXEIRA, "Matrizes das crenças em Portugal", 347.

Pela procissão, a cidade terrena é abençoada e sacralizada. Por este acontecimento, há uma maior interiorização da importância de Deus na vida do fiel e, ainda que ajudado pela pregação, é por esta forma concreta e exterior que melhor sente a presença de Deus no quotidiano da sua vida¹³⁰: um Deus que vem ao encontro e não fica apenas fechado no santuário à espera; por outro lado, as procissões fomentam uma organização social e eclesial, uma vez que a sua ordenação visa "contribuir para a configuração exterior da sociedade planificada hierarquicamente pelo cristianismo."¹³¹

Se as procissões se contam entre os elementos da piedade popular que melhor se relacionam com a Liturgia, é ao mesmo tempo necessário perceber que estas estão também sujeitas a desvios. Isto porque muitas vezes a sua dimensão social acaba por obscurecer a sua sacramentalidade. Não poucas vezes, as procissões são socialmente tidas como ponto-chave e o culminar da festa, em detrimento da Eucaristia que por essa ocasião se celebra. Por outro lado, essa centralidade potencia o perigo de tornar a veneração dos santos numa adoração dos mesmos, ocupando estes maior importância na devoção dos fiéis que o próprio Deus de quem os santos são testemunho de fidelidade no seguimento. Este tipo de desvio conduz à “degenerescência da própria procissão que, de testemunho de fé, se transforma num mero espetáculo ou num desfile exclusivamente folclórico.”¹³²

¹³⁰ Cf. M. CLEMENTE, *A fé do povo*, 34.

¹³¹ A. G. GOUVEIA, "Procissões", in C. AZEVEDO (dir), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, 2000, 67.

¹³² DPP 246.

2. O arquipélago dos Açores e as suas características religiosas

A piedade popular tem, como se observou em capítulo anterior, as suas particularidades, consoante o enquadramento sociocultural e histórico em que se insere. As devoções do *Ecce Homo*, que neste estudo se pretendem analisar, estão inseridas num contexto próprio que é o arquipélago açoriano, com os seus dinamismos sociais, históricos, culturais e geográficos. Estes serão determinantes para a vivência específica destas devoções ainda que possa haver paralelos devocionais destas invocações. Deste modo, para melhor se poder perceber o contexto passado e atual, das festas do *Ecce Homo* em São Miguel e no Pico, bem como se ter uma perspetiva de pastoral de conjunto a partir destas devoções, importa observar alguns aspetos particulares do arquipélago açoriano quer da sua história e presente sociocultural, quer da vivência religiosa ali enraizada.

2.1. Povoamento, insularidade e emigração

2.1.1. Povoamento e matrizes religiosas

É no séc. XV que as ilhas açorianas conhecem o seu descobrimento pelos portugueses. Não nos detendo nas particularidades históricas de datas e personagens, contudo importa ter presente que as primeiras ilhas do arquipélago foram descobertas nos anos 30 de 1400, os grupos ocidental (Santa Maria e São Miguel) e central (Terceira, S. Jorge, Pico, Faial, e Graciosa), e as do grupo oriental (flores e Corvo) apenas já no início da segunda metade do séc. XV.

A maioria dos primeiros povoadores era proveniente do continente português. No entanto, não foram apenas portugueses que estiveram presentes no povoamento das ilhas, a presença flamenga foi igualmente relevante. Lembremos o capitão donatário do

Faial e do Pico, Jose Van Huretere, que deu origem ao topónimo da cidade da Horta, ou a tantos outros topónimos nas diferentes ilhas, ou mesmo os sobrenomes de origem flamenga como são os Dutra, Brum, Goulart, entre outros.¹³³ Com os povoadores vieram as suas culturas e tradições, sejam religiosas, culturais ou artísticas.

Porém, no que se refere a este estudo, o mais importante é percebermos qual a base religiosa que acompanhou estes primeiros povoadores, pois será essa base que mais vai influenciar toda a vivência religiosa açoriana.

Como primeiro donatário das ilhas açorianas, à exceção do grupo ocidental por à data ainda ser desconhecido, o Infante D. Henrique¹³⁴ entregou à Ordem de Cristo o cuidado temporal e espiritual do arquipélago dos Açores, então recentemente descoberto. Mais tarde o Papa Sisto IV confirma esta dotação à Ordem de Cristo.

“A bulla Aeterni regis clementia de 24 de junho de 1841, em que o Santo Padre Xisto IV confirma de novo o domínio espiritual da Ordem de Christo em todas as possessões ultramarinas, especifica as ilhas dos Açores e Flores. D’este modo se reuniu na dita Ordem o domínio espiritual e temporal sobre todo o archipelago açôriano.”¹³⁵

O Infante D. Henrique nas doações que faz nas ilhas açorianas tem sempre presente a necessidade de pedir uma Missa de Santa Maria e a comemoração do Espírito Santo. Isto acontece ao doar as ilhas de S. Miguel e Santa Maria à Ordem de Cristo a 18 de setembro de 1460:

“E encomendo ao Vigairo ou Prior ou Capellão soldado per a dita ordem que esteuer em cada hua das ditas ilhas que lhe praza em cada somana ao sábado por sempre em minha vida e depois da minha morte dizer hua missa de Sancta Maria e a comemoração seja de Sancto Espirito com seu responso e oração fidelium Deus.”¹³⁶

¹³³ Cf. J. DIAS, *História do Povo Açoriano*, Publiçor, Ponta Delgada, 2011, 54; Cf. S. COSTA, *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, Institute of Governmental Studies Press, Berkeley, 2008, 12.

¹³⁴ Cf. J. DIAS, *História do Povo Açoriano*, 57.

¹³⁵ F. VIEIRA E BRITO, "Relatório da Diocese D’Angra por ocasião da Visita Ad Sacra Limina", *Boletim Eclesiástico dos Açores*, suplemento de Vol. 63-2013, Angra do Heroísmo, 2014, 42.

¹³⁶ M. ARRUDA (coord.), *Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 1989, 133. Nesta publicação encontramos dois tipos de numeração, sendo a primeira parte em numeração romana no ensaio crítico de Manuel

O mesmo aparece na carta de doação da espiritualidade das Ilhas de Jesus Cristo (Terceira) e Graciosa à Ordem de Cristo a 18 de setembro de 1460:

“ E encomendo aos ditos vigairos que em as ditas estiverem por a dita ordem que por sempre em minha vida e depois de minha morte, cada hum em sua vigairia, digão em cada somana ao sábado, hua missa rezada de Sancta Maria por minha alma, e a comemoração seja de Sancto Spirito com seu responso e a oração fidelium deus.”¹³⁷

De igual modo o faz ao doar ao seu sobrinho, o Rei D. Afonso V, o domínio temporal das ilhas S. Luiz (Pico), S. Diniz (Faial), S. Jorge, S. Tomaz (Corvo) e Santa Iria (Flores)¹³⁸ a 18 de setembro de 1460:

“E porem por este bem e outros muytos que aa dita hordem feitos tenho em grande seu acrescentem^{to} encomendo ao vig^{os} que assy por a dira hordem em as Ilhas esteuere que per sempre em minha uida e depois de meu falecimento. digam cada huu em sua vigairya cada somana ao sabado hua missa rezada de santa m^a por minha alma. E a comemoração seja de sto Sprto com seu responso e a oração de fideliu deos.”¹³⁹

A Ordem de Cristo procura na Ordem Franciscana um importante apoio no cuidado espiritual e consolidação da fé juntos dos povoadores.¹⁴⁰ A responsabilidade era, sem qualquer dúvida, da Ordem de Cristo sobre a dependência do mosteiro de Tomar¹⁴¹, mas o trabalho de base era, esse sim, dos franciscanos. Deste modo, cedo o franciscanismo se espalhou por todo o arquipélago, não havendo ilha onde não fosse fundado um convento ou casa franciscana. Aliás, nenhuma outra ordem religiosa conseguiu tamanha implantação em toda a extensão dos Açores. Esta influência vai ser a mais determinante para o que podemos denominar como “espiritualidade açoriana”,

Arruda e a segunda parte em numeração árabe com a transcrição de documentos. Assim, manteve-se a diferenciação de numeração nas notas de rodapé.

¹³⁷ M. ARRUDA (coord.), *Colecção de documentos*, 135.

¹³⁸ Cf. M. ARRUDA (coord.), *Colecção de documentos*, XC- XCI.

¹³⁹ M. ARRUDA (coord.), *Colecção de documentos*, 137.

¹⁴⁰ Cf. J. MONTEIRO, “A primitiva Igreja Açoriana”, *Atlântida* 1 (1985) 195.

¹⁴¹ Cf. G. FRUTUOSO, *Saudades da terra*, livro 6, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 2011, 39-40.

influenciando a cultura e a forma de vivência religiosa em todo o arquipélago, como adiante veremos.

A Diocese de Angra é criada pelo Papa Paulo III pela bula *Aequum reputamus* de 3 de novembro de 1534 e tendo como seu primeiro bispo D. Agostinho "intitulado bispo de Angra, onde está a Sé do Salvador"¹⁴². Deste modo, deixa de ser dependente do priorado de Tomar, da Ordem de Cristo, para se tornar sufragânea da Arquidiocese do Funchal, até à redução desta a diocese pelo Papa Júlio II pela bula *Super universas* em 1551, ocasião em que ambas as dioceses passam a ser sufragâneas do Arcebispado de Lisboa.¹⁴³ Atualmente a diocese de Angra permanece na Província Eclesiástica de Lisboa.

2.1.2. A insularidade, tensão entre cristalização e progresso

Também o facto de ser um arquipélago relativamente longe do continente deu aos Açores um carácter de insularidade ainda mais vincado, preservando, desse modo, muito da sua cultura.

“E em ilhas, sobretudo as mais isoladas, o passado permanece... Decerto o da religião, o da língua num estado mais “conservado”, o da literatura; provavelmente também traços da maneira de pensar e reagir. Alguns conservam-se longamente ou mesmo exacerbaram-se. [...] O cruzamento da religião com a superstição, a timidez (agravada pelo isolamento), um certo grau de sobrevivência a senhores poderosos e ariscos, o desinteresse pelo país que não se conhece ou até pela ilha vizinha que só se vê no horizonte – ou nem se avista. [...] Tudo pode contribuir decerto para fazer a psique de um indivíduo, como a psique de um povo.”¹⁴⁴

Mas esta insularidade não é totalmente estanque, pois, se a insularidade, e o seu isolamento natural em relação ao continente europeu e mais tarde ao americano são razão de alguma cristalização cultural e das tradições, mesmo religiosas, a sua

¹⁴² G. FRUTUOSO, *Saudades da terra*, livro 6, 40.

¹⁴³ Cf. F. VIEIRA E BRITO, "Relatório da Diocese D'Angra", 45-46.

¹⁴⁴ A. PIRES, "Açores: Aventura, Experiência e Racionalidade", in A. M. PIRES (Coord.), *Roteiro Cultural dos Açores*, Presidência do Governo Regional dos Açores - Direcção Regional de Cultura, [s/l], 2012, 24-25

localização a meio do Atlântico torna os Açores um ponto estratégico e cobiçado como entreposto para a navegação marítima e, mais tarde, também para a navegação aérea.¹⁴⁵ Esta centralidade atlântica permite que haja nos Açores “um dinamismo cultural dialogante com os modelos nacionais e até, ocasionalmente, profundamente influenciados por paradigmas internacionais.”¹⁴⁶ Vitorino Nemésio chega a chamar “açorianidade” a esta vivência de insularidade nos Açores aliada ao seu carácter de interposto nacional e internacional.¹⁴⁷

Porém, se os Açores, como arquipélago, são estratégicos para a navegação marítima e aérea, bem como militar e de comunicação, esta centralidade não se dá de igual modo e ao mesmo tempo em todas as ilhas, ou zonas de ilha. Se a Terceira com a sua angra, que dá o nome à cidade, era refúgio para a navegação comercial nos séculos. XVII-XVIII, já a cidade da Horta é centro de cabos submarinos entre os continentes americano e europeu, além de se tornar ponto obrigatório para velejadores e navegadores de recreio no séc. XX. Ao mesmo tempo, o aeroporto de Santa Maria foi fundamental para a aviação na travessia do Atlântico Norte, perdendo esse estatuto com o aperfeiçoamento da aeronáutica. O mesmo aconteceu na ilha das Flores onde a Estação de Telemedidas das Flores, base militar francesa, muito vai ajudar o desenvolvimento da ilha, particularmente na rede viária, saúde, comunicações, cultural, e que é desativada em 1993, por causa das evoluções tecnológicas da telemetria. Já as Lages, na Terceira, continuam a ser uma base importante para a aviação militar, favorecendo também a aviação civil. Muitas destas “internacionalizações” ficam localizadas na ilha onde acontecem ou mesmo no local. A rede viária terrestre é muito pobre, especialmente até meados do séc. XIX, vindo depois a melhorar, especialmente

¹⁴⁵ Cf. S. COSTA, *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, 49-61.

¹⁴⁶ S. COSTA, “Religiosidade, Crenças e Festas Populares”, in A. M. PIRES (Coord.), *Roteiro Cultural dos Açores*, 233

¹⁴⁷ Cf. V. NEMÉSIO, “Açorianidade”, *Insula* 15 (1932) 59.

em S. Miguel e na Terceira. A ligação entre ilhas é igualmente difícil. Em 1900 “as viagens entre as ilhas ficavam aquém das necessidades das comunidades.”¹⁴⁸ Atualmente, a ligação marítima entre ilhas apenas acontece nos meses de verão, exceto entre as “Ilhas do Triângulo” (Faial, Pico e S. Jorge) que mantêm as ligações todo o ano. A possibilidade de transporte de viaturas entre as ilhas, trouxe ao arquipélago uma maior mobilidade, ainda que condicionada. Também as ligações aéreas entre ilhas só começam a ter alguma concretização na segunda metade do séc. XX. A abertura, apenas em 2015, do espaço aéreo a outros operadores, que não as companhias regional e nacional, SATA e TAP, deu um impulso de mobilidade, especialmente em S. Miguel, mas colateralmente também às outras ilhas. Entrar e sair do arquipélago tornou-se economicamente mais fácil, por vezes mais que em ligações entre ilhas. Contudo, e apesar de todas as evoluções tecnológicas dos meios marítimos e aéreos no transporte de pessoas e bens, estes continuam dependentes das condições do estado do mar e da situação climática, obrigando, por vezes, ao isolamento temporário (podendo chegar a semanas) de algumas ilhas, mormente Flores e Corvo.

Vai ser o “*boom*” tecnológico nos meios de informação e comunicação digital nos últimos anos do séc. XX e especialmente já no séc. XXI que vai abrir, de uma nova forma, os Açores ao mundo e o mundo aos Açores.

Todo este paradoxo de insularidade e situação geograficamente privilegiada no Atlântico Norte vai ter reflexos em todos os sectores da sociedade, incluindo na forma de viver da religiosidade e tradições açorianas. A descontinuidade territorial, com todos os problemas de comunicação entre ilhas, irá também favorecer a que haja uma identidade específica em cada ilha. Identidade que se traduz na cultura, no estilo de

¹⁴⁸ S. COSTA, *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, 102.

vida, nas expressões religiosas. Exemplo paradigmático é o culto ao Espírito Santo, bem como na própria pronúncia da língua portuguesa, tão díspar entre as ilhas.

2.1.3. Emigração açoriana: partilha de cultura e de fé

Se os Açores naturalmente foram local de migração com a necessidade de povoamento das ilhas, o certo é que já no séc. XVII tornaram-se também ilhas de emigrantes. Os fatores demográficos e económicos foram determinantes para a evolução da emigração, tornando o arquipélago açoriano uma fonte de emigração¹⁴⁹. De acordo com a historiadora Susana Goulart Costa, poderemos definir essencialmente três períodos da emigração açoriana: séculos XVII-XVIII, século XIX e século XX.¹⁵⁰ O primeiro período tem como destino o Brasil e surge primeiramente, como aconteceu com os Açores, com um intuito de consolidar o povoamento do Brasil e a fixação populacional junto às zonas fronteiriças com as regiões sul-americanas dominadas pela coroa espanhola¹⁵¹. Esta primeira vaga é fortemente controlada pela coroa portuguesa e a “disponibilidade dos açorianos para emigrarem encontra-se dependente da conjuntura de cada ilha.”¹⁵² Esta fase de emigração fez com que algumas regiões do Brasil tivessem uma marca açoriana significativa, permitindo e favorecendo o enraizamento dos açorianos e a manutenção da sua cultura e tradições. Exemplo claro é a região de Santa Catarina que ainda hoje mantém as festas ao Espírito Santo tal como aqueles açorianos a levaram consigo. Se este primeiro período de emigração nasce muito pela necessidade da coroa portuguesa, já o segundo período, no séc. XIX, nasce pela necessidade individual e pelo desejo de melhores projetos futuros do indivíduo, aliado à independência do Brasil e ao desenvolvimento do novo país que tem os portos abertos à emigração. Mas este período é também caracterizado pela alteração de destino. Se o

¹⁴⁹ Cf. S. COSTA, *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, 118.

¹⁵⁰ Cf. S. COSTA, *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, 119-120.

¹⁵¹ Cf. J DIAS, *História do Povo Açoriano*, 129.

¹⁵² S. COSTA, *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, 119.

Brasil continua a ser um polo importante da emigração açoriana, o Havai começa a ser também um destino significativo. As dificuldades económicas sentidas no arquipélago levam a que o entusiasmo transmitido pelos navios americanos de caça às baleias fosse escutado de uma forma particular, criando, assim, espaço para uma viragem dos destinos da emigração açoriana. Finalmente, o terceiro período emigratório, consolida os Estados Unidos da América como principal destino da emigração dos açorianos. Estes começaram a fixar-se primeiramente na Califórnia e posteriormente na costa leste dos Estados Unidos no estado de Massachusetts nas cidades de New Bedford e Fall River. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, também o Canadá se torna um importante destino da emigração açoriana.¹⁵³ Nestes locais ainda hoje há uma forte presença açoriana que não se vê apenas pela genealogia dos seus habitantes, mas pelo importante cuidado de manter vivas as tradições vindas das suas origens, de um modo particular as tradições religiosas.

Estas vagas de emigração têm como consequência a redução demográfica nas ilhas, especialmente na faixa da população ativa, o que trouxe ao arquipélago algumas fragilidades socioeconómicas. Porém, a emigração também provocou outro tipo de consequências, uma vez que o regresso dos emigrantes, sobretudo nos locais onde a emigração acontecia essencialmente por indivíduos e não por famílias, transportando para a sua terra natal hábitos e culturas das terras de acolhimento. “Novos hábitos trazidos para os velhos ambientes criaram um novo tipo social: o emigrante tornou-se uma outra expressão da insularidade.”¹⁵⁴

As expressões do *Ecce Homo* na cultura açoriana, nos Açores e na diáspora, são igualmente fruto deste dinamismo de partida e regresso provocado pela emigração, como poderemos ver em capítulo posterior.

¹⁵³ Cf. S. COSTA, *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, 121-122.

¹⁵⁴ S. COSTA, *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, 125.

2.2. Devoções e práticas religiosas na vivência açoriana

2.2.1. As marcas franciscanas

A experiência natural dos primeiros povoadores, bem como das populações que se lhes seguiram ao longo dos séculos, é uma experiência sofrida. Os diferentes cataclismos naturais, vulcões e terremotos, as dificuldades da vida em ilhas distantes, dão ao açoriano uma particular vivência e experimentação do sofrimento e da finitude. Do mesmo modo provocam uma necessidade de consciência fraterna e de entreajuda. De facto, a experiência humana da opressão, do sofrimento e do mal, são parte importante da experiência religiosa como contraste com o bem, a bondade e o amor.¹⁵⁵

Neste sentido, facilmente houve uma ligação e empatia com a espiritualidade franciscana, muito assente numa espiritualidade afetiva “marcadamente voluntarista, prática, espontânea, caridosa e que interpreta principalmente em Deus o facto de ser Deus do amor.”¹⁵⁶ A marca da espiritualidade e da experiência religiosa franciscana, proporcionada nas ilhas pelo povoamento, como anteriormente se viu, vai ao encontro desta realidade de tensão entre o sofrimento, a interajuda e a alegria, moldando a forma “como grande parte dos naturais das ilhas veem a vida.”¹⁵⁷ O açoriano vive uma experiência religiosa na qual o sofrimento e a dificuldade quotidiana são redentores e, desse modo, se tornam alegria de Deus e do homem.¹⁵⁸

“O açoriano é religioso por natureza, mas como aqui já foi dito, essa religiosidade fortaleceu-se, purificou-se através dos muitos religiosos e particularmente, dos franciscanos que, por ações mais do que por palavras, lançaram bem cedo a realidade de Cristo pelo Evangelho, a devoção à Eucaristia, a caridade, o amor, a penitência.”¹⁵⁹

¹⁵⁵ Cf. E. SCHILLEBEECKX, *Umanità: La storia di Dio*, Queriniana, Brescia, 1992, 19-20.

¹⁵⁶ M. FIDALGO, *Açores: ensaios de sociologia*, Instituto Açoriano de Cultura, Angra, 1995, 342.

¹⁵⁷ M. FIDALGO, *Açores: ensaios de sociologia*, 342.

¹⁵⁸ Cf. E. SCHILLEBEECKX, *Esperienza umana e fede in Gesù Cristo Un breve bilancio*, Queriniana, Brescia, 1985, 43.

¹⁵⁹ M. DIAS, “Ensino e educação: Influência do espírito franciscano nas gentes açorianas”, *Atlântida* 1 (1985) 336.

As devoções à Paixão de Cristo e ao Espírito Santo, com suas orações, procissões e ritos trazidos pelos franciscanos durante o povoamento tornaram-se alicerce de uma espiritualidade açoriana crística e cristológica, onde penitência e caridade, sacrifício e redenção se encontram na centralidade da vivência religiosa e quotidiana do açoriano.

A imitação de Cristo está fortemente vincada nas gentes açorianas e não apenas em ritos e tradições exteriores. Mesmo em algumas manifestações religiosas marianas, a centralidade de Cristo na expressão da fé está profundamente marcada. Tenhamos o exemplo das Romarias Quaresmais. Este exercício de piedade, é um exercício de forte espiritualidade, primeiramente mariana. O Romeiro percorre a ilha a visitar as igrejas e ermidas dedicadas a Nossa Senhora, em constante oração do terço e a cantar Avé-Marias. Ele é um penitente que pede orações e que recolhe orações e petições. Porém, as romarias, apesar de serem um exercício mariano, têm sido vistas pelos romeiros como um exercício predominantemente crístico, daí se vincar a forte espiritualidade cristocêntrica deixada pelos franciscanos. A experiência religiosa feita pelos romeiros é uma verdadeira experiência de Cristo, numa ligação umbilical aos mistérios da Paixão e à imitação de Cristo. Nesta dimensão crística da espiritualidade franciscana está a devoção e vivência dos mistérios da Paixão de Jesus. As invocações de Santo Cristo ou Bom Jesus estão presentes em todo o arquipélago e expressam essencialmente duas figurações de Cristo: o *Ecce Homo* e o Crucificado.¹⁶⁰ De tal forma esta devoção está presente em todo o arquipélago açoriano que se poderá dizer que essa espiritualidade em volta do Santo Cristo e do Bom Jesus se tornou identitária da cultura açoriana e da açorianidade, sobrepondo-se a outras devoções e manifestações religiosas.

¹⁶⁰ Cf. A. ESCUDEIRO, “Na festa do Senhor Santo Cristo”, *Boletim Eclesiástico dos Açores*, 833 (1982), 302-303.

Também o culto ao Espírito Santo está profundamente enraizado na espiritualidade e experiência franciscana. Terá sido transportado para os Açores, não apenas pela Ordem de Cristo, mas particularmente pelos franciscanos. Tal como a invocação do Santo Cristo ou Bom Jesus, também o culto ao Espírito Santo é uma marca identitária do açoriano e das comunidades açorianas na diáspora.

A presença da Ordem Franciscana nos Açores quase desapareceu e hoje é inexpressiva (atualmente permanecem apenas cerca de três frades da Ordem dos Frades Menores e somente na ilha Terceira). Contudo a forte presença de outrora e a forte experiência de Deus feita pelo franciscanismo, deixaram marcas permanentes nesta cultura e, especialmente, na espiritualidade do açoriano.

2.2.2. Devoção mariana, devoção crística

É verdade que o açoriano tem uma forte devoção mariana. Para isso basta perceber que o dia 15 de agosto é o dia do ano com mais festejos paroquiais na diocese de Angra. Na verdade, também uma importante percentagem de igrejas paroquiais açorianas são dedicadas a Nossa Senhora como podemos constatar nos seguintes quadros:¹⁶¹

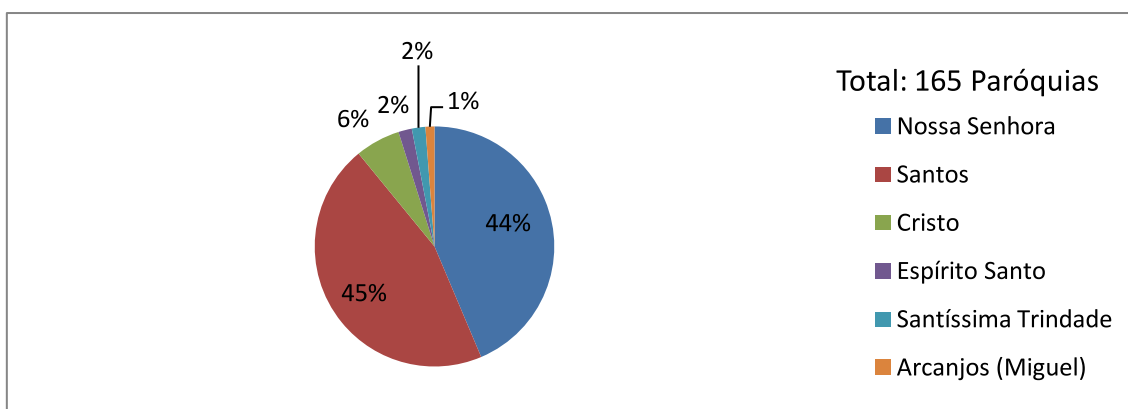


Gráfico 1. Patronos paroquiais: tipologias (%).

¹⁶¹ Os dados referentes ao número de paróquias e seus oragos apresentados neste estudo foram recolhidos a partir das seguintes publicações: *Anuário Diocesano*, Diocese de Angra, Açores, 2019, 8-22; Cf. A. BRAGA, "Igrejas Paroquiais dos Açores", *Boletim Eclesiástico dos Açores*, supl. Vol 60, Angra do Heroísmo, 2010.

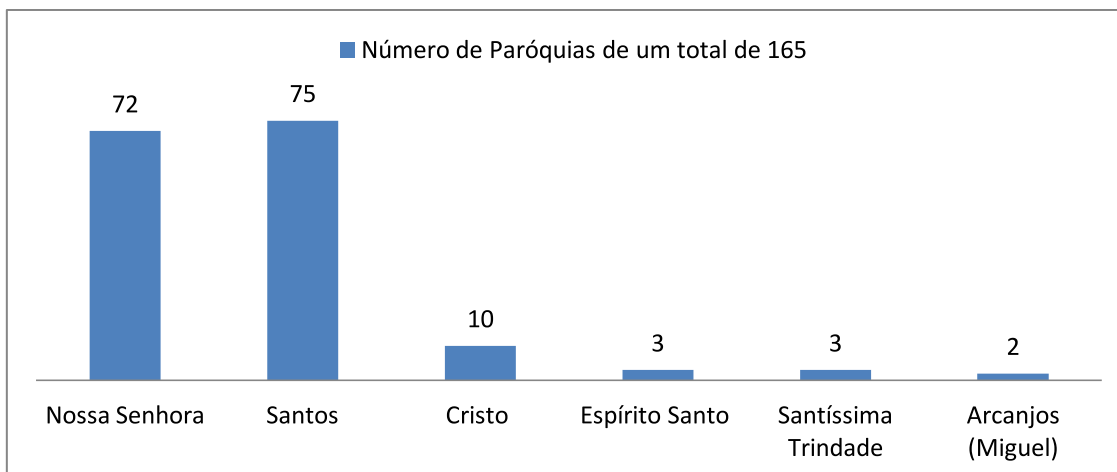


Gráfico 2. Patronos de paróquias: tipologias (nº).

Das 165 paróquias da Diocese de Angra, 72 são dedicadas a Nossa Senhora, 75 dedicadas a santos (destas, 28 dedicadas a apóstolos ou santos bíblicos), 10 dedicadas a Cristo (6 dedicadas à Santa Cruz ou a Cristo Crucificado, 3 ao Santíssimo Salvador, 1 a Jesus Menino), 3 dedicadas ao Espírito Santo, 3 dedicadas à Santíssima Trindade e 2 ao Arcanjo S. Miguel. Assim, temos 72 paróquias cuja padroeira é Nossa Senhora face a 93 que têm outros patronos, fazendo com que uma grande percentagem seja dedicada à mesma pessoa, embora com diferentes invocações, como se observa nos seguintes quadros:

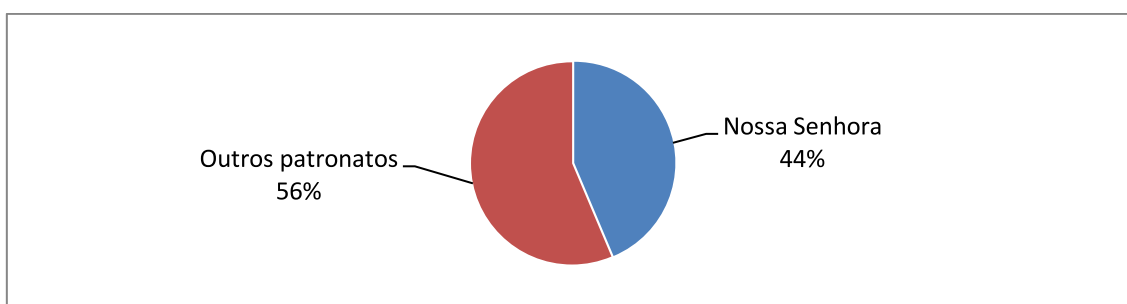


Gráfico 3. Paróquias dedicadas a Nossa Senhora e dedicadas a outras invocações

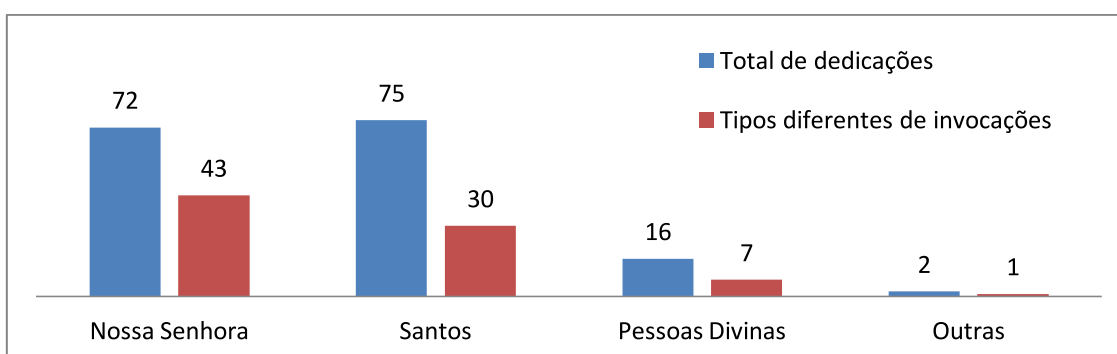


Gráfico 4. Total de dedicações e tipos diferentes de invocações

Daqui se vê que, no passado e no presente, a devoção mariana está intimamente marcada no coração dos açorianos. Nos gráficos seguintes pode-se observar a evolução das invocações no arquipélago ao longo dos séculos, desde o seu povoamento ao presente. Esta relação das invocações paroquiais com a sua origem, não está necessariamente relacionada com a data da criação da paróquia, mas com a origem da invocação que, quase sempre, é muito anterior à data da ereção paroquial e onde já teria existido alguma ermida com a invocação que posteriormente foi dada à paróquia.

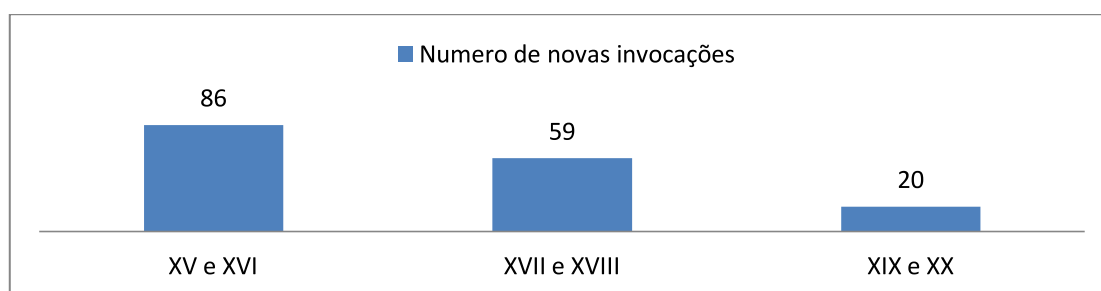


Gráfico 5. Criação de invocações ao longo do tempo.

A não apresentação de dados no século XXI prende-se com a inexistência dos mesmos, pois no local onde a paróquia de Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Ponta Delgada, a única que neste século foi ereta, já lá existia uma ermida com a invocação que a paróquia assumiu. Assim, a invocação é anterior ao século XXI. Também se observa que a maioria das invocações em cada lugar se deu logo no povoamento das ilhas.

Importa ainda observar no gráfico seguinte a distribuição das diferentes invocações ao longo dos séculos:

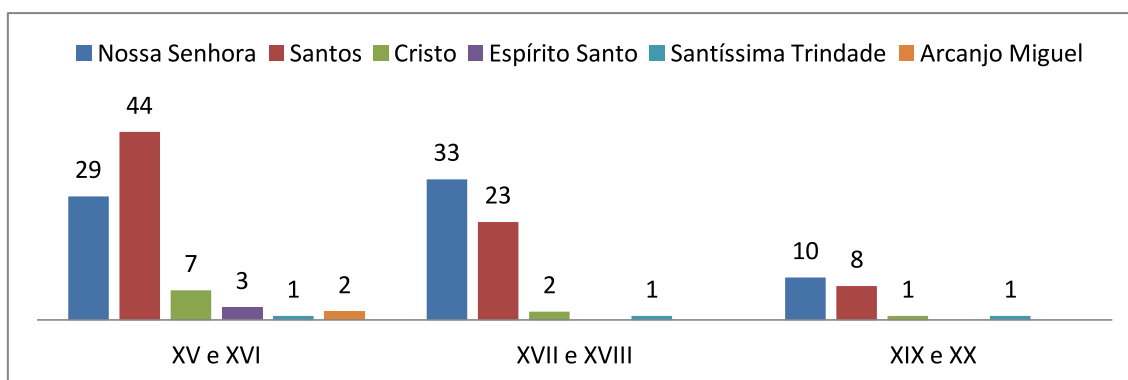


Gráfico 6. Distribuição e criação das invocações ao longo dos séculos.

Pode, então, ver-se que as primeiras invocações foram maioritariamente não marianas e que é já no segundo período, dos séculos XVII e XVIII, que vai haver uma inversão e são adotadas mais invocações marianas que outras. Também se constata que as invocações crísticas, do Espírito Santo e do Arcanjo Miguel são utilizadas logo no início do povoamento, sendo 13 logo no primeiro período e 5 nos dois seguintes. Apenas num caso, a invocação existente no lugar não transitou para a paróquia. Neste caso, a Praia do Norte, ilha do Faial, passou no século XVII/XVIII a sua invocação de Santíssima Trindade para Nossa Senhora das Dores. O fator que potenciou esta alteração terá sido a destruição da ermida da Santíssima Trindade em 1672, numa crise vulcânica, e a necessidade de erguer uma nova igreja.¹⁶² Esta experiência dolorosa poderá ter potenciado a alteração. Sendo caso único de alteração de invocação, não o foi na destruição do templo, quer por crises vulcânicas, quer por sismos, quer mesmo por vontade e necessidade humana de um templo maior. Uma grande percentagem das igrejas existentes são reconstruções de outras igrejas ou ermidas anteriormente ali existentes, ou em local próximo.

Tendo em conta o que se observou anteriormente, a presença da Ordem de Cristo e dos Franciscanos no povoamento terá sido fundamental para esta distribuição das invocações, criando, desde logo um substrato devocional. Com o tempo, as invocações marianas vão ganhando espaço. E se no primeiro período, embora fosse significativo (o seu número era pouco mais de metade das invocações), já no segundo período, elas ganham terreno, tornando-se globalmente a principal invocação no contexto paroquial açoriano, com se viu nos gráficos anteriores.

Apesar da importância das invocações marianas ao longo dos tempos e serem as festas paroquiais iminentemente marianas, como se viu, são outros momentos de festa e

¹⁶² Cf. A. BRAGA, "Igrejas Paroquiais dos Açores", 12.

invocações não marianas que mais se destacam na vivência quer dos açorianos como indivíduos, quer como comunidade, seja local, paroquial, diocesana ou na diáspora. É o culto ao Espírito Santo e as diferentes invocações crísticas que melhor definem a espiritualidade açoriana como cristocêntrica.

Um outro dado que nos ajuda a perceber essa centralidade passa pelos locais de peregrinação oficializados como santuário. Não que não existam outras igrejas ou ermidas com importante presença da piedade e da peregrinação, todavia, essas nunca foram reconhecidos como santuário diocesano. Os santuários diocesanos da Diocese de Angra são:

Santuário Mariano	Santuário Crístico	Implantação	Ilha
Santuário de Nossa Senhora da Conceição		Igreja Paroquial da Conceição de Angra	Terceira
Santuário de Nossa Senhora dos Milagres		Igreja Paroquial da Serreta	Terceira
	Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso	Igreja Paroquial de São Mateus	Pico
	Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres	Convento da Esperança de Ponta Delgada	São Miguel
	Santuário do Santo Cristo	Igreja do Curato da Caldeira	São Jorge

Quadro 1. Santuários diocesanos.

Como se observa, existem 5 santuários: 2 Marianos e 3 Crísticos, sedo que o santuário do Santo Cristo, na Caldeira do Santo Cristo em São Jorge, é sob a mesma invocação e imagem do de Ponta Delgada. Dado interessante é que o Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso, em São Mateus no Pico, é uma igreja dedicada a São Mateus e o Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, em São Miguel, fica na igreja de Nossa Senhora da Esperança.

Ao contrário do que acontece em outras partes do país, onde a devoção mariana se sobrepõe a outras devoções,¹⁶³ aqui a devoção crística ou do Espírito Santo impôs-se mesmo em detrimento de devoções marianas. Veja-se que o Santuário do Santo Cristo em Ponta Delgada está numa igreja dedicada a Nossa Senhora da Esperança, ou o do Bom Jesus no Pico numa igreja de São Mateus, ou o do Bom Jesus da Pedra numa igreja de Nossa Senhora da Misericórdia. Segundo Pedro Penteado, a devoção popular à Paixão de Cristo e suas representações na Cruz ou no *Ecce Homo* ganham especial fervor nos séculos XVII e XVIII, associadas aos milagres atribuídos às imagens de Cristo, os quais atraem os crentes para que também eles possam receber as graças que desejam.¹⁶⁴ Embora a devoção ao Bom Jesus do Pico seja já do século XIX, ela está intimamente associada a este dinamismo dos séculos anteriores nos quais surgem as principais devoções crísticas açorianas. Mesmo o Santo Cristo de Ponta Delgada, embora seja anterior ao século XVII, será no final desse século e na transição para o XVIII, que ganha o seu ressurgimento e apogeu devocional. No caso açoriano, este desenvolvimento das devoções crísticas em detrimento das marianas, mas não as apagando, deve-se ao forte enraizamento devocional franciscano desde o povoamento das ilhas, como se já observou.

Como se verá mais adiante, conseguem-se perceber as origens e acontecimentos específicos de algumas das mais importantes devoções açorianas. Porém apesar de associadas a acontecimentos históricos, não deixam de estar envolvidas em lendas, especialmente no que se refere ao achamento das imagens com o objetivo, não de reconstrução histórica, mas de provar que o local ou a própria imagem “há muito fora escolhido pela divindade para se revelar aos fiéis e conceder-lhes auxílio material e

¹⁶³ Cf. P. PENTEADO, *Para uma história dos santuários portugueses*, Terramar, Lisboa, 1999, 44.; Cf. A. TEIXEIRA, "Matrizes das crenças em Portugal", 322-323.

¹⁶⁴ Cf. P. PENTEADO, *Para uma história dos santuários portugueses*, 45.

espiritual.”¹⁶⁵ Importa, pois, ter agora um olhar para algumas destas festividades, tradições e invocações que mais vincam indelevelmente a identidade e a espiritualidade açoriana.

2.2.3. As invocações “Santo Cristo” e “Bom Jesus”

Esta é talvez a invocação crística mais presente no coletivo açoriano. Apesar de sempre relacionada ao momento da Paixão de Jesus, nos Açores a invocação Santo Cristo está ligada a dois momentos destintos da Paixão: à Cruz e ao *Ecce Homo*, momento em que Pilatos afirma “Eis o Homem” ao apresentar Jesus à multidão¹⁶⁶.

a) Santo Cristo e Bom Jesus, o *Ecce Homo*

No arquipélago existem, ligados à invocação do *Ecce Homo*, três principais núcleos de devoção: o Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, S. Miguel; o Senhor Bom Jesus Milagroso, em S. Mateus, Pico; e o Senhor Bom Jesus da Pedra, em Vila Franca do Campo, S. Miguel.

Quer o Santo Cristo dos Milagres, quer o Bom Jesus Milagroso têm uma difusão com algum significado fora dos Santuários. Por isso, também noutros lugares do arquipélago se encontra implantada a devoção do *Ecce Homo*. Embora a primeira mais que a segunda, estas devoções não estão restritas ao momento da festa e geograficamente limitadas à freguesia. De igual forma, as igrejas que acolhem a Imagem de devoção foram elevadas a Santuário. Por esta razão, estas duas invocações do *Ecce Homo* serão analisadas mais pormenorizadamente em capítulo próprio.

¹⁶⁵ P. PENTEADO, "A construção da memória nos centros de peregrinação", 332.

¹⁶⁶ Jo 19, 5; Para as citações bíblicas usaremos o siglário e a tradução da edição: *Nova Biblia dos Capuchinhos*, Difusora Bíblica, Lisboa-Fátima, 1998.

Embora o Bom Jesus da Pedra não tenha a projeção de que gozam o Santo Cristo dos Milagres e o Bom Jesus Milagroso, será importante termos um olhar também atento a essa invocação.

b) O Bom Jesus da Pedra

A primitiva imagem do Bom Jesus da Pedra (imagem 1), ou Senhor da Pedra, terá sido encontrada numa das praias de Vila Franca do Campo, em S. Miguel, praia que hoje toma o nome de Praia do Corpo Santo, havendo a lenda de que ela teria sido lançada ao mar pelos ingleses à época dos conflitos de Henrique VIII com a Igreja de Roma, no séc. XVI.¹⁶⁷ Uma outra tradição diz que “viera encalhar em tempos já muito idos um caixote com a legenda: «Para a Misericórdia de Vila Franca do Campo».”¹⁶⁸ Nela continha a imagem, que, por ser assim achada, logo terá ganho devoção entre a comunidade de Vila Franca. Certo é que a imagem é propriedade da Misericórdia de Vila Franca do Campo e que ainda hoje a responsabilidade e promoção da festa é da mesma instituição.

Quando falamos da Imagem do Senhor da Pedra teremos de ter em atenção um aspeto particular: a imagem que hoje é venerada na Igreja da Misericórdia (imagem 2) não é a que terá sido achada na praia (imagem 1). Essa terá sido substituída para ser mais preservada na sua conservação ou por ser de menor tamanho. Além do tamanho, as duas imagens são idênticas e apresentam o passo da Paixão do *Ecce Homo*. Nas duas Imagens, Cristo está sentado com o cetro na mão, com uma capa de vestir (não esculpida), coroa e resplendor. Enquanto na imagem primitiva Jesus está sentado numa coluna, na nova imagem aparece sentado numa pedra, daí a denominação de Senhor da Pedra. A Imagem primitiva encontra-se num quarto adaptado a capela do Lar Bom Jesus

¹⁶⁷ Cf. E. FURTADO, *O Mistério do Senhor Bom Jesus da Pedra: Uma viagem pela “história” do Senhor da Vila...*, [s/e], Vila Franca do Campo, 2008, 281.

¹⁶⁸ M.J.P., “Bom Jesus da Pedra: Esboço Histórico”, *A Vila* 388 (29 de agosto de 1964) 1.

da Pedra, da Misericórdia de Vila Franca, e não lhe é dado qualquer especial protagonismo durante as festas. A nova imagem, do séc. XVIII, é o alvo de toda a devoção. Podemos, pois, observar uma “deslocação” da devoção de uma imagem para a outra, embora que ligada sempre à mesma invocação do *Ecce Homo*.



Imagem 1. Primitiva imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra.¹⁶⁹



Imagem 2. Atual imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra.¹⁷⁰

¹⁶⁹ Fotografia de Hélio Ponte.

¹⁷⁰ Fotografia de Hélio Ponte.

A festa realiza-se anualmente no último domingo de agosto, inteiramente organizada pela Misericórdia de Vila Franca, e consta de tríduo preparatório e, no sábado, procissão da mudança da Igreja da Misericórdia para a Igreja Matriz de Vila Franca do Campo, onde se realiza uma solene vigília. No domingo da festa há Missa na Igreja Matriz de manhã e procissão, no seu percurso original, ao fim da tarde, terminando com a entrada da imagem na Igreja da Misericórdia. Nos três dias seguintes ao dia da festa ainda permanece o ambiente festivo com a celebração eucarística na Igreja da Misericórdia. Paralelamente há toda uma festividade não religiosa de arraial e diferentes programas culturais e desportivos, como é exemplo a “Regata organizada pelo Club Naval de VFC”.¹⁷¹

Comparativamente com as outras duas expressões do *Ecce Homo* no panorama devocional açoriano, a devoção ao Senhor da Pedra é muito local. É uma festividade essencialmente de Vila Franca do Campo. A Imagem do Senhor da Pedra que atualmente se venera encontra-se na Igreja da Misericórdia que, ao contrário do que acontece com o Bom Jesus do Pico e o Santo Cristo de Ponta Delgada, não é santuário diocesano. Isto não quer dizer que só a população de Vila Franca participe nas festividades, pelo contrário, são muitos os que acorrem às festas vindos de diferentes partes da ilha ou mesmo de fora. Porém, são principalmente os vila-franquenses na diáspora ou em outras partes do país, que acorrem à festa. Aliás, toda a linguagem que é utilizada, quer na pregação, quer nos meios de difusão das festas ou mesmo no hino do Senhor Bom Jesus da Pedra, revelam essa circunscrição da devoção.

Diz-nos o hino na sua primeira estrofe:

“Protegei, ó Bom Jesus da Pedra,
A nossa Vila e mais os filhos seus.”¹⁷²

¹⁷¹ Anexo 1., p. 303.

¹⁷² E. FURTADO, *O Mistério do Senhor Bom Jesus da Pedra*, 673.

Também o Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Dr. António Cordeiro, afirma no editorial do Órgão Informativo da mesma Misericórdia:

“Assim, vivamos todos, mais uma vez estas festas sob a bondosa égide do Bom Jesus da Pedra e pedir-lhe que continue a proteger esta Vila e todos os seus filhos com o Seu amor e bondade infinitos.”¹⁷³

Um dos meios de observação da difusão local da devoção são os registos de azulejos nas casas (imagem 3). Estes demonstram a devoção dos seus habitantes. Neste caso podemos constatar que a devoção está praticamente restringida a Vila Franca do Campo, pois dificilmente se encontra, mesmo em S. Miguel, um registo do Senhor da Pedra se não em Vila Franca.



Imagem 3. Registo de azulejo do Bom Jesus da Pedra.

Apesar de nos Açores a devoção e o culto do Senhor da Pedra estar restringidos praticamente a Vila Franca do Campo e aos vila-franquenses, não quer dizer que o culto não se possa ter disseminado também na diáspora, como em Toronto, no Canadá, e em New Bedford, nos Estados Unidos da América, mas sempre ligado aos vila-franquenses: “As nossas festas caracterizam-nos como vila-franquenses em qualquer parte do mundo

¹⁷³ A. CORDEIRO, “Editorial”, *A Misericórdia da Vila: Info Mail* 18 (Agosto 2011) 1.

e cabe-nos a nós honrá-las.”¹⁷⁴ Na Igreja de Santa Inês, em Toronto, esta é considerada uma das maiores festas existentes.¹⁷⁵

São várias as motivações que levam as pessoas a ganhar a devoção ao Senhor da Pedra. A devoção centra-se numa imagem do Senhor Jesus apresentado no Pretório por Pilatos, um passo da Sua Paixão, que inspira compaixão e sofrimento. Ao contemplar-se a imagem ela transmite igualmente acolhimento e misericórdia:

“Cristo surge clemente, misericordioso, com um sofrimento sereno, terno, um olhar prostrado, é uma Imagem mimosa, realista, é muito bonita. Isto toca as pessoas.”¹⁷⁶

Este testemunho dado ao jornal *Açoriano Oriental* por Maria do Carmo Bulhões, zeladora da imagem desde 1963, demonstra algumas das razões que sustentam a devoção ao Senhor da Pedra. Há, pois uma empatia do devoto com a expressão da imagem. O devoto sente-se projetado no passo da Paixão figurado nesta imagem. Encontra a serenidade desejada, mesmo no sofrimento.

“A Paixão e Morte de Jesus, naquele extremo despojamento do *Ecce Homo*, não explicando o mal e o sofrimento: mostram um Deus, que compartilha a miséria humana, não para pactuar com ela, mas para a combater”.¹⁷⁷

Há um aproximar do sofrimento como redentor. O devoto experimenta o dinamismo da Paixão como redenção, do sofrimento como caminho de glória. Isto porque encontra, pela imagem, o verdadeiro sentido do Deus Connosco.¹⁷⁸

O hino do Bom Jesus da Pedra, composto no final do séc. XIX por Guilherme Cabral, com letra de Armando Cortes Rodrigues, revela-nos todo este dinamismo de espiritualidade que a imagem transmite:

¹⁷⁴ A. CORDEIRO, “Editorial”, *A Misericórdia da Vila: Info Mail* 21 (Agosto 2014) 1.

¹⁷⁵ Cf. F. LEITÃO, “Despedida do Verão”, *Correio da Horta* 18244 (11 de outubro de 1994); “Festas do Senhor da Pedra em Toronto”, *A União* 30072 (6 de agosto de 1996); “New Bedford Festeja Senhor da Pedra”, *Correio da Horta* 17950 (11 de agosto de 1993).

¹⁷⁶ P. LAGARTO, “O mistério do sucesso do Bom Jesus da Pedra”, *Açoriano Oriental* (28 agosto de 1998).

¹⁷⁷ A. BRAGA, “Da fé à festa... Da Festa à fé...”, *Açoriano Oriental* (29 agosto de 1997).

¹⁷⁸ Cf. A. BRAGA, “Da fé à festa... Da Festa à fé...”.

"Neste passo afrontoso da Paixão,
Desse trono de luz e de glória, ó Deus,
Protegei, ó Bom Jesus da Pedra,
A nossa Vila mais os filhos seus.

Nossos pais nos legaram esta fé
Que queremos manter sempre firme em Vós,
Coração de infinita ternura,
Dai-nos perdão e amparo a todos nós.

Nesta vida em tormentos sem ter fim
Que podemos Jesus sem Vosso amor?
Escutai a nossa prece ardente,
Pois só em Vós esperamos, ó Senhor."¹⁷⁹

O hino revela que, apesar do sofrimento ser grande e “afrontoso”, Jesus surge como num “trono de luz e glória”. Este paradoxo é constante no mistério da Paixão Redentora. Por outro lado, o contemplar da Paixão leva à conversão. A contemplação do amor de Deus leva o crente a reconhecer o seu desamor e a sua incapacidade de responder a esse mesmo amor: “coração de infinita ternura, dai-nos perdão”; “Nesta vida em tormentos sem ter fim que podemos Jesus sem o Vosso amor?”. É o amor de Deus que se expressa pelo acontecimento da Paixão que dá conforto ao crente nos “tormentos” de cada dia. Cristo é, assim, o centro de toda a esperança e confiança do fiel, especialmente nas tribulações: "Pois só em Vós esperamos, ó Senhor." Além desta relação amor-perdão e conforto, sofrimento-glória, há o reconhecimento de que o dinamismo da fé acontece pela transmissão e pelo testemunho: “nossos pais nos legaram”. Fé que não é apenas para ser recebida mas transmitida e, para tal, é necessário vivê-la: “que queremos manter sempre firme em Vós”. Vislumbra-se também nestas palavras um sentido de fé vivido e celebrado em Igreja, não apenas um ato privado entre o fiel e Deus, mas um ato comunitário de transmissão e vivência da fé, nesta relação pessoal com Jesus.

¹⁷⁹ E. FURTADO, *O Mistério do Senhor Bom Jesus da Pedra*, 673.

O hino do Bom Jesus da Pedra resume a festa na figura da exaltação do mistério da Paixão e da redenção. A festa é um ato de gratidão pela Paixão de Cristo, ao mesmo tempo que se apresenta como o desejo de re-alicerçar a vida quotidiana nesse acontecimento redentor e de dar continuidade ao testemunho da fé. Encontra-se aqui plasmado o dinamismo da piedade popular enquanto transmissão de vivência de uma devoção e de configuração com o mistério celebrado. A festa é esta garantia de continuidade da devoção, comemoração anual de ação de graças e petição de favores divinos para vivência da continuidade dos dias que medeiam a festa.

c) Santo Cristo e Bom Jesus, o Crucificado

As invocações de Santo Cristo e de Bom Jesus referem-se não somente ao *Ecce Homo*, mas igualmente ao Crucificado tal como o podemos encontrar em ilhas distintas. São várias as ilhas com paróquias dedicadas à Santa Cruz, ao Santo Cristo e ao Bom Jesus Crucificado. Assim, nos Açores, a invocação do Santo Cristo e do Bom Jesus não é, necessariamente, relacionada com a imagem do Santo Cristo dos Milagres em Ponta Delgada, em São Miguel ou ao Bom Jesus Milagroso de São Mateus, no Pico, como vemos no quadro seguinte. Contudo, essas invocações podem ser consideradas apenas locais e paroquiais.

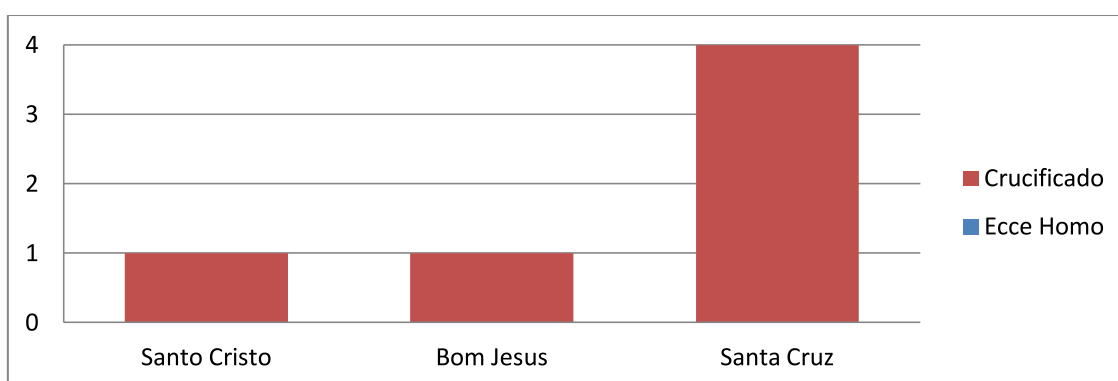


Gráfico 7. Paróquias de patronato crísticos da Paixão

Como se constata pelo gráfico apresentado, não existem paróquias dedicadas à invocação de Santo Cristo, *Ecce Homo*, mas tão-somente os patronatos crísticos da

Paixão relacionados com a Crucificação, embora em três nomenclaturas diferentes: Santo Cristo, Bom Jesus e Santa Cruz. Apenas existe um curato que é dedicado ao Santo Cristo, *Ecce Homo*, na Caldeira do Santo Cristo, ilha de São Jorge. Este está relacionado com a invocação do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada, ilha de São Miguel, e a sua igreja é santuário diocesano. Além destas invocações titulares de paróquias, existem duas outras especiais invocações do Santo Cristo, como o Crucificado. São elas o Santo Cristo da Misericórdia de Angra do Heroísmo, na Terceira, e o Santo Cristo da Praia, na Praia do Almoxarife, no Faial.

No terramoto de 1 de janeiro de 1980, o Santo Cristo da Misericórdia da Igreja da Misericórdia, na cidade de Angra do Heroísmo, Terceira, ganha também um destaque como proteção, sendo realizada uma procissão por essa ocasião, pedindo a sua proteção para a cidade de Angra e para a ilha. Mas a devoção ao Santo Cristo da Misericórdia foi perdendo a sua força ao ponto de hoje não se saber do paradeiro da imagem. A mais relevante invocação do Santo Cristo Crucificado que poderemos encontrar será a do Santo Cristo da Praia, na freguesia da Paria do Almoxarife, Faial (imagem 4). A Imagem do Santo Cristo da Praia está envolta em lendas do seu achado:

“A imagem fora arrojada à costa e faltando-lhe um braço foram infrutíferas todas as diligências de lhe colocar outro. Contudo, foi encontrado por uma pobre mulher que recolhia pedaços de madeira de navios na praia para queimar ao lume, um que não ardia, pelo que tendo a forma de braço foi levá-lo ao padre que colocando-o na imagem logo se lhe ajustou.”¹⁸⁰

Frei Agostinho de Monte Alverne refere, nas suas crónicas sobre a Província Franciscana nos Açores, que a imagem seria originária da cidade de Bruges e que chegou com os povoadores flamengos ao Faial:

¹⁸⁰ PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, *Pilar dos Tempos*, [s/e], Praia do Almoxarife, Faial, 2005, 17.

“Chegaram a esta ilha, botaram a gente na Praia, onde o mar chegava, então, onde hoje está a igreja, onde levantaram altar em que se disse a primeira, missa, e dizem que o crucifixo devoto que hoje está em esta igreja viera da cidade de Bruges.”¹⁸¹

Independentemente da forma de chegada da imagem à Praia do Almoxarife, a sua devoção é grande e tida como proteção. Será com a crise sísmica e a erupção vulcânica no Faial em 1672 que a devoção se irá intensificar. Nessa ocasião, a 12 de abril, terça-feira da Semana Santa, há a decisão de se ir buscar em procissão a imagem do Santo Cristo para a Misericórdia da Horta. Em dia de Páscoa como os tremores continuaram houve nova procissão na cidade da Horta. Durante a Oitava saiu novamente a procissão da Misericórdia para a igreja de N. Sra. das Dores. Por esta ocasião, as pregações apelaram à conversão e à reconciliação, “a cujos ecos se perdoaram pessoas que há vinte anos não se falavam.”¹⁸²



Imagem 4. Santo Cristo da Praia.¹⁸³

Também o vulcão que rebenta em Santa Luzia do Pico a 1 de fevereiro de 1718 leva a Câmara Municipal da Horta a fazer um voto de ação de graças ao Santo Cristo¹⁸⁴

¹⁸¹ A. MONTE ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, vol II, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 1988, 151.

¹⁸² A. MONTE ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, 181.

¹⁸³ Fotografia transferida a 28-09-2019: <https://www.igrejaacores.pt/faial-continua-a-celebrar-300-anos-do-voto-ao-senhor-santo-cristo/>

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, *Pilar dos Tempos*, 32.

¹⁸⁴ Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, *Pilar dos Tempos*, 18.

(voto camarário que permanece ainda hoje). Também as erupções de 1759-60, 1862 e 1957 levaram a que a imagem do Santo Cristo fosse olhada como refúgio e proteção das comunidades faialenses¹⁸⁵.

Como vimos, esta devoção está intimamente ligada à proteção divina contra os cataclismos naturais. A devoção ao Santo Cristo da Paria tem, assim, a dimensão penitencial de conversão e reconciliação, bem como de ação de graças e de proteção. Na apresentação da Morte, o Cristo crucificado, nasce a proteção e a vida. Isso mesmo se espelha numa pagela que usa o prefácio da Festa da exaltação da Santa Cruz, a 14 de setembro, como oração:¹⁸⁶

“Na árvore da Cruz
estabelece a salvação/ da humanidade,
para que donde viera a morte
daí ressurgisse a vida
e aquele que vencera
na árvore do paraíso
fosse vencido
na árvore da cruz,
por Cristo Nosso Senhor.”



Imagem 5. Pagela do Senhor Santo Cristo da Praia (frente e verso)

¹⁸⁵ Cf. PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, *Pilar dos Tempos*, 18.

¹⁸⁶ Cf. *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1992, 931.

2.2.4. O Culto ao Espírito Santo

O culto ao Espírito Santo é, certamente, um acontecimento religioso intenso nas comunidades açorianas, quer nas ilhas, quer na diáspora. É também a devoção mais transversal, estando presente na totalidade das freguesias do arquipélago. É esta a maior marca identitária dos açorianos. O culto ao Espírito Santo está presente em todas as partes do mundo onde a presença açoriana é mais marcante. Desde a imigração para o Brasil, especialmente no Estado de Santa Catarina onde o culto ao Espírito Santo perdura, até às importantes comunidades açorianas no Canadá e nos Estados Unidos da América, o culto ao Espírito Santo é identificativo da própria comunidade. Por esta razão importa determo-nos um pouco mais nesta expressão religiosa dos Açores.

Este culto é trazido para Portugal pela Rainha Isabel de Aragão, esposa do Rei D. Dinis, bebendo das fontes franciscanas do impulso da teologia de Joaquim de Fiore sobre o Espírito Santo. É no Convento Franciscano de Alenquer que, em 1321, acontece, em Portugal, o primeiro ritual de coroação e comemoração do Espírito Santo pelo empenho de Santa Isabel de Portugal. Podemos ter como certo o grande papel dinamizador do culto e das Festas do Espírito Santo por parte da Rainha Santa. Rapidamente o culto se difundiu pelo território português, mormente no sul e centro do país. Porém, hoje, nestas regiões, apenas subsistem raras reminiscências ao culto do Espírito Santo, sendo que na maioria dos casos se deixou, por completo, de realizar qualquer festa ao Espírito Santo.

Com a expansão portuguesa, também o culto e as festas do Espírito Santo se espalharam pelos novos territórios, especialmente no arquipélago da Madeira e, particularmente, no arquipélago dos Açores, sendo de salientar que ainda hoje temos no Brasil, chegado através dos Açores, o culto em torno do Espírito Santo, mesmo com

algumas transformações. É nestes locais que, ao contrário do continente, o culto ao Espírito Santo persiste.¹⁸⁷

Nos Açores, as festas em torno do Espírito Santo decorrem normalmente no Tempo Pascal, isto é, do Domingo de Páscoa até ao Domingo de Pentecostes. Porém, os festejos prolongam-se ainda até ao domingo seguinte ao do Pentecostes, Domingo da Santíssima Trindade. Por essa razão, se chamam aos festejos nesse domingo como Império da Trindade ou Espírito Santo da Trindade. Contudo, e apesar do tempo próprio ser o Tempo Pascal, a influência da emigração nos festejos em honra ao Espírito Santo tem levado a que estes também ocorram no período do verão.

As Coroas do Espírito Santo estão no centro dos festejos. Estas são de prata e encimadas com uma Pomba do Espírito Santo e representam a divindade. Também o cetro e a bandeja, ambos de prata, são insígnias centrais. Estas insígnias, juntamente com outras a elas associadas, são retiradas de uma linguagem de poder.



Imagem 6. Insígnias do Espírito Santo: coroa, cetro e respetiva bandeja.¹⁸⁸

¹⁸⁷ A título de exemplo, no caso madeirense quase que podemos fazer uma analogia mais às Visitas Pascais, ou Compassos, do Continente, do que às coroações nos Açores: "os mordomos visitam sucessivamente todas as casas da freguesia, onde dão as insígnias a beijar aos elementos da casa e recolhem também as esmolas em dinheiro e produtos da terra para ajuda das festas" J. LEAL, *Cerimonial, Relações Sociais e Tempo: As Festas do Espírito Santo nos Açores*, ISCTE, Lisboa, 1992, 385.

¹⁸⁸ Fotografia de Luís Bettencourt Reis.

João Leal salienta que as festas em honra do Espírito Santo, apesar de decorrerem dentro do tempo litúrgico da Páscoa, são autónomas institucionalmente.¹⁸⁹ Esta autonomia leva, por vezes, a alguns conflitos entre o clero e as populações locais. A organização dos festejos está a cargo da participação e intervenção do conjunto da comunidade sendo criadas irmandades para a ocasião e independentes da hierarquia eclesiástica. Apesar de ser um festejo coletivo e comunitário, as festas em honra ao Espírito Santo atuam como forma de patrocínio individual, que resulta, em norma, de promessas ao Espírito Santo. Aqueles que têm o papel mais preponderante nos festejos são designados por Mordomos ou Imperadores. Em muitos casos, ao ser este papel assumido por emigrantes, estes deslocam-se propositadamente aos Açores para assumirem o seu patrocínio individual dos festejos.

Ainda que as festas em honra ao Espírito Santo sejam marcadas por um patrocínio individual, caracterizado pelo Mordomo ou Imperador, este não está sozinho na realização das mesmas. Consoante o contexto, são várias as ajudas que o Mordomo dispõe. Nelas destacam-se as folias, conjunto de cantares e músicas específicas de acompanhamento musical às festas. Hoje, algumas folias foram substituídas por Filarmónicas.

Nas festividades em honra ao Espírito Santo poderemos encontrar diferentes locais fundamentais. Na casa do Imperador, ou Mordomo, a Coroa é instalada num altar feito para a ocasião, sendo frequente que a divisão da casa onde é instalado o altar seja completamente alterada e ricamente decorada. Em alguns contextos, chama-se a este local Quarto do Espírito Santo. Local também importante é o Império, ou Triato, que consiste numa pequena capela, de carácter permanente ou provisório, onde são colocadas as insígnias do Espírito Santo durante os festejos. A Casa do Espírito Santo

¹⁸⁹ Cf. J. LEAL, "As Festas do Espírito Santo nos Açores, uma apresentação", *Communio* 15 (1998) 175-186.

ou Copeira é o local onde são preparados e, em alguns contextos, também servidos os alimentos rituais. Finalmente, a Igreja Paroquial é também um espaço fundamental nestes "lugares" das festas do Espírito Santo. É lá que se realiza a coroação do Imperador, ou Mordomo.

Terços, homenagens à Coroa e procissões, onde as crianças e adolescentes têm um especial papel no transporte das diferentes insígnias, são o principal conjunto de rituais religiosos que caracterizam os festejos. Contudo, é a Coração o momento ritual mais importante das festas ao Espírito Santo. Esta acontece na Igreja Paroquial, logo após a celebração da Missa, em que o sacerdote coloca a Coroa na cabeça do Imperador e lhe entrega o Cetro. Também poderá haver a coroação de outras pessoas previamente designadas pelo Mordomo. Apesar de as Festas do Espírito Santo não estarem dependentes da hierarquia eclesiástica, mesmo na dimensão ritual e celebrativa, há alguns pontos de contacto e de participação do clero, nomeadamente na Eucaristia da Coração e, de uma forma particular na bênção dos alimentos cerimoniais. Na verdade, como lembra Roberto Tagliaferri, a bênção "representa o ponto de contacto mais avançado entre a religiosidade popular e o culto eclesial."¹⁹⁰

Outros momentos importantes nas festas ao Espírito Santo são as refeições e a distribuição de alimentos cerimoniais, comumente conhecidas como Sopas do Espírito Santo. Estas requerem um grande dispêndio de cabeças de gado, outros géneros alimentares e dinheiro. Os custos são suportados pelo Imperador, podendo a comunidade também colaborar. Esta dinâmica da refeição e da distribuição de alimentos, bem como o seu suporte financeiro, insere-se numa linguagem de dádiva. Poderemos observar que algumas das refeições, em volta dos festejos, são de carácter restrito, participando o mordomo e os seus ajudantes. Mas a principal refeição é aberta

¹⁹⁰ R. TAGLIAFERRI, *Il cristianesimo "pagano" della religiosità popolare*, 269.

ao conjunto da comunidade, podendo ainda participar forasteiros que por essa ocasião passem no lugar.

Apesar de se poder observar um esqueleto comum em todas as festas do Espírito Santo, não deixa de ser pertinente constatar-se que as mesmas têm particularidades que mudam consoante o contexto. Segundo João Leal, poderemos encontrar, no Arquipélago dos Açores, cinco variantes principais na organização dos festejos: Santa Maria; S. Miguel; Faial; Grupo Central (Terceira, Pico, S. Jorge e Graciosa) e Grupo Ocidental (Flores e Corvo)¹⁹¹. Também podemos constatar que a abertura às modificações provocadas pela emigração varia de contexto para contexto.

As motivações para as festas em honra ao Espírito Santo são principalmente religiosas. Nelas se inserem as promessas feitas ao Espírito Santo, como contrato celebrado entre a divindade que "intercambia a graça divina solicitada com a *performance* de um ritual em sua homenagem e louvor."¹⁹² Na sua dissertação de Doutoramento, João Leal lembra a importância da realização da promessa e a importância de esta se realizar bem:

"Acredita-se que o seu não cumprimento - ou o seu deficiente cumprimento - em vida do vovente, faz com que, após a morte, a sua alma não encontre descanso enquanto a promessa não for satisfeita. Em muitos casos, o defunto surge em sonhos a um dos familiares, solicitando a realização, em seu nome, do Império. O encargo deste é geralmente assumido pelos seus parentes próximos."¹⁹³

Esta motivação não é exclusiva do Mordomo, pois toda a comunidade ganha a oportunidade de manifestar a devoção ao Espírito Santo, também através de promessas realizadas sob a forma de alimentos ou dinheiro. As festas surgem, ainda, como garante

¹⁹¹ Para percebermos até que ponto podem ir as diferenças, olhemos para o caso do Grupo Ocidental: "as Coroas são levadas à igreja, isto é são cerimonialmente transportadas, à hora da missa, à igreja, finda a qual retomam para casa do Imperador ou para a Casa do Espírito Santo. Não se realiza porém a coroação; de facto, esta, enquanto prática regular e Institucional é desconhecida nas Flores". J. LEAL, *Cerimonial, Relações Sociais e Tempo*, 215.

¹⁹² J. LEAL, "As Festas do Espírito Santo nos Açores, uma apresentação", 180.

¹⁹³ J. LEAL, *Cerimonial, Relações Sociais e Tempo*, 73-74.

ritual de um bem-estar coletivo. Segundo João Leal há, neste sentido, uma motivação coletiva, historicamente enraizada, que vincula as festas ao Espírito Santo como forma de proteção aos cataclismos naturais, erupções vulcânicas, terremotos, entre outros.¹⁹⁴ Um dos exemplos mais evidentes é o Voto Camarário da Horta de 1672 “em quinta-feira, 19 de Maio, tomou a Câmara o Espírito Santo como seu protetor.”¹⁹⁵ Ainda hoje a Câmara Municipal da Horta cumpre este voto ao Espírito Santo.

Porém, Hélder Mendes, sem negar alguma influência que estes acontecimentos naturais possam ter na persistência do culto ao Espírito Santo nos Açores, é da opinião de que este não é um fator preponderante, visto que tais fenómenos estão, na religiosidade açoriana, mais ligados a outras expressões, mormente ao Santíssimo Sacramento, Santo Cristo das Misericórdias, Nossa Senhora do Rosário e outras invocações, por norma de carácter penitencial.¹⁹⁶

As motivações que levam cada um a uma vivência religiosa têm por base a relação primária existente entre a experiência humana e a experiência religiosa, mais que uma experiência científica da realidade.

"A experiência religiosa é constitutiva do ser humano, é universal, mas é uma experiência que vai unida a uma atitude existencial que cada pessoa adota perante as interrogações da existência humana: De onde venho? Para onde vou? O que é que existe depois da morte? Qual o sentido da vida? Desde Sócrates, sabemos que estas questões, - as mais importantes a que o ser humano deve responder - não se podem resolver cientificamente. A experiência religiosa não acontece à margem da experiência humana."¹⁹⁷

O culto ao Espírito Santo, como é vivido nos Açores, permite uma exteriorização e expressão da experiência de Deus, fazendo a experiência de fé na

¹⁹⁴ Cf. J. LEAL, "As Festas do Espírito Santo nos Açores", 181.

¹⁹⁵ A. MONTE ALVERNE, *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, 183.

¹⁹⁶ Cf. MENDES, H. F., *Do Espírito Santo à Trindade: Um programa social de cristianismo inculturado*, UCP, Porto, 2006, 31.

¹⁹⁷ V. VIDE, *Em que Deus cremos nós?*, Gráfica de Coimbra 2, Palheira, 2009, 37.

pessoa divina do Espírito Santo,¹⁹⁸ através de ações e ritos concretos que revelam a ação de Deus pela pessoa do Espírito Santo no quotidiano do crente.

Uma forma de expressar as motivações, como troca de dádivas com o divino, é através das refeições, dádivas e distribuição de alimentos. Ao serem benzidos os alimentos, alguns ainda antes de cozinhados, tornam-se cerimoniais. A bênção destes alimentos é possível porque o Imperador e ajudantes reconhecem que Deus lhes quer bem (bendiz) através dos seus dons (sentido descendente) e, em contrapartida, são pedidos a Deus esses dons, juntamente com o Dom do Espírito Santo (sentido ascendente).¹⁹⁹ Também os valores gastos com os alimentos, são-no em honra ao Espírito Santo. Estes surgem como forma de promessa ou gratidão pela graça recebida. Apesar de o Imperador ser o patrocinador das festas e, por isso, aquele que de uma forma mais explícita vive esta motivação, toda a comunidade, ao ser chamada a cooperar nas dádivas e despesas, participa também neste dinamismo de promessa e "contra-dádiva" à divindade pela graça recebida.

Não será de descuidar a importância que tem nestas festas a distribuição de alimentos. A distribuição e consumo dos alimentos são uma forma de louvor e homenagem ao Espírito Santo, como expressão da caridade. A distribuição de alimentos, especialmente pelos mais carenciados da comunidade, é imagem da dispensa de dons de Deus pelos homens, em especial pelos mais necessitados. Maria Fernanda Enes, num artigo sobre a dimensão da solidariedade nas Festas do Espírito Santo, afirma que "a estrutura da Festa encerra a sociabilidade comunitária em torno do princípio da caridade".²⁰⁰ É imagem da caridade, do amor, de Deus. O culto ao Espírito Santo surge como sinal messiânico, pois a comunidade abre-se ao mesmo Espírito numa partilha de

¹⁹⁸ Cf. H. MENDES, *Do Espírito Santo à Trindade*, 50.

¹⁹⁹ Cf. H. MENDES, *Do Espírito Santo à Trindade*, 225.

²⁰⁰ M. F. ENES, "As Festas do Divino Espírito Santo nos Açores: solidariedade e fraternidade", in J. V. SERRÃO (coord.), *Em nome do Espírito Santo: História de um culto*, Instituto Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa, 2004, 82.

dons e bens, num esforço de eliminação da pobreza na comunidade.²⁰¹ Esta abertura ao amor divino não cria apenas o sentido da caridade como ação de apoio aos mais carenciados, mas também um dinamismo de caridade como comunhão e de relação entre os homens geradores de uma nova humanidade.²⁰²

"Assim como na Trindade o Espírito é o veículo de unidade e dinamismo do amor, assim a comunidade humana é imagem do Espírito Santo na medida em que é capaz de ser comunhão na reciprocidade e na permanente tensão da liberdade."²⁰³

Como é possível verificar, as Festas do Espírito Santo são igualmente uma reafirmação das relações sociais. Aqui os alimentos têm um papel preponderante, pois eles são a forma de ligação à divindade e também às pessoas entre si.²⁰⁴

Estas relações sociais existentes nos festejos realçam a esfera de relacionamentos mais fortes existente nos Açores: o parentesco e a vizinhança. É nesta esfera de relações que são recrutados os colaboradores do Imperador e é, essencialmente nesta esfera, que circulam os alimentos cerimoniais. Nem mesmo com a emigração esta dimensão perdeu a sua importância. Não poucas vezes o emigrante desloca-se propositadamente à sua origem para, com familiares e vizinhos, realizar ou participar nas festividades em honra do Espírito Santo, sendo as festas um momento privilegiado de reencontro. Paralelamente a esta dimensão sociológica restrita de parentesco e de vizinhança, encontramos uma outra dimensão mais ampla "que são, nos Açores, duas das unidades fundamentais da definição da pertença coletiva: o lugar e a freguesia."²⁰⁵ Este sentido de pertença a uma comunidade torna-se um dos principais financiadores dos festejos. Mesmo que, pela emigração, alguém não possa participar presencialmente nas festas, não raras vezes, não deixa de participar subsidiando-as, mostrando deste

²⁰¹ Cf. H. MENDES, *Do Espírito Santo à Trindade*, 264.

²⁰² Cf. V. VIDE, *Em que Deus cremos nós?*, 151 e 161.

²⁰³ H. MENDES, *Do Espírito Santo à Trindade*", 240.

²⁰⁴ Cf. J. LEAL, "As Festas do Espírito Santo nos Açores", 182.

²⁰⁵ J. LEAL, "As Festas do Espírito Santo nos Açores", 182.

modo o seu vínculo ao lugar e à freguesia. Do mesmo modo, e podendo os festejos ocorrer fora do lugar e da freguesia, estes podem ser realizados ao modo da origem. Também aqui fica acentuando o sentido de pertença a uma comunidade. O forasteiro é ainda um mecanismo fundamental neste dinamismo sociológico do lugar e freguesia, pois ele, não pertencendo à comunidade, mostra que esta se abre àqueles que são de fora, vincando, assim, a identidade da comunidade.

A problemática da autonomia das festividades ao Espírito Santo e das respetivas irmandades vai salientar esta dimensão sociológica de pertença à comunidade. Como salienta Hélder Mendes:

"Na irmandade e suas festividades, participa-se independentemente da posição de cada um em relação à religião oficial, já que a presença na organização e na festa será o meio fundamental e público de alguém se afirmar como membro inteiramente pertencente àquela comunidade."²⁰⁶

Estas relações sociais de lugar e freguesia nem sempre coincidem com as delimitações oficiais civis e eclesiásticas. Não quer isto dizer que haja uma rutura com as "estruturas oficiais", antes quer dizer que há uma grande consciência de pertença a uma comunidade que passa para além de limites orgânicos do Estado ou da Igreja. E isto surge também como desafio favorável à ação pastoral que privilegia as relações sociais, sejam elas restritas ou amplas.²⁰⁷ Aqui radica verdadeiramente uma eclesiologia pneumática onde "há que atender mais ao mistério da Igreja e ao papel do Espírito Santo como alma dela, valorizar a experiência cristã, pessoal e comunitária."²⁰⁸

Característica importante nas Festas do Espírito Santo é a conceptualização do tempo. Ocorrendo em tempo Pascal, elas integram o ciclo temporal da primavera à qual o "renascimento da natureza e regeneração da fertilidade"²⁰⁹, estão associados. Além disso, a abundância dos alimentos mostra que estamos num ciclo temporal de

²⁰⁶ H. MENDES, *Do Espírito Santo à Trindade*, 64.

²⁰⁷ Cf. H. MENDES, *Do Espírito Santo à Trindade*, 65.

²⁰⁸ H. MENDES, *Do Espírito Santo à Trindade*, 170.

²⁰⁹ J. LEAL, "As Festas do Espírito Santo nos Açores", 181.

revitalização. Aliado a este dinamismo de conceptualização do tempo, encontramos os dinamismos de lugar, freguesia, parentesco e vizinhança. Estas festas têm também esse papel de religar as relações sociais que o inverno e o outono tornam menos comuns e que o tempo litúrgico e o calendário agrícola estimulam na primavera e verão.

Porém esta ligação entre as Festas do Espírito Santo e a conceptualização do tempo está em declínio. A influência da emigração tem sido o fator mais preponderante para esta desvalorização da relação das festividades com o tempo. Na verdade, as festividades têm vindo muitas vezes a ser deslocadas para o verão, permitindo a presença dos emigrantes. Este dinamismo, se desvaloriza a conceptualização do tempo enquanto ligado ao rejuvenescimento da terra e ressurgimento da vida, evidencia o papel que as mesmas têm nas relações sociais e do tempo enquanto momento de encontro das relações sociais.

"Decorrendo em larga medida do peso que os emigrantes têm vindo a assumir na promoção dos Impérios, o alargamento do tempo dos Impérios reflete também este novo dado.

Mas nesta sua nova significação, é ainda para a importância do vínculo entre Impérios e forma de conceptualização do tempo que somos remetidos."²¹⁰

As Festas do Espírito Santo são consideradas por João Leal como "facto social total"²¹¹ e terreno privilegiado de observação das relações e identidades sociais e da conceptualização do tempo. Simultaneamente, são uma boa plataforma de observação do diálogo da tradição com as mudanças sociais e das especificidades culturais que se expressam nos rituais. Maria Fernanda Enes afirma:

"Em nenhum outro culto, como neste, os elementos da piedade popular, a afetividade emotiva e a simbiose entre sagrado e profano dadora de sentido sacral à existência humana se encontram tão patentes. De facto as comunidades, nesta celebração, vivem a sua plenitude num mesmo amplexo do humano e do divino"²¹²

²¹⁰ J. LEAL, *Cerimonial, Relações Sociais e Tempo*, 166.

²¹¹ J. LEAL, "As Festas do Espírito Santo nos Açores", 185.

²¹² M. F. ENES, "As Festas do Divino Espírito Santo nos Açores", 85.

O cristianismo não é uma realidade desencarnada e, por consequência, não pode prescindir de uma relação positiva com elementos culturais, em que a fé acolhe determinada cultura, visto que cada homem não está fora de uma cultura. Pois "o crente é filho de uma cultura, habitando-a por dentro e sendo marcado, na sua identidade, por essa cultura."²¹³

2.2.5. As Romarias Quaresmais

A origem das Romarias Quaresmais remonta ao séc. XVI após os acontecimentos sísmológicos e vulcânicos que ocorreram da ilha de São Miguel e que quase dizimaram a freguesia de Vila Franca do Campo, então “capital” da ilha. Pedindo a Deus auxílio e proteção, começaram as romarias com carácter penitencial e que consistiam em percorrer a ilha, visitando as igrejas e ermidas dedicadas a Nossa Senhora, para que esta protegesse a família e bens dos penitentes.

Este exercício de piedade está profundamente enraizado na cultura micaelense. Contudo, também outras ilhas souberam aproveitar a riqueza deste exercício, transportando-o e adaptando-o aos seus locais. São o caso das Romarias nas ilhas Terceira, Graciosa e Santa Maria. Também na diáspora há a marca da Romaria Quaresmal, havendo dois ranchos organizados de Toronto, Canadá, que todos os anos regressam à ilha de S. Miguel para realizarem a Romaria.

Esta é uma expressão da piedade popular que não só se vem mantendo, como tem aumentado a sua expressão. A título de exemplo, em 1981 havia 16 Ranchos em toda a ilha de S. Miguel num total de 600 Romeiros²¹⁴. Volvidos 36 anos, em 2017 saíram 54 Ranchos, num total de 2500 Romeiros.

²¹³ J. DUQUE, "A historicidade do caminhar na fé", in J. LOURENÇO (org.), *A fé da Igreja*, Paulus, Apelação, 2014, 272.

²¹⁴ Cf. F. MARTINS, *A Festa nos Açores*, Serafim Silva- artes gráficas, Maia, 1992, 262.

Um ponto importante de uma peregrinação é sair de casa, ou da comunidade de origem, para se chegar a um santuário distante, ou pelo menos fora do círculo comunitário original do peregrino. Nas Romarias Quaresmais da ilha de São Miguel, esta é talvez a primeira e principal particularidade. O Romeiro, saindo da sua paróquia e comunidade de origem, tem por objetivo a ela chegar após percorrer os cerca de 250km em volta da ilha de São Miguel durante uma semana. Este percurso não tem em vista apenas chegar ao santuário final, que no caso é a própria igreja paroquial, mas de visitar o maior número de igrejas e ermidas dedicadas a Nossa Senhora e igrejas paroquiais. No fundo, cada igreja e ermida, torna-se como que um santuário onde a cada etapa do caminho importa chegar. O grande santuário da chegada desta peregrinação é a própria igreja paroquial, sendo o principal objetivo o chegar a casa, mas agora com um novo sentido, a redescoberta do lugar onde o peregrino habita como o lugar onde Deus habita.

Como o nome indica, as Romarias Quaresmais são realizadas no tempo litúrgico da Quaresma. Este é considerado um exercício penitencial. Ainda que os motivos dos Romeiros sejam de promessas ou de agradecimento, as Romarias Quaresmais são um reconhecimento da condição pecadora do homem e sua necessária conversão. Mais que em outras peregrinações, o Romeiro sente-se como a fazer a paráfrase da sua vida ao longo de uma semana. Elas são um exercício de penitência e sacrifício por si e pelos seus. Para tal, o Romeiro sente a necessidade urgente de uma introspeção como exercício espiritual, que o vai levando a descobrir a necessidade de mudança de vida.

A convivência com os outros Romeiros é algo muito importante, não só na sua formalidade e necessidade. As romarias organizam-se em grupos de Romeiros a que se dá o nome de Rancho, na realização natural de uma fraternidade. A este propósito afirma o irmão Luís Reis, do Rancho de São José, em *Rostos de fé: Romeiros na Ilha de São Miguel*, onde encontramos testemunhos de vivências das Romarias Quaresmais, que

a Romaria é “um encontro com o amor do Pai na partilha com os irmãos”²¹⁵. Também nesta linha, o irmão João Silva do Rancho de Santa Maria de Toronto observa: “Devemos ver Cristo através da face de cada irmão, tudo em conjunto com a oração”²¹⁶. Na verdade, o tratamento entre Romeiros é de “irmão”. Esta fraternidade passa para além dos dias da Romaria. Mas esta fraternidade é algo que é construído igualmente por outra especificidade das Romarias Quaresmais. Os peregrinos caminham sempre juntos e ao mesmo ritmo: caminham em Rancho. Os descansos e paragens são em conjunto e só muito exceccionalmente o peregrino pode sair do Rancho. Também só nos descansos há possibilidade de os irmãos, os Romeiros, falarem entre si ou com outros. Durante a caminhada, a oração e o canto das Avé-Marias é a única forma de expressão ou relação. Ao contrário de outras peregrinações ou romarias, só é possível realizar uma Romaria Quaresmal em grupo, grupo este que está necessariamente ligado a uma paróquia.

Se é comum serem pedidas orações aos peregrinos, as Romarias Quaresmais têm também esse papel no meio da comunidade. Quem vê um Rancho passar, pede orações, mas fica igualmente obrigado a rezar o que pediu vezes o número de irmãos, criando desta forma uma cadeia única de oração. O “Procurador de Almas” é o irmão que tem a obrigação de receber todas as orações pedidas ao rancho e garantir que as mesmas são rezadas por todos os Romeiros.



Imagem 7. Romaria Quaresmal, Rancho de S. José de Ponta Delgada.²¹⁷

²¹⁵ M. MOURA, J RODRIGUES, *Rostos de fé: Romeiros na Ilha de São Miguel*, Publiçor, Ponta Delgada, 2011, 99.

²¹⁶ M. MOURA, J RODRIGUES, *Rostos de fé*, 57.

²¹⁷ Fotografia de Luís Ferreira.

Os Ranchos são constituídos apenas por homens, que caminham par a par e sempre em oração. Porém, no número de irmãos de um rancho, além dos Romeiros presentes, são contabilizados mais três. De acordo com os regulamentos das Romarias Quaresmais esses três são a Sagrada Família de Nazaré:

“Rezarão tantas orações quantos forem os irmãos, ao que se deverão acrescentar, como é tradição, as pessoas de Jesus, Maria e José, que são considerados romeiros.”²¹⁸

Contudo, e não obstante ser a Sagrada Família que consta nos Regulamentos, vai-se difundindo em alguns Ranchos que os três irmãos que acompanham são a Santíssima Trindade. Independentemente se é a sagrada Família ou a Santíssima Trindade, num e noutro caso, esta especificidade, que talvez seja única no universo das peregrinações cristãs, demonstra que o Rancho não segue só, mas é acompanhado por Deus. Ele peregrina com o peregrino.

A própria indumentária é uma singularidade destas peregrinações. A obrigatoriedade do uso do lenço, xaile, bordão, terço e cevadeira (saca que é levada às costas) é identificativo do Romeiro, não apenas como insígnias que o identificam, mas como elementos que o igualam aos demais irmãos não havendo espaço para exteriorização de qualquer tipo de diferenciação social, cultural ou outra. Embora não fosse esse o propósito original, cada vez mais a indumentária do Romeiro está a ganhar uma dimensão espiritual, ligada à Paixão de Jesus, em que o lenço é identificado com a coroa de espinhos, o xaile com o manto de púrpura, o bordão com o cetro de cana e a cevadeira com a cruz.²¹⁹ Apesar de ser de origem, e de conceito, um exercício de piedade popular e espontâneo como as demais peregrinações, as Romarias Quaresmais estão perfeitamente organizadas, coordenadas entre grupos e balizadas estatutariamente.

²¹⁸ MOVIMENTO ROMEIROS DE SÃO MIGUEL, *Regulamento para as Romarias Quaresmais de São Miguel*, [s/e], Lagoa, 2017, Artº. 26.

²¹⁹ Cf. A. COUTINHO, L. MACHADO, P. MACHADO, *A Irmandade dos Romeiros*, Lucerna, Estoril, 2006, 73.

A Romaria Quaresmal é um exercício de piedade mariana, mas que tem ganho cada vez mais uma expressão cristológica. Maria surge apenas como medianeira. Se teologicamente não nos pode causar estranheza este dinamismo, já se torna estranho se olharmos para o contexto português onde, não poucas vezes, a piedade popular de tal forma exalta esse importante papel medianeiro de Maria que o seu Filho Jesus fica relegado para segundo plano e quase como tendo um papel secundário na redenção humana. Durante a caminhada toda a oração é dirigida a Maria e há a missão específica das “Visitas às Casas de Nossa Senhora”²²⁰. Por isso, a Romaria deve provocar no Romeiro uma forte devoção a Nossa Senhora. Sem minimizar a dimensão da devoção mariana que o Romeiro tem, este olha para a Romaria como um encontro com Cristo, criando nele um sentido crístico da peregrinação e uma devoção crística. É um exercício de piedade popular que se torna expressão singular do anúncio e comunicação da fé e de como o Romeiro se configura com Cristo e a sua Paixão.

²²⁰ MOVIMENTO ROMEIROS DE SÃO MIGUEL, *Regulamento para as Romarias Quaresmais de São Miguel*, 4.

3. As principais festas açorianas do *Ecce Homo*

Como observámos no capítulo anterior, a devoção ao *Ecce Homo*, nos Açores, está profundamente enraizada culturalmente. Das três principais invocações iremos agora trabalhar sobre aquelas duas que mais relevância têm no panorama açoriano, quer nas ilhas, quer na diáspora: o Senhor Bom Jesus Milagroso e o Santo Cristo dos Milagres.

Não haverá ainda neste capítulo uma análise aprofundada da teologia e da pastoral que estas duas invocações podem suscitar. Guardaremos essa análise para capítulo posterior. Para já, procuraremos fazer a descrição da devoção do Bom Jesus e do Santo Cristo, no seu contexto histórico, festivo e devocional.

3.1. Senhor Bom Jesus Milagroso

A devoção do Bom Jesus Milagroso nasce da devoção particular de um emigrante picoense, Francisco Ferreira Goulart, que nasceu em São Mateus, no Pico, em 1813. Solteiro, partiu para o Brasil antes de 1859. Na sua estada no Brasil, em Iguape, estado de São Paulo, teve contacto com a devoção do Bom Jesus, aí existente. No seu regresso ao Pico trouxe uma réplica em tamanho natural da devoção Iguapense, não para se tornar uma devoção pública da freguesia, pois não era esse o seu primeiro objetivo, mas para sua devoção particular. Por essa razão, a Imagem do Bom Jesus, esteve primeiramente em casa de Francisco Goulart. Porém, apesar de ser uma devoção particular daquele emigrante, a Imagem começa a ganhar alguma projeção fora das portas da casa de Francisco e congregar devotos que querem estar junto da Imagem.

“A imagem do Senhor Bom Jesus, esculpida no Brasil, possivelmente na Escola do Rio de Janeiro, permaneceu ainda algum tempo na casa da Rua Nova da Boavista, antes de ser entregue à responsabilidade da hierarquia eclesiástica.

A tradição oral refere que, já nessa altura, a força daquela imagem atraía devotos de um âmbito espacial que sucessivamente se alargava.”²²¹



Imagem 8. Bom Jesus Milagroso de São Mateus.²²²

Em 1862, com a insistência do Pe. André Avelino de Sousa, a imagem vai para a Igreja Paroquial de São Mateus. Nesse ano, dá-se a primeira festa a 6 de agosto, dia da Transfiguração do Senhor, por ser já esse o dia da festa do Bom Jesus de Iguape.²²³ Apesar de Francisco Ferreira Goulart ter doado à Paróquia de São Mateus a sua Imagem do Bom Jesus, permanece sempre como zelador da mesma e administrador dos seus bens:

“Em seguida, pelo vice presidente foi reposto á Junta que sendo da maior conveniencia dar-se ao publico minucioso conhecimento dos nomes dos piedosos devotos das avultadas sommas que em todos os annos concorrem ao Senhor Bom Jesus Milagroso, cuja Imagem foi ofertada a esta parochia pelo Senhor Francisco Ferreira Goulart, aquem inquis tio novelmente se deve tão importante fonte de receitas, pelo qual se hão feito melhoramentos no respectivo

²²¹ Cf. M. AMORIM, *O Pico: A abordagem de uma ilha: As famílias de S. Mateus nos finais do séc. XIX*, vol. I, tomo VII, CM Madalena, Madalena, 2008, 73-74.

²²² D. M. GOULART, *O Bom Jesus Milagroso de São Mateus do Pico: Exemplo de Património Cultural Imaterial*, CM Madalena, Madalena, 2013, 40.

²²³ Cf. M. AMORIM, *O Pico: A abordagem de uma ilha*, 76.

templo e outros, intendia ser por isso de reconhecida conveniencia, e geral approvação que fosse creado o lugar de Zelador da referida Imagem e sua capella, e fosse elle Francisco, dito, Francisco Ferreira Goulart nomeado vitaliciamente. A Junta attendendo os justificados fundamentos da proposta resolveu criar o lugar de Zelador da Imagem do Senhor Bom Jesus Milagroso, e respectiva capella com ordenado de oito milreis mençaes a rasão de noventa e seis milreis annuaes e nomear para o mesmo vitaliciamente a Francisco Ferreira Goulart doador da mesma Imagem”²²⁴



Imagem 9. Memória do primeiro lugar da Imagem do Senhor Bom Jesus Milagroso em São Mateus.²²⁵

Como observámos, a Imagem do Bom Jesus venerada em São Mateus, na ilha do Pico, é já uma apropriação de um culto anterior de outra paragem. Este é um fenómeno que vai acompanhar esta invocação do *Ecce Homo*.

3.1.1 O Bom Jesus do Iguape, génese do culto do Bom Jesus do Pico

A Imagem do Bom Jesus de Iguape, com a qual Francisco Goulart vai ter contacto, inscrita na tradição da devoção ao *Ecce Homo*, é a representação do *Ecce Homo* de pé e em corpo inteiro. Esta Imagem do *Ecce Homo* é igualmente referenciada como Bom Jesus da Cana Verde (imagem 10). A Imagem será originária de Portugal e vinha sendo transportada por um navio português para o Brasil, mas ao ser atacado por corsários, a Imagem foi lançada ao mar. Foi encontrada alguns dias depois por índios

²²⁴ *Actas das sessões de paróquia*, S. Mateus, 1873-1940, Livro 2, 18 agosto 1889, folha 60v.

²²⁵ Fotografia de Luís Leal; Transcrição da placa de homenagem: "Homenagem do Santuário do Bom Jesus Milagroso, ao seu ilustre filho Francisco ferreira Goulart, oferente da veneranda imagem, recolhida nesta casa até à sua passagem para a nossa Igreja Paroquial em 1862."

que pensaram tratar-se de um corpo a boiar no mar, ao largo da praia de Una. Ao resgatá-la, perceberam que se tratava de uma estátua:

“Então perceberam que era a imagem de um santo, como tantas outras que já haviam visto na casa de seus patrões e em outros lugares. Com o tamanho daquela efígie, trataram de recolhê-la para a terra. Eles não eram cristãos, não sabiam o sentido daquelas cópias humanas, mas repetiam com seu gesto o respeito que aprenderam no convívio com os brancos.”²²⁶

Os índios avisaram Jorge Serrano que transportou a Imagem para a vila de Nossa Senhora das Neves de Iguape, sendo entronizada na mesma igreja a 2 de novembro de 1647. Já no séc. XIX, é construída uma nova igreja dedicada ao Senhor Bom Jesus de Iguape como sede da paróquia de Nossa Senhora das Neves.²²⁷ Cedo correu a fama de ser uma imagem milagrosa, o que provocou uma afluência à igreja onde a Imagem permanecia:

“Firmou-se uma tradição de peregrinação a esta cidade, tanto para cumprir promessas por graças recebidas, como para solicitar atendimento divino para um conflito, uma aflição ou uma doença.”²²⁸



Imagem 10. Bom Jesus de Iguape.²²⁹

²²⁶ B. MACHADO, *Senhor Bom Jesus de Iguape*, Boa Nova, São Paulo, 1981, 17-18.

²²⁷ Cf. B. MACHADO, *Senhor Bom Jesus de Iguape*, 26.

²²⁸ B. MACHADO, *Senhor Bom Jesus de Iguape*, 26.

²²⁹ Fotografia transferida a 17-04-2019 de:
www.senhorbomjesusdeiguape.com.br/images/fotosAlbuns/d1f34b8198c1822e9e3d20a8ae51dbdc.jpg,

Como foi feita referência, esta Imagem é também olhada como o Senhor da Cana Verde, pois nas suas mãos sustentam um caniço verde lembrando a cana que os soldados entregaram a Jesus.²³⁰ Este é um momento dramático da Paixão. Jesus é apresentado à multidão como um condenado. O *Ecce Homo*, “é a imagem do Deus sofrido, humilhado, mas que ainda mantém sua firmeza e paciência, dando o exemplo de como devem os cristãos tratar os seus inimigos.”²³¹ Por essa razão, a esse momento, a Imagem de Cristo é chamada de Bom Jesus. A serenidade do olhar da Imagem transmite a bondade de Deus que se entrega como redentor, um Deus que assume as dores dos homens e partilha os seus sofrimentos. A última estrofe de um dos hinos do Bom Jesus de Iguape transcorre que a misericórdia de Cristo, revelada neste passo da Paixão, traz alegria àquele que o segue:

“Romeiros, feliz é o crente,
Que segue a sua doutrina.
Jesus é tão complacente,
Com a sua bênção divina.”²³²

Também os versos da novena mostram o reconhecimento de Cristo como rosto de Deus compassivo e bondoso, um Deus que acompanha e livra do perigo. Diante da Paixão de Jesus, do amor divino, o devoto percebe a necessidade de conversão e resposta a esse mesmo amor.

“Senhor Bom Jesus
Meu Jesus querido
Livrai-nos Senhor
De todo o perigo.

Senhor Bom Jesus
Deus de compaixão
Aceitai benigno
Nossa devoção.

²³⁰ Cf. Mt 27, 29

²³¹ B. MACHADO, *Senhor Bom Jesus de Iguape*, 32.

²³² B. MACHADO, *Senhor Bom Jesus de Iguape*, 58.

Senhor Bom Jesus
Deus de bondade
De nós pecadores
Tende piedade.

[...]

Senhor Bom Jesus
Deus tão amado
Livrai-nos Senhor
De todo o pecado.

[...]
Mostrai-vos amante
Meu Jesus querido
Que eu serei constante
Sempre arrependido.”²³³

A festa do Bom Jesus de Iguape, apesar de remeter para a narrativa da Paixão, realiza-se no dia 6 de agosto, associada ao dia da Transfiguração do Senhor. A espiritualidade da festa reúne, deste modo, os dois grandes momentos da redenção: Paixão e Ressurreição, sofrimento e glória.

É neste contexto devocional que Francisco Goulart faz a experiência religiosa de relação com a Imagem do *Ecce Homo* venerada em Iguape. Ao regressar aos Açores, leva consigo não apenas uma referência interior, mas manda fazer uma réplica fiel da Imagem para a levar consigo, para que, longe do local originário da devoção, possa, também ele, viver diante da Imagem a sua devoção.

3.1.2. De Iguape para São Mateus

Como atrás se referiu, esta devoção de Francisco Goulart depressa se espalhou aos residentes da freguesia de São Mateus, à ilha do Pico e às ilhas adjacentes. Devoção que muito veio enriquecer São Mateus como é reconhecido no voto de pesar feito pela

²³³ B. MACHADO, *Senhor Bom Jesus de Iguape*, 57.

Comissão Fabriqueira da Paróquia de São Mateus, na ocasião da morte de Francisco Ferreira Goulart a 18 de abril de 1899:

“Aberta a sessão, tomou a palavra a presidência propondo que na acta da presente sessão se consiga um voto de profundo sentimento pela morte, em 18 de mez d’abril próximo passado, d’esse benemerito e prestantissimo ancião, filho dilecto d’esta freguesia – Francisco Ferreira Goulart. Faz, em seguida, o elogio justo do falecido doador da Imagem do Senhor Bom Jesus Milagroso – uma fonte inesgotavel de riqueza;”²³⁴

Este reconhecimento mostra a grande importância e impacto que a Imagem do Bom Jesus de Iguape trazida por Francisco Goulart teve para a comunidade de São Mateus. A riqueza que é referenciada no voto de pesar não é apenas de valor espiritual, mas também material. A título de exemplo, ao consultarmos o *Livro 1* das Atas da referida Comissão Fabriqueira, verificamos que entre 1874 e 1880, as ofertas dadas ao Bom Jesus eram em muito superiores às dadas ao próprio orago da freguesia, São Mateus, não apenas no mês da festa, que acontece a 6 de agosto, mas em todo o ano. Inclusivamente, no mês da festa do padroeiro São Mateus, em setembro, o Bom Jesus recebe mais ofertas. Vejamos alguns exemplos de receitas obtidas pelas ofertas ao Bom Jesus em diferentes anos, ainda no séc. XIX, e em diferentes meses:

“offerecida ao orago a quantia de mil e novecentos reis, e ao Senhor Bom Jesus Milagroso trezentos dezanove mil e oito centos e cinco reis.”²³⁵

“settenta e dois mil cento e dez reis offerecidas ao orago e trinta e nove mil sete centos e settenta reis ao Senhor bom Jesus.”²³⁶

“offerecidas ao orago mil oito centos e trinta reis, ao Senhor Bom Jesus trez mil e sessenta reis.”²³⁷

“a saber dezasseis mil e seis centos reis offerecidos ao S. Bom Jesus, e sette mil quinhentos e cincoenta reis offerecidos ao orago.”²³⁸

²³⁴ *Actas das sessões de paróquia*, S. Mateus, 1873-1940, Livro 4, 7 maio 1899, folhas 26v.

²³⁵ *Actas das sessões de paróquia*, S. Mateus, 1873-1940, Livro 1, 3 setembro 1874, folha 17.

²³⁶ *Actas das sessões de paróquia*, S. Mateus, 1873-1940, Livro 1, 3 outubro 1875, folha 26.

²³⁷ *Actas das sessões de paróquia*, S. Mateus, 1873-1940, Livro 1, 6 abril 1879, folha 83v.

²³⁸ *Actas das sessões de paróquia*, S. Mateus, 1873-1940, Livro 1, 1 fevereiro 1880, folha 102v.

Esta mais-valia económica que a Imagem do Bom Jesus possa ter trazido à freguesia traduz o forte impacto que ela teve no quadro devocional local. As principais riquezas adquiridas são, certamente, aquelas que não são mensuráveis economicamente e que são de ordem pessoal do devoto e também da própria comunidade.

Desde cedo, a devoção ao Bom Jesus não se confinou à geografia da paróquia de São Mateus, mas alargou-se a toda a ilha e, mais tarde, à diáspora picoense. No Pico, a Imagem perde a denominação de Bom Jesus de Iguape, ganhando a de Bom Jesus Milagroso, devido aos muitos milagres e graças a ela atribuídos.

3.1.3. A Disseminação da devoção ao Bom Jesus do Pico

A difusão da devoção e do culto ao Senhor Bom Jesus Milagroso vai proporcionar e incentivar a criação de réplicas da Imagem e do culto em outros locais, na própria ilha, nas ilhas adjacentes e na diáspora.

Na ilha do Pico surgiram, no início do séc. XX, dois principais polos da devoção do Bom Jesus: Calheta de Nesquim e Criação Velha. O primeiro, da Calheta, é apelidado como o Bom Jesus de longe, pois a distância e os difíceis caminhos que ligavam a Calheta a São Mateus faziam da Calheta uma freguesia distante. Por essa razão, e para permitir que os devotos pudessem estar em sintonia com a festa em São Mateus, que acontece a 6 de agosto, esta opção de se ter uma cópia da Imagem na Calheta e fazer a festa no mesmo dia foi uma opção pastoral para permitir essa sintonia e levar aos de longe a devoção e a festa. Atualmente, apesar de já não ser tão longe, pois as vias de comunicação melhoraram substancialmente, permanece a festa do Bom Jesus na Calheta a ser realizada a 6 de agosto. Já o incentivo e a criação da festa na Criação Velha, ou Bom Jesus de perto em oposição ao da Calheta, teve outras razões que não pastorais. A Criação Velha fica a poucos quilómetros de São Mateus dispondo, no passado e no presente, de razoáveis acessos entre as freguesias. Na verdade, logo no início da tentativa de implantação da festa do Bom Jesus na Criação Velha a 6 de agosto, houve diferendos entre os párocos de São Mateus e da Criação Velha. Este diferendo foi descrito no Boletim Eclesiástico

dos Açores, órgão oficial da Diocese de Angra, ainda que sem referências diretas às paróquias mas que são facilmente perceptíveis:

"Sobre a transferência de certa festividade

Existe na igreja A uma imagem de grande devoção popular com o título de *Bom Jesus dos Milagres*. A respectiva festa faz-se desde tempos imemoriais no dia 6 de agosto. O pároco da igreja B, distante apenas alguns quilómetros, adquiriu uma imagem semelhante com o mesmo título e começou a celebrar a respectiva festa também no dia 6 de agosto. O pároco da igreja A, receando que a introdução da nova festividade na igreja B fizesse diminuir as esmolas e a concorrência dos fiéis à sua festa, não levou a bem o procedimento do pároco da igreja B e pretende que este seja obrigado a transferir a festividade para outro dia, ao que ele se recusa.

O pároco da igreja B [percebe-se que há aqui uma gralha e que em vez de B deveria estar A] tem direito a exigir essa transferência? E, no caso afirmativo, qual é o processo a seguir para fazer valer o seu direito?

A celebração de festividades religiosas é uma coisa boa e muito recomendada, mas pode tornar-se ilícita em certos casos, porque *bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectum*.

Resposta

O pároco que introduz uma nova festividade na sua igreja, deve ter dois fins em vista: 1º a honra de Deus por meio do culto solene e público que lhe é devido; 2º o maior proveito espiritual dos fiéis. Desde o momento em que tenha principalmente em vista outro fim, seja ele qual fôr, inverte-se a ordem das coisas, passando a ser o meio o que deveria ser fim. O acto torna-se então ilícito. A festividade introduzida na igreja B pelo respectivo pároco está nestas condições.

Basta só a celebração, no mesmo dia, duma festividade que já ha muito tempo se celebra noutra igreja vizinha, para tornar o acto ilícito. [...]

Não resta pois dúvida de que o pároco da igreja A tem direito a exigir que o pároco da igreja B celebre a nova festividade noutro dia, tanto mais que as circunstâncias apontadas na consulta mostram claramente que houve o propósito de prejudicar uma igreja em favor de outra."²³⁹

Daqui se salienta que a devoção e o culto a uma invocação têm por primeiro objetivo a honra de Deus em culto público e ao mesmo tempo o proveito espiritual dos fiéis. A utilização de uma devoção popular como forma de concorrência entre paróquias, mais quando o objeto de devoção é o mesmo, provoca a confusão entre os fiéis e divide a Igreja, não dando qualquer testemunho da unidade e fidelidade que deve ser o caminho da Igreja. A festa da Criação Velha foi transferida para o domingo seguinte ao 6 de agosto, pondo fim a este diferendo e assim se mantendo, havendo atualmente um clima de grande cordialidade e colaboração entre párocos.

Nas demais ilhas, o culto ao Bom Jesus Milagroso e a presença da sua imagem está especialmente no Faial: Angústias e Cedros; em São Jorge: Urzelina, Calheta e Santo Antão; em São Mateus da Terceira; na Pedreira do Nordeste em São Miguel. De

²³⁹ "Sobre a transferência de certa festividade", *Boletim Eclesiástico dos Açores*, 527 (1916) 322-323.

todos estes lugares é na ermida da Fajã Grande da Calheta de São Jorge que o culto ao Bom Jesus ainda permanece com maior presença. Em 1917 é publicada uma novena dedicada ao Senhor Bom Jesus na Calheta²⁴⁰, o que mostra a importância da devoção ao Bom Jesus naquele lugar.

Também os registos de azulejo nas frontarias das casas revelam que esta devoção está bem presente nas gentes do Pico. Embora em menor número, estes também se podem encontrar em outras ilhas, denunciando a expansão extra ilha da veneração ao Bom Jesus.



Imagem 11. Registo do Bom Jesus.²⁴¹

Igualmente na diáspora, levada principalmente pelos emigrantes nos Estados Unidos da América e Canadá, a devoção e culto ao Bom Jesus Milagroso ganha um particular relevo. Isto observamos nas palavras de José Carlos:

“Na primeira igreja que os nossos ergueram no destino, a de S. João Baptista, em New Bedford, logo se entronizou no altar-mor, à direita do orago, uma imagem do Senhor Bom Jesus, como se pode verificar numa fotografia de 1875 aproximadamente. Ainda na Nova Inglaterra, ao Senhor Bom Jesus se dedicou a igreja portuguesa de Newport e um altar na igreja de Nossa Senhora de Lurdes de Taunton.

No lado oposto da grande Nação, na Califórnia, com mais presença de imigrantes açorianos oriundos dos grupos central e ocidental do arquipélago, é maior o número de sítios onde se estabeleceu o culto do Senhor Bom Jesus. Ao

²⁴⁰ *Novena do Senhor Bom Jesus: Do Ecce Homo que se venera na Ermida da Fajã Grande – Calheta – S. Jorge*, Minerva Calhetense, Calheta-São Jorge, 1917.

²⁴¹ Fotografia de Luís Leal.

menos estes: San Diego (igreja de Santa Inês); Hanford (igreja de Santa Brígida); Riverdale (igreja de Santa Ana); Justine (igreja do Divino Espírito Santo); Turlock (igreja do Sagrado Coração de Jesus); São José (igreja das Cinco Chagas); e Novato (capela do salão da irmandade do Divino Espírito Santo).

No Canadá, na zona de Ontario, existe um centro do culto ao Senhor Bom Jesus: em Oakville (igreja de S. José).²⁴²

A diversidade de locais por onde se espalhou o culto e a devoção ao Bom Jesus demonstra bem a importância e o impacto que teve nas pessoas e nas comunidades que acolheram esta devoção.

A devoção do Senhor Bom Jesus, como podemos observar, é uma devoção que se foi espalhando pelo mundo através de devoções particulares que se tornaram coletivas. Em cada lugar, ela foi ganhando a sua apropriação e identidade, por vezes desvinculando-se da sua origem. Para o Iguapense, o Bom Jesus, mesmo tendo vindo de Portugal, certamente com a tradicional invocação de Bom Jesus da Cana Verde, será sempre o Bom Jesus de Iguape. Neste caso tal não é de estranhar uma apropriação da devoção, pois, tendo sido encontrada no mar, não se saberia a sua origem devocional, sendo, por isso, criada uma devoção e um culto a partir daquele momento.

Diferente é o novo atravessamento do Atlântico. Quando Francisco Goulart traz a réplica da Imagem para a sua casa na terra natal, é a sua devoção particular ao Bom Jesus de Iguape que transporta. Mas, como já observámos, cedo a devoção deixa de ser particular para passar a ser de uma comunidade. A comunidade de São Mateus, do Pico, não tem qualquer especial relação com Iguape. Certamente por isso a devoção ao Bom Jesus de Iguape se transforma na devoção ao Bom Jesus do Pico. Ao atravessar, mais uma vez, o Atlântico para os novos locais de emigração, que não o Brasil, os emigrantes picoenses levaram consigo esta devoção implantando-a nas suas comunidades de

²⁴² J. CARLOS, “A devoção ao Senhor Bom Jesus Milagroso nos vaivéns da emigração”, in J. MELO, *Concelho da Madalena*, Publicor, Ponta Delgada, 1998, 26-27.

acolhimento. Contudo, ao contrário do que aconteceu entre o Iguape e o Pico foi diferente o que aconteceu entre o Pico e os mundos da diáspora. Enquanto no Pico, o Bom Jesus é apropriado pelos picoenses, perdendo a referência da sua origem, em Iguape (hoje poucas pessoas saberão esta origem). Já na diáspora, a devoção e o culto continuam ligados ao Bom Jesus que se venera no Pico. Isto porque a devoção e o culto são marcas identitárias de uma comunidade e esta, ao ser deslocada no todo ou em parte, leva consigo a sua identidade. Mais, ao ver-se longe das suas raízes, procura desenvolver ainda de maneira intensa os elos que a possam ligar à sua origem, à sua comunidade de raiz. Por essa razão é que aconteceu essa transformação, não só da nomenclatura, mas da referência devocional da Imagem, ainda que a base da devoção permaneça inalterada, por ser feita à mesma evocação do *Ecce Homo*. Segundo Manuel Júnior, diretor do Museu do Pico em 2012, o Culto ao Senhor Bom Jesus Milagroso insere-se na história do arquipélago e a “ele está associada uma iconografia religiosa que penetra fundo no imaginário coletivo picoense e açoriano.”²⁴³

A Imagem do Senhor Bom Jesus e a sua história são exemplo daquilo que acontece com os indivíduos e comunidades no que se refere à mobilidade humana. Quando um emigrante se desloca individualmente para um local, depressa se vai adaptando a esse mesmo lugar e à sua nova comunidade podendo vir a perder alguma relação com a sua comunidade de origem, não porque perca alguma da sua identidade original e das suas referências, ainda que meramente históricas, mas porque a integração à nova comunidade se torna ainda mais efetiva. Porém, quando a emigração se dá com muitos indivíduos de uma mesma comunidade para um mesmo local, a integração e a adaptação ao novo local não é tão efetiva, pois a coesão dentro da comunidade emigrante tende a suprir as necessidades que um indivíduo tem ao encontrar-se em

²⁴³ M. JÚNIOR, *Capas do Senhor Bom Jesus Milagroso do Santuário Diocesano do Pico*, Presidência do Governo Regional dos Açores – Direção Regional de Cultura, Pico, [s/d], 1.

terra estrangeira. A referência à comunidade de origem permanece muito vincada, quase como transportada nas suas tradições e costumes para o novo lugar. A devoção ao Bom Jesus vive o mesmo dinamismo dos indivíduos e das comunidades emigrantes.

3.1.4. A devoção ao Bom Jesus pelos testemunhos epistolares

Com a disseminação da devoção ao Bom Jesus começam a surgir cartas pedindo graças e demonstrando a gratidão pelas graças recebidas. Estas cartas, para além de mostrarem a expansão do culto, seriam uma fonte para se perceber a importância também dos milagres atribuídos à Imagem. Porém, os relatos de graças e milagres atribuídos ao Bom Jesus não nos chegaram por via escrita. Aliás, há apenas poucos anos se iniciou a compilação das cartas de peregrinos e devotos, mostrando a gratidão pelas graças que os mesmos receberam, bem como pedindo a proteção e auxílio do Bom Jesus. Existiu também uma coletânea de testemunhos devidamente registados no *Livro do Tombo* do Santuário do Bom Jesus, nos anos 30 do séc. XX. Porém, desconhecesse a localização do mesmo livro.²⁴⁴ Sabe-se que esse livro continha alguns relatos de milagres e os testemunhos dos párocos atestando a veracidade dos acontecimentos, relatos de lugares tão diferentes como “de quase todas as Ilhas dos Açores, da nossa África e da Califórnia.”²⁴⁵ Felizmente chegou até nós o relato de alguns dos milagres que ele continha através de um pequeno opúsculo de Mons. José Pereira da Silva. Atendamos a um dos relatos ali descritos:

“No dia 3 de Março veio a esta freguesia a Sr.^a Hirondina Adelaide Serpa, casada com Manuel António da Silveira, segundo Sub-Chefe da Polícia de Segurança Pública, actualmente em Luanda, Angola, e disse que vinha cumprir uma promessa ao Senhor Bom Jesus, feita pelo esposo quando pretendeu entrar para a polícia. Disse mais que em breve viria cumprir outra que fez ele quando tinha 12 anos [...]. A ver passar militares pela freguesia natal – Prainha do Norte, Pico, prometeu ao Bom Jesus que se um dia fosse tropa, lhe oferecia o ordenado de um mês por cada posto que subisse. E acrescenta: quando

²⁴⁴ Cf. D. GOULART, *O Bom Jesus Milagroso de São Mateus do Pico*: 50.

²⁴⁵ J. SILVA, *Um caminho de luz: 1862-1962*, [s/e], [s/l], 1995, 9.

se esboçavam as primeiras desordens em Angola, estando ele em Luanda num café com outros camaradas, elementos terroristas atacaram os presentes que saíram para a rua. Os companheiros ficaram envolvidos na refrega e ele como era domingo dirigiu-se à igreja e enquanto assistiu à missa, dois dos seus camaradas foram assassinados pelos malvados comunistas. Não lhe resta dúvida que o Bom Jesus continua a protegê-lo e por isso cada vez mais agradecida é, por graças que de Suas divinas mãos tem recebido.”²⁴⁶

A observação de muitas das cartas que hoje podemos ler nos arquivos do Santuário permite concluir que quase todas servem para enviar algum dinheiro como forma de gratidão por uma graça recebida. Se o desaparecido Livro do Tombo teria relatos de milagres provenientes de várias partes, mas particularmente do Pico, as atuais cartas são essencialmente de fora da ilha do Pico, havendo uma predominância de devotos no continente norte-americano.

Estas cartas são de petição, visando o sucesso da vida profissional ou as melhoras relativas a uma doença. Deste modo, o devoto encontra no Senhor Bom Jesus uma âncora para os seus problemas. Ele não necessita de estar perto da própria Imagem, mas tem a confiança no poder que o Bom Jesus tem em o auxiliar, mesmo longe.

Retêm-se aqui alguns fragmentos que documentam as observações realizadas. Numa carta do Canadá, de julho de 2014:

“Senhor Padre eu gostava de pedir uma missa para o meu sobrinho, N. Ele e casado con duas meninas e a esposa dele esta espera de mais duas crianças (gemos). Pois ele teve em casa sem trabalhar um ano con uma dor des costas – e ele perder o seu trabalho – fou um desgosto, mas paciencia...

Pois ele agora tem um trabalho e eu queria pedir o Bom Jesus para ajudar o meu N ter muita sorte neste trabalho – ele vende carros – eu o Bom Jesus que deia-ele muita sorte em vender muitos carros – e que ele tinha sempre muita sorte de ganhar o que for porcisso para estantar a sua bendita família – obrigada...

Pois ca vao \$20 para pagar a missa”²⁴⁷

Uma outra carta, sem data ou proveniência, mostra a gratidão e, ao mesmo tempo, pede-se auxílio, mas sempre aceitando a vontade do Bom Jesus:

²⁴⁶ J. SILVA, *Um Caminho de Luz*, 13.

²⁴⁷ Anexo 2.2.1., p. 308.

“Bom Jesus

Thank you so very much for helping me to find a House Madalena Pico many years ago. Also thank you for all Your help over the years. I am great full.

I need a miraclo, Reg. E. F. M. stop drink and stop smoking so she can fill Healthy and her every day life, take care her family and her WORK, and for herself fill healthy every day life.

[...]

Bom Jesus, Please Help me to get my Life organize and strength to finished my trust. I need Your help, strength and widson, my Life is Your Hands.”²⁴⁸

Nestes dois exemplos, percebemos que a distância, o tempo de ausência, que se denota por uma melhor capacidade de escrever em inglês do que na língua materna, não impedem a relação devocional com a Imagem do Bom Jesus no Pico. Porém, esta relação com o Santuário e com a devoção por meio de carta, torna-se uma forma de estar presente nas festas que acontecem a milhares de quilômetros e junto da Imagem que veneram, mesmo à distância.

Uma outra carta, desta vez da ilha Terceira em 2013, que agradece e pede auxílio ao Bom Jesus por causa do sofrimento de uma doença, não pede a cura, mas ajuda para viver o momento:

“Exmo. Sr. e Digníssimo Reitor do Santuário do Bom Jesus.

Junto envio este cheque no valor de quarenta euros (40.00€). em sinal de promessa de uma graça ao Senhor Bom Jesus Milagroso, embora não tenha estado no Pico, mas como tenho uma pagela com a bela Imagem levou-me a pensar no Bom Jesus.

A situação de saúde de meu pai tem sido complicada, diagnósticos errados, é um doente hemodialisado, somos da Ilha das Flores tudo se junta.

É um sofrimento constante só muita fé, em nosso Pai do Céu e sua Mãe Santíssima, é que nos proteger neste momento angustioso.”²⁴⁹

²⁴⁸ “Bom Jesus. Muito obrigado por ajudares-me a encontrar a Casa Madalena Pico há muitos anos. Também agradeço por toda a Tua ajuda nestes anos. Eu estou agradecida. Eu preciso de um milagre, Reg. E. F. M. pare de beber e pare de fumar para que sinta saúde e todos os dias tome conta da sua família e do seu trabalho e da sua saúde todos os dias. [...] Bom Jesus, por favor ajuda-me a ter a minha vida organizada força para manter a minha confiança. Eu preciso da tua ajuda força e sabedoria, a minha vida está nas Tuas mãos.” Anexo 2.2.2., p. 309.

²⁴⁹ Anexo 2.2.3., p. 310.

Também nestas cartas vemos que a devoção ao Bom Jesus não se restringe aos são-mateuenses nem mesmo aos picoenses no Pico ou na diáspora. Esta é uma devoção que atinge também outros açorianos que não têm relação com o Pico e, como é o caso que serviu de exemplo, não conhecem a ilha.

Por vezes estes atos de reconhecimento e gratidão à Imagem do Bom Jesus surgem também em forma de quadras ou em textos mais poetizados, sempre com o mesmo sentido de gratidão, pedido de auxílio e também conversão:

“Ó belo, ó bem, ó bom
O Céu, a Terra e o Mar.

O homem não tem preço, mas tem um valor imortal, pois é uma dádiva de Deus e expressão do Amor que êle tem para nós. Abençoado o Céu pelo ar que respiramos, abençoada a terra pelo pão de cada dia, abençoado o mar pela brisa e alimento, abençoado o homem para que nunca deixe de trabalhar e amar.

Obrigado Senhor por todas as graças alcançadas.

Enviu-êste cheque em paga de uma graça que tive do Senhor Bom Jesus para ajuda dos seus círios.”²⁵⁰

“És Nosso pai Senhor Bom Jesus
Em cada filho tem seu altar
Protege as nossas vidas
Com amor perdão e paz

Sempre em nossa companhia
Nosso conforto na dor
Enxugando nossas lágrimas
És o maior em amor

Nas amarguras da vida
Sinto que estás a meu lado
Agradeço-te a coragem
Que sempre me tens dado

Todos somos pecadores
Pedimos-te o Teu perdão
Tu perdoas todo o mundo
No Teu enorme coração

²⁵⁰ Anexo 2.2.4., p. 311.

Pelo bom e mau da vida
Quero-te agradecer
Recorro a Ti e ouves-me
Dás me força para viver

Todos os dias Te peço
Não me deixes desesperar
Na alegria e na tristeza
Sempre te poder amar

É para o Senhor Bom Jesus
Escrito pela minha mão
Veio de dentro da alma
Do fundo do coração

No trabalho e no descanso
Estás em minha companhia
Hei-de sempre te louvar
O resto da minha vida

No Santuário o teu altar
Enfeitado de flores
Protege com Teu olhar o mundo
Livra da fome abalos os Açores
13/06/2011”²⁵¹

3.1.5 O Santuário do Bom Jesus do Pico

Com a crescente devoção ao Bom Jesus Milagroso por parte de gentes fora de São Mateus e do Pico, e por ser reconhecida a importância da festa e da devoção à Imagem do *Ecce Homo* em S. Mateus, D. Manuel Afonso de Carvalho decide elevar a igreja paroquial de São Mateus a Santuário do Bom Jesus Milagroso, em 1962, quando decorria o centenário da primeira procissão do Bom Jesus no Pico. No seu decreto, D. Manuel Carvalho, relaciona o sofrimento do homem com a bondade de Cristo. É em Cristo que o homem encontra a bondade de Deus e conforto para a sua vida. O homem

²⁵¹ Anexo 2.2.5., p. 312.

não consegue encontrar a verdadeira alegria senão em Deus. O homem não consegue encontrar o repouso dos seus trabalhos senão em Deus.



Imagem 12. Igreja Paroquial de São Mateus e Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus Milagroso.²⁵²

Ao mesmo tempo a elevação a Santuário da igreja de São Mateus deve-se ao facto de o culto ao Bom Jesus estar espalhado por diferentes ilhas, justificando, assim, dar uma dimensão diocesana ao templo que alberga a Imagem do Bom Jesus.

“D. Manuel Afonso de Carvalho, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo de Angra e Ilhas dos Açores

Desde o momento em que a dor entrou no mundo, tornou-se companhia inseparável do homem e a terra converteu-se em vale de lágrimas. O homem procura defender-se contra os males que o rodeiam, mas, depois de recorrer a tudo o que na terra pode dar algum conforto, riquezas, honras e prazeres, tem de confessar que no mundo nada há capaz de fazer extinguir o sofrimento e dar a verdadeira alegria.

Então, o coração do homem eleva-se para o alto e vai procurar a verdadeira fonte, donde brotam as águas cristalinas da vida eterna — o coração de Jesus. O Senhor bom e compassivo que passou pelo mundo fazendo o bem, vendo a fé e o amor das almas aflitas, a todos dá a verdadeira alegria.

Assim procederam os bons habitantes do Pico e a eles se associaram todos os Açoreanos: nas tribulações da vida, invocam o Bom Jesus Milagroso, com fé e amor e, imediatamente, a graça do alto se derrama em seus corações.

Dignou-se o Santo Padre João XXIII, gloriosamente reinante, enriquecer a Imagem do Bom Jesus Milagroso com copiosas indulgências e Nós, associando-nos às manifestações de fé e alegria do povo bom e crente, neste centenário de bênçãos para a ilha do Pico, Havemos por bem elevar à categoria

²⁵² Fotografia de Luís Leal.

de «SANTUÁRIO DO BOM JESUS MILAGROSO» a igreja Paroquial de São Mateus – Ilha do Pico.

Para constar, Mandamos passar o presente Decreto, que vai por Nós assinado e autenticado com o Selo de Armas.

Angra e Paço Episcopal, dia 1 de Julho de 1962.²⁵³

D. Aurélio Granada Escudeiro irá lembrar, anos mais tarde, que um santuário diocesano deve “servir para promover eficazmente a vida espiritual da diocese.”²⁵⁴ Como tivemos oportunidade de dizer anteriormente, é esse o sentido profundo de um santuário diocesano. Não é apenas um lugar de romagem, mas de desenvolvimento e promoção de uma vida de espiritualidade dos fiéis.

3.1.6 Principais manifestações da devoção ao Bom Jesus Milagroso

Como qualquer expressão de piedade popular, também a devoção ao Bom Jesus do Pico tem as suas formas de manifestação da devoção como parte integrante do culto e que ajudam os crentes a uma maior aproximação e apropriação da devoção. Importa, agora, ter-se um olhar pelas manifestações mais importantes desta devoção.

a) Os atributos da Imagem do Bom Jesus

Como uma imagem do *Ecce Homo*, os principais atributos desta Imagem são a coroa de espinhos, o cetro ou cana, a capa, a corda de manietar e o resplendor. De todos estes atributos será a capa e a corda que vão ter mais importância nas dinâmicas devocionais. Não quer isto dizer que os demais signos não tenham a sua relevância no culto, mas, de facto, não surgem com especial importância na devoção. A coroa de espinhos, o cetro ou cana, a capa, a corda de manietar e o resplendor, que são de ouro no dia da festa, são elementos importantes para a iconografia da Imagem.

²⁵³ “A Igreja de São Mateus do Pico elevada à categoria de Santuário”, *Boletim Eclesiástico dos Açores*, 816 (1962) 48-49.

²⁵⁴ A. ESCUDEIRO, "Santuários", *Boletim Eclesiástico dos Açores* 838 (1987) 69.

A capa é o principal elemento que pode ser alterado de festa para festa, sendo a escolha do reitor do Santuário que vai determinar qual a capa que sai na festa. Estas foram oferecidas por devotos como forma de pedir uma graça ou do seu agradecimento. Em algumas capas foram ainda colocados objetos preciosos (brincos, pingentes, etc.), oferecidos ao longo dos tempos por devotos, como forma de embelezar e enriquecer o atributo.

O toque na Imagem é sempre o gesto que o devoto tende a realizar como forma de alcançar e o objeto da sua devoção e de lhe expressar um gesto de carinho com uma festa ou um beijo. Com o intuito de permitir a quem pretendesse tocar na Imagem o fizesse sem que esta corresse o risco de danos, a corda que manieta a Imagem, é suficiente grande para que fique abaixo do andor e assim, por meio da corda, o devoto toca na Imagem. Contudo, e enquanto a Imagem está no seu trono durante a festa, existe uma outra corda que, numa bandeja, está à entrada do presbitério da igreja para que possa ser tocada pelos fiéis. A corda surge assim como relíquia da Imagem em que o simples toque nesse objeto torna-se, para o devoto, um verdadeiro toque no Bom Jesus Milagroso.

b) A Peregrinação ao Bom Jesus

A peregrinação, ou romaria, é um dos gestos mais significativos do culto ao Senhor Bom Jesus Milagroso. É de vários pontos da ilha e de fora da ilha que muitos se colocam a caminho ao encontro do Santuário. A peregrinação a pé é, ainda hoje, um dos exercícios de piedade significativos. Ao longo da novena, a várias horas do dia, peregrinos individualmente ou em pequenos grupos partem rumo ao Santuário. No entanto, é especialmente à noite, após o horário laboral e as altas temperaturas aliadas à humidade, que a maioria parte. Caminham em oração e chegam ao Santuário, colocando

junto da Imagem as suas preces e ações de graças. Não se pode dizer que os peregrinos são de determinado estrato social e cultural, desta ou daquela idade. A Peregrinação é transversal a todos os estratos sociais e etários. Por causa dos peregrinos, o Santuário, durante a novena e a festa, apenas fecha as suas portas à meia-noite. Porém, se por acaso algum peregrino chega mais tarde e as portas estão fechadas ou chega ainda antes de abrir, é diante destas que faz as suas orações. Para o peregrino não há portas, ele sabe que o Bom Jesus ouve as suas preces. Na alocução de inauguração da exposição "Capas do Senhor Bom Jesus Milagroso", em agosto de 2012, Manuel Goulart Serpa, presbítero picoense em dispensa de ministério, lembra a dimensão religiosa da piedade popular em volta da devoção do Bom Jesus.

“O povo encontrou neste «religare» (ligar algo) ao Bom Jesus, o conforto, a segurança, o arrimo, a esperança traduzida na promessa no encontro, na gratidão.

Aquele olhar não engana. Se o procuram é porque há sempre uma resposta íntima, confidencial. Mas há. É o mistério da Vida!

De vida que, por mor do Bom Jesus, sofreu grandes mutações.

O povo acorreu de todos os lados. No velhinho porto de São Mateus aumentou, significativamente, o número de iates e chalupas transbordando gente de fé do Faial, São Jorge, Graciosa e Terceira. Milhares calcorrearam caminhos, veredas e atalhos para o ver. (Bom Jesus)”²⁵⁵

A Imagem e o seu culto têm a dimensão do “religar”, entre o ato privado e o comunitário e a sua ligação a Deus. A peregrinação, mesmo vivida em comunidade e em grupo, pressupõe a busca pessoal e o encontro pessoal com o Outro que é representado na Imagem e no lugar da comunidade, que é o Santuário. O peregrino parte em busca da segurança e apoio e fá-lo em gratidão.

Tem-se procurado, da parte do Santuário e de outras estruturas, haver o cuidado para que os peregrinos a pé possam fazer o caminho na maior segurança possível, seja por *spots* radiofónicos alertando os condutores, seja pelo apoio dos Bombeiros

²⁵⁵ Anexo 2.3., p. 314.

Voluntários da Madalena, seja pelo apoio de grupos de escuteiros, seja pelo acolhimento espiritual no Santuário sempre que algum peregrino necessite. Durante a festa, no dia 6 de agosto, há celebrações específicas para os peregrinos. As Missas matutinas são, por tradição, as Missas dos peregrinos. Tempos houve em que havia nesse dia 6 Missas para os peregrinos, cada uma destinada a peregrinos de determinada ilha ou ouvidoria do Pico.²⁵⁶ Hoje existem apenas duas.

Mesmo algumas das atividades não religiosas serviam de apoio aos peregrinos como forma de entretenimento: “Para entretenimento dos Romeiros que pernoitam nas cercanias do Santuário, haverá concertos musicais nos dias 5, 6 e 7 com início pelas 21 horas.”²⁵⁷

c) As pagelas e orações

Também as pagelas e outros objetos devocionais são oferecidos aos peregrinos. Estes são uma ajuda preciosa para encaminhar o peregrino numa sã devoção ao Bom Jesus. Além da fotografia da Imagem, as pagelas contêm orações e um dos hinos do Senhor Bom Jesus Milagroso. Estas orações e hinos merecerão uma cuidada atenção.

Uma das orações impressa em pagela, feita pelo Cardeal picoense D. José da Costa Nunes, diz o seguinte:

“Senhor, fazei chover abundantes graças sobre os homens, a fim de que eles vivam como irmãos, a fim de que os filhos pródigos regressem à casa paterna, a fim de que os transviados mudem de rumo, a fim de que as nações se voltem para Vós, para Vós o Cristo da Eucaristia, o Jesus bom e amorável, o Deus das infinitas misericórdias, o Rei do Amor e da Paz. Ó Bom Jesus! Acolhei as preces destes corações, que tanto Vos amam! Ouvi os nossos rogos! Atendei os nossos pedidos! Despachai as nossas súplicas! A nossa confiança não tem limites, e Vós, Senhor, afirmastes que, se disséssemos com fé aos montes que se mudassem, eles mudariam. A nossa oração sai-nos do fundo da alma, e Vós, Senhor, declaraste que quem pedisse receberia. E Vós, Senhor bom Jesus, nunca faltais à vossa palavra!”

²⁵⁶ Cf. Anexo 2.1.1., p. 306.

²⁵⁷ Anexo 2.1.2., p. 306.

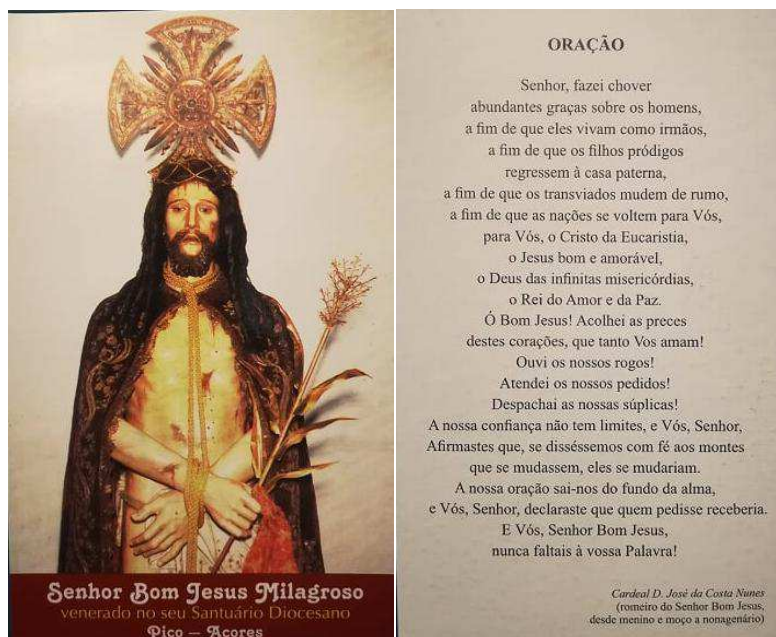


Imagem 13. Pagela do Senhor Bom Jesus Milagroso, oração D. José Costa Nunes (frente e verso).²⁵⁸

Esta oração começa com um apelo à conversão, como graça de Deus dada aos homens, não só aos homens enquanto pessoas singulares mas enquanto comunidade e nação. Mas este voltar “para Vós”, não é para uma mera imagem, mas para Jesus realmente presente na Eucaristia. A este propósito poderíamos referir a forma como um antigo reitor acolhia os peregrinos que lhe pediam para ver o Bom Jesus. Este primeiramente encaminhava-os para junto do sacrário e dizia: -Aqui está o Bom Jesus. Depois de breve oração levava o peregrino junto da Imagem e dizia: -Aqui está a Sua imagem. É nesta simplicidade, tal como na oração acima transcrita, que se procura ajudar os devotos do Bom Jesus a um encontro com Jesus Eucarístico, ele sim o verdadeiro Bom Jesus, sendo a sua efígie apenas uma imagem dele, mas não o próprio. Daqui se percebe que no Santuário do Bom Jesus, apesar de toda a envolvência cultural da Imagem, há a preocupação de evitar a idolatria, que, nestes casos pode estar perigosamente presente. Esta oração sendo, em consciência, proferida tantas vezes diante da Imagem do Bom Jesus, vai enumerar os principais atributos da Imagem, que é o mesmo que dizer, do momento redentor que ela representa: “Jesus Bom e amorável”.

²⁵⁸ Em referências seguintes esta pagela será identificada como: Pagela do Senhor Bom Jesus Milagroso, oração D. José Costa Nunes.

Na Sua Paixão, Jesus entrega-se por amor, é um ato supremo de bondade. Diante dos que o escarneciam e condenavam, Jesus mostra a sua bondade, indicando-nos também o caminho de acolhimento do outro, mesmo no seu pecado, como é próprio da bondade e do amor, em vez do rancor, do ódio e da vingança. Por esta expressão de bondade, torna-se um Jesus que apela ao nosso amor, como a oração indica, é objeto do nosso amor, temos a possibilidade de o amarmos. Nesse sentido da bondade e amor divino, a oração lembra que Jesus é Deus de misericórdia. Amor e misericórdia estão intimamente ligados, pois a misericórdia é a ação concreta do amor. O *Ecce Homo* é a apresentação de Jesus como rei, mas de um rei irrisório. Contemplar o Bom Jesus é ver mais do que aquilo que os soldados de Pilatos quiseram mostrar, é encontrar um verdadeiro Rei, cheio de amor e de paz. Como já observámos, apesar de todos os maus tratos infligidos a Jesus, este aparece-nos com a postura real, estando de pé, ao mesmo tempo transmitindo serenidade e paz, ao contrário do ódio ou da vingança. Após a contemplação e reconhecimento de quem é o Bom Jesus, o peregrino, por esta oração, dirige-se a ele pedindo acolhimento, por parte de Cristo, das suas preces. Isto numa confiança total de entrega nas mãos de Deus, reconhecendo a sua fidelidade.

Pormenor interessante, mas não desprezável, é a indicação existente junto ao nome do Cardeal D. José da Costa Nunes: “romeiro do Senhor Bom Jesus, desde menino e moço a nonagenário”.²⁵⁹ Com esta frase, aquele que se aproxima da Imagem, encontra uma nota de reforço da credibilidade da devoção ao Bom Jesus, por se tratar de um Cardeal e porque a devoção não é apenas para pessoas menos esclarecidas sob o ponto de vista escolar ou doutrinal. Qualquer um pode ser um verdadeiro devoto ao Bom Jesus. O Cardeal Costa Nunes não perdeu estas dimensões de religiosidade, na simplicidade de uma devoção popular, por ter estudado teologia e se ter tornado um

²⁵⁹ Pagela do Senhor Bom Jesus Milagroso, oração D. José Costa Nunes, imagem 13, p. 125.

Cardeal da Cúria Romana. Assim, este é um apelo a uma devoção esclarecida, mas também uma chamada de atenção àqueles que podem considerar uma devoção, como a do Bom Jesus, um ato de fé menos elucidado.

Uma outra oração, esta feita pelo então Bispo de Angra D. António Sousa Braga em 2012, diz:

«A quem iremos, Senhor: só Tu tens palavras de vida eterna»
 - Tu és o centro da história, a chave do nosso destino, o Rei do Universo.
 «A quem iremos, Senhor: só Tu tens palavras de vida eterna»
 - És o Mestre da humanidade, o nosso guia e modelo, o Bom Pastor, que nos conduz a pastagens verdejantes...
 «A quem iremos, Senhor: só Tu tens palavras de vida eterna»
 - Foi para nós que falastes, realizastes milagres e inauguraste um novo Reino, em que todos são irmãos...
 «A quem iremos, Senhor: só Tu tens palavras de vida eterna»
 - Foi por nós que nos destes a vida e estás presente e actuante nos sacramentos, nomeadamente na Eucaristia, em que continuas a dar a vida, para que tenhamos a vida com abundância.
 «A quem iremos, Senhor: só Tu tens palavras de vida eterna»
 Ámen!”

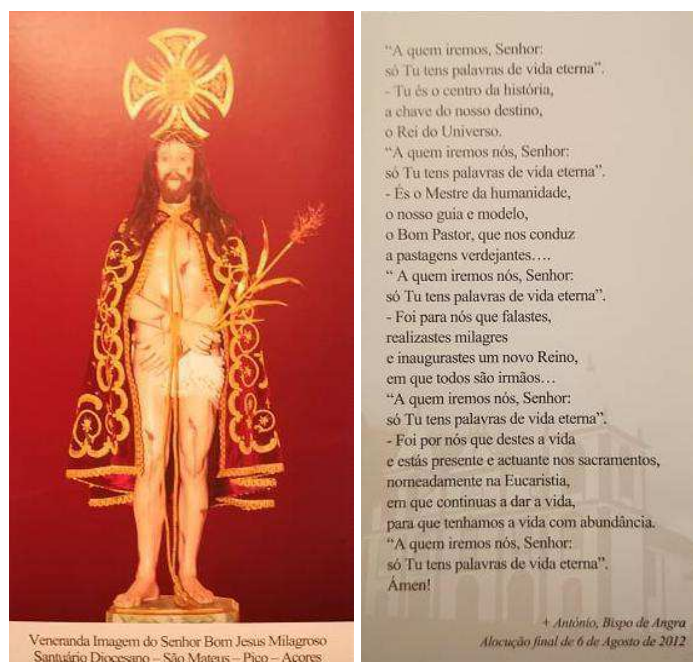


Imagem 14. Pagela Senhor Bom Jesus Milagroso, alocução D. António Braga (frente e verso).²⁶⁰

Esta oração, retirada da alocução que D. António fez no final da festa do Bom Jesus em 2012, altura da comemoração do tricinquentenário do culto do Senhor Bom

²⁶⁰ Em referências seguintes esta pagela será identificada como: Pagela Senhor Bom Jesus Milagroso, alocução D. António Braga.

Jesus Milagroso no Pico e do cinquentenário da elevação da igreja de São Mateus a Santuário, tem como mote a frase de São Pedro “A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna.”²⁶¹

O contexto evangélico em que surge o mote desta oração é um dos momentos mais radicais da relação de Jesus com os seus discípulos. Após o discurso do Pão da Vida, em que Jesus se mostra como verdadeiro alimento, afirma que a sua carne é verdadeiro alimento e o seu sangue verdadeira bebida de salvação, muitos dos discípulos se impressionaram e o deixaram, mais quando ele afirma que segui-lo não é uma mera ação da vontade individual, mas um chamamento maior que tem de ser respondido. Após o abandono de muitos dos que o acompanhavam, Jesus questiona os seus discípulos se também querem fazer o mesmo. Segui-lo, é pois um ato de liberdade. Aqui temos a resposta de Pedro que serve de mote à oração.²⁶²

A partir deste mote “A quem iremos, Senhor” a oração desenvolve-se num crescendo de relação do homem com Cristo, reconhecendo-o como verdadeiro Deus. Primeiramente no seu reconhecimento como Rei, Mestre e modelo universal, passando a um reconhecimento de maior intimidade como Bom Pastor, que dá alimento aos seus fiéis numa relação de intimidade. E a partir dessa relação de intimidade, ele fala, faz milagres e introduz-nos no seu Reino. A devoção ao Bom Jesus leva também o crente a tomar consciência de que é membro de uma comunidade que é o Reino de Deus, é parte do Povo de Deus. Por isso, o devoto tem de tomar consciência de que nesse reino “todos são irmãos”. Finalmente a oração mostra que a contemplação da Imagem do Bom Jesus é a contemplação da Paixão, é a contemplação de uma entrega de um amor incondicional por cada homem, entrega da própria vida. É vida que se continua a dar

²⁶¹ Jo 6, 68

²⁶² Cf. Jo 6, 44-69

pelos sacramentos e de uma forma especial na Eucaristia, onde ele é o verdadeiro Pão do Céu, onde dá a sua carne em alimento de vida eterna.

Também uma outra pagela contendo uma oração ao Bom Jesus Milagroso, diz o seguinte:

“1. Adorável Bom Jesus, que derramastes o Vosso sangue para nos salvar: estendei o Vosso olhar de misericórdia sobre o povo que Vos reconhece como Senhor.

2. Ouvi as súplicas que Vos dirigimos e socorrei-nos em nossas necessidades.

1. Vós, que sois a luz do mundo, aumentai a nossa fé para sempre nos guiarmos pela lei de Deus.

2. E concedei-nos uma ardente caridade para amar os nossos semelhantes.

1. Abençoi as nossas famílias: tornai-as piedosas, unidas e fecundas.

2. E fazei que nelas despertem vocações de consagração ao Vosso serviço.

1. Atraí os jovens ao vosso amor para singrarem na vida alegres, puros e generosos.

2. Velai pelas criancinhas, pelos idosos, e pelos emigrantes que longe trabalham.

1. Atendei, benigno, todos os que a Vós recorrem: dai perdão aos pecadores, pão aos que o não têm, coragem aos doentes e aflitos, e aos moribundos a esperança da vida eterna.

2. Amen.”

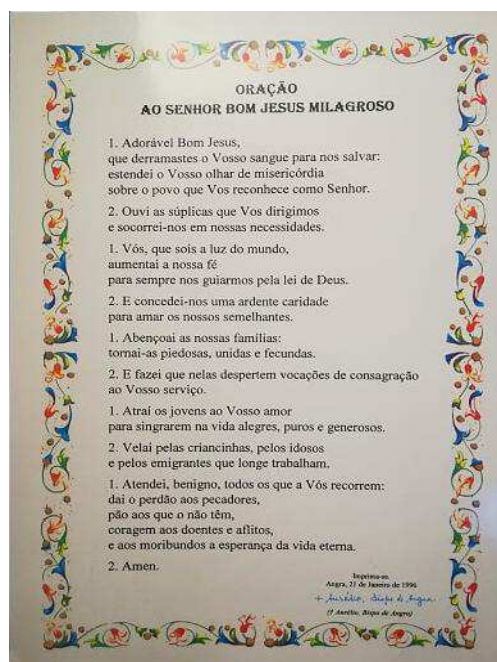


Imagem 15. Pagela preces ao Senhor Bom Jesus Milagroso.²⁶³

²⁶³ Em referências seguintes esta pagela será identificada como: Pagela preces ao Senhor Bom Jesus Milagroso.

Esta oração não tem na pagela a indicação do seu autor, contudo mostra-se profundamente teológica e com um grande sentido pastoral. Primeiramente, como outras orações, há um reconhecimento do Bom Jesus como Senhor, um Senhor de Misericórdia capaz de se compadecer e morrer pelos seus. Cristo morre, derrama o seu sangue para a salvação da humanidade. Na Imagem está prefigurado aquele que vai ser o derradeiro ato de amor de Jesus, que é a sua Morte.

Após este reconhecimento como Senhor, surgem as petições. Ao contrário das orações anteriormente apresentadas, esta pede por coisas concretas, por situações em que o peregrino e o devoto se podem identificar. Antes de mais o dom da fé e do desejo de seguir o caminho indicado por Jesus, mas também o dom da conversão e do amor pelos outros. Nela estão igualmente e explicitamente inseridas as famílias e as vocações, os jovens, as crianças, idosos e os emigrantes, e ainda os doentes, famintos, aflitos e moribundos. De uma maneira geral estão aqui elencadas as principais preocupações dos peregrinos e que os levam a dirigirem-se ao Santuário. Mas esta é também uma oração, não apenas dos devotos, como da própria Igreja. Ela, enquanto comunidade de fiéis, é chama a viver a mesma devoção através desta figura do *Ecce Homo*, pedindo por cada uma destas intenções, pois cada uma delas deve ser uma prioridade para a comunidade local e diocesana, tal como o é para os fiéis.

d) Os hinos do Bom Jesus

No que se refere aos hinos do Senhor Bom Jesus Milagroso, poderemos identificar dois hinos habitualmente usados nas celebrações e reconhecidos como "Hino do Bom Jesus". Poderemos ainda juntar a este um terceiro, não identificado como "Hino do Bom Jesus", mas como "Hino do Peregrino". Os dois primeiros são cantados em todas as celebrações da novena e da festa. Um primeiro hino, apenas cantado na sua

versão latina, antes da apresentação dos dons em todas as celebrações da novena e da festa, é o antigo hino de vésperas na festa litúrgica da Transfiguração do Senhor: *Quicumque Christum quaeritis*, atribuído a Aurelius Prudentius (séc. IV/V). Não foi, portanto, um hino composto ao Senhor Bom Jesus do Pico, mas uma apropriação de um hino já existente na liturgia, tendo em conta o dia litúrgico em que ocorre a festa do Bom Jesus. Foi no entanto musicado para o Bom Jesus Milagroso pelo Pe. Tomaz Borba (1867-1950). Uma vez que é apenas cantado em latim, este hino não é acompanhado pelos fiéis presentes e muito menos por eles percebido.



Imagem 16. Partitura original do hino *Quicumque Christum*, por Pe. Tomaz Borba.

Ao contrário do primeiro hino, o segundo é o mais participado por todos os devotos devido à língua vernácula:

“Viva ao Bom Jesus
Viva ao rei que nos remiu
Seu sangue divino
As portas de céu abriu

Salve Pai bondoso escutai
Nossos louvores
Recebei o nosso amor, o nosso amor
Salve Bom Jesus

Vossos sofrimentos
São penhor de salvação;
Daí que nossos hinos
Mostrem nossa gratidão

E que depois vamos
Ver-Vos no céu, ó Jesus
No reino da glória
Cercado da eterna luz”²⁶⁴

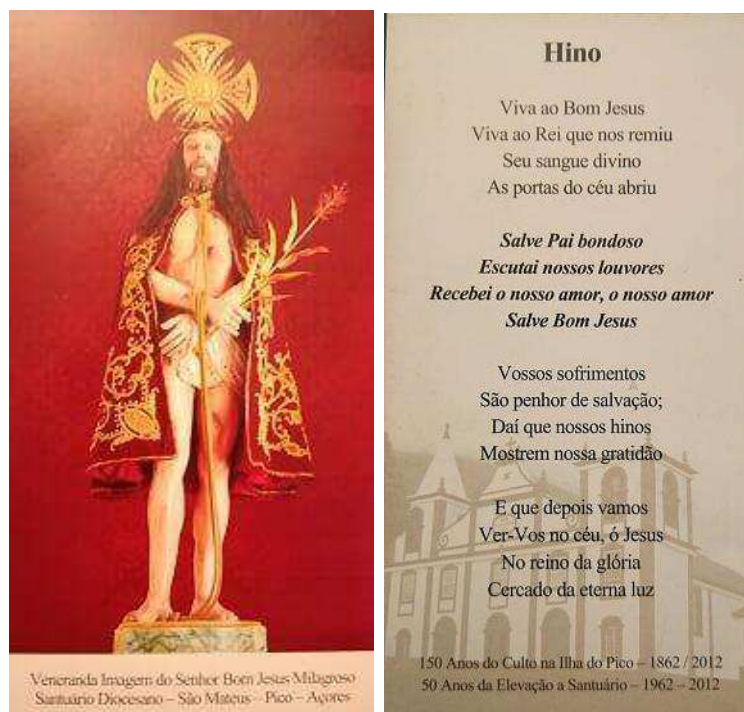


Imagem 17. Pagela com o hino português ao Senhor Bom Jesus Milagroso.

A letra deste hino, composta especificamente para o Bom Jesus do Pico, embora seja desconhecido o seu autor, é toda ela ligada à dimensão redentora da Paixão. O *Ecce Homo* é a apresentação de Cristo como rei, mas como escárnio. Porém contemplar o *Ecce Homo* é reconhecer Cristo como verdadeiro Rei capaz de derramar o seu sangue. É pela sua Paixão, pelo seu sangue, que se dá o momento da redenção e abre a possibilidade da eternidade. Na sua Paixão, ele abre as portas do céu. Marca importante é também a forte presença da gratidão do crente pelo ato redentor. O fiel canta em gratidão pelo sofrimento de Jesus, pois por ele, Cristo salva a humanidade. Reconhece-se então que o sofrimento é uma oblação e um ato salvífico. Todo este canto é um hino de louvor. Diante da Imagem do Bom Jesus, o *Ecce Homo*, vemos o paradoxo da fé: os

²⁶⁴ Também podemos encontrar este texto em D. GOULART, *O Bom Jesus Milagroso*, 89. Porém nesta publicação o verso “Dai que nossos hinos” não estará correto. Não será “Dai”, mas “Dai”, por isso foi privilegiada a referência à pagela publicada pelo Santuário em 2012.

soldados escarneceram-no como rei irrisório, o crente proclama-o como Rei divino; o que os olhos contemplam é o sofrimento de um homem; o que a fê canta é a salvação da humanidade; uma Imagem que nos mostra o fim de um homem destronado, mas que o fiel reconhece como Deus Rei da glória para onde o atrai e, na certeza da fê, sabe que receberá a eternidade. Este hino é, por isso, o reconhecimento de Cristo como homem verdadeiro e a proclamação de Cristo como Deus verdadeiro. Para além da letra, também a música que a acompanha é o reconhecimento de realza, pois ela é a adaptação de um trecho do Hino Pontifício. Desconhecendo-se o autor desta adaptação e o porquê da escolha desta peça musical, a sua utilização, para este hino do Bom Jesus do Pico, confere-lhe uma dimensão majestosa e solene. O refrão pode suscitar algumas questões se não se tiver em conta que estamos diante de um texto de inspiração popular.

Vejamos:

Salve Pai bondoso
Escutai nossos louvores
Recebei o nosso amor, o nosso amor
Salve Bom Jesus

Segundo a investigadora Débora Goulart, esta versão é já uma retificação, pois teria tido uma primeira versão cujo último verso seria “Salvé, Pai do Céu!”, em vez de “Salve, Bom Jesus”²⁶⁵. Todo este hino é dirigido à Pessoa Divina do Filho, contudo, especialmente na versão antes da retificação, pareceria que o refrão se dirigia não ao Filho, mas à Pessoa Divina do Pai. Se dentro da própria estrofe isso pudesse fazer sentido e ter coerência, tal não acontecia no contexto de todo o hino. Aliás traria ainda mais controvérsia. Talvez por isso mesmo se tivesse feito a alteração referida. Contudo, a incongruência mantêm-se. O primeiro verso do refrão saúda o Pai e no último verso é saudado o Bom Jesus. Assim sendo, a quem se refere a estrofe do refrão, ao Pai, ou ao Filho? Creio que toda ela se destina à Pessoa Divina do Filho. Apesar de lhe chamar de

²⁶⁵ D. GOULART, *O Bom Jesus Milagroso*, 89

Pai, é ao Filho que se dirige. O mesmo acontece em outras orações de cariz popular em que o Filho é invocado de Pai, concretamente numa das jaculatórias dedicadas ao Bom Jesus e que ainda hoje são cantadas no novenário:

Pelas Vossas cinco chagas
Vos peço meu Deus formoso
Para este povo a paz
Já que sois Pai amoroso.²⁶⁶

O Pe. Júlio da Rosa vai como que interpretar esta expressão “Pai amoroso” dirigida ao Filho, por esta devoção ao Bom Jesus ter proporcionado um grande desenvolvimento à freguesia de S. Mateus. Há a consciência de que o Bom Jesus é a Pessoa Divina do Filho, mas por cuidar e estimar as pessoas da freguesia surge como alguém que tem para elas um paternal cuidado e estima.

“Enfim, a freguesia chegou a pensar que tinha no Bom Jesus um Pai Bondoso, donde lhe vinha tudo ou quase tudo. (...) Contudo, também reconheciam o bem que lhes vinha da promoção do Culto do Bom Jesus, e com Ele partilhavam a primeira soldada da pesca à baleia, quando o porto era o grande centro da faina baleeira.”²⁶⁷

Para além desta interpretação de paternal cuidado e estima atribuídos ao Bom Jesus, chamar Pai ao Filho surge como um reconhecimento de Jesus como Deus, com o Pai e o Espírito Santo. É reconhecer a presença da Trindade em cada uma das Pessoas Divinas. Assim, poderíamos dizer que a intuição popular ao chamar Pai ao Filho é querer reconhecer a Jesus como Deus, tal como o Pai, no mesmo grau e na mesma natureza. Não se pode ler nestas expressões uma intenção de dizer que o Pai e o Filho são a mesma Pessoa, mas sim que são o mesmo Deus. Na verdade, em vez da palavra Pai, poderia surgir a palavra Deus. Se assim fosse, deixaria de existir esta eventual controvérsia. Deste modo, as referidas estrofes poderiam ficar da seguinte forma, sem

²⁶⁶ D. GOULART, *O bom Jesus Milagroso*, 88.

²⁶⁷ J. ROSA, *Senhor Bom Jesus de São Mateus, 150 de Culto: Devoção e incidências históricas 1862-2012*, Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus Milagroso do Pico, S. Mateus, 2012, 64.

em nada alterar o seu sentido, ou mesmo a métrica da frase, mas tornando mais clara e correta a sua interpretação:

Salve *Deus* bondoso
Escutai nossos louvores
Recebei o nosso amor, o nosso amor
Salve Bom Jesus.

Pelas Vossas cinco chagas
Vos peço meu Deus formoso
Para este povo a paz
Já que sois *Deus* amoroso.

3.1.7. O Bom Jesus e a sua festa anual

No Santuário, a Imagem do Senhor Bom Jesus Milagroso é venerada em altar lateral próprio, sendo trasladada para um trono colocado no presbitério pela ocasião da festa, que se realiza todos os anos no dia 6 de agosto, dia da Transfiguração do Senhor. Não existe nenhuma irmandade ou confraria ligada ao Senhor Bom Jesus, pelo que as festas estão totalmente ao encargo do Santuário e da comunidade paroquial de São Mateus, sendo esta a verdadeira promotora da festa.

O dia da festa é precedido de uma novena que começa a 27 de julho. Neste dia, o primeiro do novenário, realiza-se às 19.30h a “Solene Trasladação da Veneranda Imagem do Senhor Bom Jesus Milagroso pelo exterior da Igreja para o seu trono do Santuário.”²⁶⁸ Esta novena consiste num tempo de adoração eucarística, que começa pelas 18.30h, com a disponibilidade de presbíteros para atender de confissão. Às 19.30h celebra-se a Eucaristia presidida por um padre convidado pelo reitor do Santuário em vista a orientar a pregação da Eucaristia nesses nove dias. Paralelamente ao programa religioso, especialmente nos dias que antecedem a festa, há um conjunto de atividades e programação cívica, algumas não dependendo diretamente do Santuário, e que podem ir

²⁶⁸ Anexo 2.1.3., p. 307.

de regatas de botes baleeiros, a apresentação de livros, peças de teatro, concertos de música,²⁶⁹ passando por exposições de arte, arrematação de gado e “Folga de Chamarritas abrilhantada pelo Grupo Folclórico”.²⁷⁰ Também parte importante da parte civil das festas é a existência de concertos de bandas filarmónicas da ilha do Pico e de outras ilhas, em detrimento de outros tipos de conjuntos musicais, num intuito de preservar a cultura da banda filarmónica e da genuína cultura local.

No dia 5, véspera do dia da festa, a Imagem muda o seu manto. Esta mudança, feita após as portas fecharem à meia-noite, é realizada apenas por homens que, com luvas, colocam a capa que irá ficar por cima da capa que vai ser retirada e só então é retirada a capa que estava anteriormente. Desta forma nunca as costas da Imagem ficam a descoberto. Mais que um gesto de superstição, o de não se ver as costas da Imagem, é um gesto de veneração e respeito. Esta mudança de capa é feita em clima de silêncio, as senhoras que preparam as flores param os seus trabalhos e todos os que não estão envolvidos no ato da mudança de capa assistem com profundo silêncio de respeito e oração. Aquele que poderia ser um gesto banal de preparação de uma festa, reveste-se de uma simples solenidade. Em nada este momento é orientado por qualquer membro da hierarquia eclesial, sendo um momento de veneração e de expressão de devoção de uma comunidade, na sua simplicidade. As próprias capas usadas pela Imagem são expressão da devoção pelo Bom Jesus. Elas são ofertas de peregrinos e devotos. Uma das capas, a usada no tricentenário do culto no Pico, acolhe também outras ofertas dadas ao Bom Jesus, tendo sido aplicados anéis, brincos, etc. a embelezar a capa.

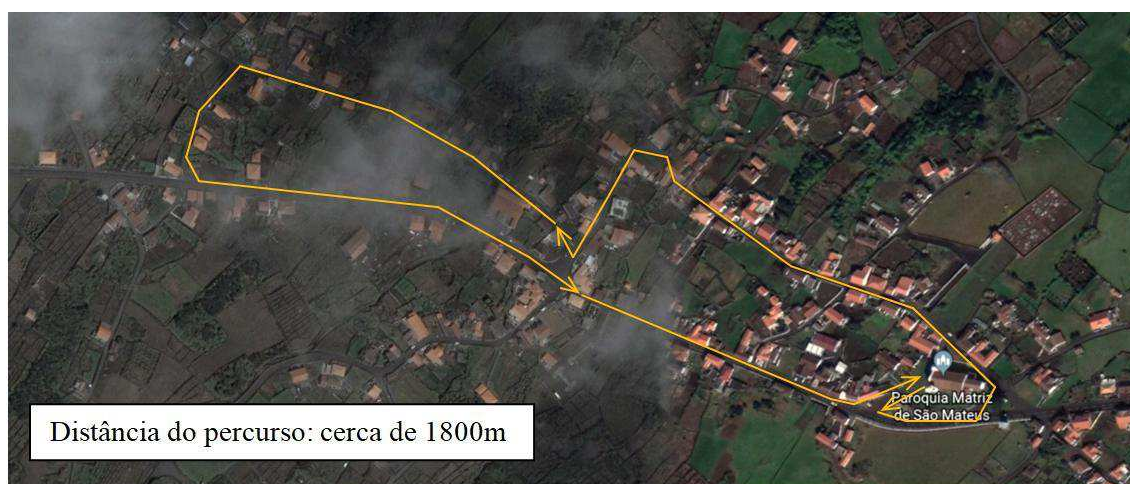
No dia da festa há vários momentos de celebração da Eucaristia e do sacramento da reconciliação. De manhã, às 9h, há a primeira Missa e a segunda às 11h. Entre estas há um primeiro momento de atendimento de confissão. Salienta-se que, nos últimos

²⁶⁹ Cf. Anexo 2.1.3., p. 307.

²⁷⁰ Anexo 2.1.3., p. 307.

anos, tem sido habitual ser o Ouvidor da Horta a presidir a esta segunda Missa. Deste modo ficam vincadas a importância e ligação entre as duas ilhas e a relação das gentes do Faial ao Bom Jesus do Pico, revelando, também desta forma, que esta é uma devoção não apenas da comunidade de São Mateus. À tarde, entre as 14.30h e as 15.30h, há novo momento de confissões.

Finalmente, às 16h acontece a “Solene Concelebração Eucarística”²⁷¹ seguida da procissão pelas ruas da freguesia de São Mateus. A Missa e a procissão são presididas pelo bispo da diocese ou por outro bispo convidado pelo prelado diocesano.



Mapa 1. Percurso da procissão do Bom Jesus Milagroso²⁷²

A procissão sai do Santuário após a Eucaristia e segue com o guião abrindo o caminho, seguindo atrás os devotos com as suas promessas. Estes vão sendo intercalados com andores de santos existentes no Santuário, bandas filarmónicas, irmandades e movimentos eclesiais com os respetivos estandartes, sendo o último andor o do Senhor Bom Jesus que é antecedido por crianças vestidas de anjinho e pelos estudantes com o seu traje académico. Seguidamente integram-se na procissão os acólitos, os diáconos e sacerdotes e o bispo que preside à festa transportando o Santo Lenho debaixo do pálio. A procissão é rematada pelas autoridades civis, militares e de

²⁷¹ Anexo 2.1.3., p. 307.

²⁷² Imagem de GoogleMaps transferida a 16-4-2019: <https://www.google.com/maps/@38.4329117,-28.4531592,616m/data=!3m1!1e3?hl=pt-PT>

segurança e por mais duas bandas filarmónicas. Ao contrário do que é habitual em outros lugares, mormente no continente, ninguém acompanha a procissão atrás, todos integram a procissão em duas alas tornando esta uma procissão extensa no seu comprimento, justificando deste modo o grande número de bandas filarmónicas. De notar que as bandas filarmónicas, oriundas de outras freguesias da ilha e das outras ilhas, incorporam a procissão duas a duas permitindo a que uma descanse enquanto outra toca e, deste modo, não há em todo o tempo da procissão tempos de pausa musical.

Ao finalizar a procissão, a Imagem do Senhor Bom Jesus é colocada no topo da escadaria de acesso ao adro do Santuário. As bandas alinham-se diante da Imagem e cada uma das bandas, que podem chegar ao número de 15, toca o Hino do Bom Jesus. Após isto, o pregador da novena faz uma última alocução para, dessa forma, rematar a procissão e a parte litúrgica do dia da festa.

A presença episcopal na festa do Bom Jesus foi reforçada em meados do séc. XX, pela existência de vários bispos originários da ilha do Pico e que, gozando de tempo de descanso em agosto, procuravam também participar nas festas do Bom Jesus. Dessa altura encontramos D. Jaime Garcia Goulart, bispo de Díli; Cardeal D. José da Costa Nunes, Bispo de Macau, Arcebispo de Goa e Damão, Patriarca das Índias Orientais; D. José Vieira Albernaz, Bispo de Cochim, Arcebispo de Goa e Damão, Patriarca das Índias Orientais; D. José Pedro da Silva, Auxiliar de Lisboa, Bispo de Viseu²⁷³; mais tarde, D. Arquimínio Rodrigues da Costa, último Bispo português de Macau e oriundo de São Mateus. Esta quantidade de bispos oriundos do Pico, sendo todos contemporâneos, fez que o Pico fosse apelidado de “Vaticano dos Açores”, pois no verão era frequente todos aqui se encontrarem.²⁷⁴

²⁷³ D. José Pedro da Silva não era oriundo da ilha do Pico, mas de São Jorge. Contudo tinha casa de férias na ilha do Pico.

²⁷⁴ Em nota de curiosidade, no Concílio do Vaticano II estiveram 7 bispos oriundos dos Açores, embora exercendo o seu ministério em diferentes partes do globo.

A presença de Bispos nas festas do Bom Jesus ajudou a que estas fossem mais valorizadas na sua forma cerimonial, mas também na sua projeção como festas de relevo no panorama açoriano. De igual forma, a comunidade local ao habituar-se à presença de bispos nas festas do Bom Jesus, vai como que exigindo que tal se mantenha. Hoje, é minimamente clara a importância destas festas, até como Santuário Diocesano e da presença do Bispo diocesano, ou outro bispo por ele convidado.

No quadro seguinte, realizado a partir dos cartazes da festa afixados no salão paroquial de São Mateus, poderemos observar os bispos que presidiram em cada ano, a temática da festa nesse ano, bem como alguma particularidade de relevo. Para esta grelha usou-se o universo temporal do pontificado de D. António Sousa Braga e o primeiro ano do pontificado de D. João Lavrador:

Ano	Presidência	Tema	Observações
1996	D. Maurílio de Gouveia. Arcebispo Évora	Festa do Único de quem todos precisam	
1997	D. António Sousa, Bispo de Angra	Jesus Cristo único Salvador do mundo, ontem, hoje e sempre	Ano do Filho
1998	Aurélio Granada Escudeiro, Bispo Emérito de Angra	Jesus enviou o Espírito Santo como primeiro dom aos que Nele creem	Ano do Espírito Santo
1999	D. Jacinto Botelho, Bispo Auxiliar de Braga, Presidente da Comissão Nacional para a Celebração do Jubileu do Ano 2000	Este é o Meu Filho muito amado, escutai-O,	Ano do Pai
2000	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra	Grande jubileu da Encarnação, Cristo ontem, hoje e sempre	Jubileu da Encarnação
2001	D. Albino Cleto, bispo de Coimbra	Cristo, “Porta viva” do novo milénio	
2002	D. Amândio Tomás, Bispo Auxiliar de Évora	Escutai-o!...	Triénio Diocesano da Palavra
2003	D. Gilberto Canavarro Reis, Bispo de Setúbal	Contemplar o “rosto” de Cristo com Maria	

2004	D. José Saraiva Martins, cardeal prefeito da Congregação para a Causa dos Santos	Alegra-te e louva o Senhor que te salvou	
2005	D. Manuel Clemente Bispo Auxiliar de Lisboa	A Eucaristia, coração da vida Cristã e fonte da missão evangelizadora da Igreja...	Ano da Eucaristia
2006	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra	Contemplar Jesus na sua condição de homem-Deus	
2007	D. Albino Cleto, Bispo de Coimbra	O Bom Jesus, fonte onde bebemos a vida	
2008	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra	Caminhando com S. Paulo em seu Jubileu no seguimento do Bom Jesus	Ano Paulino
2009	D. Antonino Dias, bispo de Portalegre-Castelo Branco	No ano sacerdotal em memória do Santo Cura d'Ars S. João Maria Vianney	Ano Sacerdotal
2010	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra	O bom Jesus sinal do amor do Pai	
2011	D. Manuel Pelino Domingues, Bispo de Santarém	Enraizados em Cristo firmes na Fé	Tema da JMJ em Madrid
2012	D. António Vitalino Dantas, Bispo de Beja	Festas jubilares tricinquentenário do culto na ilha do Pico e cinquentenário da elevação a Santuário	
2013	D. João Lavrador, Bispo Auxiliar do Porto	Sei em quem acreditei	Ano da fé
2014	D. António Moiteiro Ramos, Bispo Eleito de Aveiro	O bom Jesus é o centro da alegria do Evangelho	Ano da publicação da Exortação Apostólica <i>A Alegria do Evangelho</i>
2015	D. Ildo Fortes, Bispo de Mindelo - Cabo Verde	A alegria do reencontro com o Senhor	
2016	D. João Lavrador, Bispo de Angra	O Bom Jesus é o rosto da Misericórdia do Pai	Ano da Misericórdia

Quadro 2. Presidências e temas da festa do Bom Jesus Milagroso

Através desta grelha podemos observar que a escolha da temática para a festa em cada ano, está normalmente ligada à vivência da Igreja Universal, ou Diocesana, para aquele ano. Há, pois, a preocupação de que a vivência da espiritualidade emanada do Santuário por ocasião da festa seja uma participação na vida de toda a Igreja. Não um

isolamento, mas uma abertura. Também a escolha dos presidentes das celebrações recai, em algumas situações, sobre bispos que possam estar mais ligados à temática. Como construção do tema, está sempre a centralidade de Cristo. Esta é uma festa plenamente crística.

A festa termina no dia 7 com Missa e transladação da Imagem do “trono” para o seu altar ao fim da tarde.

3.2. Senhor Santo Cristo dos Milagres

Esta é aquela que poderemos dizer tratar-se da principal devoção identitária da cultura açoriana a par com a devoção ao Divino Espírito Santo. Esta devoção secular na ilha de S. Miguel tem como motor impulsionador uma freira clarissa do Convento da Esperança em Ponta Delgada, no final do séc. XVII e inícios do séc. XVIII.

3.2.1. Madre Teresa da Anunciada, a "freira do Santo Cristo"

Nascida em novembro de 1658, em Ribeira Seca da Ribeira Grande, ilha de São Miguel, Teresa foi a mais nova de 13 filhos. Dos seus irmãos, um irmão e uma irmã seguiram igualmente a vida religiosa na Ordem Franciscana e Clarissa respetivamente. Criada no seio de uma família muito piedosa, Teresa vai beber toda essa influência familiar, potenciando-a. Também a existência de um convento franciscano e do Convento de Jesus²⁷⁵ de freiras clarissas vai despoletar em Teresa o desejo de ingressar neste último convento. Teresa cedo vai demonstrando atos de penitência e de mortificação, acompanhados de discrição e recato:

²⁷⁵ O convento de Jesus foi demolido no final do séc. XIX, tendo a sua fachada sido reutilizada na Igreja de S. Pedro da Ribeira Seca, terra de Teresa da Anunciada: “As demolições começaram pouco tempo depois de arrematada a propriedade, A frontaria da igreja foi cedida para a Ribeira Seca e é hoje a igreja de São Pedro daquela freguesia, excepto a torre. O púlpito também para ali foi levado.” E. M. SILVA, *O Convento de Jesus da vila da Ribeira Grande*, Tip. Do Correio dos Açores, Ponta Delgada, 1949, 12; Cf. M. MOURA, *A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse*, Publiçor, Ponta Delgada, 2010, 40-41.

“Também foi muito amiga de andar enfeitada, não a mau título, nem por loucura, ou vaidade (ao que era a seu parecer) mas dizia consigo quem me dera a mim andar por dentro bem forrada, e de fora que pareça o que sou vai pouco, assim no tempo em que se enfeitava trazia um cilício de ferro consigo, por ser mais delicado, e não ser nela conhecido que usava dele, o qual cilício furtava a uma irmã por nome Joana de Santo António”.²⁷⁶

Para a jovem Teresa o adornar-se não era um ato de vaidade exterior mas de desejo pela riqueza de coração, ao mesmo tempo que servia para esconder a mortificação que se infligia. Procurou aprender a ler para poder ler as *Meditações de Santa Brígida*, porém, dificuldades surgiram e não teve quem a ensinasse, aprendendo apenas alguns rudimentos. Contudo, isso não levou a que Teresa perdesse a determinação em ler as *Meditações de Santa Brígida*:

“mas com notabilíssima pena de não poder ler o livrinho das *Meditações de Santa Brígida*, a que era afeiçoada, e assim tomava tempo para soletrar, e ajuntar as letras o melhor que podia, nesta desconsolação pedia ao Senhor quisesse dignar-se ser seu Mestre para que soubesse ler sequer aquele livrinho para o rezar todos os dias”²⁷⁷

A obra *Meditações de Santa Brígida* é um conjunto de 15 orações feitas por Santa Brígida da Suécia (séc. XIV), que meditam no sofrimento da Paixão de Jesus nos seus diferentes momentos e elementos. Estas meditações serão determinantes para a formação espiritual de Teresa da Anunciada.

Outro elemento importante, e que também ele vai ser determinante, é a devoção que Teresa tem à imagem de Jesus preso à coluna, ou Bom Jesus dos Terceiros²⁷⁸, existente no Convento de Jesus da Ribeira Grande. Esta imagem, hoje conhecida como Senhor Santo Cristo dos Terceiros, encontra-se no Altar dos Terceiros da igreja do antigo Convento de São Francisco da Ribeira Grande, atualmente pertencente ao Centro de Saúde daquela cidade. Ora, esta profunda marca da espiritualidade franciscana em torno da Paixão de Jesus, aliada ao devocionário de Santa Brígida e à imagem do Bom

²⁷⁶ VSD, 3.

²⁷⁷ VSD, 4.

²⁷⁸ Cf. VSD, 12.

Jesus do Terceiros, vai criar todo o clima para que Teresa, ao ingressar no Convento da Esperança na cidade de Ponta Delgada em 1681,²⁷⁹ fosse projetar numa antiga imagem do *Ecce Homo*, existente naquele Convento, toda a sua devoção e dedicação. De tal forma, que, mesmo contra vontade inicial da Madre do Convento, essa devoção se espalhou para fora do próprio convento. Teresa da Anunciada, tudo faz para que o “seu Fidalgo”, como tantas vezes tratava a Cristo, tivesse, através da sua imagem, um local digno onde permanecer. Para tal, conseguiu que se alterasse o local da imagem no coro baixo da capela do convento, para uma nova capela própria junto ao mesmo coro baixo. Todo o seu extremoso cuidado para com a Imagem do Santo Cristo e o seu culto valeu-lhe a apelidação de “Freira do Santo Cristo”, sem com isso deixar de ser reconhecida pelas suas virtudes de fé e caridade.

“Primeira testemunha, madre Hieronyma do Sacramento, Abadessa do Mosteiro da Esperança. Testemunho ouvido por Padre Frei António Xavier, comissário delegado, a 16-8-1740

Disse conhecer a Madre Thereza da Annunciada, e tivera com ella comunicação, e sempre nella observava sua vida em tudo religiosa, e exemplar; sendo em tudo, o que despertava ao serviço de Deos a mais empenhada, e com especialidade no culto, e veneração da Sacrosanta Image do Ecce Homo que no coro de baycho deste Mosteyro se venera, ao qual edificou a sua devoção hà sumptuosa Capella, q enriqueceo com joias, e lampadários preciosos, gastando para este effeyto aquellas cousas, q a comunidade lhe dava para seo sustento, com esmolas, q a piedade católica offerecia áquella sancta Image.”²⁸⁰

“Segunda testemunha, Madre Francisca de Sancto Ignacio

Disse, q ella testemunha conhecer a Madre Thereza da Anunciada Religioza professa neste sobredito Mosteyro, em todo o tempo, q com ella viveo, a observou Religioza exemplar, virtuoza, e em tudo observante das obrigações de seo estado, especializando se a sua devoção no Culto, e venera da SacroSancta Imagem do Ecce Homo, àqual a custa de muytas pennalidades, e contradições edificou a sua devoção nà Capella, assim das esmollas, q ofertas offerecia a piedade Católica, como tambe da quelle subsidio annual, q a Religiam lhe dava para seo sustento: disse mais, q respondecem nesta Religioza muytas virtudes, era na virtude da fee a mais viva.”²⁸¹

²⁷⁹ Cf. D. SÁ, *Peregrinos do Senhor Santo Cristo dos Milagres*, Paulus, Lisboa, 2009, 29.

²⁸⁰ A.XAVIER, *Processo e inquirição de santidade e milagres da Madre Teresa da Anunciada*, [s/e], [s/l], 1746, folha 4.

²⁸¹ A. XAVIER, *Processo e inquirição de santidade*, folha 4v.

“Manoel de Sousa por alcunha o Pico servo das religiosas deste mosteyro da Esperança

Disse conhecer a Madre Thereza da Anunciada Religiosa professa neste mosteyro a quem vulgar chamavam a Freira do St Christo...”²⁸²

É a própria Teresa da Anunciada, que entrou já adulta na Ordem das Clarissas, que tem o cuidado de relatar todos os acontecimentos da sua vida e, especialmente, no que se refere à devoção, cuidado, culto e milagres da Imagem do Santo Cristo. Quer isto dizer que a transmissão da devoção ao Santo Cristo não só nos chega pela transmissão de gerações de devotos, mas pode ser dada em primeira pessoa. Tudo isto é reconhecido no próprio livro de Óbitos do Convento da Esperança:

“Em dezaseis de mayo de 1738 as seis horas da manhã faleceo a M^e Thereza da Annunçiada filha de Heronimo Ledo Paiva e de D. M^a. do Rego Naturais e moradores na villa da R^a. Gr^{de}. de idade de oitenta anos mais ou menos por nao haver noticia çerta já entrou na Religião em idade cresida e m^{to}. mais nas virtudes em que sempre presevere e logo nos primos annos de Religiosa tomou per sua conta a milagrosa Imagem do S^{to}. Christo ecce homo do coro de baixo que estava com pouco asseio e o fez com a desença que oje esta em a sua capella tudo feito com m^{tas}. esmollas que adquiria o mesmo S.N com as m^{tas}. maravilhas que obrava com enfermos com todas tribulasoeñs com que recorião aesta miraculosa Imagem pelas oracaoeñs de sua serva como mais claram^{te}. se nesa noticeo da sua vida e milagres do S^{to}. Christo que deixou escrito por sua mão”²⁸³



Imagem 18. Imagem da Madre Teresa junto ao Convento da Esperança.²⁸⁴

²⁸² A. XAVIER, *Processo e inquirição de santidade*, folha 48.

²⁸³ *Livro Quinto dos Óbitos 1701-1923*, folha 13v.

²⁸⁴ Fotografia de Luís Leal.

Teresa morre, como vimos, aos 80 anos e com fama de santidade. Tendo morrido a 16 de maio de 1738, é passado pouco tempo que são ordenadas as inquirições e testemunhos sobre as virtudes de Teresa da Anunciada por parte da Diocese de Angra e por parte da Província Franciscana de quem as Clarissas dependiam. Nesses autos são ouvidas todas as freiras, noviças e pupilas que então estavam no Convento da Esperança, bem como todos os empregados e serviçais do Convento e pessoas que pudessem ter tido algum contacto ou testemunho de Madre Teresa da Anunciada. No próprio velório, o reconhecimento de santidade levou a que algumas pessoas desejassem obter alguma relíquia da “Freira do Santo Cristo”.

“athe que foi p^a. a sepultura tudo que era de seu uso se repartio p^a. consolação do povo que acodiao aprocurar reliquias suas e tocar contas e agoa em que Deus obrou algumas maravilhas”²⁸⁵

Será pois interessante vermos como esta devoção particular se torna uma devoção comunitária e como aquela que impulsiona a devoção se torna, ela própria, motivo de devoção. Em capítulo posterior tentaremos abordar mais esta temática, mesmo em comparação com a situação diferente que é a devoção ao Bom Jesus do Pico e o seu impulsionador Francisco Goulart.

3.2.2. A Imagem do Senhor Santo Cristo: genealogia e percursos

A Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres está envolvida em alguma discussão quanto à sua origem e como chegou até à ilha de S. Miguel. Não se pretende neste estudo que essa questão seja ultrapassada. Contudo, será importante fazermos um breve percurso sobre a sua origem e história.

A versão mais conhecida é de que a Imagem foi uma oferta do Papa a duas religiosas que em Roma lhe foram pedir para erigir o Mosteiro em Vale de Cabaços,

²⁸⁵ *Livro Quinto dos Óbitos*, folha 13v.

hoje lugar da Caloura. O Papa “movido das virtudes e santos exemplos não só lhes concedera a Bula, mas também as enriquecera com o precioso donativo desta Santa Imagem.”²⁸⁶ Uma outra versão liga esta dádiva à frequente alusão de achamentos de imagens de grande veneração junto da costa, lembremos a imagem do Bom Jesus da Pedra de Vila Franca do Campo ou do Bom Jesus de Iguape, ou o Santo Cristo da Praia do Almoxarife. O barco que regressava de Roma com as religiosas e a Imagem teria naufragado e a Imagem dado à costa de Vale de Cabaços e por essa razão aí se construiu o convento.²⁸⁷ Qualquer uma destas versões merece as nossas reservas, porém, é provável que tenha estado de facto no Convento de Nossa Senhora da Conceição de Vale de Cabaços e que, com o abandono deste, devido à sua exposição aos corsários, tenha sido levada para o Convento de Nossa Senhora da Esperança, em Ponta Delgada.²⁸⁸



Imagem 19. Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.²⁸⁹

²⁸⁶ J. CLEMENTE, *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada escrita e dedicada ao Senhor Santo Cristo dos Milagres com a invocação do Ecce Homo*, [s/e], Ponta Delgada, 2002, 109.

²⁸⁷ Cf. D. SÁ, *Peregrinos do Senhor Santo Cristo*, 19.

²⁸⁸ Cf. J. CLEMENTE, *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, 109. Gaspar Frutuoso (século XVI), nas suas crónicas *Saudades da Terra*, descreve longamente a escolha do local, a criação do Convento de Vale de Cabaços (Caloura) e da sua extinção e distribuição das religiosas por diferentes conventos de São Miguel, entre eles o Convento da Esperança de Ponta Delgada. Durante a sua descrição nunca faz qualquer referência à Imagem do Senhor Santo Cristo. Cf. G. FRUTUOSO, *Saudades da terra, livro 4*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 2011, 302-306.

²⁸⁹ Fotografia de Luís Leal.

Certo é que a Imagem do Santo Cristo é um *Ecce Homo*, não de corpo inteiro mas de meio corpo. É uma imagem de madeira policromada e de cendal estofado, que foi custódia para a exposição do Santíssimo Sacramento (e não sacrário como comumente é referenciado). Assim, no seu peito tem uma abertura que servia para colocar o Santíssimo para a veneração. Atualmente essa abertura está tapada por um medalhão contendo a relíquia da Santa Cruz, o Santo Lenho, mandado fazer por Madre Teresa da Anunciada em forma de substituição dos registos que ali eram colocadas para tapar o buraco.

“Tínhamos no coro de baixo uma imagem do Ecce Homo muito milagrosa, e como antigamente servira de custódia puzeram-lhe na abertura do peito, que era lugar da hóstia, um registo, vindo ela à grade da Igreja, vendo a imagem pedia-lhe encarecidamente lhe trocasse aquele registo por outro que trazia, e com facilidade e fez por ser troca, porque de outra sorte o não fizera, levou-o ela com grande veneração, e vindo outra vez à mesma grade de onde o senhor se via lhe disse, minha irmã, aquele Senhor é milagroso, porque o registo que levei, tem obrado muitos milagres em santo André, e é grande dor estar aqui às escuras como na loja de Pilatos;”²⁹⁰

“sei que já disse como o Santo Cristo esteve depositado desde que deixou de servir de custódia, donde obrou o milagre das peras de oiro e como daí o trouxeram para um altar bem pobrinho para o coro de baixo, ficou a igreja da Senhora assim pobre,”²⁹¹

Esta “igreja da Senhora” é a ermida da Senhora da Paz existente na cerca do Convento da Esperança. Daqui se depreende que quando a imagem perdeu a sua função de custódia para expor o Santíssimo, foi colocada numa capela secundária do convento, só saindo de lá após o dito milagre do furto das peras douradas. É após este acontecimento que, por cuidado com a Imagem e seu sentido milagroso, houve alguma preocupação em dar um lugar mais digno e assim a mesma foi levada para o coro baixo da igreja conventual e foi já nesse lugar que Teresa da Anunciada a encontra.

“veio o Padre Mestre não muito contente, parecia constrangido: chamou que viessem as religiosas que houvessem dar notícias aos milagres começar as mais antigas a referir o primeiro prodígio que o Senhor obrara em Nossa

²⁹⁰ VSD, 33-34.

²⁹¹ VSD, 116.

Senhora da Paz quando entraram três ladrões a furtaram as peras doiradas que estavam em o altar da Senhora cuidando eram do próprio oiro, em chegando à porta da ermida, que estava no fim da cerca do convento, acharam o Senhor tirado do altar posto em meio da porta aberta para defender a entrada, ficaram assustados, e confusos, deram parte aos Padres da Companhia de Jesus vieram logo examinar que imagem era a que tinham na ermida da cerca, e com outras miudezas que não sei declarar porque não sou desse tempo;”²⁹²

Devido à localização da Imagem no coro baixo e porque o teto deste é o sobrado do coro alto, Teresa da Anunciada não descansou enquanto não conseguiu que se fizesse capela própria, anexa ao coro baixo, mas sem ter o coro alto por cima. Isto permitiu que houvesse um maior resguardo junto da Imagem, no silêncio e na sujidade:

“Estava este Senhor no coro baixo como já disse, e como o coro de cima é casa de oração, e continuamente tem gente, quando rezão os divinos ofícios carregam mais os pés das religiosas para aquela parte em razão das cantorias; todas as vezes que ouvia o tropel dos pés, e o meu Senhor debaixo deles davam-me setas no coração; [...] meu Senhor quem me dera posses para vos livrar da indecência com que estais cheio de pó com a continuação do peso das freiras, e estrondo dos pés sendo vós todo silêncio, mas não posso nada; disse-me ou inspirou-me o meu Senhor estas palavras Filha quando vier o Provincial Frei António de Pádua [...] e vier fazer oração aqui ao meu altar diga que não é acerto estar a minha Imagem neste lugar debaixo dos pés que andam por cima dela que quer que se faça uma capela para trás, e um jardim para o lado da capela;”²⁹³



Imagem 20. Coro-baixo do Convento da Esperança com a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres na sua capela própria.²⁹⁴

²⁹² VSD, 75.

²⁹³ VSD, 52.

²⁹⁴ Fotografia de Luís Leal.

3.2.3. O Milagre do Pão, marco essencial na devoção do Santo Cristo

Havendo a autorização para a construção da capela, esta começou a ser edificada. Havendo a preocupação de que os operários fossem alimentados, Teresa pede à Superiora a possibilidade de lhes ser dado de comer, o que ela lhe nega: “não tinha eu de que lhe dar mais que o pão que o meu Senhor me desse que lhe dar com ele aos homens”²⁹⁵. Esta recusa da Madre Superiora não demoveu Teresa, que encontrou quem com ela partilhasse alguns géneros alimentares.²⁹⁶ Como quisesse ter pão para os homens e não o tivesse em número suficiente para o dar, pois o armário estava apenas com “dois ou três” pães, Teresa desabafa: “disse-lhe que a obra não era minha que era sua, que lá se houvesse com os homens”²⁹⁷. Teresa reconhece que sendo zeladora da Imagem tinha por missão dela cuidar, mas que era por vontade de Deus, mais que sua. Colocava tudo nas mãos de Deus e Sua Providência.

“comecei com este enfado a tirar os dois ou três que tinha assim como peguei o no primeiro começa de vir outro pão um atrás do outro a toda a pressa, eu a contar e admirar já tão tonta que apenas atinei a conta de trinta e cinco [...] fui-me ao coro disse à Madre Abadessa em segredo o que sucedera de que também se admirou de ver a providência de Deus, disse que o não revelasse a ninguém, que o Senhor que o deus foi para os pobres”²⁹⁸

O milagre do pão aconteceu na “sexta 11 de abril dia de São Leão Papa”,²⁹⁹ nesse mesmo dia ficou concluída a cobertura da capela.³⁰⁰ Este acontecimento será marcante no culto do Santo Cristo, não apenas pelo milagre ocasional, mas porque a data será posteriormente lembrada e, mais ainda, pelo seu significado.

²⁹⁵ VSD, 55.

²⁹⁶ Cf. VSD, 55.

²⁹⁷ VSD, 56.

²⁹⁸ VSD, 56.

²⁹⁹ VSD, 55.

³⁰⁰ VSD, 57.



Imagem 21. Armário onde terá ocorrido o milagre do pão.³⁰¹

Sendo um milagre de multiplicação do pão, somos remetidos para os acontecimentos bíblicos dos milagres dos pães relatados pelos evangelistas.³⁰² Tal como nos Evangelhos também aqui sobejou: “porque fora o pão gostoso e abundante, que comeram quanto quiseram, e sobejou-lhe tantas fatias que deram a um pobre servente”.³⁰³ Também outras religiosas enfermas comeram do mesmo pão e se curaram. Ao mesmo tempo, não nos esqueçamos que este milagre surge na sequência de um outro momento em que Teresa da Anunciada se admira com a partilha de alguns. Tal como nos Evangelhos, também aqui temos uma multiplicação que é também uma partilha de quem se dispõe a dar o pouco que tem para alimentar muitos. Este acontecimento é encarado por Teresa da Anunciada como providência divina e como expressão da misericórdia de Deus. Reconhece-se que Deus reparte os seus dons com equidade e como Senhor que sabe atender aquele que mais necessita, não olhando para o pecado, mas usando de misericórdia.

³⁰¹ Fotografia de Luís Leal; A falha no topo de uma das portas deve-se à recolha das relíquias. Transcrição dos escritos no armário: "O Armário em que o Senhor Santo Christo obrou o milagre do pão, no tempo da Veneravel Madre Theresza d'Annunciada - 8 Março 1910 Mandado pintar pela regente D. Maria Augusta Pereira Machado."

³⁰² Cf. Mt 14, 15-21; 15, 32-38; Mc 6, 35-44; 8, 1-9; Lc 9, 12-17; Jo 6, 5-13

³⁰³ VSD, 57.

“louvado seja ele para sempre pois obra tantas maravilhas, que não atendendo às culpas das criaturas sempre reparte com mão liberal como Senhor.”³⁰⁴

Também relevante é ter sido “neste dia digo do milagre do pão se cobriu a capelinha”.³⁰⁵ Assim dois momentos importantes estão ligados e serão cruciais para o culto do Santo Cristo: o milagre do pão e a conclusão da estrutura da capela específica para acolher a Imagem.

O dia 11 de abril de 1698 será a grande referência para o culto exterior em volta da Imagem do Santo Cristo, tendo sido a primeira sexta-feira do mês de abril é vontade de Cristo que a primeira sexta-feira de abril fique em memória e se torne dia jubilar:

“há de a meu Vigário na terra que lhe peça um jubileu há de ser para a primeira sexta-feira de Abril dia em que fiz o milagre do pão quando fizeste a capelinha, e este jubileu há de ser para todos os que entrarem nesta igreja neste dia e façam isto que o hei-de ajudar em tudo o que pretende.”

Sendo a Imagem um passo da Paixão de Cristo, a referência ao dia de sexta-feira, como dia para o jubileu, é uma clara alusão à santificação da sexta-feira como dia consagrado à meditação na Paixão de Jesus, mas é igualmente um dia de graças e de conversão. Isso caracteriza um jubileu: ação de graças, conversão, reconciliação.

3.2.4. A primeira procissão do Senhor Santo Cristo: Ação de Graças

Teresa vai encontrar muita dificuldade nos meios eclesiais no culto e devoção ao Santo Cristo. No entanto, será com o auxílio do Conde da Ribeira Grande que vai poder ultrapassar muitos dos obstáculos.

“fui dar graças a meu Senhor por suas maravilhas pois quanto quer tudo facilita disse-me Sua Magestade Teresa é tempo de preparares o que é necessário para a minha festa, que se há de fazer a onze de Abril que é o dia em que fiz o milagre do pão, e quero mandes chamar o Conde e dize-lhe que eu o escolhi para o que for dispendo para minha maior glória que já que meus ministros me faltaram, busquei-te filha esta criatura para não padeceres tantas contradições, porque tudo que da minha parte lhe disseres há de conseguir com

³⁰⁴ VSD, 57.

³⁰⁵ VSD, 57.

benignidade, e felicidade sem ninguém o impedir, eu lhe hei-de assistir como ele experimentará.”³⁰⁶

Deste modo, Teresa da Anunciada encontra fora do convento e junto de pessoas de relevo na sociedade micaelense de então forte apoio e ajuda para o desenvolvimento do culto e, de um modo especial, para a festa. Esta seria composta de procissão no exterior do convento e pelas ruas da cidade de Ponta Delgada: “a procissão há-de ser com toda a ostentação pois a todos há-de ser notória”.³⁰⁷ Para tal, vai sendo preparado tudo o necessário:

“quero que mandes dizer à Sacramento me há-de fazer um andor muito curioso, com um docel por cima para ir a minha imagem com todo o recato e decência”.³⁰⁸

“advertiram-me que escrevesse ao Ouvidor que apenasse os clérigos para a procissão; mandei falar a todos os clérigos e comunidades de religiosos todos com sumo gosto respondiam esse dia era para eles de grande felicidade, pois punha a patente um Senhor tão milagroso, disse-me meu Senhor queria anjos na procissão”³⁰⁹

Segunda a descrição da própria Madre Teresa da Anunciada, toda a semana que antecedeu o dia da procissão foi de muita chuva o que levou muitos a incentivá-la a não se fazer a procissão. Mesmo no dia da procissão estava chuvoso, porém nada moveu Teresa da Anunciada a alterar os planos da procissão:

“ao dia de sua festa pelas quatro horas da manhã fui confessar-me que já então estava muita gente na igreja, disse-me o confessor que o dia estava escuro e que podia chover que não fizesse eu a procissão; respondi-lhe mais esperta que do costumado, há-de fazer um dia de rosas, cabe a Vossa Paternidade já de conhecer que tudo Deus tem ordenado e nada é meu, mas tudo seu e à sua conta está o dia e todos os sucessos dele”³¹⁰

Pela tarde daquele sábado sai a procissão percorrendo todos os conventos existentes na cidade de Ponta Delgada. Ainda hoje o percurso da procissão passa por todos os conventos de então, mesmo que hoje estejam desativados ou sejam mesmo

³⁰⁶ VSD, 78.

³⁰⁷ VSD, 84.

³⁰⁸ VSD, 81.

³⁰⁹ VSD, 87.

³¹⁰ VSD, 88.

inexistentes, como podemos observar no seguinte quadro, segundo a ordem do percurso exposta no mapa que se lhe segue.

Convento	Ordem religiosa	Utilização atual
Nossa Senhora da Esperança	Clarissas	Santuário do Senhor Santo Cristo, Comunidade de Religiosas de Maria Imaculada
Nossa Senhora da Conceição	Franciscanos	Igreja Paroquial de São José e Lar da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada
Nossa Senhora da Graça	Agostinhos	Conservatório Regional de Ponta Delgada, Galeria das Artes e Auditório Municipal
São João Evangelista	Clarissas	Demolido, no local está o Teatro Micaelense
Santo André	Clarissas	Museu Carlos Machado
Todos os Santos	Jesuítas	Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
Nossa Senhora da Conceição	Clarissas	Futuro Museu da Autonomia

Quadro 3. Conventos de Ponta Delgada



Mapa 2. Percurso da procissão do Santo Cristo e localização dos conventos de Ponta Delgada³¹¹

³¹¹ Imagem de GoogleMaps transferida a 16-4-2019: <https://www.google.com/maps/@37.7397193,-25.6761825,1425m/data=!3m1!1e3?hl=pt-PT>

Foi esta a descrição que Teresa da Anuncia fez da festa e primeira procissão:

“em todo o dia de sábado não parou a chuva, mas eu descansava em quem tudo pode, respondia a quem dizia o Senhor parece que não quer ir fora, as suas vésperas há-de fazer um dia rico, assim permitiu o Senhor. Chegaram as vésperas foi para a igreja, puzeram-no no trono do Senhor Sacramentado quando se expõe, acenderam muitas velas, cantaram vésperas com toda a solenidade, acabadas as que foram, manda dizer-me um devoto do Senhor que deixasse a cera acesa que ele mandaria outra para a festa, assim o fez, em amanhecendo mandou doze velas, [...] ao dia da festa pelas quatro horas da manhã fui confessar-me que já então estava muita gente na igreja, [...] nesse breve tempo correu tanta gente que não puderam à comunhão para festejar o dia do meu Senhor, recebendo-o melancolizei por faltar aquela obrigação, [...] andou a procissão por todos os conventos como meu Senhor queria tão ornada e vistosa que parecia do céu, o andor do meu Amante levaram quatro devotos seus e como era todo de vidraças, oiro e aljôfar, com muitas joias, reverberava o sol nos vidros e rodeados de anjos que as devotas ornaram às mil maravilhas debaixo do seu docel paracia o Senhor vivo em carne; as comunidades e colégios capas de asperges, o pálio com o Santo Lenho, todas as irmandades com suas opas, assistiram o conde com todos os seus e todos os principais desta cidade e muitos das outras vilas, todo o popular, assim como homens de ganhar como oficiais, não reparando em perderem o seu estipêndio por assistir a seu Redentor e Bemfeitor, que todas as finezas que lhe fazemos sendo devidas em nós, sabe premiar sua divina liberalidade, todas as ruas por onde passou tiveram as janelas enfeitadas, os conventos das freiras com grande ornato nos adros, panos de seda, caçoilas, cera acesa e ultimamente todos mostraram nos seus excessos o muito que amavam a meu Senhor, muitos corações se trocaram, muitas bênçãos deitou nas ruas por onde passava. Governaram a procissão os nossos frades e os devotos que mais trabalharam na sua festa. Recolheu-se a procissão pela tarde, já mais para a noite que para o dia, puseram o andor na capela mor da igreja, até todos se despedirem dele e como ficou só com os da casa trouxeram-no para a sua capela assim como entrou desatou-se de sorte a chuva, que causou admiração a quem tinha visto o dia de sol tão belo e acabada a função de seu empenho, vir a chuva como de antes havia chovido;”³¹²

Pelos escritos de Madre Teresa sabe-se que o dia da festa foi a 11 de abril, por ter sido o dia do milagre do pão, mas quanto ao ano existe ainda alguma discussão. A versão mais comumente utilizada é a de que terá ocorrido em 1700³¹³, mas, ao ser domingo nesse ano, e Domingo de Páscoa, pode levantar algumas questões, especialmente por “assim homens de ganhar como oficiais, não reparando em perderem o estipêndio por assistir a seu Redentor e Bemfeitor”. Domingo, especialmente o de

³¹² VSD, 88-89.

³¹³ Cf. A. C. SANTOS (apre.), *O Convento de Nossa Senhora da Esperança e o culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres: comemoração do tricentenário da procissão (catálogo)*, Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Ponta Delgada, 2000, 9.

Páscoa não seria dia de trabalho. Também a ser Domingo de Páscoa será de estranhar que não haja qualquer referência a isso mesmo. Por essa razão os céticos a esta data privilegiam o ano de 1698, cujo dia 11 de abril foi uma sexta-feira. Mas mesmo o ter sido neste ano levanta questões tendo em conta que, nesse caso, o milagre do pão teria de ter ocorrido apenas em 1692³¹⁴, pondo assim em questão outras datas apresentadas em outros acontecimentos por Madre Teresa, mesmo no que se refere ao milagre do pão que aconteceu após a “Páscoa que este ano foi a 30 de Março”³¹⁵. Tal aconteceu em 1698, em 1692 a Páscoa foi a 6 de abril³¹⁶.

Sem termos o objetivo de fechar a questão em relação ao ano da primeira procissão, assumamos o ano de 1700 como o ano em que ocorreu. A descrição da festa pode revelar que de facto poderá ter ocorrido a um domingo, pois a Imagem foi no dia de sábado para o trono da igreja e cantaram-se vésperas, os círios ficaram acesos e foi dada nova cera, no dia seguinte, dia da festa, na sexta-feira anterior a esse sábado “se armava a igreja”³¹⁷, e no dia da festa houve “comunhão para festejar o dia do meu Senhor”³¹⁸.

Ao assumir a data da primeira procissão a 11 de abril de 1700, somos levados a uma melhor interpretação da devoção ao Santo Cristo e mesmo ao esquema da festa. Assim, tal como naquele ano, também hoje a festa e procissão é ao domingo, sendo que

³¹⁴ Cf. D. SÁ, *Peregrino do Senhor Santo Cristo*, 38-45.

³¹⁵ VSD, 54.

³¹⁶ Ainda em relação à data, mas sem definir o ano Hugo Moreira, num artigo datado de 19 de maio de 1968, localiza-a também antes de 1699: Hugo Moreira, *O Convento da Esperança*, Ponta Delgada, 2000, 56; Porém em outros artigos posteriores não indica outra data para esta primeira procissão que a de 11 de abril de 1700: cf. H. MOREIRA, *O Convento de Nossa Senhora da Esperança: Imagem e culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres, coletânea de artigos*, Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Ponta Delgada, 2000, 279, 297, 299.

Para encontrarmos estas referências cronológicas dos dias festivos da Páscoa e dias da semana em calendário perpétuo foi consultado o sítio da Internet a 23-11-2017: <http://ghiorzi.org/caleperp.htm>.

³¹⁷ VSD, 88.

³¹⁸ VSD, 88. Nesta expressão “dia do meu Senhor” privilegiámos como tratando-se de uma referência ao domingo, por vir no seguimento de episódios relatados na sexta-feira e no sábado. Pesa embora que a mesma expressão poderia ter outro significado se não fosse precedida das anteriores referências a dias de semana. Poderia significar tão-somente como dia da festa ou como sendo sexta-feira, pois é o dia da Paixão de Cristo, dia do *Ecce Homo*.

no sábado, a Imagem é colocada no altar-mor da igreja (não no trono, mas em frente deste) e no dia seguinte, domingo, há Missa de manhã e a procissão à tarde com a sua recolha ao anoitecer. Além desta similitude cronológica, a vantagem de assumirmos a data de 1700 prende-se com a dimensão espiritual da festa do Senhor Santo Cristo. A primeira procissão não foi penitencial, mas de ação de graças pelo milagre do pão e também pelos outros milagres que os devotos iam reconhecendo e atribuindo ao Santo Cristo. Esta é uma procissão de glorificação do Senhor Santo Cristo. A ter ocorrido ao domingo, mesmo sendo dia de Páscoa, não colide com a dimensão da Paixão de Jesus de que o Santo Cristo é expressão, pelo contrário, a Paixão está intimamente ligada à Ressurreição. Apesar de toda a espiritualidade de Madre Teresa estar profundamente marcada pela Paixão, esta não é desvinculada do sentido da Ressurreição, pelo contrário uma é caminho para outra, sem Paixão não há Ressurreição. Deste modo é de todo relevante que a primeira procissão tenha sido a um domingo e assim continue a ser. Contemplando o passo da Paixão do *Ecce Homo*, proclama-se a vitória da Ressurreição.

“Anunciamos, Senhor, a vossa morte,
proclamamos a vossa ressurreição.
Vinde, Senhor Jesus!”³¹⁹

Ter sido ao domingo e como ação de graças pelo milagre do pão é fazer uma outra ligação a qual esteve sempre presente na espiritualidade de Teresa da Anunciada. Cristo é o pão da vida que se multiplica e reparte, é a Eucaristia. Aliás, esta ligação está na base da existência da própria Imagem, pois a sua primeira função foi ser Custódia para expor o Santíssimo Sacramento. O domingo é por excelência o dia da Eucaristia.

³¹⁹ *Missal Romano*, 520.

3.2.5. Segunda procissão: Penitência

Haverá ainda uma outra procissão relatada por Madre Teresa da Anunciada. Esta é já de carácter penitencial pois realiza-se na sequência da crise sísmica que assolou a ilha de São Miguel pelo ano de 1713. Esta procissão, que terá ocorrido a 16 de dezembro³²⁰ desse ano, já não é a pedido do Próprio Santo Cristo ou da Madre Teresa, mas é a comunidade local que vem pedir para que a Imagem possa sair em procissão:

“dai a tempos vendo o povo que os tremores continuavam foram dois homens graves desta cidade pedir ao Provincial que desse licença para o Senhor Santo Cristo sair em procissão, [...] como os tremores fossem em aumento juntaram-se os Irmãos da Misericórdia e vieram à nossa porta pedir lhe dessem o Senhor dos Milagres para lhes acudisse e levantar a ira, [...] foram pedir-lha [ao provincial] dizendo queriam levar o Senhor para a Misericórdia para no dia seguinte fazerem uma procissão com todo o povo; respondeu que não, mas que saísse a procissão do nosso Convento, mandou recado aviassem o Senhor para ir para no dia seguinte, juntando-se o povo na Esperança, se fizesse procissão por toda a cidade [...] o Senhor estava suando e as feridas muito denegridas [...]. No seguinte dia tirei o Senhor do seu trono para se por no andor que veio de Santo André muito custoso e como não coubesse pela porta da sacristia, ficou na casa da roda, veio a comunidade para levarem o Senhor e querendo pegar nele repararam que estava com o semblante muito triste [...] posto no seu andor ficou muito magestoso, mas sempre triste; mandei chamar um oficial para apertar os parafusos; porque como ia correr todas as ruas fosse bem seguro e como gritei com ele as apertasse bem, enfadado da minha impertinência pegou no andor e deu-lhe dois solavancos dizendo:- veja vossa mercê se está bem apertado; [...] e como o povo estava suspirando com a fé de que saindo este Senhor se aplacariam os tremores de três meses contínuos estando tudo preparado e o povo todo descalço e os religiosos todos chegando à porta o padre Provincial pediu à Madre Abadessa lhe desse tão grande tesouro de que estamos em posse, tanto que o Senhor chegou à porta, foram tantas as lágrimas e suspiros no povo que parecia se acabava o mundo e não menos as religiosas vendo que nos levavam nosso amante Senhor; [...] eu sem sossego algum todos os instantes vinha à roda perguntar onde irá o meu Senhor, eles por me contentar diziam vem em tal parte, mas como a chuva não pode romper, eu sem alentos, quando a toda a pressa vim chamar o Pregador para pregar em Santo André, que chovia muito e lá ficava o Senhor, eu por uma parte tinha meu pesar, por outra dizia:- Meu Senhor, vós quiseste esta noite ficar com a Sacramento por isso mandaste chuva sem eu saber o que tinha sucedido, mas a Madre Abadessa sabia que o senhor tinha caído saindo dos Padres da Companhia, mas não mo quis dizer, [...] porque o Senhor antes que fosse, veio o Capitão José da Costa pedir-me lhe desse licença para que ele ajudasse a levar o andor, respondi que isso não corria da minha conta,

³²⁰ O Padre José Clemente refere a data de 17 de dezembro. Porém, segundo o relato de Madre Teresa, a mesma terá ocorrido a um sábado. Ora, em 1713, o dia 17 foi um domingo, assim assumimos antes a data de 16 de dezembro como a correta. Cf. J. CLEMENTE, *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, 191; D. SÁ, *Peregrinos do Senhor Santo Cristo*, 50.

que o pedisse ao Padre Provincial; ficou ele muito desconsolado, mas quando o Senhor caiu foi ele o primeiro que chegou a tira-lo do lodo e o levou nos braços até Santo André. [...] lá o ataram com uns cordões com que diziam missas e enquanto se fêz esta diligência diziam uns que continuasse a procissão outros que não, [...] até que resolveram ir o Senhor acabar de correr toda a cidade, quando chegou era já muito noite: chegou o meu amante Jesus muito diferente do que foi; disse o Padre Provincial: - Madre Abadessa já vimos o dia do juízo, não sei como vimos vivos, quando o Senhor, eu em ouvindo isto fiquei quase morta e disse: - Nosso Padre, o meu Senhor caiu; fez alguma coisa? Respondeu e mandou quatro religiosos trazer o Senhor até ao coro de baixo, [...] veio o Senhor para a grade da Igreja e porque o povo era muito se pôs o púlpito na porta e pregou o Padre Mestre Baptista como costuma e pedia tão grande acto. Acabado isto trouxeram o Senhor para a capela, fui ver o rigor da queda, trazia a boca cheia de lama e terra, a cabeça e todo o mais corpo e um braço onde o Senhor deu com mais rigor assima do cotovelo trazia um bocado fora como fora tirado com garfo e ferro, tudo cheio de areia, comecei a lavá-lo [...] ao outro dia vi melhor e tinha ainda umas areias tão metidas na chaga que as não pude tirar; disseram algumas pessoas doudas, que as não tirasse, nem concertasse o braço, que a queda do Senhor fora misteriosa, assim ficou até hoje e tem no meio da chaga uma pedrinha grande, mas tão metida na chaga que a não pude tirar.”³²¹

Esta procissão será muito importante para a história e devoção da Imagem. A sua queda, que foi sempre descrita como milagrosa, foi determinante para que ganhasse definitivamente o “apelido” “dos Milagres”. Esta queda foi vista como, não um acidente com o andor, mas a vontade de Cristo acalmar a terra de seus tremores. Disso dá testemunho a carta que a Madre Sacramento do Convento de Santo André escreve à Madre Teresa da Anunciada a propósito da queda da Imagem, e como Teresa da Anunciada transcreve na sua Autobiografia, bem como duas senhoras que foram ter com Madre Teresa no dia seguinte à procissão:

“E sendo tão milagroso, não quiz livrar-se da queda, [...] Ai, minha Teresa: não foi o acaso a queda, que em Deus não há acasos, nem foi falta de ir com bem segurança: quiz o Senhor fazer pazes entre a terra e o Céu. Pedindo a seu Pai com Divino rosto no chão, misericórdia por minha culpas, e por isso se deixou cair vindo para a nossa Igreja.

[...] ainda os sacerdotes, por verem o Céu caído, sem ser pelas portadas do andor, como afirmam os que levavam junto a Ele as tochas: mas por cima do docel, sem quebrar os cordões de ouro de que era tecido.

[...] mas reparei em que caindo o Senhor de tão alto, com o peso das nossas culpas não quebrou nem ficou com defeito algum a sua Divina Pessoa; por esse grande milagre lhe dou muitas graças e a vós o parabém de terdes já

³²¹ VSD, 138-141.

cumprido a profissão, bem declarada com o suor antecedente e a caída da capa a noite antes que saísse, a soltar-se à sexta, digo antes que saísse fora; e é muito de reparar tendo-a sempre o senhor cozida, a soltasse à sexta-feira, ficando o rosto com a cor denegrida e gotas de suor.”³²²

“Ao seguinte dia vieram comungar duas servas de Deus e comungaram ali perto do ralinho, em acabando de comungar chamaram-me e disseram, minha Teresa estais muito mortificada com aqueda do teu Senhor, eu não que a caída foi para nos levantar e petição que fez ao Eterno Pai e quando ele caiu, eu fui para meter-me naquele lodo, mas olhei para o Senhor vi-O cheio do resplendores e sempre assim foi na procissão,”³²³

Ainda hoje existe aquela que será o principal testemunho da queda da Imagem.

No seu braço direito, por cima do cotovelo, está encrostada uma pedra, que se percebe não ter sido ali colocada voluntariamente. Esta queda foi sendo interpretada ao longo dos séculos e assumida como acontecimento milagroso, em detrimento de accidental. Esta queda é comparável às quedas meditadas nas estações da Via-Sacra ou nos passos das Procissões do Senhor dos Passos na Paixão do Senhor. Podemos olhar para este acontecimento como uma *Kenosis* de Cristo. Deus assume a nossa humanidade, não se valendo da Sua condição divina, mas entrega-se aos homens até à morte e descer à mansão dos mortos para resgatar o homem perdido pelo pecado.³²⁴ O *Ecce Homo* prostra-se por terra, entra no lodo, no húmus, e aí mostra o seu esplendor por reconciliar Consigo todas as coisas, tudo o que há nos Céus e na terra.³²⁵

Estas duas primeiras procissões tiveram datas e motivações diferentes: uma, em tempo de Páscoa, como glorificação e ação de graças, outra em tempo de Advento de forma penitencial; uma com data programada celebrando um acontecimento específico, o milagre do pão; outra surge na espontaneidade de uma aflição momentânea. Não são conhecidas outras procissões entre estas duas, nem quando se começou a fazer anualmente a procissão do Santo Cristo. Porém serão estas as duas motivações basilares

³²² VSD, 142-143.

³²³ VSD, 143.

³²⁴ Cf. Fl 2, 6-11

³²⁵ Cf. Cl 1, 20

que vão presidir, e ainda hoje presidem, à realização da procissão: gratidão pelas graças recebidas e penitência.

3.2.6 Os atributos da Imagem do Santo Cristo, mediadores no culto

Sendo uma Imagem do *Ecce Homo*, os seus atributos são a cana, a capa e a coroa de espinhos. Estes atributos, que não fazendo parte da escultura a integram, foram sempre parte importante da devoção à Imagem do Santo Cristo. Percebe-se, pela sua autobiografia, que Madre Teresa cedo desejou ornar a Imagem com os melhores materiais para os atributos. Apesar de ser um Passo da Paixão, o que poderia supor o despojamento e a simplicidade dos materiais, para Teresa era a Imagem do Redentor que por amor se entregava e, por isso, o sentido de gratidão e também de reconhecimento de que Aquele que era apresentado como rei irrisório e de escárnio era, na verdade, o verdadeiro Rei Eterno a quem tudo é submetido. Por essa razão, desejava Teresa enriquecer a Imagem “de Sua Majestade”. É, mais uma vez, nos Condes da Ribeira Grande que vai encontrar os patrocinadores para a criação de atributos enriquecidos a ouro e pedras preciosas. Para além dos atributos referidos, Teresa vai ainda promover, junto dos Condes da Ribeira Grande, a execução de um resplendor para a Imagem, bem como uma corda para ser colocada, manietando a Imagem e lembrando a prisão de Jesus. Todos estes elementos iconográficos vão passando de objetos simples e materialmente pobres a objetos muito elaborados e materialmente ricos. O resplendor é considerado a melhor e mais valiosa joia devocional da ourivesaria portuguesa.³²⁶ Muitos destes atributos viriam a ser enriquecidos com objetos e peças de joalheria que foram dados ao Santo Cristo ao longo dos séculos. Sendo a coroa de espinhos, a cana (ou cetra), a corda, o medalhão da relíquia do Santo Lenho e o resplendor, objetos já de

³²⁶ Cf. A. FRANCO, L. PENALVA, A. PIMENTEL, C. BASTOS, "O Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres", in HENRIQUES, A. C. (coord.), *Splendor et Gloria: Cinco joias setecentistas de exceção*, Direção-Geral do Património Cultural, Lisboa, 2014, 113.

grande valor e difícil substituição, muitos devotos, no desejo de enriquecer e honrar a Imagem, continuam a fazer promessas não só dando objetos de valor, como oferecendo capas para a Imagem.



Imagem 22. Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres com os seus atributos preciosos.³²⁷

Será de referir que muitas vezes o valor dos objetos não se limita ao seu valor patrimonial, mas principalmente ao valor espiritual e sentimental que a peça possa ter para o doador. No seu espólio poder-se-ão encontrar brincos de latão ao lado de brincos de diamantes, terços de ouro ao lado de terços de “contas de milho” gastas pelas mãos de um romeiro. Todos esses objetos são, atualmente, guardados e catalogados de igual forma, pois cada um deles é mais que o seu valor material, carregando um inestimável valor espiritual. Tudo isto é sinal, não só da devoção de cada um, mas do cuidado e respeito que se tem por cada devoto, cada intenção de prece ou ação de graças presente naquele objeto. A título de exemplo, um dos objetos mais curiosos existente no espólio é um carrinho de brincar, materialmente sem qualquer valor, nem mesmo a antiguidade. Porém, ali está junto às peças mais valiosas por ter o mesmo valor. Aquela criança, ao

³²⁷ Fotografia de Luís Leal.

oferecer o seu carrinho, deu o seu tesouro ao Santo Cristo. É desta forma que qualquer um destes objetos tem de ser observado e reconhecido.

Os atributos da Imagem cedo foram tidos como relíquias da Imagem com poder milagroso e de memória. As canas, ou cetros, do Santo Cristo vão servir algumas vezes como relíquia da Imagem, incluindo com o sentido de obter favores do recetor da relíquia. Caso paradigmático é o envio de uma cana ao rei D. João V a fim de que este possa aliviar a carga fiscal, tendo em conta a situação de pobreza em que a região se encontrava.

“Premitiu o meu Senhor, que o Sereníssimo Rei D. João V pusesse umas fintas tão subidas com muita opressão de todo o seu reino; padeciam ricos e pobres com o rigor das fintas do açúcar; [...] que morria muita gente à mingua e desconsolados sem terem um bocado de açúcar para se alimentar; pedia-lhe inspirasse o Rei que as tirasse, disse-me o meu Senhor: - Teresa, dize à Sacramento que faça uma carta, ou petição em meu nome ao Rei para que tire as fintas e manda-a ao Conde, que lha dei, que as hás-de tirar: [...] tratei de fazer-lhe uma cana muito rica de lindas flores guarnecida de aljofares e no remate um jacinto muito fino, [...] me dizia o meu Senhor: - Teresa, manda aquela cana que fizeste agora tão custosa ao Rei que logo despacha as fintas;”³²⁸

Mas é a capa o objeto que mais tem sido usado como relíquia e com um poder de curar as enfermidades, para além de ser o atributo que é oferecido e que se vai substituindo ao longo do ano e nas festas. O medalhão relicário do Santo Lenho é a única peça que permanece sempre na imagem e nunca é substituída, enquanto a coroa de espinhos, o resplendor, a corda e cana/cetro vão sendo trocados ao longo do ano. Nas principais festas, a Imagem está com os atributos mais valiosos e nos outros tempos permanece com outros materialmente menos valiosos. As capas são, na verdade, o único atributo que varia de ano para ano e ao longo do ano. Há uma enorme coleção de capas de grande variedade de riqueza material e de diferentes gostos, mas todas oferecidas com igual devoção ao Senhor Santo Cristo. Por norma, as capas são rubras adornadas de bordados de ouro e, em alguns casos, de pedras preciosas, normalmente com temática

³²⁸ VSD, 145.

vegetalista ou símbolos crísticos. No entanto, podem ser ainda usados alguns outros sinais relacionados com a intenção do doador, como referências à terra de acolhimento, no caso de imigrantes, ou símbolos ligados a determinadas doenças, no caso de petição / ação de graças relacionadas com a saúde. É igualmente frequente as capas serem enriquecidas com joias oferecidas ao Santo Cristo, como anéis, brincos, ou outros pingentes. De todas as capas, apenas uma é usada todos os anos e numa circunstância particular. Na ocasião da festa anual, a Imagem é retirada do seu trono e despojada de todos os atributos expeto, como se disse, do Relicário da Santa Cruz. É colocada num pequeno andor e é-lhe colocada uma capa de brocados de flores e de tom pérola, e não rubro como habitualmente. Esta ocasião é o momento em que a Imagem está mais despojada e assim é levada em procissão do coro baixo até à porta da roda onde é colocada no seu andor principal e lhe são colocados os atributos mais ricos e a capa escolhida nesse ano para a festa. Esta é uma das capas de aparência mais simples, mas não menos valiosa até no seu significado. Terá sido, segundo a tradição, oferecida pelo rei D. João V, a partir de tecido retirado de uma das suas capas reais e na ocasião terá dito: “de um rei para outro Rei”.

A capa é sempre o “elemento surpresa” na festa, criando-se alguma expectativa de como será a capa desse ano. Esta é apresentada em conferência de imprensa na sexta-feira anterior à festa, na qual é mostrada pela primeira vez e feita uma pequena apresentação da mesma: a razão da escolha, se é a primeira vez que sai ou não, que símbolos a ornamentam, o sentido da doação e quem foi o doador. Neste caso, normalmente não é indicado o nome mas informações genéricas sobre o mesmo, a fim de evitar protagonismos do doador e para privilegiar na comunidade o sentido da dádiva e não a honra de quem dá. Esta apresentação era, por norma, feita pela religiosa zeladora da Imagem.

As capas da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres depressa foram sendo usadas como relíquia e como forma de a Imagem chegar aos que, estando longe ou impossibilitados de se chegarem perto da Imagem, terem acesso a ela.



Imagem 23. Capa do Senhor Santo Cristo dos Milagres e respetiva legenda de cura e doação³²⁹

Conta-nos Madre Teresa que, no dia da primeira procissão, o Padre Mestre, céptico da devoção à Imagem, estando doente e depois de ter publicamente pedido perdão pelo seu ceticismo, se aproxima da grade e lhe pede uma relíquia da Imagem:

“chegou à grade a dar-me o parabém da pompa com que se festejou o Senhor ainda co tantas dores que me pediu uma relíquia sua, dei-lhe uma capinha e disse-lhe quando lh’a dei aí vai a sua capa, advirta Padre Mestre que Deus não dorme.”³³⁰

³²⁹ Fotografia de Luís Leal; Transcrição da legenda da capa: "O Morgado Tomás José Brum da Silveira, da ilha do Faial, adoecendo gravemente e estando desenganado dos médicos, mandou pedir uma capa do Senhor Santo Cristo. Ao seu contacto sentiu-se melhorar gradualmente e em breve tempo se restabeleceu. Em sinal de gratidão fez-se mordomo perpétuo do Senhor Santo Cristo e seu feudatário. Ficou com essa capa e mandou outra "mais preciosa" que diz a tradição ser esta. H. Moreira."

³³⁰ VSD, 90.

Noutra ocasião, estando uma religiosa doente, “foi-se cada vez agravando a doença com uma febre podre, que a consumia. Foram algumas religiosas tirar a capa a meu Senhor levaram-lha dizendo-lhe fizesse um voto ao Santo Cristo”³³¹ Em outro momento e em resposta à Marquesa Camareira Mor do rei, diz Teresa da Anunciada:

“escrevi-lhe e mandei-lhe uma relíquia e uma capa do Senhor. Quando chegou a relíquia, a Marquesa estava doente de uma febre, tomou a capa, lançou-a sobre si e logo ficou bem;”³³²

Segundo a legenda de uma capa exposta ao público, Tomás José Brum da Silveira, da ilha do Faial, estando doente, pede que lhe seja enviada uma capa do Santo Cristo. Ao ver-se curado, não só se tornou mordomo do Santo Cristo como, ficando com a capa para si, terá enviado outra mais rica em substituição, capa essa que se encontra em exposição (imagem 22).³³³ Até há pouco tempo, as capas eram usadas para, a pedido específico, serem levadas junto de doentes como meio de cura. Para evitar as superstições, e outras formas exotéricas de utilização das capas, estas deixaram de sair com esse fim.

3.2.7. A disseminação do culto e as cartas ao Santo Cristo

Ao longo dos séculos têm sido muitos os votos de gratidão e petições ao Senhor Santo Cristo, não apenas dos locais, mas muitos de fora da ilha, do continente e de outros países. Logo no dia da primeira procissão, Teresa recebe uma carta pedindo favores ao Santo Cristo em relação a disputas de noivado e casamento³³⁴. Mais que saber qual dos rapazes iria casar com a donzela, ela mostra a devoção ao Santo Cristo e que as respetivas petições não se cingem a curas de doenças, mas a todas as áreas da vida quotidiana do devoto e daqueles que lhe são mais próximos. Se este caso era da

³³¹ VSD, 107.

³³² VSD, 136.

³³³ Cf. Nota de rodapé 328, p. 164.

³³⁴ Cf. VSD, 90-92.

ilha de São Miguel, a devoção e as petições começaram a chegar também de outras ilhas e do continente.

Ainda hoje é frequente o Santuário do Santo Cristo receber cartas de vários pontos do globo com petições e ações de graças. Das várias caixas existente, que não estão com qualquer tipo de ordenação ou catalogação, procurou-se, como amostra para este estudo, analisar aleatoriamente apenas algumas cartas das últimas décadas, oriundas de fora da ilha de São Miguel. A grande maioria terá sido acompanhada de uma oferta pecuniária como forma de gratidão e ou promessa.

“Please accept the enclosed Money order as a culmination of a promise the undersigned have made to the Church of St. Christ to compensate for the indulgences they wish to make for their health and the health of their families. Please use the money as best you see fit to continue the purpose for which the Church of St. Christ exists. Thank you.”³³⁵

Esta carta enviada e assinada em 1985 por 6 devotos de San Leandro, Califórnia, Estados Unidos da América, é uma gratidão pela saúde dos próprios e de suas famílias. É curioso como há uma insistência a que haja bom uso do dinheiro que enviam, além de que ele sirva especificamente para que o Santuário possa prosseguir a sua principal missão e razão de existência, o que poderemos perceber nestas linhas será o cuidado pela devoção, culto e espiritualidade em volta do Santo Cristo, acolhendo as orações e petições dos devotos que a ele se dirijam. Percebemos que esta foi uma carta enviada por emigrantes portugueses nos Estados Unidos, revelando que estes apesar de perderem algumas referências portuguesas, como a língua, não as perdem em relação a um dos pontos mais constitutivos da sua cultura e religiosidade como é o culto ao Santo Cristo. De igual forma, uma outra carta de Providence, também nos Estados Unidos, mostra a relação da ligação ao Santo Cristo e que permanece, mesmo com a emigração.

³³⁵ “Por favor, aceite a ordem de pagamento em anexo como um ponto culminante de uma promessa que os abaixo assinados fizeram à Igreja de São Cristo para compensar as indulgências que desejam fazer por sua saúde e pela saúde de suas famílias. Por favor, use o dinheiro da melhor maneira que achar conveniente para continuar o propósito para o qual a Igreja de São Cristo existe. Obrigado” Anexo 3.2.1., p. 318.

A particularidade desta carta é que o que é pedido não é para o próprio mas para um familiar defunto, olhando assim para o Santo Cristo como Aquele que olha pelos defuntos e lhes dá a Vida Eterna. Pedir um objeto como relíquia para ser colocado na campa, mostra ainda mais este poder e ligação dada pela devoção e religiosidade. O objeto torna-se a presença da Imagem junto daquele por quem é feita a petição:

“Esta lembrança é para o Senhor Santo Cristo pela alma da minha mãe N
Obrigado se for pocivel mandeme um Rozário para eu meter na pedra da cova da
minha mãe”³³⁶

Uma outra carta, de Toronto, Canadá, demonstra que o Santo Cristo é o elemento na vida do devoto que é capaz de pacificar o coração. Torna-se bênção e protetor ao mesmo tempo que é redentor dos pecados cometidos:

“Senhor Santo Cristo pesso te que me deuas o Santo Natal junto à minha e cada Familia é tudo o que quero neste mundo da minha vida e em quanto eu vida tiver és sempre a minha companhia de noite e de dia querido Senhor Santo Cristo fáz a graça do Braço do N ficar bom o mais depressa e o N que ponhas o teu manto á volta deles para que sejam muito felizes Senhor Santo Cristo espero que me perdoes os meus pecados e me deuas a vossa bença para sempre e á minha casa e toda a minha família eu nunca me esqueço de ti querido Senhor tu és a minha salvação”³³⁷

Esta carta, em forma de oração, dirigida diretamente ao Senhor Santo Cristo, é uma gratidão e o reconhecimento de que Ele é o centro e o tudo da vida do crente. Não é raro encontrar esta forma de escrever nas cartas que chegam ao Santuário, por vezes de uma forma simples como uma recebida do Pico:

“Senhor Santo Cristo do Milagres
Eu mando este beneficio porque concedeu a minha graça
N e família
Obrigada meu Senhor.”³³⁸

Como se viu nas cartas anteriores, as razões para se escrever ao Santo Cristo são variadas. Se a grande maioria tem a ver com pedidos de saúde ou recuperação da

³³⁶ Anexo 3.2.2., p. 319.

³³⁷ Anexo 3.2.3., p. 320.

³³⁸ Anexo 3.2.4., p. 321.

mesma, outros há que são um pedido de ajuda para a sobrevivência em situações de vida de necessidade económica e social:

“Sou uma pessoa com 60 anos que fui operada no dia 18 de Fevereiro a um cancro nos intestinos. Neste momento estou a fazer Quimioterapia. Estou muito triste, porque além da doença vejo o meu marido com uma tristeza e por qualquer coisa chora.

Tenho uma reforma de 183 Euros vivemos com muitas dificuldades e temos um filho, que está a estudar é ótimo estudante. Só pedíamos ao Sr. Santo Cristo que nos dê vida para ver esse filho com o curso feito e que Ele ponha a Sua santa Mão em nós.

Não temos família aqui em Coimbra, sentimos muito sós mas pensamos sempre no Nosso Senhor Santo Cristo é como se estivéssemos cá e o nosso Pai estivesse aí.

Dê-lhe um beijinho por nós 3 Irmã Beatriz e estes 5 Euros não são nada, são um mimo por o Senhor Santo Cristo estar comigo na operação.

As vossas bênçãos para nós 3 e peçam por nós ao nosso querido Senhor Santo Cristo.”³³⁹

“Amantíssimo e abençoado Senhor Santo Cristo dos Milagres

Eu, me chamo N, tenho 35 anos e encontro-me desempregado. Peço, que rezem por mim diante da vossa divina escultura, para que me possa ser concedida, a graça, pois o trabalho permite-me colocar o pão na boca. Senhor Jesus tende misericórdia, desta pobre alma, que tanto Vos ama, tanto na dor do Vosso Sofrimento, como na luz da Vossa Ressurreição. Zela por mim e pela minha família com a Vossa bênção, protege-a como propriedade Vossa e um dia que for deste mundo, vem buscar a minha alma para que possa contemplar no Céu na Tua luz e divina misericórdia. Amantíssimo Senhor, por favor concedeme esta graça, rezem por mim e pela minha família.

Um devoto Vosso

N

Ps. Que a vossa luz irradie sempre no meu coração até a eternidade”³⁴⁰

Esta última carta é uma verdadeira oração de súplica e confiança de quem apenas tem em Cristo a sua certeza de esperança e confiança. Há também uma entrega à misericórdia de Deus. Mesmo no meio da dificuldade socioeconómica, este devoto oriundo da ilha Terceira, encontra em Cristo o refúgio e alento nas dificuldades e alegrias, ao mesmo tempo que se coloca nas mãos de Deus, quer na proteção da vida presente, quer na misericórdia da vida futura.

³³⁹ Anexo 3.2.6., p. 323.

³⁴⁰ Anexo 3.2.5., p. 322.

Estes breves exemplos de correspondência mostram a disseminação do culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres por todo o arquipélago, pelo país e pelo estrangeiro, especialmente onde se foram fixando as comunidades açorianas, com destaque para o Canadá e Estados Unidos da América.

Embora presente em todo o arquipélago açoriano a devoção ao Senhor Santo Cristo tem especial relevo na Vila do Porto, Santa Maria, em Santa Cruz, Graciosa, e na Fajã do Santo Cristo, São Jorge, sendo este último local também Santuário Diocesano do Santo Cristo dos Milagres. Embora no mesmo arquipélago e diocese, e sendo a mesma invocação e a devoção à mesma Imagem, mas aqui em reproduções, não há muita ligação destes locais ao seu Santuário original. Surgem quase como cultos e devoções autónomas. A exceção é feita pelo Santo Cristo venerado em Santa Maria cuja festa acontece no domingo a seguir à festa do Santo Cristo de Ponta Delgada, originalmente por vontade dos operadores da companhia aérea SATA que, impossibilitados de se deslocarem a São Miguel para a festa, começaram a realizar uma festa ao Santo Cristo na Vila do Porto.

É especialmente no Canadá e nos Estados Unidos da América que a devoção ao Senhor Santo Cristo se faz mais sentir fora do território português. Levado pela emigração açoriana, principalmente no séc. XX, o culto ao Senhor Santo Cristo tornou-se também polo identitário religioso e cultural das comunidades açorianas radicadas nesses países. Uma das pinturas mais emblemáticas do pintor micaelense Domingos Rebelo, intitulada “Os Emigrantes”, mostra a força e importância desta devoção para aqueles que tinham de sair da sua ilha em busca de melhores condições de sobrevivência. Nesta pintura, a família que espera o embarque, tem, junto aos seus parcos haveres, um registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres. A festa de Ponta Delgada é, assim, replicada em cidades estadunidenses como Fall River, onde existe

uma igreja sob a invocação do Santo Cristo dos Milagres, New Bedford Cambridge, Bristol, ou Oakland e em cidades canadense como Toronto, Brampton, Otava, Montreal, ou Kingston³⁴¹. A devoção levada pelos açorianos gerou, também nestas cidades, momentos festivos importantes, não apenas na comunidade açoriana mas para toda a cidade. Estas expressões da devoção ao Santo Cristo vão acabar por ter uma maior ligação ao Santuário original em Ponta Delgada do que as outras expressões do Santo Cristo dos Milagres existentes no arquipélago e que também nasceram na devoção do Santo Cristo do Convento da Esperança.

3.2.8. As estruturas eclesiais de apoio à devoção ao Santo Cristo

Atualmente poderemos definir três estruturas eclesiais em volta do culto do Senhor Santo Cristo em Ponta Delgada: a Comunidade Religiosa, a Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e a Reitoria do Santuário. Cada uma destas estruturas tem a sua missão no culto e na festa do Santo Cristo. Independentemente umas das outras, cada uma destas estruturas eclesiais devem interligar-se e complementar-se com as outras.



Imagem 24. Convento da Esperança e Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres.³⁴²

³⁴¹ Cf. D. SÁ, *Peregrinos do Senhor Santo Cristo*, 87-95; J. ANDRADE, *Santo Cristo, álbum de emoções e roteiro de razões*, Letras Lavadas, Ponta Delgada, 2015, 30.

³⁴² Fotografia de Luís Leal.

a) A Comunidade de Vida Consagrada

É a Comunidade de Vida Consagrada que tem por missão cuidar e zelar pela Imagem do Senhor Santo Cristo e do seu espaço, sendo nomeada uma das irmãs como zeladora da Imagem. Atualmente, a residir no antigo Convento das Clarissas, está a Congregação das Religiosas de Maria Imaculada. Além do zelo da Imagem, estas religiosas têm uma residencial para raparigas estudantes em Ponta Delgada, bem como a promoção de outras atividades pastorais e espirituais especialmente junto dos jovens. Esta presença consagrada feminina é fundamental para o culto do Santo Cristo, não apenas por ter nascido num ambiente de clausura, mas porque é a presença da espiritualidade feminina num culto, poderemos dizer, masculino. A presença feminina consagrada esteve sempre presente neste culto do Santo Cristo. Aliás, este foi um dos muito poucos conventos em Portugal que não deixou de ter presença religiosa mesmo com a extinção das ordens religiosas, que nos Açores se deu em 1932, dois anos antes do continente e Madeira. Também as Clarissas do Convento da Esperança foram alvo da mesma lei da extinção das ordens religiosas, mas tendo em conta a devoção e o valor que existia na época à Imagem do Senhor Santo Cristo, o Convento da Esperança foi, de alguma forma, preservado na sua vida religiosa. Assim, não as freiras professoras, mas as suas pupilas, puderam continuar a vida religiosa no dito Convento, como nos dá notícia

D. Francisco Vieira e Brito no seu relatório para a visita *Ad Limina* em 1900:

“Conservado pelo Decreto de 17 de maio de 1832, ainda depois do falecimento da ultima religiosa professa, conserva-se com as pupilas e servas n’elle recolhidas para veneração da Imagem do Senhor Santo Christo, sob e administração d’uma comissão nomeada pelo governo de Sua Magestade em Portaria de 8 de fevereiro de 1895, composta do governador Civil do distrito, ouvidor eclesiástico e ao delegado do tesouro.”³⁴³

³⁴³ F. VIEIRA E BRITO, "Relatório da Diocese d'Angra", 221.

Já no séc. XX o Convento da Esperança albergou as religiosas da Ordem da Visitação e posteriormente as Religiosas de São José de Cluny³⁴⁴ que continuaram com o zelo da Imagem do Santo Cristo e respetivo cuidado com o culto. Sob a orientação desta última Comunidade de Vida Consagrada ali funcionou uma escola para raparigas.

b) Irmandade

Sendo a Comunidade de Vida Consagrada primitiva de clausura, foi necessário de imediato recorrer a leigos que pudessem ajudar em tudo o que concernia às festas e ao culto do Santo Cristo para fora das grades conventuais. Se numa primeira procissão Madre Teresa chama alguns colaboradores leigos para a auxiliarem, numa segunda procissão é a sociedade civil que se move para pedir e realizar essa nova procissão. É em abril de 1765 que são assinados os estatutos da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e, conseqüentemente, oficialmente aprovada a sua fundação. Percebe-se que esta Irmandade nasce para colmatar a necessidade que começava a existir para a realização da festa anual em honra do Santo Cristo, por falta de meios económicos e de pessoas que, comprometidas e organizadas, a realizassem.

“E por que a tenuidade de algumas esmollas q. lhe tributão, o não pode emprehender, nem perpetuar, sem o estabelecim(en)to de huma Irmandade (sic) em cujos Estatutos se apliquem as precisas providências p(ar)a este effeito, e mayor decencia da dita Santa Imagem, determina conciliar os agnimos mais pios, e obrigados ao seu patrocínio para daqui em diante asentirem com suas vontades e esmollas na forma delles.”³⁴⁵

Como se pode observar, a primeira função da Irmandade tem em vista a garantia de existirem meios económicos e pessoais para a realização da procissão e da respetiva festa do Santo Cristo. Porém, hoje há um entendimento mais alargado das funções da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Esta não tem apenas a missão de

³⁴⁴ Cf. J. A. MELLO, *Segredos do Convento Nossa Senhora da Esperança*, Letras Lavradas, Ponta Delgada, 2012, 21-22

³⁴⁵ "1.^{os} Estatutos da Irmandade do Senhor Santo Christo da cidade de Ponta Delgada", *Insulana* 15 (1959) 298-299.

garantir e organizar a procissão e a festa, mas tem igualmente a missão da difusão do culto ao Santo Cristo e uma missão caritativa.

“Artigo 2º

1. A Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres tem por objectivos praticar a solidariedade social, especialmente no apoio à família e realizar actos de culto ao Senhor Santo Cristo.

[...]

Artigo 4º

1. Como actos de expressão cultural celebrar-se-ão os seguintes:

a. Procissão e festividades em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres;”³⁴⁶

São várias as ações que a Irmandade tem no campo social. Uma das mais relevantes é a recolha de bens alimentares para, em parecerias com outras instituições socio-caritativas, entregar a famílias carenciadas do concelho de Ponta Delgada. Não sendo esta uma missão muito conhecida publicamente, não deixa de ser uma missão importante que liga a sua missão cultural à missão caritativa. Estas duas dimensões são, desde a origem, as duas colunas do culto ao Santo Cristo. Não nos esqueçamos que a primeira procissão nasce da ação de graças pelo milagre do pão, um milagre de partilha e de caridade pelos mais necessitados. Várias vezes encontramos nos escritos de Madre Teresa da Anunciada esta ligação do culto da Imagem do Santo Cristo à caridade pelos mais desfavorecidos. O grande papel e mais visível da Irmandade é sem dúvida a organização das festas anuais em honra do Santo Cristo dos Milagres. A ela compete toda a organização logística exterior da festa, quer dos eventos religiosos, mormente das procissões, quer de outros eventos festivos paralelos, como arraial, concertos de música, etc. Também os contactos com as diferentes autoridades civis e militares e a procura de mecenato e fundos económicos para a realização das festividades estão ao encargo da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

³⁴⁶ IRMANDADE DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES, *Estatutos*, [s/e], [s/l], 1995, 1-2; certamente por gralha tipográfica, onde se lê, no artigo 4º, “expressão cultural” deve ler-se “expressão cultural”.

c) Reitoria

A estrutura eclesial mais recente é a Reitoria do Santuário do Senhor Santo Cristo, na sequência da elevação da igreja do Convento da Esperança a Santuário Diocesano do Senhor Santo Cristo dos Milagres, por decreto de D. Manuel Afonso de Carvalho, Bispo de Angra, a 22 de abril de 1959.³⁴⁷ As razões que presidiram à criação do Santuário foram, por um lado, o reconhecimento da devoção secular ao Senhor Santo Cristo, que transformou a igreja do Convento da Esperança num lugar de peregrinação; por outro lado, a necessidade de preservar o culto ao Senhor Santo Cristo e que este o seja dentro do “espírito e orientação da Santa Igreja”³⁴⁸. Para executar esses fins D. Manuel decreta:

“1) Declarar a Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres Santuário Diocesano e confiar a sua administração a um sacerdote especialmente designado por nós;

2) Recomendar a todos os Rev.^{os} Párocos e Sacerdotes a que incutam nos fiéis os verdadeiro espírito de piedade e fervor para com o Santo Cristo, prevenindo-os dos perigos por ocasião da festa anual, a fim de que todas as suas acções sejam para maior glória do Senhor;

3) Exortar todos os Açorianos, de qualquer categoria que sejam, a que, nas horas de tribulação como nas de bonança, invoquem com verdadeiro espírito de fé o Senhor Santo Cristo e lhe peçam que lhes conserve a pureza do coração, a resignação nos infortúnios e, dum modo especial, a graça para levarem uma vida conforme com a vontade do mesmo Senhor, a fim de um dia o poderem aclamar no seu Reino de glória.”³⁴⁹

Daqui se percebe que a necessidade de criação do Santuário não é um mero reconhecimento da devoção ao Santo Cristo, mas que essa mesma devoção deve ser bem encaminhada para uma verdadeira espiritualidade cristológica. A missão da Reitoria será, pois, ajudar os fiéis a viverem a piedade e a religiosidade em torno do culto ao Santo Cristo num verdadeiro caminho de fé dentro da ortodoxia da Igreja. Não se quer aqui desincentivar ou apagar a religiosidade popular em torno desta devoção,

³⁴⁷ M. A. CARVALHO, "Elevação da Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, a Santuário Diocesano e normas a observar na celebração da festa anual ao seu Orago", *Boletim Eclesiástico dos Açores* 810-811 (1959) 404-405.

³⁴⁸ M. A. CARVALHO, "Elevação da Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres", 405.

³⁴⁹ M. A. CARVALHO, "Elevação da Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres", 405.

pelo contrário, a elevação a Santuário Diocesano vai potenciar e promover essa mesma religiosidade como meio evangelizador e congregador da comunidade. Ao mesmo tempo reconhece-se que o culto ao Santo Cristo não é apenas de importância local de uma cidade ou ilha, mas para e de toda a diocese.

O Decreto de nomeação de Mons. Agostinho do Couto Tavares para reitor do Santuário, sucedendo a Mons. Jacinto da Costa Almeida, em Março de 1992, vai reforçar muito claramente a missão do Santuário e da equipa sacerdotal. Este tem uma tríplice missão de acolhimento, testemunho e serviço, tendo aqui a nova evangelização um lugar privilegiado.³⁵⁰ Neste decreto é igualmente criada uma equipa sacerdotal cuja missão de cada elemento também transmite o espírito que deve presidir à Reitoria:

- “- Mons. Agostinho Tavares [Reitor] – Direcção e orientação geral
- Mons. Jacinto da Costa Almeida [Reitor de Honra] – Mantém todos os direitos e regalias. Dará apoio no que puder: cartas, acolhimento... presença.
- P. Artur B. de Paiva [Capelão] – Missa, confissões e ajuda em tudo o que possa, nomeadamente em acolhimento e testemunho.
- Pe. Agnelo S. Almeida [Ecónomo] – Todas as contas, pagamentos e orçamentos. Assinará com o Reitor.”³⁵¹

Há aqui um claro cuidado e empenho para que a principal missão da Reitoria seja o acolhimento e a dimensão espiritual e sacramental. Havendo um ecónomo que não o reitor, liberta este para que possa ser a sua “ direcção e orientação geral”, não meramente administrativa e burocrática, mas pastoral e espiritual. Um dado particular, e que pode passar despercebido mas que não deixa de ter grande importância, é a missão que o Reitor de Honra, ou emérito, continua a ter no Santuário. A ele está confiada a continuação do acolhimento aos de longe através da correspondência. Quando aqui se fala de “cartas”, reforça-se o cuidado que cada uma das cartas que chegam ao Santuário deve ter. Se outrora a missão de receber, dar provimento e responder à correspondência recebida em nome do Santo Cristo cabia à Comunidade de Vida Consagrada e, mais

³⁵⁰ Cf. A. ESCUDEIRO, "Decreto", *Boletim Eclesiástico dos Açores* 843 (1992) 134.

³⁵¹ A. ESCUDEIRO, "Atribuições", *Boletim Eclesiástico dos Açores* 843 (1992) 135.

particularmente, à irmã zeladora da Imagem, atualmente cabe principalmente à Reitoria do Santuário esse papel. Estas cartas, como já observámos em alguns exemplares, são verdadeiros testemunhos de fé e oração, são preces e ações de graça, bem como pedidos de auxílio espiritual, mais que material. Destaca-se, pois, que estas cartas devem ter uma resposta cuidada e não apenas uma formalidade de aviso de receção, requerem uma verdadeira palavra de acolhimento. Também a indicação de expressão “...presença” é sinal que esta é já por si um ato de testemunho de fé e acolhimento. Se em qualquer comunidade a presença sacerdotal é por si importante, mais o é num Santuário.

Quer no decreto, quer nas nomeações, não há referência explícita à organização da festa anual ao Senhor Santo Cristo, mas tão-somente ao cuidado pastoral e espiritual da devoção ao Senhor Santo Cristo, mesmo na altura da festa. Assim, poderemos depreender que esta continua ao encargo da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e o zelo da Imagem ao encargo da Comunidade de Vida Consagrada. Tudo isto implica uma parceria muito próxima entre estas 3 estruturas eclesiais, cada uma com a sua missão, mas todas concorrendo para o mesmo fim, em profícuo trabalho conjunto. Elas dão-nos uma imagem da vida eclesial nas diferentes missões, ministérios e carismas. A vida consagrada, a ministerial e a laical são as três formas de vida eclesial que aqui ganham uma verdadeira imagem e testemunho eclesiológico.

3.2.9. A roda do convento, uma particularidade de difusão da devoção

Uma particularidade do culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres é a roda. A roda que aqui se fala é a roda existente nos mosteiros para a entrega de objetos à clausura e da clausura para o exterior. Apesar de hoje já não existir uma Comunidade de Vida Consagrada de clausura, o costume de se ir à roda e deixar uma oferta, uma carta, um pedido, continua. Do lado da clausura continuam a existir ou religiosas ou senhoras

voluntárias que, com a mesma dedicação e cuidado recebem as ofertas e intenções e como agradecimento dão ao devoto uma recordação ou relíquia ligada ao Santo Cristo (imagem 25). A roda funciona todo o ano, mas, como é natural, é nos dias em volta da festa que há mais pessoas a deslocarem-se à roda para deixar a sua oferta e receber uma recordação do Senhor Santo Cristo. Neste gesto de entregas de ofertas e pedido de orações pela antiga roda conventual, poderemos ver dois dinamismos: um primeiro como reminiscência do ambiente e referência claustral que foi permanecendo ao longo dos séculos e sobrevivendo a todas as vicissitudes da história e modificações das formas e regras de vida religiosa local; um segundo como forma de anonimato e discrição do ofertante e devoto. Havendo outras formas mais personalizadas de entrega da oferta monetária ou outra e do pedido de orações, como presencial ou por correspondência, a roda é uma das mais utilizadas pelos devotos. Ao colocar a sua oferta na roda, há sempre o elemento surpresa, pois por norma, o devoto não sabe o que vai receber como gratidão pela oferta que deixou. Tirando algumas exceções em que o devoto pede em concreto determinado objeto ou relíquia, por saber que está a ser entregue e que o deseja, quem está na roda a receber as ofertas e orações vai colocando determinados objetos de acordo com o valor e também segundo a sensibilidade que se tem em relação a determinada pessoa ou situação. Embora revestido de anonimato, quem oferece muitas vezes dá indicação e razões da sua oferta, quer dizendo de viva voz, quer por escrito.

São vários os objetos que são dados na roda aos devotos. Estes podem ir de pagelas com orações, ou terços, réplicas de gravuras antigas do altar do Santo Cristo e postais, a material diverso de *merchandising*, como canetas, porta-chaves, lenços, etc. Contudo, tem havido um cuidado especial, da parte de quem está na roda a receber as ofertas e orações, a que aquilo que é dado aos devotos não seja tanto *merchandising* igual a tanto outro que se encontra nas lojas exteriores ao Santuário, mas que sejam

objetos que ajudem os devotos a viver a sua devoção ao Senhor Santo Cristo. Assim, são privilegiadas as ofertas de terços e também de pagelas com orações, existentes em diferentes línguas, ou livrinhos com a história da Madre Teresa da Anunciada, ou da devoção ao Santo Cristo, ou opúsculos devocionais ao Senhor Santo Cristo dos Milagres. Porém, as dádivas aos devotos não se limitam a objetos devocionais ou de *merchandising*, são também entregues pequenas relíquias do Santo Cristo. Essas relíquias poderão ser pequenos pedaços de antigas capas da Imagem, fitas com a medida da altura da Imagem, ou pétalas de rosa da roseira da Madre Teresa da Anunciada. Valerá a pena determo-nos um pouco na observação das relíquias e das pagelas que são entregues na roda.



Imagem 25. Roda e peregrinos junto da mesma pedindo orações.³⁵²



Imagem 26. Alguns objetos de *merchandising* entregues na Roda.³⁵³

³⁵² Fotografia de Luís Leal.

a) As relíquias

Desde o início da devoção que há a preocupação por parte de Madre Teresa em entregar algum objeto que pertenceu à Imagem do Santo Cristo como forma de o fazer presente junto do devoto ou para que, através daquele objeto, o Santo Cristo tocasse os sentimentos (lembremo-nos o episódio da entrega da cana ao rei D. João V para que este baixasse as taxas do açúcar) ou tocasse no corpo do doente. O sentido religioso da relíquia é o de tornar fisicamente presente aquele que é o sentido da devoção. As primeiras relíquias terão sido a cana e as capas, mas também a fita com a medida da altura da Imagem do Santo Cristo.

“Estado em outra ocasião o mesmo Conde com uma ardente febre acompanhada de vários sintomas, que davam cuidado aos médicos, assim que lhe lançaram ao pescoço uma medida do Senhor Santo Cristo, que ele beijou com muita devoção, experimentou logo um copioso suor e a ele seguiu a remissão da febre e mais sintomas, e em breve tempo a total melhor.”³⁵⁴

A fita com medida da altura da Imagem é vista assim como relíquia, pois é encarada como a presença total da Imagem, não apenas de um dos seus objetos, com a possibilidade de ser facilmente transportada e enviada em correspondência. Em tempos recentes chegou-se a dar como relíquia uma fita com a medida do rosto da Imagem (imagem 27). Porém, essa prática foi abandonada, sendo hoje apenas entregue a medida total da Imagem, como o era no tempo de Teresa da Anunciada (imagem 28).

Uma outra relíquia que se deu desde o início da devoção e que ainda hoje perdura, embora de outra forma, é a entrega de uma capa da Imagem (imagem 29). Atualmente já não é entregue nenhuma capa inteira, mas apenas pequenos saquinhos de tecido que contêm fragmentos de capas que, devido ao seu uso, se vão deteriorando, acabando por serem substituídas por outras. Não se trata aqui das capas que são visíveis

³⁵³ Fotografia de Luís Leal.

³⁵⁴ J. CLEMENTE, *Vida da Venerável Teresa da Anunciada*, 205.

e trabalhadas, mas de uma pequena capa interior que protege a Imagem e fica entre a capa visível e a Imagem. Assim, esta é uma das relíquias principais por ser de um objeto que esteve em contacto permanente com a Imagem. Podemos dizer que é uma relíquia equiparada às relíquias das vestes dos santos.

As pétalas das rosas da roseira da Madre Teresa da Anunciada são uma outra relíquia entregue (imagem 30). Esta consiste em saquinhos transparentes que contêm um pequeno molho de pétalas secas provenientes de uma roseira que terá sido plantada por Teresa da Anunciada por mandato do Santo Cristo. Na verdade, na sua autobiografia Teresa da Anunciada não fala de tal roseira mas apenas num jardim: “que se faça uma capela para trás e um jardim para o lado da capela.”³⁵⁵ Mais adiante explicita a função do jardim: “me fizessem uma capela com duas janelas rasgadas, uma sacristia com o seu jardim para flores do meu altar.”³⁵⁶ O Padre José Clemente, na sua biografia de Madre Teresa, vai fazer uma referência explícita à roseira:

“Em um Domingo daquele ano em que se fabricava a capela, plantou Teresa a roseira; e não sendo a estação acomodada para o intento, por ser estio, não obstante abrolhou a vara, e se explicou em folhas e botões em tão breve tempo, que na quarta-feira seguinte lhe achou uma rosa totalmente aberta e perfeita.”³⁵⁷

Diz ainda a tradição que essa roseira plantada por Teresa nunca está sem flor. Assim esta relíquia das pétalas da roseira é de alguma forma uma relíquia de Madre Teresa e do Santo Cristo, lembrando que em Deus tudo é possível e que a vida é perene. Em anos passados em vez do saquinho com a relíquia eram dados pequenos postais com uma folha da roseira e respetiva citação da biografia escrita pelo Padre José Clemente (imagem 31). Da mesma forma, também existiram relíquias/recordações não propriamente da roseira mas de outras plantas do jardim junto à capela do Santo Cristo

³⁵⁵ VSD, 52.

³⁵⁶ VSD, 84.

³⁵⁷ J. CLEMENTE, *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, 155.

(imagem 32) e mandado plantar por Ele, ou mesmo de terra desse jardim (imagem 33). Esta última relíquia ou lembrança, como a própria indica, aproxima o devoto do Santo Cristo à sua terra mesmo, que estando longe pela emigração se sente assim fisicamente ligado, conserva um pouco, até materialmente falando, da sua terra com a particularidade de esta ser de um dos lugares mais emblemáticos e sagrados para as gentes açorianas.

Uma outra relíquia que se deixou de entregar foi a de fragmentos do armário onde se terá dado o milagre do pão (imagem 34). Acompanhado do relato do milagre do pão, esta relíquia ligava o devoto a um objeto onde se deu um dos principais milagres e que originou a realização da primeira procissão. A distribuição desta relíquia fez com que o referido armário fosse mutilado. Por essa razão se deixou de entregar para perseveração do mesmo armário. Esta relíquia, bem como a das rosas, não são relíquias diretas da Imagem, como as capas ou as medidas, mas são de locais ou objetos miraculados pelo Santo Cristo, por isso, também eles portadores da mensagem que nos é transmitida por cada um desses acontecimentos: a vida perene em Cristo, a caridade e a partilha.



Imagem 27. Fita com a medida da face da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.³⁵⁸



Imagem 28. Fita com a medida da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.³⁵⁹

³⁵⁸ Fotografia de Luís Leal.



Imagem 29. Relíquia da capa.³⁶⁰



Imagem 30. Relíquia da Roseira da Madre Teresa, com pétalas de rosa.³⁶¹



Imagem 31. Antiga relíquia da Roseira da Madre Teresa (frente e verso).³⁶²

³⁵⁹ Fotografia de Luís Leal.

³⁶⁰ Fotografia de Luís Leal.

³⁶¹ Fotografia de Luís Leal.

³⁶² Fotografia de Luís Leal.

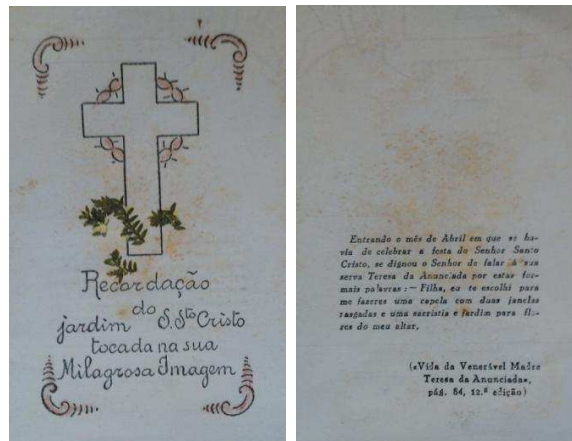


Imagem 32. Relíquia de plantas do Jardim do Senhor Santo Cristo dos Milagres (frente e verso).³⁶³

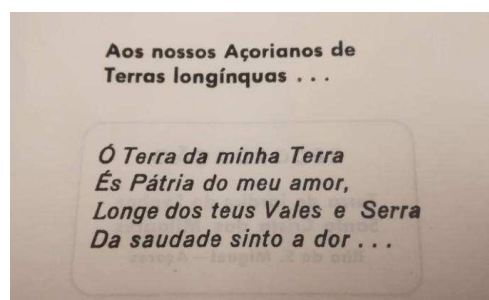


Imagem 33. Folha com a legenda que acompanhava a relíquia da terra do jardim.³⁶⁴

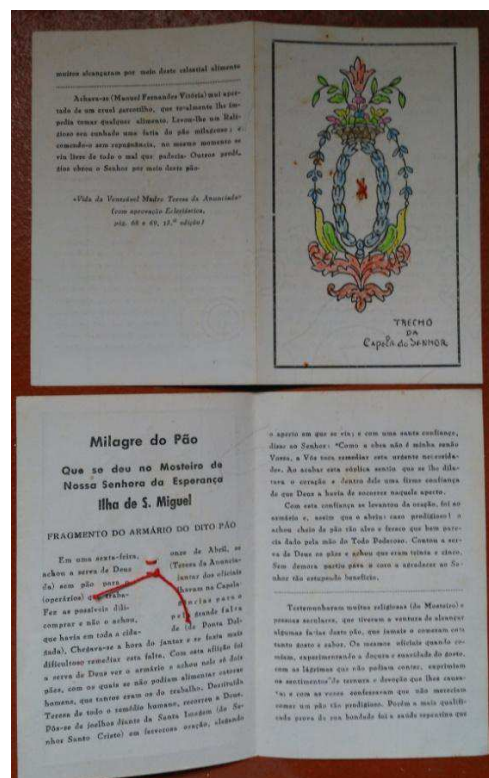


Imagem 34. Relíquia do armário do milagre do pão (frente e verso).³⁶⁵

³⁶³ Fotografia de Luís Leal.

³⁶⁴ Fotografia de Luís Leal.

³⁶⁵ Fotografia de Luís Leal.

b) Coroas e novenários

A *Coroa do Senhor Santo Cristo dos Milagres com a Invocação do Ecce-Homo*³⁶⁶ e a *Novena da Milagrosa Imagem do Senhor Ecce-Homo*³⁶⁷ são dois dos opúsculos que se entregam na roda. Ambos tiveram o *imprimatur* em 1933 pelo então bispo de Angra, D. Guilherme Augusto. Os dois opúsculos são pequenos esquemas de orações a partir da invocação do Santo Cristo e dos passos da Paixão de Jesus. Enquanto a novena é para ser rezada em nove dias, a coroa é uma oração única, mas com vários passos.

A coroa é uma espécie de terço do rosário que começa com o ato de contrição e é composta de 4 mistérios da Paixão de Jesus: Coroação de espinhos; Condenação à morte; Despojamento das vestes; Crucificação e Morte de Jesus. Após cada invocação o devoto reza uma Avé-Maria e dez Pai-Nosso e lê a meditação consequente. A oração termina com um ato de oferecimento e com uma sequência de jaculatórias. As meditações mostram um pietismo à Paixão de Jesus olhando para o radical sofrimento e destacando-o como momento redentor e da caridade divina. Em cada meditação há igualmente um propósito de vida para o orante: não voltar a pecar que é ofensa a Cristo e causa do seu sofrimento;³⁶⁸ contrição dos pecados e resposta ao amor de Deus com atos de amor;³⁶⁹ remorso pelo pecado e propósito de não voltar a ofender;³⁷⁰ pedido de livração do “cativeiro do demónio” e compromisso de louvar a Cristo por essa graça.³⁷¹ De linguagem dramática, própria da época (1933), o oferecimento é a congregação de

³⁶⁶ *Coroa do Senhor Santo Cristo dos Milagres com a Invocação do Ecce-Homo*, [s/e], Ponta Delgada, 2014.

³⁶⁷ *Novena da Milagrosa Imagem do Senhor Ecce-Homo que se venera no mosteiro de Nossa Senhora da Esperança da Ilha de S. Miguel*, [s/e], [s/l], [s/d] (pela encadernação percebe-se que é uma edição recente e provavelmente de 2014, ano da reimpressão da *Coroa do Senhor Santo Cristo dos Milagres*).

³⁶⁸ Cf. *Coroa do Santo Cristo*, 6.

³⁶⁹ Cf. *Coroa do Santo Cristo*, 7.

³⁷⁰ Cf. *Coroa do Santo Cristo*, 8.

³⁷¹ Cf. *Coroa do Santo Cristo*, 8-9.

todos os propósitos e desejos anteriores.³⁷² Também as jaculatórias são invocação em que o devoto se culpabiliza de cada um dos seus pecados e invoca o perdão de Deus.³⁷³

A novena compreende uma oração preparatória, a meditação de uma virtude, rezar ou cantar 3 jaculatórias, acompanhadas “no fim de cada uma o Padre Nosso, e a Ave Maria e Glória Patri”³⁷⁴ e uma oração, concluindo com um ato de oferecimento. As nove virtudes aqui meditadas, cada uma num dia, são: humildade,³⁷⁵ paciência,³⁷⁶ caridade,³⁷⁷ obediência,³⁷⁸ mansidão,³⁷⁹ pobreza,³⁸⁰ conformidade,³⁸¹ silêncio³⁸² e perseverança.³⁸³ Também aqui encontramos uma linguagem em que o homem se reconhece pecador e imerecedor das graças de Deus e que, pelos seus pecados, faz sofrer a Cristo, identificando-se como causa da Sua Paixão, ao mesmo tempo que contempla um Deus que se humilha para resgatar o homem:

“Oh! e como está desfigurada a vossa formosura, como está abatida a vossa grandeza, e como está humilde a vossa Majestade! Esta é a transformação que a vossa inocência obrou a minha má vida; a este estado Vos reduziu a minha culpa; pois tanto me amais que pelos meus pecados padeceis.”³⁸⁴

“Bem sabeis Vós a minha natural miséria; e bem sei eu a vossa inata Misericórdia. Este conhecimento, meu, e Vosso, me dá ânimo para vos consagrar um obséquio tão imperfeito, tão túbio e tão pouco fervoroso. Feriu-me o coração vista dessa Vossa dolorosa Imagem, cujas insígnias estão pregadas na minha alma.”³⁸⁵

Estes dois esquemas devocionais de oração têm como princípio a miséria e incapacidade humana de alcançar o amor de Deus. Reconhecendo-se como pecador

³⁷² Cf. *Coroa do Santo Cristo*, 9-10.

³⁷³ Cf. *Coroa do Santo Cristo*, 10-15.

³⁷⁴ *Novena da Milagrosa Imagem*, 5-6.

³⁷⁵ Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 4.

³⁷⁶ Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 8.

³⁷⁷ Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 10.

³⁷⁸ Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 13.

³⁷⁹ Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 16.

³⁸⁰ Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 19.

³⁸¹ Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 21.

³⁸² Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 24.

³⁸³ Cf. *Novena da Milagrosa Imagem*, 27.

³⁸⁴ *Novena da Milagrosa Imagem*, 3.

³⁸⁵ *Novena da Milagrosa Imagem*, 30.

empedernido mas que deseja a conversão, o devoto pede a Deus esse dom e entrega-se à misericórdia de Cristo. São oração de confiança plena em Deus como redentor.

c) Pagelas e orações

O objeto devocional diretamente ligado ao Santo Cristo que mais é entregue na roda são as pagelas com orações e a fotografia da Imagem. São essencialmente 3 as pagelas e respectivas orações, podendo variar no tamanho ou língua. Sendo edições do Santuário, ou expressamente para ele realizadas, estas pagelas com suas orações pretendem ajudar o devoto a encaminhar a sua oração ao mistério contemplado e invocado no *Ecce Homo*:

“Ó bom e amantíssimo Jesus, que por amor das nossas almas quiseste ser açoitado, coroado de espinhos e considerado como rei de comédia no Pretório de Pilatos, dando-nos o exemplo máximo de humildade, fazei que, atraídos pela Vossa face adorável, não tenhamos outro pensamento que não seja para vos louvar, outro desejo que não seja o Vosso amor.

Fazei, Senhor, que a nossa vida seja sempre iluminada pelos clarões da Vossa Sagrada Paixão, a fim de, nas contrariedades, sentirmos a Vossa força, nas aflições a Vossa consolação, nas dores o Vosso refrigerio, nas tristezas, a Vossa alegria, chegando assim incólumes ao Vosso Reino Eterno. Amen!”



Imagem 35. Pagela da Paixão do Senhor Santo Cristo dos Milagres (frente e verso).³⁸⁶

³⁸⁶ Em referências seguintes esta pagela será identificada como: Pagela da Paixão do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Esta oração mostra o episódio bíblico de *Ecce Homo* que é contemplado na Imagem como testemunho para o crente seguir na humildade e, por essa razão, viver o louvor a Deus e desejar cada vez mais viver e sentir o amor de Deus. Há também aqui o pedido para que Cristo ajude o devoto a olhar para os problemas da sua vida no confronto com ele, pois Cristo surge como alguém, que tendo vivido e sofrido pelo homem, o ajuda na sua esperança e alento.

Diferentemente da anterior, a oração representada na imagem 36 não é explícita para uma invocação do *Ecce Homo*, a não ser no seu início que, mudando o nome da invocação, também serviria para outras invocações de Cristo. Nesta, o momento redentor invocado não é a Paixão, como seria normal nesta invocação, mas sim a Ressurreição. Não estão os dois momentos desligados mas é dado aqui o único foco à Ressurreição de Jesus como momento de vida nova e nova criação. Pela Ressurreição renova todas as coisas criando um novo céu e uma nova terra.³⁸⁷ É também uma oração de ação de graças pelos benefícios que Deus concede a cada um, ao mesmo tempo que é pedido para que Cristo seja o alento e que o fiel o sinta presente na sua vida, não como uma presença meramente sentimental, mas como uma realidade concreta:

“Senhor Santo Cristo do Milagres, pela Vossa Ressurreição, Deus está renovando este mundo para fazer surgir uma nova criação.

Fazei, Senhor, que estas novas forças realizem mais e melhor a sua verdadeira finalidade de salvação e bondade.

Eu te agradeço todos os benefícios que nos tens concedido e afasta de nós todas as barreiras que impedem a comunhão, a justiça, a verdade, a paz e o amor. Nós Te imploramos, Senhor, que nas nossas vidas simples, cheias de alegrias e tristezas comuns, encontremos sempre a Tua presença real e concreta.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Ámen.”

³⁸⁷ Cf. Ap 21, 1-5

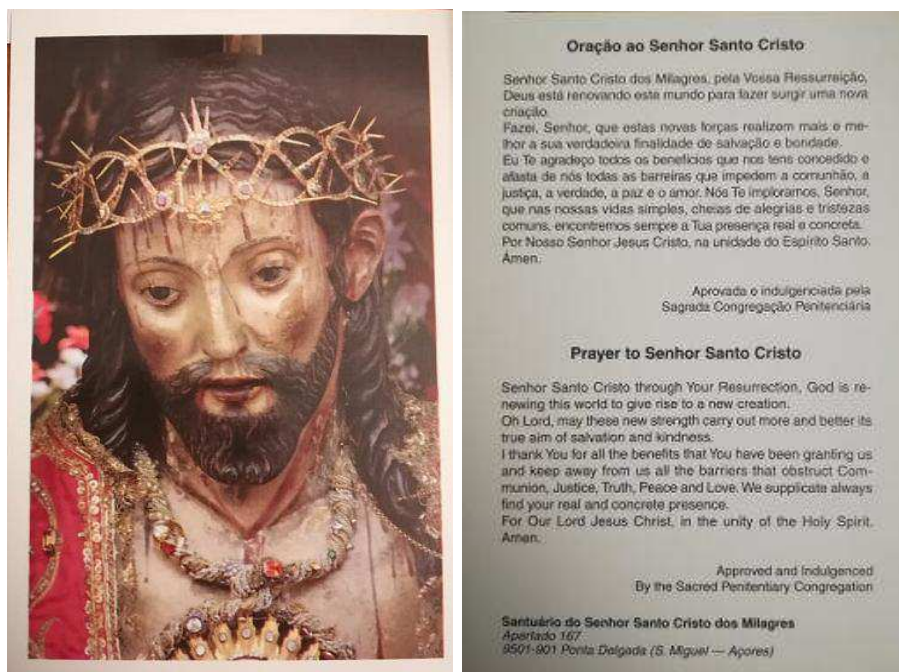


Imagem 36. Pagela da Ressurreição do Senhor Santo Cristo dos Milagres (frente e verso).

Se as duas orações anteriores eram dirigidas a Jesus Cristo, esta oração é dirigida ao Pai. Na verdade, esta terceira pagela é uma oração a pedir a beatificação da Madre Teresa da Anunciada. Por isso, vai invocar a origem do culto ao Senhor Santo Cristo centrado na Paixão de Jesus, pedindo a Deus as graças por intercessão da Madre Teresa para que ela seja reconhecida como beata. Esta pagela incentiva ainda a que as graças recebidas por intermédio de Teresa da Anunciada sejam comunicadas ao Santuário:

“Ó Deus, que pela Vossa Providência quiseste benignamente escolher a Venerável Madre Teresa da Anunciada, das Clarissas Claustrais ou Ourantes, para difundir a devoção á Sagrada Paixão de Vosso Filho e Nosso Redentor, sob a invocação do Senhor Santo Cristo dos Milagres, concedei à Vossa Igreja a alegria da sua beatificação, tornando manifesto a todos o seu poderoso valimento junto de Vós pelas graças que Vos dignaste conceder por sua intercessão. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amén.

Aprovada e indulgenciada pela Sagrada Congregação Penitenciária.

Mediante orações, sacrifícios, boas obras e promessas, peçamos graças e milagres, a fim de se apressar a hora da sua glorificação. Rezemos com humildade e perseverança.

Comuniquem as graças recebidas ao: Santuário da Esperança. Apartado 167, 9502 Ponta Delgada – Açores.”



Imagem 37. Pagela da Madre Teresa (frente e verso).

3.2.10. Os hinos do Santo Cristo

O Hino do Senhor Santo Cristo dos Milagres terá sido composto pelo músico Manuel José Candeias, Maestro da Banda Militar de Ponta Delgada por volta de 1869³⁸⁸. E consta de 5 estrofes sendo a segunda usada habitualmente como refrão:

“Glória a Cristo Jesus, glória eterna
Nosso Rei, nossa firme esperança,
Soberano que os mundos governa
E as nações recebem por herança.

Com o manto e o ceptro irrisório,
Sois de espinhos cruéis corado.
Rei da dor uma vez no Pretório
Rei de amor, para sempre adorado.

Combatendo por Vossa bandeira
Que, no peito, trazemos erguida,
Alcançamos a paz verdadeira
E a vitória nas lutas da vida.

Só a Vós, com inteira obediência,
Serviremos com firme vontade,
Porque em Vós há justiça e clemência,
Porque em Vós resplandece a verdade.

³⁸⁸ Cf. J. A. ALMEIDA, M. TORRE, *Banda Militar dos Açores: uma referência cultural*, Letras Lavradas, Ponta Delgada, 2015, 8.

Concedei-nos, por graça divina,
Que sejamos um povo de eleitos,
Firmes crentes na Vossa doutrina,
Cumpridores dos Vossos preceitos.”³⁸⁹

Em todo o hino é usada uma linguagem de realeza jogando com o episódio de Jesus apresentado por Pilatos no Pretório, como rei de escárnio, com a verdadeira realeza divina de Jesus. Há aqui uma exaltação do acontecimento redentor da Paixão e a glorificação do ato de amor e submissão do crente ao poder de Cristo. A própria cruz, que cada crente transporta no peito, seja fisicamente num fio, seja simbolicamente no coração, torna-se estandarte que proclama a vitória nas batalhas de cada dia. Não é só um hino de glorificação a Cristo, é também uma oração pedindo a ação do Espírito Santo, “por graça divina” para que o crente permaneça sempre na fidelidade a Deus e na realização dos Seus mandamentos. Cantar ou escutar este hino, contemplando a Imagem, torna a própria Imagem com outro esplendor e realeza. É, na verdade, uma legenda à interpretação da própria Imagem.

Se este hino é o mais difundido e conhecido, existe um outro hino com a mesma melodia e que muitos consideram como sendo uma primeira letra do mesmo. Todavia, carece-se de estudos e referências sobre as datas de cada uma das letras. A sua letra foi aprovada pelo Bispo de Angra, D. Guilherme Augusto Guimarães, em 1944. Este hino, ao contrário do anterior, não conseguiu entrar na memória dos devotos e, por isso, o seu uso é atualmente quase inexistente. Contudo importa realçar que também este é um hino de exaltação a Cristo. Aqui o devoto não faz nenhuma petição, manifestando apenas a sua gratidão, em forma de glorificação ao Senhor Santo Cristo. Ele é a certeza da esperança em todo o momento e lugar, é a paz que pela Sua Paixão veio trazer ao mundo, mas é também a Eucaristia: “Glória a Cristo no pão e no vinho”.

³⁸⁹ D. SÁ, *Peregrinos do Senhor Santo Cristo*, 113.

“I
Santo Cristo! Esperança Divina,
Horizonte de Eterna Vitória.
Quero a vida na Vossa Doutrina
E na morte o Reino da Glória

Santo Cristo, Ó! Estrela Brilhante,
Ó! Farol que guiais ao abrigo;
A minh'alma navega errante,
Glória a Cristo na hora do perigo.

CORO
Glória a Cristo no céu e na Terra,
Glória a Cristo no Vinho e no Pão,
Glória a Cristo no Mar e na Serra,
Glória a Cristo no meu coração.

II
Santo Cristo! Essa Chama Celeste,
Que irradia do Vosso Olhar,
É a Paz que ao Mundo trouxeste,
E o Mundo recusa aceitar.

Santo Cristo! Esperança Bendita!
Do Cristão que Vos ama e adora,
A minh'alma vagueia aflita
Glória a Cristo na última hora

CORO
Glória a Cristo no céu e na Terra,
Glória a Cristo no Vinho e no Pão,
Glória a Cristo no Mar e na Serra,
Glória a Cristo no meu coração.

Imprimatur
Angrae, 1 de Maio de 1944
† G. A. Epss. Angren”³⁹⁰

3.2.11. A Festa do Senhor Santo Cristo

a) A data da festa

É desconhecida a razão da atual data da festa ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, no Domingo VI da Páscoa, e quando a mesma data se fixou. Certo é que

³⁹⁰ Anexo 3.3., p. 324.

deixou de haver qualquer referência devocional à primeira sexta-feira de abril ou ao dia 11 de abril, apesar de o mesmo ter sido desejado pelo Santo Cristo como vimos anteriormente, nem mesmo ao 16 ou 17 de dezembro. Na verdade, as grandes referências festivas e celebrativas oficiais e atuais ao Santo Cristo, para além da devoção quotidiana dos fiéis, é a sua Solene Festa, no Domingo VI da Páscoa, a Novena dos Espinhos, na Semana II da Quaresma, e a Solenidade de Cristo Rei. Segundo os Primeiros Estatutos da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, de 17 de abril de 1765, percebe-se que o interregno da festa se deveu à falta de esmolas para a mesma. Assim, para garantir que a festa se realize anualmente é instituída a dita Irmandade. Nestes estatutos podemos perceber que a festa seria anualmente a 11 de abril:

“insignuações q. fizera o memso Sr. a sua serva a Veneravel Sn.ra Thereza da Anunciada p(ar)a se lhe fazer huma festa no dia 11 de abril. q. não teve permanencia, pella remição das esmolas, e menos fervor de seus devotos; [...]e p(ar)a mover mais a pied(ad)e dos fieis aos cultos desta Sagrada Imagem, aplicamos p(ar)a o dia da sua festa em o prez(ent)e anno, e p(ar)a o fucturo, huma indulgência plenária, transferindo a do dia de S. Tiago 25 de julho, q. tinhamos assignado em a freg(uesi)a de S. José p(ar)a daqui em diante se ganhar ma Igr(ej)a de N. Sn.ra da Esperança em o dia da mencionada solemnidade,”³⁹¹

No séc. XIX já esta festa seria não no 11 de abril, mas eventualmente no Domingo VI da Páscoa, de acordo com a nominação litúrgica atual, ou 5ª dominga como se chamava por ser o quinto domingo depois do domingo da Páscoa. Hugo Moreira fala-nos que “por ocasião das festas, em maio de 1871, os marqueses [da Ribeira Grande, D. Francisco de Sales Zarco da Camara e esposa D. Luísa da Cunha e Meneses] ofereceram esta capa ao Senhor Santo Cristo”³⁹². Tendo a conta do VI Domingo da Páscoa, ou quinta dominga, a festa nesse ano terá ocorrido a 14 de maio, pois a Páscoa foi no dia 9 de abril.

³⁹¹ "1.^{os} Estatutos da Irmandade do Senhor Santo Christo da cidade de Ponta Delgada", 299-300.

³⁹² H. MOREIRA, *O Convento de Nossa Senhora da Esperança*, 228.

Em 1891³⁹³ e 1899³⁹⁴ percebe-se que a procissão ao Santo Cristo acontecia no quinto domingo depois da Páscoa. Nessas duas ocasiões há a notícia da presença do Bispo de Angra na festa e na de 1899 também participam os seminaristas de Angra pois “graças á facilidade de communicações que hoje gosamos, conceberam a arrojada ideia d’irem á festa do Senhor Santo Christo.”³⁹⁵ Nesse ano de 1899 a festa aconteceu a 7 de maio, que foi o quinto domingo depois da Páscoa.

Também no início do séc. XX a festa do Senhor Santo Cristo era no VI Domingo da Páscoa. Em 1917 a Páscoa foi no dia 8 de abril sendo o VI Domingo da Páscoa no dia 13 de maio e foi nesse mesmo domingo que se realizou a festa e a procissão do Santo Cristo em Ponta Delgada.³⁹⁶

Atualmente está plenamente assumida essa data, o VI Domingo da Páscoa, sendo a única ocasião em que a Imagem sai do Convento da Esperança. Tirando a procissão anual, é apenas conhecida uma única vez que a Imagem saiu do Convento sem ser por ocasião da sua festa e para a procissão. Tal aconteceu no dia 11 de maio de 1991, ano em que o Papa João Paulo II visita Portugal e vai à ilha de São Miguel onde, diante da Imagem no Campo de S. Francisco, preside à Celebração da Palavra e faz uma homilia.

b) Estrutura organizativa da festa

As festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres são atualmente compostas por momentos religiosos e momentos culturais. A entidade promotora das festas é, por tradição e estatutariamente, a Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres³⁹⁷ que,

³⁹³ Cf. F. MARIA, "Provisão" *Boletim Eclesiástico dos Açores* 234 (1891) 22.

³⁹⁴ Cf. "A festa do Senhor Santo Christo dos Milagres em Ponta Delgada", *Boletim Eclesiástico dos Açores* 321 (1899) 140.

³⁹⁵ "A festa do Senhor Santo Christo dos Milagres em Ponta Delgada", 140.

³⁹⁶ Cf. H. MOREIRA, *O Convento de Nossa Senhora da Esperança*, 105.

³⁹⁷ IRMANDADE DO SANTO CRISTO DOS MILAGRES, *Estatutos*, art.4º § 1a.

em conjunto com a Reitoria do Santuário e a Comunidade de Vida Consagrada, programa e orienta tudo o que concerne à festa. Cada uma destas estruturas eclesiais tem a sua missão específica, não só ao longo do ano, como vimos anteriormente, mas de um modo mais explícito na festa anual.

É encargo da Comunidade Religiosa o cuidado pela Imagem e tudo o que a envolve. Assim, na festa anual é a ela, e mais particularmente à irmã zeladora da Imagem, que toca esta incumbência de escolher a capa que a Imagem irá levar em procissão, de preparar as suas insígnias principais, os andores e todo o adorno floral da capela do Santo Cristo, dos claustros, da igreja e dos locais exteriores para a Missa campal e junto da estátua da Madre Teresa da Anunciada no Campo de São Francisco. Para estas tarefas, as religiosas dispõem de uma ajuda de leigos, homens e mulheres. De toda a parte chegam flores que os devotos oferecem para as festas e dessas flores se fazem todos os arranjos no Santuário e também algumas são entregues na Igreja de S. José onde a Imagem irá passar a noite em vigília de sábado para domingo. Embora seja um papel menos visível, a missão das religiosas na festa é fundamental, pois têm toda a preparação e cuidado com a Imagem e os espaços sagrados. Ao mesmo tempo procura-se que todos os voluntários, e mesmo alguns assalariados, tenham este empenho e cuidado como expressão de amor e devoção ao Santo Cristo e não para honra e orgulho pessoal.

Cabe à Reitoria do Santuário toda a orientação das celebrações religiosas e o acolhimento sacramental da penitência aos peregrinos. A ela está o encargo, em conjunto com o bispo diocesano, de escolher e convidar o bispo que irá presidir à festa anual, na Missa solene de domingo e nas procissões de sábado e de domingo. É também grave missão da Reitoria ajudar os peregrinos e devotos a que a festa seja vivida com um profundo sentido espiritual enraizado nos mistérios da Paixão e Ressurreição de

Jesus. Para tal, é papel da Reitoria preparar e escolher o pregador do tríduo de preparação, bem como a temática do mesmo.

Finalmente, o papel mais visível e organizativo das festas anuais cabe à Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Toda a organização da parte não religiosa da festa, bem como da organização das procissões e da estrutura geral da festa anual, está ao encargo da Irmandade. A ela competem todos os contactos e convites institucionais necessários para que a festa, em todas as suas dimensões, se realize. Como já, vimos anteriormente, a Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres surge pela necessidade de financiamento da festa e da sua organização. De alguma forma ela é herdeira daqueles que, fora do convento, ajudaram a Madre Teresa a fazer a primeira procissão e pediram que a Imagem saísse em procissão quando, anos mais tarde, a terra tremeu.

c) A festa profana

Se nos primeiros tempos a festa se restringia à procissão e outros atos religiosos, foram surgindo em volta dela outras manifestações culturais e outras necessidades como a da alimentação dos devotos e peregrinos e a sua animação em períodos de lazer.³⁹⁸ Deste modo, hoje a festa é também caracterizada pelas suas “tasquinhas”, que são bares e restaurantes montados em estruturas efêmeras. A estas acorrem muitas pessoas, sendo uma atração que gira em torno da festa do Santo Cristo, mas que existe para além dela, pois muitos são os que vão desfrutar das “tasquinhas” sem qualquer tipo de ligação à devoção do Santo Cristo. Também a feira que é montada em parte da avenida marginal proporciona a todos, devotos e não devotos, um ambiente festivo e de encontro popular. O mesmo acontece com os carrosséis e pequenas bancas de pipocas, algodão doce e

³⁹⁸ A este propósito Hugo Moreira refere que, em 1851, um grupo de caixeiros de Ponta Delgada tomaram a iniciativa de organizar um arraial. Cf. H. MOREIRA, *O Convento de Nossa Senhora da Esperança*, 81.

afins. Entre estes pequenos vendedores ambulantes estão também alguns que vendem uns “galitos de açúcar” (imagem 39) e caramelos de açúcar (imagem 38), ambos feitos essencialmente de massa de açúcar, sendo doces tradicionais açorianos que se encontram em algumas festas. Na realidade, não será de todo incorreto dizer que estes “galitos de açúcar” e os caramelos são a expressão não religiosa mais antiga desta festa do Senhor Santo Cristo, pois logo na primeira procissão, Teresa da Anunciada fabrica-os como forma de tornar ainda mais festiva a ocasião, sendo também a sua confeção alvo de milagre do Santo Cristo.



Imagem 38. Caramelos de açúcar.³⁹⁹



Imagem 39. Galito de açúcar (frente e verso).⁴⁰⁰

“Quiz eu para esta festa fazer uns confeitos de uma cara de açúcar que um irmão me dera, que logo para esta função guardei, mandei-o para outro convento porque podia neste fazer-se. Avisa-me a religiosa que o açúcar não fazia obra por ser muito miúdo, [...] puz-me com outras religiosas a rezar aquela antífona Chistis factis est, em chegando o tacho ao lume com o açúcar amarelo e

³⁹⁹ Fotografia de Luís Leal.

⁴⁰⁰ Fotografia de Luís Leal.

abatido, fez-se mais branco que cristal, tão levantado que se fizeram os mais ricos caramelos, que se haviam visto;”⁴⁰¹

Até há poucos anos as “tasquinhas” e a feira, juntamente com os pequenos vendedores de pipocas e “galitos de açúcar” estavam implantados em todo o campo de São Francisco, isto é, no largo onde está situado o Santuário do Santo Cristo. Se por um lado criava um clima de festa popular logo nas imediações do Santuário, por outro, a confusão própria desses ambientes não proporcionava o recato e serenidade necessários ao Santuário e aos peregrinos que em grande número a ele recorrem nessa ocasião. Por essa razão, as “tasquinhas” e os feirantes foram recolocados em ruas adjacentes, permanecendo no Campo de São Francisco apenas os pequenos vendedores. Apesar de ter havido a deslocação dessa infraestrutura da festa, o Campo de São Francisco não perdeu a sua vida, porém, já não na confusão de “comes e bebes” e de feira, mas de famílias e amigos que se encontram e de música que é tocada no coreto do Campo de São Francisco. Ao longo dos dias da festa são vários os conjuntos de música, bandas filarmônicas e desgarradas que atuam como forma de animação festiva.

Como forma de envolvimento das famílias e de angariação de fundos, a Irmandade organiza um bazar (quermesse) junto ao Santuário. Este é um polo central da festividade tradicional e popular em que as famílias se vão divertindo na descoberta dos prémios que lhes vão saindo nas rifas.

Ligado à festa e como forma de angariação de fundos para a mesma, a Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres promove duas arrematações: uma primeira de gado e uma outra de ofertas feitas por devotos do Santo Cristo, como produtos hortícolas, frutos e pequenos animais. Se outrora essas arrematações eram realizadas no campo de São Francisco, hoje apenas ali é realizada, na segunda-feira depois do dia da festa, a arrematação das ofertas e pequenos animais. A arrematação de

⁴⁰¹ VSD, 81-82.

gado é realizada uma semana antes do dia da festa em dia de sábado, nas instalações da Associação Agrícola de São Miguel, em Santana, Rabo de Peixe. Estas arrematações são uma prática frequente nas festas açorianas e são uma importante fonte de receita das mesmas. Há um particular empenho nestas arrematações, uma vez que muitos lavradores cuidam de determinado animal especificamente para o oferecer ao Santo Cristo e ser arrematado na festa.

Um dos principais elementos exteriores da festividade é a iluminação decorativa da fachada do Santuário do Santo Cristo, do Campo de São Francisco e do coreto. Embora não haja grandes variações nos motivos decorativos da iluminação, o momento de se acenderem as luzes é revestido de grande expectativa e festividade. Pelas 21h da sexta-feira da festa é acesa a iluminação decorativa ao som do Hino do Santo Cristo, tocado por uma banda filarmónica local, seguido pelo desfile da charanga dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada. Em 2018 o acender da iluminação foi também acompanhado por uma pequena oração invocando a Cristo luz do mundo feita pelo bispo diocesano D. João Lavrador. Jogando com os elementos arquitetónicos do edifício, a iluminação da fachada do Santuário tem também representados os diferentes atributos da Imagem: resplendor, cetro, capa, corda, medalhão do Santo Lenho, coroa de espinhos, bem como outros elementos decorativos como lanternas e motivos florais.



Imagem 40. Iluminação da fachada principal do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres.⁴⁰²

⁴⁰² Fotografia de Luís Leal.

d) Atos devocionais na festa

No que se refere à dinâmica religiosa, a festa anual do Senhor Santo Cristo dos Milagres não tinha o hábito de ter um mote temático. Este foi introduzido pela Irmandade em 2010. Contudo, mesmo tendo existido essa vontade de dar um tema à festa anual, com o intuito de ajudar os devotos a centrarem a sua peregrinação em redor desse mote, não tem havido uma verdadeira utilização da temática, nem mesmo pelos pegadores do tríduo e da festa. Na realidade, o tema para a festa anual passa um pouco despercebido da maioria dos peregrinos e devotos.

Entre as diferentes manifestações de devoção ao Santo Cristo estão as promessas, as peregrinações ou romarias e a homenagem dos Bombeiros, PSP, Táxis e motociclistas. Além das promessas deixadas na roda, que podem ser monetárias, pedidos de oração ou cartas, ou entrega de objetos, uma das formas mais populares de promessa nesta festa é a entrega de círios. Ao contrário do que acontece na grande maioria dos locais de peregrinação, aqui os círios não são colocados a arder pelos devotos, estes são colocados em grandes caixas de madeira, e são de grande dimensão, variando na altura e peso. Muitas promessas são de pedidos por alguém ou por ação de graças, por alguma graça recebida por alguém. Assim o círio, ou círios, que o devoto leva têm a medida da altura da pessoa por quem é o sentido da promessa, ou o seu peso. Embora a entrega de círios possa acontecer em qualquer altura da festa, é na procissão da mudança que, como veremos, a grande maioria dos devotos entrega os círios.

Uma outra forma de promessa é o dar a volta ao Campo de São Francisco de joelhos. Esta manifestação, que é sempre controversa e polémica, é uma manifestação de fé e feita com grande sacrifício. Não é pública a intensão com que o devoto a faz, mas é certo que percorrer os cerca de 350m da volta do Campo de São Francisco em estrada de calçada larga é um grande e doloroso esforço. Muitos preferem fazer este ato

de devoção em pleno dia e mesmo nas horas de maior movimento em volta do Santuário, outros preferem fazê-lo no recato e anonimato da noite. A escolha da hora diurna não é necessariamente um querer mostrar-se ou exibicionismo, é antes ou uma possibilidade de horário pessoal ou a determinação e coragem de fazer tal sacrifício independentemente se outros veem ou comentam, sem vergonha de mostrar a sua devoção. Da mesma forma, a hora noturna não quer dizer vergonha de se mostrar, mas uma preferência do recato e também da segurança por haver menos movimento de pessoas e automóveis. Da parte do Santuário não há oficialmente oposição a esta expressão de fé, mas também não há nenhum tipo de incentivo ou promoção. O devoto faz o percurso, independentemente do tipo de piso, ambiente envolvente e hora do dia. Por essa razão, em 2014 a Câmara Municipal de Ponta Delgada, por sua iniciativa e aproveitando a remodelação que fez ao Campo de São Francisco, construiu em toda a volta um passadiço de pedra lisa para que seja menos doloroso fazer a volta do Campo de joelhos.



Imagem 41. Peregrinos com os círios.⁴⁰³

⁴⁰³ J. ANDRADE, *Santo Cristo*, 31.



Imagem 42. Peregrinos a fazer a volta do Campo de S. Francisco de joelhos.⁴⁰⁴

Se considerarmos que todos, ou uma grande maioria dos que se deslocam ao Santuário do Santo Cristo por ocasião da Sua festa são peregrinos, é de realçar que alguns o fazem a pé a partir de várias freguesias da ilha. Individualmente ou organizados em grupos, estes peregrinos a pé, que no contexto açoriano ganham o nome de romeiros e a peregrinação a pé de romaria, normalmente saem durante a noite de sábado das suas freguesias para chegarem na madrugada de domingo à Igreja de São José onde se encontra, nessa ocasião, a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres e onde haverá uma Eucaristia específica para os peregrinos. Em algumas freguesias estas romarias estão muito organizadas e são, pelo acompanhamento dos párocos, um verdadeiro caminho espiritual e orante até ao Santuário.

Finalmente, uma expressão particular de devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres é a homenagem dos Bombeiros, PSP, Táxis e motociclistas. Esta consiste na passagem das viaturas em frente da porta da Igreja do Santuário fazendo uso das sirenes e buzinas. No fundo é um desfile de carros e motos dos bombeiros da ilha, da Polícia, de táxis e motos. Esta homenagem é também envolta em polémica pelo facto de muitas vezes os participantes não respeitarem o sentido de homenagem como peregrinos ao Santo Cristo e servir mais como um desfile exibicionista de viaturas. Além das viaturas já referidas, também participavam nesta homenagem, embora não oficialmente explícito

⁴⁰⁴ Fotografia de Luís Leal.

no programa e sem tradição, os carros antigos ou modelos (por exemplo os “carochas”). Ela tinha lugar no sábado da festa pelas 12h.⁴⁰⁵ Porém, e como forma de não interferir com os peregrinos que realizavam a promessa de dar a volta ao Campo de São Francisco de joelhos, esta homenagem passou, em 2017, do sábado para segunda-feira da festa. Por vezes havia conflitos entre os peregrinos de joelhos e as viaturas da homenagem. Esta é uma homenagem muito participativa e apreciada por muitos que se deslocam ao Campo de São Francisco para apreciar esta expressão de devoção. Nela os participantes, quer institucionalmente, como bombeiros e PSP, quer individualmente, têm como propósito a ação de graças e o pedido de proteção do Senhor Santo Cristo para as suas atividades profissionais e de deslocação. Também no sentido a que esta homenagem seja uma verdadeira expressão de devoção houve, em 2018, uma maior exigência de correto comportamento aos participantes, havendo um forte controle através das respetivas associações, autorizando-se apenas os que estavam explicitamente referidos no programa.



Imagem 43. Desfile cívico de homenagem ao Senhor Santo Cristo dos Milagres.⁴⁰⁶

⁴⁰⁵ Cf. Anexo 3.1., p. 317.

⁴⁰⁶ Fotografia de Luís Leal.

e) Os atos religiosos oficiais da festa

Tal como o fizemos na festa do Bom Jesus Milagroso, do Pico, também para a festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, no quadro seguinte, temos a indicação da presidência da festa, do tema para esse ano e alguma outra observação pertinente. Do mesmo modo, iremos utilizar, para esta grelha, o universo temporal do pontificado de D. António Sousa Braga, o último ano do pontificado de D. Aurélio Escudeiro e o primeiro ano do pontificado de D. João Lavrador:

Ano	Presidência	Tema	Observações
1996	D. Eusébio Óscar, Arcebispo de Florianópolis, Brasil.		
1997	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra		Ano do Filho
1998	D. Robert Kurtz, Bispo de Hamilton, Bermuda		Ano do Espírito Santo
1999	D. Murilo Sebastião Ramos Krieger, Arcebispo de Maringá, Brasil		Ano do Pai
2000	D. José da Cruz Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa		Jubileu da Encarnação 300 anos da primeira procissão
2001	D. Sean Patrick O'Malley, Bispo de Fall River, Estados Unidos da América		
2002	D. José Saraiva Martins, Cardeal Prefeito da Congregação da Causa dos Santos		Triénio Diocesano da Palavra
2003	D. Arquimínio da Costa Rodrigues, Bispo Emérito de Macau		
2004	D. Aurélio Granada Escudeiro, Bispo Emérito de Angra		
2005	D. Serafim Ferreira da Silva, Bispo de Leiria-Fátima		Ano da Eucaristia
2006	D. Carlos Alberto de Pinho Moreira de Azevedo, Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa		
2007	D. George Coleman, Bispo de Fall River, Estados Unidos da América		

2008	D. António José Cavaco Carrilho, Bispo do Funchal		Ano Paulino
2009	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra		50 anos da elevação a Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres
2010	D. Manuel Neto Quintas, Bispo do Algarve	310 anos de inabalável fé!	
2011	D. William Joseph Levada, Cardeal Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé	... E o Senhor tão perto de nós!	
2012	D. Rino Passigato, Núncio Apostólico em Portugal	A Paixão de Cristo que nos une!	
2013	D. Sean Patrick O'Malley, Cardeal Arcebispo de Boston, Estados Unidos da América	Fé em movimento!	Ano da fé
2014	D. António Francisco dos Santos, Bispo titular do Porto	Encontro com a Esperança!	
2015	D. Francisco José Senra de Faria Coelho, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Braga	Fé: Confiança no caminho da Salvação!	250 anos da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres
2016	D. João Evangelista Pimentel Lavrador, Bispo de Angra.	Cristo: Vivência de Amor e Misericórdia para todos	Ano da Misericórdia

Quadro 4. Presidências e temas da festa do Santo Cristo

No que respeita à presidência das celebrações, podemos ver que há um cuidado a que haja uma presença de bispos onde a comunidade açoriana está implantada, mormente nos Estados Unidos da América, bem como a dignificação da festa através do convite endereçado a altos dignatários da Santa Sé. Sendo uma festa que tem especial importância em toda a diocese e não apenas na ilha de São Miguel, é de realçar que, quer D. António Braga, quer D. João Lavrador, fizeram questão de presidir a esta festa logo na primeira vez que ela ocorreu após a tomada de posse da diocese.

O programa religioso da festa anual do Senhor Santo Cristo dos Milagres começa com o Tríduo Preparatório na terça-feira, quarta-feira e quinta-feira antes do domingo da festa, liturgicamente na V Semana da Páscoa, e consiste na celebração da Missa às 19h com uma pregação em que é convidado algum padre para essa missão. É nesta ocasião que, por vezes, se aproveita a temática escolhida para a festa desse ano.

Também o acompanhamento musical em cada uma das celebrações do Tríduo é realizado por diferentes coros convidados. A igreja do Santuário está completamente cheia, ficando ainda algumas pessoas do lado de fora da igreja por não caberem dentro dela. No final de cada celebração o presidente e, se possível, os concelebrantes, deslocam-se até junto da grade do coro baixo para incensar a Imagem do Senhor Santo Cristo enquanto se canta o respetivo hino.

Na sexta-feira que antecede a festa há duas Missas no Santuário, às 8h e às 9h, em que primeira é presidida pelo Reitor do Santuário e a segunda pelo pregador do Tríduo ou outro sacerdote para isso designado. Já no sábado há uma primeira Missa, às 8h, destinada particularmente aos romeiros das Romarias Quaresmais de São Miguel. Presidida pelo assistente espiritual do movimento e cantada pelos romeiros, a Missa faz a ponte entre este movimento e a devoção ao Santo Cristo. Em São Miguel são estas as duas grandes expressões de fé e de devoção, as Romarias e o Santo Cristo, que aqui ganham uma dinâmica de relação entre o mistério da Paixão de Jesus e sua dimensão penitencial, nas Romarias, e o mistério Pascal, pois a festa do Santo Cristo realiza-se em pleno Tempo Pascal, realçando a dimensão oblativa e laudatória da vida do crente. Nesse mesmo dia é celebrada uma segunda Missa, com a presidência do bispo que preside à festa, “por alma de D^a Maria da Conceição Medeiros e Almeida, benemérita da Irmandade, e pelas intenções de todos os outros beneméritos.”⁴⁰⁷ Embora haja apenas um nome mencionado na intenção desta Missa, ela é de reconhecimento a todos os beneméritos da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Este é um preito de reconhecimento e gratidão por todos aqueles que de alguma forma ajudam a Irmandade na realização das festa e das outras suas ações, começando, deste modo, as festas em ação de graças.

⁴⁰⁷ Anexo 3.1., p. 317.

Após a Missa das 9h, há uma pequena procissão com a Imagem do Santo Cristo no interior do Convento, do coro baixo até à porta da roda.⁴⁰⁸ Nesta ocasião, a Imagem está desprovida das suas insígnias, exceto do medalhão com a relíquia do Santo Lenho, num pequeno andor, e com uma capa simples no seu aspeto, mas não no seu valor, pois é atribuída como sendo oferta do rei D. João V e parte de um dos mantos reais. A Imagem está na sua maior simplicidade e desprovida de riquezas. O andor com a Imagem, transportado pelas irmãs da Comunidade de Vida Consagrada, sai do coro baixo, percorre o claustro e chega à sala da porta da roda. Durante o percurso, os demais participantes desta procissão estão de velas acesas na mão e cantam o hino “Bendito, bendito o que vem em nome do Senhor”, versando o Salmo 46, composto pelo Pe. Manuel Luís.⁴⁰⁹



Imagem 44. Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres despojada dos atributos e com o manto de D. João V para a procissão interior.⁴¹⁰

⁴⁰⁸ Em muitos lados se encontra esta porta denominada como “porta do carro”. Na realidade a porta do carro é uma porta junto a esta por onde entravam os carros de bois quando necessário. Esta porta da roda fica junto à roda por onde os devotos entregam as suas ofertas.

⁴⁰⁹ Cf. M. LUÍS, “Bendito o que vem”, *Cânticos de Entrada e Comunhão I, Advento-Natal, Quaresma-Páscoa*, SNL, Fátima, 2007, 112-113.

⁴¹⁰ Fotografia de Luís Leal.

Uma vez chegado à sala da roda, a irmã zeladora da Imagem, ajudada por outras irmãs e senhoras voluntárias bem, como de alguns homens, retira a Imagem do pequeno andor e coloca-a no seu andor principal, que além da sua base, como qualquer andor, tem ainda um dossel armado com panos adamascados rubros e bordados a ouro e é todo enfeitado com flores de seda e outros tecidos. São então colocados os atributos mais ricos da Imagem e a capa escolhida para esse ano para sair em procissão. Toda esta operação, embora delicada e minuciosa, tendo em conta o andor, as flores de pano, os atributos preciosos e a própria Imagem, é feita apenas com um pequeno e reservado número de pessoas e em clima de grande silêncio e mesmo oração. É interessante observar que cada um destes momentos tem uma grande densidade e solenidade, não pelo aparato exterior, mas de espiritualidade e de oração.



Imagem 45. Imagem do Santo Cristo no seu andor principal.⁴¹¹

⁴¹¹ Fotografia de Luís Leal.



Imagem 46. Roda, Porta da Roda (ou Porta Regral) e Porta do Carro.⁴¹²

Pelas 16.30h de sábado, o Provedor da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres bate à porta da roda. A porta, que tem apenas fechadura por dentro, abre-se e surge a imagem à vista de todos já no seu andor e com todo o seu esplendor e canta-se o *Te Deum*. Simultaneamente a irmã superiora, ou a provincial se estiver presente, entrega a Vara de Provedor ao Provedor da Irmandade, oficializando a entrega da Imagem pela Comunidade Religiosa à Irmandade. A partir daquele momento toda a responsabilidade sobre a Imagem é entregue pelas irmãs à Irmandade e só depois da entrega da Vara é que os irmãos da Irmandade pegam no andor e o retiram da sala da roda para o exterior do edifício. Assim se inicia a primeira procissão exterior com a Imagem que consiste em levá-la do interior do Convento da Esperança, para o interior da Igreja do Santuário, que é a Igreja do Convento, mas dando a volta ao Campo de São Francisco que tem os seus arruamentos enfeitados com tapetes de flores e farelo (aparas de madeira tingida de diferentes cores). A procissão, embora curta na sua distância, cerca de 350m em volta do Campo de São Francisco, é relativamente demorada, pois são várias as paragens efetuadas. Na frente da procissão vai a cruz, seguida de acólitos, sacerdotes, segundo a sua categoria, o bispo diocesano e o presidente das festas desse ano e que já preside a esta procissão. Após o bispo que preside, vem o andor com a Imagem do Santo Cristo

⁴¹² Fotografia de Luís Leal; É pela porta da roda, ao centro, que a Imagem sai do complexo da clausura.

transportado por membros da Irmandade do Santo Cristo, seguido da Mesa da Irmandade, da Comunidade Religiosa que habita o Convento da Esperança e uma banda filarmónica. A procissão é rematada com as promessas, isto é, pessoas que transportando os círios acompanham a imagem e no final depõem os círios em caixas colocadas especificamente para esse efeito.

Durante o percurso há duas paragens significativas. Uma primeira frente ao Forte de São Brás onde elementos dos três ramos das Forças Armadas Portuguesas estão formados. À paragem da Imagem, soa o toque de continência e entoa-se o Hino do Santo Cristo. Simultaneamente o navio militar, destacado no arquipélago, faz a respetiva salva de morteiro e uma aeronave militar sobrevoa o Campo de São Francisco. Quer o navio, quer a aeronave, apenas farão a sua saudação de honra (os tiros de morteiro e a passagem aérea) caso as condições meteorológicas o permitam e/ou não estejam em missão de busca e salvamento. Desta foram, há a participação e a expressão devocional também pelas forças militares presentes na região. Uma segunda paragem é frente à porta principal do antigo hospital de Ponta Delgada, hoje lar da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada. Quer no tempo em que era hospital, quer hoje, são levados alguns dos doentes e utentes, para que possam contemplar a Imagem que diante deles pára. Também aqui é dado um sinal de que os doentes e os que sofrem são especialmente acarinhados pelo Senhor Santo Cristo e são chamados a configurar os seus sofrimentos com a Paixão de Jesus. A procissão segue o seu percurso e termina no adro do Santuário. Aqui o andor é colocado sobre uma base, ladeada por militares da Polícia do Exército em guarda de honra. O presidente da procissão e os demais clérigos ficam junto da Imagem enquanto todas as promessas passam. Este momento pode demorar mais de uma hora. Após a passagem de todos os peregrinos, a Imagem é recolhida na igreja e colocada no altar-mor havendo, de seguida, uma pregação pelo

presidente da procissão. Em 2018 houve uma pequena alteração neste último procedimento: antes de a Imagem entrar na igreja, o Vigário Geral da Diocese de Angra proferiu a pregação. Com esta alteração privilegiou-se a grande quantidade de pessoas presentes no Campo de São Francisco, podendo esta melhor participar, contemplando a Imagem e visualizando o pregador, o que de outra forma seria impossível para a maioria das pessoas.



Imagem 47. Guarda de honra após a procissão da mudança.⁴¹³

Até à meia-noite, a Imagem fica no Santuário onde cada peregrino pode fazer as suas orações e contemplá-la. A essa hora ela é levada em procissão até à igreja paroquial de São José, também no Campo de São Francisco, pelo trajeto mais curto. Após a chegada da Imagem à igreja de São José, é celebrada Missa presidida pelo pároco e pregada por outro padre convidado. Após a Missa, inicia-se a longa vigília de louvor ao Santo Cristo e de adoração ao Santíssimo Sacramento que é exposto para essa ocasião, numa igreja plenamente cheia de peregrinos. Na madrugada do domingo da festa, pelas 6h, é celebrada a Missa dos peregrinos, especialmente focalizada naqueles que vieram durante essa noite a pé das suas freguesias, como vimos anteriormente. Apesar de existirem diversos apelos a que quem participou na vigília saia da igreja para

⁴¹³ Fotografia de Luís Leal.

dar lugar aos peregrinos a pé que vão chegando, normalmente estes últimos têm dificuldade em entrar, pois poucos são os que acolhem o apelo realizado.

No domingo de manhã⁴¹⁴, cerca de 15 minutos antes da Solene Celebração Eucarística, a Imagem sai da igreja de São José em direção ao adro do Santuário onde é celebrada a Missa. Esta Missa, juntamente com a procissão na tarde de domingo, são os pontos principais de toda a festa. Presidida pelo bispo convidado para esse efeito, é concelebrada pelo bispo diocesano e por vários padres. No acompanhamento musical da Missa tem havido diferentes opções, ou coros locais, ou coros convidados, mas sempre com alguma preocupação litúrgica no reportório. Apesar de a festa ocorrer no VI Domingo da Páscoa, a liturgia utilizada não era a do próprio do dia, mas sim uma liturgia criada para as celebrações do Santo Cristo. Até 2016, eram tomadas as orações e as leituras de um Missal próprio do Santo Cristo e paramentos vermelhos. Este missal, realizado pelo então bispo de Angra D. Aurélio Escudeiro, em 1979, consta de 4 esquemas de orações⁴¹⁵ e 5 de leituras⁴¹⁶. Estes esquemas estão centrados no mistério da Paixão de Jesus. A utilização destas celebrações colidiam com as normas litúrgicas pois nos Domingos da Páscoa não são permitidas outras Missas que não as do próprio do domingo.⁴¹⁷ Mesmo no esquema das leituras, a primeira leitura era do Antigo Testamento, quando na Páscoa, aos domingos as leituras são sempre do Novo Testamento, sendo a primeira leitura dos Atos dos Apóstolos.⁴¹⁸ Foi essa intenção que presidiu à alteração realizada pelo Bispo de Angra, D. João Lavrador, em 2016, ano em

⁴¹⁴ A hora tem variado, pois depende também da transmissão televisiva pela RTP para o continente e pela RTP Internacional para o resto do mundo. Habitualmente era às 10h, em 2017 e 2018 foi às 9.30h.

⁴¹⁵ Cf. *Missa do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Missal)*, Santuário Diocesano do Senhor Santo Cristo, Ponta Delgada, 1979; Oração Colecta: 12-13; Oração Universal: 35-41; Oração sobre as oblatas: 45-46; Prefácio: 47-50; Oração pós comunhão: 63-64

⁴¹⁶ Cf. *Missa do Senhor Santo Cristo dos Milagres*, 15-33

⁴¹⁷ Cf. "Normas Gerais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário", 5, *Instrução Geral ao Missal Romano*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018.

⁴¹⁸ Cf. *Instrução Geral ao Missal Romano*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018, 357.

que assumiu a diocese. Atualmente é celebrada a Missa do VI Domingo da Páscoa com as leituras e orações próprias.

O momento mais expressivo da festa anual é, sem dúvida, a procissão do Senhor Santo Cristo pelas ruas de Ponta Delgada. Esta é uma procissão relativamente longa na sua extensão e mais ainda no tempo que demora a realizar, tendo também em conta a grande quantidade de pessoas que integram a procissão. Saindo do Convento da Esperança, a procissão vai percorrer algumas das principais artérias da cidade de modo a passar junto de todos os conventos, mesmo que estes estejam extintos como casas religiosas, ou mesmo desaparecidos para no seu lugar se edificarem outros edifícios. Todas as ruas por onde passa a procissão estão devidamente engalanadas com tapetes de flores e farelo colorido e com colchas, flores e bandeiras em janelas e varandas, quer de particulares, quer de edifícios públicos ou de associações. Em todo o percurso há uma grande multidão de devotos, turistas e curiosos para verem a passagem da procissão.

Às 15.30h sai o Guião do Senhor Santo Cristo dos Milagres a abrir procissão e vai seguido das promessas dos homens.⁴¹⁹ Estes vão sendo intervalados com bandas filarmónicas. Seguem as crianças com as meninas vestidas de anjinho, algumas transportando insígnias da Paixão e os meninos com opas levando pequenos estandartes com frases latinas referentes à Paixão de Cristo. Posteriormente vão as Mesas Administrativas das Santas Casas da Misericórdia, as Comunidades Religiosas e a Ordem de Malta. Segue depois a cruz processional, iniciando assim a parte litúrgica da procissão, vindo depois os acólitos, seminaristas, diáconos e presbíteros segundo a sua categoria, o bispo diocesano e o bispo que preside à procissão. Após este, vem então o andor com o Senhor Santo Cristo dos Milagres transportado pela respetiva Irmandade, seguido dos restantes irmãos que se vão revezando ao longo do caminho segundo escala

⁴¹⁹ Homens com opa vermelha que livremente integram a procissão.

previamente estipulada, e os irmãos da Mesa da Irmandade. Seguem-se um novo conjunto de bandas filarmónicas e as promessas das senhoras.⁴²⁰ Posteriormente vêm as autoridades civis de governo, sejam de âmbito central, regional, ou autárquico, de magistratura, académicas e as autoridades militares, segundo a sua hierarquia e protocolo de Estado, bem como os diplomatas presentes. Em seguida, surgem as escolas secundárias, as ordens profissionais, cooperativismos profissionais e associações culturais e cívicas. Neste final de procissão integra-se também um rancho de romeiros das Romarias Quaresmais, com todas as suas insígnias, e os grupos de escuteiros, guias e escoteiros da ilha. Toda esta parte da procissão é acompanhada por diferentes bandas filarmónicas que vão intercalando com os diferentes participantes. Ao todo na procissão há cerca de 25 bandas filarmónicas que são provenientes das diferentes freguesias da ilha de São Miguel e também de outras ilhas açorianas. A procissão termina com a charanga dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada.



Imagem 48. Procissão do Santo Cristo.⁴²¹

⁴²⁰ Senhoras tradicionalmente vestidas de preto e que livremente integram a procissão.

⁴²¹ Fotografia de Luís Leal.

Se o Guião da procissão sai pelas 15.30h, o andor apenas sai pelas 16.30h regressando ao Santuário, pelas 20h. À chegada do andor ao Santuário, este permanece no adro, juntamente com todos os clérigos e Mesa da Irmandade, enquanto passam todos os participantes da procissão que seguem atrás do andor. Considera-se que termina a procissão após a passagem da charanga dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada que acontece por volta das 22h. Esta é considerada uma das maiores procissões do país. Também é de salientar a alta participação de entidades oficiais e cívicas na procissão, ganhando um carácter não meramente religioso mas também cultural e identitário da cultura de uma comunidade que, nas suas diferentes expressões, dimensões e vivências, presta homenagem ao Santo Cristo como polo congregador da comunidade. Ao contrário do que é relatado pela Madre Teresa da Anunciada na primeira procissão, atualmente a relíquia do Santo Lenho já não é transportada por nenhum clérigo debaixo do pálio, pois esta está agora no medalhão colocado no peito da Imagem, cujo andor possui também um dossel que tem, neste caso, o mesmo significado litúrgico que o pálio.

Após a procissão é feita uma pequena oração e dada a bênção por quem a presidiu. Então a Imagem é recolhida para o interior do Convento da Esperança. A recolha é feita pelo exterior voltando à porta da roda, momento em que os estudantes universitários estendem as suas capas para a passagem do Santo Cristo. Novamente o Provedor da Irmandade bate à porta da roda que se abre e o andor entra na sala da roda, o Provedor entrega a Vara de Provedor à Irmã Superiora da Comunidade Religiosa e dessa forma é devolvida a Imagem de novo à responsabilidade da Comunidade Religiosa. Este gesto da entrega da Vara do Provedor é um gesto muito simples, mas de grande significado, pois com ele se sela a entrega de responsabilidades pelo cuidado da Imagem entre a Comunidade Religiosa e a Irmandade. Mas não é só a responsabilidade

formal, é igualmente a responsabilidade e o cuidado devocional que aqui é entregue. Pode este gesto ser visto como uma mera reminiscência de um passado histórico, mas poderá, e deverá, ser encarado como uma dignificação da vida da Comunidade Religiosa e da importância do papel dos leigos, através da Irmandade, no dinamismo devocional e religioso dos fiéis.

Uma vez entregue a imagem e a porta da roda fechada, a Imagem é retirada do seu andor principal e colocada no pequeno andor. Aqui a Imagem permanece com a capa que usou na procissão, bem com os demais atributos preciosos, dos quais são apenas retirados o cetro e o resplendor por uma questão de segurança e facilidade. A Imagem é então levada pelas irmãs em procissão novamente para o coro baixo, duas irmãs levam também o cetro e o resplendor. Tal como a procissão interna no coro baixo para a sala da roda, esta procissão de regresso ao coro baixo é acompanhada de velas acesas na mão enquanto se canta “Bendito, bendito o que vem em nome do Senhor”. Já no coro baixo todos os que possam ter participado nesta pequena procissão, clérigos, membros da Irmandade, colaboradores do Santuário e outros fiéis retiram-se, ficando apenas algumas irmãs e alguns homens que as ajudam a recolocar a Imagem no seu altar. Ali colocada a Imagem do Senhor Santo Cristo com todas as suas insígnias mais ricas, são abertas as portadas da grade do coro baixo para a veneração dos demais devotos. Esta procissão, e a colocação da Imagem no seu lugar, constituem um momento de especial interiorização, revestido de silêncio e de profundo recolhimento. Tal como na entrega da Vara do Provedor da Irmandade, este momento não é uma mera reminiscência histórica, embora seja um resquício da clausura das clarissas, mas é sobretudo um momento de interioridade, fora da confusão da festa exterior, para os principais intervenientes e responsáveis da organização da festa anual do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Aqui se percebem as características arquitetónicas conventuais que

permitem o silêncio e recolhimento, mesmo que no exterior do edifício haja todo um reboiço de festa.



Imagem 49. Procissão interior de reposição da Imagem na sua capela.⁴²²

No dia seguinte, segunda-feira, que é o feriado municipal de Ponta Delgada, pelas 11h é celebrada Missa pelas “intenções da Mesa da Irmandade e seus colaboradores”.⁴²³ Esta é uma ocasião de ação de graças da Irmandade e pela Irmandade e por todos os que com ela colaboram para a realização das festas anuais do Senhor Santo Cristo. A festa anual termina na quinta-feira seguinte com a celebração da Eucaristia em honra da Madre Teresa da Anunciada. Esta Missa é o reconhecimento da importância de Teresa da Anunciada no culto do Santo Cristo e do legado que deixou na sua devoção, para além de ser, ela própria, reconhecido modelo de fidelidade a Cristo, de firmeza da fé e virtudes cristãs.

3.2.12. A atual procissão do Santo Cristo

Embora atualmente sejam feitas poucas relações de esquema da festa atual e a primeira festa e procissão, bem como com a segunda, o certo é que são muitos os

⁴²² Fotografia de Luís Leal.

⁴²³ Anexo 3.1., p. 317.

paralelos que podemos encontrar entre as três procissões, como podemos ver no seguinte quadro sinóptico.

Primeira festa e procissão	Segunda procissão	Atualidade
Domingo, 11 de abril 1700	Sábado, 16 de dezembro de 1713	VI Domingo da Páscoa
Aniversário do milagre do pão	Crise sísmica	Festa anual
“quero que mandes dizer à Sacramento me há-de fazer um andor muito curioso, com um docel por cima para ir a minha imagem com todo o recato e decência.” ⁴²⁴	“No seguinte dia tirei o Senhor do seu trono para se por no andor que veio de Santo André muito custoso e como não coubesse pela porta da sacristia, ficou na casa da roda, veio a comunidade para levarem o Senhor [...] posto no seu andor ficou muito magestoso, mas sempre triste; mandei chamar um oficial para apertar os parafusos,” ⁴²⁵	No sábado a Imagem é levada pelas irmãs para a sala da roda e aí é colocada no seu andor com dossel, pelas irmãs ajudadas por alguns homens.
	“foram dois homens graves desta cidade pedir ao Provincial que desse licença para o Senhor Santo Cristo sair em procissão,” ⁴²⁶ “chegando à porta o padre Provincial pediu à Madre Abadessa lhe desse tão grande tesouro de que estamos em posse,” ⁴²⁷	O Provedor da Irmandade bate à porta da roda, e lhe é entregue a Vara de Provedor pela Superiora da Comunidade Religiosa, representando a entrega da Imagem.
	“tanto que o Senhor chegou à porta, foram tantas as lagrimas e suspiros no povo que parecia se acabava o mundo e não menos as religiosas vendo que nos levavam nosso amante Senhor;” ⁴²⁸	Quando a porta se abre, canta-se o <i>Te Deum</i> . [Obviamente que os choros não são o mesmo que o <i>Te Deum</i> , mas é o paralelo da aclamação ao aparecer a Imagem, de tristeza ou alegria]

⁴²⁴ VSD, 81.

⁴²⁵ VSD, 139-140.

⁴²⁶ VSD, 138.

⁴²⁷ VSD, 140.

⁴²⁸ VSD, 140.

	[nesta procissão o sermão foi no fim] “veio o Senhor para a grade da Igreja e porque o povo era muito se pôs o púlpito na porta e pregou o Padre Mestre Baptista como costuma e pedia tão grande acto.”⁴²⁹	O andor é levado em procissão, dando a volta ao Campo de São Francisco para a igreja do convento É pregado um sermão no adro do Santuário.
“em todo o dia de sábado não parou a chuva, [...] Chegaram as vésperas foi para a igreja, puzeram-no no trono do Senhor Sacramentado quando se expõe, acenderam muitas velas, cantaram vésperas com toda a solenidade,”⁴³⁰		Depois é levado para o interior da Igreja e colocado no altar-mor, frente ao trono.
“ao dia da festa pelas quatro horas da manhã fui confessar-me que já então estava muita gente na igreja,”⁴³¹		É realizada toda a noite a vigília diante da Imagem, na igreja de São José.
“nesse breve tempo correu tanta gente que não puderam à comunhão para festejar o dia do meu Senhor,”⁴³²		No domingo de manhã a Imagem é levada para o adro do Santuário e celebrada a Missa.
“advertiram-me que escrevesse ao Ouvidor que apenasse os clérigos para a procissão;”⁴³³ “disse-me meu Senhor queria anjos na procissão que os distribuisse por suas devotas para os vazerem logo,”⁴³⁴ “andou a procissão por todos os conventos como meu Senhor queria tão ornada e vistosa que parecia do céu, o andor do meu Amante levaram quatro devotos seus e como era	“eu sem sossego algum todos os instantes vinha à roda perguntar onde irá o meu Senhor, eles por me contentar diziam vem em tal parte, mas como a chuva não pode romper, eu sem alentos, quando a toda a pressa vim chamar o Pregador para pregar em Santo André, que chovia muito e lá ficava o Senhor, [...] mas a Madre Abadessa sabia que o senhor tinha caído saindo dos Padres da Companhia, mas não mo quis dizer, [...] lá o ataram	Na tarde de domingo sai a procissão que percorre as ruas de Ponta Delgada de modo a passar em todos os locais onde existiram conventos, com os homens vestidos de opas; crianças vestidas de anjinhos; as comunidades religiosas; os clérigos; o andor com dossel, transportado por oito homens, com o Santo Cristo e tendo ao peito o medalhão com a relíquia do Santo Lenho; representantes de todas as estruturas governativas civis e militares, bem como todas as agremiações profissionais,

⁴²⁹ VSD, 141.

⁴³⁰ VSD, 88.

⁴³¹ VSD, 88.

⁴³² VSD, 88.

⁴³³ VSD, 87.

⁴³⁴ VSD, 87.

todo de vidraças, oiro e aljófar, com muitas joias, reverberava o sol nos vidros e rodeados de anjos que as devotas ornaram às mil maravilhas debaixo do seu docel paracia o Senhor vivo em carne; as comunidades e colégios capas de asperges, o pátio com o Santo Lenho, todas as irmandades com suas opas, assistiram o conde com todos os seus e todos os principais desta cidade e muitos das outras vilas, todo o popular, assim como homens de ganhar como oficiais, [...] todas as ruas por onde passou tiveram as janelas enfeitadas, os conventos das freiras com grande ornato nos adros, panos de seda, caçoilas, cera acesa [...] Governaram a procissão os nossos frades e os devotos que mais trabalharam na sua festa.”⁴³⁵	com uns cordões com que diziam missas e enquanto se fêz esta diligência diziam uns que continuasse a procissão outros que não, [...] até que resolveram ir o Senhor acabar de correr toda a cidade,”⁴³⁶	culturais e cívicas, e uma vasta multidão. Todas as ruas estão engalanadas com tapetes de flores e farelo colorido, bem como janelas e varandas com colchas, flores e bandeiras. Toda orientação da procissão está ao encargo da Irmandade do Senhor Santo Cristo.
“Recolheu-se a procissão pela tarde, já mais para a noite que para o dia,”⁴³⁷	“quando chegou era já muito noite:”⁴³⁸	A Imagem chega pelas 20h ao Santuário.
“puseram o andor na capela mor da igreja, até todos se despedirem dele”⁴³⁹		Enquanto todos os que vêm atrás do andor com a Imagem passam, esta está no adro do Santuário.
“como ficou só com os da casa trouxeram-no para a sua capela assim como entrou”⁴⁴⁰	“Acabado isto trouxeram o Senhor para a capela,”⁴⁴¹	A Imagem é entregue pelo Provedor da Irmandade à Superiora da Comunidade Religiosa, e é levada pelas irmãs de novo para a sua capela no coro baixo.

Quadro 5. Sinopse das procissões do Santo Cristo.

⁴³⁵ VSD, 89.

⁴³⁶ VSD, 140-141.

⁴³⁷ VSD, 89.

⁴³⁸ VSD, 141.

⁴³⁹ VSD, 89.

⁴⁴⁰ VSD, 89.

⁴⁴¹ VSD, 141

Este quadro mostra que, apesar dos mais de 300 anos da primeira procissão, não há grandes variações, quer na festa, quer na procissão e sua envolvência. Isto não significa uma cristalização da tradição, ocorrendo apenas algumas pequenas alterações; pelo contrário, significa antes uma fidelidade devocional aos momentos essenciais da festa e da devoção. Não se poderá esconder o risco que esta fidelidade devocional acarreta de esquecimento das razões iniciais da devoção e da festa e sua fórmula e cair-se num tradicionalismo formal do “ter sido sempre assim”. Aqui, será o desafiante papel de uma pastoral de conjunto que permitirá a permanência à fidelidade das tradições, consciente das razões que as originaram, e a uma fidelidade ao anúncio do Evangelho a partir da devoção popular.

4. As festas do *Ecce Homo*, evangelização e pastoral de conjunto

4.1. Análise sinóptica da sintaxe devocional

No capítulo anterior procurámos observar cada uma das devoções e as festas que lhe são inerentes. Embora sob a mesma invocação do *Ecce Homo*, a devoção ao Santo Cristo em S. Miguel e a devoção ao Bom Jesus do Pico são distintas, mas com caminhos de convergência. No quadro seguinte poderemos ver, em paralelo, cada uma das devoções e festas e melhor perceber os seus pontos de maior ou menor convergência.

Invocação	Senhor Bom Jesus Milagroso	Senhor Santo Cristo dos Milagres
Local	Freguesia de São Mateus, Concelho da Madalena, ilha do Pico, grupo central	Cidade e concelho de Ponta Delgada, ilha de São Miguel, grupo oriental
Imagem	<i>Ecce Homo</i> , corpo inteiro, madeira policromada, séc. XIX. Cópia da Imagem do Bom Jesus do Iguape, Brasil.	<i>Ecce Homo</i> , meio corpo, madeira policromada, séc. XVI.
Atributos	Cetro, coroa de espinhos, corda, resplendor, capa e resplendor.	Cetro, coroa de espinhos, corda, resplendor, medalhão com relíquia do Santo Lenho e capa
Fundador	Francisco Goulart, (nascimento: S. Mateus, Pico, 1813 - morte: S. Mateus, Pico 1899). Leigo	Teresa da Anunciada (nascimento: Ribeira Seca, da Ribeira Grande, São Miguel, cerca de 1658 - morte: Ponta Delgada, São Miguel 1738). Religiosa Clarissa
Antecedentes devocionais do fundador	Contacto com a devoção do Bom Jesus do Iguape, enquanto imigrante naquela localidade brasileira	Contacto com a religiosidade franciscana na Ribeira Grande e particularmente com a imagem do <i>Ecce Homo</i> : Santo Cristo dos Terceiros daquela localidade. Contacto com as Meditações de Santa Brígida
Devoção ao Fundador	Não há devoção. Reconhecimento por ter trazido a devoção do Bom Jesus para S. Mateus.	Há uma generalizada devoção e tida com fama de santidade desde a sua morte. Está em curso o processo canónico de beatificação, tendo sido

		iniciado poucos anos após a sua morte com as Inquirições do Bispado e da Província Franciscana. A sua estátua junto ao Convento da Esperança tem em permanência sinais da devoção com flores e velas.
Local primitivo da Imagem	Fabricada no Brasil, veio para S. Mateus e permaneceu na casa particular de Francisco Goulart	Convento da Caloura, Água de Pau. A Imagem foi transferida para o Convento da Esperança, Ponta Delgada, e colocada na capela da Sra. da Paz, na cerca do Convento. Transferida para o Coro Baixo da Igreja do Convento (onde Madre Teresa a conheceu).
Local atual	Capela do Santíssimo da Igreja paroquial de São Mateus. Para aí transferida ainda em vida de Francisco Goulart	Capela própria no Coro Baixo da Igreja do Convento da Esperança. Capela construída para acolher a Imagem e mandada construir por Madre Teresa.
Classificação do templo	Igreja Paroquial de São Mateus, orago de São Mateus. Santuário Diocesano do Bom Jesus Milagroso desde 1962.	Igreja do Convento da Esperança, orago de Nossa Senhora da Esperança. Santuário Diocesano do Senhor Santo Cristo dos Milagres desde 1959.
Apoio inicial à Devoção	Forte apoio popular seguido do apoio do pároco.	Forte apoio popular e dos Condes da Ribeira Grande. Resistência da Madre Superiora do Convento da Esperança e de alguns clérigos.
Estrutura eclesial	Reitor (o Pároco), Comissão Fabriqueira Paroquial, Conselho Paroquial	Comunidade Religiosa Feminina, Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Reitoria (Reitor e seu conselho)
Primeira Procissão	Por volta de 1860, no dia 6 de agosto	11 de abril de 1700
Festa anual	6 de Agosto, Transfiguração do Senhor	Domingo VI da Páscoa (antigamente denominado de V Domingo depois da Páscoa ou 5ª Domingo)
Tema	Há a preocupação de se dar um tema à festa anual, normalmente ligado à pastoral diocesana e/ou universal	Há a preocupação, recente, de se dar um tema à festa anual, nem sempre ligado à pastoral diocesana e/ou universal
Preparação Espiritual	Novena de Preparação: Missa com pregação, precedida de Exposição do Santíssimo e confissões nos 9 dias antecedentes à festa	Tríduo de Preparação: Missa com pregação, nos 3 dias antecedentes à festa

Presidência da festa	Bispo Diocesano ou outro bispo por ele convidado	Bispo Diocesano ou outro bispo por ele convidado
Preparação da Imagem	Colocação da Capa da festa e dos atributos mais ricos por elementos da paróquia em clima de silêncio e porta fechada, após o encerramento da mesma na véspera da festa	Colocação de capa simples e despojamento dos atributos antes de procissão interna, transportada pela comunidade religiosa, para o local da preparação. No local da colocação do andor é colocada a capa escolhida pela Irmã Zeladora da Imagem juntamente com os atributos. Tarefa feita pela Irmã Zeladora e outras religiosas ajudadas por 2 ou 3 homens, em clima de silêncio à porta fechada a todas as pessoas que não estejam para esse fim destinadas.
Mudança da Imagem	Saída da sua capela lateral, com procissão interna na igreja antes do início da Novena, e sua colocação em trono preparado na Capela Mor.	Saída da Imagem pela Porta da Roda do convento e entrega da mesma ao provedor da Irmandade com a entrega da Vara de Provedor. Procissão exterior pelo Campo de São Francisco, acompanhada das promessas, honras militares e pregação final. Após a pregação é colocada na zona do trono da capela-mor da igreja do Convento
Vigília	Não há vigília noturna, a porta da igreja encerra pela meia-noite do dia 5 de agosto.	A Imagem é transferida da igreja do Convento da Esperança para a igreja paroquial de São José e aí se inicia uma vigília de oração durante toda a noite.
Missas	Missa dos peregrinos às 9h, Seguindo-se outras Missas na manhã de dia 6 de Agosto	Na manhã de sábado há várias Missas com grupos distintos (Romeiros, doentes, etc). Missa de peregrinos a encerrar a vigília noturna às 6h.
Missa Festiva	Na tarde de dia 6 de agosto a preceder a procissão. Missa dentro do Santuário.	Na manhã do domingo da festa. Missa campal no Campo de São Francisco
Procissão	Sai após a Missa de Festa, com guião, promessas, anjinhos, diferentes movimentos paroquiais, diferentes estandartes e andores, andor com a Imagem, acólitos e clero e o Pálio sobre o Santo Lenho, seguido de algumas entidades públicas. Incorporam na procissão cerca de 10 bandas	Sai na tarde da Festa, com guião, promessas, anjinhos, diferentes movimentos eclesiais, acólitos e clero. Segue-se o andor com a Imagem, seguido da Irmandade e grande representação de entidades públicas e instituições civis. Incorporam a procissão cerca de 20 Bandas filarmónicas e Charangas

	filarmónicas. A procissão percorre algumas ruas da freguesia de S. Mateus.	(escoteiros e Bombeiros). A procissão percorre as ruas da cidade ligando os locais dos antigos conventos existentes no séc. XVIII
Mudança da Imagem	No dia 7, após a Missa de Encerramento a Imagem é levada em procissão interna na igreja do altar-mor para a sua capela lateral.	Após a procissão a Imagem é levada para a Porta do Carro e é entregue pelo Provedor da Irmandade à Religiosa Superiora, entregando a Vara de Provedor. A Imagem é retirada do andor principal, colocada num pequeno andor e transportada em procissão pela comunidade religiosa para o coro baixo, ficando apenas a comunidade religiosa e 2 ou 3 homens para ajudar a recolocar a Imagem no seu altar.
Encerramento	No dia 7 de agosto com Missa	Na quinta-feira após a festa com Missa em hora de Madre Teresa da Anunciada
Romarias	Durante a Novena, mas principalmente nos últimos dias antes da Festa, com maior prevalência no dia 5 de agosto, várias pessoas saem de suas casas a pé em peregrinação ao Santuário. Estas peregrinações são essencialmente individuais e pequenos grupos espontâneos.	Na madrugada de sábado vários grupos saem das suas freguesias em peregrinação. Também há algumas pessoas que o fazem individualmente. Especialmente na noite de sexta e no dia de sábado algumas pessoas percorrem o Campo de São Francisco de joelhos
Acontecimentos cívicos, Arraial	Durante os dias da festa há diversas barraquinhas de comes e bebes. São realizados, em palco junto ao Santuário, vários concertos pelas bandas filarmónicas. Há alguns momentos de “chamarritas”. Ocasionalmente podem existir alguns outros eventos culturais como exposições, lançamentos de livros, etc.	Durante os dias de festa há uma zona de restauração em vários restaurantes, uma zona de feira, alguns carroceis e pequenos pontos de venda de pipocas e “galitos de açúcar”. No coreto do Campo de São Francisco há concertos de diferentes estilos musicais. Há algumas cantigas ao desafio. Ocasionalmente podem existir alguns outros eventos culturais como exposições, lançamentos de livro, etc.
Objetos devocionais	Algumas pagelas com orações e postais. Dispensadas no Santuário. Em algumas lojas pode-se encontrar alguma réplica da	Algumas pagelas com orações e postais. Dispensadas na Roda, juntamente como uma grande grama de objetos que poderemos considerar

	Imagem do Bom Jesus, bem como registos tradicionais e registos de azulejo. Pouco se encontra o que poderíamos considerar “<i>merchandising</i>” (canetas, porta-chaves, etc.)	“<i>merchandising</i>”. Em muitas lojas pode-se encontrar alguma réplica da Imagem do Bom Jesus, bem como registos tradicionais e registos de azulejo e muitos outros artigos de <i>merchandising</i>.
Culto fora do santuário	Implantado na ilha do Pico e com alguma presença nas outras “Ilhas do Triângulo” do grupo central (São Jorge e Faial). Há uma presença residual em outras ilhas. Há alguma presença da devoção nos Estados Unidos e Canadá junto de algumas comunidades imigrantes oriundas do Pico. Surge como elemento identitário picoense.	Fortemente implantado na ilha de São Miguel e com grande força em outras ilhas do arquipélago, havendo algumas importantes festas noutras ilhas. Fortemente implantado junto das comunidades açorianas na diáspora. Surge como elemento identitário açoriano e não unicamente micalense.

Quadro 6. Sinopse das invocações e festas do Santo Cristo e do Bom Jesus.

Através do quadro constatamos muitas semelhanças entre as duas devoções e suas práticas, mas também algumas diferenças. Uma das primeiras que poderemos encontrar está ligada aos seus fundadores e impulsionadores. Esta diferença não se limita à cronologia das origens, uma do séc. XIX, a outra do séc. XVII/XVIII, nem mesmo ao seu estatuto eclesial, um leigo e outra religiosa clarissa. É na sua relação entre a comunidade e posterior referência que os dois mais se diferenciam. Francisco Goulart é um homem que é respeitado e reconhecido por ter trazido a devoção do Bom Jesus à freguesia de São Mateus, mas não mais que isso. Não lhe são reconhecidas comumente especiais virtudes humanas e de especial exemplo para os demais. Francisco Goulart não tem fama de santidade, o que não significa que não seja um homem respeitável e estimado.

Porém, Teresa da Anunciada é vista como uma mulher de grande tenacidade e persistência para a implementação do culto e é olhada como uma mulher de profunda

espiritualidade e de grande paixão por Cristo e pela sua Igreja, de tal modo que pouco tempo depois da sua morte são feitas as Inquirições do Bispado e da Província Franciscana em ordem ao processo de canonização. Madre Teresa morre com fama de santidade. Por essa razão, ainda hoje, há alguma devoção e culto em sua volta, quer na correspondência chegada à Comunidade de Vida Consagrada e Reitoria, quer em pagelas a pedir a sua canonização, e nos agradecimentos com flores e velas junto da sua estátua no Campo de São Francisco.

Com estas duas personagens podemos perceber que não é o simples facto de determinada pessoa ter dado e/ou desenvolvido determinada devoção que se tornou paradigmática na cultura de uma comunidade que só por si essa pessoa ganha importância. No caso do Bom Jesus do Pico, não é dado grande destaque à figura de Francisco Goulart, tornando-se um desconhecido para muitos dos devotos. Este é um leigo e essa circunstância poderá ter potenciado para não se ter desenvolvido uma especial referência à sua pessoa. Contrariamente, na devoção do Santo Cristo, a figura da Madre Teresa, uma religiosa, sempre teve e continua a ter uma importância central. Certamente a circunstância de ser um leigo ou uma religiosa não é o único critério para o desenvolvimento da devoção em torno de determinada figura, porém, pode ser essa condição fator potenciador do desenvolvimento devocional. De facto, a própria Madre Teresa torna-se centro de uma devoção por lhe serem reconhecidas virtudes de santidade, sendo destinatária de orações e cartas chegadas ao Santuário. Embora pudéssemos, conceptualmente, “apagar” a figura de Madre Teresa do culto ao Santo Cristo, este seria empobrecido por deixar de ter agregado a si a figura do serviço de entrega, obediência, aceitação e abnegação de si para ressurgimento de Cristo, como modelo de vida para o devoto. Já a devoção que é devida a Teresa da Anunciada, por ser uma figura crística, não pode ser entendida sem a presença devocional do Santo Cristo.

Temos, pois, aqui duas formas de construção da figura de fundador de uma devoção, em que a referência a um é diluída no passar do tempo e outra que não só permanece como referência central na devoção, mas ganha também uma certa autonomia, tornando-se modelo de santidade e alvo de devoção. Neste sentido, será pois importante que não se perca, no horizonte do tempo e da vontade eclesial, a necessidade de olhar para esta figura de Teresa da Anunciada como modelo atual de santidade, não por ter dado aos micaelenses uma devoção importante, mas pela sua própria maneira de viver a fé. O culto e a devoção crística implicam uma transformação de vida do devoto configurando-se com Cristo, envolvendo uma abnegação de si para ser elevado à dimensão de Cristo, num caminho e processo de escuta, oração, aceitação e conversão. Todo este processo construtivo de vida do devoto tem, com as devidas ressalvas culturais de cada tempo, como modelo Teresa da Anunciada. Mas, para tal, será importante que as estruturas eclesiais ajudem os devotos a redescobrir a importância da Madre Teresa, não apenas como fundadora de um culto, mas como modelo de santidade.

“Seria importante uma maior devoção à Madre Teresa D’Anunciada. Porém, na hora da aflição o povo recorre sempre ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, esquecendo que a Madre Teresa D’Anunciada poderia interceder por nós junto do ‘Seu Mais que Tudo’.

Assim, importa, reabrir o processo de beatificação; sensibilizar o povo devoto do Senhor para o facto Madre Teresa poder ser uma nossa intercessora junto do Senhor.”⁴⁴²

O local onde cada uma das Imagens se encontra, o primitivo e o atual, é outro elemento diferenciador das duas devoções. Em qualquer um dos casos, verificamos um dinamismo de apropriação da devoção e da própria Imagem. Não quer isto dizer que a religiosidade popular no geral, e estas formas em particular, seja uma experiência religiosa de massas, mas sim que “penetra delicadamente a existência pessoal de cada

⁴⁴² Anexo 3.5.3., p. 407.

fiel”⁴⁴³, vivendo essa existência comunitariamente. A Imagem do Bom Jesus esteve primeiramente na casa particular de Francisco Goulart, pois para isso foi feita, e foi por insistência da comunidade local que ela foi transferida para a Igreja Paroquial. A comunidade, ao ganhar a devoção ao Bom Jesus, vai-se apropriando, não apenas de um universo espiritual, mas também da mediação do próprio objeto devocional. Não deixa de haver o reconhecimento da legítima propriedade da Imagem por parte de Francisco Goulart, mesmo após a entrega da Imagem na Igreja de São Mateus, pois até à sua morte Francisco é o zelador da mesma.

A circunstância do Santo Cristo é diferente. A Imagem não é de um indivíduo, não é uma imagem particular, é uma imagem pertencente a um mosteiro e por isso já tem, na sua propriedade, um sentido comunitário. Mesmo sendo uma comunidade religiosa de clausura e, por isso, de difícil acesso aos devotos, não deixa de ter esse mesmo sentido de pertença, não a um indivíduo, a Madre Teresa, mas a uma comunidade religiosa e, por essa razão, a uma comunidade eclesial.

Também esta é uma dimensão distintiva do culto devocional: a dimensão de inscrição comunitária da devoção e do próprio objeto de devoção. Em qualquer dos casos apresentados, há uma tomada de posse do próprio objeto de devoção por parte da comunidade, tomando-o como seu e não deste indivíduo ou instituição, mesmo que a propriedade efetiva seja de alguém em particular ou de alguma instituição. Se, no caso do Bom Jesus, houve a transferência de propriedade e de local da Imagem, na situação do Santo Cristo, tal não acontece. A Imagem fica à guarda da comunidade religiosa, não na Igreja Paroquial, mas na Igreja Conventual e na zona de clausura. Porém, há um momento em que há essa transmissão de propriedade, do particular conventual para a comunidade alargada dos devotos: a entrega da Imagem ao Provedor.

⁴⁴³ DA, 261.

“Depois, às quatro e meia é o bater da porta e nesse momento as irmãs de Maria Imaculada concedem à Irmandade e passam a responsabilidade toda em relação à Imagem e o andor à Irmandade do Senhor Santo Cristo. Naquele momento elas entregam a Vara ao Provedor como símbolo de entrega, da passagem da responsabilidade da Imagem do Senhor Santo Cristo delas para a Irmandade. Aquela vara é só tida naquele momento, ou seja no sábado na entrega do andor e da Imagem e é na recolha da Imagem que a Vara é entregue à Irmã Provincial que geralmente é quem está cá presente e que a entrega ao Provedor. No caso de não estar a Irmã Provincial, é a Irmã Superiora. É simples, a vara é só enquanto a Imagem está sob a responsabilidade da Irmandade. A partir do momento em que a Imagem é entregue, é entregue a Vara.”⁴⁴⁴

Este gesto simples e quase despercebido da entrega da Vara de Provedor por parte da Superiora da comunidade religiosa ao Provedor, como sinal da entrega da Imagem, é muito significativo neste dinamismo da piedade popular: o assumir comunitário de uma devoção. A comunidade dos devotos precisa de sentir o objeto de devoção como seu para melhor a ele se ligar. Neste sentido, será importante que este gesto da entrega da Vara de Provedor, que prevaleceu no tempo, não seja apagado, mas sim valorizado.

É, pois de salientar que esta apropriação do particular pelo comunitário ganha expressão no próprio templo onde cada uma das Imagens se encontra. Se há um primeiro assumir pela comunidade local da devoção e do objeto devocional, mais explicitamente no caso do Bom Jesus pela sua deslocação de uma casa particular para a Igreja Paroquial, há um segundo plano de ser assumido por toda a comunidade diocesana ao ser conferido a cada um dos templos o estatuto de Santuário Diocesano, em 1959 o do Santo Cristo e em 1962 o do Bom Jesus. Esta já não é apenas uma devoção particular de um indivíduo, nem mesmo de uma comunidade local restrita, oficializa-se como uma devoção importante e estrutural da Igreja local que é a diocese. Deste modo, como desenvolveremos mais adiante, ao serem criados estes dois Santuários, é aberto um caminho que deve ser necessário percorrer em conjunto, não

⁴⁴⁴ Anexo 3.5.4., p. 412-413.

apenas numa idêntica devoção dada pela mesma invocação, mas no que diz respeito a uma pastoral mais alargada e de conjunto.

Outro ponto de comparabilidade nestas duas devoções, no que se refere à festa anual, prende-se com a cultura local, a história concreta de cada uma das devoções, sua localização no arquipélago e disseminação pelas comunidades de diáspora, como já se observou anteriormente. Segundo o Cardeal Levada, quando presidiu às festas do Santo Cristo em 2011, a Imagem do Santo Cristo é identitária da comunidade açoriana:

“A imagem confirma, em primeiro lugar, um testemunho da profunda fé do povo dos Açores, o qual, pela intuição de Madre Teresa da Anunciada, fez da veneração do Senhor Santo Cristo dos Milagres o centro da sua piedade e da vida espiritual desde o séc. XVII. Foi assim que a face de Cristo se embrenhou na verdadeira cultura desta bela cidade de Ponta Delgada e do povo Açoriano. Poder-se-ia dizer mesmo que a história desta imagem de Nosso Senhor encerra a história deste povo.”⁴⁴⁵

Não só a Imagem do Santo Cristo, mas também a Imagem do Bom Jesus, nas suas diferenças e nas suas semelhanças, tornam-se identitárias de uma cultura e da fé de uma comunidade, ainda que neste campo, a Imagem do Santo Cristo ganhe especial relevo. As Imagens são veículo de transmissão de fé e, ao mesmo tempo, tornam-se identitárias e veículo de transmissão da cultura de uma comunidade.

4.2. Práticas devocionais

Próprio da religiosidade popular são algumas práticas que levam o devoto a ligar-se mais ao seu objeto de devoção. Entre as práticas encontram-se exercícios de piedade, mas também a criação de pequenas estampas, orações, postais, réplicas da Imagem e outros objetos a ela referenciados.

Como já se teve a possibilidade de observar, estas duas devoções não deixam de ter estas formas próprias de religiosidade. Todos estes elementos são importantes por

⁴⁴⁵ Anexo 3.4.16., p. 374.

terem uma dupla função na devoção e no seu culto. Por um lado, podem, e devem, ter uma pedagogia inerente, para levar o devoto a um culto espiritual, evangélico e eclesial, em contraposição com uma devoção marcada pela superstição e meramente pessoal. Por outro lado, são fundamentais para a disseminação do culto e da devoção. Na Missa da festa do Santo Cristo, em 2001, D. Sean Patrick O'Malley, Bispo de Fall River, lembra que as práticas devocionais são importantes na medida em que centram o devoto nos mistérios de Cristo.

“Os tesouros e tradições, que deslumbra nestas Festas do Santo Cristo, são sinais dos tesouros de Seu amor, a única coisa que realmente importa. Como Marta, no Evangelho, estamos nervosos e preocupados por muitas coisas. Que estas Festas do Santo Cristo ajudem-nos a concentrar numa só coisa precisamos: o amor de Cristo.”⁴⁴⁶

Dentro das práticas devocionais encontramos as peregrinações, ou romarias como são chamadas no contexto açoriano. Se no Pico elas são essencialmente individuais, já em S. Miguel a peregrinação comunitária ganha uma maior preponderância e vigor. Em ambos os casos, estas romarias acontecem quase exclusivamente junto da festa anual. A romaria é quase sempre preparada pelo peregrino no que se refere à sua dimensão material e física. Não quer isto dizer que não haja uma preocupação de fazer um caminho espiritual, mas pode, especialmente quando se sai individualmente ou em pequenos grupos espontâneos, não haver um tão grande cuidado nesse nível de preparação. Os peregrinos devem ser ajudados a uma espiritualidade do caminhar como “verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor”⁴⁴⁷, para isso, o papel do Santuário é preponderante. Como lugar de espiritualidade e de formação espiritual, o Santuário pode proporcionar aos peregrinos não apenas um acolhimento espiritual à chegada, mas um apoio para as várias etapas do caminho. Este apoio poderá concretizar-se em subsídios de orações e reflexões, a que o

⁴⁴⁶ Anexo 3.4.6., p. 345; também faz a mesma referência anos mais tarde, em 2013, Anexo 3.4.18., p. 383.

⁴⁴⁷ DA 259.

romeiro pode recorrer antes e durante o caminho, como também em ações de formação e catequeses destinadas especificamente para esse fim. Desse modo, o peregrino pode perceber que, ainda que caminhando sozinho, mas sabendo que outros fazem o mesmo percurso para o Santuário, é a imagem de um povo que caminha, onde o crente vive a alegria de caminhar junto com os irmãos para o encontro com Deus, na consciência de que Cristo ressuscitado toma parte do caminho como peregrino e com o peregrino.⁴⁴⁸

Também às comunidades locais, às paróquias, deve ser exigido um esforço neste sentido de preparação espiritual dos peregrinos, especialmente no caso do Santo Cristo, em que é significativo o número das romarias que se fazem em contexto comunitário paroquial. A preparação prévia na comunidade e o acompanhamento do pároco, como muitas vezes acontece, mostra-se fundamental para que a peregrinação seja uma caminhada de espiritualidade e não um mero percorrer a pé um percurso até ao Santuário.

Quer pelo Santuário, quer pelas comunidades paroquiais, o peregrino, especialmente fazendo o caminho sozinho ou em pequeno grupo espontâneo, deve ser ajudado a descobrir que o seu exercício de piedade é um ato comunitário. Sendo em grupo, esta consciência comunitária torna-se mais fácil, mas há que passar de um ambiente apenas estrutural do caminho para um ambiente comunitário. Não quer isto dizer que o peregrino perca a sua individualidade, pelo contrário, é pela sua individualidade que o peregrino marca a própria singularidade da comunidade.

"Em suma, a peregrinação cristã, se quiser contribuir para a construção da *communio* e neste contexto pós-moderno, complexo e diferenciado, tem que se organizar e estruturar as relações dentro dela de acordo com um modelo que seja tipo comunitário (familiar?), onde a pessoa singular é conhecida, reconhecida e valorizada; mas também onde experimenta a tensão contínua de sair de si mesma e de abrir espaço para os outros e assim pertencer a um povo. A «experiência significativa da sociabilidade» e das «relações não apenas funcionais» encontram-se no projeto e no desafio de ativar experiências desse

⁴⁴⁸ Cf. DA 259.

tipo, que se reeducam para a sociabilidade e a incluem como *communio* aberta ao dom de Deus."⁴⁴⁹

Uma outra prática devocional que acontece no Santo Cristo é o percorrer de joelhos o Campo de São Francisco. Tal prática, ou outra semelhante, não existe no Bom Jesus. Esta é uma prática sempre rodeada de controvérsia e de discussão sobre se tal prática deve ser proibida ou acarinhada. Em Ponta Delgada, é uma prática que ganhou alguma expressão, de tal modo que alguns ranchos de romeiros das Romarias Quaresmais, ao chegarem ao Campo de São Francisco, fazem esses últimos metros de joelhos. À margem de toda a controvérsia teológica e espiritual, a Câmara Municipal de Ponta Delgada, em 2014, teve a preocupação de criar um percurso, sem empedrado de paralelo, de modo a que tal exercício de piedade fosse menos penoso. Também no programa de festas pela Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a homenagem dos táxis, bombeiros e forças de segurança passou da manhã de sábado para a manhã de segunda-feira seguinte à festa para que houvesse garantia de segurança a quem faz o Campo de São Francisco de joelhos. Esta forma de expressão de piedade é profundamente marcada pelo sacrifício e pela penitência, é uma mortificação em que o peregrino se auto propõe ao sacrifício como petição ou como gratidão de uma graça recebida, como forma de aliança e de troca com o divino.⁴⁵⁰ Não compete a este estudo avaliar a legitimidade de tal prática devocional, pois estas terão de ser analisadas "no quadro mais amplo das transações que se estabelecem entre as sociedades humanas e o mundo das entidades meta-empíricas"⁴⁵¹. Contudo tal prática tem alguma ambiguidade:

⁴⁴⁹ "In definitiva, il pellegrinaggio cristiano, se vuole contribuire all'edificazione della *communio* e in questo contesto post-moderno, complesso e differenziato, a da organizzarsi e da strutturare le relazioni al suo interno secondo un modello che sia *di tipo comunitario* (familiare?), dove cioè la singola persona è conosciuta, riconosciuta e valorizzata; ma dove anche sperimentare una continua tensione ad uscire da se stessa e a fare posto agli altri ed appartenere così ad un popolo. La 'significativa esperienza di socialità' e di 'relazioni non solo funzionali' si incontrano nel progetto e nella sfida dell'attivazione di esperienze di questo tipo, che ri-educano alla socialità e la comprendono come *communio* aperta al dono di Dio".: P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 2013, 49-50.

⁴⁵⁰ Cf. A. TEIXEIRA, "Matrizes das crenças em Portugal", 343.

⁴⁵¹ A. TEIXEIRA, "Matrizes das crenças em Portugal", 343.

tanto pode ser um gesto de profunda simplicidade e penitência como pode ser visto como exibição e espetáculo. Não raras vezes o penitente, como forma de evitar essa ambiguidade, faz esta sua devoção em horários noturnos, escondendo-se no silêncio da noite e fora dos olhares. Na verdade, tal prática não é aconselhada pelas autoridades eclesásticas, mas também não é proibida.

"A 'promessa de joelhos' é uma expressão de penitência corporal e também de adoração ao Altíssimo. Cumpre-a com dignidade. [...] A promessa é um testemunho de fé e pode correr o risco de converter-se em espetáculo."⁴⁵²

Tal como acontece em Fátima, também aqui seria de todo importante que os peregrinos fossem ajudados para que este exercício devocional fosse realizado com verdadeiro sentido evangélico.

No que se refere aos objetos devocionais, como pagelas, postais, réplicas da Imagem e outros objetos, também são parte integrante do dinamismo devocional e podem e devem favorecer uma melhor aproximação do Mistério Pascal e da espiritualidade que encerram estas duas devoções em particular. Como foi visto anteriormente, as pagelas distribuídas pelos Santuários ajudam o devoto a encaminhar o seu percurso espiritual para uma maior adesão e configuração de vida com Cristo. Estes constituem-se como o principal meio facilitador de difusão que as estruturas eclesiais devem fazer chegar a todos os devotos, independentemente da instrução académica e catequética, o verdadeiro sentido cristológico da invocação do *Ecce Homo* e uma importante e fácil forma de evangelização, procurando que a linguagem não caia num pietismo, mas num amadurecimento da fé e verdadeiro alimento doutrinal cristológico e pastoral. Um bom exemplo de como uma pagela ajuda o devoto a centrar a sua vida em Cristo e com Cristo, em todas as dimensões da sua vida e da vida da Igreja, é a pagela "Preces ao Senhor Bom Jesus Milagroso". Nela, o fiel pede por si e pelos outros e, dessa

⁴⁵² SANTUÁRIO DE FÁTIMA, *Guia do Peregrino de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 1997, 102.

forma, é chamado a uma comunhão maior. A sua devoção particular é posta também ao serviço de toda a comunidade.

“1. Adorável Bom Jesus, que derramastes o Vosso sangue para nos salvar: estendei o Vosso olhar de misericórdia sobre o povo que Vos reconhece como Senhor.

2. Ouvi as súplicas que Vos dirigimos e socorrei-nos em nossas necessidades.

1. Vós, que sois a luz do mundo, aumentai a nossa fé para sempre nos guiarmos pela lei de Deus.

2. E concedei-nos uma ardente caridade para amar os nossos semelhantes.

1. Abençoei as nossas famílias: tornai-as piedosas, unidas e fecundas.

2. E fazei que nelas despertem vocações de consagração ao Vosso serviço.

1. Atraí os jovens ao vosso amor para singrarem na vida alegres, puros e generosos.

2. Velai pelas criancinhas, pelos idosos, e pelos emigrantes que longe trabalham.

1. Atendei, benigno, todos os que a Vós recorrem: dai perdão aos pecadores, pão aos que o não têm, coragem aos doentes e aflitos, e aos moribundos a esperança da vida eterna.

2. Amen.”⁴⁵³

Por aqui se vê que uma devoção, ainda que vivida na esfera da intimidade, leva o crente a incluir o outro nas suas orações e na sua vida e a tornar-se ele próprio doação, imitando aquele que contempla:

“A prioridade absoluta do amor de Deus impele a nossa vida a ser transformada em amor concreto no dom aos pobres, em serviço da paz, em eficácia da justiça. Contemplar o Senhor Santo Cristo impele a transformar a existência em alegria e alegria completa, atrai a viver as relações humanas como uma doação generosa pelos outros, até à morte.”⁴⁵⁴

Também a criação de folhetos e pagelas que foquem a temática da festa desse ano poderá ajudar o fiel a centrar a sua oração e reflexão segundo a temática que o Santuário propõe. Neste caso, e tendo em vista uma mais profícua e eficiente pastoral de conjunto, a elaboração desses materiais ganharia se produzidos conjuntamente pelos dois Santuários, podendo, e devendo, agregar também outras estruturas eclesiais e

⁴⁵³ Pagela Preces ao Senhor Bom Jesus Milagroso, imagem 15, p. 129.

⁴⁵⁴ Anexo 3.4.11., p. 361.

comunitárias responsáveis por outras festas da invocação do *Ecce Homo* existentes no arquipélago.

A reprodução de réplicas do Bom Jesus e, principalmente, do Santo Cristo são uma forma de permitir que o devoto possa ter consigo a imagem da Imagem. Esta é, de alguma forma, um dinamismo de apropriação do objeto da devoção. Se a devoção e a Imagem foram retiradas da dimensão particular para o comunitário, aqui há de novo um voltar da devoção e da Imagem à esfera particular, proporcionando uma maior intimidade e aproximação com a Imagem do *Ecce Homo*, por parte do devoto. Desta forma, o devoto “leva” consigo a Imagem, através da sua réplica. Também aqui as entidades eclesiais, que têm por missão cuidar e desenvolver o culto ao Bom Jesus e ao Santo Cristo, devem ter um cuidado especial. A qualidade das reproduções dignificam o culto e a devoção sendo também pedagógicas para uma melhor perceção da beleza e qualidade que deve envolver esta realidade. Logicamente que passa muito para além das suas competências a estas entidades todo o aproveitamento comercial decorrente destas devoções, tal como acontece em muitos outros casos. Por esta razão, devem os Santuários ter especial cuidado em não caírem na tentação do *merchandising*. Se este pode ajudar na proliferação da devoção, também corre o risco de a banalizar tornando a devoção num mero produto comercial.⁴⁵⁵ Na especificidade da Roda no Santuário do Santo Cristo dos Milagres, maior cuidado deve haver, pois este é um local onde o crente faz a sua oferta e a sua oração como expressão singular da sua devoção. Assim, deve aqui haver o cuidado de que a retribuição que o devoto recebe seja para o ajudar na oração e a viver melhor a espiritualidade própria da devoção, e não um mero objeto de recordação. Ainda que possa existir um outro local no Santuário em que haja venda de

⁴⁵⁵ Cf. DPP 243.

merchandising, mesmo aí deve prevalecer uma diferenciação de qualidade, material e espiritual, em relação a um qualquer posto comercial.

4.3. Piedade popular e experiência eclesial

Olhar a Igreja como Corpo de Cristo e encontrar essa dimensão na piedade popular nem sempre é imediato e intuitivo. A religiosidade popular é olhada muitas vezes como um mero cumprimento de práticas devocionais e de parca ligação à vivência comunitária do sentir Igreja como Corpo de Cristo, cabeça e membros, que tem a sua expressão máxima na liturgia. Porém, estas duas devoções à invocação do *Ecce Homo*, são, se bem analisadas, uma expressão espontânea eclesial. Nesse sentido, a propósito do culto ao Bom Jesus do Pico, mas podendo ser igualmente relacionado com o culto ao Santo Cristo de São Miguel, D. Aurélio Escudeiro, antigo Bispo de Angra, lembra que a devoção a Cristo terá sempre de ser ligada a um encontro com a Igreja:

“Não se pode conceber Cristo separado da Igreja, nem se aceita a devoção ao Bom Jesus sem ser em união com a Igreja e na forma por ela estabelecida.

Nesta devoção, pois, é necessário, antes de mais, nunca separar Jesus Cristo da Igreja. Ele é a cabeça, ela é o corpo. Como este não pode viver sem aquela, assim Jesus seria incompleto sem a Igreja, como não se entenderia sem Ele.”⁴⁵⁶

A Igreja encontra nas suas diferentes dimensões uma complementaridade que não é hierárquica, mas se constitui como um corpo em ordem a um mesmo fim e cujos membros se ordenam igualitariamente para a edificação do Corpo de Cristo.⁴⁵⁷ A vivência da fé implica a experiência da comunidade que é uma assembleia que tem Deus no seu centro e como sua origem. A vivência da fé, e também de uma devoção mesmo que particular, requer uma vivência eclesial que se torna sinal de Cristo

⁴⁵⁶ A. ESCUDEIRO, "O Bom Jesus e a Igreja", *Ecos do Santuário* 80 (1975) 1.

⁴⁵⁷ Cf. LG 7.

ressuscitado, na experiência de fé de um só corpo.⁴⁵⁸ Ao mesmo tempo, essa experiência de fé e de vida de comunhão eclesial deve ser uma experiência de comunhão trinitária, uma comunhão à imagem da Trindade. Essa experiência parte de uma descoberta do amor de Deus, uno e trino, amor que depois, necessariamente, se reparte pelos outros e faz viver o crente em comunhão com os demais.

"Mas é igualmente real que quem encontrou na fé uma relação profunda com o Deus uno e trino, e tenta viver o amor divino em realidades históricas, experimenta esse «habitar no íntimo de Deus», como foi definido o cristianismo.

Portanto, viver uma dinâmica trinitária não significa simplesmente aplicar uma técnica psicossociológica. A unitrinidade tem necessariamente uma raiz pneumatológica: a possibilidade de vivê-la vem sempre - embora não se tenha consciência disso - do Espírito Santo."⁴⁵⁹

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco chama a atenção de que a piedade popular está inserida num dinamismo de evangelização em que o povo se evangeliza e através de expressões particulares da fé como “verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus.”⁴⁶⁰ Deste modo, a piedade popular é um lugar teológico, lugar onde Deus se revela, pois ali a ação do Espírito Santo é atuante na missão evangelizadora de todos os batizados⁴⁶¹ e não apenas de uma classe hierárquica e clerical. É neste dinamismo de base e verdadeiramente eclesial que as devoções aqui analisadas se inserem.

Na invocação do Bom Jesus Milagroso, a comunidade assume uma devoção que lhe é transmitida por meio de um único indivíduo. A comunidade vai zelar e desenvolver a devoção que lhe foi transmitida. A figura clerical do sacerdote surge

⁴⁵⁸ Cf. J. C. ALMEIDA, "Comunidade Evangelizadora na perspectiva de João Paulo II", in L. M. RODRIGUES (Coord.), *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, UCP, Lisboa, 2017, 57-58.

⁴⁵⁹ "Pero es igualmente real que, quien ha encontrado en la fe una relación profunda con el Dios unitrino y trata de vivir el amor divino en las realidades históricas, experimenta ese «habitar en lo íntimo de Dios», como ha sido definido el cristianismo.

Por eso vivir una dinámica trinitaria no significa aplicar simplemente una técnica psicossociológica. La unitrinitariedad tiene necesariamente una raíz pneumatológica: la posibilidad de vivirla viene siempre – aunque no se tenga conciencia de ello – del Espíritu Santo." : E. CAMBÓN, *La Trindade, modelo social*, Ciudad Nova, Madrid, 2000, 162-163.

⁴⁶⁰ EG 122.

⁴⁶¹ Cf. EG 126.

como forma de autoridade religiosa para que o culto em volta dessa devoção aconteça. É também ele, o pároco de São Mateus, que em nome de toda a comunidade pede a Francisco Goulart para que a Imagem fique em veneração permanente na Igreja Paroquial. Mesmo com a criação do Santuário, continua a ser a comunidade paroquial local quem prepara e tudo ordena para os festejos anuais e o cuidado quotidiano da imagem. Assim, o reitor, como outrora o pároco, tem por missão ajudar e desenvolver espiritualmente a comunidade e os demais devotos num culto ao Senhor Bom Jesus inserido numa comunidade mais alargada que é a diocese e em linha com a doutrina da Igreja.

Será, no entanto, na devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres que a dimensão eclesial poderá ter uma melhor e maior visibilidade, devendo mesmo ser um ponto importante a interpretar, aproveitar e potenciar pelos diferentes agentes privilegiados. Nas estruturas eclesiais do culto ao Santo Cristo, temos três estados da vida cristã: laical, consagrada e ministerial. Cada uma destas dimensões está institucionalizada através da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, da Comunidade de Vida Consagrada e da Reitoria, respetivamente. Esta estrutura surge como tripé da devoção ao Santo Cristo. Cada uma destas dimensões concorre em conjunto com as outras para a manutenção e desenvolvimento do culto.

É essencialmente na Comunidade de Vida Consagrada e na comunidade laical que o culto e devoção ao Santo Cristo se vai primeiramente desenvolver. O envolvimento do clero surge como forma de “oficializar” e cumprir ritualmente a devoção. Assim, podemos ver que será a Comunidade de Vida Consagrada e a Irmandade quem vai ser o suporte da devoção, não só no passado, mas igualmente no presente. Toda a estrutura devocional e de organização festiva está assente nestes dois pilares. A Comunidade de Vida Consagrada é aquela que garante ao longo do ano o zelo

pela Imagem e acompanhamento na devoção. A Irmandade garante todo o decorrer das festividades e é a ela que é confiada a Imagem durante as mesmas. Assim, a vida religiosa está intrinsecamente agregada à devoção do Santo Cristo, não só na sua génese, mas na sua subsistência e espiritualidade. Esta é uma devoção que se poderá desagregar da vida religiosa sem com isso trazer prejuízo à própria vivência devocional e festiva. A devoção ao Santo Cristo implica a contemplação e o silêncio e a abertura à comunidade. Tudo isto é prefigurado pela Comunidade de Vida Consagrada presente e residente no Convento da Esperança.

“É muito importante e indispensável. É a comunidade religiosa que mantém e anima a espiritualidade à volta da imagem. É a partir da sua acção e animação, que a Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres se tornou e é um centro de espiritualidade. Sem elas, haveria só o culto de uma imagem.”⁴⁶²

“A vida religiosa para a característica de um santuário é fundamental. Se queremos um centro de espiritualidade, as religiosas são fundamentais, em termos de acolhimento, em termos de proporcionar ambiente, e até no sentido da escuta, porque há muita gente que vai ali apenas para falar com as irmãs, elas têm o rosto materno da Igreja. Há ali uma complementaridade de trabalho pastoral que sem elas já não se faria, ficaria muito reduzido. Para lá da valorização da vida religiosa que é muito importante.”⁴⁶³

A Irmandade, como associação de fiéis, é uma estrutura laical que gere e organiza toda a programação da festa. Surge, pois, como base orgânica da devoção e da festa e, paralelamente, como expressão caritativa, presente na invocação do Santo Cristo. Houve sempre o cuidado, da parte da Irmandade, para que não se restringisse a um mero centro logístico e organizativo da festa, mas que fosse um polo congregador e formador dos seus associados, bem como se procurou, suprimindo algumas lacunas existentes, dar um sentido espiritual à própria organização da festa. Os encontros espirituais e as frases temáticas como tema da festa são sinal desse esforço. Sendo uma associação de fiéis, a Irmandade, como aliás as demais irmandades e confrarias, é uma expressão da participação ativa dos leigos na vida da Igreja. Assim é hoje como o foi ao

⁴⁶² Anexo 3.5.1., p. 397.

⁴⁶³ Anexo 3.5.2., p. 405.

longo dos tempos. De facto, ao longo dos séculos, foram as irmandades que desempenharam um importante papel na catequese dos seus irmãos e outros fiéis, garantes da vivência sacramental das comunidades e da gestão do património religioso.

Como constatamos, a devoção e culto ao Senhor Santo Cristo assenta num ambiente não clerical, mas tendo por base a vida religiosa e laical. Porém, a dimensão clerical não está totalmente ausente. Desde o início, a Madre Teresa da Anunciada procura a participação do clero como parte integrante da devoção e do culto e não como mero executor e facilitador dos sacramentos. Numa perspetiva meramente clericalista, a presença de um clérigo na piedade popular serve apenas como aval e funcional de bênçãos e sacramentos. Ora, é para contrariar esta ideia que surge necessidade de uma Reitoria. Ela institucionaliza um ministério da presidência na devoção e no culto ao Santo Cristo. A sua missão é, principalmente, espiritual ao acompanhar, escutar e acolher os peregrinos. Tem também uma missão sacramental como alimento espiritual para o devoto, proporcionando espaço de reconciliação sacramental e de alimento eucarístico. À Reitoria também está confiada a missão de gestão patrimonial e económica do que se refere ao Santuário e às ofertas dos fiéis. Assim, a Reitoria deverá ter este papel chave de ligação da dimensão da vida religiosa, com a Comunidade de Vida Consagrada, e a dimensão laical, com a Irmandade. Se o culto e devoção assentam nas duas colunas da Comunidade de Vida Consagrada e da Irmandade, a Reitoria é o polo congregador das partes, presidindo à comunhão, e indicando caminhos de espiritualidade. Porém, ao ser este polo congregador e indicador de caminhos, corre o risco da tentação de clericalização, ainda que não intencional, da devoção e do culto ao Santo Cristo. Chamar a si todas as dimensões próprias desta devoção e ganhar prevalência e destaque institucional, é fazer perder esta expressão eclesial que a caracteriza, dando-lhe apenas um cariz hierarquicamente regulamentado e orientado

perdendo a sabedoria e intuitividade que são inerentes à espiritualidade própria da religiosidade popular. Há pois que acautelar este risco promovendo um verdadeiro tripé - Comunidade de Vida Consagrada, Irmandade e Reitoria - como suporte e garante da devoção e do culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres e como expressão ímpar de eclesialidade na piedade popular. Precavendo esse risco de um clericalismo na pastoral do Santuário, estão criadas as bases para que possa haver uma participação ativa dos fiéis, segundo a sua condição, que se concretiza e desenvolve numa Igreja em comunhão, correspondente à exigência da maturidade de fé de todos e pressupondo o diálogo das estruturas em órgãos de corresponsabilidade.⁴⁶⁴ A estrutura eclesial e pastoral envolvente à devoção do Santo Cristo é, portanto, um meio privilegiado de uma pedagogia pastoral de comunhão e sinodalidade. A Igreja é chamada a viver, nas suas estruturas, a imagem da comunhão da Trindade e a estrutura do Santuário deve ser imagem viva dessa comunhão trinitária.

“No corpo eclesial de Cristo, pelo Espírito, cada um tem estatuto de membro, pelo qual se realiza a si mesmo como ser para o todo. Cada um tem uma função única, insubstituível, que o Espírito concede para o bem de todos. Como parte do todo cada um é origem, fim e meio da comunidade.”⁴⁶⁵

Daqui se percebe que o trabalho pastoral, e de incremento desta particular devoção, não pode deixar de ser realizado de uma forma sinodal que “assenta no pressuposto comprovado de que, por um lado, o Espírito Santo pode agir livremente em qualquer pessoa e, por outro, ninguém pode construir sozinho a verdadeira Igreja.”⁴⁶⁶ Este trabalho sinodal permitirá que o Santuário se torne uma “verdadeira escola de

⁴⁶⁴ Cf. J. B. PINHO, "Dimensão eclesial da fé", in J. LOURENÇO (org.), *A fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 236.

⁴⁶⁵ M. C. SANTOS, "Comunhão, Igreja e pessoa", *Communio* 3 (1986) 63.

⁴⁶⁶ J. C. ALMEIDA, "Comunidade Evangelizadora", 70-71.

comunhão”⁴⁶⁷ onde é transmitida, de forma concreta e pedagogicamente a vivência da comunhão trinitária como modelo não meramente teórico da eclesiologia trinitária.⁴⁶⁸

4.4. Piedade popular e liturgia

A dimensão litúrgica está intimamente ligada à vivência da piedade popular, muitas vezes não de forma pacífica ou de congruência com as normas litúrgicas. O fiel devoto, ao procurar o Santuário e ao viver as suas devoções, é convidado a participar em muitos momentos litúrgicos, para-litúrgicos, sacramentos e sacramentais. Todos eles são de grande importância na vivência da devoção pois a alimentam e a projetam para a vivência dos Mistérios de Cristo.

“A liturgia dos sacramentos e sacramentais faz com que a graça divina, que deriva do Mistério pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, onde vão buscar a sua eficácia todos os sacramentos e sacramentais, santifique todos os passos da vida dos fiéis que os recebem com a devida disposição. A ela se deve também que não deixe de poder ser orientado para a santificação dos homens e para louvor de Deus o bom uso das coisas materiais.”⁴⁶⁹

A celebração da liturgia e dos sacramentos, pela celebração da Missa e da Reconciliação, são os dois principais recursos de que as estruturas eclesiais, ligadas à invocação, dispõem como meio pedagógico da fé. Isto não só pelas homilias e pregações, mas também pela arte de bem celebrar por parte de todos os seus agentes e ministérios litúrgicos. D. António Braga, numa oração impressa numa pagela do Bom Jesus e distribuída no seu Santuário, salienta esta importante ligação da devoção popular aos sacramentos e especialmente à Eucaristia:

“«A quem iremos, Senhor: só Tu tens palavras de vida eterna»
- Foi por nós que nos destes a vida e estás presente e actuante nos sacramentos, nomeadamente na Eucaristia, em que continuas a dar a vida, para que tenhamos a vida com abundância.”⁴⁷⁰

⁴⁶⁷ EE 85

⁴⁶⁸ Cf. E. CAMBÓN, *La Trindade, modelo social*, 169.

⁴⁶⁹ SC 61.

⁴⁷⁰ Pagela Senhor Bom Jesus Milagroso, alocução de D. António Braga, imagem 14, p. 127.

Numa outra ocasião, na sua homilia da festa do Bom Jesus no ano de 2006, D. António, volta a realçar a importância dos sacramentos, principalmente da Eucaristia e Penitência, aliados à devoção do Bom Jesus. Igualmente o poderemos entender na devoção do Santo Cristo.

“Por outro lado, a devoção ao Senhor Bom Jesus só será autêntica, na medida em que nos levar ao encontro com Jesus, lá onde continua a salvar, a libertar e a curar: os Sacramentos, nomeadamente a Reconciliação e a Eucaristia. Sem vida sacramental, não há vida cristã. Poderemos ser muito religiosos, mas, sem Sacramentos, não somos cristãos. A vida cristã não é uma religiosidade vaga. É vida em Cristo.”⁴⁷¹

Mas é nos sacramentais que a devoção popular mais sobressai e é preponderante. Estes, ao contrário dos sacramentos que foram instituídos por Cristo, foram instituídos pela Igreja.⁴⁷² Por meio dos sacramentais “dispõem-se os homens para a receção do principal efeito dos sacramentos e santificam-se as várias circunstâncias da vida.”⁴⁷³ Para Victor Codina, a importância dos sacramentais na vida quotidiana do crente radica na importância da relação imediata e materializada com o divino:

"O sacramental materializa a bênção divina, que de algum modo emanava do objeto bento. Os frutos que se buscava obter através do sacramental não eram unicamente espirituais mas também — e talvez principalmente — temporais: saúde, boa colheita, paz.”⁴⁷⁴

Os sacramentais, especialmente as bênções, mas também as procissões e outros momentos de oração não litúrgicos, mas comunitários, são os momentos para os quais os devotos estão mais despertos e que mais vivenciam na prática de piedade popular. Também estes devem ser um meio pedagógico da fé e não são antagónicos a uma boa prática litúrgica e de vivência dos sacramentos. Por isso, afirma Codina a importância dos sacramentais em relação com os sacramentos:

⁴⁷¹ A.S. BRAGA, "Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso", *Boletim Eclesiástico dos Açores* 857 (2006) 124.

⁴⁷² J. ALDAZÁBAL, *Dicionário elementar de Liturgia*, Paulinas, 2007, 264.

⁴⁷³ SC 60.

⁴⁷⁴ V. CODINA, "Os sacramentais, sacramentos dos pobres", *Perspectiva Teológica* 56 (1990) 64.

"Tanto pastoral como teologicamente seria preciso passar dos sacramentais aos sacramentos e não ao contrário. Do mesmo modo seria preciso afirmar que a Igreja é sacramento de salvação a partir da história das religiões, e não ao contrário. Os sacramentais não são formas degradadas de sacramentalidade, senão que os sacramentos são a culminação dos sacramentais."⁴⁷⁵

Os sacramentais estão em estrita relação com os sacramentos e a eles se ordenam. Tal como os sacramentos, os sacramentais "estão em relação com o Mistério Pascal que é a alma de todos os sacramentais."⁴⁷⁶ De facto, os sacramentais, tal como outras vivências gregárias de piedade, são expressão comunitária da devoção, cabendo às estruturas eclesiais garantir que a prática devocional dos sacramentais e da liturgia esteja dentro das normas litúrgicas e favoreça, aproveitando os elementos específicos da devoção, uma sã vivência da liturgia e do tempo litúrgico.

"A religiosidade popular, convenientemente orientada, é por excelência o terreno de onde é possível prolongar o encontro com o mistério de Cristo; por sua vez a liturgia pode ser o grande instrumento pedagógico para a educação da fé dos fiéis, corrigindo, purificando e orientando para o mistério de Jesus Cristo os ritos que naturalmente irrompem na existência humana."⁴⁷⁷

Na sua homilia do Santo Cristo em 1998, D. Robert Kurtz, bispo da Bermuda, faz referência à procissão como forma de testemunho de fé e da própria pedagogia da fé, ligando a procissão à Eucaristia celebrada.

"Alimentados pelo Corpo e Sangue de Cristo, nós caminharemos na procissão na união e honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres. A nossa participação na procissão é um testemunho de fé, nós damos honra e glória a Cristo, o Rei que foi ridicularizado pelo povo e os soldados."⁴⁷⁸

De uma forma particular, as bênçãos associadas à piedade popular, seja de objetos, seja de pessoas, devem ser catequisadas para que não sejam entendidas como

⁴⁷⁵ V. CODINA, "Os sacramentais, sacramentos dos pobres", 61.

⁴⁷⁶ J. M. CORDEIRO, *Corações ao alto, Introdução à Liturgia da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 76.

⁴⁷⁷ L. RIBEIRO, "Mútua Interpelação da Liturgia e da Religiosidade Popular", in SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *A Religiosidade Popular e a celebração da fé*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1989, 52.

⁴⁷⁸ Anexo 3.4.3., p. 334.

meros atos de superstição. Elas são uma forma de “bendizer a Deus pelos bens que d’Ele nos vêm”⁴⁷⁹, e não magia protecionista.⁴⁸⁰

Nos casos em análise temos uma invocação específica do *Ecce Homo*, um passo da Paixão de Cristo. Porém, em nenhum dos casos a festa anual decorre naquele que é considerado o tempo litúrgico em que a Igreja medita os mistérios da Paixão: a Quaresma. Pelo contrário, ambas as situações têm a sua festa anual ligadas a celebrações litúrgicas no tempo e na festa em que a Igreja celebra especialmente a Ressurreição de Jesus: na festa da Transfiguração do Senhor, a 6 de agosto, no caso do Bom Jesus Milagroso, e em pleno Tempo Pascal, no VI Domingo da Páscoa, o Santo Cristo dos Milagres. Na realidade, o ano litúrgico surge como estrutura temporal na qual a Igreja celebra ao longo do ano os Mistérios de Cristo.

“Daí resulta que na relação entre Liturgia e piedade popular deve considerar-se ponto assente a prioridade da celebração do Ano litúrgico sobre qualquer outra expressão e prática de devoção.”⁴⁸¹

Poderíamos, então, encontrar aqui um conflito litúrgico nestas duas celebrações. Durante muito tempo tal aconteceu na festa anual do Santo Cristo, no que se refere às orações e leituras da Missa de festa. Porém esse desalinho com as normas litúrgicas não acontece presentemente.⁴⁸² Embora o *Ecce Homo* seja uma invocação imediatamente ligada ao mistério da Paixão, esta não pode ser desligada do mistério da Ressurreição. Mesmo a génese da festa está ligada não à penitência mas à ação de graças, mormente no caso do Santo Cristo. É a celebração do mistério pascal no seu todo. A génese da procissão, e dessa forma a emancipação do culto ao Santo Cristo, está num ato de louvor e ação de graças e não penitencial. Toda a envolvência é festiva e não

⁴⁷⁹ J. FERREIRA, *Os Mistérios de Cristo na Liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018, 238.

⁴⁸⁰ A este propósito da superstição e magia, no culto do Santo Cristo, o livro do Pe. José Clemente, *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, é muitas vezes usado como oráculo de rituais de superstição e bruxismo, tendo havido, por essa mesma razão um cuidado maior na sua distribuição para evitar esse tipo de utilização do livro.

⁴⁸¹ DPP, 94.

⁴⁸² Cf. Anexo 3.5.2., p. 402.

penitencial, deste modo a devoção e culto do Santo Cristo é iminentemente pascal. Ainda que haja algumas manifestações particulares de sentido penitencial, como percorrer o Campo de São Francisco de joelhos, a vivência cultual comunitária é de louvor e ação de graças. Desta forma, está em plena consonância com o espírito do ano litúrgico.

“O Tempo Pascal é, por excelência, este tempo de reconhecer, de louvar e dar graças, de viver da vida pascal do Espírito do ressuscitado.

Se os antigos punham de parte as formas penitenciais, concretamente o rezar de joelhos e o jejum, não era por não terem consciência de que a conversão é a atitude de todos os dias; era porque sabiam que cada coisa há-de ter o seu tempo e o seu lugar, e que nestes dias, os dias em que o Esposo estava com eles, tinham de alegrar-se e viver a festa.”⁴⁸³

Ao celebrar o Bom Jesus a 6 de agosto, tal como já o era celebrado em Iguape, usando a liturgia própria da Transfiguração do Senhor, mais que um cumprimento de normas litúrgicas, significa assumir o papel pedagógico da liturgia encaminhando a devoção não para um simples culto do sofrimento e da Morte de Jesus, mas mostrando que esse foi caminho para a Ressurreição e glória.

Contrariamente, a festa do Santo Cristo, apesar de ser em pleno Tempo Pascal, não tinha em conta as normas litúrgicas em que o domingo pascal prevalece sobre qualquer outra solenidade. Para a Missa da festa existiam orações próprias e quatro esquemas de leituras em dissonância com o tempo litúrgico, embora em concordância com uma primeira visão da invocação do *Ecce Homo*. Este esquema litúrgico, organizado pelo então bispo de Angra, em 1979, prevaleceu até 2016, ano em que o novo bispo diocesano, na sua primeira festa, celebra a Missa própria do tempo litúrgico, o VI Domingo da Páscoa, em detrimento de qualquer outro esquema até então utilizado. Assim, o bispo diocesano procurou harmonizar a prática devocional e celebrativa da

⁴⁸³ J. FERREIRA, *Os Mistérios de Cristo na Liturgia*, 187.

piedade popular com a liturgia da Igreja, uma vez que, sendo distinta da liturgia, a piedade a ela se subordina e é meio de alimentar o fiel na sua vida espiritual.⁴⁸⁴

“Importa, porém ordenar essas práticas [práticas religiosas das Igrejas particulares] tendo em conta os tempos litúrgicos, de modo que se harmonizem com a sagrada Liturgia, de certo modo derivem dela, e a ela, que por sua natureza é muito superior, conduzam o povo.”⁴⁸⁵

Este salto qualitativo proporciona que o mistério divino celebrado na invocação devocional seja mais cabalmente entendido, não num mero sofrimento, mas num sofrimento redentor e pascal.

4.5. As Homilias da festa

As homilias das Missas de festa podem ser momentos privilegiados de ajuda à devoção e à evangelização a partir da Imagem do *Ecce Homo*. Contudo, nem sempre é fácil recuperar as homilias proferidas nas festas. Poucas foram as publicadas, quer no *Boletim Eclesiástico dos Açores*, órgão oficial da Diocese de Angra, quer em outras formas de publicação local, como jornais, entre outras. Também a sua gravação nem sempre subsiste ao tempo, apesar de radiofónica e televisivamente difundidas.

No que se refere à festa do Bom Jesus, nas poucas homilias encontradas,⁴⁸⁶ vemos que em todas elas há uma clara preocupação de ligar o acontecimento do *Ecce Homo* com o da Transfiguração. Não nos podemos esquecer que, na festa do Bom Jesus, a liturgia utilizada é a própria da Transfiguração. É, portanto, natural que os presidentes das celebrações relacionem mais facilmente estes dois momentos da vida de Cristo. Houve igualmente uma preocupação de ligação destes acontecimentos à temática

⁴⁸⁴ J. FERREIRA, *A Piedade Popular é obra do Povo de Deus?*, Pontifício Atneu Santo Anselmo, Roma, 2018, 37.

⁴⁸⁵ SC 13.

⁴⁸⁶ Apenas conseguimos recuperar as seguintes homilias: ano de 2000, D. António Sousa Braga, no *Boletim Eclesiástico dos Açores*; ano de 2004, D. José Saraiva Martins, no *Caminhos do Santuário*; ano de 2006, D. António Sousa Braga, no *Boletim Eclesiástico dos Açores*; ano de 2008 D. António Sousa Braga, no *Caminhos do Santuário*.

sugerida para a festa desse ano, especialmente nos anos em que foi o bispo diocesano o presidente. Essa preocupação de refletir na homilia o tema proposto para a festa ajuda a que o peregrino tenha uma maior percepção de como a sua devoção pode ser iluminada com a temática proposta. O quadro seguinte refere-se aos anos em que temos as homilias e se houve, ou não, relação da homilética com a temática:

Ano	Presidência	Tema	Tema na homilia
2000	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra	Grande jubileu da Encarnação, Cristo ontem, hoje e sempre	Sim
2004	D. José Martins, Cardeal Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos	Alegra-te e louva o Senhor que te salvou	Não
2006	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra	Contemplar Jesus na sua condição de homem-Deus	Sim
2008	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra	Caminhando com S. Paulo em seu Jubileu no seguimento do Bom Jesus	Sim

Quadro 7. Relação das homilias existentes e a temática da festa do Bom Jesus.

Em relação às homilias proferidas na festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, na ilha de São Miguel, igualmente poucas são as que estão publicadas. Foi, no entanto, possível a sua recuperação graças a terem sido transmitidas pela RTP e estarem ainda em arquivo.⁴⁸⁷

Ano	Presidência	Tema	Observações	Utilização do tema local e/ou proposta universal
1996	D. Eusébio Óscar, Arcebispo de Florianópolis, Brasil.			
1997	D. António Sousa, Bispo de Angra		Ano do Filho	Sim, proposta universal e caminho diocesano

⁴⁸⁷ Apesar de existirem algumas homilias editadas e publicadas, optámos por aqui utilizar a transcrição feita a partir das existentes nos arquivos da RTP, por forma a termos uma coerência entre os textos editados e publicados e a forma como foram proferidos.

1998	D. Robert Kurtz, Bispo de Hamilton, Bermuda		Ano do Espírito Santo	Não
1999	D. Murilo Sebastião Ramos Krieger, Arcebispo de Maringá, Brasil		Ano do Pai	Não
2000	D. José da Cruz Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa		Jubileu da Encarnação 300 anos da primeira procissão	Sim, referência ao ano Jubilar
2001	D. Sean Patrick O'Malley, Bispo de Fall River, Estados Unidos da América			
2002	D. José Saraiva Martins, Cardeal Prefeito da Congregação da Causa dos Santos		Triénio Diocesano da Palavra	Não
2003	D. Arquimínio da Costa Rodrigues, Bispo Emérito de Macau			
2004	D. Aurélio Granada Escudeiro, Bispo Emérito de Angra			
2005	D. Serafim Ferreira da Silva, Bispo de Leiria- Fátima		Ano da Eucaristia	Não
2006	D. Carlos Alberto de Pinho Moreira de Azevedo, Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa			
2007	D. George Coleman, Bispo de Fall River, Estados Unidos da América			Referência ao Santuário de Fátima por neste ano a festa ter ocorrido a 13 de maio.
2008	D. António José Cavaco Carrilho, Bispo do Funchal		Ano Paulino	Não. Mas referência ao Congresso Eucarístico

				Internacional
2009	D. António Sousa Braga, Bispo de Angra		50 anos da elevação a Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres	Não
2010	D. Manuel Neto Quintas, Bispo do Algarve	310 anos de inabalável fé!		Não
2011	D. William Joseph Levada, Cardeal Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé	... E o Senhor tão perto de nós!		Não
2012	D. Rino Passigato, Núncio Apostólico em Portugal	A Paixão de Cristo que nos une!		Não, mas referência ao Santuário de Fátima por neste ano a festa ter ocorrido a 13 de maio.
2013	D. Sean Patrick O'Malley, Cardeal Arcebispo de Boston, Estados Unidos da América	Fé em movimento!	Ano da fé	Não
2014	D. António Francisco dos Santos, Bispo titular do Porto	Encontro com a Esperança!		Não
2015	D. Francisco José Senra de Faria Coelho, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Braga	Fé: Confiança no caminho da Salvação!	250 anos da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres	Não
2016	D. João Evangelista Pimentel Lavrador, Bispo de Angra.	Cristo: Vivência de Amor e Misericórdia para todos	Ano da Misericórdia	Não

Quadro 8. Relação das homilias existentes com a temática da festa do Santo Cristo.

Ao realizar uma análise temática das homilias, constata-se que poucas vezes o tema da festa se vê refletido nas homilias proferidas, desde que a Irmandade começou a dar um tema, ou a temática universal ou acontecimento local, como anos de aniversários relevantes do Santuário, Irmandade ou Procissão, se não vê refletido nas homilias

proferidas. Terão os presidentes das celebrações tido conhecimento da temática ou da circunstância local? É uma pergunta que não foi possível responder.

O sofrimento de Cristo, o *Ecce Homo*, e a configuração do cristão a esse sofrimento, são a grande referência em todas as homilias. Tal deve-se ao esquema litúrgico utilizado, que não era o próprio do VI Domingo da Páscoa. Na homilia de 2016, ano em que já foi usada a liturgia própria do dia, a temática do sofrimento, não estando ausente, não é tão referenciada como nas anteriores homilias. Em contrapartida, é salientada a dignidade do homem e a missão da Igreja no tempo de hoje.

“Pilatos, após ter questionado Jesus de Nazaré sobre a verdade e sobre a transcendência do seu poder manifestado na humildade e no serviço, apresenta-O como o modelo do homem. Paradoxalmente, numa sociedade da época corroída pela destruição dos valores que edificam o ser humano, Jesus de Nazaré é colocado perante a multidão como aquele que pode reconstruir uma sociedade assente na dignidade da pessoa humana.

[...]

Esta auscultação dos sinais dos tempos está muito patente na primeira leitura, segundo a qual os Apóstolos e anciãos são chamados a interpretar o que o Espírito Santo diz à Igreja de Antioquia.

O caminho da Igreja é o homem real, concreto, ao qual ela, por mandato do seu Mestre e fundador é chamada a servir.”⁴⁸⁸

A invocação do *Ecce Homo*, a partir das devoções do Bom Jesus e do Santo Cristo, ganha diferentes leituras na esfera homilética de acordo com a liturgia utilizada na celebração. A Liturgia é assim enriquecedora para a devoção e culto desta invocação, na perspetiva de poder salientar o carácter salvífico e pascal do sofrimento. Importará, ainda, que possa haver uma maior comunicação entre as diferentes estruturas organizativas das festas e os presidentes das celebrações, de modo a que as temáticas e acontecimentos locais e universais possam, e devam, estar mais plasmados nas homilias. Se a própria Imagem é já por si inspiradora para as homilias, a história de cada uma e as razões da fundação de cada uma das festas não é motivo menos inspirador.

⁴⁸⁸ Anexo 3.4.21., p. 392-393.

Para tal, é necessário que seja dado esse conhecimento a quem terá a missão de presidir às celebrações e de proferir as homilias.

4.6. Elementos fundadores da festa como meio de anúncio evangélico

A festa tem um papel importante na transmissão da fé. Os seus diferentes elementos, profanos e religiosos, são a memória e a continuação de uma cultura e de uma espiritualidade, tal como afirma José Silva Lima:

"As festas têm uma dimensão antropoteológica no sentido que fazem nascer às raízes de vínculo com Deus e transmitem o tesouro da história destes vínculos sob a forma de testamento patrimonial."⁴⁸⁹

Olhar para os elementos fundadores das festas em referência ajudará a perceber quais os elementos fundamentais nesta cadeia de transmissão e evangelização. Qualquer uma destas devoções, por serem uma invocação do *Ecce Homo*, são explicitamente cristicas, o que as torna uma mais-valia para que, por esta invocação, a piedade popular seja evangelizada e evangelizadora na fé da Igreja e na vida dos sacramentos, tendo Cristo como centro da sua espiritualidade.⁴⁹⁰ A génese destas devoções do *Ecce Homo* está ligada a diferentes dimensões da vida em sociedade, aliadas a uma mensagem cristológica. A aproximação e o enfoque de determinado mistério de Cristo em cada uma das devoções, está relacionada com a experiência da fé e dos acontecimentos sociais vividos por cada comunidade em particular. Será importante percebermos quais os enfoques cristológicos fundadores do culto e devoção e quais os atuais. No caso do Bom Jesus do Pico a devoção ganha relevo e expressão comunitária por uma adesão generalizada da comunidade e pelo reconhecimento de poder taumatúrgico da Imagem e o posterior desenvolvimento na relação *Ecce Homo* – Transfiguração. A relação do acontecimento Transfiguração está intimamente ligado ao da Paixão. Segundo o relato

⁴⁸⁹ J.S. LIMA, «Deus, não tenho nada contra...», 306.

⁴⁹⁰ Cf. DA 549.

de Lucas, junto de Jesus apareceram Elias e Moisés que conversavam com ele sobre a sua Morte.⁴⁹¹ Na Transfiguração, Jesus aparece revestido de glória, é a prefiguração da Ressurreição, mas com a presença da Paixão. É o caminho de êxodo da nova aliança que se consumará na cruz e na Ressurreição, é o novo caminho pascal.⁴⁹² No *Ecce Homo* Jesus aparece na sua Paixão, no processo de condenação à morte, mas o crente vê já o homem novo transfigurado. Estes dois acontecimentos unem-se pois como reveladores da “verdadeira face de Cristo que é o Filho do Homem e o Homem do Sofrimento.”⁴⁹³

“Pois bem, a festa do Bom Jesus conjuga de forma admirável tudo isso. É a festa do *Ecce Homo*, do Jesus que sofre – basta olhar para a imagem que aqui veneramos – e celebra-se no dia que a Igreja universal dedica à contemplação do mistério da Transfiguração. [...] A festa do Bom Jesus no dia da Transfiguração vem também convidar-nos a descer do Tabor; aceitar a dureza da planície, que só com ela se chegará ao Tabor definitivo.”⁴⁹⁴

Eis então o destino e significados de uma humanidade sofredora: “A morte e o sofrimento foram vencidos pela glória.”⁴⁹⁵ Por isso, o crente encontra na contemplação da Imagem uma fonte de graça e de gratidão, bem como um modelo concreto de vida.

“Que o nosso encontro com a sua veneranda imagem seja a causa instrumental de outro encontro mais íntimo e autêntico, não já com um símbolo, mas com a realidade simbolizada, quer dizer, com a pessoa do Senhor Bom Jesus! E que este encontro nos transforme em imagens vivas de bondade cristã, tanto quanto possível semelhantes.

Assim cada um de nós será um novo troféu a atestar uma nova vitória do grande triunfador – O Senhor Bom Jesus.”⁴⁹⁶

Na sua homilia na festa do Bom Jesus em 2004, o Cardeal José Saraiva Martins, afirma que os sofrimentos humanos são transfigurados e iluminados de esperança e espiritualmente fecundos ao abrir o coração e a vida na contemplação do Jesus

⁴⁹¹ Cf. Lc 9, 30-31

⁴⁹² Cf. J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, A esfera dos Livros, Lisboa, 2010, 386.

⁴⁹³ B. HUME, *O Mistério da Cruz*, Paulus, Apelação, 2000, 90.

⁴⁹⁴ S. MARTINS, "Homilia na augusta Concelebração Eucarística da Solenidade", *Caminhos do Santuário* 12 (2004) 8-9.

⁴⁹⁵ B. HUME, *O Mistério da Cruz*, 90.

⁴⁹⁶ A. COSTA, "O grande triunfador", *Ecos do Santuário* 13 (1969) 3.

padecente como fonte de inspiração e coragem.⁴⁹⁷ Nesta linha, o hino do Bom Jesus Milagroso, nas suas estrofes, é um bom exemplo dessa dimensão sacrificial de Cristo como momento salvífico e de glorificação do homem. Cristo é o Rei que derrama o seu sangue para dar ao homem a possibilidade da salvação e da glória eterna. Não é um sacrifício que ficou no tempo histórico, mas é um sacrifício salvífico atuante em cada tempo. Assim, ainda que não o faça explicitamente, é um hino onde a Transfiguração de Jesus está plasmada. Mais que contemplar o caminho para a morte, é revelado um caminho para a glória onde o homem será transfigurado com Cristo na eternidade:

“Viva ao Bom Jesus
Viva ao rei que nos remiu
Seu sangue divino
As portas de céu abriu

Salve Pai bondoso escutai
Nossos louvores
Recebei o nosso amor, o nosso amor
Salve Bom Jesus

Vossos sofrimentos
São penhor de salvação;
Daí que nossos hinos
Mostrem nossa gratidão

E que depois vamos
Ver-Vos no céu, ó Jesus
No reino da glória
Cercado da eterna luz”⁴⁹⁸

Um outro paradigma presente nesta relação do *Ecce Homo*, na Imagem do Bom Jesus, com a Transfiguração no monte Tabor é o mandato da voz do Pai que diz: “Este é o meu Filho muito amado: Escutai-o!”⁴⁹⁹ A contemplação da Transfiguração, ou a contemplação do *Ecce Homo*, implica uma atitude de escuta e acolhimento da Palavra que é o próprio Cristo. Aqui o devoto é chamado também a olhar, a entregar as suas

⁴⁹⁷ Cf. S. MARTINS, "Homilia na augusta Concelebração Eucarística da Solenidade", 9.

⁴⁹⁸ D. GOULART, *O Bom Jesus Milagroso*, 89.

⁴⁹⁹ Mc 9, 7

preces e a escutar os ensinamentos evangélicos de Jesus, como mensagem a pôr em prática na sua vida concreta. D. António Braga, na sua homilia da festa do Bom Jesus, em 2006, di-lo claramente:

“De pouco adiantariam as nossas ‘promessas’ ao Senhor Bom Jesus, se não O escutássemos. «Este é o Meu filho muito amado: Escutai-O»! E escutar significa conhecer e pôr em prática os seus ensinamentos.”⁵⁰⁰

Sendo qualquer uma das Imagens a representação do *Ecce Homo*, a centralidade doutrinal, que mais é referenciada pelas pregações, como vimos anteriormente, assenta neste momento da Paixão de Jesus em que Pilatos apresenta Jesus à multidão. É a apresentação de Jesus como homem, homem de dores e de sofrimento à imagem do Servo Sofredor de Isaías⁵⁰¹, que assume sobre si os pecados dos homens como resgate desses mesmos homens. Esta ligação de Cristo ao Servo Sofredor de Isaías não é unicamente uma referência bíblica de fundamentação cristológica no Novo Testamento: torna-se um exemplo de seguimento e de “praxis” cristã para todo o que, pelo Batismo, acolhe na sua vida Jesus.⁵⁰² Aqui “radica a identidade do mistério de Cristo e também a especificidade da mundividência cristã”⁵⁰³.

A Apresentação do *Ecce Homo* é igualmente mostrar Cristo como o homem, como modelo de humanidade, um novo Adão: Eis aqui o Deus contemplado, o Homem completo.⁵⁰⁴ Eis aqui o modelo de humanidade, pode o crente assumir nas palavras de Pilatos.

“Mas por cima desta ‘história’ humana, na intenção do narrador, plana a outra ‘história’ da cristologia joânica: naquele ‘homem’ está o HOMEM, o ‘Rei’, ‘Enviado’, ‘Messias’, ‘Unigénito’, ‘Logos’, ‘igual ao Pai’, ‘homem novo’, o ‘verdadeiro’ da nova revelação-verdade.”⁵⁰⁵

⁵⁰⁰ A. S. BRAGA, "Festa do Senhor Bom Jesus Milagroso", 124.

⁵⁰¹ Cf. Is 52, 13 – 53, 12

⁵⁰² Cf. J. LOURENÇO, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico*, UCP, Lisboa 2006, 163.

⁵⁰³ J. Lourenço, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico* 173.

⁵⁰⁴ Cf. GS 21.

⁵⁰⁵ J. C. NEVES, *Escritos de São João*, UCP, Lisboa, 2004, 266.

Na realidade, Jesus não é apenas a autodefinição de Deus, mas a própria definição do mundo e do homem, por “nele se ter alcançado a plenitude escatológica do tempo, nele se manifesta o sentido da realidade na sua totalidade.”⁵⁰⁶ No *Ecce Homo*, Cristo manifesta-se como Deus que se apresenta como homem, mostrando-se como realidade do homem pleno.

Ao expor Cristo também como modelo de sofrimento, o crente é convidado a integrar na sua vida o sofrimento como momento redentor e de caminho para a glória eterna. Não é uma busca masoquista do sofrimento, mas a aceitação do sofrimento como caminho de redenção. Deus, ao assumir a humanidade na Pessoa Divina do Filho, abre as portas a que o homem possa participar em Cristo da vida de Deus.

“Uma nova dimensão que rompe com o fatalismo punitivo do passado confere ao sofrimento um novo horizonte que faz dele um instrumento de salvação e de redenção ao serviço do homem na sua comunhão com Deus. É em Jesus e por Jesus que este horizonte conhece a sua concretização e sem o Seu testemunho não seria possível estabelecer essa relação mediadora entre Deus e o homem.”⁵⁰⁷

A multidão a quem é apresentado Cristo por Pilatos surge como força aglutinadora de toda uma sociedade que vê na figura do homem exibido a confluência dos males que a afligem, sendo o aniquilamento daquele único indivíduo, como vítima de sacrifício, a forma de se libertar desses mesmos males⁵⁰⁸, numa violência incapaz de devolver vingança.⁵⁰⁹

Também é na multidão que o crente contempla o *Ecce Homo*, agora como aquele que se entregou à morte para que possa receber a vida, já não num alheamento pessoal dentro de uma multidão aglutinadora, mas na configuração pessoal do indivíduo com Cristo no meio e por meio de uma comunidade integradora. Mesmo no meio da

⁵⁰⁶ "en él se ha alcanzado la plenitud escatológica del tiempo, en él se manifiesta el sentido de la realidad en su totalidad.": W. KASPER, *Jesus el Cristo*, Sígueme, Salamanca, 1994, 230.

⁵⁰⁷ J. LOURENÇO, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico*, 196.

⁵⁰⁸ Cf. A. TEIXEIRA, *A Pedra rejeitada*, UCP – Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1995, 122-123.

⁵⁰⁹ Cf. A. TEIXEIRA, "Matrizes das crenças em Portugal", 358.

multidão, este encontro com o *Ecce Homo* torna-se um momento de encontro pessoal como que de cruzamentos de olhares do fiel com Cristo, como momento de acolhimento de um ato salvífico e de experiência do amor de Deus.

“A imagem que veneramos aqui, o Senhor Santo Cristo, com cujo nome ficou conhecido na tradição, sabe-lo bem, representa a imagem do rosto magoado de Jesus num determinado momento da Sua Paixão, quando Pilatos, sem coragem para fazer justiça, se tenta desculpar junto do povo apresentando Jesus já magoado, já insultado pela população e pelos soldados. E deu um grito que muitas vezes foi repetido na história da salvação. Convidou a multidão a ter a coragem de cruzar os olhos com os olhos daquele rosto magoado. Convidou a multidão a confrontar-se com Ele e a ver se continuavam a ter coragem para pedir a Sua condenação. Convidou cada uma das pessoas daquela multidão a fixar Aquele olhar e a tomar uma decisão pessoal.

"Eis o homem!". Este convite para que nos confrontemos pessoalmente com a Pessoa, com o olhar, com o coração de Jesus Cristo é continuamente repetido na história da salvação. [...]

Tende a coragem de vos confrontardes pessoalmente com Ele, tende a coragem de aguentar esse olhar amoroso, que ao mesmo tempo nos julga e nos desafia a uma mudança de vida, a uma radicalidade da nossa conversão. É o mesmo convite que eu vos dirijo hoje a vós, *"Eis o Homem!"*

Esta celebração valerá pela coragem que cada um de nós tiver de cruzar o seu olhar com o olhar magoado, mas cheio de esperança amorosa, deste Senhor Santo Cristo.”⁵¹⁰

Deus, na pessoa divina do Filho, assume todos os momentos da condição humana, mesmo os mais dolorosos e limítrofes da existência. Esta corporeidade de Cristo abre ao homem uma nova possibilidade de salvação. O homem ganha a possibilidade e recebe convite concreto à salvação na sua liberdade corpórea e integral.⁵¹¹ É pois na vivência corpórea de sofrimento e esperança que o homem recebe a salvação que Cristo, pela Encarnação, pelo seu corpo, dá ao homem.

“Deus não se teria tornado realmente homem se não tivesse penetrado completamente no abismo e na noite da morte. Mas isso significa que, no final, não devemos pensar sobre a essência da filiação divina de Jesus Cristo a partir do seu nascimento eterno e temporal, mas da morte na cruz. O ponto de partida da reflexão cristológica não deve estar na geração do Filho pelo Pai, mas na

⁵¹⁰ Anexo 3.4.5., p. 339.

⁵¹¹ Cf. W. KASPER, *Jesus el Cristo*, 253-254.

entrega do Filho pelo Pai e na entrega de si mesmo que o Filho faz ao Pai em favor de todos os homens.”⁵¹²

Esta perspectiva cristológica da *kenosis*, em que Cristo na sua condição divina assume a condição de servo na obediência até à morte⁵¹³, implica um reconhecimento de que a cruz e o sofrimento de Cristo são sabedoria de Deus testemunhado biblicamente e não um conceito filosófico de sabedoria humana,⁵¹⁴ pois pelo sofrimento o servo revela a glória de Deus. Dessa forma dá-se ao homem a possibilidade de alcançar o Mistério do sofrimento e da cruz. Cristo, ao configurar-se com o sofrimento humano, possibilita que o homem olhe para o seu sofrimento não como um fim em si mesmo, mas como caminho, como “fonte donde renasce a vida”⁵¹⁵. O fiel encontra na *kenosis* de Cristo um verdadeiro testemunho de como também ele deve agir para alcançar a glória de Deus: na obediência a Deus⁵¹⁶.

“Se Cristo nos tivesse redimido apenas com um suspiro, teria permanecido fora da redenção grande parte da realidade humana que é o sofrimento. A Encarnação teria sido incompleta e incompleta teria sido também a redenção, porque o que não foi assumido não foi redimido. E o Senhor não nos poderia falar a partir de dentro da nossa situação marcada pelo sofrimento. Nem se poderia afirmar com verdade que Ele se tornou semelhante a nós, em tudo menos no pecado.”⁵¹⁷

O hino do Santo Cristo mostra claramente este reconhecimento de Cristo Rei, Cristo Deus, mas que sofre pelos homens e é pela contemplação desses sofrimentos e na obediência a Deus que o homem pode também alcançar a glória eterna. O devoto vê o homem sofredor e contempla o rei da glória. E diante dessa contemplação, é chamado ao cumprimento, na sua vida concreta, a viver a fidelidade à palavra de Deus. Diante de

⁵¹² “Dios no se habría hecho realmente hombre si no hubiese penetrado por completo en el abismo y en la noche de la muerte. Pero eso significa que, en último término, no debemos pensar la esencia de la filiación divina de Jesucristo desde su nacimiento eterno y temporal, sino desde la muerte en la cruz. El punto de partida de la reflexión cristológica no debe radicar en la generación del Hijo por el Padre, sino en la entrega del Hijo por el Padre y en la entrega que el Hijo hace si mismo al Padre en favor de todos los hombres.”: W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, Sal Terrae, Santander, 2013, 304.

⁵¹³ Cf. Fl 2, 6-11

⁵¹⁴ Cf. W. KASPER, *El Dios de Jesucristo*, 311.

⁵¹⁵ J. TEIXEIRA, “O mistério do sofrimento: problemas e possibilidades”, *Didaskalia* 21 (2000) 107.

⁵¹⁶ Cf. Fl 2, 12-13

⁵¹⁷ Anexo 3.4.8., p. 349-350.

Cristo, o crente não pode apenas ficar na contemplação, mas tirar consequências práticas para a sua vida. Assim, Cristo e a cruz de Cristo são o estandarte das batalhas quotidianas que leva o fiel à vitória com Cristo. Neste hino podemos encontrar esta dimensão cristológica da *kenosis* como forma de o homem ser elevado à glória divina:

“Glória a Cristo Jesus, glória eterna
Nosso Rei, nossa firme esperança,
Soberano que os mundos governa
E as nações recebem por herança.

Com o manto e o ceptro irrisório,
Sois de espinhos cruéis coroados.
Rei da dor uma vez no Pretório
Rei de amor, para sempre adorado.

Combatendo por Vossa bandeira
Que, no peito, trazemos erguida,
Alcançamos a paz verdadeira
E a vitória nas lutas da vida.

Só a Vós, com inteira obediência,
Serviremos com firme vontade,
Porque em Vós há justiça e clemência,
Porque em Vós resplandece a verdade.

Concedei-nos, por graça divina,
Que sejamos um povo de eleitos,
Firmes crentes na Vossa doutrina,
Cumpridores dos Vossos preceitos.”⁵¹⁸

Como vimos, ao contemplar a Imagem do *Ecce Homo*, o crente encontra a imagem de alguém que sofre e reconhece também a presença do próprio Deus que sofre, um Deus que experimenta a realidade humana em todas as suas dimensões de alegrias e tristezas, esperanças e sofrimentos, à exceção do pecado.

“Em Jesus aparece o ser humano como tal. N’Ele se manifesta a miséria de todos os prejudicados e arruinados. Na sua miséria, reflete-se a desumanidade do poder humano, que assim esmaga o impotente. [...]

⁵¹⁸ D. SÁ, *Peregrinos do Senhor Santo Cristo*, 113.

Mas é verdade também um outro aspecto: não se pode tirar a Jesus a sua dignidade íntima. N'Ele continua presente o Deus escondido. Também o homem açoitado e humilhado permanece imagem de Deus. Desde que Jesus Se deixou açoitado, são precisamente os feridos e os açoitados a imagem de Deus que quis sofrer por nós. Assim, Jesus, no meio da sua Paixão, é imagem de esperança: Deus está do lado dos que sofrem.”⁵¹⁹

Deste modo, o sofrimento do homem, ao contemplar o sofrimento em Cristo, é pacificado por encontrar em Deus alguém que sofre com ele, que sabe os sofrimentos do homem por ter feito essa mesma experiência, numa solidariedade divina com o homem.⁵²⁰ Uma das orações presentes nas pagelas do Santo Cristo revela isso mesmo:

“Ó bom e amantíssimo Jesus, que por amor das nossas almas quiseste ser açoitado, coroadado de espinhos e considerado como rei de comédia no Pretório de Pilatos, dando-nos o exemplo máximo de humildade, fazei que, atraídos pela Vossa face adorável, não tenhamos outro pensamento que não seja para vos louvar, outro desejo que não seja o Vosso amor.

Fazei, Senhor, que a nossa vida seja sempre iluminada pelos clarões da Vossa Sagrada Paixão, a fim de, nas contrariedades, sintamos a Vossa força, nas aflições a Vossa consolação, nas dores o Vosso refrigério, nas tristezas, a Vossa alegria, chegando assim incólumes ao Vosso Reino Eterno. Amen!”⁵²¹

O homem já não está só no sofrimento. Deus sofre com, “com-padece-se”, com o homem: “De facto, não temos um Sumo-Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, excepto no pecado”.⁵²²

No caso do Santo Cristo dos Milagres há um outro elemento que está na fundação da devoção e, de uma forma particular, do seu culto. Não poucas vezes o culto do Santo Cristo está associado à proteção divina contra os fenómenos sísmicos e vulcânicos. A segunda procissão acontece por isso mesmo e é aí que se dá a já relatada aparatosa queda da Imagem e o apaziguamento dos tremores de terra. Este acontecimento fez muitas vezes confundir como sendo acontecimento central e fundador das procissões. Porém, e como foi visto no anterior capítulo, é o milagre do

⁵¹⁹ J. RATZINGER, *Jesus de Nazaré, da Entrada de Jerusalém até à Ressurreição*, Principia, Cascais, 2011, 164.

⁵²⁰ Cf. A. CAÑIZARES, H. GUERRA, J. P. LEDESMA, *Cristo, Nossa Páscoa, o mistério pascal na vida cristã*, Lucerna, Cascais, 2013, 183.

⁵²¹ Pagela da Paixão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, imagem 35.

⁵²² Heb 4, 15

pão que vai provocar a primeira procissão. Ora, este acontecimento não deve ser displicente. A primeira procissão sai como ação de graças pelo milagre do pão, no dia de aniversário desse acontecimento. Assim sendo, poderemos encontrar aqui o filão doutrinal mais original do culto do Santo Cristo. Nele podemos encontrar duas dimensões que se podem interligar: a partilha / caridade e o Pão Eucarístico.

O acontecimento do milagre do pão foi acompanhado por diversos gestos de partilha de alimentos para que os operários da capela do Santo Cristo pudessem ser alimentados. Na multiplicação do pão, pão que alimenta e sobeja, podemos encontrar um paralelismo às multiplicações do pão realizadas por Jesus nos Evangelhos. Porém, existe ainda um outro pormenor que nos focaliza na narrativa de São João em particular: o pão que sobra após os operários se alimentarem serviu igualmente para alimentar algumas religiosas que se encontravam com problemas de saúde e com ele ficaram curadas. Mais que indagar a veracidade dos acontecimentos, importa percebermos que neste dinamismo devocional da religiosidade popular muitos desses sinais são essencialmente isso: sinais que transmitem alguma mensagem. Aqui a mensagem é do pão que cura, que dá a vida. Ora, é o próprio Jesus que multiplica os pães, como descreve São João, que se identifica como o pão da vida e que quem o come viverá.⁵²³ Também aqui o pão multiplicado deu a vida. Olhar para o Santo Cristo é olhar para Cristo Eucarístico que alimenta e dá vida num gesto de se doar em sacrifício, de se partilhar e multiplicar. A história da própria Imagem está intimamente ligada à Eucaristia, pois foi primeiramente ostensório para a Exposição Eucarística. Também de salientar que, quando foi levada para a Igreja Conventual para a primeira procissão, ela foi colocada no trono, espaço reservado apenas para a Exposição do Santíssimo. Apenas uma das homilias estudadas, a de 2008, coloca como central na devoção ao Santo Cristo

⁵²³ Cf. Jo 6, 48-58

esta dimensão eucarística. Embora o faça como referência ao Congresso Eucarístico Internacional que decorreu nesse ano no Canadá, D. António Carrilho liga a devoção ao Santo Cristo à Eucaristia como central no seu culto.

“A imagem do *Ecce Homo* diz-nos o verdadeiro nome de Deus que é amor (Cf. 1 Jo 4). É que *"Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho unigénito"* (Jo 3, 16). E continua a dá-l'O hoje, a dá-lo na Eucaristia, como sugere o tema do 49º Congresso Eucarístico Internacional, a realizar no Canadá, de 15 a 22 do próximo mês de junho: *A Eucaristia dom de Deus para a Vida do mundo*. A Eucaristia é o dom de Deus por excelência, porque é o dom do próprio Filho. Dando-nos o Filho, Deus deu-nos tudo, nada mais tem para nos dar.”⁵²⁴

Na realidade, D. António Carrilho será o único presidente da festa do Santo Cristo a fazer a menção à Eucaristia. Não fazendo qualquer alusão ao milagre do pão como génese do culto, fala-nos da espiritualidade eucarística da Madre Teresa da Anunciada como referência primordial.

“Daqui o enlevo eucarístico, que deve caracterizar a espiritualidade cristã, como acontecia com Madre Teresa da Anunciada. A veneração da imagem do Senhor Santo Cristo levou-a ao encontro com Cristo na Eucaristia, onde Ele se encontra presente em Pessoa. Diz-se que ao comungar a Madre Teresa sentia na hóstia uma doçura especial e o Santíssimo Sacramento era o centro da sua espiritualidade, procurando assim associar a Paixão de Cristo e a Sagrada Eucaristia no caminho que conduz a Deus.”⁵²⁵

Deste modo é ressalvada a centralidade eucarística na devoção ao Santo Cristo e como sendo seu elemento fundacional. A Eucaristia é memorial salvífico da Ceia Pascal e da Cruz como mandato do próprio Cristo para alimento do homem, sendo central e original na da vida cristã.

“Notai irmãos, a devoção ao Senhor Santo Cristo conduz-nos normalmente à Eucaristia, que é fonte e centro da vida crista e da missão da Igreja. *"Fazei isto em memória de mim"* (Lc 22, 19). Foi este o mandado de Cristo aos Apóstolos ao instituir a Eucaristia e o Sacerdócio na última Ceia. *Fazei isto! Fazei o quê?*

Antes de mais, com certeza, o próprio rito celebrativo: repetir os gestos de Jesus, fazer o que Jesus fez naquela Ceia de despedida, na véspera da Sua morte. Ele deixou-nos na Eucaristia o memorial do Sacrifício da Cruz tornando-Se presente no Pão e no Vinho consagrados, atualizando sobre o altar a entrega

⁵²⁴ Anexo 3.4.13., p. 367.

⁵²⁵ Anexo 3.4.13., p. 367.

que fez, e faz, da Sua vida ao Pai por nós. Daqui a importância da Celebração Eucarística que a Igreja vê como centro da nossa vida cristã e, por preceito, se torna por participação obrigatória ao Domingo, dia da Ressurreição do Senhor. Daqui também a importância crescente que é dada à adoração do Santíssimo Sacramento.”⁵²⁶

Nessa mesma linha, o bispo brasileiro D. Eusébio Óscar liga o culto do Santo Cristo à Eucaristia, pondo como que em paralelo a Imagem do Santo Cristo com o Corpo de Cristo Sacramentado. A Imagem do Santo Cristo torna-se assim apenas uma figuração de Cristo, ao passo que o Pão Consagrado é o próprio Cristo que nos é apresentado, e não uma mera representação.

“A Igreja, Santíssima Trindade de que Ele é o mediador visível, que eu possa fazê-la hoje aqui nesta celebração, no seu gesto mais humilde, não tanto e somente a partir da inspiração visível dessa Imagem, mas que eu possa fazê-lo ali no altar, onde está ainda mais pequenino do que na sua própria figuração artística e ao mesmo tempo piedosa que esta Imagem veneranda. Na Eucaristia reduzido aparentemente a um pedacinho de pão Aquele que é meu Senhor e Rei, e lá que eu possa ajoelhar-me, como farei daqui a pouco com todos nossos irmãos, e dizer: Salve meu Rei e Senhor.”⁵²⁷

Também os hinos de cada uma das invocações tendem a mostrar as principais referências reconhecidas nelas. Ao contrário do hino mais conhecido, e que já se fez referência, o segundo hino do Santo Cristo é uma glorificação de Cristo. Este não é explicitamente um hino de quem contempla o *Ecce Homo*, o Servo Sofredor. Nele não há referência ao sofrimento de Cristo, mas apenas ao sofrimento do homem. No entanto, não deixa de ser um hino crístico e plenamente cristológico. Além de toda a glorificação de Cristo, este, ao contrário do primeiro, deixa transparecer a relação do Santo Cristo à Eucaristia. Esta tímida referência, “Glória a Cristo no Vinho e no Pão”, é praticamente a única existente nas orações devocionais do Santo Cristo. Tendo em conta esta dimensão importante e fundacional do culto do Santo Cristo, não seria de todo descabido a produção de orações que centrassem, também na Eucaristia, a devoção à Imagem.

⁵²⁶ Anexo 3.4.13., p. 367-368.

⁵²⁷ Anexo 3.4.1., p. 328.

“I
Santo Cristo! Esperança Divina,
Horizonte de Eterna Vitória.
Quero a vida na Vossa Doutrina
E na morte o Reino da Glória

Santo Cristo, Ó! Estrela Brilhante,
Ó! Farol que guiais ao abrigo;
A minh’alma navega errante,
Glória a Cristo na hora do perigo.

CORO
Glória a Cristo no céu e na Terra,
Glória a Cristo no Vinho e no Pão,
Glória a Cristo no Mar e na Serra,
Glória a Cristo no meu coração.

II
Santo Cristo! Essa Chama Celeste,
Que irradia do Vosso Olhar,
É a Paz que ao Mundo trouxeste,
E o Mundo recusa aceitar.

Santo Cristo! Esperança Bendita!
Do Cristão que Vos ama e adora,
A minh’alma vagueia aflita
Glória a Cristo na última hora

CORO
Glória a Cristo no céu e na Terra,
Glória a Cristo no Vinho e no Pão,
Glória a Cristo no Mar e na Serra,
Glória a Cristo no meu coração.”⁵²⁸

Tudo isto leva o devoto a reconhecer no Santo Cristo aquele que se dá em alimento. Desta forma, a devoção e o culto do Santo Cristo não podem estar desligados desta dimensão eucarística, e tal deve ser refletido no próprio discurso devocional e doutrinal a ele associado.

“A Eucaristia insere-se diretamente na história do mundo misteriosamente entrelaçada com a história da salvação. Ela é, ao mesmo tempo, memória do passado que se faz presente e que se projeta no futuro. Em suma: a Eucaristia é o centro da história da salvação. Não é apenas um facto de carácter

⁵²⁸ Anexo 3.3., p. 324.

«devocional», mas constitui precisamente o elemento central do mistério da salvação que se realiza em Cristo e por Cristo.”⁵²⁹

Em todo o contexto da festa, a Eucaristia corre o risco de ganhar apenas o tal “carácter devocional”, perdendo a sua importância no culto e na devoção. Aproveitar o acontecimento do milagre do pão pode ajudar a recentrar a Eucaristia como âmag, não só da devoção ao Santo Cristo, mas da própria vida cristã. Ela é o centro da história devocional do Santo Cristo.

“O mistério eucarístico, a Santa Missa, implica a primazia do dom de Cristo: Ele é «por toda a eternidade, Aquele que nos ama primeiro». Aí encontramos o sentido e a razão mais profunda da vida configurada pelo mistério pascal, a razão de adoração e do amor, da caridade, como dimensões fundamentais do existir cristão. Pela Eucaristia unimo-nos a Cristo, ao seu mistério pascal e a Ele, amados por Ele. Ele oferece-se ao Pai por nós no sacrifício da Eucaristia, em obediência e amor extremos. Por isso mesmo, unidos a Ele, nos oferecemos com Ele no mesmo e único sacrifício da Cruz atualizado na Eucaristia, onde Deus e o seu dom ocupam o primeiro lugar. Assim, identificados na oferenda sacrificial, ficamos inseparavelmente abertos e disponíveis no amor e no serviço aos outros.”⁵³⁰

Ao mesmo tempo que é aqui salientada a necessidade de fazer desenvolver e dar protagonismo à dimensão eucarística da devoção ao Santo Cristo, igualmente é necessário desenvolver no discurso em volta da Imagem do Santo Cristo a dimensão de partilha e da caridade, dimensão esta que não deixa de estar ligada à própria Eucaristia, se esta for percebida como centro numa cultura de partilha, na qual também estão presentes os problemas quotidianos dos homens de cada tempo e a qual é fonte de promoção humana.⁵³¹

O devoto, ao contemplar a Imagem, sente o amor de Deus que lhe é dado, percebe que os seus sofrimentos foram por amor. Mas não é só nesta contemplação do *Ecce Homo* que a dimensão do amor transformado em ação surge como modelo para o

⁵²⁹ P. POUPARD, *Deus e a Liberdade, uma proposta para a cultura moderna*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000, 132.

⁵³⁰ A. CAÑIZARES, H. GUERRA, J. P. LEDESMA, *Cristo, Nossa Páscoa, o mistério pascal na vida cristã*, 214.

⁵³¹ Cf. P. POUPARD, *Deus e a Liberdade*, 126.

crente. O milagre do pão é um ponto-chave nessa mesma dimensão. Como vimos, associado ao milagre do pão está a necessidade de alimentar quem carece e da partilha de alimentos para com esses. Assim, a caridade, a partilha e o apoio aos mais necessitados estão intimamente ligados ao culto do Santo Cristo. Muitas dessas ações caritativas vão sendo desenvolvidas pelas diferentes estruturas eclesiais, cada uma segundo o seu carisma, possibilidade e meios. Isto é um sinal importante na comunidade de como uma devoção tem também efeitos mais alargados na sociedade. Muitas destas ações pautam-se pela discrição. Não há, como é próprio da ação caritativa, grande publicidade destes gestos de partilha e de multiplicação dos bens para com os mais necessitados. Porém, deveria ser incentivado a que essa mesma partilha e multiplicação não se esgotasse nas estruturas eclesiais da Comunidade Religiosa, Irmandade e Reitoria, mas fosse feito o apelo a que o devoto vivesse também ele essa dimensão do culto ao Santo Cristo. A utilização do acontecimento do milagre do pão na linguagem devocional poderá ser uma mais-valia e ajuda para que o devoto reconhecesse como central na sua devoção a dimensão da caridade e da partilha.

A procissão, como ato maior da piedade popular e como momento mais emblemático de todo o culto, sendo a um domingo pascal, pode ajudar-nos a perceber que a dimensão do sofrimento de Cristo está em ordem à Ressurreição e, por isso, tal como a primeira procissão, é um ato festivo e não penitencial, é uma expressão de ação de graças pelo Cristo Ressuscitado, Cristo Caridade, Cristo Eucaristia. O sofrimento não deixa de estar presente em todo este processo, mas é um sofrimento regenerador e redentor, um sofrimento que transporta consigo a perspectiva de caminho de glória. Todo o adorno em volta da Imagem, já protagonizado pela Madre Teresa da Anunciada, seja nos atributos preciosos, seja no florido e grandiosidade do andor e da profusão de flores no Santuário, não é esconder o sofrimento que a Imagem e respetiva invocação

transportam, é antes o reconhecimento da graça divina; não é apagar a dificuldade do caminho cristão, mas a exaltação da glória divina.

4.7. Santuário, lugar privilegiado de espiritualidade e ação pastoral

O santuário é, na piedade popular, o lugar onde confluem os devotos para a contemplação da imagem da sua devoção.⁵³² Mas o santuário é mais do que um lugar onde se guarda determinado objeto devocional, nem tão pouco apenas um apoio logístico e administrativo a determinada devoção. Por essa razão, o santuário deve ser um verdadeiro polo de espiritualidade e evangelização, mesmo se centrada em uma devoção específica.⁵³³ Em entrevista para este estudo, D. João Lavrador, Bispo de Angra, refere a importância de um santuário para o cristão.

“Penso que um santuário tem um valor de implantação na diocese e como resposta a uma forma que todo o cristão gosta de fazer, não é só a vida paroquial, mas a possibilidade de se deslocar a um santuário. Isto foi sempre, ao longo de todo o cristianismo algo de fundamental para os cristãos, agora tem de ter uma oferta que seja exemplar nesse sentido. E ele tem de passar pela parte litúrgica, sobretudo pela Eucaristia, pelo sacramento da Reconciliação, pelo acolhimento, aconselhamento espiritual que as pessoas procuram, pela interioridade, pelas pessoas que querem o silêncio, a possibilidade de proporcionar a reflexão espiritual, porque todos esses aspetos têm de estar presentes num santuário, para lá da vertente, que para muita gente é impensada, mas que no fundo é isso que os santuários estão a fazer, que é sua vertente caritativa. Que mais ou menos, todos têm um bocadinho essa preocupação de socorrer, às vezes com sinais exteriores. Por exemplo o Santo Cristo que tem um conjunto de famílias que dão um cabaz mais ou menos permanentemente, é um sinal exterior, que poderá ser melhorado, mas que tem o seu interesse.”⁵³⁴

Como se observa nas palavras do Bispo de Angra, o santuário não substitui a vida comunitária da paróquia onde o fiel reside, mas complementa a sua vivência cristã e liga-o a uma dimensão eclesial supra paroquial, porque ela é diocesana. Pelo caminho

⁵³² P. PENTEADO, "Santuários", 165.

⁵³³ Cf. DPP 261.

⁵³⁴ Anexo 3.5.2., p. 401.

que percorre até ao santuário, pela possibilidade dos sacramentos nele recebidos, pelo acolhimento e silêncio e pela caridade ali auferida, o devoto faz a experiência da vida cristã. Os sacramentos, o acolhimento e a caridade são os elementos chave da vida cristã e que devem estar ostensivamente presentes num santuário.

Também a liturgia no santuário deve ser revestida de um cuidado especial, não devendo ser espaço para livre criatividade litúrgica, num subjetivismo litúrgico desenraizado de uma comunhão universal que se expressa pela liturgia, mas havendo a consciência de que o santuário é normalmente modelo litúrgico para as demais comunidades. Para além disso, é através da liturgia celebrada no santuário que o devoto se pode aproximar mais dos mistérios de Cristo de uma forma sacramental:

“Os lugares de peregrinação devem, por causa da grande influência dos peregrinos, celebrar a liturgia com mais perfeição e beleza. Os fiéis devem aí encontrar o clima necessário para o encontro profundo com o Senhor, descobrir uma manifestação de catolicidade da Igreja, e iniciar-se numa participação mais activa e inteligente na liturgia.”⁵³⁵

Os Santuários que aqui referimos, do Bom Jesus e do Santo Cristo, sendo orgânica e estruturalmente diferentes, procuram ser esse polo de espiritualidade em volta da invocação do *Ecce Homo*. O desenvolvimento de dinâmicas de formação e de oração em volta desta invocação está bem presente.

A dimensão sacramental da penitência é também um aspeto relevante na vida do santuário, não apenas na festa, mas como local onde peregrinos e devotos ao longo do ano possam ser alimentados e curados sacramentalmente. Deste modo, a presença sacerdotal no santuário é fundamental, especialmente para o acolhimento no sacramento da Reconciliação e na direção espiritual,⁵³⁶ mas também no acompanhamento de pessoas e grupos que ocasionalmente se aproximam do santuário.

⁵³⁵ L. RIBEIRO, "Mútua Interpelação da Liturgia e da Religiosidade Popular", 58.

⁵³⁶ Cf. DPP 267.

O apoio aos peregrinos, quer no alojamento, se necessário, quer em outras estruturas físicas de apoio, será também uma mais-valia para que a missão do santuário possa ser realizada mais eficazmente. Este apoio, seja o alojamento ou outro, não é um mero serviço hoteleiro. Na realidade concreta destes Santuários, mormente no do Santo Cristo, deve ser encarada uma forma de apoio aos peregrinos mais carenciados para que também eles possam ter as mesmas condições físicas para o exercício devocional e a participação nos diferentes atos de culto, bem como o desfazer equívocos e intuitos comerciais nos atos de devoção, como nas promessas de cera e outras. Mais uma vez se vê como fundamental o trabalho conjunto deste tripé estrutural da Reitoria, Irmandade e Comunidade de Vida Consagrada.

O Santuário do Bom Jesus e, principalmente, o Santuário do Santo Cristo estão cheios de peças e espaços museologicamente interessantes. A exposição destas peças e espaços deve ter um sentido pedagógico-pastoral e espiritual. O aproveitamento de obras de arte e de outros objetos relacionados com a devoção devem ajudar o visitante a conhecer a história concreta da devoção e de como essa mesma devoção foi sendo vivida ao longo dos tempos, além de mostrar como é vivida na atualidade e como deve ser vivida. Estes percursos museológicos servem, nestes casos concretos, a que o visitante entre na própria devoção e nas dinâmicas de espiritualidade a ela inerentes. Eles são para o cristão “instrumento saudável na sua formação humana e religiosa e, ao mesmo tempo, presença marcante da Igreja no mundo.”⁵³⁷

O santuário é, por força da sua natureza, lugar privilegiado de um encontro com uma espiritualidade e piedade enraizadas nas verdades da fé da Igreja. Neste sentido, este é um espaço onde o devoto deve receber as ajudas necessárias para o amadurecimento da fé a partir da sua religiosidade. É especialmente nos momentos de

⁵³⁷ J. ROQUE, M. PINTO, “Os museus da Igreja como memória da fé”, *Communio* 13 (1996) 66.

crise pessoal e social que esta piedade popular ganha especial importância e a sua vivência é mais intensa. É precisamente nesses momentos de crise que o devoto deve receber do santuário todo o apoio espiritual e humano como resposta às suas inquietações, vazios interiores e angústias.⁵³⁸ O cuidado pastoral do santuário passa especificamente por este acompanhamento a partir do concreto de cada devoto, não numa simples rejeição de muitas expressões de religiosidade que eventualmente possam entrar em choque com a vivência da fé, mas com a sabedoria de as “utilizar” como caminho pedagógico de crescimento espiritual, pessoal e social.⁵³⁹

O santuário é, por excelência, o lugar do acolhimento, onde o peregrino se sente reconhecido e integrado, escutado e atendido, não apenas pela dimensão da fé, mas igualmente nos aspetos e necessidades humanas. O peregrino é aquele que busca algo e procura esse algo no santuário, busca respostas às suas inquietações humanas e de fé. O peregrino é alguém que vive inquieto e que procura algo, mesmo, que por vezes, sem saber o quê em concreto.

“É a todos estes que os santuários precisam de responder, acolhendo-os não só no seu espaço, mas com eles percorrendo caminhos, para que a transformação das suas vidas seja cada vez mais profunda.”⁵⁴⁰

Acolher pastoralmente e socialmente o peregrino é uma das missões basilares do santuário. Este acolhimento não se deve limitar *in loco*, mas acolher e acompanhar o peregrino na sua existência.

4.8. Dois Santuários, uma invocação

Como temos vindo a observar, no contexto açoriano, a invocação do *Ecce Homo* está fortemente presente. A experiência religiosa franciscana que acompanhou os

⁵³⁸ H. MENDES, "O catolicismo popular na pastoral actual", in DIOCESE DE ANGRA, *Orientações Diocesanas de Pastoral, da alegria do Evangelho à saída missionária da Igreja*, [s/e], Angra do Heroísmo, 2014, 40.

⁵³⁹ Cf. P. ASOLAN, *Il Santo Viaggio*, 37-38.

⁵⁴⁰ F. M. PEREIRA, "A Peregrinação: fenómeno humano e religioso", *Communio* 14 (1997) 328.

povoadores das ilhas e serviu de base à particularidade da espiritualidade no arquipélago, predispôs a que esta invocação florescesse em diferentes contextos locais e se tornasse base identitária de uma cultura. É neste seguimento que a devoção e culto do Bom Jesus e do Santo Cristo ganham o seu apogeu e importância na comunidade cristã e na sociedade açoriana residente e na diáspora. Pesem embora as diferenças próprias de cada uma das devoções, os pontos em comum facilitam a que possa ser criada uma pastoral de conjunto. Por essa razão é importante que haja uma pastoral de conjunto entre os Santuários, que, pelo menos no passado, não era uma realidade. Constatou D. António Braga, bispo emérito de Angra sobre a relação entre os dois Santuários:

“Não há grande ligação entre os Santuários e esses locais. A ligação é mais com a Imagem, do que propriamente com os Santuários como tais...”⁵⁴¹

Como afirma D. António Braga, a ligação de um devoto é com a Imagem sem ligação específica ao Santuário que a acolhe. Deste modo, a eventual ligação entre os diferentes locais onde existe a devoção ao Santo Cristo e ao Bom Jesus, é feita apenas pela réplica da Imagem sem outro polo de união pastoral proporcionado pelos Santuários.

Contudo, o atual bispo de Angra, reconhecendo essa mesma fragilidade de não existência de relação pastoral entre Santuários, vai já abrir caminhos para uma nova dinâmica de conjunto e partilha pastoral:

“Eu despertei para essa pergunta porque o Ouvidor do Pico levantou-me essa questão. Ele esteve no último encontro dos santuários e levantou essa questão. E realmente disse que é preciso, a partir da diocese, fazer esse trabalho de mais relação entre os santuários. Eu não estava ainda desperto para essa realidade, até porque não conhecia muito bem, mas isso tem de se fazer. [...] Agora que é fundamental é, fazer essa relação entre os santuários de maneira a que haja uma articulação pastoral entre eles.”⁵⁴²

Nos dois Santuários tem havido a preocupação para que, em cada ano, seja dada à festa uma temática que ajuda o devoto a centrar a sua reflexão espiritual. Como

⁵⁴¹ Anexo 3.5.1., p. 395.

⁵⁴² Anexo 3.5.2., p. 401.

observámos, tem sido o Santuário do Bom Jesus que mais tem tido, e há mais tempo, a preocupação dessa tematização da festa. Suprindo a lacuna existente, tem sido a Irmandade do Santo Cristo a sugerir um tema para cada festa anual do Santo Cristo dos Milagres. Segundo o quadro seguinte, observamos que o tema não foi sempre coincidente nos dois Santuários no período analisado em que ambos tiveram tema de festa anual. Vemos que em alguns casos, nos anos 2013 e 2016, houve a preocupação de fazer uma ligação a uma temática mais universal. Porém, cada um dos Santuários teve a sua orientação.

Ano	Bom Jesus Milagroso	Santo Cristo dos Milagres	Especificidade anual, local/universal.
2010	O Bom Jesus sinal do amor do Pai	310 anos de inabalável fé!	310 anos da primeira procissão do Santo Cristo
2011	Enraizados em Cristo firmes na Fé	... E o Senhor tão perto de nós!	
2012	Festas jubilares tricinquentenário do culto na ilha do Pico e cinquentenário da elevação a Santuário	A Paixão de Cristo que nos une!	
2013	Sei em quem acreditei	Fé em movimento!	Ano da fé
2014	O bom Jesus é o centro da alegria do Evangelho	Encontro com a Esperança!	
2015	A alegria do reencontro com o Senhor	Fé: Confiança no caminho da Salvação!	250 anos da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres
2016	O Bom Jesus é o rosto da Misericórdia do Pai	Cristo: Vivência de Amor e Misericórdia para todos	Ano da Misericórdia

Quadro 9. Sinopse dos temas da festa do Bom Jesus e do Santo Cristo.

Deverá ser critério de escolha do tema a pastoral proposta em cada ano pela pastoral diocesana. Deste modo, os Santuários ajudam as comunidades e os devotos a participarem e viverem as linhas de força da pastoral da diocese proposta pelo bispo. Assim, será importante que os Santuários descubram formas de diálogo para que o tema

encontrado para a festa anual seja trabalhado em conjunto, não só tornando-se um apelo à unidade, mas propondo um caminho de comunhão e sintonia pastoral.

Este caminho não se reduz à escolha de uma simples frase para um cartaz, deve traduzir um caminho de partilha e reflexão pastoral, de partilha de linhas programáticas e de ações em conjunto. Para tal, têm as Reitorias um papel fundamental. Os Santuários devem ter esta ligação próxima uns com uns outros, por forma a serem verdadeiros polos dinamizadores de uma pastoral de conjunto e de uma espiritualidade comunitária, sem com isto esquecer ou apagar a especificidade devocional de cada um.

Esta pastoral conjunta dos Santuários não se deve restringir aos Santuários do *Ecce Homo*, do Pico e de São Miguel, mas deverá ser enriquecida com os outros santuários diocesanos de Nossa Senhora dos Milagres da Serreta e de Nossa Senhora da Conceição de Angra, ambos na Terceira, sem esquecer o santuário do Santo Cristo na Caldeira do Santo Cristo, ilha de São Jorge. Embora estes santuários possam ter, eventualmente, menor visibilidade no panorama devocional global do arquipélago, a existência de uma pastoral de conjunto entre os cinco santuários proporcionaria um enriquecimento para todos. A localização de cada um deles, não estando todos numa mesma região mas um pouco disseminados pelos diferentes agregados de ilhas, pode surgir como uma grande vantagem por se tornarem polos ativos da pastoral diocesana e de conjunto a partir da especificidade de cada um.

Sendo os Santuários, por natureza, polos de espiritualidade e de pastoral mais abrangente que uma pastoral paroquial, não esgotam a pastoral de conjunto e a unidade festiva e devocional. A relação do Santuário com os demais locais onde a devoção da Imagem é existente deve ser também tida em conta. Há, como já vimos, fora dos Santuários respetivos, lugares de invocação do *Ecce Homo* com a Imagem do Bom Jesus e principalmente do Santo Cristo. Se estes lugares mantiverem uma íntima relação

com o Santuário e o Santuário com eles, ajudará a que se possam criar pontos de convergência pastoral sob essa especificidade devocional. Não quer isto dizer que percam a sua autonomia, quer antes dizer que o ponto de convergência devocional em relação à Imagem poderá e deverá ser um ponto de partida para uma pastoral de conjunto.

Nas dinâmicas da piedade popular, o crente que acede a determinada devoção apropria-se dela e transporta-a para as referências da sua existência. É dessa forma que encontramos fora dos Santuários a devoção e o culto a determinada Imagem. Assim aconteceu de Iguape no Brasil para São Mateus no Pico e deste para a Calheta de São Jorge e tantos outros lugares, ou de Ponta Delgada de São Miguel para a Graciosa, Santa Maria, São Jorge e outros locais do continente e da diáspora açoriana. O Santuário é aqui uma referência como ponto originário e identitário da devoção. José Silva Lima refere o santuário como lugar de referência dinâmica de uma devoção:

“Não se trata de uma realidade meramente estática, que se visita, onde se vai em peregrinação, mas de um lugar de desejo que o instiga e que provoca o êxodo, constituindo-se um dos padrões da construção identitária. Assim sendo, o santuário funciona como polo dinâmico ao longe e ao perto, não sendo necessária de forma absoluta a sua visita física, mas funcionando na personalidade como atrativo recôndito, preservando o segredo que a constitui de forma essencial.”⁵⁴³

Mas também os lugares de devoção fora do Santuário podem ser para este um enriquecimento, por transportarem para ele outras experiências religiosas em volta da mesma devoção. Assim, a pastoral de conjunto de que aqui falamos não é um dinamismo unidirecional, do Santuário para fora, mas pluridirecional, de fora para o Santuário e deste para outros lugares e de outros lugares entre si. O Santuário seria então um ponto de convergência e de expansão de uma pastoral e de uma espiritualidade

⁵⁴³ J. S. LIMA, *A Peregrinação, percursos e palavras*, 76.

específicas, mas em consonância e convergência com a pastoral mais alargada da diocese e da Igreja Universal.

“Por uma consciência diocesana, não podemos pensar numa diocese que é chamada a viver a comunhão, a unidade, e por aí fora, e depois ter realidades que marcam tanto as pessoas e que estejam em situações tão díspares. Depois, com esta prerrogativa, hoje, e cada vez mais, vamos ter a mobilidade das pessoas. E Deus queira que sim, porque aqui nos Açores é fundamental essa mobilidade para que a diocese e a região seja um todo e tenha essa consciência. Ora bem, perante a mobilidade as pessoas têm de ter a consciência de que a linguagem, a forma de apresentar, é igual, ou se não é igual é pelo menos parecida em todos os momentos e em todos os lugares.”⁵⁴⁴

Para além da relação entre os diferentes Santuários, do *Ecce Homo* e outros, e destes com os lugares onde as suas invocações são lugares de devoção, existe uma outra relação que é igualmente importante para uma pastoral de conjunto. Cada um destes Santuários está inserido num território, numa ilha, numa cidade. Deste modo, a sua ligação com a pastoral local é fundamental. O Santuário não é uma ilha pastoral no meio de um oceano paroquial. Ele deve ser participante e integrante na pastoral da paróquia e da ouvidoria onde está sediado, podendo, dessa forma, ser um ponto de convergência da pastoral local como também beber da pastoral vivida no lugar onde está implantado, sem perder o que é próprio da sua missão e da sua espiritualidade, nem se impor como primazia pastoral para o lugar.

Um adágio eclesiástico local dizia: “O Santo Cristo é o pior paroquiano de São José”. São José é a paróquia onde está sediado o Santuário do Santo Cristo. Com este adágio, muitas vezes se fazia referência a uma concorrência pastoral e celebrativa entre os dois lugares e podendo mesmo ser extrapolado a toda a cidade. Era uma ilha autónoma no que se refere à pastoral da paróquia, da cidade e da ouvidoria. Sendo um adágio referente ao Santo Cristo de São Miguel, o mesmo se poderia encontrar nas outras realidades. É precisamente no sentido contrário que a pastoral de conjunto deve

⁵⁴⁴ Anexo 3.5.2., p. 401.

caminhar. Tal como duas paróquias não são concorrentes, também um Santuário e toda a dinâmica devocional a ele inerente, não é concorrente com a paróquia e as demais estruturas canónicas ali existentes. Há a necessidade de criação de sinergias e dinâmicas de confluência pastoral. A este propósito, embora com a referência apenas paroquial, mas em que podemos incluir os Santuários, a Conferência Episcopal Portuguesa realça a importância da interparoquialidade:

“As paróquias não podem isolar-se umas das outras, sobretudo no actual contexto sócio-cultural caracterizado pela mobilidade das pessoas, pela interpretação das ideias e pela variedade de opções possíveis, levantando problemas de ordem pastoral que só podem ter adequada resposta em âmbito interparoquial ou supra-paroquial.”⁵⁴⁵

Deste modo, será necessário haver a coragem de entendimento entre os diferentes agentes para que tal seja possível, quer no simples facto de coordenação de celebrações, quer na partilha de espaços, ou nos critérios e caminhos de pastoral concreta a partir das orientações pastorais diocesanas.

4.9. Síntese para uma pastoral de conjunto

O estudo da religiosidade popular permite-nos o encontro com dimensões fundamentais do *homo religiosus*. Essa religiosidade popular é reconhecida eclesialmente como piedade popular quando é expressão da fé cristã. Deste modo, a piedade não é apenas uma propensão informe para o religioso, mas é já uma vivência religiosa à luz do Evangelho.

Na base do dinamismo da piedade popular está o significado e, particularmente, o símbolo como algo material, como as imagens que expressam uma realidade sobrenatural para além da matéria que a compõe, tornando-se objeto de devoção e de veneração. As Imagens do Bom Jesus Milagroso e do Santo Cristo dos Milagres são

⁵⁴⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral: Sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa 1984, 42.

objetos, mas têm em si uma carga importante que evocam sentimentos e os mesmos sentimentos são evocados neles. Tal como se observou nos conceitos de Bernard Lonergan, elas são símbolos. A mesma Imagem, do Santo Cristo ou do Bom Jesus, vai despertar em cada sujeito que a contempla sentimentos diferentes. Para alguns, elas despertam sentimentos de compaixão, para outros de gratidão. Para uns, elas são um apelo à conversão, para outros são a contemplação da redenção. Diante das Imagens do Santo Cristo e do Bom Jesus, cada sujeito, de acordo com o seu meio e a sua história, terá uma aproximação diferenciada de outro sujeito. Diante destas Imagens, à medida que o sujeito se vai relacionando com elas, a sua intencionalidade consciente vai desenvolvendo uma aproximação ou repulsa, ou ambas as situações.⁵⁴⁶ Deste modo, o símbolo vai cumprindo a sua função no sujeito. Quer isto dizer que, à medida que o sujeito, a partir da sua história e vontade, vai interagindo com as imagens, começa a ter uma maior aproximação com elas, ou então afasta-se delas. De acordo com a sua percepção do símbolo, o sujeito vai-se tornando mais devoto ou menos devoto diante das invocações do Santo Cristo e do Bom Jesus. Porém, não raros são os casos em que diante destas mesmas Imagens o sujeito tem relações de aproximação e afastamento, de grande devoção e crítica. Podemos observar este paradoxo especialmente nas festividades de cada invocação. Há pessoas que são muito devotas do Santo Cristo e/ou do Bom Jesus, mas, quando se dão as grandes festas, afastam-se e são muito críticas a toda aquela envolvência e ações em torno das Imagens. O contrário também acontece. Isto porque a intencionalidade consciente do sujeito vai ter como base o meio que o envolve e os dinamismos sociais e religiosos que se vão desenvolvendo em volta deste símbolo, sejam dinamismos continuados no tempo ou ocasionais na história.

⁵⁴⁶ Cf. B.LONERGAN, *Método em Teologia*, 35

Sendo as Imagens do Bom Jesus Milagroso e do Santo Cristo dos Milagres representações da Paixão de Cristo, numa observação meramente descritiva, o que vemos são a figuração de um homem num momento de grande sofrimento e de chacota. São Imagens que, naturalmente, deveriam ser de repulsa, pois mostram cruamente o horror. Contudo, e paradoxalmente, elas atraem quem as observa. O sofrimento e o horror transformam-se na revelação do amor e paz. O discurso lógico abominaria tais imagens, mas sendo símbolos, elas chamam a si essas tensões internas e incompatibilidades.⁵⁴⁷

A devoção é apresentada por alguém e que pressupõe que aquele a quem esta é apresentada a aceite e acredite de igual forma, criando, assim, um elo de transmissão hereditária de determinado culto e devoção. E tudo isto surge num contexto social, cultural e geográfico específico, podendo a própria piedade popular tornar-se num veículo identitário e cultural de determinada comunidade. De facto, as Imagens do Bom Jesus e do Santo Cristo são casos emblemáticos quanto à capacidade de determinada devoção popular se tornar um fator identitário, muito além do aspeto estritamente religioso. Todo o contexto social, cultural e geográfico vai potenciar o crescimento destas devoções, aliados à espiritualidade franciscana que é a base da vivência religiosa do povoamento das ilhas açorianas. Desta forma, a pastoral de conjunto no arquipélago dos Açores está enraizada nestas dinâmicas de piedade popular, sendo estas fundamentais numa coesão eclesial e doutrinal.

4.9.1. A importância do contexto social, cultural e geográfico para uma pastoral de conjunto

Como se observou, as ilhas açorianas têm algumas especificidades sociais e culturais tendo em conta o seu povoamento, mas também a sua própria geografia. Tendo

⁵⁴⁷ Cf. B.LONERGAN, *Método em Teologia*, 84.

o povoamento sido realizado no século XV e o respetivo acompanhamento espiritual dos povoadores feito por franciscanos, com forte presença em todas as ilhas, proporcionou a que a devoção crística, especialmente aos mistérios da Paixão de Jesus, ganhasse uma prevalência em relação a outras devoções, mesmo a mariana. Sem anular essas outras formas de devoção, a enraizada espiritualidade aos mistérios da Paixão potenciou a que estas devoções ao *Ecce Homo* ganhassem um lugar identitário nesta comunidade.

A própria geografia de arquipélago, afastado dos continentes e de difíceis deslocações internas e externas, criou uma cristalização cultural e religiosa que permitiu a permanência no tempo de algumas formas de piedade popular que entretanto praticamente desapareceram no continente, como é o caso das Festas do Espírito Santo, e de permanência do eixo devocional crístico em contraponto com outras realidades de Portugal continental em que a devoção crística de determinado lugar é suplantada por uma devoção mariana. Apesar da dispersão das ilhas e das difíceis ligações entre elas, que permitiram uma evolução autónoma no que se refere a alguns elementos e expressões rituais da piedade popular, houve sempre uma dimensão de coesão açoriana, tendo sido a piedade popular e a Igreja, como instituição, os polos congregadores entre ilhas e os alicerces da própria açorianidade. Porém, apesar das dificuldades de ligação e comunicação com o exterior do arquipélago, este não foi impermeável a que outros elementos devocionais entrassem na cultura açoriana. Contudo, irão prevalecer as devoções em linha com a espiritualidade crística e da Paixão, sendo assumidos como locais e não como devoção “importada”. O culto do Bom Jesus do Pico é disso paradigma. Este, vindo do Brasil, é assumido pela comunidade de São Mateus, do Pico e das ilhas do triângulo, como sendo seu, perdendo a sua referência originária a Iguape. Na verdade, nenhuma outra devoção que tenha sido levada para o arquipélago açoriano

após o seu povoamento sofreu tal assimilação e relevância social e cultural. Ao contrário, as devoções levadas por açorianos para fora do arquipélago permaneceram sempre com referência ao mesmo. O Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada é o exemplo mais completo desse dinamismo, tal como a devoção ao Divino Espírito Santo.

O contexto social, cultural e geográfico destas devoções do *Ecce Homo* é lugar privilegiado para a evangelização, pois, por meio destas devoções, é possível chegar a um grande número de pessoas que bebem uma mesma cultura e expressão devocional, mesmo que geograficamente longe e desenraizados das suas origens e cultura. Estas devoções de piedade popular são ponto de partida para uma pastoral que congrega em torno da Pessoa de Cristo como salvador e redentor.

4.9.2. As Imagens como testemunho de fé

As devoções analisadas têm as Imagens do *Ecce Homo* como ponto central. É à volta delas e por elas que todo o culto do Santo Cristo e do Bom Jesus se desenvolve. A piedade popular vai encontrar na imagem sagrada o seu centro de expressões devocionais, rituais e institucionais, pois é à Imagem que se dirige o devoto, é com a Imagem que se faz a procissão, é onde a Imagem se guarda que se torna Santuário. Tal centralidade não deixa de poder abrir as portas a práticas que se aproximam dos sistemas mágico-simbólicos. Mas tal risco não deve favorecer uma iconoclastia, antes favorecer uma melhor consciência da importância das Imagens como meio evangelizador dos mistérios de Cristo. Como a própria expressão indica, as Imagens do Bom Jesus e do Santo Cristo são meras imagens, representações de Jesus Cristo. Elas espelham o mistério da redenção que é a Paixão de Jesus e disso falam. A Imagem une-se à palavra escrita da Sagrada Escritura e ela própria transmite a mensagem evangélica do momento redentor da Paixão. Elas são símbolo de um mistério sobrenatural, mas

encarnado em Cristo. Pela matéria da Imagem, o devoto alcança o sentido imaterial da redenção. Estas Imagens mostram um Cristo em sofrimento e escarnecido, mas o devoto lê na expressão plástica da Imagem a entrega amorosa de Jesus para o salvar e para o libertar dos seus sofrimentos. Deste modo, o crente reconhece o “já” da ação salvífica de Cristo, pelas graças que recebe, ainda que viva o “ainda não” da plenitude da salvação. A piedade popular e a devoção a estas Imagens ajudam a integrar na vivência de fé do crente esta tensão do “já” e do “ainda não” escatológico.⁵⁴⁸

O reconhecimento da Imagem como objeto e símbolo do crer exige não apenas uma apresentação, um “Eis”, como se viu anteriormente, mas também implicam um “Crer” da parte daqueles a quem são apresentados. O crer implica uma postura ativa diante do que é acreditado, é uma relação e não apenas uma aceitação passiva. Relação esta que, para além com o objeto da crença, é uma relação de comunidade. Isto é, implica relação com o outro que é simbolizado na imagem, mas igualmente com o outro que faz a mesma experiência do crer.⁵⁴⁹ Por essa razão, crer é uma vivência comunitária, histórica e de tradição. É pelo crer do outro que acreditamos, isto é, pelo testemunho. Aquele que crê afirma “Eis!” e assim dá testemunho da sua fé, transmitindo ao outro que é chamado também a dizer a outros “Eis!”.⁵⁵⁰ Desta forma, as Imagens do Santo Cristo e do Bom Jesus tornam-se transmissoras de um testemunho de fé e protagonizam um caminho hereditário do “Crer”.

Estas figurações do *Ecce Homo* são, para o crente, imagens do ser humano completo, pois são olhadas para além do que representam exteriormente, por aquele momento salvífico que representam: Cristo é apresentado como o Homem, o Novo Adão, que redime o pecado do mundo e liberta o ser humano da morte. Não é, pois,

⁵⁴⁸ Cf. A. TEIXEIRA, “A saúde na economia das crenças: uma interpretação socio-antropológica”, *Communio* 15 (1998) 9.

⁵⁴⁹ Cf. P.P. VALE, “*Ecce. Credo: Tow Concepts of the Theory of Art*”, 128.

⁵⁵⁰ Cf. P.P. VALE, “*Ecce. Credo: Tow Concepts of the Theory of Art*”, 131-132.

despiciente que os momentos festivos em torno das Imagens aconteçam na celebração dos mistérios pascais: em pleno Tempo Pascal, o Santo Cristo; na Transfiguração do Senhor, o Bom Jesus.

A Imagem do *Ecce Homo*, enquanto símbolo do mistério de Cristo, torna-se também uma expressão de fé, não apenas de quem materializou este mistério numa Imagem, mas também daqueles que reconhecem na Imagem a expressão desse mesmo mistério. Ao mesmo tempo, a difusão da devoção e veneração à Imagem permite que o mistério nela contido e plasmado seja igualmente difundido.

Articulados com as Imagens, os demais elementos devocionais, como pagelas, orações e hinos, são didascálias destas para uma melhor vivência e compreensão, por parte dos devotos, dos mistérios sobrenaturais contidos nestas devoções. Estes elementos surgem, assim, como parte integrante e fundamental para a pastoral a partir destas devoções. O mesmo acontece com os rituais celebrativos e festivos que envolvem o Santo Cristo e o Bom Jesus.

4.9.3. *Ecce Homo* como eixo da pastoral de conjunto

Tendo em conta que estas Imagens do Santo Cristo e do Bom Jesus se tornaram identitárias da comunidade, não só no local, mas igualmente na diáspora açoriana, elas podem ser observadas como protagonistas de e para uma pastoral de conjunto. Elas marcam uma cultura e uma sociedade e, por isso, a comunidade açoriana torna-se mais propensa, a partir das Imagens, a olhar para os mistérios da redenção e aberta a uma mensagem evangélica necessariamente centrada em Cristo.

A Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, tendo em conta a sua história e os impulsos originários e originantes da devoção, é igualmente um meio privilegiado para a abordagem de uma pastoral caritativa e de oração. É o Milagre do Pão o

acontecimento que irá levar à realização da primeira procissão. Tal acontecimento não deve ser desprezado para uma abordagem evangélica e pastoral a partir desta devoção. A primeira procissão surge como ação de graças pelo Milagre do Pão. Este é um acontecimento envolvido na partilha e na caridade para com os mais necessitados, ao mesmo tempo que é o reconhecimento de Cristo como o verdadeiro Pão da Vida, que cura e salva. A caridade e a Eucaristia estão, assim, intimamente ligadas e refletidas nesta Imagem. Como foi observado, a devoção ao Santo Cristo não é uma devoção unicamente, nem principalmente, penitencial, mas de louvor e ação de graças à redenção e ao auxílio de Cristo.

A relação de Madre Teresa da Anunciada com a Imagem do Santo Cristo é uma relação de intimidade. Por essa razão, esta Imagem é também uma expressão, para os homens de hoje, da relação de intimidade que o crente deve ter com Cristo. Intimidade que acontece na contemplação e na oração. A própria vida das Comunidades de Vida Consagrada que estão, ao longo dos tempos, associadas à Imagem do Santo Cristo foca a importância do silêncio e do recolhimento orante. Como Santuários, as igrejas que acolhem as Imagens do Bom Jesus e do Santo Cristo são locais de referência de espiritualidade e oração. Por essa razão, este é um dos pilares principais que estes locais devem pastoralmente privilegiar. O Santuário é lugar de encontro com Deus e escola de espiritualidade.

Embora estas dimensões da pastoral, a caridade, a Eucaristia e a oração, estejam mais explicitamente marcadas na devoção original e atual da Imagem do Santo Cristo, não deixam de estar também, de alguma, forma associadas à Imagem do Bom Jesus e por isso possibilitam a que uma e outra devoção tenham os mesmos critérios e paradigmas pastorais.

A própria localização dos dois Santuários, um na ilha de São Miguel, no grupo ocidental do arquipélago, e outra na ilha do Pico, no grupo central, possibilitam a que sejam criados dois polos pastorais, não apenas sob uma mesma invocação devocional, mas sob uma mesma expressão pastoral. Para tal, é fundamental que cada vez mais haja uma conjugação de sinergias pastorais e que estes Santuários sejam centro de espiritualidade convergente e irradiante de um mesmo conteúdo temático pastoral numa mesma orientação de conjunto diocesano capaz de chegar aos demais lugares onde estas devoções estão enraizadas fora da diocese, mas a cujas comunidades estão intimamente ligadas pela devoção e identidade social e cultural.

Igualmente importante é o valor litúrgico envolvente destas devoções. Elas não concorrem com a Liturgia, mas concorrem para a Liturgia. Tanto mais a piedade popular pode ser meio evangelizador, quanto mais ela estiver em consonância com a ação litúrgica. Também a forma de celebrar todos os atos litúrgicos e para-litúrgicos que estão associados ao culto do Santo Cristo e do Bom Jesus são um exemplo para as demais comunidades. Assim, numa pastoral de conjunto, o aspeto litúrgico nos Santuários não é um assunto menor, antes deve ser valorizado e cuidado de modo a que a excelência e a riqueza da Liturgia trespasssem para as diferentes comunidades. Mais que em outros lugares, nos Santuários, a liturgia não pode ser vivida como expressão particularista ou de acordo com certas idiosincrasias grupais. Antes, deve ser reconhecida como forma universal da vivência e celebração dos mistérios da fé, pela sua qualidade expressiva na fidelidade ao espírito da Liturgia.

4.9.4. Piedade popular e vivência eclesial

Uma das especificidades da piedade popular é a sua desinstitucionalização. As devoções aqui estudadas não são exceção. Quer o Bom Jesus, quer o Santo Cristo

nascem de uma devoção particular que posteriormente ganhou uma dimensão comunitária. Embora podendo passar as fronteiras hierárquicas e tornar-se transversal, a piedade popular é essencialmente laical. Esta dimensão da devoção é a grande base da sua existência e propagação no tempo e no espaço.

A devoção popular passa de pais para filhos e de crentes para outras pessoas, não numa doutrinação catequética, mas numa adesão interior e afetuosa. A catequização acompanhará esta adesão, iluminando a devoção a que se aderiu pelo coração. Para tal, é fundamental o papel de todos os agentes de catequização, para que a devoção não caia na esfera da superstição.

Neste sentido, a existência de Santuários nos cultos do *Ecce Homo* aqui estudados ganha especial relevo, uma vez que os Santuários são garantes de uma pastoral devocional que seja anunciadora dos mistérios da fé. O Santuário não é, assim, um mero gestor de oferta devocional, nem mesmo mero reconhecimento oficial da importância da devoção. O Santuário é a estrutura eclesial que tem por missão ser o garante de que a devoção a ele associada é um meio de evangelização e de espiritualidade para a vivência cristã do quotidiano, alimentada na fé nos mistérios de Deus e nos sacramentos. Embora no Bom Jesus se possa observar o que aqui foi dito, será em Ponta Delgada, no Santo Cristo, que a dimensão eclesial da piedade popular é mais perceptível e vivenciada. As três estruturas eclesiais ali existentes, a Comunidade de Vida Consagrada, a Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e a Reitoria, são expressão das três tipologias da vida eclesial: os fiéis leigos, as vocações de especial consagração e os clérigos. Como se viu, a devoção ao Santo Cristo nasce da experiência religiosa numa Comunidade de Vida Consagrada e que se desenvolverá especialmente no meio laical. Os clérigos terão a missão de possibilitar e garantir a vivência ritual e sacramental da devoção. Atualmente, existindo a presença destas três expressões da

vida eclesial, será importante garantir que nenhuma se sobreponha à outra, nem que uma se ache detentora e guardiã da devoção, mas que todas sejam, cada uma segundo o seu papel, expressão da Igreja como corpo de vários membros. A realidade eclesial que envolve a devoção ao Santo Cristo deve ser esta expressão do Corpo de Cristo que é a Igreja, nas suas diferentes dimensões. Será, pois, num caminho de sinodalidade e comunhão entre estas três estruturas eclesiais que tal acontecerá. Por aqui podemos concluir que a piedade popular, verdadeiramente evangelizada, é expressão de uma ecclesiologia não hierárquica mas de comunhão, não clerical, mas de Corpo de Cristo.

Conclusão

"A religiosidade popular traduz expressões do coração que não podem ser consideradas irracionais, ainda que por vezes não passem no crivo dos valores do homem moderno; o coração quando age não age cego e sozinho. Nele é o homem todo que age; possui uma racionalidade."⁵⁵¹

Foi a partir desta premissa, afirmada por José Silva Lima, que este estudo teve por objetivo olhar para a religiosidade popular, ou piedade popular, termo aqui privilegiado, como forma de evangelização e de pastoral de conjunto a partir de uma realidade concreta que são duas devoções açorianas: o Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, São Miguel, e o Senhor Bom Jesus Milagroso, em São Mateus, Pico, ambas invocações do *Ecce Homo*.

Perceber os dinamismos próprios da piedade popular é fundamental para a sua compreensão, valorização e integração numa pastoral de conjunto. A piedade popular é algo inato no homem, que ele projeta em rituais, orações e imagens, apropriações e mediações com o divino. De um modo especial nas imagens religiosas, o devoto encontra a presença de Deus, pois são símbolo dele. Há uma apropriação espiritual e material de objetos que se tornam mediação entre o crente e Deus. Sendo Imagens do *Ecce Homo*, "Eis o Homem", da apresentação de Jesus por Pilatos à multidão, não se pode descurar o facto de serem uma apresentação, de algo que é revelado, apresentado, um "Eis", que implica uma afirmação de fé de quem apresenta e pede o crer a quem é apresentado. Assim, a piedade popular pressupõe este dinamismo de apresentação de um mistério que pretende viver e revelar numa sucessão hereditária. Para tal, a piedade popular usa diferentes meios onde a imagem tem um lugar especial, mas também diferentes exercícios devocionais como procissões e peregrinações, novenas e orações, entre outros. Nem sempre a Igreja, como instituição, teve uma relação pacífica com a piedade popular. Porém, os afastamentos e aproximações entre estas duas realidades são

⁵⁵¹ J. S. LIMA, "Religiosidade Popular", 119.

igualmente parte de um contexto social e religioso que tem vindo a ser cuidado, procurando-se sanar e ultrapassar divergências nos últimos anos ao se perceber que a piedade popular não é antagónica com a religião instituída, mas que podem ambas coexistir e serem profícuas entre si.

A piedade popular não está desenraizada de uma comunidade nos seus contextos sociais, geográficos, culturais e eclesiais. Estes contextos influenciam-na, mas também se deixam influenciar por ela. Na verdade, a piedade popular depende deles, mas também tem a capacidade de os influenciar, criando formas identitárias de uma comunidade. No caso açoriano, esse contexto social, geográfico e cultural tornou-se preponderante para o desenvolvimento das duas devoções do *Ecce Homo*, o Santo Cristo e o Bom Jesus, tornando-se elas próprias identitárias da cultura, da sociedade e da vivência religiosa açoriana, não só no arquipélago, mas igualmente nas comunidades da diáspora, embora de fundações e implementações distintas. Enquanto o culto do Santo Cristo se desenvolve na transição do século XVII para o século XVIII, por meio da religiosa Teresa da Anunciada, o Bom Jesus é trazido para os Açores pelo emigrante picoense Francisco Ferreira Goulart no século XIX. A primeira surge num contexto conventual, enquanto a segunda paroquial. Ambas levaram a que as suas igrejas se elevassem a santuário, mas com características diferentes, pois, enquanto o Bom Jesus apenas conta com a estrutura paroquial, o Santo Cristo, não sendo paróquia, tem uma tríade estrutural de Comunidade de Vida Consagrada, Reitoria e Irmandade. Assim, ambas as devoções mostram bem a implementação eclesial, e sua importância, na piedade popular. Estas devoções crísticas são uma mais-valia de que o arquipélago açoriano dispõe para a sua pastoral e evangelização das suas comunidades.

Apesar do cuidado e profundidade que se procurou ter neste estudo, há a consciência de que ele não esgota tudo que deveria ser abordado sobre as devoções do

Ecce Homo no arquipélago açoriano e muito menos as diferentes devoções crísticas ali enraizadas. Porém, terá aberto a porta a outros estudos mais específicos sobre algumas questões aqui abordadas e que merecem uma maior reflexão.

Em trabalhos futuros que se venham a realizar, será de ter em conta algumas dificuldades que existiram no presente. Para além de escassez de uma disponibilidade pessoal e de dispersão por razões pessoais e pastorais, este estudo encontrou dificuldades especiais no que se refere ao material documental de arquivo. A falta de organização, à data, de alguns dos arquivos consultados (falta de catalogação, dispersão de documentação, entre outros), tornou-se um dos principais obstáculos. De igual forma, a dispersão territorial das duas devoções analisadas, entre elas, e em relação à base de trabalho, também acrescentou algum grau de dificuldade. Aliás, como também foi aqui analisado, a dispersão territorial é uma das problemáticas referenciadas neste estudo e da qual acabou por ser também alvo.

Finalmente, será de salientar que na análise efetuada neste estudo não houve a pretensão de criar juízo de valor ao que se vai realizando, ou criar diretivas pastorais para a complexa realidade açoriana. Tal caberá às respetivas instâncias eclesiais locais. Houve, sim, a preocupação de chamar a atenção de uma realidade existente e de como esta tem uma importante relação com a pastoral de conjunto e de como essa poderá ajudar a uma melhor eficácia na evangelização.

Bibliografia

Fontes e documentos

Actas das sessões de paróquia, S. Mateus, 1873-1940

ANUNCIADA, T., *Vida da Serva de Deus Teresa da Anunciada escrita por ela por mandato de Deus e seus confessores*, datilografado em 1963 a partir dos originais existentes no Convento da Esperança.

ARRUDA, M. (coord.), *Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 1989.

BRAGA, A, "Igrejas Paroquiais dos Açores", *Boletim Eclesiástico dos Açores*, supl. Vol 60, Angra do Heroísmo, 2010.

Catecismo da Igreja Católica, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

CHAGAS, Fr. D., *Espelho cristalino em jardins de várias flores*, Direção Regional de Cultura, Braga, 2007². (edição de transcrição do original do séc. XVII).

CLEMENTE, J., *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada escrita e dedicada ao Senhor Santo Cristo dos Milagres com a invocação do Ecce Homo*, [s/e], Ponta Delgada, 2002 [1763].

Coletânea de cartas manuscritas de peregrinos do Senhor Bom Jesus do Pico, 2011- (Pasta com os originais das cartas no Arquivo da Reitoria do Santuário do Senhor Bom Jesus Milagroso).

Coletânea de cartas manuscritas de peregrinos do Santo Cristo dos Milagres, (Pasta com os originais das cartas no Arquivo da Secretaria do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, Ed. CNBB - Paulus - Paulinas, Brasília - S. Paulo, 2008.

CONCÍLIO NICEIA II, "Sessão 6", in CORDEIRO, J. L. (coord.), *Antologia Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2015, 1674.

CONCÍLIO NICEIA II, "Sessão 7", in CORDEIRO, J. L. (coord.), *Antologia Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2015, 1674-1675; Edição comparada: DENZINGER, H., HÜNERMANN, P., *El Magistério de la Iglesia, Encheridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder, Barcelona, 2000, 283-284.

CONCÍLIO TRENTO, "Sesión 25", in DENZINGER, H, HÜNERMANN, P., *El Magistério de la Iglesia, Encheridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, Herder, Barcelona, 2000, 554-556.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição "A Sagrada Liturgia" (Sacrosanctum Concilium)*, Ed. AO, Braga, 1987, 13-41.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Pastoral "A Igreja no mundo actual" (Gaudium et Spes)*, Ed. AO, Braga, 1987, 345-418.

CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição dogmática "A Santa Igreja" (Lumen Gentium)*, Ed. AO, Braga, 1987, 59-116.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1984.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia*, Paulinas, Lisboa, 2003.

Coroa do Senhor Santo Cristo dos Milagres com a Invocação do Ecce-Homo, [s/e], Ponta Delgada, 2014.

DIOCESE DE ANGRA, *Anuário Diocesano*, Diocese de Angra, Açores, 2019.

DIOCESE DE ANGRA, *Boletim Eclesiástico dos Açores*, (1872- 2018).

FRANCISCO, *A Alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*, Paulus, Lisboa, 2013.

FRUTUOSO, G., *Saudades da terra, livro 4*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 2011.

FRUTUOSO, G., *Saudades da terra, livro 6*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 2011.

Instrução Geral ao Missal Romano, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018.

IRMANDADE DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES, *Estatutos*, [s/e], [s/l], 1995.

JOÃO DAMASCENO, "Discurso sobre as Imagens", in CORDEIRO, J. L. (coord.), *Antologia Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2015, 1610-1611.

JOÃO PAULO II, *Discursos do Papa João Paulo II em Portugal: Maio 1991*, Rei dos Livros, Lisboa, 1991.

JOÃO PAULO II, *Duodecimum Saeculum*, in *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2014, 1086-1090.

JOÃO PAULO II, *A Igreja na Europa (Ecclesia in Europa)*, Paulinas, Lisboa, 2003.

JOÃO PAULO II, *Vicesimus Quintus Annus*, in *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2014, 1134-1148.

Livro Quinto dos Óbitos 1701-1923 (No Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres)

Missal Romano, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1992

Missa do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Missal), Santuário Diocesano do Senhor Santo Cristo, Ponta Delgada, 1979.

MONTE ALVERNE, A., *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, vol II, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada, 1988.

MOVIMENTO ROMEIROS DE SÃO MIGUEL, *Regulamento para as Romarias Quaresmais de São Miguel*, [s/e], Lagoa, 2017.

"Normas Gerais sobre o Ano Litúrgico e o Calendário", *Instrução Geral ao Missal Romano*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018.

Nova Bíblia dos Capuchinhos, Difusora Bíblica, Lisboa-Fátima, 1998.

Novena da Milagrosa Imagem do Senhor Ecce-Homo que se venera no mosteiro de Nossa Senhora da Esperança da Ilha de S. Miguel, [s/e], [s/l], [s/d]

Novena do Senhor Bom Jesus: do Ecce Homo que se venera na ermida da Fajã Grande-Calheta-S. Jorge, Minerva Calhetense, Calheta, 1917.

Processionale Juxta Formam Ritualis Romani Pauli V Pontificis Maximi, Jussu Editi, Typographia Regia, Lisboa, 1777.

PAULO VI, *Evangelho aos homens de hoje (Evangelii Nutiandi)*, Ed. AO, Braga, 1990.

XAVIER, A., *Processo e inquirição de santidade e milagres da Madre Teresa da Anunciada*, [s/e], [s/l], 1746 (Manuscrito elaborado pelo inquiridor franciscano Frei Xavier. Maço cozido, original, e que contem as assinaturas de cada testemunha. Numeração de folhas feita posteriormente. Pasta existente no Arquivo da Secretaria do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres).

VIEIRA E BRITO, F., "Relatório da Diocese D'Angra por ocasião da Visita Ad Sacra Limina", *Boletim Eclesiástico dos Açores*, suplemento de Vol. 63-2013, Angra do Heroísmo, 2014.

"1.^{os} Estatutos da Irmandade do Senhor Santo Christo da cidade de Ponta Delgada", *Insulana* 15 (1959) 297-316.

Bibliografia subsidiária

ALDAZÁBAL, J., *Dicionário elementar de Liturgia*, Paulinas, 2007.

ALMEIDA, J. A, TORRE, M., *Banda Militar dos Açores: uma referência cultural*, Letras Lavradas, Ponta Delgada, 2015.

ALMEIDA, J. C., "Comunidade Evangelizadora na perspectiva de João Paulo II", in L. M. RODRIGUES (coord.), *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, UCP, Lisboa, 2017, 50-74.

AMORIM, M. N., *O Pico: A abordagem de uma ilha: As famílias de S. Mateus nos finais do séc. XIX*, vol. I tomo VII, CM Madalena, Madalena, 2008.

ANDRADE, J., *Santo Cristo, álbum de emoções e roteiro de razões*, Letras Lavradas, Ponta Delgada, 2015.

ASOLAN, P., *Il Santo Viaggio, Appunti di pastorale del pellegrinaggio*, Lateran University Press, Cidade do Vaticano, 2013.

CAMBÓN, E., *La Trinidad, modelo social*, Ciudad Nueva, Madrid, 2000.

CAÑIZARES, A., GUERRA, H., LEDESMA, J. P., *Cristo, Nossa Páscoa, o mistério pascal na vida cristã*, Lucerna, Cascais, 2013.

CARLOS, J., "A devoção ao Senhor Bom Jesus Milagroso nos vaivéns da emigração", in MELO, J. M., *Concelho da Madalena*, Publiçor, Ponta Delgada, 1998, 25-28.

CARLOS, J. (dir.), *Caminhos do Santuário: órgão do Santuário diocesano do Bom Jesus*, São Mateus (2000 – 2001).

CLEMENTE, M., *A fé do povo: compreender a religiosidade popular*, Paulus, Lisboa, 2013.

CODINA, V., "Os sacramentais, sacramentos dos pobres", *Perspectiva Teológica* 56 (1990), 55-58.

CORDEIRO, A., "Editorial", *A Misericórdia da Vila: Info Mail* 18 (Agosto 2011) 1,

CORDEIRO, A., "Editorial", *A Misericórdia da Vila: Info Mail* 21 (Agosto 2014) 1.

CORDEIRO, J. M., *Corações ao alto, Introdução à Liturgia da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014.

COSTA, S., *Açores: Nove Ilhas, Uma História*, Institute of Governmental Studies Press, Berkeley, 2008.

COSTA, S., “Religiosidade, Crenças e Festas Populares”, in PIRES, A. M. (coord.), *Roteiro Cultural dos Açores*, Presidência do Governo Regional dos Açores - Direcção Regional de Cultura, [s/l] 2012, 231-241.

COUTINHO, A., MACHADO, L., MACHADO, P., *A Irmandade dos Romeiros*, Lucerna, Estoril, 2006.

CRUZ, M. B., *Os católicos, a sociedade e o estado*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013.

DIAS, J., *História do Povo Açoriano*, Publiçor, Ponta Delgada, 2011.

DIAS, M., “Ensino e educação: Influência do espírito franciscano nas gentes açorianas”, *Atlântida* 1 (1985) 323-339.

DUQUE, J., "A historicidade do caminhar na fé", in LOURENÇO, J. (org.), *A fé da Igreja*, Paulus, Apelação, 2014, 251-284.

ELIADE, M., *Images et symboles*, Gallimard, Saint-Amand, 1990.

ENES, M. F., “As Festas do Divino Espírito Santo nos Açores: solidariedade e fraternidade”, in SERRÃO, J. V. (coord.), *Em nome do Espírito Santo: História de um culto*, Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa, 2004, 79-86.

ESTEVES, A., PANYIK, E., CUNHA, M., “Identidades religiosas nas regiões autónomas”, *Didaskalia*, 43 (2013) 207-231.

FERREIRA, J., *A Piedade Popular é obra do Povo de Deus?*, Pontifício Atneu Santo Anselmo, Roma, 2018 (cópia de trabalho escrito para a *Lectio Coram*, não publicado).

FERREIRA, J., *Os Mistérios de Cristo na Liturgia*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018.

FIDALGO, M., *Açores: ensaios de sociologia*, Instituto Açoriano de Cultura, Angra, 1995.

FLORISTÁN, C., *Teologia Practica, teoria y praxis de la accion pastoral*, Sigueme, Salamanca, 1991.

FRANCO, A., PENALVA, L., PIMENTEL, A., BASTOS, C., "O Resplendor do Senhor Santo Cristo dos Milagres", in HENRIQUES, A. C. (coord.), *Splendor et Gloria: Cinco joias setecentistas de exceção*, Direcção-Geral do Património Cultural, Lisboa, 2014, 100-113.

FURTADO, E., *O Mistério do Senhor Bom Jesus da Pedra: Uma viagem pela "história" do Senhor da Vila...*, [s/e], Vila Franca do Campo, 2008.

GOULART, D. M., *O Bom Jesus Milagroso de São Mateus do Pico: Exemplo de Património Cultural Imaterial*, CM Madalena, Madalena, 2013.

GOUVEIA, A. C., "Procissões", in AZEVEDO, C. (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Circulo de Leitores, 2000, 67-72.

GRECO, C., *A experiência religiosa. Essência, valor, verdade*, Ed. Loyola, São Paulo, 2009.

HALIK, T., *O meu Deus é um Deus ferido*, Prior Velho, Paulinas, 2016.

HENRIQUES, M., *Bernard Lonergan: Uma filosofia para século XXI*, É Realizações, São Paulo, 2010.

HUME, B., *O Mistério da Cruz*, Paulus, Lisboa, 2000.

JÚNIOR, M., *Capas do Senhor Bom Jesus Milagroso do Santuário Diocesano do Pico*, Presidência do Governo Regional dos Açores – Direção Regional de Cultura, Pico, [s/d].

KASPER, W., *El Dios de Jesucristo*, Sal Terrae, Santander, 2013.

KASPER, W., *Jesus el Cristo*, Sigueme, Salamanca, 1994.

LAGES, M., "A religiosidade popular na segunda metade do séc. XX", in CRUZ, M. B., GUEDES, N., (coord.), *A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal*, UCP, Lisboa, 2000, 379-436.

LEAL, J., *Cerimonial, Relações Sociais e Tempo: As Festas do Espírito Santo nos Açores*, ISCTE, Lisboa, 1992.

LEAL, J., "As festas do Espírito Santo nos Açores: uma apresentação", *Communio* 15 (1998) 175-186.

LEAL, J., *Açores, EUA, Brasil: Imigração e etnicidade*, Direção Regional das Comunidades, [s/l], 2007.

LIMA, J. S., *A Peregrinação: percursos e palavra*, INCM, Lisboa, 2007.

LIMA, J. S., «*Deus, não tenho nada contra...*», *sociedades e eclesialidade no destino do Alto-Minho*, UCP-Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1994.

LIMA, J. S., *Entre Rezas e Romarias: Piedade Popular e Prática Pastoral*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011.

- LIMA J. S., "Santuário festas e romarias", in CARDOSO, A. (coord.), *Peregrinação e Piedade Popular*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1988, 85-93.
- LIMA, J. S., "Religiosidade Popular", in AZEVEDO, C. (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, 2000, 107-119.
- LOURENÇO, J., *O Sofrimento no Pensamento Bíblico*, UCP, Lisboa 2006.
- LONERGAN, B., *Método em Teologia*, É Realizações, São Paulo, 2012.
- LUÍS, M., "Bendito o que vem", *Cânticos de Entrada e Comunhão I, Advento-Natal, Quaresma-Páscoa*, SNL, Fátima, 2007, 112-113.
- MACEDO, J., "Religiosidade popular como questão cultural", in CARDOSO, A. (coord.), *Peregrinação e piedade popular*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1988, 9-33.
- MACHADO, B., *Senhor Bom Jesus de Iguape*, Boa Nova, São Paulo, 1981.
- MARTINS, F., *A festa nos Açores*, Serafim Silva-artes gráficas, Maia, 1992.
- MARTINS, S., "Homilia na augusta Concelebração Eucarística da Solenidade", *Caminhos do Santuário* 12 (2004) 8-9.
- MELLO J. A., *Segredos do Convento Nossa Senhora da Esperança*, Letras Lavradas, Ponta Delgada, 2012.
- MENDES, H., *Do Espírito Santo à Trindade: Um programa social de cristianismo insculturado*, UCP, Porto, 2006.
- MENDES, H., "O catolicismo popular na pastoral actual", in DIOCESE DE ANGRA, *Orientações Diocesanas de Pastoral, da alegria do Evangelho à saída missionária da Igreja*, [s/e], Angra do Heroísmo, 2014, 27-40.
- MONTEIRO, J., "A primitiva Igreja Açoriana", *Atlântida* 1 (1985) 191-215.
- MOREIRA, H., *O Convento de Nossa Senhora da Esperança: Imagem e culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres*, Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Ponta Delgada, 2000.
- MOURA, M., *A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse*, Publiçor, Ponta Delgada, 2010.
- MOURA, M., RODRIGUES, J., *Rostos de fé: Romeiros na Ilha de São Miguel*, Publiçor, Ponta Delgada, 2011.
- NEMÉSIO, V., "Açorianidade", *Insula* 15 (1932), 59.
- NEVES, J. C., *Escritos de São João*, UCP, Lisboa, 2004.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, *Pilar dos Tempos*, [s/e], Praia do Almoxarife, Faial, 2005.

PENTEADO, P., "A construção da memória nos centros de peregrinação", *Communio* 14 (1997) 329-344.

PENTEADO, P., *Para uma história dos santuários portugueses*, Terramar, Lisboa, 1999.

PENTEADO, P., "Santuários", in AZEVEDO, C. (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Círculo de Leitores, 2000, 164-178.

PEREIRA, F. M., "A Peregrinação: fenómeno humano e religioso", *Communio*, 14 (1997) 316-328.

PINHO, J. B., "Dimensão eclesial da fé", in LOURENÇO, J. (org.), *A fé da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014, 181-250.

PINTO, A., *Uma singular peregrinação cristã: Romarias Quaresmais da Ilha de S. Miguel-Açores*, ECCE, Ponta Delgada, 2008.

PIRES, A., "Açores: Aventura, Experiência e Racionalidade", in PIRES, A. M. (coord.), *Roteiro Cultural dos Açores*, Presidência do Governo Regional dos Açores - Direcção Regional de Cultura, [s/l], 2012, 21-33.

POUPARD, P., *Deus e a Liberdade, uma proposta para a cultura moderna*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000.

PRETTO, M., *La grande teologia e la pietà popolare*, ed Progetto 200, Cosenza, 2012, 215.

RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré*, A esfera dos Livros, Lisboa, 2010.

RATZINGER, J., *Jesus de Nazaré: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Principia, Cascais, 2011.

RIBEIRO, L., "Mútua Interpelação da Liturgia e da Religiosidade Popular", in SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *A Religiosidade Popular e a celebração da fé*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1989, 49-72.

RIES, J., *Le symbole et le symbolisme dans la vie de l'homme religieux*, Centre d'Histoire des Religions, Louvain-La-Neuve, 1982.

RIES, J., "O universo das peregrinações: aspectos religiosos e culturais", *Communio* 14 (1997) 310-315.

ROQUE, J., PINTO, M., "Os museus da Igreja como memória da fé", *Communio* 13 (1996) 64-81.

ROSA, J., *Senhor Bom Jesus de São Mateus: 150 de Culto: Devoção e incidências históricas 1862-2012*, Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus Milagroso do Pico, S. Mateus, 2012.

SÁ, D., *Peregrinos do Senhor Santo Cristo dos Milagres*, Paulus, Lisboa, 2009.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA, *Guia do Peregrino de Fátima*, Santuário de Fátima, Fátima, 1997.

SANTOS, M. C., “Comunhão, Igreja e pessoa”, *Communio* 3 (1986) 46-64.

SANTOS, A. C. (apre.), *O Convento de Nossa Senhora da Esperança e o culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres: comemoração do tricentenário da procissão (catálogo)*, Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Ponta Delgada, 2000.

SCHILLEBEECKX, E., *Esperienza umana e fede in Gesù Cristo: Um breve bilancio*, Queriniana, Brescia, 1985.

SCHILLEBEECKX, E., *Umanità: La storia di Dio*, Queriniana, Brescia, 1992.

SILVA, E. M., *O Convento de Jesus da vila da Ribeira Grande*, Tip. Do Correio dos Açores, Ponta Delgada, 1949.

SILVA, J., *Um caminho de luz: 1862-1962*, [s/e], [s/l], 1995.

TAGLIAFERRI, R., *Il cristianesimo «pagano» della religiosità popolare*, Ed. Messaggero Padova, Pádua, 2014.

TEIXEIRA, A., “«Aggiornamento» ou «bricolage» ritual?, Para uma hermenêutica da ritualidade eucarística”, *Theologica*, II serie, vol. 43, 2008, Braga, 137-159.

TEIXEIRA, A., "A saúde na economia das crenças: uma interpretação sócio-antropológica", *Communio* 15 (1998) 5-14.

TEIXEIRA A., *A Pedra rejeitada*, UCP – Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1995.

TEIXEIRA, A., *Identidades Religiosas em Portugal*, Paulinas, Prior Velho, 2012.

TEIXEIRA, A., "Matrizes das crenças em Portugal", *Povos e culturas* 13 (2009) 305-378.

TEIXEIRA, A., *Religião e sociedade portuguesa*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2019.

TEIXEIRA, J., "O mistério do sofrimento: problemas e possibilidades", *Didaskalia* 21 (2001) 91-116.

VALE, P. P., "Ecce. Credo: Tow Concepts of the Theory of Art", in MENDONÇA, J. T., TEIXEIRA, A., PALMA, A. (coord.), *Religion and Culture in the Process of Global Change: Portuguese Perspectives*, The Council for Research in Values and Philosophy, Washington, 2015, 115-135.

VIDE, V., *Em que Deus cremos nós?*, Gráfica de Coimbra 2, Coimbra, 2009.

VILAÇA, H., OLIVEIRA, M. J., *A religião no espaço público português*, INCM, Lisboa, 2019.

WIDMANN, C., "Rito e Pietà Popolare", *Rivista Liturgica* 98 (2011) 109-113.

Arquivo particular P. José Carlos Simplício

“Festas do Senhor da Pedra em Toronto”, *A União* 30072 (6 de agosto de 1996).

“New Bedford Festeja Senhor da Pedra”, *Correio da Horta* 17950 (11 de agosto de 1993).

BRAGA, A., “Da fé à festa... Da Festa à fé...” *Açoriano Oriental* (29 agosto de 1997).

ESCUDEIRO, A., "O Bom Jesus e a Igreja", *Ecos do Santuário* 80 (julho de 1975), 1.

COSTA, A., "O grande triunfador", *Ecos do Santuário* 13 (1969) 3.

LAGARTO, P., “O mistério do sucesso do Bom Jesus da Pedra”, *Açoriano Oriental* 28 (agosto de 1998).

LEITÃO, F., “Despedida do Verão”, *Correio da Horta* 18244 (11 de outubro de 1994).

M.J.P., “Bom Jesus da Pedra: Esboço Histórico”, *A Vila* 388 (29 de agosto de 1964) 1.

Anexos

1. Bom Jesus da Pedra

Folheto distribuído pela Santa Casa da Misericórdia, Arquivo particular Luís Leal, pasta "Bom Jesus da Pedra".

HINO SENHOR BOM JESUS DA PEDRA
LETRA DR.º ARMANDO CORTES RODRIGUES
MUSICA GUILHERME CABRAL.

*Neste passo afrontoso da Paixão,
Desse trono de luz e de glória, é Deus,
Protegei, ó Bom Jesus da Pedra,
A nossa Vila e mais os filhos seus.*

*Nossas pais nos legaram esta fé
Que queremos manter sempre firme em Vós.
Coração de infinita ternura,
Dai-nos perdão e amparo a todos nós.*

*Nesta vida em tormentos sem ter fim,
Que podemos Jesus sem o Vosso amor,
Escutai a nossa prece ardente,
Pois só em Vós esperamos, ó Senhor.*

**Festas
Senhor Bom Jesus da Pedra**
26 de Agosto a 02 de Setembro
Vila Franca do Campo

Programa das Festas

Quarta-Feira, 26 de Agosto
09h00 - Início da venda da cera
19h00 - Inauguração da Exposição de Pintura 'Mar e Terra', da autoria do vilfranquense José Carvalho, e da exposição de artesanato da valência da Santa Casa, C.A.O. a decorrer no consistório (ao lado da farmácia)
20h00 - Celebração da Eucaristia - 1.º Dia do Tríduo Preparatório, cantado pelo Grupo Coral de São Pedro. Pregação, nos 16 dias, a cargo do Padre João Chaves de Bairos, padre desfronido da ouvidoria da Lagoa
22h00 - Atuação da Orquestra Ligeira de Vila Franca do Campo

Quinta-Feira, 27 de Agosto
20h00 - Celebração da Eucaristia - 2.º Dia do Tríduo Preparatório, cantado pelo Grupo coral de Água D'Alto
21h00 - III Festival de Sopas do Senhor da Pedra
21h30 - Grupo Folclórico São José da Salga
22h45 - Noite de Fados, com a fadista Graça Prata, José Vitor Prata (guitarra), Rui Prata (bateria) e Carlos Esteira (viola)

Sexta-Feira, 28 de Agosto
10h00 - Eucaristia da Reconciliação no Lar Bom Jesus da Pedra
17h00 - Celebração individual do sacramento da penitência (até às 19h00)
20h00 - Celebração da Eucaristia - 3.º Dia do Tríduo Preparatório, cantado pelo Grupo Coral 'Vozes dos Anjos'
21h30 - Inauguração da iluminação da fachada da Igreja do Senhor Bom Jesus da Pedra
22h00 - Atuação do Grupo de Cantares São Vicente Ferreira
00h00 - Serenata ao Senhor Bom Jesus da Pedra, junto à porta da igreja pelo Grupo de Cantares de São Pedro
00h30 - Atuação da Tuna de Casa do Povo da Vila das Lajes - Ilha Terceira

Sábado, 29 de Agosto
10h00 - Regata de Vila organizada pelo Clube Naval de VFC - 1.º dia
12h00 - Homenagem ao Bom Jesus da Pedra, à volta do Jardim, pelos Taxistas, Bombeiros, PSP e Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca do Campo
14h00 - Prova de Canoagem organizada pelo Clube Naval de VFC
15h00 - Animação infantil no Jardim Anterior de Quantal com pula pula, cama elástica, montagem de balões, piñatas, faciais, veículos a pedais, pôneis e mascotes (Winnie the Pooh, Hello Kitty)
21h00 - Processo da mudança da Imagem do Senhor Bom Jesus da Pedra da igreja da Misericórdia para a igreja da Matriz, onde haverá celebração da Palavra, presidida pelo Padre Hélder Fonseca Mendes, vigário geral da Diocese de Angra
22h30 - Concerto pela Banda Lealdade

Domingo, 30 de Agosto
10h00 - Regata de Vila organizada pelo Clube Naval de VFC - 2.º dia
10h00 - Missa na Igreja de São Pedro
11h30 - Missa de Festa na Igreja Matriz, presidida por pelo Padre Hélder Fonseca Mendes
16h00 - Protocolo presidido pelo Padre Hélder Fonseca Mendes e acompanhado por 5 bandas filarmónicas
21h00 - Concerto de Bandas Filarmónicas: Sociedade Harmónica Fumense (Furnas) e Filarmónica Lira do Sul (Ponte da Garga)

Segunda-Feira, 31 de Agosto
11h00 - Missa na igreja da Misericórdia, com a participação do Coro Infantil 'Vozes dos Anjos'
13h00 - Cortejo de Oferendas
19h00 - Arrematações
20h30 - Concerto pela Banda União Progressista
22h00 - Cantigas ao Desafio. Cantadores: Eduardo Pereira (Capela), José António Sousa (Capela), Rui Santos (Anfite) e Victor Ponte (Anfite). Tocadores: Norberto Carvalho (guitarra) e David Rita (viola)

Terça-Feira, 1 de Setembro
17h00 - Continuação e conclusão das arrematações do dia anterior
20h00 - Missa na Igreja da Misericórdia, cantada pelo Grupo Coral dos Esqueleiros (Agrupamento 436)
21h00 - Atuação do Grupo de Cantares D'Oitros dos Anfite
22h45 - Atuação da banda 'Nite Project'

Quarta-Feira, 2 de Setembro
20h00 - Missa na igreja da Misericórdia, cantada pelo Grupo Coral dos Romeiros
21h00 - Atuação do artista Romeu Bairos
22h30 - Concerto pela Banda Lealdade
00h00 - Encerramento das Festas, com fogo de artifício (obediência da Empresa Macedo's Protecção) e uma Salva de 21 tiros.

II Torneio de Futebol do Senhor da Pedra
Organizado pelo Clube Futebol Veloso da Gama
02 a 21 de Agosto - Fase de Grupos
Pavilhão desportivo da Ribeira Seca - Segunda a Sexta - 19h00 a 22h00
24 a 27 de Agosto - Finais
Pavilhão Multissportivo Apor Angra - 19h00 a 22h00

Comissão de Festas do Senhor Bom Jesus da Pedra
Dr. Ricardo Rodrigues - Mário Rui Braga - Cláudia Lima
Flávia Vicente - José Manuel Simas
Carlos Vieira - Laura Rosa Carneiro

SPOTAZORES
Acompanhe as Festas do Senhor da Pedra pela Internet
através de www.spotazores.com
Missa transmitida com vídeo e áudio
Mudança da Imagem e Procissão - Reportagem em direto

2. Bom Jesus Milagroso

2.1. Programas

2.1.1. Programa 1968

Recorte de jornal, Arquivo particular P. José Carlos Simplicio, Pasta "Bom Jesus".



2.1.2. Programa 1975

Recorte de jornal *O Dever*, 2-8-1975, Arquivo particular P. José Carlos Simplicio, Pasta "Bom Jesus".

**Programa-horário das Solenidades
DO BOM JESUS**

DIA 5 :

Missa—8,30 horas.
Missa Festiva—11 horas.
Celebração comunitária da Penitência—18 h.
Celebração Eucarística—19 h.

DIA 6:

Das 7 às 13 horas—Missas com sermão tendo as seguintes intenções :

7 horas—Por alma do oferente da Imagem do Bom Jesus, Francisco Ferreira Goulart.
8 horas—Pelos Romeiros da Ouvidoria de São Roque.
9 horas—Pelos Romeiros da Ouvidoria das Lajes.
10 horas—Pelos Romeiros da Ouvidoria da Madalena.
11 horas—Por todos os Romeiros.
12 horas—Pelos emigrantes do Pico.
13 horas—Pela paz em Portugal e no Mundo.

Solene concelebração da Eucaristia—16 horas, seguindo-se a Procissão com o giro habitual.

DIA 7:

Missa com sermão—8,30 horas.
Concelebração festiva com sermão—20 horas.

Observações:

—A Missa das 8,30 horas do dia 5 será destinada às crianças e aplicada pelos Párocos P.º Avelino de Sousa, P.º José Moniz Barreto, P.º Inácio Francisco Pinheiro, P.º Manuel Garcia da Silva, P.º Manuel Maria de Matos, P.º José Garcia de Lemos e P.º Joaquim Vieira da Rosa.

—A Missa festiva das 11 horas também do dia 5 será especialmente destinada aos doentes por quem é aplicada.

—Recomenda-se que quanto possível, os romeiros se confessem nas suas paróquias.

—Presidirá aos actos principais das solenidades o Vigário Geral da Diocese, sr. Côn. José de Lima do Amaral Mendonça.

—Para entretenimento dos Romeiros que pernoitam nas cercanias do Santuário, haverá concertos musicais nos dias 5, 6 e 7 com início pelas 21 horas.

* * *

Como nos anos normais, haverá no dia 7 um programa recreativo destinado ao povo de São Mateus e que, neste ano, dedicamos à embaixada da filarmónica «Lira do Bom Jesus» constando de competições desportivas pelas 16 horas e arraial pelas 21 horas.

Re "O Dever" de 2. VIII. 1975-

Folheto distribuído pelo Santuário, Arquivo particular Luís Leal, pasta "Bom Jesus Milagroso".



2.2. Cartas

2.2.1. Carta do Canadá

Julho de 2014, Aquivo do Santuário, Pasta "Cartas".

[Redacted]
PC [Redacted]
C[Redacted]
Canada [Redacted]

July 30, 2014

Senhor Padre,

Em premeiro lugar faco votes e Deus para que esta minha cartinha que vaia encontra-te de saude – pois aqui vamos mais o menos ..

Senhor Padre eu gostava de pedir uma missa para o meu sobrinho, [Redacted]. Ele e casado con duas meninas e a esposa dele esta espera de mais duas criancas (gemos). Pois ele teve em casa sem trabalhar um ano con uma dor des costas – e ele perder o seu trabalho – fou um desgosto, mas pasciencia ...

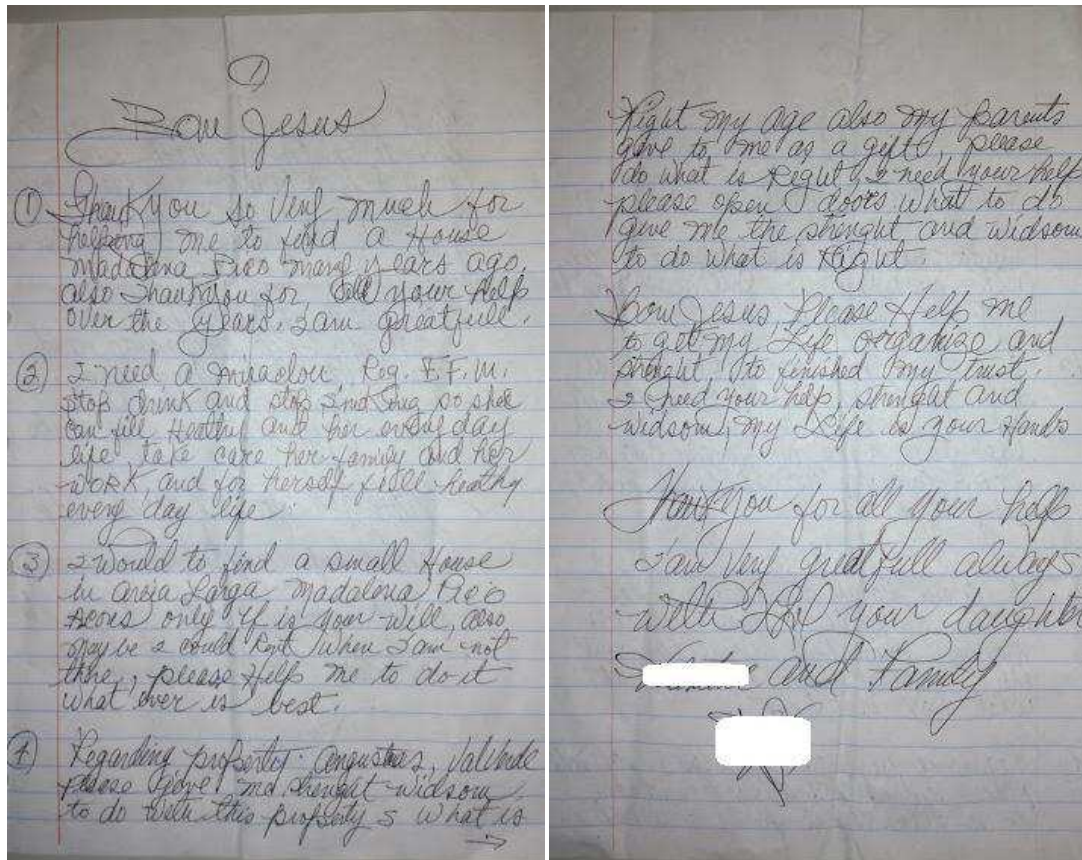
Pois ele agora tem um trabalho e eu queria pedir o Bom Jesus para ajudar o meu [Redacted] ter muita sorte neste trabalho – ele vende carros – eu gostava que o Bom Jesus que deia-ele muita sorte em vender muitos carros – e que ele tinha sempre muita sorte de ganhar o que for porcisso para estantar e sua bendia familia – obrigada ...

Pois ca vao \$20 para pagar e missa – mais uma vez obrigada – e ca fico e espera de sua resposta.

Sou eu,
[Redacted]
[Redacted]

2.2.2. Carta Estados Unidos da América

Sem data, Arquivo do Santuário, Pasta "Cartas".



2.2.3. Carta de Angra

Outubro de 2013, Aquivo do Santuário, Pasta "Cartas".

Angra. 20-10-2013

Exmo Sr. e Digníssimo
Reitor do Santuário do Bom Jesus

Envio anexo este cheque no valor
de quarenta euros (40.00€), em sinal
de promessa de um graco ao Sr. Bom
Jesus filogavio, embora não tenha estado
o Pico Jesus como tenho uma pagoda
com o duto Imagem de Jesus que é
pensar, no Bom Jesus.

A situação de saúde do meu pai tem
sido complicada, diagnosticados com
o é um duto hemodilizado, como
do Ilho das Ilhas tudo se junta.

É um sofrimento constante do muito
fé, em nosso Pai do céu e sua Mãe
Santíssima, é que nos proteja neste
momento angustiante.

Deixo um ótimo trabalho ao
serviço do Iguajo, como Reitor e
Sacerdote.

Com os mais respeitosos cumprimentos

[Redacted Signature]

2.2.4. Carta Estados Unidos da América

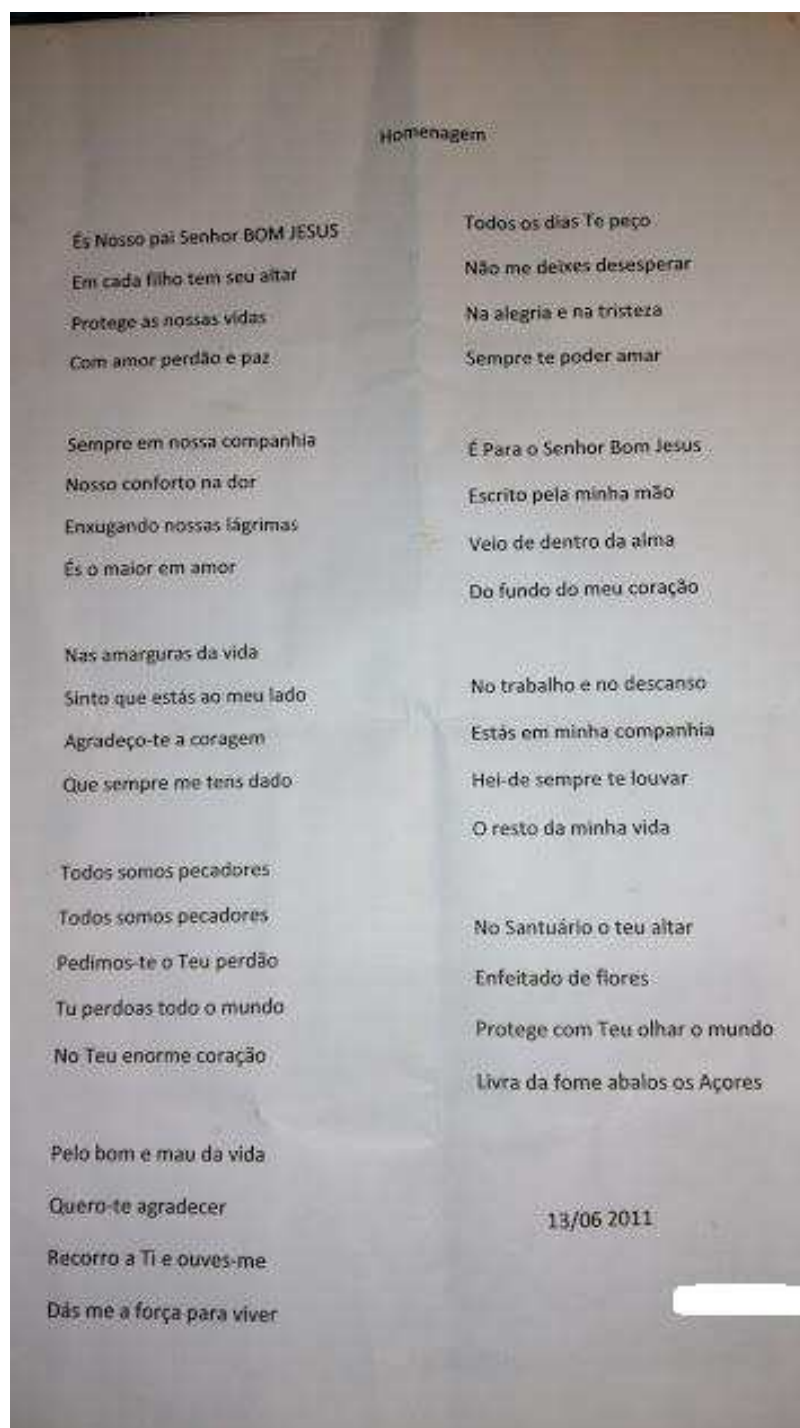
Sem data, Arquivo do Santuário, Pasta "Cartas".

O belo, o bom e o bom
O Céu, a Terra e o Mar.
O homem não tem preço, mas tem um valor
imortal, pois é uma dívida de Deus e expec-
ção do Amor que ele tem para nós. Abençoá-
do o Céu pelo ar que respiramos, abençoado
a Terra pelo pão de cada dia, a bênção do mar
pela brisa e alimento, abençoado o homem pa-
ra que nunca deixe de trabalhar e amar.
É lougo. Senhor por todas as graças alcançadas.

Envio este cheque em paga de uma
graça que tive do Senhor Bom Jesus para
a ajuda dos seus filhos
[redacted]
Comprimetos ao Sr. Arquimínio, ele foi meu
colega na escola primária das Relvas, não sei se
ele se lembra da [redacted] eu já tenho
70 anos. Se ele destinar vir à America se
dirige à minha direcção.

2.2.5. Carta Poema

Junho de 2011, Arquivo do Santuário, Pasta "Cartas".



2.3. Alocução na inauguração de Exposição

Alocução de Manuel Goulart Serpa na inauguração da Exposição temporária "Capas do Senhor Bom Jesus Milagroso do Santuário Diocesano do Pico", no Museu do Pico a 9 de agosto de 2012.

Opúsculo, não publicado, arquivo do Santuário.

A devoção ao Bom Jesus Milagroso*

Há dois aspetos relevantes que envolvem esta exposição, ora patente ao público, num dos polos do Museu Regional do Pico - o que transmite e transmitirá às gerações vindouras estórias da história da fabulosa gesta baleeira, nestas paragens:

1 - A perenidade de uma devoção profundamente popular.

2 - A horizontalidade da fé num pormenor tremendamente significativo.

De um Pico - ilha de vários epítetos - de soslaio olhado, enfrentado, desbravado, ternurizado, ficou uma Comunidade encastoadada na montanha - Tabor, sábia opção, orago São Mateus, com referências elogiosas do nosso maior historiador Gaspar Frutuoso: "Da banda do Sul está a freguesia já dita de São Mateus, a de maior área e mais populosa, metida entre uns matos, igreja muito antiga desta Ilha e de muitas romagens onde vão pelo seu dia em romaria muitas pessoas de outras Ilhas." E ficou também a memória de um homem que cumpriu a sina, a nossa, de partir e ficar o que significa nunca esquecer o embalo de um berço. Seu nome: Francisco Ferreira Goulart.

Emigrou muito novo nas asas de um sonho, como tantos, para paragens longínquas do Brasil e voltou, definitivamente, em 1862. Voltou na companhia do Bom Jesus Milagroso, que se tornaria na imagem diletta, preferencialmente venerada pelo povo. Um facto que o futuro comprovaria ser de enorme dimensão e que foi devidamente assinalado por Silveira de Macedo na sua "História das quatro Ilhas que formam o Distrito da Horta": "Chegou neste ano para a Igreja de São Mateus da Ilha do Pico, uma rica imagem de Cristo no passo - *Ecce homo* - oferecida por um filho daquela paróquia que emigrado para o Brasil ali se estabeleceu na Vila de Iguape, onde juntou o suficiente para vir passar com comodidade o resto da sua vida na sua pátria e grato ao Divino Benfeitor que o tinha ajudado e que naquela freguesia se venera com o título de Bom Jesus de Iguape, trouxe aquela veneranda imagem que colocou num altar que para esse fim mandou fazer e ornar com uma linda bancada de castiçais pendentes, em frente. Atraiu esta imagem grande devoção do povo de toda a Ilha, e mesmo do Faial que em alegre romaria acorre todos os anos, a ofertar as suas oblatas, o que vai sendo uma boa fonte de receitas para a Igreja." Citei Ferreira Goulart merece relevo porque ele foi o símbolo do picaroto emigrante. A terra madrastra, uma cavadela em pedra cicatrizada no último esgar dos vulcões e uma espreitadela a chalupas de velas enfunadas em rumos de sonho.

A ilha toda e o mar em namoro vibrante e apaixonado. Um mar de fantasia e aventura, sempre, sempre em acenos de convite. Por isso partir foi sempre a nossa sina. E a história anotou o drama. O drama de partir e ficar, o imperioso da fuga, a ânsia do regresso.

A caminhada pr'os Brasis ou para as terras de fartura de uma Califórnia longínqua ... mas sempre a Ilha, a Ilha a latejar como cachão de mar em sonhos revoltos, como dádiva angélica em banquete celestial.

No fundo, a génese da diáspora, componente essencial do imaginário Ilhéu.

Olhar o Bom Jesus de Iguape é pensar de imediato no berço embalado nas faldas da montanha maravilha ... Porquê? Mistério do nosso destino!

Foi um regresso milagroso. Abraçado ao Bom Jesus, Francisco Ferreira Goulart trouxe na alma o Universo inteiro e a fonte luminar que havia de derramar esperança sobre os caminhos da Ilha e das Ilhas. Era inimaginável o fruto desse gesto.

A história deste tricinquentenário revelará e relevará algo sublime com laivos de eternidade. Uma devoção contagiante ancorada na simplicidade da fé e numa inquebrantável religiosidade popular, mudou a face desta ilha e das irmãs mais próximas, contas do grande rosário açórico.

O povo encontrou neste "religare" (ligar a algo) ao Bom Jesus, o conforto, a segurança, o arrimo, a esperança traduzida na promessa, no encontro, na gratidão.

Aquele olhar não engana. Se o procuram é porque há sempre uma resposta íntima, confidencial. Mas há. É o mistério da Vida!

De uma vida que, por amor do Bom Jesus, sofreu grandes mutações.

O povo acorreu de todos os lados. No velhinho porto de São Mateus aumentou, significativamente, o número de iates e chalupas transbordando gente de fé do Faial, São Jorge, Graciosa e Terceira. Milhares calcorrearam caminhos, veredas e atalhos para o ver. (Bom Jesus)

A economia local sofreu forte impulso: carros de boi, estadias prolongadas, o encontro e o reencontro, o negócio do gado ofertado, lanchas, autocarros, paragem obrigatória e o óbulo generoso de quem partiu em busca da sorte, de uma vida melhor, num gesto de gratidão com pinceladas de emoção. A história há-de um dia converter em dados o peso económico e sócio-cultural que o Bom Jesus, em 150 anos, proporcionou a esta zona arquipelágica.

Senhoras e Senhores

Nesta verticalidade gótica da fé assentam profundos conceitos teológicos, trilhos de ascese, cadinhos de mística que escapam à horizontalidade da fé simples, popular com o timbre de uma paixão que só existe na alma do povo. Mistério da fé, dizemos nós tantas vezes. Mistério da fé. É mesmo assim...

A sua estampa inconfundível esteve sempre na proa de botes com homens de arpão em riste; nas lanchas afrontando canais com arreganho nas veredas épicas que, sabiamente, traçaram; na algibeira de uma emigrante ao verter sobre a pedra berço a última lágrima; na farda do soldado rastejando em combate; sobretudo na alma dos que sofrem tormentos e desventuras ou de sorriso rasgado lhe atiram beijos de gratidão. Porquê? Mistério da fé!

Senhoras e Senhores

Já fora assim nos primórdios. Quem era aquele Galileu estranho que pregava contra o gáudio dos que enchiam ruas para ver humilhados, agrilhoados, sentenciados, os vencidos das vitórias romanas. Que pregava amor em vez de ódio, a outra face em troca do "olho por olho, dente por dente" e que arrastava multidões nas margens dos lagos e nos sopés da montanha.

Um dia disse: "Tenho pena desta gente!"

Mais tarde, quando soaram três badaladas no grande relógio do mundo, numa sexta-feira maior e ele expirava numa cruz, junto a ele, ela, pura, formosa e bela, Senhora das Dores chamada, e outras e outros, tantos tiveram pena daquele Galileu, acreditaram na sua doutrina e seguiram as suas pisadas.

A imagem do Bom Jesus suscita mágoa e pena. Retrata um marco de dor! O que lhe fizeram? O povo na sua generosidade ímpar sempre O quis ajudar agasalhando-O, protegendo-O, minorando o seu sofrimento.

Por isso, Senhoras e Senhores, não se estranhe que o Museu Regional do Pico, num dos seus polos, mantenha, a partir de hoje, uma exposição com as capas ofertadas ao Senhor Bom Jesus Milagroso na celebração dos 150 anos de culto, na freguesia de São Mateus desta Ilha.

As capas, para além do seu valor intrínseco, da riqueza ornamental, simbolizam uma devoção especialíssima, profundamente arreigada na alma do nosso povo. É importante extrair algo do sentido profundo do gesto. Esse algo chama-se fé!

E se os museus, na sua dinâmica devem acompanhar as vivências das Comunidades onde estão inseridas, este ato, nimbado de simplicidade, marca e releva um historial de 150 anos que marcou profundamente o Pico e proporcionará aos visitantes a curiosidade ou até a inquietação pelo conhecimento da imagem formosa.

E assim se prova que os museus não têm apenas uma função estática de admiração ou êxtase mas promovem e incentivam a dinâmica da pesquisa, do estudo e da descoberta.

Bem-haja, senhor Diretor, pela iniciativa no trilho de tantas outras que fazem do Museu Regional do Pico - uma relíquia preciosa - o mais visitado dos Açores.

Para terminar, gostava de deixar uma mensagem síntese: há tanto Bom Jesus, neste mundo, à procura de agasalho, de uma capa!

Se esta exposição contribui para a perenidade de uma devoção fantástica, extraordinária, o seu simbolismo impele-nos para a horizontalidade da fé. O Bom Jesus não está apenas no seu Santuário.

Saibamos todos descobrir aquele olhar, aquele rosto, aqueles espinhos, aquelas chagas, aquela formosura nos seus e nossos irmãos.

Ofertemos-lhes uma capa que significará, sobretudo, amor!

Lajes do Pico, 9 de Agosto de 2012

Manuel Goulart Serpa

*texto proferido aquando da inauguração da exposição "Capas do Senhor Bom Jesus Milagroso" do Santuário Diocesano do Pico

3. Santo Cristo dos Milagres

3.1. Programa

Folheto distribuído pelo Santuário, Arquivo particular Luís Leal, pasta "Santo Cristo dos Milagres".

Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres
Apartado 17
9501 - 901 Ponta Delgada

Telefone
296 285 000 (de 08 a 14 de maio)

Endereço electrónico
senhorsantocristodosmilagres@gmail.com

Internet
<http://www.santo-cristo.com>

Edição
Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Grafismo e Montagem
João Leite Gomes

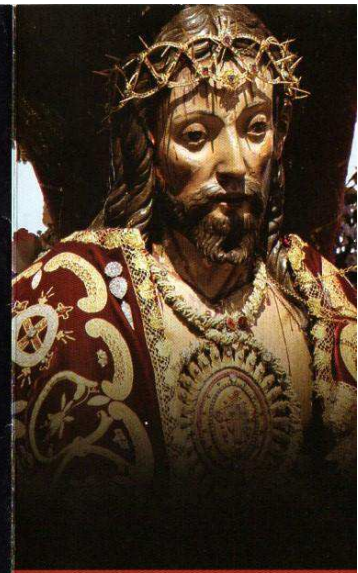
Data
Maio de 2015



Distribuição gratuita

FÉ
CONFIANÇA
NO CAMINHO DA SALVAÇÃO!





SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES
PROGRAMA DAS FESTAS
2015

FESTAS DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES

SÁBADO, DIA 2 DE MAIO

08:00 Recção das ofertas de gado junto ao redondel de leitões da Associação Agrícola em Santana, em Rabo de Peixe, (gentilmente cedido para o efeito).

10:00 Arrematação das ofertas de gado nas instalações da Associação Agrícola, em Santana.

TERÇA, QUARTA E QUINTA FEIRAS, DIAS 5, 6 e 7 DE MAIO

18:00 Tríduo Preparatório, no Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, presidido pelo Cônego Angelo Valadão Eduardo, (contínuas, todos os dias, das 10 às 12 horas e das 16 às 18 horas).

QUINTA-FEIRA, DIA 7 DE MAIO

19:00 Lançamento do livro *Santuários de Portugal*, caminhos de Fé, editado pela Associação de Reitores dos Santuários de Portugal, na Igreja de Nossa Senhora da Esperança, precedido de um Concerto Polifónico Sacro, pelo Coro Laudate de Lisboa, da Paróquia de São Domingos de Benfica.

SEXTA-FEIRA, DIA 8 DE MAIO

08:00 Missa no Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres presidida pelo Reitor do Santuário, Monsenhor Augusto Cabral.

09:00 Missa no Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, presidida pelo Cônego Angelo Valadão Eduardo.

11:00 Missa no Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres destinada à participação de doentes, presidida pelo Bispo da Diocese de Angra, D. António Sousa Braga.

21:00 Inauguração da iluminação decorativa da fachada do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres e do Campo de São Francisco, com execução do Hino do Senhor Santo Cristo pela Banda Lira de Nossa Senhora da Saúde (Amfies), seguida de desfile da Charanga dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada.

Abertura do Bazar do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

21:00 às 23:30 Arraial e concerto pela Banda Lira de Nossa Senhora da Saúde (Amfies).

SÁBADO, DIA 9 DE MAIO

08:00 Missa no Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, com participação de um Coro de Romeiros da Ilha de S. Miguel.

09:00 Missa no Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres concelebrada pelos bispos presentes nas festividades, por alma de D.ª Maria da Conceição Medeiros e Almeida, benemérita da Irmandade, e pelas intenções de todos os outros beneméritos.

12:00 Homenagem da Polícia de Segurança Pública, da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada, de táxis e de motociclistas (desfile diante do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres).

16:20 Organização do cortejo da Mudança (o Provedor da Irmandade bate à Porta do Carro) e TE DEUM.

16:30 Mudança da Imagem do Convento da Esperança para o Santuário, acompanhada pela Banda Filarmónica Minerva (Ginetes), passando em frente à Guarda de Honra prestada por uma companhia do Exército e Banda da Zona Militar dos Açores (16.45), com salva por uma corveta da Marinha e sobrevoo por uma aeronave da Força Aérea. (O percurso da Mudança da Imagem far-se-á no sentido dos últimos anos: arruamentos N.S. E.W. S.N. e W.E. do Campo de São Francisco). Após a entrada da Imagem, semão por pregador a indicar.

18:30 Abertura do Bazar do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

22:00 às 23:15 Momentos de pré-Vigília Laudativa com a participação dos coros Laudate de Lisboa e da Conceição da Ribeira Grande.

22:00 Arraial e concerto pela Orquestra Ligeira de Ponta Delgada. Espectáculo de fogo-de-artifício a partir do Forte de São Brás.

23:15 às 24:00 Continuação do concerto pela Orquestra Ligeira de Ponta Delgada.

DOMINGO, DIA 10 DE MAIO

00:30 Mudança da Imagem para a Igreja de São José, presidida pelo Reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Monsenhor Augusto Cabral, para início da Solene Vigília de Adoração.

01:00 Primeiro período da Solene Vigília em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, presidido pelo Pároco de São José, Padre Duarte Melo.

03:00 Segundo período da Solene Vigília em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, presidido pelo Pároco de Santa Clara, Padre Norberto Brum.

PROGRAMA 2015

05:00 Missa e encerramento da Solene Vigília (pede-se aos fiéis que participaram na Vigília que após a Missa saiam da Igreja para dar lugar aos peregrinos para que estes façam a sua oração e assistam à Eucaristia).

06:00 Eucaristia da Grande Peregrinação da Ilha de São Miguel.

09:45 Saída da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres da Igreja de São José para o adro do Santuário.

10:00 Solene Concelebração Eucarística, no Adro do Santuário, com a presença da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

15:30 Saída do Guijo da Procissão que percorrerá o trajecto habitual.

15:30 Saída da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

21:30 Abertura do Bazar do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

21:30 às 00:15 Arraial e concerto pela Banda Lira do Norte (Rabo de Peixe).

SEGUNDA-FEIRA, DIA 11 DE MAIO (feriado municipal)

11:00 Concelebração Eucarística aplicada pelas intenções da Mesa da Irmandade e seus colaboradores.

14:30 Arrematação de ofertas e pequenos animais domésticos no adro do Santuário.

15:00 Abertura do Bazar do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

15:00 às 19:00 Cantigas ao desafio e desgarradas (Associação dos Cantadores ao Desafio das ilhas de São Miguel e Santa Maria).

20:00 às 21:00 Actuação do Grupo Bora Lá Tocar.

21:30 às 23:30 Arraial e concerto Violas da Terra - Escola de Violas da Terra da Relva.

QUINTA-FEIRA, DIA 14 DE MAIO

18:00 Abertura do Bazar do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

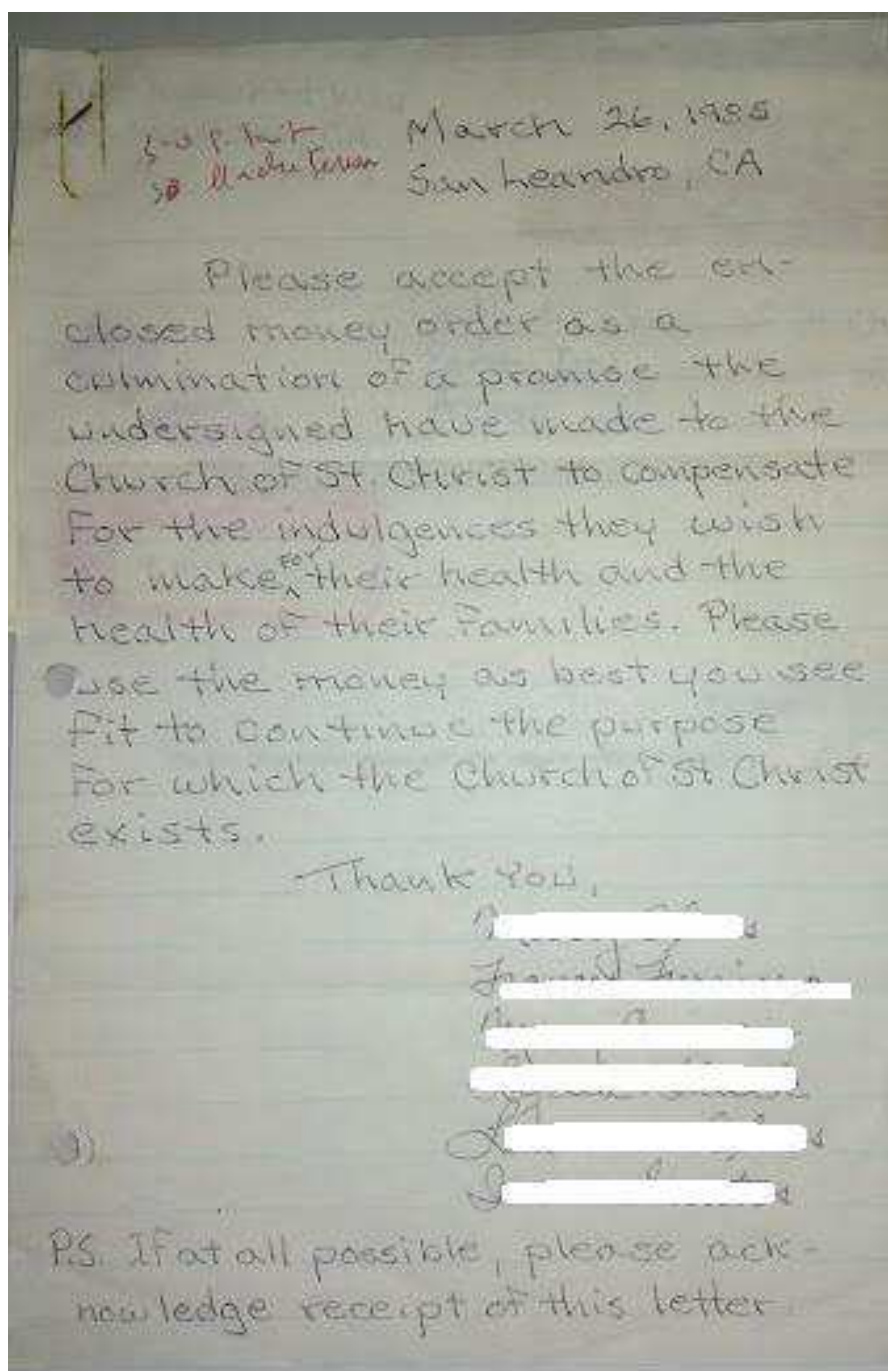
18:00 Encerramento das festas religiosas do Senhor Santo Cristo dos Milagres - Solene Concelebração em honra da Madre Teresa da Anunciada, presidida pelo Reitor do Santuário, Monsenhor Augusto Cabral.

21:30 às 24:00 Arraial e concerto pela Banda da Zona Militar dos Açores.

3.2. Cartas

3.2.1. Carta dos Estados Unidos da América

Março de 1985, Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo.



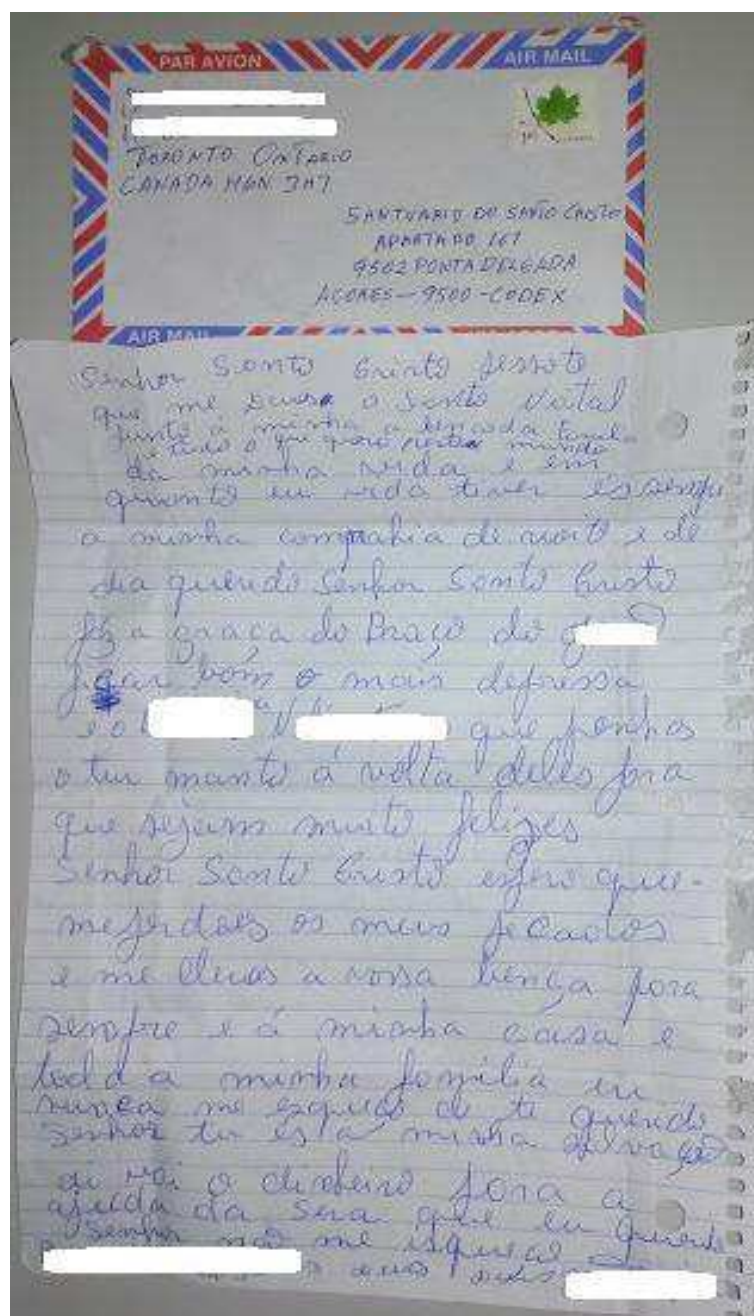
3.2.2. Carta dos Estados Unidos da América

Março de 2008, Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo.

ESTA Lembrança é Para ^{3/24/08}
O Senhor Santo Cristo Pela
alma da minha mãe
[redacted] obrigado
Se for possível mandeme
um Rosário Para eu meter
na Pedra da Cruz da minha
mãe
[redacted]
+ Família
2nd [redacted] Avenue
East Providence Rhode Island
[redacted]
U.S. A.

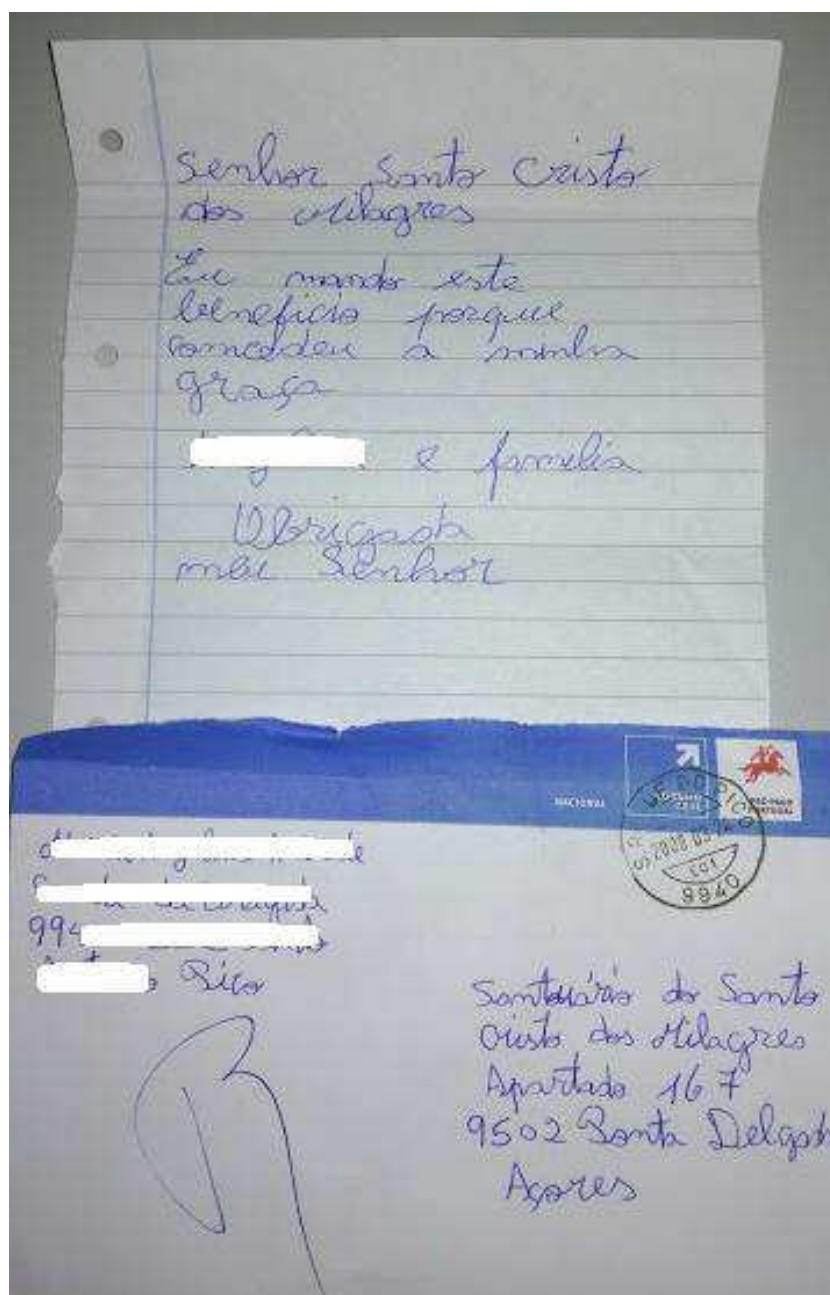
3.2.3. Carta do Canadá

Sem data, Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo.



3.2.4. Carta do Pico

Março de 2008, Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo.



3.2.5. Carta da Terceira

Abril de 2013, Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo.

Amantíssimo e abençoado Senhor
Santo Cristo dos Milagres.
Eu, me chamo, [redacted], tenho 35
anos e encontro-me desempregado
Peço, que não me ponham diante,
da vossa divina esculptura, para
que me possa ser concedida, a
graça, pois o trabalho permite-me
colocar o pão na boca. Semelhante
fendo mi sei condia, desta pobre
alma, que tanto vos ama, tanto
me dá do vossa Sacramento, como
na luz da vossa misericórdia. Zela
por mim e pela minha família
com a vossa bênção, protege-a
como propriedade vossa e um
dia que for deste mundo, vão buscar
a minha alma para que se possa
contemplar no céu, na tua luz e
divina misericórdia. Amantíssimo
Senhor, por favor concede-me
esta graça, não me ponham e
pela minha família.

Vosso devoto vasso
[redacted]

P.S. Que a vossa luz irradiada sempre
no meu coração até a eternidade

[redacted]
[redacted]
[redacted] Concelho Angra do
Heróico Ilha Terceira Açores.

3.2.6. Carta de Coimbra

Junho de 2004, Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo.

Coimbra 11.06.2004

Caros Senhores e Jesus Gratiz

Sou uma pessoa com 60 anos que fui operada no dia 18 de Fevereiro a um cancro nos intestinos. Neste momento estou a fazer fisioterapia por estar muito fraco, porque ainda há de mais o meu marido com uma fratura e por qualquer coisa choro.

Tenho uma filha de 13.5 anos vivemos com muitas dificuldades e tenho uma filha que está a estudar e optou por estudar. Sou pai de um filho que nos dá vida por ser esse filho com o seu amor e carinho. Não tenho família aqui em Coimbra, sou sozinho por isso, passamos sempre no Nosso Senhor Santo Cristo e como se estivéssemos na casa do pai e mãe ali.

Deixo aqui obrigado por nós 3 Jesus Gratiz e este 5.º ano do 1.º ano, sou um pai por o Senhor Santo Cristo estar sempre nos operado.

As vossas bênçãos por nós 3 e por nos no nosso querido Senhor Santo Cristo

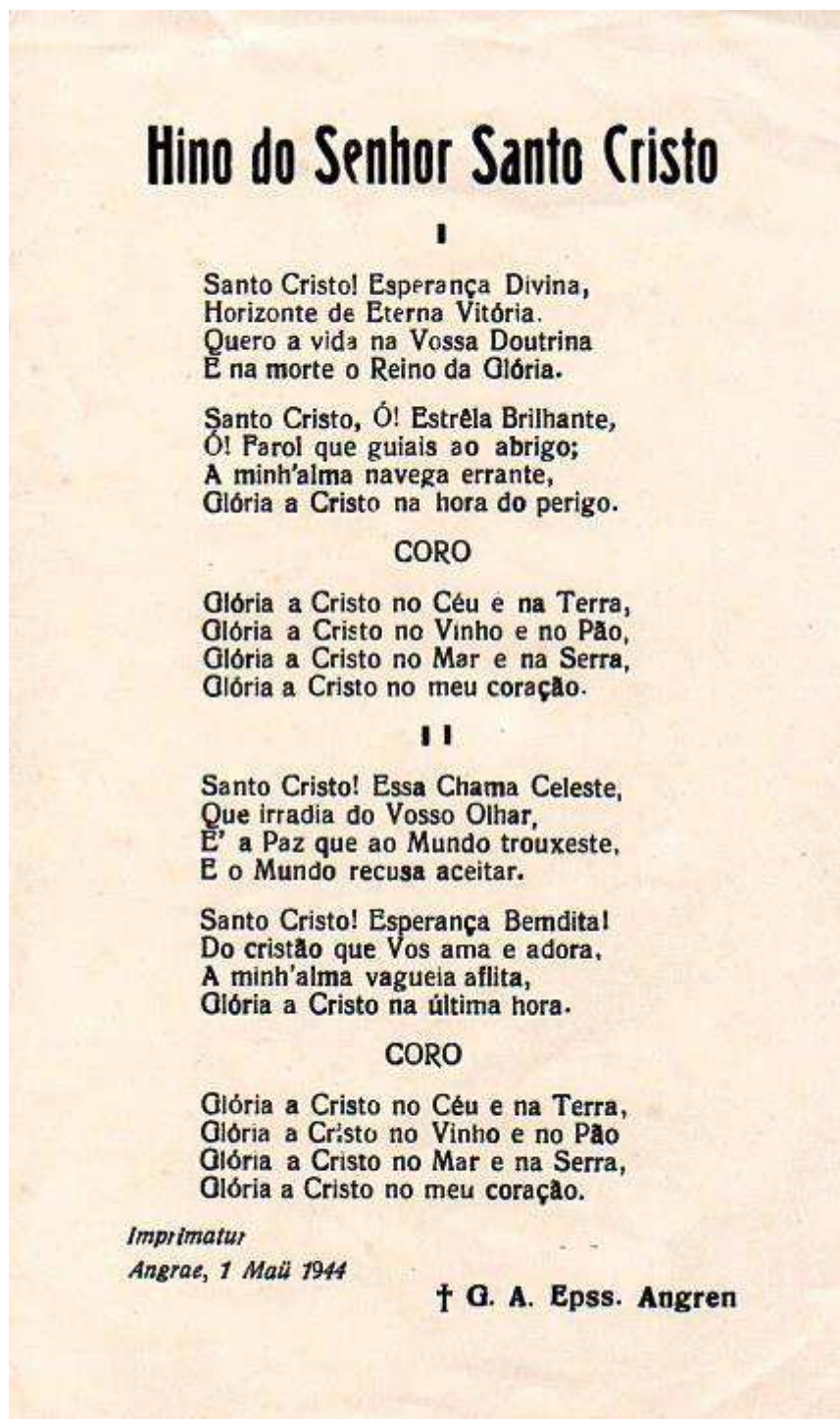
Eu sou pai de [redacted] que era exigido do Computo e só sobrinho de [redacted] que faleceu a 2 anos.

Sócio

[redacted]

3.3. Hino

Folha avulsa com o Hino do Santo Cristo de 1944, Arquivo do Santuário do Senhor Santo Cristo.



3.4. Homilias da Festa 1996-2016

Homilias transcritas dos arquivos da RTP e RTPAçores, mantendo todas as formas e expressões de oralidade com que foram proferidas. Abaixo do da indicação do ano e do nome do bispo que proferiu a homilia, temos a indicação do código de arquivo RTP, as leituras lidas na celebração e, desde 2010, o tema da festa.

3.4.1. 1996: D. Eusébio Óscar, Arcebispo de Florianópolis, Brasil.

Suporte Arquivo RTP - 96112 K269AS

Is 52, 7-10

Ap 1, 4-6

Jo 18, 33-38. 19, 1-5

Primeiramente eu gostaria de pedir perdão pelo meu linguajar brasileiro, pela minha pronúncia tipicamente brasileira e o meu modo de me expressar, também, há maneira do meu país. Contudo vejo nisso também um dos sinais da universalidade da Igreja.

Quero, portanto, saudar muito cordialmente, a sua Excelência Reverendíssima D. Aurélio, bispo de Angra e das demais ilhas deste lindíssimo arquipélago dos Açores, agradecendo exemplo de simplicidade, de verdadeira fidalguia característica dos lusitanos, a profunda fé e amizade com que me encantou.

Saúdo de igual maneira a D. Jacinto, Bispo Auxiliar de Braga,

A D. António, Bispo de Viseu;

Ao nosso Bispo D. Robert Mulvee da Diocese de Providence nos Estados Unidos, que me enriqueceram e enriquece com a sua amizade alegre e fraternidade.

Quero saudar, aqui do meu lado, o Monsenhor Agostinho Tavares, amigo à primeira hora e ao mesmo tempo o digníssimo Reitor deste Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres;

Saúdo a Mesa diretora da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres;

Aos meus queridos irmãos sacerdotes, amigos de toda a hora e que carregam connosco o peso do dia e do calor e da chuva também;

Quero saudar ainda os prezados e as prezadas consagradas, consagrados religiosos ou religiosas;

Os queridos irmãos e irmãs, peregrinos e peregrinas, romeiros, como eu também, saúdo-os de coração aberto e fraterno;

A minha saudação, enfim e não por ultimo, a todos os telespectadores das diversas redes, a quem agradeço por nos acompanharem nesta demonstração de fé;

Da mesma forma saúdo e agradeço a todas as rádios difusoras e aos queridos radiouvintes que acompanham connosco esta celebração.

Permitam-me dizer-lhes que me sinto muito recompensado, gratificado e agradecido por ter percorrido mais de onze mil km para poder participar desta extraordinária, repito, manifestação de fé e de amor, dirigida diretamente ao Cristo em um dos seus momentos mais difíceis, talvez, e ao mesmo tempo gloriosos da Sua Paixão.

Quero, com isso também, mostrar o meu agradecimento à nação Portuguesa, e especialmente ao Arquipélago dos Açores pela grandiosidade da fé que levaram a quase todos os continentes e de modo particular ao Brasil e ainda notadamente ao estado de Santa Catarina em cuja capital o Senhor me pediu que fosse pastor das Suas ovelhas.

Interpretando esta Festa, esta celebração ao nosso Rei Senhor Jesus, Santo Cristo dos Milagres quero que me permitam, não que faça grandes considerações, mas que eu lhes diga de coração aberto o que eu mesmo sinto ao me defrontar com o Senhor nesta sua veneranda e extraordinária expressão de meu Rei e Senhor e ao mesmo tempo o Servo das Dores (Cf. Is 53,).

Aqui temos em primeiro lugar, e sinto isso, nós temos a resposta de que *"Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades, todas as nossas dores"* (Is 53, 4). O homem é um mistério, e isso Vaticano II exprimiu claramente naquele documento memorável da Igreja no mundo chamado Alegrias e Esperanças - *Gaudium et Spes*- o Homem é um mistério porque ele anseia pelo infinito e nada pode satisfazê-lo se ele não encontrar o absoluto (Cf. *Gaudium et Spes* 15) e, contudo, nós o vemos e somos nós, não são os outros, começo de mim mesmo, somos nós a nos deleitarmos com tudo que é relativo, transitório, fugaz, passageiro e até meio sem sentido.

De qualquer forma, este mistério do homem encontra a sua resposta no Cristo nesta hora exatamente em que Ele se defronta com o povo eleito e é apresentado como modelo do ser humano. O grande modelo de todos os homens. Por outro lado, o homem se apresenta como um carente, sequioso de Deus. E parece que procura exatamente as respostas lá onde elas não se encontram, nos prazeres, naquelas transitórias alegrias, que a terra e a vida lhe podem apresentar e encontramos-nos diante de um mundo materialista, hedonista. Um mundo que se declara auto-suficiente. Parece que homem fecha o teto a Deus, serra os horizontes e se contenta com a sua própria limitação e miséria. E Pilatos blasfemamente a nos dizer: *"Eis o Homem"* (Jo 19, 5), o modelo do homem que nos há-de dar a resposta, como logo direi.

Encontramos hoje, a psicologia o demonstra, um homem sem sentido, vazio, angustiado. E certamente entre nós também isso existe e é exatamente aí que novamente vem a grande resposta do Cristo e Senhor. E um autor medieval diz: *ao olhardes assim para Mim e vos sentirdes triste e sem resposta não dêis a culpa a Mim, porque Eu fiz tudo o que Eu poderia ter feito.*

A Imagem do Senhor Santo Cristo, aqui chamado dos Milagres pelos portentos que sempre realizou, não só aqui mas no mundo inteiro, dentro os maiores esta a própria Eucaristia. Foi um momento histórico triste a única vez que na história se sabe que um rei foi coroado de espinhos, não há outra, nenhuma outra oportunidade em que isso tenha acontecido. Deram-Lhe uma cana na mão como cetro de vexame. Deram-Lhe bofetadas, em vez de lhe demonstrarem carinho. E nesta Imagem, que a história nos transmitiu como uma das maiores demonstrações de carinho pessoal com o Senhor, nós trocamos a coroa de espinhos, por delicadeza, e pusemos uma de ouro e ao mesmo tempo ornamentada de pedras preciosíssimas. Posemos em suas mãos, pessoas venerandas, santas que não podia suportar, que o seu Rei e Senhor fosse vilipendiado desta maneira. Puseram-Lhe nas mãos uma cana que é um cetro, não é cana, que estaria na mão do melhor dos reis que por ventura a terra já tenha conhecido. E em vez das bofetadas nós Lhe demonstramos o nosso carinho, o nosso devotamento, a nossa alegria e o declaramos o Senhor! Queremos prestar-Lhe homenagens que só nós Lhe poderemos dar e que Ele espera que nós Lhe saibamos dar a toda a hora.

Ainda, e agora eu gostaria de falar muito mais pessoalmente ainda, me impressiona que na cabeça mais santa que já pisou na terra sendo verdadeiro homem se tenha colocado espinhos, uma coroa de espinhos, porque exatamente é da cabeça, centro do ser humano que procede tudo. Hoje eu entendo que se existe mentes humanas sem ideais, sem valores, desatinadas, perpassadas de ideologias, tudo menos que cristãs e católicas, eu posso entender que meu Senhor tenha sofrido tudo isso.

Os Seus olhos, por maior admiração que se tenha aos meios de comunicação social sabemos que infelizmente, e eu falo especialmente do meu próprio país, muitos deles não nos apresentam as imagens que edificam e que constroem e que sabem manter o que há de mais necessário à defesa da vida, especialmente dentro de nossos lares, e a defesa da dignidade dos valores morais e éticos dentro da própria política. Entendo que os olhos de Cristo um certo momento estivessem ensanguentados, talvez na Imagem não aparece tão claramente, mas os Seus olhos estiveram ensanguentados. Exatamente porque muitos de nós gostaríamos de ver outras imagens e não só nos meios de comunicação social, mas também nas propagandas que nos rodeiam por toda a parte, gostaríamos de ver imagens mais puras porque os olhos são o espelho da alma e traduzem aquilo que nos vai no íntimo.

Entendo, meu Senhor, que a face Dele esteja desfigurada. Que a face dele esteja desfeita a tal ponto que o profeta Isaías diz que "*já não tinha mais aspeto humano*" (Is 53, 14), mas parecia, parecia-se mais com o próprio verme— expressão fortíssima e quase que intraduzível. E apesar disso essa fisionomia de Cristo aparece distinta, distintamente serena, tranquila, porque Ele, através do profeta Isaías, nos diz "*tirareis destas fontes* - que são Suas lágrimas, que são o Seu sangue, que, enfim, são toda Sua Paixão - *tirareis destas fontes com alegria a vossa salvação*" (Is 12, 3).

E aqui ao olhar para a fisionomia de Cristo me vem à lembrança a blasfema expressão dos próprios Judeus que a esta hora eu quero transformar na mais profunda das preces, "*que o Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos*" (Mt 27, 25). Não há desejo maior do que esse que nós possamos exprimir, que o Seu sangue caia abundantemente sobre todos nós e sobre nossos filhos. Esta alegria do sangue do Senhor que purifique nossos olhos, que mantenha nossas fisionomias risonhas e serenas, apesar de todos os revezes da vida, é a maior bênção que podemos implorar ao Senhor nesta hora e neste instante.

E eu termino com uma prece ao próprio Cristo. Que o Senhor Santo Cristo dos Milagres me permita e permita a todos nós, talvez um pedido ousado, que eu possa encostar minha cabeça na Sua, para que ela se transforme e veja o mundo de outra maneira e veja os outros também de outra maneira. Porque esse contacto, esse contágio sobrenatural, e natural também, vai transformar toda a minha mente, os meus ideais e valores que por vezes também são relativos e que necessariamente têm de ser transcendentais e absolutos.

Que o meu olhar não se cruze apenas com Vosso olhar, Senhor Santo Cristo, mas que Vosso olhar possa fazer que, pela Sua Omnipotência, o meu olhar se pareça com o Vosso.

Me desejo isso de todo coração, para que eu enxergue a Igreja, os homens e ao próprio mundo como Deus os viu quando declarou solenemente no livro das origens: "*tudo estava muito bom*" (Gn 1, 31). Mas isso só a partir de um olhar que divinamente nos possa ser inspirado.

E a minha face, que ela possa ser, Senhor Jesus, acolhedora como a Vossa, serena como a Vossa, porque não dizer, bonita humana e divinamente como a Vossa, para que enfim todos que cruzarem comigo possam dizer que encontraram a face de Jesus.

Acolhei-me Senhor com a Vossa infinita bondade.

Gostaria de vos apresentar uma coroa preciosa também e que fosse pelo menos isto, um amor bem centrado na mente, para que se traduzisse em gestos concretos como padre José ontem nos falava em demonstrações de caridade de solidariedade universal como dizia nosso Charles de Foucauld.

Que seja possível que o cetro, que por vezes em forma simbólica nós trazemos sob a forma de báculo, enquanto bispos, ou os outros que tem postos de comando ou de responsabilidade maior, seja sempre aquele da dignidade de quem serve e como o próprio Cristo disse de si mesmo “*eu não vim para ser servido mas para servir*” (Mc 10, 45).

Senhor, dai-me a graça de poder ajoelhar-me, não blasfemamente, dizendo “*Salve Rei dos Judeus*” (Jo 19, 3), mas no cristocentrismo mais puro da minha fé e do meu amor.

A Igreja, a Santíssima Trindade de que Ele é o mediador visível, que eu possa fazê-la hoje aqui nesta celebração, no seu gesto mais humilde, não tanto e somente a partir da inspiração visível dessa Imagem, mas que eu possa fazê-lo ali no altar, onde está ainda mais pequenino do que na sua própria figuração artística e ao mesmo tempo piedosa que esta Imagem veneranda. Na Eucaristia, reduzido aparentemente a um pedacinho de pão Aquele que é meu Senhor e Rei, e lá que eu possa ajoelhar-me, como farei daqui a pouco com todos nossos irmãos, e dizer: Salve meu Rei e Senhor. A Vós consagro a nossa vida toda, todos os nossos interesses e perspectivas e que Ele abençoe a todos nós, a começar deste Santuário, desta ilha de São Miguel, do Arquipélago dos Açores a prolongar-se pelo continente da nação Portuguesa e a todas as partes do mundo onde temos a alegria, embora com acentos diferentes, de falar a mesmíssima língua que diz e repete como digo, mais uma vez: Salve Santo Cristo dos Milagres, meu Rei e Senhor!

E assim seja.

3.4.2. 1997: D. António de Sousa Braga, Bispo de Angra

Suporte Arquivo RTP - 97100 K588AS

Is 52, 7-10

Ap 1, 4-6

Jo 18, 33-38. 19, 1-5

Reverendíssimo D. Aurélio;

Reverendos Monsenhores e vigários episcopais, caros padres e religiosos e religiosas;

Membros e Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo;

Irmãos e irmãos em Cristo aqui presentes, peregrinos de São Miguel e de todas as ilhas dos Açores, do continente e do mundo da emigração e todos vós que nos acompanhais através dos meios de comunicação social açorianos espalhados pelo mundo.

O sonho de Madre Teresa da Anunciada, no sentido de ver uma cidade inteira prostrada aos pés do Senhor Santo Cristo, continua a realizar-se. Peregrinos de longe e de perto, aqui estamos reunidos na comum veneração do Senhor Santo Cristo. Cumprimos não apenas a tradição de uma devoção secular, mas queremos professar publicamente a nossa fé em Jesus Cristo, redentor do homem. Assim realizamos também o sonho do Santo Padre que, nestes 3 anos que nos separam do ano 2000, nos quer ver a todos em romaria ao encontro daquele que é Luz verdadeira que a todo o homem ilumina.

Efetivamente, o Papa João Paulo II propõe à Igreja que o Jubileu do ano 2000, quer na sua preparação, quer na sua celebração, seja inteiramente orientado para a celebração do mistério de Cristo Salvador. Todos os Jubileus, mesmo os do Antigo Testamento, celebram a plenitude da salvação atingida em Jesus Cristo. O grande Jubileu em Jesus Cristo enviado na plenitude do tempo para *“proclamar o ano de graça do Senhor”* (Is 61, 2), como anuncia o profeta. Ao ler na sinagoga de Nazaré a profecia de Isaías, Jesus conclui: *“cumpriu-se hoje esta passagem da escritura que acabais de ouvir”* (Lc 4, 21), dando assim a entender que ele é o messias prometido.

Ontem havia uma admiração geral perante a maré de gente que invadiu o Campo de São Francisco no momento da procissão da mudança da Imagem do Senhor Santo Cristo, com pessoas de todas as categorias sociais a cumprir promessas. Que é que isso significa? Alguém adiantava uma explicação, ano de calamidades naturais, a vida que se torna cada vez mais dura e complicada criando situações penosas. Será tudo isso e ainda mais. Mas, tendo como base a fé de um povo que desde sempre depositou a sua esperança e a coragem de viver em Cristo salvador. Não estamos aqui a venerar a Imagem de um santo qualquer, um santo milagreiro, mas a celebrar a nossa fé em Jesus Cristo único Salvador do mundo, ontem, hoje e sempre. Ele é único mediador entre Deus e os homens, Senhor do universo e da história, Senhor do tempo, sem princípio e comprimento. E como escutávamos na segunda leitura *“Aquele que é, que era e há de vir, o primogénito dos mortos e o príncipe dos reis da terra”* (Ap 1, 4).

A nossa Diocese, em comunhão com a Igreja Universal, iniciou no passado advento a caminhada rumo ao Jubileu. Esta Festa do Senhor Santo Cristo constitui um momento forte desta caminhada pré jubilar, em que nós queremos ser o mensageiro da primeira leitura que *“traz a boa nova que apregoa a vitória, que diz a Sião: 'O teu Deus é Rei!' ”* (Is 52, 7). Ora o Reino de Deus não é uma ideia, uma doutrina, mas é, acima de tudo, uma Pessoa que tem o nome e o rosto de Jesus de Nazaré. Esta é a Boa Nova que a Igreja quer proclamar bem alto nesta viragem de século e de milénio e que nós, hoje, à volta da Imagem do Senhor Santo Cristo, acolhemos e anunciamos. Jesus é a *“pedra rejeitada pelos construtores que veio a tornar-se Pedra Angular e não há salvação em mais ninguém, porque não existe debaixo do céu outro Nome dado aos homens pelo qual possamos ser salvos”* (Act 4, 11-12).

O Jubileu, antes de mais, é proclamado para os cristãos que, pela fé e pelos Sacramentos, experimentaram o dom da Salvação. São chamados durante ele a abrir-se a este dom, avivando a fé, a esperança e a praticar a justiça e a caridade.

Proclamado para a Igreja como o ano da graça, o Jubileu é também proposta e anúncio a todos os homens e ao mundo contemporâneo. "*Quem me vê, vê aquele que me enviou*" (Jo 12, 45), disse Jesus. Diante desta Imagem do *Ecce Homo*, que veneramos na devoção ao Senhor Santo Cristo, nós descobrimos o verdadeiro rosto de Deus. Corrigimos todas as palavras que os homens possam dizer acerca de Deus. Em Cristo, que no *Ecce Homo* assume a condição do servo, Deus diz o Seu verdadeiro nome, o Seu nome é Amor, Amor que se faz próximo e solidário com o gênero humano.

Por mais paradoxal que possa parecer, o *Ecce Homo* indica-nos o caminho da plenitude do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus Amor, o caminho do serviço gratuito e solidário. "*O Filho do Homem não veio para ser servido mas para servir e dar a vida*" (Mc 10, 45). O Seu caminho é também o nosso caminho. Nele, o Pai pronunciou a palavra definitiva sobre o homem e sobre a sua história. Só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece, verdadeiramente, o mistério do homem.

"*Eis aqui o homem!*" (Jo 19, 5) declarou Pilatos perante o povo, como lemos no texto evangélico de hoje. Eis aqui o homem, o homem segundo o designo de Deus que vive do amor e para o amor.

"*Tu és rei?*" - perguntou Pilatos a Jesus - *Tu dizes, Eu sou Rei* - respondeu Jesus e logo acrescentou - *mas o Meu Reino não é neste mundo*" (Jo 18, 33. 36-37). Jesus é Rei e Senhor do universo, o centro da história, mas a sua soberania não se exerce através do poderio humano, é serviço na gratuidade e solidariedade.

Na Imagem do *Ecce Homo*, Ele apresenta-nos como servo que solidariamente dá a vida, para que "*todos tenham a vida e a tenham em abundância*" (Jo 10, 10). Eis irmãos, a "*boa nova trazida pelo mensageiro da paz*" (Is 52, 7), de que fala o Profeta Isaías na primeira leitura.

O Reino de Deus, o Reino que Deus veio estabelecer na terra, por meio de Cristo, é Reino de amor, fraternidade e de solidariedade: o Império do Espírito Santo, diríamos nós açorianos.

A Imagem do *Ecce Homo*, no seu aparente fracasso, pode escandalizar e escandaliza, mas como esclarece São Paulo: "*para aqueles que são chamados, Cristo é poder e sabedoria de Deus*" (1 Cor 1, 24), apontando o amor como caminho de humanização e de civilização.

A primeira expressão do amor é, com certeza, a justiça. Mas não basta a justiça para construir um mundo melhor mais fraterno e justo, como afirma o Santo Padre: "*a experiência do passado e do presente demonstra que sem o amor não se alcança a justiça*" (*Dives in Misericórdia*, 12). Esta afirmação não entende diminuir o valor e o empenho pela justiça, mas indica que o amor deve condicionar a ordem da justiça. Com efeito, há formas de justiça que não respeitam a situação concreta das pessoas, há tipos de justiça que protegem interesses de parte, há medidas de justiça que deixam os fracos sem defesa. Evidentemente perante os grandes combates pela justiça, o amor que veio de Deus, e se manifesta na Cruz de Cristo, pode parecer humanamente frágil e ineficaz, mas traz em si a força e a sabedoria de Deus. Implica o dom gratuito de si mesmo, sem o qual não é possível a solidariedade, base da convivência civil.

O cristão, em demanda da Pátria Celeste, sabe, deve saber, ser cidadão esclarecido e comprometido da construção da cidade terrena, empenhando-se com amor que tem a sua fonte em Deus e o seu modelo acabado em Cristo Crucificado, no *Ecce Homo*, que daqui a algumas horas vamos levar em procissão.

Seria uma hipocrisia venerar o Senhor Santo Cristo, acompanhá-lo em procissão, seguindo os seus passos e depois negar-se ao seu amor solidário, não assumindo os próprios deveres perante os outros e a coletividade, não se fazendo próximo do ser semelhante. A solidariedade não se delega em ninguém, cumpre-se em primeira pessoa. Ter devoção ao Senhor Santo Cristo não é um mero assunto pessoal de foro interno, compromete-nos, a nós cristãos, a construir a civilização do amor com a esperança ativa de quem acredita na força renovadora do Mistério Pascal de Cristo, da sua dupla dimensão de Morte e Ressurreição, que não são dois movimentos contrários, mas dois polos que definem o mesmo movimento: a Morte vai dar à Ressurreição; a Cruz já contém a Vida. *Eis aqui o homem!* A devoção ao Senhor Santo Cristo na Imagem do *Ecce Homo* não é, não pode ser, uma simples e inocente expressão de piedade popular, sem consequências práticas na vida. Por um lado é, e deve continuar a ser, uma autêntica confissão em Cristo Redentor que nos salva dando a Sua vida, "*amou-me e entregou-se a mim*" (Gal 2, 20), exclamava São Paulo. É o meu Salvador, é o teu Salvador, irmão. Por outro lado constitui um apelo em nos inserirmos neste movimento de amor redentor, doando-nos aos irmãos com e como Cristo. "*Nisto conhecemos o amor, ele deu a sua vida por nós, também nós devemos dar a vida pelos irmãos*" (1 Jo 3, 16).

Concluindo, a todos os presentes, peregrinos da ilha de São Miguel e de todos Açores, visitantes e emigrantes, aos que nos acompanham pelos meios de comunicação social, nomeadamente os açorianos da diáspora, neste momento eu desejaria formular este desejo: que esta caminhada pré-jubilar da Igreja, rumo ao ano 2000, nos conduza todos à alegria da salvação através de uma renovada adesão de fé à Pessoa de Jesus Cristo, único Salvador do mundo, ontem, hoje e sempre.

Aos que sofrem no corpo ou no espírito, àqueles que sentem mais pesadamente a luta pela vida e a fadiga de viver, envio junto da Imagem do Senhor Santo Cristo, nosso Senhor e nosso Salvador, uma mensagem de esperança. O Deus que a Imagem do *Ecce Homo* revela, chama-se amor, um Deus próximo e solidário, Deus connosco em todas as circunstâncias da vida. Não há miséria humana que Deus não possa visitar e partilhar para fazer com que nasça a vida e nasça com abundância.

A Igreja prepara-se para celebrar o grande Jubileu do ano 2000. A palavra Jubileu invoca alegria. Este ano da graça impôs um convite a celebrar pessoal e comunitariamente a alegria que nos vem de Deus. 2000 anos de história merecem que os cristãos façam festa e deem ao mundo o testemunho sincero da alegria da Salvação. Ela tem a sua fonte em Nosso Senhor Jesus Cristo, no Senhor Santo Cristo dos Milagres, em quem experimentamos o júbilo da intimidade com Deus, o alívio de um coração liberto, conforto da força que nos torna capazes do humanamente impossível.

Irmãos, Maria é o caminho certo para encontrarmos o seu Filho Jesus... Com ela na, solenidade da Imaculada Conceição, iniciámos a nossa caminhada diocesana pré-jubilar. Sob a guia maternal de Nossa Senhora da Esperança vamos continuar a nossa romaria para o ano 2000 ao encontro de Jesus Cristo Redentor, levados também pela mão de Madre Teresa da Anunciada, filha da nossa terra, com a sua experiência de fé marcadamente cristocêntrica, brilha na nossa igreja como modelo tão próximo de como se deve preparar e viver o Jubileu.

Assim seja.

3.4.3. 1998: D. Robert Kurtz, Bispo de Hamilton, Bermuda

Suporte Arquivo RTP - 98114 K466AS

Is 52, 7-10

Ap 1, 4-6

Jo 18, 33-38. 19, 1-5

Caros irmãos em Cristo, nunca imaginei que um dia pudesse ter a graça da oportunidade e o privilégio de presidir à liturgia em honra do Senhor Santo Cristo, em Ponta Delgada, São Miguel. E ver as belezas de São Miguel com os próprios olhos.

Também estou ciente do facto de que nós estamos unidos com os filhos e as filhas de São Miguel espalhados pelo mundo, na minha diocese de Hamilton, em Bermudas, como em todas as dioceses de Portugal, Canadá, Estados Unidos, Brasil e toda a parte.

As palavras do profeta Isaías, na primeira leitura de hoje, lembram-nos: "*todos os confins da terra poderão ver a salvação de nosso Deus*" (Is 52, 10).

Só recentemente tive conhecimento da Festa do Senhor Santo Cristo, depois de ser ordenado bispo na Bermuda, em Setembro de 1995. Mas a devoção a Cristo na sua Sagrada Paixão especialmente como figura do *Ecce Homo*, o Cristo desfigurado que Pilatos apresentou à multidão, foi sempre uma parte da minha experiência católica desde criança.

Cresci e servi como acólito na igreja de São Jacinto, uma paróquia polaca na cidade de Chicago, nos Estados Unidos da América. Todos os anos as religiosas decoravam um altar, lá na lateral, para adoração do Santíssimo Sacramento, depois da Missa da Ceia do Senhor, na Quinta-feira Santa. No topo do altar havia um dossel com uma coroa dourada, ricas cortinas de veludo vermelho pendiam do alto da coroa para a mesa do altar onde estava o Santíssimo Sacramento, adornado com flores naturais. No altar, por cima da Eucaristia, também havia uma imagem de tamanho normal do Cristo *Ecce Homo*, coroado de espinhos, com uma capa de púrpura sobre os ombros e uma cana na mão. Ele olhava para as pessoas através das grades da sua prisão.

Esta mesma experiência, que tive em criança, do Cristo sofredor revivi-a, mais uma vez, ao contemplar a figura de Santo Cristo dos Milagres. Com esta imagem no pensamento, gostaria de partilhar convosco algumas reflexões relacionadas com estes 3 pontos: primeiro, a figura de Jesus Cristo, *Ecce Homo*, à luz das leituras da Sagrada Escritura que acabamos de proclamar nesta Santa Missa; segundo, uma reflexão sobre Cristo que sofreu e morreu por nós e para a nossa salvação, que está sempre presente no Santíssimo Sacramento do altar; e para concluir, alguns pensamentos da maneira como nós honramos o Senhor Santo Cristo dos Milagres na procissão a seguir à Santa Missa.

No evangelho de hoje, durante o julgamento contra Jesus, Pôncio Pilatos apresentou-o ao povo com estas palavras: "*Eis o homem!*" (Jo 19, 5) O crime contra Jesus, e porque ele disse que era o rei dos judeus, as autoridades judaicas negaram a sua origem real e as autoridades romanas, especialmente soldados, ridicularizaram Jesus chamando-o rei dos judeus. Os soldados bofaram dele, coroaram-no com uma coroa de espinhos, cobriram as suas costas açoitadas e ensanguentadas com um manto de púrpura real, rendem-lhe homenagem dizendo: "*salve rei dos judeus, e deram-lhe bofetadas na*

cara" (Jo 19, 3). Este é Jesus que Pilatos apresenta ao povo com as palavras "*Eis o homem!*"

Nós, que fazemos parte da comunidade da fé, como é que nós escutamos estas palavras? Certamente, nós vemos o homem, mas a nossa fé em Jesus também nos revela que Ele é o Filho de Deus feito homem. Jesus é o verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Pilatos pergunta a Jesus: "*Tu és o rei dos Judeus?*" E Jesus responde dizendo: "*O meu reino não é deste mundo.*" "*Portanto tu és rei.*" Pilatos pergunta e Jesus responde: "*Tu dizes que eu sou um rei, para isso nasci e para isso vim ao mundo para testemunhar a verdade.... Todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz*" (Jo 18, 33. 36-37).

Meus caros irmãos, nós que professamos a nossa fé em Jesus Cristo, nós que fomos batizados em Cristo, nós pertencemos à verdade, nós somos convidados a ouvir a voz de Jesus e nós sabemos que ouvimos a voz de Jesus, o Verbo de Deus feito homem, nas Sagradas Escrituras.

O que é que nós podemos aprender acerca deste misterioso Reino de Jesus das Sagradas Escrituras que ouvimos proclamar nesta Santa Missa? O profeta Isaías proclamou ao seu povo que Deus é Rei. Ele proclama que eventualmente o dia chega quando todos os confins da terra poderem ver a Salvação de Deus, e nós acreditamos que vimos a nossa Salvação em Jesus que sofreu, morreu e ressuscitou por nós e para nossa Salvação.

O salmo responsorial pergunta: "*Quem é o rei da glória? Ele é o senhor dos exércitos, ele é o Rei Da Glória*" (Sl 24, 10). Jesus que morreu, mas ressuscitou na Glória, Ele é o Rei da Glória que virá outra vez no fim dos tempos para julgar os vivos e os mortos. O Apocalipse descreve o Senhor Jesus Cristo Ressuscitado como o paradigma dos reis da terra, porque ele é o Senhor Ressuscitado, a testemunha fiel e o primeiro renascido da morte. O Apocalipse vai ensinar-nos que Jesus, o Senhor Ressuscitado, nos ama e nos liberta dos nossos pecados pelo Seu sangue. Pela Sua Paixão, Morte e Ressurreição, Jesus introduz-nos dentro do Reino dos Sacerdotes que servem a Deus Pai.

Caros irmãos, nós exercemos o nosso sacerdócio batismal todas as vezes que oferecemos a Santa Eucaristia em comunhão com o sacerdote, em que ele próprio atua *in persona Christi*, em pessoa de Cristo, o Sumo Sacerdote. Isso encaminha-nos para considerar sobre a figura do Senhor Santo Cristo e na Santa Eucaristia.

Eis o homem! Este Jesus que é ridicularizado pelos populares e as autoridades judaicas, este Jesus abandonado pelos seus discípulos, este é o mesmo Jesus que pouco tempo antes, durante a ceia, disse: "*Tomai e comei este pão, que é o Meu Corpo, que será entregue por vós, tomai este cálice e bebei, este é o cálice do Meu Sangue e que será derramado por vós*" (Lc 22, 19-20). Nós acreditamos que a Missa é a renovação do próprio Sacrifício Redentor de Cristo no Calvário. Nós temos o privilégio de exercer o Sacerdócio Real, pela união com Cristo, e como sacerdote celebrante, numa participação plena e ativa na Santa Missa. E quando nos aproximamos da sagrada comunhão, o ministro da Eucaristia levanta a hóstia consagrada e diz: o *Corpo de Cristo*, nós somos convidados a fixar o Homem, a professar a nossa fé na presença real de Jesus, o Senhor Ressuscitado, e respondemos *Ámen*, eu acredito, na verdade é isso, *Ámen*. E também nos fortalecemos pelo facto de que o Senhor Jesus permanece connosco para sempre no Santíssimo Sacramento do altar.

Alimentadas pelo Corpo e Sangue de Cristo, nós caminharemos na procissão na união e honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres. A nossa participação na procissão é um testemunho de fé, nós damos honra e glória a Cristo, o Rei que foi ridicularizado pelo povo e os soldados. Nós pedimos o perdão de Deus por todas as vezes que temos faltado ao apelo de nos comportarmos como discípulos de Cristo, todas as vezes que temos abandonado Cristo e os seus ensinamentos como discípulos do Evangelho e dizemos: *Senhor tende piedade de nós*. A procissão também se realiza como espírito de petição e intercessão. Nós pedimos a Deus, através de mediação do Senhor Santo Cristo, por todas as nossas necessidades.

Certamente que eu pedirei a Deus para abençoar o povo da nossa Igreja na Bermuda, especialmente as pessoas doentes, que estão sofrendo - como Maria da Silva, Eulália Medeiros, Florência Martins, e o casal Alfredo e Maria Aguiar - e todas aquelas pessoas que se recomendaram as nossas orações.

Nós imploramos as bênçãos de Deus sobre a Igreja açoriana, o seu bispo D. António, o seu clero, as comunidades religiosas, os seminaristas, seus futuros servidores, e todo esse povo de São Miguel, aqueles que estão aqui presentes, os emigrantes chegados para esta Festa e aqueles que estão espalhados por todo mundo.

A procissão também se faz no espírito de ação de graças. Nós chamamos Cristo, o Senhor Santo Cristo dos Milagres, pelas muitas graças e bênçãos recebidas, pelos milagres nós dizemos obrigado Senhor. E nós rezamos pelos corações agradecidos, por serem sensíveis aos muitos sinais do amor de Deus que enche as nossas vidas. O agradecimento é também uma forma de oração e uma maneira de viver sempre na presença de Deus.

Eis o homem! Eis a figura de Senhor Santo Cristo dos Milagres! Que a graça de Nosso Senhor que por nós morreu e ressuscitou, e que por nós intercede junto do Pai, esteja sempre connosco.

Ámen

3.4.4. 1999: D. Murilo Sebastião Ramos Krieger, Arcebispo de Maringá, Brasil

Suporte Arquivo RTP - 99093 K017AD

Is 52, 7-10

Ap 1, 4-6

Jo 18, 33-38. 19, 1-5

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. António de Sousa Braga, Bispo desta Diocese e meu irmão na vida religiosa e no episcopado;

Reverendíssimo Senhor Reitor deste Santuário;

Prezados sacerdotes, caros diáconos, reverendas religiosas;

Excelentíssima Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres;

Meus irmãos e minhas irmãs residentes nesta ilha de São Miguel, residentes neste arquipélago, ou emigrantes que aqui vieram justamente para participar das Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres;

Irmãos e irmãs que nos acompanham no continente e em inúmeros países do mundo pelo rádio e a televisão;

E permitam-me que faça uma saudação especial aos doentes, que justamente por causa de sua doença sentem-se particularmente próximos do Senhor Santo Cristo dos Milagres, como também O sentem próximo de si. Quero saudá-los com as palavras de São João no livro do Apocalipse, palavras há pouco proclamadas: *"Graça e paz da parte daquele que é, que era e que há-de vir e da dos sete espíritos que estão diante do seu trono. E da parte de Jesus Cristo que é testemunha fiel, primogénito dos mortos e o príncipe dos reis da terra"* (Ap 1, 4-5). Graça e paz, irmãos e irmãs.

Trago uma palavra de agradecimento, explico-me, sou brasileiro, sou religioso da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus e como religioso desta Congregação fui ordenado sacerdote em 1969. Anos depois, em 1985, o Papa João Paulo II nomeou-me Bispo, Bispo Auxiliar de Florianópolis, mais tarde Bispo de Ponta Grossa no Paraná e hoje Arcebispo da Arquidiocese de Maringá no Paraná. Fique claro, portanto, antes de ser Bispo sou cristão e identifico-me com as palavras de Santo Agostinho: *"Para vós sou bispo, convosco sou cristão"*. E, como cristão devo um agradecimento a esta terra. Obrigado Açores, terra abençoada.

Graças à fé que foi trazida para estas ilhas no séc. XV, graças à fé que aqui foi vivida intensamente nos séc. XV/XVI/XVII, graças ao amor de seus antepassados, ao amor que eles tinham por Jesus Cristo e sua Igreja, sou, também eu, discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Meus antepassados partiram destas ilhas, na segunda metade do séc. XVII e foram estabelecer-se no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil. Foram em busca de terra, de trabalho e de pão. Enfrentaram desafios imensos, indescritíveis. Creio que não tinham consciência porém de que o que levavam consigo era maior, era mais importante, do que aquilo que procuravam. Sim, porque levavam sua cultura, seu espírito de acolhida e seu jeito alegre e descontraído de viver. Levavam uma grande devoção ao Espírito Santo e manifestavam isso nas homenagens que lhe prestavam e no cultivo de tradições que ainda hoje são mantidas pelos seus descendentes em meu Estado. Levavam o amor à Igreja Católica e viviam este amor de forma coerente e sistemática e levavam um grande carinho por Nossa Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe.

Ainda hoje, o estado de Santa Catarina beneficia-se do lugar que a Paixão de Cristo tinha na vida dos meus e dos seus antepassados. Faziam questão de manifestar o seu amor pelo *Ecce Homo*, pelo *"Homem das Dores"* (Is 53, 3), na construção de capelas que recebiam Sua imagem e em procissões em sua homenagem, procissões que atravessaram os séculos. Contemplando, crescia neles a consciência de que não poderiam ficar indiferentes diante de tão extraordinária prova de amor. *"Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos"* (Jo 15, 13), havia dito Jesus.

Agora entendo em que escola aprenderam isso. Foi na escola do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Sim, foi olhando para Ele que compreenderam que eram chamados a doar-se, a compreender os outros e a perdoar-lhes, porque foi isso que Ele fez quando julgado, condenado e apresentado à multidão por Pilatos.

Volto aos emigrantes açorianos do séc. XVIII. Os Açores mostraram a El-rei a necessidade de aliviar as ilhas do arquipélago, do excesso de braços e bocas que nela havia, conseguiram assim que, no edital de 31 de agosto de 1746, D. João V determinasse a abertura das inscrições para os que, dos Açores, desejassem ir para o Brasil. Desse modo, entre 1748 e 1756, seis mil açorianos emigraram para o sul do Brasil, dos quais 4500 foram para o litoral de Santa Catarina. Um desses emigrantes era

Mateus José Coelho que instalou-se na pequena localidade chamada de São Miguel, no município que hoje tem o nome de Florianópolis. Tendo casado no Brasil com Maria Antônia de Jesus, também açoriana, tiveram o primeiro filho, Laureano, a 19 de Março de 1780, era Domingo de Ramos, daí a mudança de sobrenome de Coelho para Ramos.

Porque conto-lhes isso? Porque ali começava a minha história que me une tão profundamente a vocês. A fé de nossos antepassados, fé que havia atravessado o oceano, era vivida ali, com a mesma intensidade com que tinha sido vivida aqui. E desta fé minha mãe beneficiou-se, casando-se com um luterano. Numa época em que era costume que a mulher seguisse a fé do marido, ela, firme em suas convicções religiosas, consciente do dom que Deus lhe havia dado através de seus antepassados açorianos, impôs duas condições para que o casamento se realizasse: que fosse celebrado numa Igreja Católica e que seus filhos fossem batizados e educados nesta mesma fé católica. *Papai* aceitou as condições, mesmo porque sabia que a *mamãe* era inflexível quando se tratava de algum assunto ligado a fé. Mais tarde também ele ficou católico diante o testemunho dado por sua esposa. Hoje o sexto filho, dos 9 que tiveram, é Bispo e aqui está fazendo esta homilia. Não é meu hábito falar assim de assuntos pessoais, dei-lhes contudo este testemunho para ter o direito de pedir-vos: sejam firmes à fé recebida. Cresçam no conhecimento desta fé, para poderem dar a todos, como Pedro, os que lhes pedirem as razões da esperança.

Na primeira leitura na Liturgia da Palavra deste Domingo, e desta celebração, o profeta Isaías lembrou-nos *"que formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a boa nova, que apregoa a vitória"* (Is 52, 7). São palavras que naturalmente referem-se a Jesus Cristo, antecipando sua vocação e missão. São palavras que referem-se também aos que, tomando consciência de seu batismo, levam o anúncio da paz, da Boa Nova e da vitória a outras pessoas e lugares. Essa missão que Jesus Cristo nos confiou, de levar a Boa Nova a todas as nações (Cf. Mc 16, 15), está longe de seu cumprimento. Após 2000 anos, olhando a humanidade, constatamos que essa missão esta ainda no começo. Sim, porque a situação religiosa do mundo do ponto de vista cristão chega a ser dramática. Aumenta o número daqueles que ignoram Jesus Cristo e esse número quase duplicou nos últimos 30 anos. Ora também para estes, para estes irmãos e irmãs, o Pai enviou o Seu Filho, como, pois, ficar indiferentes?

No jubileu do ano 2000 queremos oferecer a Jesus Cristo o presente que ele espera de nós: o anúncio de seu nome, o anúncio de sua proposta de vida ao maior número possível de pessoas, a todas as pessoas. Somos chamados a fazer isso. Em base há uma convicção: Jesus Cristo é o único Salvador de todos, o único capaz de conduzir-nos a Deus. Nele, o Pai revelou-se de forma definitiva e deu-se a conhecer de modo pleno. Em Jesus Cristo o Pai disse à humanidade quem ele é.

Eis portanto a nossa missão: anunciar ao mundo que os homens e as mulheres só poderão entrar em comunhão com Deus, através de Cristo e sob a acção do Espírito Santo. Quanto mais nós mesmos tivermos feito a experiência do amor Jesus, a experiência da misericórdia de Seu coração, coração manso e humilde, tanto mais, e melhor, poderemos levar outros também a fazer idêntica experiência.

Por isso, irmãos e irmãs, não cessem de contemplar o Senhor Santo Cristo dos Milagres, seu olhar sereno é um renovado apelo a serem testemunhas da sua misericórdia, testemunhas da misericórdia particularmente aos que vivem aprisionados no egoísmo e na sensualidade, no orgulho e na vaidade. *Quão formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz que traz a Boa Nova* (Is 52, 7).

2000 anos atrás os Apóstolos, impulsionados pelo Espírito Santo, anunciaram Jesus Cristo e convidaram o povo a converter-se. Isto é, a acolhê-lo e a deixar-se transformar-se por Ele. Os Apóstolos formaram comunidades, reunindo o Povo de Deus para escutar o Evangelho, para experimentar a alegria de, como irmãos, viverem unidos e para participarem da Eucaristia. Mais, eles convenceram as comunidades de que a missão é um compromisso comunitário, uma responsabilidade de todos. Que o Espírito Santo dê a vocês a coragem apostólica, que os Apóstolos tiveram, para que sejam capazes de gritar ao mundo inteiro que Jesus Cristo é o único Salvador. Sei que trata-se de uma missão difícil, mas lembrem-se, é uma graça, é um privilégio ser Apóstolo do Evangelho.

Espelhem-se em Madre Teresa da Anunciada e saibam também consagrar sua vida para ensinar a cada homem e a cada mulher que foram redimidos pelo Sangue de Jesus Cristo. Interessem-se pelo destino eterno de todos e participem do misterioso plano do Amor de Deus que quer salvá-los. Não se esqueçam, contudo, foi a santidade das primeiras comunidades, foi a santidade dos primeiros missionários, que lhes deu o dinamismo que tiveram. O cristão é necessariamente um santo, isto é, uma pessoa interiormente alegre, porque é alguém que encontrou Cristo, ele que é verdadeira esperança. Ou o cristão é isso, ou não é cristão! Tenho certeza de que os Açores e o mundo precisam, não só de santos assim, mas precisam de muitos santos!

"Tu és o rei dos judeus? Tu és rei? Que fizeste?" (Jo 18, 33. 36. 37) As perguntas que Pilatos fez a Jesus Cristo continuam ressoando no mundo de hoje. Afinal não é fácil aceitar como rei quem se apresenta de forma tão humilde e tem uma coroa que é de espinhos. Diante deste quadro nasce espontânea pergunta: porque é que o Filho de Deus sofreu? *"Foi ferido por causa de nossos pecados, esmagado por causa de nossos crimes"* (Is 53, 5), havia antecipado o profeta Isaías.

Jesus Cristo, é preciso que isso fique bem claro diante de nós, Jesus Cristo não era obrigado a passar pelo que passou. E porque tornou-se então o *Homem das Dores*? Contemplando a imagem do Senhor Santo Cristo entendemos: morreu por nossos pecados, morreu porque nos ama, Ele nos ama e isso basta. Seu amor é gratuito. Não nos ama porque é obrigado, apenas se doa porque nos ama. Para conhecermos a largura e a altura, a profundidade desse seu amor basta olhar para o seu sofrimento. Bem que mereceu o nome de *Homem das Dores*. Sofreu não só no corpo, mas na alma... *"A minha alma está triste até à morte"* (Mt 26, 38), havia dito no Horto das Oliveiras. Somos convidados, pois, a penetrar no abandono em que ele viveu a sua tristeza, na angústia de seu coração de Filho muito amado pelo Pai.

Mas o que fazemos nós, concretamente, diante desse seu amor? Em primeiro lugar, crer no amor. Ter fé não é viver em torno de uma verdade intelectual, mas é acreditar em Jesus Cristo, que veio, como ele próprio testemunhou a Pilatos: *"a fim de dar testemunho da verdade"* (Jo 18, 37). Ter fé é seguir Jesus Cristo: *"todo aquele que é da verdade ouve a minha voz"* (Jo 18, 37). Ter fé é ouvir a sua voz e aceitá-lo como Rei.

O que faremos nós diante de seu amor? Amar Jesus Cristo como ele nos ama. Isto é, dando a vida, dando-lhe a vida minuto por minuto. O sofrimento de Jesus Cristo em sua Paixão foi indiscriminável. Ele, o Filho de Deus, sabia, melhor do que ninguém, a gravidade do pecado, sabia quanto o pecado ofende o plano do seu, e nosso, Pai. E este seu sofrimento, o sofrimento de seu coração, ultrapassa tudo o que a humanidade já sofreu, ou sofrerá ao longo dos séculos.

Como imaginar o sofrimento de Jesus Cristo ao perceber que, apesar de tudo, que estava fazendo para a Salvação de todos, muitos não o aceitariam? Seu Pai queria que todos se salvassem, sim, porque o Pai do Céu quer que toda a humanidade se converta e viva.

Amar Jesus como ele nos ama, significará, por isso, não descansar enquanto existir uma pessoa que ainda não foi atingida pelo seu Amor, que não acredita em seu Amor e que não se dispõe a escutar a sua voz.

Que faremos diante de tão grande amor por nós? Somos convidados a amar quem ele ama, a amar o próximo mais próximo, que deve estar dentro de nossa casa provavelmente, o doente, o necessitado, o indiferente, o desagradável, o simpático e o antipático, o amigo e o indiferente, e nós... Jesus Cristo quer continuar debruçando-se sobre a humanidade ferida e machucada. Deixemos que Jesus Cristo se utilize de nós para amar e servir todos os homens e mulheres de hoje.

Tendo contemplado o Senhor Santo Cristo dos Milagres só me resta expressar um desejo e fazer um pedido. O desejo está sintetizado no livro do Apocalipse, na passagem proclamada há pouco: *"Aquele que nos ama e que com o seu sangue nos lavou dos nossos pecados e nos fez reis e sacerdotes para Deus seu Pai, glória e poder para todo sempre. Amen"* (Ap 1, 5-6). E o pedido: Senhor Jesus Cristo, Senhor Santo Cristo dos Milagres, olhai neste dia com carinho especial para os pais, para as crianças, para os jovens, para os idosos, para os doentes, para aqueles que não tem razões para viver e lutar. Olhai, enfim, para aqueles que não vos conhecem, que descubram que têm um Irmão que os ama, um Irmão que deu a sua vida por eles, um Irmão que tem somente um sonho, levar ao Reino de seu Pai, que é um Reino de justiça de fraternidade de amor, todos os irmãos que ele conquistou com o seu sofrimento e o seu sangue.

Assim seja.

3.4.5. 2000: D. José da Cruz Policarpo, Patriarca de Lisboa

Suporte Arquivo RTP - 00177 K974AS

Is 42, 1-7

Filip 2, 6-11

Jo 15, 9-13

Senhor Bispo de Angra, Senhor D. António;

Senhores Bispos;

Reverendos padres;

Veneráveis irmãos da Irmandade;

Meus queridos irmãos e irmãs.

Interrompemos o ciclo litúrgico do Tempo Pascal para celebrarmos uma liturgia centrada na Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas não interrompemos, porque a Igreja não faz outra coisa na sua Liturgia do que celebrar a Páscoa de Jesus na Eucaristia, contemplando a generosidade amorosa do Filho de Deus que deu a vida por nós, mas contemplando, ao mesmo tempo, o poder de Deus Pai que o exaltou e glorificou ressuscitando dos mortos.

A imagem que veneramos aqui, o Senhor Santo Cristo, com cujo nome ficou conhecido na tradição, sabei-lo bem, representa a imagem do rosto magoado de Jesus num determinado momento da sua Paixão, quando Pilatos, sem coragem para fazer justiça, se tenta desculpar junto do povo apresentando Jesus já magoado, já insultado pela população e pelos soldados. E deu um grito que muitas vezes foi repetido na história da salvação. Convidou a multidão a terem a coragem de cruzar os olhos com os olhos daquele rosto magoado. Convidou a multidão a confrontarem-se com ele e a ver se continuavam a ter coragem para pedir a sua condenação. Convidou cada uma das pessoas daquela multidão a fixar aquele olhar e a tomar uma decisão pessoal.

"Eis o homem!" (Jo 19, 5). Este convite para que nos confrontemos pessoalmente com a Pessoa, com o olhar, com o coração de Jesus Cristo é continuamente repetido na história da salvação. Foi-o simbolicamente por Moisés no deserto, naquela altura de mortandade e de desgraça em que um símbolo é levantado, aquela serpente de bronze sempre foi interpretada como um anúncio da Cruz de Cristo (Cf. Num 21, 8-9; Jo 3, 14). É o convite para que olhem para ele, porque quem olhar com fé será salvo. É o mesmo convite que faz João Baptista aos seus discípulos apontando com o dedo Jesus que passava, *"eis o Cordeiro de Deus, eis Aquele que tira o pecado do mundo"* (Jo 1, 29). É o mesmo convite que Maria faz aos convidados das núpcias de Caná, *"fazei tudo o que ele vos disser"* (Jo 2, 5). É o mesmo convite que fazem os Apóstolos quando, depois de Pentecostes, anunciam a Ressurreição: *Irmãos, sabemos que pecastes mas aqueles de entre vós que tiverem coragem de fixar o rosto do ressuscitado serão salvos*. É o mesmo convite que nos fez o Santo Padre João Paulo II neste ano jubilar: *voltai o vosso olhar e o vosso coração para Cristo Redentor do homem*.

Tende a coragem de vos confrontardes pessoalmente com ele, tendes a coragem de aguentar esse olhar amoroso, que ao mesmo tempo nos julga e nos desafia a uma mudança de vida, a uma radicalidade da nossa conversão. É o mesmo convite que eu vos dirijo hoje a vós, *"Eis o Homem!"* (Jo 19, 5)

Esta celebração valerá pela coragem que cada um de nós tiver de cruzar o seu olhar com o olhar magoado, mas cheio de esperança amorosa, deste Senhor Santo Cristo.

Mas reportemo-nos ao repertório de Pilatos, naquele dia em que ele tentou confrontar a responsabilidade da multidão com os seus próprios atos e com os seus próprios desejos, para que cada um não gritasse em vão *"crucifica-o"* (Jo 19, 6). Debaixo daquele desafio - *Eis o Homem!* - tantas leituras podem ser feitas. A primeira é certamente a denúncia daquilo que o homem é capaz quando deixa vir ao de cima o que de pior há nele, a violência, o despeito, o ciúme.

Eis o Homem! significa: vede onde podemos chegar. Aquele rosto magoado é um rosto inocente, as bofetadas que levou e as chicotadas que sofreu foram a afirmação, mesmo, da injustiça, foram a concretização, tantas vezes previstas pelo profeta, do que o justo sofrerá inocentemente e que nesse sofrimento ele merecerá a redenção.

Naquele rosto magoado estão representados todos os inocentes vítimas das perseguições, dos despotismos, dos egoísmos, da ânsia de dominar, que o homem exerce tantas vezes sobre os seus irmãos. Oh! Como é infinita a multidão destes mártires, homens, mulheres e crianças, fruto de ideologias, fruto de despotismos, fruto de egoísmos, quer ao nível das nações, quer ao nível das empresas, quer até ao nível das

famílias. E vós sabei-lo bem que quanto mais inocentes são as vítimas, mais alto se eleva o grito da nossa indignação!

Onde o homem é capaz de chegar? Neste *Eis o Homem!*, é bom que não fuçamos a esta responsabilidade coletiva. E como João Paulo II fez recentemente, evocando todos os mártires deste século, é bom que ao contemplar este rosto magoado de Jesus, nós sejamos capazes, como humanidade deste fim de milénio, como corresponsáveis da civilização que construímos, sejamos, capazes nesse *Eis o Homem!* de ver a tristeza a que chegou a humanidade.

Mas podemos ter outra leitura daquele desafio de Pilatos a convidar que contemplassem o rosto de Cristo - *Eis o Homem!* - o justo paciente, "*obediente até a morte e morte de cruz*" (Filip 2, 8), dizia-nos a segunda leitura que ouvimos. "*Sem erguer a voz como um cordeiro levado ao matadouro*" (Is 53, 7), amando aqueles que o perseguem, oferecendo a vida por aqueles que ofenderam a Deus seu Pai. Pagando com um olhar sereno de perdão o ódio que ressalta da multidão.

Eis o Homem! De que o homem é capaz, quando deixa que a sua vida se cruze com a vida de Deus?

Eis o Homem! Elevado à sua maior dignidade.

Eis o Homem! Cujo coração se encheu de amor, foi a expressão da misericórdia do perdão, da bondade e da caridade fraterna e, aí sim, podemos também contemplar espelhado no rosto bondoso do Senhor esta multidão imensa que ninguém pode contar, como diz o livro do Apocalipse (Cf. Ap 7, 9), dos santos e dos justos, daqueles que deram a vida para salvar o seu irmão, os que lutaram pela justiça, os que enfrentaram todas as lutas para construir a paz; todos aqueles que num determinado momento de suas vidas souberam renunciar aos seus interesses para proteger o pobre, salvar o inocente, dar a mão ao que andava perdido.

Eis o Homem! E a Igreja pode contemplar no rosto bondoso do Senhor, toda essa peleia imensa de santos e de santas anónimos na sua maior parte, mas cujo os nomes só Deus conhece porque estão inscritos no Livro da Vida.

Eis o Homem! É o desafio lançado a quem for capaz de olhar para além do momento presente e de adivinhar, na dureza do sacrifício da Morte, a esperança da vida que renasce, a esperança da Ressurreição. Foi o desafio lançado aos discípulos que tanta dificuldade tiveram em reconhecer o rosto ressuscitado. É o desafio lançado pelo Senhor a Madalena, aos Apóstolos que pescam no lago, aos discípulos de Emaús, a Paulo na estrada de Damasco. É o desafio de renascer de novo, de reencontrar a alegria perdida, de recomeçar a vida como se tudo começasse agora. É o desafio a contemplar o rosto bondoso de Jesus, a promessa e a realidade do Espírito do Santo de Deus. É este o desafio, é este o convite, meus irmãos.

A salvação, a salvação de cada um de nós, acontece num encontro pessoal com este rosto de doloroso, triunfador, poderoso do Senhor Morto e Ressuscitado. A salvação não acontecerá para quem, uma vez na vida, não teve a coragem de cruzar o seu olhar com este olhar, de cruzar a sua vida com o desafio de Jesus Cristo. Muitos não o fazem por ignorância, mas há muitos que não o fazem por medo, por preconceito, por respeito humano, por falta de coragem de mudar, de agarrar com os braços purificados o caminho da dignidade da pureza e da fraternidade.

Eis o Homem! "*Não tenhais medo* - começou João Paulo II o seu pontificado - *abri as portas ao Redentor*" (João Paulo II, Homilia do início do seu pontificado, 22 de

outubro de 1978) e na Bula deste Ano Santo: *escancarai de par em par os vossos corações a um encontro renovado e mais profundo com Jesus Cristo*.

Ano Jubilar só será ano de júbilo, se for ano de redenção. E só será ano de redenção se cruzarmos o nosso olhar com aquele olhar doloroso, mas bondoso do Senhor que sofreu por nós.

E que Maria nossa Mãe, e Mãe de Jesus, verdadeira Mãe da Igreja, como João Paulo II nos revelou recentemente a 13 de maio, tão profundamente comprometida com o drama humano deste século, com a esperança de salvação deste século que agora termina.

Que Maria, Mãe bondosa, nos pegue, nos levante o nosso rosto tímido e duvidoso, nos ajude a cruzar o nosso olhar com o olhar dele porque ela vai dizer ao íntimo coração de cada um de nós, o que disse aos convidados de Caná, tende confiança, *"fazei apenas o que ele vos disser"* (Jo 2, 5).

3.4.6. 2001: D. Sean Patrick O'Malley, Bispo de Fall River, Estados Unidos da América

Suporte Arquivo RTP - AC010486AD

Is 52, 7-10

Ap 1, 4-6

Jo 18, 33-38. 19, 1-5

Vossa Excelência Reverendíssima, D. António Sousa Braga, Bispo de Angra;

Vossa Excelência Reverendíssima D. Aurélio, Bispo demissionário;

Mons. Agostinho Tavares;

Queridos sacerdotes, religiosos;

Distintos membros do governo;

Membros da Irmandade do Santo Cristo;

Caríssimos, irmãos e irmãs;

Devotos de Senhor Santo Cristo.

Recebei um forte abraço de vossos irmãos na fé que lá moram em Fall River, mas que vivem muito unidos a todos vós aqui nas ilhas.

Para mim presidir nestas Festas tão queridas é uma alegria imensa e uma honra inestimável. Devereis saber que eu, sendo de origem irlandesa, sou muito amigo da chuva e, assim, sinto-me em casa hoje em Ponta Delgada com esta abundância de água benta.

Em 1963, eu estava na Irlanda quando o Papa Paulo VI foi coroado e quando o presidente John Kennedy, primeiro presidente americano católico e de origem irlandesa, estava de visita à Irlanda.

Foi uma festa em grande: a bandeira papal, bandeira americana, e a tricolor irlandesa estavam desfraldadas em todos os postes de telefone. Na aldeia onde eu estava organizaram um *Te Deum* solene. Toda a aldeia se juntou na igreja, como fazemos lá: homens de um lado, as mulheres de outro lado. Depois das orações o prior e o magistrado fizeram os seus discursos nos quais foi proclamada uma amnistia geral para

todos os presos da prisão local em honra da consagração do Papa e da visita do Presidente. Foi-nos dito que, quando os sinos replicassem, as portas da prisão seriam abertas. Eu fiquei muito impressionado. Só mais tarde soube que, nos últimos 40 anos, não tinha havido presos. O presidente de Câmara tinha mandado a polícia recolher os poucos bêbedos na zona e pô-los atrás das grades para que estivesse alguém preso para a amnistia.

Quando eu era padre em Washington, trabalhando com emigrantes, 80% dos meus paroquianos estavam ilegais, ou seja, sem documentos. Vivíamos todos na esperança ardente de uma amnistia.

Mas a grande amnistia, a única amnistia, é o Sacrifício de Cristo que pagou a nossa dívida, que avançou sobre a bala para nos salvar. Pelas Suas chicotadas fomos salvos. Nesta preciosa Imagem do amor de Deus Encarnado, no rosto de Senhor Santo Cristo, deslumbra-nos o amor sacrificial de Cristo que nos salvou do pecado e da morte.

Do Getsémani, Jesus foi a casa do sumo-sacerdote, logo ao pretório de Pilatos. Trata-se de um breve entreato, entre a condenação e a execução, que, como tal, passa facilmente inobservado na leitura das narrativas da Paixão e, entretanto, está pleno de significados. Os Evangelhos contam que depois de ser entregue às mãos de soldados para ser crucificado, estes conduziram Jesus ao pátio e convocaram toda a coorte para um espetáculo: *"vestiram-No de púrpura e, depois de ter entrelaçado uma coroa de espinhos, puseram-na sobre a cabeça, depois puseram a sauda-Lo: 'salvé ó rei dos judeus'. E batiam-Lhe na cabeça com uma cana. Cuspindo e dobrando os joelhos prostraram-se diante dele"* (Mc 15, 17-20). Podemos ver Jesus neste momento quando Pilatos apresentou: *Ecce homo! "Eis o homem!"* (Jo 19, 5). Da cabeça do Senhor escorrem gotas de sangue a que se misturam as lágrimas que escorrem dos olhos, em pranto quase desfeito. Mas percebe-se imediatamente, fitando-o, que não está chorando por si mesmo, mas por quem o fita. Chora por nós. Ele mesmo, aliás diria, às mulheres: *"não choreis por mim"* (Lc 23, 28). Ele tem a boca entreaberta, como quem respira a custo, e é preso de uma angústia mortal. Sobre os ombros, pende um manto pesado e surrado. Baixando mais o olhar, depare-se os pulsos atados com várias voltas de uma corda grosseira. Numa das mãos puseram uma cana, símbolo zombeteiro da sua realeza. Jesus não pode mover sequer um dedo. É um homem reduzido à impotência mais total, imobilizado.

Quando me detenho a contemplar esta Imagem do Santo Cristo, especialmente ao pregar a palavra de Deus, minha alma enche-se de pejo, porque a olho à distância que medeia entre mim e ele. Eu o servo, livre para caminhar, fazer e desfazer, e ele o Senhor preso e agrilhado. A Palavra entre a cadeia e o mensageiro em liberdade. Há uma intimidade com o Senhor Santo Cristo que só assim se alcança, abraçando-se a ele. Rosto na hora da sua, e nossa, ignomínia, carregando, também nós, o opróbrio de Cristo.

Há muitas pessoas que a doença, ou a invalidez, reduziu a uma imobilidade semelhante à de Cristo no pretório e que passa vida numa cadeira de rodas, ou sobe um leito. Jesus revela a secreta grandeza dessas vidas, se vividas em união com ele.

Eis aqui o homem! Olhai Jesus, mas é Jesus que também nos está a olhar. Lembrai o que nos diz o Evangelho que fala no Pedro que procurava seguir Jesus de longe. Jesus, surpreso, olhou Pedro e tocou seu coração. Pedro, por cobarde, negara Jesus três vezes, mas o quando Senhor, voltando-se, fitou Pedro, Pedro tendo saído chorou amargamente (Cf. Lc 22, 61-62). O olhar de Cristo transpassou-o de parte a

parte e o transformou. Estas palavras do Evangelho fazem-me pensar numa cena: imaginem dois prisioneiros num campo de concentração. Um deles és tu, que tentaste fugir sabendo que, por isso, te seria infligida a pena de morte. Em tua presença o teu companheiro é culpado em teu lugar e ele cala. É torturado em tua presença e ele cala. E quando, finalmente, o estão a levar ao lugar da execução, só por um momento, volta-se e te olha em silêncio, sem sombra de censura. Voltando para casa poderias ainda ser o mesmo que antes, podias esquecer aquele olhar? Quantas vezes a ouvir falar, ou mesmo falando, da Paixão de Cristo, fitando esta Imagem de Senhor Santo Cristo, repeti a mim mesmo aquele famoso verso da Divina Comédia: *"e se não choras, de quê chorar costumás?"* (Dante Alighieri, *Divina Comédia*, Canto XXXIII, 42).

Eis o homem! Jesus é Deus, mas também homem. Ele é o homem, o Novo Adão, o Filho do Homem. Jesus tinha profetizado o seu destino. S. Marcos escreve que Jesus começou a ensinar-lhes que o *"Filho de Homem tinha que sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes, pelos escribas, ser morto e ressuscitar depois de três dias e dizia-lhes claramente estas coisas. Então Pedro, desviando-se um pouco, começou a repreendê-lo. Mas, Jesus voltando-se, e olhando para os discípulos, repreendeu Pedro dizendo: Sai da minha frente Satanás, porque não aprecias as coisas segundo Deus, mas segundos os homens"* (Mc 8, 31-33). Todavia, esta reação manifesta também a nossa incapacidade de compreender o mistério de Deus, como Ele se manifesta na pessoa de Jesus Cristo. Enquanto a revelação de Deus em Jesus fora em, certo sentido, uma revelação do sucesso, e se manifesta na cura dos doentes, todos estavam de acordo. Quando, ao contrário, Jesus se manifesta como o homem justo que deve enfrentar a morte, então o medo invade-nos. Porquê? Os discípulos compreendem que, se algo semelhante acontecer ao mestre, o futuro deles não pode ser tranquilo.

Ora, empenhar-se pela justiça, pela bondade do Pai, não é fácil, não garante o sucesso imediato, especialmente se o empenho é feito com as armas de Jesus, ou seja, com o amor, a reconciliação, o perdão, a confiança na persuasão, na disponibilidade. Mas Jesus não aceita correções neste ponto, não aceita que as pessoas tenham do Filho do Homem uma imagem gloriosa ou fácil, a imagem do caminho sem estorvos.

Se Deus se torna disponível ao homem, no amor em profundidade, este em profundidade deve ser saboreado em todas as suas consequências. E as consequências persistem, precisamente, em não ser acolhido, mas em ser rejeitado e condenado à morte. E é justamente na disponibilidade, ante estas proporções, que Jesus manifesta, na Sua realidade humana, a disponibilidade de Deus para com o homem: a escolha incondicional que Deus faz de amar o homem até ao fim. A união de Cristo com o homem é, assim mesmo, um mistério do qual nasce o Homem Novo, chamado a participar na vida de Deus. Ele é criado novamente em Cristo até à plenitude de graça e da verdade. A união de Cristo com o homem é a força e a fonte de sua força. Jesus, ao aceitar o mistério de sua Morte, indo até ao fim por nós, manifesta-nos o amor de Deus que é a vida e assim a morte não é a última palavra, a última palavra é a Ressurreição e a Vida. Os discípulos que, forem incapazes de compreender a Morte de Cristo não poderão compreender o poder da Sua vida. E cada um de nós, quando procurar afastar a imagem de humildade de Deus em Jesus, quando não aceita concretamente na própria vida, está a rejeitar a oferta de Vida que Deus lhe está a fazer.

É, pois, necessário abrir os olhos e captar da meditação de Cristo que vai para a morte, a manifestação do amor e da vida que nos são dados pelo poder de Deus. Nossa vocação cristã é imitar o Senhor Santo Cristo e nisso seremos Seus discípulos. Hoje

escutámos, uma vez mais, no Evangelho as palavras de Pilatos que diz: *"Eis o homem!"*. Fitemos o rosto de Jesus!

Santa Teresa de Ávila, na biografia, escrevera sobre a sua própria conversão. Ela caminha pelo convento e viu uma imagem do *Ecce Homo* na parede. Tinha visto a imagem mil vezes, mas nesse dia viu de verdade o rosto de Jesus num momento de sua Paixão, quando o povo gritava: *"Seja crucificado!"* (Mt 27, 22). Esses gritos causavam mais dores a Jesus que os espinhos e os açoites. Como dizia São Francisco: *"O Amor não é amado"*. Quando Teresa olhou esta Imagem vislumbrou o grande amor de Jesus que sofreu tudo para nos salvar, apesar de nossa indiferença. Aquele momento de graça amoleceu seu coração e Teresa de Ávila, uma freira medíocre e fria, transformou-se em Santa Teresa, uma mulher inflamada pelo amor de Deus.

Hoje nós estamos perante a mesma Imagem do Santo Cristo, que temos visto mil vezes. Hoje queremos olhar com fé e arrependimento e ver como se fosse a primeira vez a Cristo.

Eis o homem! Eis o homem! Homem Deus! O Santo Cristo! Eis o Amor!

A observância dos Evangelhos permite-nos saber que a santidade de Jesus não é somente um princípio abstrato, uma dedução metafísica, mas uma santidade real, vivida momento a momento nas situações mais concretas da vida. As Bem-aventuranças, para dar um exemplo, não são somente um belo programa de vida que Jesus traça para os outros, é a Sua própria vida e Sua experiência que Ele revela aos discípulos, chamando a entrar na Sua esfera de santidade. Ele ensina aquilo que faz, por isso pode dizer, *"aprendei de mim que sou manso e humilde de coração"* (Mt 11, 29).

Como se vê, a santidade de Cristo resulta de dois elementos: um negativo, que é a absoluta ausência de todo o pecado e um positivo, que é a constante e absoluta adesão à vontade do Pai. Jesus é santo e chama os seus discípulos a serem santos. A Boa Nova é que somos santos porque a santidade de Cristo é nossa também. São Pedro tem escrito: *"como é Santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos, em toda vossa maneira de viver. Pois está escrito, sereis santos porque Eu Sou Santo"* (1 Ped 1, 15-16).

São João, tanto no seu Evangelho, como nas suas cartas, começa por identificar as palavras Deus e Amor. Ambas as expressões são para ele como uma estrela e outra estrela, contém o mesmo fogo. Se dizemos que *"Deus é Amor"* (1 Jo 4, 8), podemos concluir que *"onde está o amor, aí está Deus"* (Hino da Liturgia de Quinta-feira Santa). Seguindo o mesmo rumo, podemos chegar a outra conclusão: onde não há amor aí, não está Deus e onde não está Deus não pode haver amor. *"Se alguém disser eu amo Deus mas odiar o seu irmão é um mentiroso. Como será possível amar Deus se não se ama o irmão a quem se vê. Dele temos este mandamento: quem ama Deus, ame também o seu irmão"* (1 Jo 4, 20-21).

Os redimidos, cheios de amor, de emoção e de agradecimento, chegam decididamente a esta conclusão: se Deus nos amou desta maneira, também devemos amar-nos uns aos outros.

Este amor, vivido pelos irmãos no meio do mundo, será a pedra de toque e o argumento palpável de que Jesus é o enviado do Pai e de que está vivo no meio de nós.

Quando as pessoas observam um grupo de irmãos cristãos, e eles os veem unidos numa feliz harmonia, vislumbam o rosto de Cristo. Jesus diz que a lei que resume todos os mandamentos e a todos contém, é a seguinte: ama a Deus e ama o teu irmão.

Vê na Imagem do Santo Cristo, Homem Deus, que sofre os insultos, a coroa de espinhos e a Cruz para nos salvar, para nos dar um exemplo. Aprender o amor e a santidade de Cristo é o propósito da nossa Festa.

Crer neste amor é a primeira operação da fé. A fé livra-nos da ideia absurda de vivermos sem nascer ou de nascer sem Pai, acaba com a nossa solidão, liberta-nos da angústia de existir sem razão. Somos feitos por amor e para o amor!

A nossa Imagem do Santo Cristo fala-nos do amor que Deus nos tem. Enviou-nos Cristo para revelar o Seu amor e para nos ensinar como amar.

Deus não é o eterno silencioso de que alguns se queixam, Deus fala. São Paulo diz que depois de Deus se ter manifestado pela palavra dos profetas, nos falou pelo Seu Filho Jesus Cristo (Cf. Heb 1, 1-2), O qual quebrou os céus do mistério a nosso favor. Ele revelou o Pai, proclamou a Boa Nova, usando para isso gestos e palavras de homem.

Mas, a terrível grandeza de todo o homem é sua liberdade, sua liberdade de recusar o amor de Deus e poder recusar amar os seus irmãos conforme Deus exige. Se os nossos gestos não são inspirados pelo amor de Deus, é porque rosto de Cristo desapareceu da vista dos nossos olhos.

A nossa peregrinação, hoje, é para nos ajudar evocar Jesus, Morto e Ressuscitado. Não são a carne e o sangue, ou seja, não é a inteligência e a pesquisa humana que revela Jesus, quem o é o Pai que está nos Céus. (Cf. Mt 16, 17). O Pai não o revela aos curiosos, mas aos que ama, *"não o revela ao sábios e aos inteligentes mas aos mais pequeninos"* (Lc 10, 21).

Finalmente, deve-se amar Jesus porque só assim é possível cumprir a sua palavra e pôr em prática os seus mandamentos. *"Quem não Me ama, não guarda as Minhas palavras"* (Jo 14, 24). Isto quer dizer que não é possível ser cristão a sério, isto é, seguir concretamente os ditames e as exigências radicais do Evangelho, sem o verdadeiro amor por Jesus Cristo. *"Mesmo que alguém entregasse o corpo para ser queimado, mas se não tivesse Amor de nada serviria"* (1 Cor 13, 3). Sem o amor falta força para agir e obedecer. Pelo contrário, a quem ama nada parece impossível.

Os tesouros e tradições, que deslumbram nestas Festas do Santo Cristo, são sinais dos tesouros de seu amor, a única coisa que realmente importa. Como Marta, no Evangelho, estamos nervosos e preocupados por muitas coisas (Cf. Lc 10, 38-42). Que estas Festas do Santo Cristo ajudem-nos a concentrar numa só coisa precisamos: o amor de Cristo. E que nada, nem a tribulação, nem o perigo, nem a espada, nem a fome, nem a nudez, nem a morte, nem a vida, nem presente, nem futuro, nem qualquer criatura, poderá separar-nos do amor de Deus (Cf. Rom 8, 38, 39), que está em Cristo Jesus Nosso Senhor.

Que o Senhor Santo Cristo abençoe-vos todos e mantenha-vos no seu eterno amor. Ámen.

3.4.7. 2002: Cardeal D. José Saraiva Martins, Prefeito da Congregação da Causa dos Santos

Suporte Arquivo RTP - AC020653AD

Is 52, 7-10

Ap 1, 4-6

Jo, 18, 33-38. 19, 1-5

Excelentíssimo Senhor D. António de Sousa Braga, Bispo desta Diocese, e Don Aurélio;

Reverendíssimo Senhor Agostinho Tavares, Reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo;

Irmãos no sacerdócio;

Excelentíssima Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo;

Irmãos e irmãs em Cristo;

Devotos e devotas do Senhor Santo Cristo aqui presentes, ou que nos acompanham hoje na celebração desta Eucaristia por meio da televisão, pois esta Eucaristia é televisionada para as comunidades dos Estados Unidos da América e Canadá;

Para todos a minha mais cordial saudação.

Pontualmente, no Domingo que precede a Ascensão do Senhor, celebram os açorianos a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Todos os anos a repetem, num ritual próprio, a cujo cumprimento se vêm escrupulosamente atendo em sucessivas gerações. A fidelidade à tradição, já plurissecular, a conservação da Festa neste preciso Domingo, a despeito das reservas da Liturgia, e a extensão que a Festa tomou, multiplicando nas remotas paragens aonde o povo açoriano chegou e onde exprime a sua alma, tudo isto, meus queridos irmãos e irmãs, constitui uma comunhão de tempo e de espaço, que faz desta Festa algo de grande, de muito grande, para todos os açorianos.

Com efeito, mais que uma Festa ligada a um santuário, e mais que uma festa patronal de uma freguesia, ou cidade, a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres é a Festa de um povo. É o seu memorial, é a Festa que mais toca a alma dos açorianos, a que melhor exprime no seu todo, na sua religiosidade e mesmo identidade. É como o seu *ex-libris* nestas ilhas e mundo fora. É para mim motivo de grande alegria, como também uma grande honra, presidir esta Festa, aqui em Ponta Delgada.

Vim de Roma, daquela mesma Sede Apostólica, de onde há quase 5 séculos veio a veneranda Imagem, dádiva de um Papa às religiosas, que depois a trariam para este Convento da Esperança. Eu espero que a minha presença possa enriquecer esta Festa, alargando-a à comunhão da Igreja Universal que tem, precisamente em Roma, e no Santo Padre, o seu centro.

Os textos da Sagrada Escritura, que acabamos de ouvir, dão-nos um sentido religioso à Festa que estamos a celebrar, pois eles traduzem muito bem os sentimentos que nos vão na alma, as atitudes e os propósitos que devemos tomar e levar daqui.

Veneramos no Senhor Santo Cristo, mais do que uma imagem, Quem essa Imagem representa: o próprio Jesus, a Quem seguimos e que é o "*Caminho, a Verdade, e a Vida*" (Jo 14, 6) para todos nós. O Salmo responsorial exprime a nossa atitude, a atitude de nós, de cada um de nós, que aqui viemos, alguns de muito longe com grande sacrifício, para prestar culto a Deus, para pôr-se na sua presença e pedir-lhe que lhes ilumine: "*Fazei-me Senhor conhecer os Vossos caminhos, ensinai-me o Vosso rumo, dirigi-me na Vossa verdade*" (Sl 24, 4-5).

Viemos pedir-lhe graças e, muitos de nós certamente, agradecer graças recebidas. Pois, uma das graças de que mais precisamos hoje, neste mundo em que vivemos, é precisamente a luz da fé. Fazei-me, Senhor, conhecer os vossos caminhos. O Senhor, nesta Imagem que veneramos, dá-nos resposta, dá-nos a Sua luz.

É esta veneranda Imagem a representação do *Ecce Homo*, quando Pilatos apresentou à multidão Jesus flagelado e corado de espinhos, como que a querer inspirar sentimentos de compaixão. A imagem do Santo Cristo representa e faz-nos reviver aquele memorável diálogo entre Pilatos e Jesus e o povo de Jerusalém, diálogo sobre a realeza de Cristo. Uma realeza verdadeira e original, mas muito diferente da realeza deste mundo. Uma realeza rejeitada, mas que se converte em única estrada de Salvação. O Evangelho, que nos foi proclamado, reproduz esta cena. A primeira e a segunda leitura como que lhe fazem eco.

Caríssimos irmãos e irmãs, deixemo-nos iluminar por esta cena e pela mensagem que deriva desta Imagem.

Queremos conhecer o caminho da salvação? Ei-lo: *Ecce Homo*. Eis o nosso Caminho, a nossa Verdade e a nossa Vida. Eis o nosso Rei! O Rei daqueles que são da Verdade e que escutam a sua voz, como vimos no Evangelho que nos foi lido.

Eis a verdadeira mensagem de salvação proposta a todas as nações e levada pelos graciosos mensageiros a todos os confins da terra, como reza a primeira leitura do livro do Profeta Isaías.

Eis a revelação feita às igrejas, a verdadeira profecia que dá felicidade, graças e paz, pois o Jesus que nos é apresentado, o *Ecce Homo*, "*é Aquele que é, que era e aquele que há de vir*" (Ap 1, 4), como nos lembra a segunda leitura do Apocalipse. Pois, em nenhum culto há salvação, nem existe debaixo do céu outro nome por qual possamos ser salvos (Cf. Act 4, 12), como lembram os Actos dos Apóstolos.

Aparece-nos flagelado, corado de espinhos, sujeito a sofrimento e à humilhação, incompreendido e recusado, mas não há outro. Foi precisamente através da Cruz que ele chegou à Luz. Ele é a "*pedra rejeitada que se tornou pedra angular*" (Act 4, 11).

Mas já não é Pilatos quem hoje nos apresenta a Jesus. É próprio Jesus que se nos apresenta. Mais do que *Ecce Homo*, é o *Eis me aqui*. E é nessa perspectiva que devemos acolher a sua Imagem e quem a representa.

O Senhor Santo Cristo saiu da sua clausura e veio até nós. Apareceu ontem, aqui no adro do convento, numa aparição que suscita tanta e tanta emoção. Fica a sua Imagem à nossa vista durante estes dias de Festa e esta tarde percorrerá as ruas da cidade. Pois bem, recebamo-lo! Ele se apresenta e nós, seus vassalos, ovelhas do seu rebanho, ouçamos a sua voz! Compreendamos e acatemos a sua mensagem, que é uma mensagem de amor e de paz. Só assim esta Festa atingirá os seus verdadeiros objetivos.

Mais do que o sentimento de compaixão, que Pilatos procurava suscitar na multidão, esta Festa provocará em todos vós sentimentos e propósitos de conversão. Conversão ao nosso Rei, conversão à sua verdade. É o Senhor Santo Cristo, dominação que outrora, na época dos descobrimentos, davam ao Senhor Crucificado, ou à representação de Jesus na Paixão. A Imagem está a lembrar-nos o caminho da Santa Cruz. O Santo Cristo vem lembrar-nos que não podemos salvar-nos prescindindo desse caminho. A estrada que leva aos Céus é apertada: *"se o grão de trigo lançado à terra não morrer, fica só, mas se morrer dará muito fruto"* (Jo 12, 24), diz-nos ele no evangelho. Esta é a verdade que irradia do *Ecce Homo*. É um dado da apresentação que faz de si mesmo aos homens de todos os tempos e, de modo particular, eu diria, aos homens de hoje.

Queridos irmãos e irmãs, é o Senhor Santo Cristo dos Milagres. Consta que a sua procissão nasceu num momento de particular aflição para a gente desta ilha, quando terramotos e convulsões da natureza metiam em perigo as suas vidas. Daí o acrescento dos milagres, Nosso Senhor dos Milagres.

Na devoção a Santo Cristo dá-se muito espaço ao pedido e à promessa. É compreensível que assim seja, é próprio da religião fazer apelo à transcendência de Deus e, por conseguinte, à nossa condição de criaturas. A procissão de Senhor Santo Cristo, com o seu cortejo de penitente e promessas, está a recordar-nos esta condição. É a representação ao vivo do *"pedi e recebereis"* (Mt 6, 7), do *"sem mim nada podeis fazer"* (Jo 15, 5), do *"não tenhais medo, porque eu estou convosco até ao fim dos tempos"* (Mt 28, 20).

A Imagem do Senhor Santo Cristo traz-nos, também, à mente uma outra ideia forte da nossa fé, o amor imenso que Deus nos tem. Eis o outro elemento da apresentação que Jesus faz de si próprio. Esta Imagem sofredora está a recordar-nos o quanto Deus nos ama. Amor maior do qual não existe, amor todo-poderoso, como convém a Deus que é pai e que é Amor. Amor misericordioso, próprio de quem deu tudo por aqueles que ama, *"Deus amou tanto o mundo que entregou o Seu Filho Unigénito para que o mundo seja salvo por Ele"* (Jo 3, 16). *Entregou o Seu Filho Unigénito*. Entregar, neste passo, significa sacrificar, dar a vida, pois *"ninguém tem maior amor do aquele que dará a vida pelos amigos"* (Jo 15, 13) e Jesus deu a vida por todos, não só pelos amigos, como também pelos inimigos, por todos. Di-lo São Paulo na sua Carta aos Romanos: *"Cristo morreu por nós quando ainda eramos pecadores"* (Ro 5, 8), ou seja, inimigos de Deus. A Imagem de Santo Cristo é expressão eloquente desse amor, porque é a expressão do grande sofrimento de Cristo por nós. Por isso, o nosso coração se enche de alegria ao contempla-la. Deixemo-nos inundar dessa alegria, sem medo. O Senhor na sua Imagem convida-nos a acreditar no seu amor. Convida-nos a beneficiar dele e a ser suas testemunhas num mundo, como é o nosso, tão ferido por odio, desavenças e guerras. O Senhor Santo Cristo vai percorrer hoje os nossos caminhos, falando do amor que redime e liberta, convidando-nos à verdadeira alegria, à alegria do Mistério Pascal.

Eis, queridos irmãos e irmãs, a grande mensagem desta Festa. Eis o Senhor Santo Cristo, o Santo Cristo dos Milagres que é, como dizíamos, a melhor expressão do amor de Deus para connosco. Acolhamo-lo, tragamos nas nossas vidas, e na vida de

cada dia, os valores que a sua Imagem e sua Festa nos propõem. Seja ele o nosso Rei, o único Rei. A sua palavra guie sempre os nossos passos. O seu sofrimento dê sentido e fecundidade ao nosso sofrimento. A sua prova de extremo amor nos transforme em verdadeiros mensageiros, do mesmo amor. Acolhamos o seu Reino e tornemo-nos seus construtores, nas nossas vidas e no ambiente à nossa volta.

Senhor Santo Cristo dos Milagres abençoei esta cara comunidade eclesial de São Miguel, abençoei todo o nobre povo açoriano, todo o povo destas ilhas, espalhado por todo o mundo, para que ele seja sempre o teu povo.

Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo.

3.4.8. 2003: D. Arquimínio da Costa Rodrigues, Bispo Emérito de Macau

Suporte Arquivo RTP - AC031072AD

Is 42, 1-7

Filip 2, 6-11

Jo 15, 9-13

Caríssimos irmãos no episcopado;

Reverendos sacerdotes;

Reverendos diáconos

Excelentíssima Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo;

Caríssimas irmãs e irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Através da muda eloquência da Sua Imagem, o Senhor Santo Cristo fala-nos do sentido e do valor do sofrimento. Mas não é apenas deste modo que a sua linguagem chega até nós, é também e sobretudo através do seu Evangelho e da sua vida, toda ela marcada pelo sinal da Cruz.

O Senhor Santo Cristo fala-nos do sofrimento, não como um espetador, mas como Alguém que assumiu a dor humana e dela nos fala a partir da sua experiência pessoal. Por isso, ele é, por antonomásia, o "*Homem das Dores*" (Is 53, 3). Todavia, sendo ele, não só verdadeiro Homem, mas também verdadeiro Deus, a sua dor tem uma profundidade que escapa à nossa compreensão.

Neste contexto, poderia alguém perguntar: para quê tanta dor? para quê a própria morte, e que morte? Se para nossa Salvação bastaria um simples suspiro do Homem Deus. Sim, poderia bastar se nos limitássemos considerar, em termos absolutos, o mínimo necessário para a nossa Redenção. Mas já não bastaria se tivéssemos em conta que Deus é amor e que o amor perfeito leva ao dom total de si mesmo. Não bastaria, portanto, um simples suspiro como revelação do amor infinito de Deus. Não bastaria um simples suspiro se Deus nos queria realmente convencer da imensidade do Seu amor, porque a maior prova de amor consiste em dar a vida (Cf. Jo 15, 13).

Se Cristo nos tivesse redimido apenas com um suspiro, teria permanecido fora da redenção grande parte da realidade humana que é o sofrimento. A Encarnação teria sido incompleta e incompleta teria sido também a redenção, porque o que não foi assumido não foi redimido. E o Senhor não nos poderia falar a partir de dentro da nossa

situação marcada pelo sofrimento. Nem se poderia afirmar com verdade que ele se tornou semelhante a nós, em tudo menos no pecado. Numa palavra, praticamente quase toda a História da Salvação teria de ser mudada. Por estes motivos, tinha razão o Senhor Ressuscitado ao dirigir-se aos discípulos de Emaús nestes termos, *"não tinha o Messias de sofrer estas coisas - isto é a Paixão e a Morte - para entrar na sua glória?"* (Lc 24, 26). Estas palavras foram o início de uma lição de exegese bíblica, em que Jesus explicou àqueles dois discípulos o que lhe dizia respeito nas Escrituras.

Irmãos e amigos, o sofrimento ocupa um lugar tão importante no Evangelho que este, por vezes, é chamado Evangelho do Sofrimento. Tal expressão significa, não só a presença da Cruz na Boa Nova anunciada por Cristo, mas também a revelação do sentido cristão da dor humana.

À primeira vista poderá parecer estranho que se fale do sofrimento como do elemento constitutivo da Boa Nova. Como é que a Cruz pode ser uma boa notícia? Não em si mesmo, evidentemente, mas pelos bens inestimáveis que ela nos trás, já nesta vida, e nos promete para a eternidade. Sem esta perspectiva de vida futura, a dor humana, sobretudo dos inocentes, é o enigma indecifrável. Basta recordar o exemplo bíblico do Santo Job. Ele perdera todos os seus bens materiais, que eram muitos, perdera todos os seus filhos e filhas e por fim fora atingido por uma doença terrível, a lepra. Três amigos vêm confortá-lo, mas as suas palavras, ao invés de serem um alívio para o pobre inferno, tornam-se um peso insuportável. É que os três amigos defendem uma tese contrária às convicções de Job. E a tese é esta: Deus, sendo justo, não castiga os inocentes; portanto, tu Job, se foste castigado com tanto rigor, é porque pecaste. Job, por seu lado defende a sua inocência, não tem consciência de ter cometido faltas graves, pelo contrário acha que procurou sempre praticar o bem; por isso, não compreende a razão do seu sofrimento e queixa-se amargamente ao Senhor. Por fim, o próprio Deus intervém e dá razão a Job, os seus sofrimentos não são castigo de pecados pessoais, por ele cometidos; mesmo assim, o Senhor pergunta quem era ele para discutir com Deus, para o julgar e condenar? Job arrepende-se e penitencia-se no pó e na cinza. Eis, em resumo, o conteúdo deste livro do Antigo Testamento, que não é um relato histórico, mas uma criação literária destinada em colocar verdades religiosas. Para defender a justiça divina, o autor sagrado não encontrou outro modo senão terminar o livro com a cura completa de Job e a restituição de todos os seus bens, incluindo outros filhos e filhas em número igual aos que ele perdera. É evidente que, neste contexto, não entra a existência de uma vida futura; tal verdade ainda não tinha sido revelada quando foi escrito o livro de Job. Sê-lo-ia mais tarde, no segundo livro dos Macabeus, onde se fala de sete irmãos martirizados juntamente com sua mãe. Ai se encontra, pela primeira vez no Antigo Testamento, a fé na Ressurreição.

No Novo Testamento esta fé é ainda mais clara, graças à plenitude da revelação realizada por Cristo. Era neste contexto que Jesus falava da necessidade do sofrimento. Àqueles que o ouviam, ele dizia abertamente: *"se alguém quer vir após Mim, tome a sua cruz todos os dias e siga-Me"* (Lc 9, 23). Mas, juntamente com este convite vinha a promessa da eternidade feliz: *"bem-aventurados os que sofrem, bem-aventurados os que choram, bem-aventurados os perseguidos, porque deles é o Reino dos Céus"* (Mt 5, 3-10).

Na doutrina de Jesus é *"estreito e apertado o caminho que conduz à Vida"* (Mt 7, 14), mas vale a pena percorrê-lo, *"porque é grande nos Céus a recompensa prometida"* (Mt 5, 12). De facto, a quem segue a Jesus está prometido um cêntuplo

neste mundo e depois a vida eterna. Promessa magnífica que deve reconfortar os discípulos de Jesus no meio das amarguras da vida presente. No mundo, dizia o Senhor aos seus discípulos, *"tereis muito que sofrer mas tende confiança eu venci o mundo"* (Jo 16, 33). E o Senhor podia acrescentar: Comigo também vós o vencereis.

Irmãos e amigos, a certeza que, através da sua Cruz, o homem participa nos sofrimentos de Cristo, traz consigo outras certezas, todas elas portadoras de conforto para quem sofre. Uma delas é que, sofrendo, o homem completa na sua *"carne o que falta a Paixão de Cristo, com relação ao Seu Corpo que é a Igreja"* (Col 1, 24). Outra certeza é que o próprio Cristo está presente nos membros doloridos do Seu Corpo Místico, prolongando neles a Sua Paixão Redentora. Já dizia São Paulo, *"eu vivo, mas já não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim"* (Gal 2, 20). Parafraseando o Apóstolo podíamos dizer: eu sofro, mas já não sou eu que sofro, é Cristo que sofre em mim. Outra certeza, ainda, é que, aceitando e oferecendo o sofrimento pelos irmãos, o homem, mesmo que mais nada faça por eles, presta-lhes um serviço inestimável, a que se dá o nome de apostolado do sofrimento. Por isso, a Igreja vê em cada irmão e em cada irmã que sofre uma fonte de força sobrenatural. Quantas vezes os pastores da Igreja recorrem precisamente aos que sofrem e neles procuram ajuda e apoio.

O Evangelho do Sofrimento mostra que as fontes da força cristã brotam, paradoxalmente, do seio da fraqueza humana. É São Paulo quem no-lo diz, *"quando me sinto fraco, então é que sou forte"* (2 Cor, 12, 10). E ainda, *"comprazo-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo"* (2 Cor, 12, 9).

E para os que perderam a fé, será o sofrimento também para eles um caminho para o reencontro com Deus? Como resposta, apenas um exemplo: um célebre ateu francês, enquanto gozou de boa saúde, permaneceu inamovível na sua incredulidade, mas o Senhor queria reconduzi-lo a fé e para isso permitiu que ele fosse atingido por um cancro. Esta doença terrível, aliada à graça de Deus, fez com que ele, pouco a pouco, recuperasse a fé perdida. E foi tão grande a sua alegria ao reencontrar-se com o Senhor que, enquanto pode falar, repetia muitas vezes: "Bendito cancro que me trouxe de novo o meu Deus" e expirou com estas palavras nos lábios. Tinha razão aquele ateu convertido: Deus é um bem tão grande que nenhum preço é demasiado alto para o alcançar, mesmo que este preço seja um cancro, mesmo que este preço seja a perda da vida, no meio dos maiores tormentos. Que o digam os milhões de mártires cristãos imolados através dos séculos.

Irmãos e amigos, por mais que nos esforcemos, não conseguiremos evitar todo o sofrimento, façamos portanto de necessidade, virtude. Aprendamos a valorizar as agruras da vida repetindo nos momentos de angústia as palavras de Cristo no Jardim das Oliveiras: *"Pai não seja como Eu quero, mas como Tu queres"* (Mc 14, 36); *"Pai se este cálice não pode passar sem que Eu beba, faça-se a vossa Vontade"* (Mt 26, 42).

Esforcemo-nos por ver nas tribulações da vida, não apenas coisas ou pessoas que nos atormentam, mas por detrás delas o rosto Daquele que tomou sobre Si as nossas dores e enfermidades e nos convida a acompanhá-Lo. Assim, ser-nos-á mais fácil aceitar com e por amor o cálice que o Senhor nos oferece. E, se ele nos parecer muito amargo, lembremo-nos que mais amargo foi o de Jesus. De resto, são tão grandes os bens ligados ao sofrimento humano, unido ao de Cristo, que vale bem a pena aceitá-lo, tanto mais que revoltando-nos contra ele não conseguiremos suprimi-lo, mas apenas agravá-lo. Neste contexto seja-me permitida uma recordação pessoal: num país muito distante dos Açores, uma senhora, tendo perdido o marido na flor da idade, cortou

relações com Deus Nosso Senhor, deixando de frequentar a Igreja. E, a quem estranhava o seu procedimento, ela respondia revoltada: "Que mal fiz eu a Deus para ele me levar o meu marido?" Estas palavras e esta revolta mostram que aquela senhora ainda não tinha aprendido o abc do cristianismo. Ao fim e ao cabo, ela amava o marido mais que o próprio Deus, esquecia-se do primeiro mandamento que nos manda amar a Deus acima de todas as coisas (Cf. Mt 22, 36), portanto também acima do próprio marido. Ainda não tinha compreendido que o Reino dos Céus se alcança à custa de muitas tribulações. Ainda não tinha assimilado a sabedoria da Cruz que levava São Paulo a exclamar "*longe de mim gloriar-me a não ser na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*" (Gal 6, 14). Ainda não tinha compreendido o nexo entre as amarguras da vida presente e a futura felicidade que o Senhor nos promete. Uma coisa, porém, é certa: revoltando-se contra o sofrimento aquela senhora não conseguiu suprimi-lo, mas apenas exacerbá-lo, porque, com a sua revolta, fechou a porta ao conforto que lhe viria da fé da esperança e da conformidade com as disposições da providência. Que diferença entre a reação desta senhora diante da Cruz e a reação daquele ateu convertido ao qual há pouco referimos!

Senhor Santo Cristo não permitais que, pelas nossas revoltas e protestos, inutilizemos o grande tesouro que é o sofrimento.

Senhor Santo Cristo que o Vosso exemplo e a Vossa graça nos ajudem a compreender o valor da Cruz e a aceitá-la com fé e amor, na certeza que não há proporção alguma entre as breves tribulações desta vida e a futura glória que nos espera.

Senhor Santo Cristo fazei com que os enfermos e todos aqueles que sofrem, física ou moralmente, compreendam que não são pessoas inúteis, mas que aceitando e oferecendo as tribulações da vida, em união com a Vossa Paixão, são beneméritos da Igreja e da sociedade.

Seja louvado o Senhor Santo Cristo.

3.4.9. 2004: D. Aurélio Granada Escudeiro, Bispo Emérito de Angra

Suporte Arquivo RTP - AC040624AD

Deut 7, 6-11

Heb 4, 15-16. 5, 7-9

Jo 17, 1-11

Senhor Bispo de Angra e Ilhas dos Açores;

Dear Bishop George Coleman, Bispo da Diocese de Fall River e irmã da Diocese de Angra e sempre tão próxima;

Estimados padres;

Veneranda Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo Dos Milagres;

Amados irmãos aqui presentes nesse Campo de São Francisco, ou que pela comunicação social vos unis a quantos aqui estamos, devotos do Senhor Santo Cristo dos Milagres, vindo de todos os lados de São Miguel, das outras ilhas do arquipélago, do continente português, ou do estrangeiro;

Saúdo-vos cordialmente pela devoção que vos atraiu e vos conduziu a este Santuário para, todos juntos, louvarmos Jesus Cristo, o nosso muito querido Santo Cristo e, com Ele, darmos graças ao Pai.

Sede bem-vindos a este lugar santificado pela presença da veneranda Imagem, que tão profundamente nos fala de Jesus e atrai a contemplar o rosto do Senhor Santo Cristo. Bendito seja Deus que a todos nos une na mesma fé, no mesmo amor e na mesma devoção.

Mas quem é o Senhor Santo Cristo para nós? O Evangelho, acabado de proclamar, di-lo bem vivamente: ele é o Filho de Deus que se fez Homem e veio do Céu à terra para remir, salvar, todas a humanidade. Fez-se ele homem para que nos tornemos Filhos de Deus. O Senhor Santo Cristo veio dizer-nos que Deus nos ama. E de tal modo, que o seu Filho Unigénito se fez igual a nós em tudo, menos no pecado.

O Santo Cristo é Deus e é Homem. O Evangelho o repetia também. Jesus é a medida do homem, *Ecce Homo*, "*Eis o homem!*" (Jo 19, 5), disse Pilatos. Ele é o Homem por excelência. Cada pessoa humana, homem e mulher, foi criado à sua imagem e semelhança e ele é à imagem do Pai eterno.

Jesus Cristo, o Santo Cristo, é Homem, mas é também Deus. Onde ficasse só o homem, o homem desaparecia. Jesus é o Filho de Deus feito Homem. Eliminar Deus em Jesus Cristo não é descobrir o Homem Jesus, mas seria, pelo contrário, sufocá-lo, negá-lo.

Mas atentemos, irmãos, se Jesus é Deus, se nele Deus se fez Homem, então algo grandioso se passou verdadeiramente a partir da Sua Encarnação. Ele traz algo de novo ao mundo. O facto de Jesus ser Filho de Deus é que constitui o conhecimento maior do qual tudo depende. Deus entra na história humana por Jesus Cristo. Jesus Cristo é o fundamento, o centro, o sentido e a meta última da história humana. Deus, apesar de ser grande, infinito, não recusa entrar em contacto com o mundo. De facto, um Deus de quem o homem não pudesse aproximar-se, que se desinteressasse dos homens, não seria Deus. Mas também, se Deus não tivesse poder sob o mundo, só o homem, os homens, é que tivessem esse poder, e não quisessem obedecer a Deus e à Sua Lei, não nos restaria senão o desespero.

Jesus, o Santo Cristo, é verdadeiramente Filho de Deus, igual ao Pai em tudo, Senhor do Céu e da terra, acabamos de ouvir no Evangelho. Para o afirmar deram a sua vida milhares de Mártires, de ontem e de hoje. Dessa afirmação, o Filho de Deus, vivem os cristãos de todos os tempos. Viveis vós que aqui viestes. A vossa presença é, sobretudo, a afirmação que Jesus, sem deixar de ser Homem, é Deus verdadeiro. Por isso O louvamos, por isso O adoramos como Deus.

Felizes de vós que no Santo Cristo assentais a vossa esperança, como dizíamos, vós sois a minha esperança. Procurai viver a intimidade com ele, não vos limitando à festa exterior, sem dúvida importante.

Em Jesus Cristo, e por Jesus Cristo, é que tudo nos vem, a vida, a graça de Deus e todos os dons com que Deus nos enriquece. Ele é fonte da Vida Divina para todo o mundo, é o mediano único entre Deus e os homens. Jesus Cristo é o Único Salvador, não há outro. Nele e por ele temos tudo, sem Ele nada teríamos. Por Ele pertencemos a Deus, por Jesus Cristo pertencemos a Deus e pertencer a Deus é a nossa Salvação.

Jesus é nosso mestre, o modelo a seguir em cada dia da nossa vida. O mestre, o Senhor Santo Cristo, aprendamos com ele a fazer a vontade de Deus. Esta é a característica daquele que é Filho de Deus. Ao entrar no mundo disse Jesus: "*Eu venho*,

ó Pai, para fazer a Tua vontade" (Heb 10, 7). Roguemos ao Senhor Santo Cristo a graça de permanecermos sobre o domínio de sua vontade. É que, irmãos, a vontade Deus é o melhor que nos pode acontecer. E nós amamos a Deus, na medida em que fazemos a Sua vontade. Amemos cada dia mais e melhor o Senhor Santo Cristo, ele é o melhor amigo que nunca nos irá desiludir. Contemplemo-lo com fervor e amor e daremos graças por este Senhor da nossa vida, que cruza constantemente o seu olhar com o nosso olhar e nos faz, de cada vez, um renovado convite a amá-lo e a segui-lo.

Olhando para a sua Imagem, que hoje preside esta Eucaristia, vemos o Seu rosto ensanguentado, a sua cabeça coberta de espinhos, as suas mãos amarradas por uma corda e recordamos as palavras da Sagrada Escritura aplicados a Jesus, *"Ele que era de condição divina, aniquilou a Si próprio tomando a condição de servo"* (Filip 2, 6-7), de escravo. Mais ainda, *"tomou sobre Si a suas fraquezas, suportou as nossas dores, foi ferido por causa das nossas culpas, a fim de que, pelas Suas chagas fossemos curados"* (Is 53, 4-5). Salvou-nos da sua condenação, tudo suportando pelo nosso amor. Por cada um de nós, por mim e por vós, Cristo provou a Morte. Ele é o justo que se sacrifica pelos pecadores, para os conduzir a Deus. Desagravemo-lo pelos pecados do mundo inteiro.

A característica principal do culto ao Senhor Santo Cristo está, precisamente, nisto: contemplar as suas chagas e amá-lo mais por isso, mesmo desagrává-lo pelo desprezo a que se sujeitou, reparar pelos nossos pecados e pelos pecados do mundo inteiro.

Irmãos, onde outros o ofenderam, amemo-los nós mais. Onde outros o desprezaram, sigamo-Lo nós mais. Onde outros o esqueceram, lembremos nós, dando testemunho do seu amor. As joias com que embelezamos a sua veneranda Imagem, significam isso mesmo. Amemo-lo nós, em reparação das ofensas e dos ultrajes que lhe são dirigidos. Seja a nossa devoção verdadeiro culto de amor reparador, de desagravo. Possa ele contar sempre connosco, com a fieldade do nosso amor. Ele é o nosso Rei, nós somos os seus - os seus! - ser dele e não de outro. Pela fé se chega a Jesus, nele se acredita, e acreditar nele é fazer a sua vontade, uma vez mais lembro.

Infelizmente, não falta quem se envergonhe de professar diante os homens a sua fé em Jesus Cristo, ainda que participe nas Festas em seu louvor. A fé conduz à obediência aos mandamentos divinos. E não falamos por agora daqueles que pela frente aparecem todos sorridentes, até nas Festas do Senhor, mas por trás vão minando, a hipocrisia que importa desmascarar. Não nos iludamos, a verdadeira fé levou a que, no correr dos tempos, se enriquecesse com valiosas joias a Imagem do Senhor Santo Cristo. E vale a pena sublinhar que o facto do Santo Cristo possuir essas joias, em nada prejudica os pobres. É que quem oferece essas joias ao Senhor, é porque ama verdadeiramente o Senhor e só quem ama a Deus verdadeiramente é que se dispõe a amar e a ajudar os pobres. Aqueles que, por ventura, lamentam a riqueza do Senhor ficam sempre e só em palavras a favor dos pobres, sem chegar a ajuda que eles necessitam. E têm de ser os devotos do Senhor Santo Cristo a socorrer os mesmos pobres, não nos iludamos.

O Senhor Santo Cristo, Jesus Cristo, é o maior dom de Deus ao mundo, da *"sua plenitude todos nós recebemos graça sobre graça"* (Jo 1, 16). Ele dá-nos o Espírito Santo, o Senhor Espírito Santo, que santifica, que alegra, que une uns aos outros, que nos faz participantes da vida do próprio Deus. Dá-nos Maria Santíssima, sua Mãe, por quem ele veio ao mundo e que para ele nos encaminha cada dia. Dá-nos a Santa Igreja e

nela a sua presença, o seu sacerdócio, os Sacramentos e, em particular, a Eucaristia que devemos estimar muito e nunca faltar à Missa ao Domingo. Dá-nos a eternidade feliz, se lhe formos fieis.

Por isso, Jesus, o Santo Cristo, é o caminho a seguir por cada um. Ele é a verdade que ilumina, ele é a vida que não acaba, ele é a medida do homem perfeito que nos honraremos de procurar ser ele.

Ele, o Santo Cristo, é o que chama os melhores, os mais generosos, ao sacerdócio. Roguemos-lhe, hoje, que dê muitos e santos sacerdotes à sua Igreja.

O Santo Cristo é a maior riqueza do Açores, quer o evoquemos como Santíssimo Salvador, padroeiro da Diocese, quer como o Bom Jesus Milagroso, no Pico, quer como Senhor Santo Cristo. Ele é sempre a nossa maior riqueza. É o amigo que não desilude e sempre nos escuta.

Por tudo isto, dar a conhecer o Santo Cristo, constitui também para nós o mais belo encargo e dever de cada açoriano, de cada devoto seu. Encargo que, por certo, gostosamente assumiremos: dar a conhecer o Senhor Santo Cristo. Procuremos, pois, ser dignos dele, imitá-lo, jamais o atraçando, ou esquecendo. A verdadeira devoção mede-se pelo esforço de imitação e pela fidelidade. Esforcemos por dá-lo a conhecer, tomemos a peito levar o seu nome, o seu rosto, a notícia dos seus milagres e o perfume e dinamismo do seu Evangelho aos quatro cantos do mundo.

Aqueles que hoje também nos acompanham pela rádio e pela televisão, a quem nós muito estimamos e temos no nosso coração, o Santo Cristo é o companheiro do dia-a-dia, alento na dor e na separação, a todos ele quer salvar, a ninguém esquece. Seja ele o conforto na hora da nossa morte.

Senhor Santo Cristo dos Milagres, mil graças vos sejam dadas por tanto nos amardes. Mil graças pelos inúmeros benefícios sobre esta terra que vos pertence e derramais continuamente.

Desça a vossa bênção, Senhor Santo Cristo, sobre quantos aqui se encontram, vindo de perto, ou de longe, sobre as suas famílias e sobre todos aqueles que neste momento estão unidos a nós, neste louvor à vossa glória.

Olhai com ternura para todos os que sofrem no corpo, ou na alma, e a vós confiam.

Socorrei os pobres, os que vivem sozinhos, desprezados, ou abandonados e não têm quem lhes valha.

Dai à vossa Igreja santos sacerdotes e dedicadas vocações de consagração.

E o vosso olhar de misericórdia desça sobre os que vivem afastados de vós. Saibam esses também confiar no vosso amor e no vosso perdão, decididos a voltar a vós.

E quando chegar a nossa última hora, estai connosco Senhor e abri-nos as portas do paraíso para o encontro que nunca mais terá fim.

Assim seja, assim seja.

3.4.10. 2005: D. Serafim Ferreira da Silva, Bispo de Leiria-Fátima

Suporte Arquivo RTP - (CD cedido pela RTP Açores sem referencia do suporte de arquivo)

Is 49, 1-6

Ap 1, 5-8

Jo 14, 18-23

Senhores Bispos;

Irmãos sacerdotes e diáconos;

Excelentíssimas autoridades;

Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres;

Confrarias, Associações, nomeadamente os Bombeiros Voluntários;

Cantores, escutas;

Irmãs e irmãos em Cristo.

Saúdo-vos com muita amizade neste grande dia de Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, São Miguel, Açores, desejando-vos boas festas.

Hoje é também dia do trabalhador, 1 de maio. Em frente vejo um monumento aos emigrantes portugueses, açorianos, um pouco por todo o mundo, não apenas lutando pela vida, mas testemunhando a força a alegria do evangelho.

É também dia da mãe, presto homenagem, saúdo, felicito todas as mães. E recordo a Mãe da Igreja. Vim de Fátima, perguntei à Mãe do Senhor Santo Cristo dos Milagres se queria que eu trouxesse algum recado, apenas me disse uma palavra: *coragem*. E ontem tive a oportunidade de falar de mais duas palavras, ou seja, *fidelidade* e *felicidade*. Para ser feliz é necessário ser fiel e comentei que as duas palavras têm as mesmas letras, sobeja apenas uma inicial da palavra *coragem*. Então, a todos vós, aos que estão no estrangeiro - a Igreja não tem fronteiras, não há estrangeiros, mas as nações agrupam-se em estados bem organizados e daí que diferenças de língua, de cultura - as dificuldades podem fazer saudade e causar sofrimento. E o Senhor Santo Cristo dos Milagres vem dar razões às privações, às contrariedades, ao sofrimento consentido não apenas de purificação de redenção, mas também de comunhão.

Eu não vim falar do Senhor Santo Cristo dos Milagres, porque vós conheceis melhor que eu.

Agora, na igreja de São José, lembrei Monsenhor Maia, que me recebeu aí em 1967. E fui pensando nos muitos açorianos que fui conhecendo. Em 1940 pude ver na minha terra, não de origem mas de residência, São Mamede de Coronado, duas irmãs que foram daqui. Mais tarde, em Roma, em 1954, conheci estudantes, padres. Ontem pude ver um colega deste tempo. Já em 1961 pude conviver, durante 9 anos, com um filho desta terra, Doutor Candelária. Esta manhã tive a alegria de ver outro filho daqui, que trabalhar em Lisboa, que eu conheço e admiro há muitos anos, Senhor Cónego Rego. Conheci muitas personalidades.

Sei que as nove ilhas dos Açores são alfobre de vocações sacerdotais, missionárias, religiosas. Sei que há muitos açorianos no mundo das letras, das artes, da política. A todos os saúdo, felicito. A eles presto homenagem.

Sei que pode haver tentações são da condição da humanidade. Mas sei que a Oceaniridade - ou como é que se chama - a Açorianidade - assim é que deve ser - que é

a Lusitanidade, a Portugalidade - está em congresso nestes dias aqui mesmo, em Ponta Delgada, faz vir ao de cima, ainda mais depressa que o azeite, que é bom senso, que é o sentido de quem está, que é a beleza de viver, a força, a coragem de testemunhar essa coerência de vida.

Eu não vim para comprar registos, nem tão pouco para fazer, ou cumprir alguma promessa, mas impressiono-me ao ver a religiosidade sincera desta gente e por isso eu vos digo obrigado.

Também não vim para visitar mosteiros, ou ermidas. Já pude ver casas antigas, grandes, abandonadas. Também já pude ver apartamentos com muita gente. Posso ver agora aqui o Forte de São Brás. E, pensando comigo, posso dizer em voz alta, não precisareis de vos defender dos piratas ou corsários, mas podereis atrair turistas, não os afastar, mas pelo contrário, testemunhando, acolhendo bem. Não tragam drogas, mas tragam dólares, sobretudo tragam partilha da amizade, porque a mobilidade humana é da sua condição e pode ser uma riqueza, um poema. Este é o desafio para o povo açoriano.

Eu não vim para fazer sermão, vim para estar convosco e rezar, e agradece-vos esta força da fé que me faz ainda mais sacerdote, por conseguinte, mais cristão e mais cidadão. Dou graças a Deus.

Ouvimos uma primeira leitura, que foi pronunciada pelo Provedor da Irmandade - e aproveito para lembrar que esta Irmandade já tem séculos. 1765, um bispo de nome António Caetano Rocha, e na sua pessoa saúdo os outros 38 bispos, recordo também que fui crismado por um bispo que aqui trabalhou, António Augusto Castro Meireles, 1942, recebi das mãos dele a unção crismal - então o Provedor leu um pedacinho, de um texto bíblico, de Isaías, o segundo Isaías - digo assim porque depois já do exílio de babilónia, então a linguagem bíblica, simbólica - diz assim: *"Ó povos de todas as ilhas ouvi, escutai-me, o Senhor Deus fala dentro de mim, conhece-me desde o ventre materno, pronuncia o meu nome, chama-me, ama-me"* (Is 49, 1). Este texto, que é um poema, é também uma mensagem.

Eu não sei se é na segunda, na terceira, ou na quarta semana, mas sei que é uma semente viva, para ser uma pessoa humana. Então eu canto um hino à vida e digo em voz alta: como é bom viver! E o Senhor Santo Cristo dos Milagres ajuda-nos a vencer todas as barreiras, dificuldade, tentações e viver na amizade, na alegria, na paz.

Uma segunda leitura do livro do Apocalipse, foi feita por uma irmã Filha de Maria Imaculada, e diz-nos que Deus é *"o Alfa e Ómega"* (Ap 1, 8). Não é nada fácil definir, mas a gente sente, é uma pessoa a quem chamamos Pai, ou Mãe, ou Amigo, ou Irmão, mas é alguém, não é uma coisa, que nos ama, que é profundamente misericordiosa, essa santa Pessoa, e que se revelou e que se fez homem no Senhor Santo Cristo dos Milagres, para podermos fazer maravilhas, milagres que estão ao seu alcance, se nós quisermos.

E, finalmente, um diácono permanente, no Evangelho do segundo João, diz que não somos órfãos na ceia da despedida. Jesus Cristo, falando do Pai e do Espírito Santo, aos seus discípulos mais diretos, diz: *"Não ficareis órfãos. Com o Pai vamos mandar um outro Paráclito"* (Jo 14, 18. 26) que é consolador e consolidador, vem dar conforto, vem dar força. Para quê? Para que vos sintais irmãos uns dos outros, mesmo que haja diferença de cultura, ou de posição económica, ou social, mas filhos do mesmo Pai, iluminados pelo mesmo Espírito e partilhando, não apenas os valores de ordem

económica, isso é vital, mas também os de ordem espiritual, isso é salutar. Essa é a vontade de Deus!

Irmãs e irmãos, que Deus vos abençoe. Ámen, aleluia, aleluia.

3.4.11. 2006: D. Carlos Alberto de Pinho Moreira de Azevedo, Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa

Suporte Arquivo RTP - (CD cedido pela RTP Açores sem referencia do suporte de arquivo)

Is 42, 1-7

Filip 2, 6-11

Jo 15, 9-13

Eis o servo! Eis o homem! No seu serviço de amor “as ilhas põem a sua esperança” (Is. 42, 1).

Contemplar convosco o Senhor Santo Cristo é uma graça. Ontem vi rostos absortos em preces de conter lágrimas, vi mãozitas de criança a saudar o Santo Cristo, vi mães grávidas a partilhar a esperança do novo ser, adivinhei imensa gratidão em aflições dolorosas, pressenti sofrimento de famílias desfeitas, de filhos perdidos... Tantos segredos foram entregues ao Senhor Santo Cristo. Aqui, têm sentido pleno as palavras proclamadas e escutadas nesta celebração. De facto, é no servo e Senhor Jesus Cristo, é “na sua lei”, na proclamação da salvação, que “as ilhas põem a sua esperança”. Aqui estamos para reanimar essa esperança. A esperança anda, por vezes, pousada em tanta realidade efémera, passageira, caduca. Importará rever onde se apoia a nossa esperança, quais os fundamentos da nossa confiança no futuro. O servo, com a sua instrução profética, a sua lei, revela o novo projeto divino para fazer chegar a todos a salvação. A novidade desse plano consiste na salvação universal, na descoberta dos seus conteúdos e das suas modalidades em cada época, na mediação sofredora que faz Páscoa pelos dramas da condição humana. Ímpetos de esperança, em pedaços de tempo, ainda acontecem. Mas a firmeza em levar por diante a missão, que traga para todos e para sempre a esperança, deriva de uma ação exercida por Deus sobre os seus servos. Começamos pela firmeza deste servo, passaremos ao seu despojamento de amor total e terminaremos por admirar a exaltação divina da plenitude humana e desejar permanecer na alegria do amor.

A figura, apontada pelo livro de Isaías, é como que a síntese de muitas personalidades: é servo, é eleito, é homem do Espírito, como os reis, os profetas, os juízes, o povo. Esta figura de teor profético surge como novidade pelo exercício humilde do serviço, preocupada com a largueza da tarefa, firme em levar por diante um programa, sem se deixar abater por dificuldades. Eis o meu servo: não clamará, não quebrará a cana, não vacilará

O servo de Deus é chamado para o serviço da justiça. Tomado pela mão é investido nesse chamamento. O servo é estabelecido como luz das nações, não só de um povo, mas criador de harmonia, de solidariedade e de comunhão entre as nações. O servo liberta das trevas para a luz, solta da escura prisão para a luz da liberdade. Quando

alguém aceita o chamamento na história, quando se faz servo, há anúncio de novidade, lucidez de caminhos, inovação de passos: Abraão, Moisés, Josué, David. Quando Deus chama ao serviço é sempre para comunicar novidade. Os humanos, por preguiça ou por egoísmo, permanecem sempre presos ao passado. O servo de Deus transmite os dons divinos em fidelidade absoluta ao encargo recebido, mas introduz uma novidade surpreendente.

Isaías lança em profecia a imagem de um servo humilde, atento às pessoas, contrário ao sucesso aparente, avesso às condenações, sem agressividade. É atento aos outros, forte com os poderosos, e manso com os débeis, empenhado na justiça, anuncia e dialoga, não recua diante das dificuldades.

São servos inspirados no servidor e Senhor Santo Cristo os portadores de esperança sem berrar discursos; os semeadores de esperança sem dividir os campos; os operários da esperança na construção da liberdade e da justiça. Eis o servo!

Eis o homem! *Ecce Homo*. Reparemos como o Senhor Jesus Cristo se fez humano sem pretensões, sem apelar para a condição divina. Como São Paulo, usemos o hino, o canto de louvor a Cristo, que desceu até à humanidade pela Encarnação. Cristo assumiu a condição de servo. Reparem como Jesus assume atitude contrária à descrita no Génesis. Aí o homem pretende subir e comportar-se como Deus, ser como Deus. Ora, o ser humano não é rival de Deus. Cristo despoja-se do que era, em ato de amor e liberdade. Renuncia ao privilégio de glória, sem renunciar à divindade. Põe-se ao nível do ser humano, não reivindica ser tratado de maneira divina e revela assim a profundidade do seu abaixamento. Só conserva o vínculo que o une a Deus no amor: ser filho. Aceita despojar-se de si próprio e assim revela uma filiação da qual não pode, não quer e não deve despojar-se. A natureza divina mostra-se de modo que não julgávamos. Aparece como é, na humildade de quem ama até morrer de amor. Cristo prefere dar a vida pela humanidade, mesmo com todo o sofrimento inerente, porque prefere o Pai, que também em Cristo se dá por nós. Eis o homem. Eis o servo. Eis o Senhor e Santo Cristo!

Perante textos como os que lemos nesta celebração, como é possível que livros e filmes pretendam mascarar a história, falsear dados da realidade e enganar os leitores e os espectadores com novelas de fraca literatura e filmes de apagado interesse? Não os criticamos por inventarem os códigos ou policiais que muito bem entenderem, mas por raiar a fraude ao confundirem a pretensão sensacionalista com dados pseudocientíficos. E, portanto, ao misturar alguns dados de teor histórico com puras invenções, desinformam. Fazem passar a calúnia sob a capa de adereços de pretensa erudição. Polvilham de aparente coerência flagrantes erros históricos. Basta, neste contexto, mencionar alguns. Os escritos gnósticos, aliás contrários à humanidade de Cristo, não são os primeiros escritos do cristianismo, mas cem anos posteriores ao Novo Testamento. A lista de livros do Novo Testamento é aceite pela Igreja duzentos anos antes de Constantino. O Concílio de Niceia não se reuniu para discutir a divindade de Cristo, mas as posições de Ario, que considerava que “*Cristo não era Deus como o Pai*”.

Quando a verdade histórica de Jesus e da Igreja sofre ataques, o que fazer? Saibam as comunidades e as famílias cristãs aproveitarem a ocasião para falar da verdade de Jesus, dos primeiros passos da história da Igreja, da evolução das verdades da fé. O interesse pela figura de Jesus cresceu. Estou certo que muitos saberão distinguir novela de história, fé e confiança em Cristo de leituras banalizantes e desrespeitosas do

seu mistério. A Igreja tem de falar mais de Cristo e menos de si, partir mais do Evangelho do que de teorias marcadas pelo tempo.

Mas voltemos a seguir a Carta aos Filipenses, muito anterior aos escritos romanceados, estudados há muitas décadas, mas agora assunto superficialmente tratado na praça pública. Fixemo-nos, portanto em Cristo, servo de Deus, figura da nova humanidade.

O que continua a espantar é que Cristo não seja Deus como os sábios querem, nem seja humano como os inteligentes preferiam. É o seu mistério que seduz. Que lição não dá este povo açoriano ao prosseguir esta fé, centrado no *Ecce Homo*, centrado em Cristo servo sofredor e por isso máxima revelação de um Deus presente na plenitude da vida do ser humano: despojado de vestes, na nudez da sua fragilidade, mas vestido com toda a riqueza de um senhor! Coroado com espinhos dolorosos, mas ornado com o esplendor precioso da glória da santidade! Com as cordas que o amarram na flagelação e o cetro do rei vencedor! Que sabedoria não demonstra este povo cheio de fé e devoção, intensificada pela venerável Teresa da Anunciada, ao reconhecer neste servo a dignidade do amor total, maior demonstração do que é Deus.

Ainda hoje muitos se interrogam: Como pode Deus assumir a condição de escravo, de servo, assumir plenamente a humanidade? Ele é realmente homem. Não tem só a aparência. A sua humanidade é perceptível, faz-se ver. O seu aspeto, o seu comportamento, a sua identidade, são de um ser humano. Não se trata de uma metamorfose à maneira da mitologia antiga. A Encarnação de Cristo é real. Aceita os limites extremos desta condição, impulsionado pelo amor pelo Pai e pela humanidade. Quer ir até ao fim na humildade da condição e acaba humilhado. Quer dar a vida na aceitação da Morte e é morto como escravo maldito na Cruz. Cristo abandona-se a tal ponto ao Pai que chega até à Cruz e aí exprime o abismo do amor que tem pelo Pai e por nós. Cristo obedece em humilde sofrimento, porque se oferece inteiramente ao Pai e à humanidade. Por ele, também o Pai revela em que medida se dá a nós.

É por esta atitude que Cristo é exaltado. A sua obediência de Filho não podia deixar de o conduzir à glória do Pai. Este abandono total nas mãos do Pai é a forma mais perfeita de amor. A este ato de amor de Filho, inteiramente dado na vida e na morte, responde o ato absoluto de amor do Pai. O Pai faz passar o Filho à sua glória, a partir da sua entrega verdadeiramente humanizadora. É pela verdade deste drama de amor que Jesus é proclamado Senhor.

Cristo é exaltado. Esta exaltação é uma chave para ler a totalidade da sua vida. Quando se aproximou dos pobres, era Deus que se aproximava; quando perdoou aos pecadores, era Deus que perdoava; quando curou os doentes, era a salvação de Deus a acontecer; quando consolou os aflitos, era o Deus de toda a consolação a agir. Do mesmo modo que a Encarnação não pode ser vista como uma metamorfose de um Deus que viria à terra sob a aparência de homem, assim esta exaltação não pode ser considerada como a apoteose de um homem que se tornaria deus. Na exaltação de Cristo o Pai manifesta a identidade gloriosa de Filho e a sua própria paternidade. É o ponto culminante que corresponde ao absoluto do abaixamento. Da parte do Pai há um ato de infinito reconhecimento do que o filho fez por ele na unidade. A Ressurreição pode ser compreendida somente se se vê nela o Pai que restitui ao Filho o que o Filho deu ao Pai. É na condição humana que se manifesta o amor do Pai pelo Filho. O Pai ergue a humanidade singular do Filho. *Eis o homem!* Na plena humanidade espelha-se a condição da divindade, sem destruir essa humanidade.

Em consequência de tal elevação de Cristo, servo da humanidade, toda a criação confessa: Cristo é Senhor. Toda a criação é envolvida nesta confissão, em resposta à totalidade do amor que o Filho deu ao Pai, no movimento da sua Encarnação e da sua Morte. Nenhuma criatura poderá superar, no tempo e na eternidade, esta grandeza incomensurável de Cristo. A humanidade de ontem, de hoje e de amanhã será o que deve ser, se mantiver o olhar fixo em Cristo. Dobra os joelhos diante do Senhor da glória para se manter de pé nas horas difíceis da vida. No Senhor Santo Cristo reconhecemos aquele que assume plenamente as dores, os dramas, as esperanças de toda a humanidade. Inspirada em Cristo, esta esperança não é de uma pessoa contra outra, não é de um povo contra outro, não é do ser humano contra a natureza, mas continuamente chamada a um serviço de amor universal. Assim Cristo aparece o único lugar plenamente revelador do Deus vivo e verdadeiro.

Diante de Cristo glorificado toda a humanidade é atraída por este movimento de adoração. Nada de visível e invisível pode criar obstáculos ao senhorio de Cristo. Todo o universo é sujeito ao seu senhorio. Quem, como nós, reconhece Cristo torna-se instaurador entre os humanos de uma fraternidade universal. A atração de Cristo no dom de si é apelo para todos nós. A sua atitude marca as relações no seio da comunidade.

Caríssimos irmãos e irmãs: ao professarmos que Cristo é Senhor dizemos quanto reconhecemos na sua entrega a nossa dignidade de criaturas, na exaltação do Pai a comunhão permanente de Deus a atrair-nos para o dom da nossa vida em favor do bem comum do universo.

Em Jesus mostrou-se a fecundidade do amor do Pai. Foi nesse amor que Jesus nos amou e nesse amor queremos permanecer. A relação entre Jesus e os seus tem a profundidade e o gozo de um amor absoluto. A relação de fé leva-nos por Cristo à fecundidade do amor do Pai. Deste modo, a permanência adquire o significado de participarmos do amor eterno. Permanecer é fidelidade, é sermos determinados radicalmente, desde os substratos mais pessoais, pelo próprio amor, mistério eterno de Deus.

A permanência é segurança gozosa no amor. Jesus está no amor do seu Pai. Igualmente o discípulo permanece no seu amor. Permanece graças ao mistério da fecundidade do amor de Deus.

A experiência do amor é a experiência da existência como gozo, não tão só como uma fidelidade, mas também como algo exultante. Deus é amor que se experimenta, se realiza, se concretiza nessa capacidade de evangelizar a realidade, a partir deste amor absoluto, que aperta todo o concreto entre os seus dedos, transformando a vida em oblação. Viver assim é uma alegria, é uma felicidade, é um gozo. Nada de trágico, na evolução natural da criação inteira, nada de dramático, na experiência da natureza humana nos apanhe sem sentido. Defender a vida desde a concepção à morte natural, lutar pela qualidade de vida para todos é condição da alegria cristã.

A prioridade absoluta do amor de Deus impele a nossa vida a ser transformada em amor, concreto no dom aos pobres, em serviço da paz, em eficácia da justiça. Contemplar o Senhor Santo Cristo impele a transformar a existência em alegria e alegria completa, atrai a viver as relações humanas como uma doação generosa pelos outros, até à morte.

Estamos aqui reunidos porque Cristo é o centro da nossa vida e a luz dos povos. Porque vive na evolução histórica das comunidades. É rei dos reis no tempo dos

Impérios, é monge que domina o mal do mundo no início do segundo milénio, é plenitude do humano na sociedade franciscana dos séculos XIII e XIV, é homem universal no renascimento, é príncipe da paz no tempo das guerras de religião, é Mestre de sentido na ilustração, é poeta do espírito no idealismo do século XIX e é o libertador perante as injustiças do século XX. O Senhor não deixa de ser a fonte da nossa esperança. Eis o homem!

Hoje, aqui, o Senhor Santo Cristo dos Milagres exprime a fragilidade e o sofrimento do amor humano. O Senhor Santo Cristo convoca-nos para adorar a força de Deus, que sempre, a todos, abriu e abre caminhos de esperança.

3.4.12. 2007: D. George Coleman, Bispo de Fall River, Estados Unidos da América

Suporte Arquivo RTP - (CD cedido pela RTP Açores sem referencia do suporte de arquivo)

Is 42, 1-7

Filip 2, 6-11

Jo 15, 9-13

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. António Braga, bispo dos Açores;
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Aurélio Escudeiro, Bispo Emérito dos Açores;

Caro Monsenhor Agostinho Tavares, reitor do Santuário;

Venerável Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo;

Caras irmãs desta casa;

Irmãos e irmãs.

O dia 11 de maio 1991 é o marco importante da história do Açores. Nesse dia o nosso amado Santo Padre, o Papa João Paulo II, realizou uma visita pastoral ao povo dedicado e crente destas maravilhosas ilhas. Nas palavras dirigidas ao povo, aqui reunido em Ponta Delgada, o Santo Padre referiu-se à secular tradição de devoção a Cristo, o Senhor Santo Cristo dos Milagres, e afirmou: *"o amor e a adoração ao nosso Redentor, sob o perfil deste Ecce Homo, foi-se alargando cada vez mais na vossa vida, já lá vão cinco séculos e meio de convivência vossa com o Senhor Santo Cristo, que encontra no meio de vós uma casa hospitaleira, à semelhança da casa de Lázaro e de suas irmãs Marta e Maria"* (Homilia no Campo de S. Francisco, 11 de maio, de 1991).

Sim, o povo dos Açores vive com o Senhor Santo Cristo há muitos séculos. Como afirmou o Papa João Paulo, o amor e adoração ao nosso Redentor, tal como representado por *Ecce Homo*, o Senhor Santo Cristo, estão profundamente enraizados nos corações e nas vidas deste povo.

A fé em Cristo e amor a ele, como se revela na Imagem de *Ecce Homo*, o Senhor Santo Cristo, têm sido levados para toda a parte do mundo pelo povo destas ilhas. Apesar de se encontrar a milhar de quilómetros de Ponta Delgada e do Convento da Esperança, trazem sempre o Senhor Santo Cristo no coração e as imagens estão em suas casas e nas igrejas onde se reúnem.

A Imagem, réplica desta que é tão querida a todos que já viram pessoalmente, está sempre presente em todo o lugar onde agora vivem aqueles que partiram destas ilhas para outros países. A devoção ao Senhor Santo Cristo é praticada na minha própria diocese de Fall River. Em muitos países do mundo, a fé profunda daqueles que levaram consigo esta maravilhosa devoção para outras terras, tornou-se um meio de evangelização, levando uma mensagem de Cristo a todas as partes do mundo.

Durante o seu longo e memorável mistério como pastor máximo da igreja, o Papa João Paulo II foi incansavelmente fiel a contemplar o rosto de Cristo. Ele chamou a atenção para como o nosso grande ponto de referência deve estar em Cristo e como podemos alcançar a santidade autêntica pela via de contemplação do rosto de Cristo. Disse Sua Santidade que *"para ver Jesus é preciso, em primeiro lugar, deixar-se olhar por ele! O desejo de ver Deus reside no coração de cada homem e de cada mulher. Deixai-vos fixar nos olhos por Jesus, para que aumente em vós o desejo de ver a Luz e de saborear o esplendor de Verdade. Quer estejamos conscientes disto, quer não, Deus criou-nos porque nos ama e também para que, também nós, por nossa vez, O amássemos"* (Mensagem da XIX Jornada Mundial da Juventude de 2004). Ao refletir nos vários elementos de Jubileu de ano 2000, o Papa João Paulo afirmou: *"Se quiséssemos circunscrever o núcleo essencial do grande legado que ele nos deixa não hesitaria em vê-lo na contemplação do rosto de Cristo, considerando os Seus traços históricos e o Seu mistério, acolhendo com a sua multiforme a presença na Igreja e no mundo, confessando como sentido da história e luz do nosso caminho"* (Novo Millennio Ineunte, 15).

Na sua Carta Apostólica, *O Rosário da Virgem Maria*, o Papa João Paulo fez uma reflexão sobre como a recitação do rosário com Maria nos oferece uma oportunidade maravilhosa de contemplarmos o rosto de Cristo. Ele afirmou que com o rosário *"o povo cristão frequenta a escola de Maria, para deixar-se introduzir na contemplação de beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade de seu amor. Mediante o rosário, o crente alcança graça e abundância, como se recebesse das próprias mãos da Mãe do Redentor"* (*Rosarium Virginis Mariae*, 1).

Numa carta dirigida aos enfermos, o Santo Padre manifesta esperança de que possam aprender a reconhecer e aceitar o Senhor e olhar com confiança e amor para o rosto de Cristo Crucificado (Cf. Mensagem para a XI Jornada Mundial do Doente, 6).

E no documento sobre a família o Papa João Paulo lembra os casais que o amor deles deve ir para além dos que comungam da mesma fé, porque toda a pessoa é meu irmão ou minha irmã. Em cada um, sobretudo se é pobre, fraco, sofrido, injustamente tratado, a caridade sabe descobrir o rosto de Cristo num irmão a amar e servir (Cf. *Familiaris Consortio*, 64).

Este dia marca um acontecimento de grande importância para Portugal e, na realidade, para todo o mundo. Há 90 anos, três crianças guardavam um pequeno rebanho no lugar da Cova da Iria, paróquia de Fátima, eram Lúcia de Jesus e os primos Francisco e Jacinta Marto. Por volta do meio dia, depois de terem rezado o terço, estavam entretidas em construir uma pequena casa com pedras que tinham juntado; de repente, viram uma luz brilhante e, pensando que era um relâmpago, decidem voltar para casa. Quando desciam a encosta, outro brilho intenso iluminou o lugar; foi quando viram, sobre os ramos de uma azinheira, uma Senhora mais brilhante que o sol e de cujas mãos pendiam um rosário branco. A Senhora disse aos três pastorinhos que era necessário rezar muito e convidou-os a voltar à Cova da Iria nos 5 meses seguintes, no

dia 13, naquela mesma hora. Nossa Senhora apareceu aos 3 pastorinhos a primeira vez a 13 de maio 1917, a mesma hora em que aqui, em Ponta Delgada, se realizava a Festa do Senhor Santo Cristo.

Hoje é um dia em que ocorre a feliz coincidência de 2 acontecimentos religiosos, a Festa do Senhor Santo Cristo e a celebração do aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos, em Fátima. Neste dia as duas celebrações, da Festa do Senhor Santo Cristo e dos 90 anos das Aparições em Fátima, encham os nossos corações de amor ao nosso Salvador e a Maria, Sua Mãe, e asseguram o Seu amor por nós.

Ao meditarmos nestas duas celebrações encontramos a seguinte mensagem, comum a ambas: em Fátima Nossa Senhora pede oração e penitência, exortando que oremos ao seu Filho Jesus Cristo, para que nos conceda, e a todo o mundo, a sua abundante misericórdia; aqui, ao celebramos a Festa do Senhor Santo Cristo, temos a oportunidade de contemplar o rosto de Cristo, com a ajuda e intercessão de Maria, enquanto os nossos olhos fixam a Imagem de Cristo traído pelos seus, entregue ao sofrimento e condenado à morte. Ele é o Deus que, por amor, se humilhou mesmo até à Morte e morte numa Cruz.

É ainda o Papa João Paulo que nos diz como Maria pode ensinar-nos a conhecer o seu Filho. Ela mostra-nos o caminho para o Filho, intercede a Ele por nós. O Santo Padre, em primeiro lugar, descreve Maria como modelo de contemplação ele deixa-nos este ensinamento: *"O rosto de seu filho pertence-lhe, sob um título especial. Foi no seu ventre que se plasmou, recebendo dela também uma semelhança humana. À contemplação do rosto de Cristo, ninguém se dedicou com a mesma assiduidade de Maria. Os olhos do seu coração concentram-se de algum sobre Ele, já na Anunciação, quando O concebe por obra do Espírito Santo. Quando, finalmente, O dá à luz em Belém, também os seus olhos de carne podem fixar-se com ternura no rosto do Filho, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura. Desde então o seu olhar encheu-se sempre de reverente surpresa, não se separará mais dele"* (Rosarium Virginis Mariae,10).

Podemos dizer que Maria viveu sempre com o seu olhar fixo em Cristo. S Lucas, no seu Evangelho, diz-nos que ela *"conservava todas estas coisas ponderando no seu coração"* (Lc 2, 19). Todas as memórias de Jesus, nos primeiros instantes da sua vida, os anos de criança, de adolescente e jovem adulto, permaneceram sempre com ela, como convite a uma permanente reflexão sobre a vida de seu próprio Filho. Maria ensina-nos como devemos lembrar o que o seu Filho fez por nós através da Encarnação, da Morte Redentora e da sua Gloriosa Ressurreição. Na maravilhosa oração da ação de graças, o *Magnificat*, Maria glorifica o Senhor por meio da recordação de tudo o que ele fez por ela e pelo seu povo: *"A Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. Manifestou o poder do Seu braço e dispersou os soberbos, derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. Aos famintos encheu de bens, aos ricos despediu de mãos vazias"* (Lc 1, 50-53).

Para além disso, nós podemos aprender Cristo diretamente de Sua Mãe e nesta aprendizagem, proveniente dela, podemos chegar a uma contemplação mais profunda de tudo o que Ele fez por amor a nós. O Papa João Paulo explica como tal acontece: *"Cristo é o mestre, por excelência. Não se trata somente de aprender as coisas que Ele ensinou mas de 'aprender a Ele'. Porém, nisto, qual mestra experimentada do que Maria? Se do lado de Deus é o Espírito Santo que nos conduz à verdade plena de*

Cristo, de entre os seres humanos ninguém melhor que ela conhece Cristo. Ninguém, como a Mãe, pode introduzir-nos no profundo conhecimento do seu mistério" (Rosarium Virginis Mariae, 14).

E, assim, enquanto são oferecidas orações a Maria no Santuário de Fátima, nós veneramos a Imagem do Senhor Santo Cristo no momento de entrar no Mistério Eucarístico, do Sacrifício de Cristo por nós. Deste modo, imploramos a intercessão de Mãe, Virgem, de Deus, para que nos ajude a lembrar e apreciar o que seu Filho fez por nós com sua Morte e Ressurreição.

Dirigimo-nos a ela como nossa mestra, para que nos conduza ao seu divino Filho, o Nosso Senhor Santo Cristo, e que nos ajude a contemplar o seu rosto. Ele é o servo de Deus, como o vimos na leitura do profeta Isaías: *"eis o meu servo a quem eu protejo o meu eleito aleive da minha alma"* (Is 42, 1).

Quando olhamos com fé para o Senhor Santo Cristo começamos, então, a perceber a profundidade do seu grande amor por nós. Um amor tão grande que *"Ele, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a Si próprio. Assumindo a condição de servo tornou-se semelhante aos homens"* (Filip 2, 6-7).

A Festa que hoje celebramos, é a Festa do amor de Deus pelo seu povo, a Festa do Seu amor por nós. É próprio Jesus que nos diz no Evangelho de hoje: *"permanecei no amor"* (Jo 15, 9).

Caros irmãos e irmãs, vamos iniciar a Celebração do Sacrifício Eucarístico, o Sacramento de Caridade. Por este Sacramento, e de geração em geração, Cristo dá-se a nós como oferta de si mesmo, oferta do Amor Encarnado.

Por interseção de Nossa Senhora de Fátima, e com a nossa devoção ao Senhor Santo Cristo, possamos encontrar na Eucaristia a fonte de vida, o fundamento da alegria e o sinal do amor infinito.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

3.4.13. 2008: D. António José Cavaco Carrilho, Bispo do Funchal

Suporte Arquivo RTP - AC08000184AD

Is 52, 7-10

Ap 1, 4-6

Jo 18, 33-37. 19, 1-5

Excelentíssimos e Reverendíssimos Senhores Bispos D. António Braga e D. Aurélio Escudeiro;

Reverendíssimo Senhor Reitor Do Santuário;

Caríssimos sacerdotes, diáconos, seminaristas e membros de ordens e congregações religiosas e de outros institutos de vida consagrada;

Excelentíssima Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e membros de confrarias associações, obras e movimentos de apostolado;

Todos vós, irmãos e irmãs, presentes neste Campo de São Francisco e quantos nos acompanham através da televisão e da radio, de modo especial os doentes, os

idosos, os reclusos e os emigrantes, onde quer que se encontrem, saudosos das suas terras e das suas tradições.

Foi com muito gosto que acedi ao convite para presidir à Solenidade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e é com muita alegria que hoje me encontro aqui, no meio de vós, a partilhar desta grande experiência de fé.

Sei quanto significam estas celebrações para todo o bom povo açoriano, que as não dispensam neste dia, vivendo aqui ou lá fora, em profunda comunhão e solidariedade eclesial. Para aqui convergem as vossas atenções, aqui se concentram as vossas súplicas e desejos, aqui se exprime o vosso louvor e ação de graças, aqui se manifesta a vossa fé sob as mais variadas formas: belas iluminações, lindos tapetes e arranjos de flores, silêncio profundo na oração, ou ruído reverente das buzinas e sirenes, generosas ofertas e sentidas promessas, a elevação do canto e da música e, sobre tudo, o grande desejo de ver e acompanhar a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, cuja história e significado bem conheceis!

A Festa do Senhor Santo Cristo - a solene Eucaristia que estamos a celebrar, a grandiosa procissão da tarde de hoje, os necessários preparos e trabalhos - é Festa da Igreja, é Festa de todos: crianças, tantas delas ao colo dos seus pais, adolescentes, jovens e adultos, idosos e doentes, pobres e ricos, gente de fé viva, ou de uma fé mais adormecida.

Até os aspetos exteriores do embelezamento da vossa cidade superam o simples brio e bairrismo local para se expressarem com verdadeiras marcas de fé, na maior manifestação açoriana de piedade popular que eu, como bispo do Funchal, me apraz conhecer melhor, viver e apreciar. Contemplando-se o sofrimento e a Morte de Jesus, na perspetiva da Sua Ressurreição, ganha uma nova luz e sentido o grande mistério do sofrimento humano, a luz e o sentido da fé, por referência a Cristo, nosso Divino Salvador!

Dando cumprimento a uma tradição de mais de 300 anos - a primeira procissão realizou-se em 11 de abril de 1700 - nós alegramo-nos por vê-la cada vez mais bela e enriquecida com os elementos de tantos anos que a piedade popular foi introduzindo, desde o seu início até aos nossos dias.

Hoje cumprimos a tradição, e bem, em profunda comunhão com os nossos antepassados. Certamente que não a cumprimos apenas por cumprir, por mero costume, ou formalidade. Cumprimos a tradição para exprimirmos e tornarmos pública a nossa fé em Jesus Cristo, Nosso Senhor e único Salvador, tal como desejava a Madre Teresa da Anunciada, a iniciadora e promotora desta Festas, na sua especial devoção à Imagem do *Ecce Homo*. Venerando Cristo, num dos seus *passos* da sua Paixão, pretendia homenagear publicamente o "nosso Rei e Senhor", que veio ao mundo, não para dominar e ser servido, mas para servir e dar a vida.

Como nos recorda o Evangelho, Jesus disse a Pilatos, "*é como dizes sou rei, mas o meu reino não é deste mundo*" (Jo 18, 37). Não encontrando em Jesus culpa nenhuma Pilatos pensava calar os sumos-sacerdotes e o povo, mandando-o acoitar e libertando-o em seguida. Tal, porém, não aconteceu, porque para zombarem dele e o insultarem, "*os soldados teceram uma coroa de espinhos, colocaram-lha na cabeça e envolveram Jesus num manto de púrpura*" (Jo 19, 2). Foi esta imagem de Jesus que Pilatos depois lhes apresentou e depois dizendo: "*Eis o homem!*" (Jo 19, 5). Fê-lo, perturbado e confuso, certo de que Jesus estava inocente e sabendo que, entregando-o, ele seria crucificado, como de facto sucedeu.

Eis o Homem: possa eu hoje dizer-vos também, contemplando a Imagem do Senhor Santo Cristo do Milagres, que aqui está diante de nós! Não deixa de transparecer nela a injustiça dos maus tratos, a dor física e o sofrimento moral de uma vida que se dá. *"O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas"*, disse Jesus; e ainda, *"dou a minha vida por que quero, dou a minha vida para tornar a tomá-la, sou eu que a dou por mim mesmo"* (Jo 10, 11. 17-18).

Irmãos, se viemos para ver o Senhor Santo Cristo, cruzemos os nossos olhares com o olhar dele e encontremo-nos com ele, na intimidade dos nossos corações e das nossa consciências, deixando-nos interpelar por outros tantos olhares de encontros que os Evangelhos não deixam esquecer: a mulher samaritana, por exemplo, a quem Jesus promete a água viva que purifica e sacia as suas aspirações mais profundas (Cf. Jo 4, 13); Zaqueu, que toma consciência da sua desonestidade e abre o coração ao arrependimento e à partilha dos bens (Cf. Lc 19, 8); a mulher apanhada em adultério, a quem Jesus aponta caminhos de vida nova: *"Vai, doravante e não tornes a pecar"* (Jo 8, 11); o cego de Jericó, a quem Jesus abre os olhos e, passando a ver, de modo diferente também ele segue Jesus pelo caminho da vida (Cf. Mc 10, 46-52); o Apóstolo Pedro, que, apesar de ter negado o mestre, manifestando depois um grande amor por ele, foi o escolhido para Pastor Universal da sua Igreja: *"apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas"* (Jo 21, 16).

Se viemos para ver o Senhor Santo Cristo, olhemo-l'O olhos nos olhos, coração no coração, reconhecendo e agradecendo os milagres, as graças e ajudas recebidas e acolhendo para a vida o essencial da sua mensagem. Como ele próprio disse: *"Eu venho para que tenham vida e atenham em abundância"* (Jo 10, 10); *"Eu sou o caminho a verdade e a vida, ninguém vai ao Pai se não por Mim"* (Jo 14, 6).

Irmãos, a Imagem do Senhor Santo Cristo, do *Ecce Homo*, é bela. Mas não é tanto a sua beleza artística que nos atrai. É antes a bondade de Cristo e a beleza do amor de Deus que ela nos revela. A Imagem do *Ecce Homo* diz-nos o verdadeiro nome de Deus que é amor (Cf. 1 Jo 4). É que *"Deus amou tanto o mundo que lhe deu o Seu Filho unigénito"* (Jo 3, 16). E continua a dá-lo hoje, a dá-lo na Eucaristia, como sugere o tema do 49º Congresso Eucarístico Internacional, a realizar no Canadá, de 15 a 22 do próximo mês de junho: *A Eucaristia dom de Deus para a Vida do mundo*. A Eucaristia é o dom de Deus por excelência, porque é o dom do próprio Filho. Dando-nos o Filho, Deus deu-nos tudo, nada mais tem para nos dar.

Daqui o enlevo eucarístico, que deve caracterizar a espiritualidade cristã, como acontecia com Madre Teresa da Anunciada. A veneração da Imagem do Senhor Santo Cristo levou-a ao encontro com Cristo na Eucaristia, onde ele se encontra presente em Pessoa. Diz-se que ao comungar a Madre Teresa sentia na hóstia uma doçura especial e o Santíssimo Sacramento era o centro da sua espiritualidade, procurando assim associar a Paixão de Cristo e a Sagrada Eucaristia no caminho que conduz a Deus.

Notai irmãos, a devoção ao Senhor Santo Cristo conduz-nos normalmente à Eucaristia, que é fonte e centro da vida cristã e da missão da Igreja. *"Fazei isto em memória de mim"* (Lc 22, 19). Foi este o mandado de Cristo aos Apóstolos ao instituir a Eucaristia e o Sacerdócio na última ceia. *Fazei isto! Fazei o quê?*

Antes de mais, com certeza, o próprio rito celebrativo: repetir os gestos de Jesus, fazer o que Jesus fez naquela Ceia de despedida, na véspera da sua Morte. Ele deixou-nos na Eucaristia o memorial do Sacrifício da Cruz tornando-Se presente no Pão e no Vinho consagrados, atualizando sobre o altar a entrega que fez, e faz, da sua vida ao Pai

por nós. Daqui a importância da Celebração Eucarística que a Igreja vê como centro da nossa vida cristã e, por preceito, se torna por participação obrigatória ao Domingo, dia da Ressurreição do Senhor. Daqui também a importância crescente que é dada a adoração do Santíssimo Sacramento.

Mas, irmãos, *fazer memória de Jesus* não consiste apenas em repetir o rito celebrativo. Ao concluir o gesto do Lava-Pés, que também fez parte da Última Ceia, Jesus ordenou: *"assim como eu fiz vos deveis fazer também"* (Jo 13, 15). É que a Eucaristia compromete a vida! Temos de viver na vida o amor oblato de Cristo, que celebramos na Eucaristia. Ser, com Cristo e como Cristo, pão partido e repartido ao serviço dos irmãos. *"Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros como Eu vos amei"* (Jo 13, 34-35). Participando na Eucaristia, comungando o *corpo entregue* do Senhor e o *Seu sangue derramado*, ficamos capacitados, também nós, para oferecermos a nossa vida pelos outros, para sermos *hóstia*, oblação, ofertório pela vida do mundo. É o *culto espiritual* de que fala São Paulo e deve caracterizar a vida cristã.

Irmãos, *"ide em paz e o Senhor vos acompanhe"*, diz o sacerdote no final da Missa: não é apenas palavra de despedida, é envio, é missão. A assembleia é enviada, *"missa est"*, em missão, para transformar a própria existência em dom de amor e serviço fraterno. Há que projetar a Eucaristia celebrada na vida quotidiana concreta, na família, no trabalho, na vida social e política. Há que testemunhar a alegria da fé, anunciar a boa nova da esperança que tem a sua fonte na Ressurreição do Senhor e projeta no mundo de hoje a sua obra redentora. Assim se realizará a profecia de Isaías, escutada na primeira leitura: *"e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus"* (Is 52, 10).

E a concluir, irmãos, ergue-se a Deus a nossa oração, por intercessão do nosso Senhor Santo Cristo dos Milagres, pelas intenções e necessidades de todos os presentes neste recinto e por quantos nos acompanham através da televisão e da rádio, particularmente os idosos, os doentes, os reclusos e os nossos emigrantes, onde quer que se encontrem. Com eles sentimos uma especial comunhão, nesta hora de festa e de tão profundo significado para todos nós.

Com as palavras de São João no Apocalipse, também vos digo: *"A graça e a paz vos sejam dadas por Jesus Cristo. Àquele que nos ama e por Seu sangue nos libertou do pecado e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, Seu Pai, a Ele a glória e o poder pelo seculos e seculos. Amen"* (Ap 1, 4-6).

3.4.14. 2009: D. António Sousa Braga, Bispo de Angra

Suporte Arquivo RTP - AC09000242AD

Is 61, 1-3. 6. 8-9

Gal 3, 1-6

Jo 15, 14-17

Senhor D. Aurélio;

Senhores padres;

Meus irmãos e irmãs.

Acabámos de escutar na primeira leitura. *"O Senhor me ungiu e me enviou para anunciar a boa nova aos infelizes e a curar os corações atribulados, a proclamar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros, a proclamar o ano da graça do senhor"* (Is 61, 1-2). Assim o profeta Isaías anunciava o Messias que havia de vir. E no início do seu ministério público, Jesus, na sinagoga de Nazaré, aplica a si mesmo esta profecia de Isaías: *"Hoje mesmo cumpriu-se esta passagem da escritura"* (Lc 4, 21).

Meus irmãos, minhas irmãs, Jesus não só disse coisas bonitas e extraordinárias sobre a vida humana, mas também realizou gestos de libertação humana. Os Atos dos Apóstolos assim qualificam a sua missão, *"passou a vida fazendo o bem"* (Act 10, 38) até dá a própria vida. Como muito bem explica no texto evangélico que acabamos de escutar: *"ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos"* (Jo 15, 13). E é isso mesmo que exprime a Imagem do Senhor Santo Cristo.

"A Deus jamais alguém o viu, - explica-nos São João - o Filho Unigénito é que no-Lo deu a conhecer" (Jo 1, 18). No Filho Encarnado, Crucificado e Ressuscitado Deus manifesta a sua verdadeira natureza. Deus amor, totalmente solidário com a humanidade, até a morte, e Morte de Cruz. O amor na sua forma mais radical, como nos explica Bento XVI na sua maravilhosa primeira Encíclica, precisamente sobre o amor.

Na Imagem do Senhor Santo Cristo, a fé mostra-nos o Deus que entregou o seu Filho por nós, gerando a certeza inabalável de que é mesmo verdade: Deus é amor, quer-nos bem e quer o nosso bem. E, daí, a esperança certa de que é Deus que tem o mundo nas mãos, como se exprime Bento XVI, naturalmente por caminhos, tantas vezes misteriosos, que às vezes nos custa aceitar e compreender (Cf. *Deus Caritas Est*, 38). Explica Santo Agostinho, *"Si comprehendis, non est Deus"*, se o compreendesses, não seria Deus (St. Agostinho, Sermão 52).

Por isso, meus irmãos e irmãs, não obstante tudo o que acontece no mundo, os cristãos permanecem inabaláveis na certeza de que Deus é amor, ainda que o seu silêncio seja incompreensível para nós. Comenta o Papa Bento XVI: *"Muitas vezes não nos é concedido saber o motivo pelo qual Deus retém o seu braço em vez de intervir, aliás ele não nos impede sequer de gritar como Jesus na Cruz: 'Meu Deus meu Deus porque me abandonaste' (Mt 27, 46). O nosso protesto não pretende desafiar Deus nem insinuar a presença nele de erro, fraqueza ou indiferença. Para o crente, não é possível pensar que Deus seja inoperante ou então que esteja a dormir. Antes, a verdade é que até mesmo o nosso clamor constitui, como na boca de Jesus na Cruz, a maneira extrema e mais profunda de afirmar a nossa fé no seu poder soberano"* (*Deus Caritas Est*, 38).

Pelo Mistério Pascal da Paixão e Morte, da Ressurreição e a Ascensão, Jesus foi constituído Senhor da história e Rei do universo, não pelo caminho do domínio e do poder, mas do serviço e do amor.

Meus irmãos e irmãs, o Seu caminho é também o nosso caminho. *Ecce Homo - "Eis o homem!"* (Jo 19, 5) - criado à imagem e semelhança do Deus Amor, para viver o amor, do amor e para o amor, para construir a civilização do amor, que é o Império do Espírito Santo, como nos falava São Paulo na segunda leitura. Esta é a resposta radical à crise global que afeta o mundo.

Meus irmãos e irmãs, aos pés da Imagem do Senhor Santo Cristo rezemos, rezemos com toda a confiança, entregando cada um de nós, as nossas vidas.

Senhor Santo Cristo, pousa o teu doce olhar sobre cada um de nós, sobre as nossas famílias e comunidades, sobre a Igreja e o mundo. Nós acreditamos que, no mundo às escuras, tu és luz de esperança que brilha nas trevas. Concede-nos o dom da esperança, para enfrentarmos a vida com coragem e empenho.

Senhor da história e Rei do universo, vem reinar nos nossos corações para construirmos a civilização do amor.

Senhor Santo Cristo, perdoa a nossa indiferença, que não nos deixa ver as carências dos outros. Dá-nos o pão nosso de cada dia, não apenas nas nossas mesas, mas na mesa de todos. Lembra-te dos que estão em dificuldades neste momento de crise, pessoas, famílias, instituições. Lembra-te dos imigrantes que procuram a nossa terra para dar um futuro com dignidade à própria família. Lembra-te também dos nossos emigrantes que arriscaram tudo para que o amanhã dos filhos fosse melhor.

Abençoa os nossos idosos, tem piedade dos que se sentem abandonados.

Senhor Santo Cristo, livra-nos de sermos velhos de espírito, de andarmos apavorados com a crise, pensando que tudo está perdido, faz-nos amar o tempo em que vivemos com as suas dificuldades e desafios.

Apesar de tudo, faz-nos descortinar as novas oportunidades e o Mundo Novo que aí vem, os novos sinais do Reino, para nos comprometermos aqui e agora.

Senhor Santo Cristo, aqui diante da tua Imagem, confiamos o futuro das crianças e dos jovens, para que um dia cheguem a compreender que vale a pena e tem sentido viver e lutar. Fortalece e conforta os nossos doentes e quem trata deles. Ampara os desafortunados e desanimados da vida. Protege o nosso país e a nossa região, para que encontrem e trilhem o caminho do verdadeiro progresso humano.

Senhor Santo Cristo, acolhe a oração que fazemos uns pelos outros. Abençoa estes peregrinos e devotos e todos que nos acompanham pelos meios audiovisuais. Dá-nos a paz, na justiça e na verdade.

Senhor Santo Cristo dos Milagres, neste ano paulino, realiza o grande milagre de transformar as nossas vidas em ti, para que possamos repetir como S. Paulo: *"Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim"* (Gal 2, 20), *"para mim viver é Cristo"* (Filip 1, 21). E a Igreja será diferente e o mundo mais justo e fraterno.

Assim seja.

3.4.15. 2010: D. Manuel Neto Quintas, Bispo do Algarve

Suporte Arquivo RTP - AC10000285AD

Tema: 310 anos de inabalável fé!

Is 49, 1-6

Ap 1, 5-8

Jo 14, 18-23

Excelências reverendíssimas senhor D. António Braga, Bispo desta Diocese de Angra, Senhor D. Aurélio e Senhor D. Arquimínio, Bispos Eméritos, respetivamente de Angra e de Macau, meus amados irmãos no episcopado.

Reverendíssimo Mons. Agostinho Tavares, Reitor deste Santuário.

Caros sacerdotes e diáconos, estimados consagrados na vida religiosa.

Excelentíssima Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Minhas irmãs e meus irmãos, residentes no arquipélago dos Açores, ou vindos do exterior para participardes nas festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Saúdo com particular afeto os doentes que, hoje, de modo mais intenso sentem a proximidade do Senhor Santo Cristo dos Milagres e nele encontram sentido para a sua doença e presença reconfortante na sua solidão.

Saúdo também, cordialmente, quantos, dispersos pelo mundo, estão em comunhão connosco, graças aos meios de comunicação social.

Convidado por Mons. Agostinho Tavares para presidir a esta Eucaristia, considero um privilégio para mim participar nestas festas e poder partilhar convosco a vossa devoção secular ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, que, unida à devoção e ao louvor do Divino Espírito Santo, constituem uma marca indelével das vossas raízes cristãs. Marca que acompanhou desde a primeira hora os emigrantes originários das ilhas dos Açores, presentes em diversas partes do mundo, que nela encontraram força e coragem para enfrentar inúmeras dificuldades. Marca que, ainda hoje, continua a ser decisiva na preservação dos valores que definem e caracterizam a vossa identidade humana e cristã e são expressão de fé presente nas diversas dimensões da vossa vida: o amor à família e ao trabalho, a solidariedade e a partilha, entre outros, como pude pessoalmente verificar em fins de agosto passado, quando presidi às grandes festas do Divino Espírito Santo em Fall River.

É por isso com alegria, que uno a minha oração à de toda esta Assembleia que se estende, desde este Campo de São Francisco, até onde os meios de comunicação social o possibilitam, entoando um mesmo hino de ação de graças a Deus Pai, pelo dom do seu amor manifestado em seu Filho Jesus e do qual a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres é sinal eloquente de expressão e testemunho.

Este ano, a celebração destas Festas introduz-nos num acontecimento de particular importância para a Igreja em Portugal e que queremos ter presente nesta eucaristia: a vinda do Papa Bento XVI ao nosso país. Por isso, sentimo-nos, natural e espontaneamente, motivados para manifestarmos a nossa profunda comunhão com o Santo Padre, gratos pelo dom que ele constitui para Igreja e para o mundo de hoje e gratos pela sua visita ao nosso país e à Igreja em Portugal.

Vem como peregrino de Fátima, Vigário e Apóstolo de Cristo, e à semelhança de Pedro, do qual é sucessor, vem confirmar-nos na fé, dinamizar a esperança, revigorar a caridade, fortalecer a unidade, segundo a nota recente da Conferência Episcopal e este propósito.

Vamos acompanhar com a nossa oração a sua visita, para que a sua mensagem, qual semente lançada no coração dos católicos portugueses, germine e dê frutos de renovação espiritual, apostólica e social, abra caminhos de solução às dificuldades e crises que a nossa sociedade atravessa, revigore a nossa caridade e dê maior consistência aos inúmeros espaços de solidariedade e ação social, como resposta aos dramas da sociedade, particularmente às novas formas de pobreza.

A Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres, celebrada há mais de três séculos, evoca a doação total de Cristo pela humanidade. O seu rosto desfigurado pelo sofrimento mostra-nos, de modo eloquente, a grandeza do amor de Deus por nós e convida-nos, à luz do dinamismo pascal de Cristo ressuscitado, que sempre caracteriza esta festa, a irmos ao encontro, com gestos de esperança e amor criativo, dos rostos desfigurados de quantos vivem hoje marcados pelo sofrimento, pela solidão, pelo desemprego, pela falta de esperança e de sentido para a sua vida.

O Senhor Santo Cristo dos Milagres, que hoje inspira a nossa oração e motiva o nosso louvor, o *Ecce Homo* que Pilatos apresentou à multidão é, tal como escutámos no texto do livro do Apocalipse: *"Aquele que nos ama e que pelo seu sangue nos libertou do pecado. Aquele que vem entre as nuvens, e todos os olhos O verão, mesmo aqueles que O transpassaram"* (Ap 1, 5.7).

Para ele, redentor do homem e do mundo, como convidava João Paulo II no início do seu pontificado, se volta ao nosso olhar: *"a única orientação do espírito, a única direção da inteligência, da vontade e do coração para nós é esta: a direção de Cristo Redentor do homem, a direção de Cristo redentor do mundo. Para Ele queremos olhar porque só n'Ele, Filho de Deus, está a salvação"* (*Redemptor Hominis*, 7).

A missão da igreja, em todos os tempos, é orientar o olhar do homem para Cristo de modo a que possa encontrar-se com ele e tomar consciência da grandeza do amor com que nos amou, a fim de que Cristo possa percorrer com cada homem o caminho da vida, com a força da verdade sobre o homem e sobre o mundo, contida no mistério da Encarnação e da Redenção e com a força do amor que de tal verdade irradia (Cf. *Redemptor Hominis*, 13).

Meus caros irmãos, o cristianismo não nasce de uma ideia, mas de um acontecimento, não tem na sua origem uma doutrina, mas uma Pessoa e essa Pessoa é Jesus Cristo e ninguém pode ser verdadeiro cristão se não dirige para ele o seu olhar, se não se encontra com ele, se não o acolhe como acontecimento que transforma a própria vida, como referiu Bento XVI, também na sua primeira encíclica: *"No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo"* (*Deus Caritas Est*, 1).

Meus irmãos, esse acontecimento, essa Pessoa, é para nós, hoje, o Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Aquele no qual fixamos o nosso olhar: um olhar de fé e de amor, que nos leva a reconhecer como o apóstolo João: *"nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem"* (1Jo 4, 16). Reconhecimento que, segundo o Evangelho proclamando, implica a escuta da Palavra de Deus e observância fiel dos seus mandamentos, ou seja,

reconhecimento que é gerador de um olhar diferente sobre o mundo, sobre a história, sobre os acontecimentos e, sobretudo, gerador de atitudes novas em relação aos outros.

Só a caridade, como reconhecimento de amor de Deus manifestado em Cristo, traduzido em atitudes e gestos solidários com os irmãos, proporciona um desenvolvimento integral do ser humano. A primeira causa do subdesenvolvimento, afirma Bento XVI na Encíclica *Caridade na Verdade*, é a falta de fraternidade entre os homens e entre os povos, fraternidade que dificilmente pode ser obtida apenas com as forças do homem. *"A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. A razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade. Esta tem origem numa vocação transcendente de Deus Pai, que nos amou primeiro, ensinando-nos, por meio do Filho o que é a caridade fraterna"* (*Caritas In Veritate*, 19).

"O Senhor fez da minha boca uma espada afiada, tornou-me semelhante a uma seta aguda" (Is 49, 2), escutámos na primeira leitura do profeta Isaías. Imagens que apontam para Cristo e exprimem a força e intensidade do amor n'Ele manifestado e, face ao qual, ninguém pode ficar indiferente. Amor que somos convidados a redescobrir, hoje, na Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a acolher e a transmitir com o testemunho da própria vida: *"Vou fazer de ti a luz das nações para que a minha salvação chegue ao confins da terra"* (Is 49, 6), missão que Cristo assumiu e realizou, nos foi entregue no dia do nosso batismo, e que somos chamados diariamente a concretizar através do testemunho da nossa vida.

Meus irmãos, contemplar a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres é concluir com o apóstolo Paulo: *"Cristo amou-me e entregou-se por mim"* (Cf. Gal 2, 20). A descoberta desta verdade revolucionou a sua vida e a de muitos outros ao longo dos séculos, mesmo entre os que consagraram a vida a Deus na clausura, como Teresa da Anunciada que, ao contemplar a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, se deixou inundar e transformar pelo amor que ela irradia.

Cristo amou-me e entregou-se por mim: possa ser também hoje a convicção renovada que levamos deste Santuário e que há-de dar sentido à nossa fé e à nossa vida.

Convido-vos a colocarmos sobre o altar desta Eucaristia, todas as intenções que, hoje, apresentamos ao Senhor Santo Cristo dos Milagres: em vosso nome, eu lhe peço que as acolha e derrama abundantemente a sua bênção sobre esta igreja diocesana, seus bispos, seu clero e todos os fiéis, seus projetos pastorais, sobre todos os que vivem a sua vida como uma missão ao serviço dos outros; sobre cada um de vós que aqui vos encontrais e quantos nos acompanham pelos meios de comunicação social; sobre as famílias, as crianças, os jovens, os idosos, os doentes, os que não encontram razões para viver e para ultrapassar as dificuldades.

Que o Senhor Santo Cristo dos Milagres fortaleça a nossa fé e ilumine a nossa vida, de modo a aprendermos a lição que, mais uma vez, nos convida a seguir: o caminho amor, do serviço e do dom da vida.

"Nisto todos saberão que sois meus discípulos se vos amardes como eu vos amei" (Jo 13, 35).

Seja, pois, o amor gratuito e desprendido, o nosso distintivo e nossa identidade, qual luz, fermento e sal, com que somos chamados a iluminar e dar um sabor novo ao mundo em que vivemos.

3.4.16. 2011: Cardeal D. William Joseph Levada, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé

Suporte Arquivo RTP - AC11000215AD

Tema: ... E o Senhor tão perto de nós!

Is 52, 7-10

Ap 1, 4-6

Jo 18, 33-38. 19, 1-5

Excelências;

Reverendos padres;

Queridos irmãos em Cristo.

Para mim é uma alegria muito grande unir-me a vós para celebrar esta Festa do Senhor Santo Cristo, bem como uma feliz oportunidade para voltar à terra dos meus antepassados.

Estou muito grato pela calorosa receção de Sua Excelência D. António de Sousa Braga, Bispo de Angra, como também o convite do Monsenhor Agostinho Couto Tavares, Reitor do Santuário do Santo Cristo.

Espero que a minha presença entre vós, hoje, a de um Cardeal vindo de Roma, seja recordação desta Festa que hoje celebramos aqui, não só uma celebração importante para S. Miguel mas que exprime também a fé de toda a Igreja do mundo presente. E a nossa fé é esta: Jesus Cristo, nascido da Virgem Maria, por Sua Paixão, Morte e Ressurreição, libertou-nos do pecado e constituiu para nós o prémio de vida eterna.

A Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres é, sem dúvida, uma das maravilhas de S. Miguel. O seu valor não é somente dos preciosos materiais usados na sua confecção ou de uma harmonia artística que a caracteriza como uma grande obra de arte. Esta Imagem do Senhor Santo Cristo tem em seu valor maior um testemunho da fé que tão eloquentemente exprime. A Imagem confirma, em primeiro lugar, um testemunho da profunda fé do povo dos Açores, o qual, pela intuição de Madre Teresa da Anunciada, fez da veneração do Senhor Santo Cristo dos Milagres o centro da sua piedade e da vida espiritual desde o séc. XVII. Foi assim que a face de Cristo se embrenhou na verdadeira cultura desta bela cidade de Ponta Delgada e do povo açoriano. Poder-se-ia dizer mesmo que a história desta Imagem de Nosso Senhor encerra a história deste povo. Os traços da Paixão incisos na Imagem representam os sofrimentos e labutas de gerações sem conta, que, no decorrer dos séculos, para cá vieram em romaria para contemplar a face de Cristo que as aliviava, tomando sobre si os seus fardos (Cf. Mt 11, 28-29). Esta Imagem, de rara beleza, é um convite, como também o cumprimento das palavras da Escritura que ouvimos na primeira epístola de S. Pedro: *“Confiai a Ele as vossas preocupações, que ele se ocupará de vós”* (1 Ped 5, 7).

A nossa celebração de hoje enquadra-se no contexto das alegres celebrações pascais. Poderia parecer estranho venerar a Imagem da Paixão de Nosso Senhor durante o tempo da Páscoa, mas foi precisamente a Páscoa que sucedeu a Sexta-feira Santa, transfigurando, assim, o sofrimento em júbilo. O esplendor que circunda esta Imagem, a

bela indumentária, as flores e os enfeites são uma lembrança eficaz de que os trabalhos da Paixão se transformaram na alegria da Páscoa. É aqui que as preces são atendidas, é aqui que jorram as graças e o fardo de cada dia, em cada um, se faz um pouco mais leve. As feridas da Paixão transfiguraram-se nas chagas gloriosas pelas quais recebemos o perdão dos pecados e a vida eterna. O sangue derramado na Paixão tornou-se o preciosíssimo sague que nos lava e purifica e nos dá a vida. A Cruz converteu-se em trono real e a coroa de espinhos mostra que Jesus foi exaltado como Rei do Céu e da terra, cumprindo-se assim a profecia de Isaías que ouvimos hoje na primeira leitura. Não existe tempo mais propício para celebrar o Santo Cristo do que em Tempo Pascal, porque a verdadeira luz da Ressurreição brilha através da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres como uma silenciosa lembrança de que Deus trabalha sempre em nós. A nossa fé, exprimida de maneira tão eloquente nas preces, procissões e Santas Missas celebradas neste Santuário, encontra-se com uma amorosa resposta de um Deus que enviou o seu Filho para padecer os suplícios da Cruz, a fim de poder livrar-nos do pecado e poder salvar-nos da morte. É por isso que esta Imagem é tão bela. Vemos nela o que Deus prometeu e cumpriu em Cristo.

São João, na leitura do Apocalipse, há pouco proclamada, diz-nos exatamente qual é a promessa de Deus: *“Graça e paz da parte d’Aquele que é, que era e que há de vir. E da parte de Jesus Cristo que é a testemunha fiel, o primogénito dos mortos e o príncipe dos reis da terra, Aquele que nos ama e com o Seu sangue nos lavou dos nossos pecados e nos fez reis e sacerdotes para Deus Seu Pai”* (Ap 1, 4-6).

Amados irmãos em Cristo, agradeço de coração a oportunidade que me destes de celebrar convosco esta bela Festa do Santo Cristo. A vossa fé e a vossa devoção a Nosso Senhor e à Sua Igreja é tão explícita, no dia de hoje, de maneira a dar-me um especial encorajamento.

Como Perfeito da Congregação da Doutrina da Fé, tenho o privilégio de encontrar regularmente o nosso Santo Padre, o Papa Bento XVI. Podeis assegurar-vos de que falarei a ele desta belíssima celebração. E sei que ele me dirá que vos concede todas as bênçãos.

Que Deus vos abençoe, pela intercessão da Santíssima Virgem Maria. E que cada um de vós, com as vossas famílias e os vossos amigos, possa receber do Senhor Santo Cristo dos Milagres a graça e a paz.

Ámen.

3.4.17. 2012: D. Rino Passigato, Núncio Apostólico em Portugal

Suporte Arquivo RTP - AC12000166AD

Tema: A Paixão de Cristo que nos une!

Is 52, 7-2

Ap 1, 4-6

Jo 18, 33-38. 19, 1-5

"O Senhor é Rei, exulte a terra! Rejubile a multidão das ilhas!" (Sl 97, 1)

É-me muito grato estar hoje, pela primeira vez, aqui em Ponta Delgada, nesta ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores, a presidir à celebração da Santa Missa na solene Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres - Festa que tanta importância tem na história e na vivência religiosa e social do povo açoriano.

Antes de mais, agradeço a Sua Excelência o Senhor Bispo D. António Braga por me ter convidado para esta solene efeméride e por me conceder este privilégio.

Saúdo respeitosamente Sua Excelência o Senhor Representante da República, Sua Excelência o Senhor Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Sua Excelência o Senhor Presidente da Assembleia Legislativa Regional, agradecendo-lhes mais uma vez a calorosa receção que me ofereceram nesta minha primeira visita oficial aos Açores; saúdo também as demais Autoridades políticas, civis, judiciais, policiais e militares presentes, ou não presentes. E aproveito para agradecer a calorosa receção com que me brindaram nesta minha visita oficial ao Arquipélago dos Açores.

Saúdo fraternalmente Sua Excelência Rev.ma o Bispo emérito, D. Aurélio, o Rev.mo Mons. Vigário Geral, o Rev.mo Mons. Reitor do Santuário e as Irmãs do Convento do Senhor Santo Cristo, os caros irmãos sacerdotes, os diáconos, as pessoas consagradas, os seminaristas, os provedores e membros da Irmandade do Senhor Santo Cristo e das outras irmandades e movimentos eclesiais, todos os fiéis leigos - as famílias, os jovens, as crianças, os doentes e anciãos. A todos e a cada um transmito a proximidade paterna, as saudações mais afetuosas e a Bênção Apostólica do Santo Padre o Papa Bento XVI, a quem tenho a honra e o privilégio de representar aqui hoje.

A liturgia da Palavra da Missa que estamos celebrando, que bem se adapta à Imagem do Senhor Santo Cristo, leva-nos ao coração do mistério pascal, representando e apresentando para a nossa contemplação a figura de Jesus Cristo, nosso Redentor, no meio da sua santa e gloriosa Paixão, aquela paixão pela qual ele salva o homem e o mundo e se torna Rei do Universo.

Fitando os meus olhos na comovedora Imagem do Senhor Santo Cristo, coroados de espinhos e que, de maneira eloquente, mostra carregar sobre si toda a dor e os sofrimentos da humanidade, vêm-me à memória umas palavras que o grande Santo Agostinho dirige aos seus fiéis para os estimular ao arrependimento dos seus pecados e à conversão, palavras que eu quero propor a cada um dos presentes no começo desta celebração: *"Celebraremos com toda a confiança a Paixão daquele que, sem dever nada, pagou a dívida em vez dos devedores, Jesus Cristo, o Senhor, Que a ninguém causou ofensa e a Quem quase todo o mundo ofendeu, e que, em vez de exigir tormentos, prometeu prémios"* (S. Agostinho, Sermão 211).

Este Cristo, Que, carregando sobre Si os nossos pecados, mudo como um cordeiro levado ao matadouro, aceita ser sacrificado em nosso lugar, é a manifestação do amor misericordioso de Deus. E é para reconhecer e aclamar o amor sem limites da misericórdia de Deus que nós estamos aqui reunidos.

Como na festa de Cristo Rei, no fim do ano litúrgico, assim hoje aqui nós celebramos, contemplamos e aclamamos Cristo como Senhor nosso, Senhor da História e do Universo, nosso Salvador e Rei das nossas almas.

Os textos da Missa convidam-nos a celebrar e a contemplar num único mistério a Paixão e a Realeza de Cristo. Jesus Cristo é Rei, não a partir de uma perspectiva de poder terreno, mas a partir da perspectiva do serviço e do sacrifício redentor no altar da cruz. Desta forma, Jesus submete ao Seu poder todas as criaturas, pondo-as ao serviço do verdadeiro Reino, no qual Deus é o Todo-poderoso, é a Majestade. Um tal Reino é "reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz".

Na primeira Leitura (uma breve passagem do quarto poema do Servo de Iavé), anunciando a paz e a salvação universal que Deus realizará nos tempos messiânicos, o Profeta Isaías convida-nos a celebrar e a festejar: *"Rompei em brados de alegrias, porque o Senhor consola o Seu povo, resgata Jerusalém: O Senhor descobre o Seu santo braço à vista de todas as nações e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus"* (Is 52, 7- 10).

Mas aquilo que o profeta contempla não corresponde a algum poder terreno, mas trata-se do *Reino de Deus*, realizado pelo Messias - o *Filho do Homem* -, não pela força das armas mas pela força do Seu sangue, expressão suprema do amor com que Deus ama o mundo. A este *Filho do Homem* - que outro não é senão o próprio Cristo na sua Paixão - é dado todo o poder, a honra, a realeza e a autoridade, porque todos os povos, nações e línguas o hão de servir (Cf. Dan, 7, 14).

A segunda Leitura, tirada do Livro do Apocalipse, leva-nos à presença de Cristo, contemplado na sua glória como *"Aquele que é, que era e que há de vir, (...). a Testemunha fiel, o Primogénito dos mortos, o Príncipe dos reis da terra, (...) Aquele que nos ama e pelo Seu sangue nos libertou do pecado e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus, Seu Pai"* (Ap 1, 4-6).

Esta visão convida-nos a reconhecermos a Realeza de Cristo, acreditando nele e contribuindo para a edificação e consolidação do *Reino de Deus* que Jesus com a sua Palavra, a sua Vida, Morte e Ressurreição anuncia como presente, já, no meio de nós.

É o Espírito Santo, o Espírito de Cristo ressuscitado, que no meio dos homens vai edificando o *Reino de Deus*, começando pela Igreja, através do empenho dos batizados. Para além dos ministros sagrados, das pessoas consagradas, homens e mulheres, e dos membros dos diferentes movimentos eclesiais que, cada um com o seu próprio carisma, revelam a presença do Espírito de Jesus na Igreja, contribuem para a edificação do *Reino de Deus* os esposos cristãos, testemunhando com o seu amor fiel e fecundo, a Caridade trinitária e o amor de Cristo pela Igreja, educando os filhos na fé e rejuvenescendo, assim, o Povo de Deus; os operários e profissionais cristãos, construindo com o seu trabalho honrado a cidade terrena sobre as regras da justiça, da equidade, da solidariedade e da fraternidade; os médicos e os profissionais da saúde que

dedicam a própria existência ao bem-estar dos outros e à defesa da vida desde o seu início no seio materno até ao seu fim natural; todas as pessoas boas e altruístas que, sem nada pedir em troca, prestam ajuda ao vizinho ou ao amigo com problemas ou sofrendo necessidade.

Contribui para a edificação e consolidação do *Reino de Deus* a paciência alegre do doente na sua dor ou do idoso na solidão; a oração silenciosa, na confiança em Deus, na alegria do dever cumprido e de uma consciência reta, honrada, de tantos cristãos e cidadãos anónimos.

Levam o seu grão de areia para a edificação do Reino de Deus também homens e mulheres de boa vontade sem número que entregam o seu talento, energias, tempo e vida à obra da justiça, à libertação integral, à cultura e dignidade humana, ao desenvolvimento pleno, à fraternidade e à ecologia, isto é, à salvaguarda da nossa casa comum.

Tudo o que é nobre, harmonioso e profundamente humano no coração de um homem ou de uma mulher, que lealmente optam pelo amor e pela verdade, procede do Espírito de Deus, que *"sopra onde quer"* (Jo 3, 8), e é precioso para a realização do *Reino de Deus*.

Como fez com os cristãos das gerações passadas, também hoje o Espírito Santo move os batizados para edificarem o *Reino de Deus* sobre o testemunho do Cristo ressuscitado.

Com o Papa Bento XVI, Sucessor de Pedro hoje, eu repito a cada um de vós: *«Meus irmãos e irmãs, é necessário que vos torneis comigo testemunhas da Ressurreição de Jesus. Na realidade, se não fordes vós as suas testemunhas no próprio ambiente, quem o será em vosso lugar? O cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida. Para isso, em cada celebração eucarística, ouviremos mais atentamente a Palavra de Cristo e saborearemos assiduamente o Pão da Sua presença. Isto fará de nós testemunhas e, mais ainda, portadores de Jesus ressuscitado no mundo, levando-O para os diversos sectores da sociedade e quantos neles vivem e trabalham, irradiando aquela "vida em abundância" (Jo 10, 10) que Ele nos ganhou com a Sua cruz e Ressurreição e que sacia os mais legítimos anseios do coração humano»* (Bento XVI, 14 de Maio de 2010, Santa Missa no Porto).

Como Pedro nos recomenda numa das suas cartas, exortamo-vos: *"Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder a quem quer que seja sobre a razão da esperança que há em vós"* (1Ped 3, 15). Por experiência própria e comum, bem sabemos que é por Jesus que todos esperam. De facto, as expectativas mais profundas do mundo e as grandes certezas do Evangelho cruzam-se na irrecusável missão que nos compete, pois, como afirma o Santo Padre Bento XVI na Encíclica *Caritas in Veritate*, *"sem Deus, o ser humano não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja. Perante os enormes problemas do desenvolvimento dos povos, que quase nos levam ao desânimo e à rendição, vem em nosso auxílio a palavra do Senhor Jesus Cristo que nos torna cientes deste dado fundamental: 'Sem Mim, nada*

podeis fazer' (Jo 15, 5), e encoraja: *'Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo'* (Mt 28, 20)" (*Caritas in Veritate*, 78).

No Evangelho, às perguntas do governador romano Pilatos, Jesus responde afirmando que ele é Rei, mas o seu Reino *"não é deste mundo"*. Ele não veio para dominar sobre povos e territórios, mas para libertar os homens da escravidão do pecado e reconciliá-los com Deus. E acrescenta: *"Para isso nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da Verdade. Todo aquele que é da Verdade escuta a minha voz"* (Jo 18, 37).

Mas qual é a *"Verdade"* que Cristo veio testemunhar no mundo? Toda a sua existência revela que Deus é amor: portanto, é esta a verdade da qual ele deu testemunho pleno com o sacrifício supremo da sua própria vida no Calvário. A Cruz é o *"trono"* donde manifestou a sublime realza de Deus-Amor: oferecendo-Se em expiação pelos pecados do mundo, ele derrotou o domínio do *"príncipe do mundo"* e instaurou definitivamente o Reino de Deus, Reino que se manifestará em plenitude no fim dos tempos, quando todos os inimigos, e por fim a morte, tiverem sido submetidos (Cf. 1Cor 15,25-26).

"O caminho para chegar a esta meta é longo e não admite atalhos - alerta-nos o Santo Padre Bento XVI. De facto - diz-nos o Papa - é necessário que cada pessoa acolha livremente a verdade do amor de Deus. Ele é Amor e Verdade, e quer o amor quer a verdade nunca se impõem: batem à porta do coração e da mente e, onde podem entrar, trazem paz e alegria. É este modo de reinar de Deus; este é o seu projeto de salvação, um 'mistério' no sentido bíblico da palavra, isto é, um desígnio que se revela pouco a pouco na história" (*Angelus* de 26, Novembro, 2006).

Pelo Santo Padre é-nos recordado que o nosso cristianismo depende da resposta que damos a Cristo e do lugar que Ele ocupa em nossa vida. Na construção da nossa vida pessoal e coletiva, pessoas e comunidade necessariamente procuramos fundamento para uma construção sólida, feliz e realizadora. Só Cristo pode ajudar o Homem e os Povos a encontrar o verdadeiro caminho de paz, felicidade e salvação.

Os discípulos de Cristo terão sempre na sua vida desafios e provações. O Apocalipse de São João foi escrito para animar os cristãos no meio de grandes desafios e perseguições. A vitória é a Cruz e a Ressurreição de Cristo. A nossa vitória está na união e fidelidade à pessoa de Jesus Cristo, Deus verdadeiro e Homem verdadeiro. Um compromisso sincero, coerente, constante e total ao Evangelho. Compreender e viver o cristianismo como algo dinâmico a exigir a nossa entrega, a nossa doação, a Cruz.

Irmãos e irmãs:

Enxertados em Cristo, no seu Mistério Pascal, nós seremos vencedores e ajudaremos a vencer. Neste contributo de amor, de doação, tornaremos visível o Deus Que vale a pena amar e seguir. Se vivermos a coerência deste projeto, pela santidade, muitos hão de encontrar e contemplar Cristo Jesus na sua *"Majestade"* de Senhor e Rei. E no final, todos o verão, mesmo aqueles que o espancaram, Lhe cuspiram na cara, o coroaram de espinhos, o trespassaram. A força do amor perdoará na eternidade da beleza, grandeza e santidade do nosso Deus.

A Cristo é associada de maneira muito singular a Virgem Maria. A Ela, humilde jovem de Nazaré, Deus pediu que fosse a Mãe do Messias, e Maria correspondeu totalmente a este chamamento unindo o seu *"sim"* incondicionado ao do Filho Jesus e

tomando-Se obediente com ele até ao sacrifício, momento supremo em que nos foi dada como Mãe nossa.

Ela foi exaltada acima de toda a criatura e, ao lado de Cristo, é coroada Rainha do Céu e da Terra.

Com o seu *fiat*, repetido todos os dias da Sua vida, a Virgem Maria, é modelo e fonte de inspiração para todo o crente que, pela fé em Deus, pode abrir o coração à esperança e encarar os desafios da vida com confiança e serenidade. Por isso, neste Santuário, Maria é invocada e venerada como "*Mãe da Santa Esperança*".

Neste dia 13 de Maio, Aniversário da Sua primeira aparição em Fátima, confiamos à sua intercessão a nossa Igreja, as nossas famílias, este arquipélago dos Açores, Portugal e a humanidade inteira, para que o amor de Deus possa reinar em todos os corações e se cumpra o seu desígnio de justiça, de fraternidade e de paz.

Ámen.

3.4.18. 2013: Cardeal D. Sean Patrick O'Malley, Arcebispo de Boston, Estados Unidos da América

Suporte Arquivo RTP - AC13000140AD

Tema: Fé em movimento!

Is 61, 1-3.6. 8-9

Gal 3, 1-6

Jo 15, 14-17

Vossa Excelência Reverendíssima D. António Sousa Braga, Bispo de Angra;
Monsenhor Augusto Cabral, Reitor do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres;

Senhores membros do governo;

Os meus irmãos sacerdotes, diáconos, religiosas;

Membros da Confraria do Senhor Santo Cristo

Queridos amigos.

Para mim é um privilégio e uma alegria imensa poder presidir a estas Festas tão significativas, aqui e no mundo inteiro, onde os açorianos vivem e mantêm as suas tradições católicas. Durante dez anos como bispo de Fall River e dez anos como arcebispo de Boston tenho tido muitas vezes o privilégio de partilhar, com alegria e emoção, estas Festas.

A primeira leitura da Missa de hoje é tirada do Profeta Isaías - Isaías tem tantas profecias sobre o Messias, que o seu livro mais devia constar do Novo Testamento. Profetiza que o Messias nascerá de uma virgem. A passagem de hoje começa: "*O Espírito do Senhor está sobre Mim porque Ele me ungiu. Ele enviou-me a anunciar a Boa Nova aos pobres, a proclamar a libertação aos cativos, a vista aos cegos a restituir a liberdade aos oprimidos*" (Is 61, 1). Aliás, foi este o texto que Jesus escolheu para

fazer o seu primeiro sermão quando, entrando na sinagoga da sua terra natal, Nazaré, abriu o rolo e leu esta passagem.

Sempre encontrei grande consolo neste primeiro sermão de Jesus que acabou em catástrofe. É que o meu primeiro sermão acabou também em catástrofe.

Frade recém ordenado, fui mandado como capelão a uma prisão e foi lá que tive de pregar pela primeira vez. Estava muito nervoso e não sabia o que dizer. Fui à biblioteca do mosteiro ver se algo me podia ajudar e encontrei um livro sobre pregação, cuja primeira sugestão era: *Fale dentro dos horizontes da congregação a que se dirige*. Tive uma inspiração: decidi falar sobre as grandes fugas da Bíblia. Comecei com a história de Daniel no covil dos leões (Cf. Dan 6, 20-24), dos três jovens na fornalha ardente (Cf. Dan 3, 91-96), de S. Paulo escapando por cima dos muros de Damasco num cesto (Cf. Act 9, 23-25; 2 Cor 32-33), de São Paulo saindo da prisão (Cf. Act 16, 25-35). Tinha acertado em cheio! Os presos ouviam-me com toda a atenção. O problema é que no dia seguinte, seis prisioneiros fugiram da prisão. Eu tive medo que o primeiro sermão fosse também o último!

Nesta belíssima passagem, Jesus faz-nos vislumbrar qual é a sua missão: tornar visível a face misericordiosa do Pai, mostrar o amor de Deus pelos pobres, os aflitos, os cativos, os cegos, os que sofrem. Por isso, não é de espantar que mais tarde o Evangelho, quando João Baptista manda os seus discípulos perguntar a Jesus se Ele é o Messias ou se deve esperar outro, Jesus cedo responde: *“Ide dizer a João o que vedes e ouvis: os cegos veem, os coxos andam, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres”* (Mt 11, 4-5). Jesus é a face misericordiosa do Pai, que veio para ser o nosso Messias. Não um poderoso chefe político ou militar, como as pessoas esperavam. Veio como *“Servo sofredor”* (Cf. Is 53) que nos remiu com o Seu sangue. São Francisco costumava dizer que a Cruz era o seu livro e que neste livro ele conseguia ver a maior história de amor alguma vez contada. Infelizmente, há pessoas que olham para a Cruz e vêem só o desaire, a tragédia. Quem consegue olhar verdadeiramente para a Cruz é capaz de compreender o amor libertador e sacrificial de Jesus Crucificado.

Na segunda leitura da Missa de hoje, São Paulo, na sua censura aos Gálatas, lembra-nos que é possível olhar para Jesus Crucificado e não ver a história de amor. Diz São Paulo: *“Ó insensatos Gálatas, quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade. Vós, perante cujos olhos foi apresentado Jesus Cristo Crucificado”* (Gal 3, 1).

O Evangelho, noutra parte, apresenta-nos Nicodemos, um homem deslumbrado por Cristo, mas cheio de medo de o seguir abertamente. Num dos encontros secretos que teve com Jesus, o Senhor disse-lhe: *“Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim deve ser levantado o Filho do Homem, para que todo o que nele acredita não pereça, mas tenha a vida eterna”* (Jo 3, 14-15). Jesus refere-se ao episódio do Antigo Testamento de que o povo de Deus, vagueando no deserto, começa a reclamar. Havia muitas serpentes que mordiam as pessoas. Quando Moisés pediu ajuda Deus, Deus disse-lhe para fazer uma serpente de bronze e a amarrar num cimo de um poste para que todos a pudessem ver. Quem estivesse a sofrer por ter sido mordido por uma serpente, ficava curado, só de olhar para essa serpente que tinha sido levantada (Cf. Num 21, 5-9). Jesus é erguido na Cruz como a serpente de bronze no deserto. Quem olhar o Senhor Crucificado e reconhecer a mensagem de amor será curado da mordida do pecado.

Aliás, o caso de Nicodemos mostra bem como são curados e transformados aqueles olham para Cristo Crucificado. Quer Nicodemos, quer José de Arimateia,

ambos fariseus influentes, tinham tentado seguir Jesus secretamente, mas foi a visão de Cristo Crucificado que derreteu o seu coração e lhes deu coragem para ir a Pilatos pedir o corpo de Jesus, a fim de lhe dar uma sepultura condigna.

Nós, hoje, ao contemplar esta Imagem do Santo Cristo, pedimos a mesma graça de conversão para as nossas vidas. Desejamos ver no corpo torturado de Cristo a verdade inegável de que Deus ama de tal modo o mundo, que lhe enviou Cristo para sofrer e morrer por nós (Cf. Jo 3, 16). Esperamos que o sacrifício da Morte de Jesus nos torne aptos a ultrapassar os respeitos humanos, o medo da Cruz e os próprios desejos egoístas.

Como São Francisco, queremos ser capazes de ler a maior história de amor do mundo manifestada na face de Jesus. Quando Nossa Senhora e São João, e depois Nicodemos e José de Arimateia, olharam para o corpo de Jesus, flagelado e coroado de espinhos, o que viram foi o amor incondicional de Deus. Ontem eu referi que Santa Teresa de Ávila considerava que o momento da sua conversão se tinha dado, certo dia, a olhar um *Ecce Homo*, numa parede do convento. Ela tinha passado por aquela Imagem centenas de vezes, mas, naquele dia, a graça de Deus tocou o seu coração e ela caiu na conta de quanto Cristo a amava e tinha sofrido por ela.

Quando Pôncio Pilatos diz: “*Eis o Homem!*” (Jo 19, 5), a multidão começou a gritar: “*Crucifica-o! Não temos outro Rei que não César!*” (Jo 19, 15). De certeza que houve outros tantos que reagiram com indiferença. Para esses o sofrimento dos outros é irrelevante, devem ter-se afastado, enojados com aquela visão. E nós? Qual é a nossa reação a esta Imagem de Jesus na Sua Paixão? Será que os nossos corações se vão deixar tocar pela graça de Deus, a fim de nos convertermos mais profundamente e de nos inspirar a partilhar com os outros a mensagem do amor de Deus?

No Evangelho de hoje, Jesus diz: “*Já não vos chamo servos, mas amigos*” (Jo 15, 15). Ser discípulo de Jesus quer dizer viver uma verdadeira amizade com o Senhor. Aprendemos a ser discípulos da mesma maneira que aprendemos uma língua, fazendo parte de uma comunidade que fala essa língua. O discipulado não é um voo a solo. O discipulado só é possível dentro de uma comunidade, como família de Cristo.

A nossa fé é o modo de vida que nos permite compreender o significado das coisas. O Evangelho de hoje faz parte do chamado *Discurso de Despedida*, que Jesus pronunciou durante a Última Ceia. É evidente que as últimas instruções de Jesus ganham grande importância para qualquer pessoa que queira seguir Jesus. Na Última Ceia, Jesus tem um gesto radical que é o de lavar os pés dos seus discípulos (Jo 13, 3-15), a fim de nos mostrar o serviço humilde e fraterno. É nesta mesma altura que nos dá o novo mandamento de nos amarmos uns aos outros como ele nos amou.

O mal exerce uma atração incrível sobre as pessoas. Drogas, pornografia, violência, ganância, vingança, inveja e orgulho conseguem ter domínio poderoso sobre a mente e o coração de uma pessoa.

Em Boston, há apenas umas semanas, enquanto milhares de jovens e famílias se juntavam para festejar o *Patriot Day*, participando na famosa maratona, aconteceu um terrível crime de ódio. Morreram quatro pessoas inocentes e tantas ficaram feridas e mutiladas.

Domingo passado fui visitar uma menina de seis anos, chamada Jéni; o seu corpo está coberto de queimaduras e tiveram de lhe amputar um pé, ela que tinha começado a aprender sapateado irlandês, a nossa dança folclórica. O irmão de Jéni morreu na explosão, tinha oito anos e tinha feito a primeira comunhão há pouco. Ambos

frequentavam uma das nossas escolas paroquiais, a de Santa Ana. Uma fotografia, do pequeno Martin, que tem circulado muito, mostra-o a segurar orgulhosamente um *poster* feito por ele, no qual escreveu: “*Paz! Basta de magoar pessoas!*” Todas as pessoas sofreram desnecessariamente por causa do mal enraizado no coração de dois jovens. A nossa tarefa, como amigos de Jesus e Seus discípulos, é de construir uma civilização do amor. O amor não é fácil, é preciso ter recursos espirituais de modo a ultrapassar o nosso próprio egoísmo e fazer um dom de nossas vidas a Deus e ao próximo. Quem dera que alguém tivesse tido a oportunidade de falar aos dois terroristas sobre o amor de Deus por cada um de nós e de como Deus quer que nos amemos uns aos outros e que trabalhemos por um mundo melhor, onde, como disse o pequeno Martin: *Ninguém mais faça mal a ninguém!*

Estas Festas do Santo Cristo são de grande beleza e congregam a comunidade. Nunca devemos perder de vista a verdadeira beleza e significado da celebração. O folclore, a música, as bandas, as tradições religiosas cheias de colorido, são tantos elementos importantes que nos permitem estabelecer a nossa identidade como povo católico. Mas o mais importante é o significado, é a mensagem desta Festa. É algo que todos nós compreendemos e fazemos nosso.

Há tanto mal e egoísmo e violência no nosso mundo! Nós, comunidade crente, recebemos de Cristo a missão de fazer deste um mundo melhor, onde as pessoas são mais importantes do que o dinheiro e no qual vivemos vidas de generosidade e serviço, porque estamos ancorados em Deus e em ligação uns com os outros.

A oração, a Palavra de Deus, os Sacramentos e a comunidade crente, tudo nos ajuda a encontrar a força para sermos capazes de amar. O grande individualismo e o materialismo de nossa época tornam o amor e o serviço muito difícil. Mas Jesus veio ao mundo para nos mostrar quanto Deus nos ama e quão importante é que nos amemos uns aos outros.

Os tesouros e tradições que deslumbram nestas Festas do Santo Cristo são sinais dos tesouros do Seu amor, a única coisa que realmente importa. Como Marta, no Evangelho, estamos nervosos e preocupados por muitas coisas (Cf. Lc 10, 38-42). Que estas Festas do Santo Cristo nos ajudem a concentrar numa só coisa que precisamos: o amor de Cristo. E que nada, *"nem a tribulação, nem o perigo, nem a espada, nem a fome, nem a nudez, nem a morte, nem a vida, nem o presente nem o futuro, nem qualquer criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Jesus Cristo Nosso Senhor"* (Rom 8, 35. 39).

Que o Senhor Santo Cristo abençoe-vos a todos e mantenha-vos no Seu eterno amor.

Ámen.

3.4.19. 2014: D. António Francisco dos Santos, Bispo titular da Diocese do Porto

Suporte Arquivo RTP - AC14000206AD

Tema: Encontro com a Esperança!

Is 42, 1-7?

Filip 2, 6-11?

Jo 15, 9-13?

Irmãos e irmãs, a Palavra de Deus, agora proclamada, dá sentido à nossa celebração e oferece luz ao nosso caminho de peregrinos do Senhor Santo Cristo dos Milagres, neste Santuário de Ponta Delgada, nos Açores. Unimo-nos ao Santo Padre, o Papa Francisco, e às suas intenções, em peregrinação à Terra Santa. Ele, que também nesta manhã celebra a Eucaristia em Belém, no lugar e na terra onde nasceu Jesus.

Saúdo-vos, irmãos e irmãs desta Região Autónoma, distribuídos pelas nove ilhas dos Açores ou repartidos pelos caminhos da emigração, que levaram milhares de pessoas deste coração do Atlântico e de Portugal para todos os recantos do mundo. Sede bem-vindos, irmãos peregrinos.

Fixemo-nos nos sinais da fé desta multidão de peregrinos e deixemo-nos inundar de ternura e de bênção que sobre nós derrama o olhar terno e sereno, olhar de mansidão e de misericórdia, do Senhor Santo Cristo dos Milagres. O Seu olhar é um olhar que aconchega o nosso coração, um olhar que acolhe as nossas preces, um olhar que abençoa as nossas famílias, um olhar que abraça o mundo!

Deixemo-nos olhar por este olhar do Senhor Santo Cristo e procuremos olhar o mundo à luz deste mesmo olhar de Jesus e com os critérios do Evangelho agora proclamado!

"Tu pedes, Senhor Santo Cristo, o meu barro frágil para levar aos homens a frescura da Tua água; que eu a sirva límpida e gratuita, de modo que quem a beber saiba que Tu és a água e a nascente.

Tu pedes que erga nas praças as palavras aprendidas no silêncio; que eu seja fiel, para que quem Te ouvir saiba o caminho...

Confunde-me a Tua misericórdia que me aceita: espelho tão baço para o Teu olhar de luz; eira tão estreita para servir aos irmãos o trigo do Teu amor!" (P. João Aguiar, *Transparências*, p. 9)

Assim nos queres, Senhor Santo Cristo, como teus discípulos, para aprendermos o teu modo de ser e de estar e cumprirmos hoje e aqui o memorial da última Ceia.

Assim nos queres, Senhor Santo Cristo, como servidores da alegria do Evangelho, para sermos toalha cingida do lava-pés, feita toalha de Verónica para as suas lágrimas, ombro de Simão, o cireneu, para partilhar a Cruz dos que sofrem.

Ajoelho diante deste teu olhar que nos revela o Amor que vives pela Humanidade e a abundância da misericórdia que por todos nós repartes.

Cruzo o meu olhar, aqui, com os olhares confiantes de tantos peregrinos e da multidão que enche por inteiro este Campo de São Francisco e as ruas da nossa cidade.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, por todos os que semeiam palavras de estímulo e de bondade no nosso caminho, anunciam a alegria do Evangelho e correm *"Ao encontro da esperança"*, como afirma o lema pastoral deste Santuário para este ano.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, pelos que acreditam que o perdão é a forma mais sublime do amor, como nos dizia o evangelho, e, por isso, mandam acolher o filho, o marido, a esposa ou o irmão que regressam a casa de mãos sujas pelas derrotas da vida mas de alma purificada pela abundância da misericórdia de Deus.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, pela tua Mãe, Senhora da Esperança, e pelas nossas mães que não se afastam da cruz dos seus filhos doentes e, nas vigílias dolorosas da noite, velam por nós para que amanheçam em tons de Páscoa novos dias da nossa vida.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, por quantos aliviam o peso que aflige os seus irmãos e fazem da pobreza de espírito, da mansidão, da sobriedade, da pureza de coração, da misericórdia, da justiça e da paz a alegria partilhada no adro do encontro com as Bem-aventuranças do Evangelho.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, porque em solene procissão percorreremos logo à tarde, Contigo, as ruas da nossa cidade, neste recanto abençoado e belo do nosso país voltado para o Atlântico.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, porque vi crianças e jovens das catequeses e das escolas a espalhar flores no chão da nossa terra, para que passes em tapetes de vida acolhida no amor sagrado de tantas famílias cristãs, abençoadas e protegidas pelo teu olhar.

Dou-te graças, Senhor Santo Cristo, por todos quantos, a partir deste Santuário, se sentem enviados em missão para anunciar por toda a parte a alegria da tua Ressurreição e a certeza da misericórdia divina.

Irmãos e irmãs, façamos deste Santuário, e da fé tão intensa da multidão que aqui acorre, uma profecia de um mundo melhor, mais justo, mais solidário e mais fraterno.

Rezemos para que no coração humano e na vida das sociedades haja lugar para Deus, tempo para a oração e para a caridade. Lembro como particular imperativo pastoral o dever da Igreja de ir ao encontro dos que mais sofrem em momentos de doença ou de pobreza e de estar atenta e próxima dos que vivem situações de tristeza ou de provação.

Em horas de passos magoados pela dureza do caminho, devemos lembrar a voz dos profetas e abraçar a missão da Igreja com renovada coragem e novo vigor. Os Santuários são oásis espirituais e escolas das Bem-aventuranças do Evangelho.

O Povo de Israel parava para reunir a família à volta da mesa e evocar a história da sua libertação; parava para invocar o que Deus fizera pelos seus antepassados; para fazer memória da liberdade e para saborear a passagem de um país de escravidão para uma terra de liberdade. Aprendamos também com eles, conjuntamente com o Papa Francisco que hoje visita a Terra Santa.

A pressa com que hoje se percorre a viagem da vida, que é a vida de cada um de nós, das famílias, do trabalho e da convivência social, da cultura e da fé quase não nos deixa tempo para parar, para rezar, para celebrar a memória, para desenhar o futuro,

para contemplar o rosto de Deus, no rosto do Senhor Santo Cristo!

É necessário, por isso, parar demoradamente neste Santuário. Agradeço-vos esta experiência de fé e este testemunho de vida cristã, que me dais. Aqui a pressa não tem lugar. Aqui cruzam-se os caminhos de Portugal, da sua história e da sua fé, da sua missão e do seu futuro!

É imperioso pararmos: para acolhermos e agradecermos o dom da vida, recebida de Deus; para valorizarmos a dignidade humana e promovermos o bem comum; para nos colocarmos em atitude de proximidade e em gestos de veneração ao lado dos pobres, dos doentes e dos idosos; para nos demorarmos em silêncio contemplativo diante do mistério da Paixão, do sofrimento, da Morte e da Ressurreição de Jesus, que aqui invocamos no Senhor Santo Cristo dos Milagres. É necessário pararmos, para depois partirmos com um novo vigor e novo encanto para anunciarmos a alegria da manhã de Páscoa.

No murmúrio dos silêncios calados e na atenção dada às palavras de Jesus no Calvário ouve-se a alma de todos os que vivem no nosso tempo, sente-se o coração de todos os que sofrem e percebe-se que Deus está perto de todos nós, para nos mostrar que a vida reencontra sentido e dignidade e recupera valor sagrado, à luz da Ressurreição de Cristo, mesmo nos momentos mais difíceis.

O mundo precisa deste silêncio que nos fala de Deus, que nos traz Deus, através deste olhar de Jesus, o Senhor Santo Cristo.

Uma das missões primeiras da Igreja é trazer de volta a alegria e a esperança que o mundo perdeu. Em Cristo, Vivo e Ressuscitado, encontramos a esperança que salva, a força que redime, a palavra que ilumina e o alimento espiritual que fortalece.

Dizei-nos, Senhor Santo Cristo: onde se podem sentar os pobres, sem casa e sem pão, sem trabalho e sem esperança, à mesa dos cristãos que se alimentam da Eucaristia?

Ensinaí-nos, Senhor Santo Cristo: que lugar devem ocupar as crianças, os jovens, as famílias, os doentes ou os idosos no coração dos que se reúnem à volta do Altar?

Mandaste, Senhor Santo Cristo, os teus discípulos distribuir os pães multiplicados. De ti recebemos o milagre. A nós, tens o direito de nos pedir o serviço de distribuirmos e multiplicarmos o pão.

Sentamo-nos à tua mesa, Senhor, escutamos a tua Palavra e alimentamo-nos do Pão da Eucaristia. Queremos mobilizarmo-nos, a partir deste Santuário, para a missão de multiplicar este Pão e de levar a alegria do Evangelho ao mundo, como nos pede o Papa Francisco.

Um pouco por toda a parte são estes os dias em que centenas de crianças, acompanhadas das suas famílias, comungam pela primeira vez. Quero saudar-vos, caríssimas crianças, com particular afeto e grande alegria. Vós sois sacrários vivos onde Cristo vive e sois o rosto onde o olhar de Cristo se espelha e reflete com mais beleza e maior encanto.

Vim como peregrino e rezo para que esta Festa do Senhor Santo Cristo de 2014 seja para os Açores, para as Bermudas, cujo Bispo aqui está connosco, para Portugal, para a Europa, a viver hoje um dia de eleições, e para o Mundo uma contínua profecia onde o encontro com a esperança seja possível.

Rezo para que aqueles que não se reveem na Igreja, ou não acreditam em Deus,

se interpelem sobre as razões da nossa esperança e sobre as certezas da nossa fé e se interroguem diante do belo testemunho de devoção dos peregrinos do Santuário do Senhor Santo Cristo.

Senhor Santo Cristo dos Milagres, ouvi a nossa oração e acolhei as nossas preces de cada um dos peregrinos. Protegei-nos e abençoai-nos nesta missão que aqui nasce e daqui parte.

Obrigado Senhor Santo Cristo!

3.4.20. 2015: D. Francisco José Senra de Faria Coelho, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Braga

Suporte Arquivo RTP - P00000395AX

Tema: Fé: Confiança no caminho da Salvação!

Deut 7, 6-11

Heb 4, 15-16. 5, 7-9

Jo 17, 1-11

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo dos Açores D. António Sousa Braga;

Caríssimos irmãos no ministério ordenado do presbiterado e diaconado;

Caríssimos consagrados e consagradas, neste ano especialmente a vós dedicado;

Briosa Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres, ao celebrardes as festas jubilares dos vossos 250 anos de história;

Excelentíssimas autoridades civis, militares e académicas;

Zelosos movimentos e obras eclesiais;

Todas as confrarias, associações e corporações cívicas, aqui integradas;

Minhas irmãs, meus irmãos, queridos peregrinos.

A minha primeira palavra dirige-se ao Senhor Bispo para o saudar com veneração e fraterna amizade e para lhe agradecer esta oportunidade de compartilhar convosco estes momentos de fervorosa fé e eloquente humanidade. Muito obrigado, Sr. D. António! Uno-me em oração à sua pessoa e às suas intenções, à sua Diocese, ao presbitério e seminário, aos doentes e aos sós, às famílias, a todos os que permanecem unidos a nós, através dos meios de comunicação social, a quem também saúdo e agradeço pelo trabalho que neste momento realizam.

Recordo, com especial proximidade, todos os filhos deste arquipélago espalhados pelas inúmeras diásporas açorianas semeadas pelo mundo.

A Fé, caminho de Salvação! O tema que esta Igreja Particular, a Diocese de Angra e Ilhas dos Açores, nos propõe para esta Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Foi a 31 de janeiro de 1533 que o Papa Clemente VII erigiu, na cidade de Angra, esta Diocese abrangendo todas as ilhas do arquipélago dos Açores. Passado pouco mais de século e meio, após a criação da Diocese, nesta ilha de S. Miguel e nesta nobre

cidade de Ponta Delgada, a Venerável Madre Teresa da Anunciada - irmã Clarissa, nascida e batizada a 25 de novembro de 1658, na freguesia de S. Pedro de Ribeira Seca - inspirada pelas revelações de Santa Brígida, que lera na infância, por sugestão do seu irmão mais velho Frei Simão do Rosário, então regressado das missões do Brasil, iniciou no Convento da Esperança, nesta cidade, uma forte devoção à Imagem, ali existente, de Cristo, no passo da sua Paixão denominado *Ecce Homo*, passando a dedicar grande parte do seu tempo a esta devoção.

Fortes experiências místicas tornaram Madre Teresa da Anunciada obreira principal da primeira procissão do Senhor Santo Cristo, realizada em 1698.

O culto da Imagem do Senhor Santo Cristo foi adquirindo crescente devoção até 1713, ano em que, durante uma procissão, a Imagem caiu em consequência de uma forte crise sísmica. Perante o bom estado da Imagem, após a queda, e perante o fim abrupto do forte sismo, a Imagem passou a ser intitulada pelo povo devoto: Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Madre Teresa da Anunciada, depois de ter dedicado grande parte da sua vida ao culto da Imagem do Senhor Santo Cristo, faleceu com fama de santidade a 16 de maio de 1738, aos 89 anos de idade. O seu processo de beatificação continua a decorrer, tendo sido já declarada Venerável, em virtude do reconhecimento das suas virtudes heroicas. Neste dia, unimo-nos em oração pela beatificação desta obreira de um culto cristocêntrico, trazendo pela mão os irmãos à unidade do seu Senhor.

É nosso dever louvar o Senhor pelo dom deste percurso espiritual, que ela soube percorrer com o seu bom povo dos Açores. Foi o Espírito Santo que conduziu, pelos caminhos missionários, sobretudo no ocidente, este povo para onde partiu deste arquipélago, anunciando o seu Senhor Santo Cristo. Partiram contingentes zelosos anunciadores do Evangelho. Esta obra missionária confirma a verdade desta missão, iniciada por esta mulher forte que soube servir a Igreja, num gesto que perdura até hoje. Grande tarefa realizada, com toda a certeza, no olhar e bênção de Deus.

Ao olhar para a Imagem do Senhor Santo Cristo percebemos a forte interpelação que estes missionários levaram consigo. Amou-nos até ao fim, ou seja, amou até ao extremo de, por nós, ter sofrido a Morte e morte de Cruz.

Perante os Seus discípulos, o Ressuscitado mostrou as marcas desse amor até ao fim: a marca dos cravos das mãos e dos pés e o lado aberto pela lança do soldado. *“Mete o teu dedo e vê. Não sejas incrédulo, mas crente”* (Jo 20, 27). É esse Cristo Pascal que hoje quer estar diante de nós, majestoso e convidativo. É este Senhor Ressuscitado que, nos nossos dias, as comunidades açorianas espalhadas pelo mundo continuam a anunciar. A este povo missionário, marcado pelo Mistério Pascal, consumado com a vinda do Espírito Santo no misterioso dia de Pentecostes, eu desejo agradecer o testemunho da sua fé. Mas sobretudo a sua dádiva missionária, através dos tempos, do oriente, onde nasce o sol, na primeira hora da missão portuguesa, até ao ocidente, onde se põe o sol, nas atuais comunidades, nas terras novas, dos Estados Unidos da América e do Canadá.

Podemos dizer que a fé se enraíza num povo quando se torna cultura desse povo. De facto, a devoção ao Senhor Santo Cristo constituiu-se elemento identitário do povo do arquipélago dos Açores, ao ponto de esta devoção e esta Festa fazerem parte da coesão e da unidade das populações das diversas ilhas que constituem este arquipélago, tão diversificado e, por isso, tão apreciado. É por isso que a ação missionária deste povo acontece naturalmente e, por osmose, na sua transparência, percebe-se a sua fé.

A primeira leitura que escutámos, extraída do livro do Deuterónimo, inspira-nos a permanecer na fidelidade, perante a aliança que o Senhor celebra connosco. Somos um povo consagrado ao Senhor. Ele escolheu-nos para sermos o Seu povo preferido. Tudo isto porque o Senhor nos amou, não por sermos um povo melhor do que os outros povos. Amou-nos porque ele é Amor. Perante esse amor, é nosso desejo renovar, hoje, a nossa aliança, conscientes da nossa pequenez, pedindo ao Senhor o dom de permanecermos na Sua Palavra e nos Seus mandamentos, o dom da fidelidade. Queremos merecer o Seu amor, corresponder ao Seu amor. Não queremos desiludir este Senhor. É o Seu próprio Dom, o Espírito Santo, que nos dará a fortaleza para permanecermos na sabedoria da fidelidade.

A segunda leitura mostra-nos que o Sacerdócio de Cristo é a grande afirmação da Sua solidariedade histórica para com toda a humanidade. Aludindo à oração de Jesus no Monte das Oliveiras, mostra-nos como ele aprendeu a obedecer até ao fim, tornando-se, "para todos os que lhe obedecem, fonte de salvação eterna" (Heb 5, 9). É nele que confiamos a nossa esperança e vivemos a eterna aliança.

A Eucaristia que celebramos exige-nos a participação no único e mesmo cálice: o cálice que ele bebeu até ao fim. Permanecemos nesse seu amor quando aceitamos esse seu amor e passamos a amar os irmãos com o seu amor, amando com o amor com que somos amados. Eis o seu mandamento novo: "*Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*" (Jo 13, 34). É nesse amor, com que somos amados, que queremos viver a unidade, a comunhão desta Igreja Diocesana, fazendo a harmonia numa sinfonia polifónica de tantas cores e matizes que formam o arco-íris destas nove ilhas.

No Evangelho percebemos, através da Oração Sacerdotal de Jesus, que somos amados por Deus. O Pai fez a Jesus o dom de toda a humanidade e particularmente os doze apóstolos. Nesta oração, Jesus glorifica o Pai por dar a vida eterna ao homem, a qual consiste em conhecer, em sentido vital, o Pai e Jesus, o Cristo que Ele enviou. Jesus reza pelos Seus Apóstolos, a quem comunicou toda a revelação recebida do Pai. Foi com fé que eles responderam; por isso, Jesus será glorificado nos seus, mediante a fé que opera no amor. Nesta oração, Jesus intercede pelos Seus no momento em que está para os deixar, sós no mundo. É a hora da sua Glória, que, porém, acontece na Cruz, pois a Morte de Jesus é a sua entrega na Glória do Pai.

Ao sabermos que o Senhor também rezou por nós, discípulos do séc. XXI, transfiguramos melhor a nossa missão de perlongarmos Cristo até aos nossos dias. Nós somos o Corpo de Cristo. Ele atua em nós e através de nós. Somos a sua família, a sua Igreja. Por isso, não podemos privatizar a nossa fé, vivendo um cristianismo individualista. Todos precisamos uns dos outros para sermos povo consagrado ao Senhor, Povo de Deus. De facto, não podemos chamar Pai a Deus, se não chamarmos Mãe à Igreja. Como Cristo, no dia do Senhor, o Domingo, celebramos a Páscoa do Senhor, da Sua Paixão, Morte, sepultura e Ressurreição.

Recordamos, nesta passagem do Evangelho que acabámos de ouvir, segundo a qual o Senhor orou por nós, somo a sua glória se cumprirmos o Seu pedido: "*Fazei isto em memória de mim*" (Lc 22, 19). Também nós desejamos dizer, como os primitivos cristãos perante as ameaças dos perseguidores no Império Romano: "*Nós não sabemos viver sem o Domingo!*" (Acta dos Mártires de Abitínia).

Fé, confiança no caminho da Salvação! Eis o tema das celebrações do Senhor Santo Cristo neste ano 2015, perante o qual nos queremos colocar.

No processo da fé, Jesus Cristo encontra-se com cada um de nós pessoalmente e face a face, tornando-se nosso contemporâneo. O Mestre não nos trata como mais, antes olha-nos como uma pessoa única, com uma história única. O amor de Deus por nós é sempre novo e irrepetível. Convida-nos a seguir o caminho do Evangelho de modo responsável e concreto. Brota daí a unidade entre todos os discípulos, como Jesus pediu na Última Ceia: *“Pai, que sejam um, para que o mundo acredite”* (Jo 17, 21). Esse testemunho de compromisso pessoal, que gera a comunhão com os outros, é essencial para que o mundo creia e se encontre com Jesus Cristo.

Muito recentemente, no passado dia 30 de abril, numa audiência concedida a um dos mais movimentos eclesiais dos nossos dias, o Papa Francisco recordou que o espaço natural para a transmissão desta fé é a amizade, quando esta gera confiança. Nunca a imposição, mas a proposta em ambiente de amizade e confiança, através da osmose que a verdadeira amizade irradia de modo contagiante (Cf. Discurso aos participantes no Curso de Formação do Movimento dos Cursinhos de Cristandade, 30 de abril de 2015).

É importante deixarmos-nos educar na fé pela Palavra de Deus para formarmos cristãmente a nossa consciência. Podemos ouvir e não escutar com o coração a Palavra de Deus. Deste modo, será muito mais difícil a nossa conversão pela mudança de vida, porque é a *“Palavra Viva e eficaz”* (Heb 4, 12) que opera em nós a conversão, conduzindo-nos nos caminhos do Homem Novo.

Sem verdadeiro dinamismo de conversão, desfiguramos o rosto da Igreja, que será bela e autêntica, na medida em que o nosso testemunho exprimir a coerência do Evangelho na santidade de vida.

No passado dia 26 de abril, no Domingo do Bom Pastor, o Santo Padre sintetizou assim o itinerário da fé, da conversão, da experiência da Salvação: *“Lede e meditai assiduamente na Palavra do Senhor, para acreditardes naquilo que já lestes, ensinar o que aprendestes na fé e viver quanto ouvistes e ensinais”* (Homilia da Missa de Ordenações Presbiterais, 26 de Abril de 2015).

Neste tempo que vivemos constatamos a fluidez do relativismo absoluto, onde o subjetivismo fundamenta comportamentos tipicamente individualistas, indiferentes e alheios à fé, ao sofrimento dos outros e ao bem comum. Atitudes a que Francisco chama: *globalização da indiferença*.

É perante a perda dos grandes valores da pessoa humana, o crescente vazio interior e o dramático espaço de solidão pela falta de sentido em muitas vidas que a família deve sentir os apelos urgentes de se empenhar decididamente na transmissão da fé, que a caridade nos leva à esperança, porque a fé leva à caridade e esta gera a esperança.

A fé transmite-se primordialmente pelo testemunho pessoal dos pais e dos avós, não se tratando de um mero ensinamento teórico, mas da comunicação de uma mensagem de vida. Transmite melhor a fé, nem sempre aquele que sabe demais ou que é mais inteligente, mas sempre aquele que vive coerentemente de acordo com a sua fé.

Qual é a melhor herança que os pais podem deixar aos seus filhos? A fé em Nosso Senhor Jesus Cristo! Pois trata-se de uma riqueza que dá sentido último à vida, nos revela a nossa grandeza humana de filhos de Deus e nos indica a nossa missão, porque nos enche de esperança, a única virtude onde definitivamente a alegria genuína se pode apoiar.

Sabemos que a salvação operada por Nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador, já está no meio de nós. Ela não acontece só depois da morte, na vida para além da vida. A Salvação está presente em todas as pessoas e grupos humanos que vivem os valores do Evangelho e são o Reino de Deus: a humanização concretizada na defesa da vida, da família e da solidariedade. Para todos os que, com esforço profético, são presença do Reino de Deus e Salvação do mundo, a nossa ação de graças e louvor ao Senhor. A salvação não chegou, porém, a todos os que servem o mundo imundo, assumem atitudes desumanas e professam a Morte de Deus que leva à morte da dignidade humana.

Perante os desafios exigentes do nosso tempo colocados à evangelização, o Papa Francisco diz na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que todos somos convidados a *"sair da própria comunidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho"* (*Evangelii Gaudium*, 21). Pois, Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos, verdadeiramente, entrar em contacto com a vida concreta dos outros e conhecermos a ternura. Continua o Papa: *"Este são os benditos de que fala o Evangelho. Aqueles que experimentaram a misericórdia de Deus, usaram de misericórdia para com os irmãos e desse modo se viram preenchidos pela alegria que nasce nos corações misericordiosos"* (Cf. *Evangelii Gaudium*, 24). É assim, porque a realização dos anseios mais profundos do homem, o seu desejo de felicidade não se concretiza no isolamento nem no comodismo de uma vida egoísta, mas fortalece-se na doação e amadurece à medida que é entregue para dar a vida os outros.

Eis este tema que nós assumimos: a vontade de trazer a Salvação ao mundo como consequência da vivência da nossa fé.

Convido-vos, irmãos e irmãs, a unirmos as nossas orações à Oração Sacerdotal de Jesus e a lembrarmos todos os que sofrem perseguição pelo Santíssimo Nome de Jesus e a implorarmos a liberdade religiosa para todos os povos da terra, pelos mártires do séc. XXI. A rezarmos juntos por todos os que sofrem, recordando muito especialmente os doentes e os sós.

Como não unir a nossa oração a tantos que tiveram de imigrar recentemente por não terem lugar à mesa da nossa sociedade, nomeadamente muitos jovens? Unimo-nos a cada um deles com profunda estima e na comunhão da mesma esperança de que um dia a pátria tenha mesa para todos.

Como não unir a nossa oração à oração de muitos idosos em situação difícil de sobrevivência, na mingua das suas reformas, pela falta de lares de acolhimento e pelo afastamento dos seus familiares, pela imigração forçada?

Como não rezarmos por tantos desempregados e desempregadas?

Como não rezarmos pelo fim da violência doméstica, pelas novas formas de escravidão moderna e pela paz no mundo?

Unimo-nos à Virgem Maria, a Mãe de Jesus e nossa Mãe, e como o discípulo João, pedimos que nos ensine a permanecer de pé junto à Cruz. Como ela queremos ver, com esperança, as diferentes horas do Calvário e como ela queremos permanecer com os irmãos mais desolados e incentivá-los a esperar pela hora do Pentecostes.

Como o Salmo, sabemos que todos os povos são convidados a louvar este Senhor. Como o salmista, sabemos que todos Lhe pertencem. Na nossa fé compartilhamos com todos a certeza de que o Senhor virá!

3.4.21. 2016: D. João Evangelista Pimentel Lavrador, Bispo de Angra.

Gravação própria no local por Luís Leal.

Tema: Cristo: Vivência de amor e misericórdia para todos!

Act 15, 1-2. 22-29

Ap 21, 10-14. 22-23

Jo 14, 23-29

Caros cristãos e irmãos que vos encontrais aqui neste santuário em volta da Imagem do Senhor Santo Cristo e aqueles que nos seguem através dos meios de comunicação social, sobretudo na RTP Açores, e por isso dirijo também um abraço de saudação a todos aqueles que estão na diáspora e a todos aqueles que nos seguem em qualquer latitude do mundo.

"Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que Eu vos disse" (Jo 14, 26). Estas palavras que Jesus Cristo dirige aos Seus discípulos, anunciando a sua partida e motivando-os para uma fase nova nas suas vidas, são as mesmas palavras com que o mesmo Senhor Jesus nos convida a uma renovada coragem para nos reconhecermos na nossa condição humana, no sentido que procuramos para a nossa existência, para discernirmos os sinais dos tempos que marcam a nossa cultura e sobretudo a exigência que nos cabe na missão de transformar o mundo no qual vivemos.

Contemplamos hoje a Imagem de Cristo que nos é apresentada pela autoridade imperial como o modelo do homem: o *Ecce Homo* na aparência de um condenado é devolvido à multidão por Pilatos com a proclamação: *"Eis o homem"* (Jo 19, 5).

Na verdade, a pessoa humana necessita da luz nova e renovadora do Espírito de Deus para que se veja como ser humano na integralidade e na transcendência que lhe é própria, que cuide do autêntico humanismo e promova uma sociedade e uma cultura digna do ser humano.

Pilatos, após ter questionado Jesus de Nazaré sobre a verdade e sobre a transcendência do seu poder manifestado na humildade e no serviço, apresenta-o como o modelo do homem. Paradoxalmente, numa sociedade da época corroída pela destruição dos valores que edificam o ser humano, Jesus de Nazaré é colocado perante a multidão como aquele que pode reconstruir uma sociedade assente na dignidade da pessoa humana.

De igual modo a nossa época necessita de se reencontrar com Jesus Cristo para contemplar nele o homem novo tão sonhado por toda a humanidade e tão difícil de conquistar.

São bem eloquentes as palavras do Concílio que dizem que *"na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente"* (*Gaudium et Spes* 22). Deste modo a Igreja, na sua intenção de servir a pessoa humana e consciente da visão redutora que a cultura dos últimos séculos projetou sobre o homem, realça que ela «sabe perfeitamente que, ao defender a dignidade da vocação do homem,

restituindo a esperança àqueles que já desesperam do seu destino sublime, a sua mensagem está de acordo com os desejos mais profundos do coração humano». E, ainda, sublinha que *"longe de diminuir o homem, a sua mensagem contribui para o seu bem, difundindo luz, vida e liberdade; e, fora dela, nada pode satisfazer o coração humano: «fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto, enquanto não repousar em Ti»" (Gaudium et Spes 21).*

Dadas as perplexidades do mundo atual, os seus erros e desumanidades, dadas as ambiguidades da nossa cultura na qual o pensamento está tantas vezes manipulado por interesses pessoais ou de grupo, dadas as situações sociais fruto de uma falta de humanismo que produz graves atropelos à dignidade humana, fortemente liderada por conveniências económicas que geram pobreza, desemprego, marginalidade e novas periferias existenciais, temos necessidade de uma nova sabedoria.

Di-lo o Concílio quando afirma que «mais do que os séculos passados, o nosso tempo precisa de uma tal sabedoria, para que se humanizem as novas descobertas dos homens». E sublinha ainda que *"está ameaçado, com efeito, o destino do mundo, se não surgirem homens cheios de sabedoria" (Gaudium et Spes 15).*

Voltados para Cristo, imploramos a luz do seu Espírito para olharmos este mundo em que vivemos e no qual somos chamados a construir uma nova cultura.

No notável documento conciliar, a *Gaudium et Spes*, a Alegria e a Esperança, reconhece-se que *"a humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra". Diz, ainda que "provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas reincidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas". Tem tal alcance "que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa" (Gaudium et Spes 4).*

Para realizar a sua missão, a Igreja, no diálogo que é chamada a estabelecer com este mundo, tem o dever de *"investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas". Torna-se, por isso, "necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático" (Gaudium et Spes 4).*

Esta auscultação dos sinais dos tempos está muito patente na primeira leitura, segundo a qual os Apóstolos e anciãos são chamados a interpretar o que o Espírito Santo diz à Igreja de Antioquia.

O caminho da Igreja é o homem real, concreto, ao qual ela, por mandato do seu Mestre e fundador, é chamada a servir. Di-lo S. João Paulo II, na sua primeira Encíclica, com as eloquentes palavras que sublinham o seguinte: *"trata-se do homem em toda a sua verdade, com a sua plena dimensão; não se trata do homem «abstrato», mas sim real: do homem «concreto», «histórico»; trata-se de «cada» homem, porque todos e cada um foram compreendidos no mistério da Redenção, e com todos e cada um Cristo se uniu, para sempre, através deste mistério" (Redemptor Hominis, 13).*

A solicitude da Igreja diz respeito *"ao homem todo, inteiro, e está centrada sobre ele de modo absolutamente particular. O objeto destes cuidados da Igreja é o homem na sua única e singular realidade humana, na qual permanece intacta a imagem e semelhança com o próprio Deus"* (Redemptor Hominis 13).

Num outro passo, diz o saudoso Papa que *"a Igreja vive o seu mistério e nele vai auriar sem jamais se cansar, e busca continuamente as vias para tornar este mistério do seu Mestre e Senhor próximo do género humano: dos povos, das nações, das gerações que se sucedem e de cada um dos homens em particular, como se repetisse sempre, seguindo o exemplo do Apóstolo: «Tomei a resolução de não saber, entre vós, outra coisa, a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado»"* (Redemptor Hominis 7).

Deste modo e nesta confiança *"a Igreja permanece na esfera do mistério da Redenção, que se tornou precisamente o princípio fundamental da sua vida e da sua missão"* (Redemptor Hominis 7).

Somos convidados a reconhecer que *"a tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, de modo particular, do nosso, é a de dirigir o olhar do homem e de endereçar a consciência e experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo, de ajudar todos os homens a ter familiaridade com a profundidade da Redenção que se verifica em Cristo Jesus"*. Mas, igual e simultaneamente, *"toca-se também a esfera mais profunda do homem, a esfera — queremos dizer — dos corações humanos, das consciências humanas e das vicissitudes humanas"* (Redemptor Hominis 10).

Diante de Jesus Cristo, aqui adorado como Santo Cristo Milagroso, escutamos as palavras do Livro do Apocalipse que nos convidam à esperança e ao compromisso quando nos dizem *"vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido"* (Ap 21, 1) e ainda *"vou renovar todas as coisas"* (Ap 21, 5).

Sim, se todos e cada um de nós, segundo as responsabilidades que nos cabem, nos dispusermos a trabalhar pelo bem comum, a dar uma nova prioridade aos mais marginalizados, a colocarmos como prioridade nas nossas decisões a dignidade do ser humano, a promover uma cultura da vida e a edificar uma sociedade assente na verdade, na justiça e no bem, então edificaremos os novos céus e a nova terra.

Sim, Jesus Cristo está perante nós a convidar-nos à ousadia de construir uma sociedade e uma cultura que para ser digna do ser humano exige a presença de Deus na vida pública.

Só em Deus nos reconhecemos na verdade do que somos, só em Deus podemos salvarguardar a transcendência de cada pessoa e só em Deus se constrói uma sociedade livre, fraterna e em que a igualdade se transforma em realidade efetiva.

Não tenhamos medo. Cristo diz-nos *"Eu venci o mundo"* (Jo 16, 33). Nós com Cristo e pela força do Seu Espírito também venceremos os sinais de morte neste mundo e edificaremos um mundo novo.

Imploramos de Nossa Senhora, Mãe e Rainha dos Açores, que abençoe os nossos governantes, as autoridades públicas, as nossas crianças, jovens, famílias, adultos, idosos e doentes, e todos os que vivem na diáspora e junto do seu Filho nos encaminhe pela edificação do homem novo na verdade, na justiça, no serviço e na paz.

Amén

3.5. Entrevistas

3.5.1. Entrevista a D. António Braga, Bispo Emérito de Angra

Entrevista escrita, recebida por correio dia 20 novembro de 2016.

1- Qual a dimensão da devoção do *Ecce Homo* na Diocese de Angra?

Nas nove Ilhas dos Açores, a maior manifestação de religiosidade popular está relacionada com a devoção ao Divino Espírito Santo. Mas, na ilha de São Miguel, a grande expressão de religiosidade popular tem a ver com a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, uma Imagem artística, vinda de Roma, que representa Cristo, na passagem evangélica do *Ecce Homo*.

2- Que manifestações/festas (do Senhor Santo Cristo dos Milagres e do Bom Jesus Milagroso), fora dos seus locais originais mais importantes, ocorrem nas diferentes Ilhas?

Apesar das grandes manifestações de religiosidade estarem relacionadas com a fé popular no Divino Espírito Santo, em quase todas as ilhas veneram-se imagens do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Por exemplo, no grupo oriental, além de várias imagens, que se veneram também fora de Ponta Delgada, há uma Imagem do Senhor Santo Cristo na ilha de Santa Maria, venerada em Vila do Porto, ao longo de todo o ano e com uma festa anual, na semana seguinte à de Ponta Delgada.

Além disso, na ilha das Flores, há a paróquia da Fazenda que tem como orago o Senhor Santo Cristo, representado pela imagem tradicional. E, na grande paróquia de Rabo de Peixe (ilha de S. Miguel), o padroeiro é o “Senhor Bom Jesus”, representado por um grande crucifixo.

3- Que outros locais fora dos Açores (Portugal Continental e Estrangeiro) existem com relação a estas devoções açorianas?

É difícil fazer aqui, de um momento para o outro, uma lista completa dos lugares fora dos Açores, onde há Imagens e se veneram o Senhor Santo Cristo dos Milagres e o Bom Jesus Milagroso. Para onde os açorianos emigraram, para aí levaram a sua religiosidade popular, nomeadamente para os Estados Unidos, Canadá, Brasil... Por exemplo, em Portugal continental, há várias «Casas dos Açores», onde não falta a festa anual em honra do Senhor Santo Cristo.

4- Qua relação existe entre os Santuários e esses locais?

Não há grande ligação entre os Santuários e esses locais. A ligação é mais com a Imagem, do que propriamente com os Santuários como tais...

5- Que expressões de piedade mais importantes envolvem a devoção?

É uma piedade popular claramente cristocêntrica. Isso é uma exceção importante no meio de uma religiosidade popular, predominantemente mariana e ligada ao Espírito Santo...

6- Como são alimentadas/incentivadas, ou desincentivadas?

Trata-se de uma religiosidade popular que se impõe por si mesma, quer queiramos, quer não... O que convém é procurar todos os meios para estar presente e ir acompanhando, para lhe dar, na medida do possível, conteúdo e sentido.

7- Quais as motivações das pessoas para se ligarem a esta invocação?

Nem sempre são motivações de «fé pura», se é que se pode falar de «fé pura»... A fé é uma caminhada. Não há propriamente o que se chama «fé pura». A fé é humana; é «crer sem ver». Como explica Santo Agostinho, «caminhamos à luz da fé e não da visão clara».

8- Que acções pastorais se têm desenvolvido em volta da invocação?

Procura-se estar presente e acompanhar, com a proposta respeitosa, mas continuada da Palavra de Deus, que ilumina, encoraja e dá ânimo para a caminhada.

9- Que desafios pastorais mais importantes se colocam com esta devoção?

Como em todas as manifestações de religiosidade popular, o grande desafio é sempre o de ajudar as pessoas a não confundirem a Pessoa de Jesus com as suas imagens. A Imagem é como uma fotografia: lembra a pessoa; não é a pessoa. Assim são as imagens de Jesus. Para encontrar Jesus é preciso ir ao seu encontro, onde está, nomeadamente na Eucaristia, que é a Sua presença por excelência. «Isto é o Meu Corpo»; «isto é o Meu Sangue»; «Isto sou Eu»; «tomai e comei»; «fazei isto em memória de Mim». E celebrar a «memória de Jesus» não consiste apenas em recordar Jesus, mas em torna-lo presente e atuante, aqui e agora.

10- Que relação existe entre os diversos santuários diocesanos, especialmente do Santo Cristo e do Bom Jesus?

Não há propriamente alguma relação especial: apenas respeito mútuo e grande apreço, dada a incidência popular.

11- A pastoral dos santuários está apenas entregue ao Reitor ou há indicações mais precisas da parte do Bispo?

Da parte do Bispo só há orientações gerais. Tudo depende, em grande parte, do Reitor e seus Conselheiros.

12- Que ligação têm os santuários com a pastoral diocesana? As festas anuais são (por exemplo o tema de cada ano para a festa) de acordo com o programa pastoral? E com os programas nacionais e internacionais?

Há uma grande autonomia em cada Santuário. Tudo depende, em grande parte, de cada reitor. Apenas, de vez em quando, há alguma sugestão.

13- Quem escolhe o presidente das celebrações das festas do Santo Cristo e do Bom Jesus?

Normalmente é o bispo diocesano, ouvido o reitor do Santuário.

14- Que critérios presidem à escolha?

Além de alguns critérios de conveniência, há sempre a preocupação de manter uma forte ligação aos açorianos emigrantes.

15- Que se pretende que sejam os santuários na Diocese?

Centros de espiritualidade e de animação pastoral, conforme as orientações da Diocese.

16- Há algum apoio a peregrinos (físico, alojamento, guiões, etc.)?

Pouco. Por isso mesmo, a nomeação recente do novo reitor pretendeu ser uma resposta à necessidade de promover iniciativas adequadas para apoiar os peregrinos, a nível espiritual e de apoio logístico. É nesse sentido que se pretende constituir uma equipa sacerdotal que apoie o reitor e que se aproveitem e renovem as instalações do Santuário, para dar apoio logístico aos peregrinos.

17- Há a preocupação da Diocese para que os Santuários tenham organizado o respectivo arquivo (histórico; ex-votos (cartas, livros de pedidos, etc.); materiais devocionais (pagelas, etc.); imprensa; homilias, pregações, retiros, novenários, etc.)?

Isso tem sido a preocupação dos reitores, nestes últimos anos, com o apoio e a vigilância constantes dos Bispos, que têm garantido uma resposta adequada e atual.

18- Que perfil deve ter a Reitoria/Reitor?

A Reitoria e o reitor devem primar por uma forte espiritualidade, capacidade de animação pastoral, de trabalho em equipa e zelo apostólico.

19- É importante a presença de uma Congregação Religiosa no Convento da Esperança?

É muito importante e indispensável. É a Comunidade Religiosa que mantém e anima a espiritualidade à volta da Imagem. É a partir da sua ação e animação, que a igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres se tornou e é um centro de espiritualidade. Sem elas, haveria só o culto de uma Imagem.

20- Que perfil/carisma deve ter a Congregação presente no Convento da Esperança?

Precisamente o perfil das Religiosas de Maria Imaculada, que, ao longo destes anos, têm sabido conseguido ser uma Comunidade Religiosa animadora da igreja do Senhor Santo Cristo, como autêntico centro de espiritualidade.

21- No caso do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, para a Diocese, que relação há entre as irmãs, Reitoria e Irmandade?

Há um relacionamento estreito entre as várias instâncias, que são responsáveis pela animação do mesmo centro de espiritualidade, cada um dentro do campo de própria competência, com a consciência e preocupação que formam um todo para o bem de todos.

22- Como deveria ser essa relação?

Como tem sido até agora: cada instância, assumindo a responsabilidade do próprio sector, com a abertura permanente de diálogo, quando for preciso esclarecer algum assunto ou desentendimento.

23- Que ligação há entre esta devoção e os sacramentos (Batismos, Casamentos, Unção dos Doentes, Reconciliação)?

O grande investimento é no Sacramento da Reconciliação. O resto procura evitar-se, para que o Santuário não corra o risco de substituir as paróquias.

24- Durante o seu episcopado, que desafios/preocupações maiores existiram em volta destas invocações e respetivos santuários?

A questão mais polémica está relacionada com a autorização, que, como bispo, dei para que o resplendor da Imagem do Senhor Santo Cristo pudesse estar numa exposição do Museu de Arte Sacra em Lisboa. Decisão com que o Reitor e a Irmandade não concordaram.

+ António Braga SCJ, Bispo-Emérito de Angra

18 de Novembro de 2016, Seminário Nossa Senhora de Fátima, Alfragide, Amadora

3.5.2. Entrevista a D. João Lavrador, Bispo de Angra

Entrevista presencial dia 3 de maio de 2016.

1- Qual a dimensão da devoção do *Ecce Homo* na diocese?

Que eu conheça assim mais marcante é a do Santo Cristo; é a do Pico, em São Mateus, relativamente quase todas com o mesmo nome, lá é o Bom Jesus Milagroso e temos com o nome, é o mais popular a nível do país, é o aqui chamado Senhor da Pedra que é em Vila Franca do Campo, portanto essas são as três invocações, as três festas assim marcantes. Embora, verifica-se que a nível da religiosidade nos Açores, nas diversas ilhas, este culto está um bocadinho presente, a nível paroquial... Isso só denota que houve aqui uma marca muito profunda, provavelmente a partir do Santo Cristo. Dada a antiguidade deste culto, que depois terá proliferado e terá tido expressão noutros lugares... Agora, é uma expressão, para mim, muito bonita e profunda, porque se estamos atentos, estamos perante a realidade do início da caminhada de Jesus Cristo para o seu sofrimento e na sua ida até ao calvário. Por outro lado, está perante esta relação que é feita entre o poder público e a própria realidade da pessoa do Senhor. Porque é o próprio Pilatos quem vai fazer esta afirmação e também apresenta-lo perante aquela multidão como o homem, “Eis o Homem”. Por outro lado, tem esta dimensão, que considero importantíssima, que é da relação entre o humano e o divino que em Jesus Cristo se torna presente. Ele é único mediador entre Deus e os homens, Ele é a imagem do homem perfeito. Está aqui um conjunto de realidades que são permanentes, que podem ajudar muito que o ser humano se reveja nesta singularidade da pessoa de Jesus. Que através de Jesus se possa elevar à transcendência, que presente em cada ser humano, pode chegar até lá. Só que depois o próprio trajeto é este, nós sabemos que Jesus faz o trajeto de sofrimento para chegar à glória, isso é quase um convite que feito

ao ser humano, para que também ele a partir da realidade do sofrimento, muitas vezes das atrocidades da sua própria vida reconheça que é chamado a entrar na glória, não é com as suas próprias forças, mas que é uma dádiva da iniciativa divina. Que expressões de piedade mais importantes envolvem a devoção?

2- Quais as motivações das pessoas para se ligaram a esta invocação?

Eu não sei... Essa é a grande pergunta. A grande pergunta que todos nós temos de fazer perante a piedade popular: Qual é a motivação? E aí nós, provavelmente, encontramos uma variedade de motivações. Se nós olharmos aqui, particularmente em São Miguel estiveram praticamente da ilha toda, mas veio povo também das outras ilhas. Foi a Diocese, foi a região no seu todo, que de tal maneira aderiu a esta Festa do Santo Cristo. Depois tinha gente da diáspora, pessoas dos Açores que estão na emigração e que também levaram esta tradição para fora, está enraizada na sua própria cultura, na sua própria expressão, na sua própria identidade. O povo açoriano, esse, para manifestar em contexto fora do seu território, precisa do Santo Cristo para se identificar. Isto é uma riqueza muito grande.

Agora, indo um bocadinho a essa pergunta, penso que uma das motivações, e começaria por aquela que está mais consciente deste mistério de Jesus Cristo que entrelaça o humano e o divino e que tem em conta este trajeto do seu sofrimento, este trajeto do Mistério Pascal e que é fundamental na nossa vida, temos, realmente a figura desse trajeto. E penso que haveria ali pessoas, e bastantes, que tinham essa consciência. Depois há, naturalmente, aquelas pessoas que, de alguma maneira, andam à procura embora já praticando... andam à procura de algo mais, portanto veem uma possibilidade, enraizados um bocadinho na tradição dos seus antepassados, de para irem um pouco mais além. Reconhecendo que há aqui um valor para os tempos de hoje e que será, de algum modo, uma afirmação do sentido da sua fé, que não fica restrita ao culto dominical ou, mais ou menos, no âmbito da sua família ou da sua paróquia, mas veem aqui um sentido de festa, uma grande multidão. Há aqui um sentido de Povo de Deus no sentido mais amplo, e é também uma expressão muito válida, muito importante. Depois há aqui, podemos dizer, aquelas pessoas que vêm por uma questão de tradição, do sempre foi assim. Há aqui um certo emblemático que anda à volta das festas. A multidão atrai multidão, é um pouco isto. Todos os anos existe esta realidade que envolve as pessoas que fazem isto por tradição. É algo que marca as próprias pessoas pelo facto de se encontrarem, por ser festa, por ter esta multidão, por todo este ritual que passa pelas ruas da cidade. E depois, aqui, outra marca, isto também é importante, as pessoas que, no fundo, têm a relação, a partir das suas necessidades, com o Santo Cristo. Nós vemos ali a quantidade de gente que se põe em atos penitenciais e sobretudo aqueles que estão com promessas em relação ao Santo Cristo. É uma multidão de gente que está ali duas horas a passar, uma rua cheia de gente, são muitas centenas, se não milhares de pessoas que ali passam com esse sentido. Quer dizer que é este conjunto de gente que está ali. No fundo é o Povo de Deus no seu todo, com as suas diversas expressões. Já para não falar muita gente que vem ali só por uma questão humana, ou uma inquietação pessoal perceber este mistério, ou qualquer coisa. É muito variado. A piedade popular, e estas tradições populares que tem esta marca tão profunda que liga o religioso e o cultural e que estão ligadas por a tradição já tão multise secular que é muito ampla a significação e sobretudo as motivações para as pessoas estarem presentes.

3- Que ações pastorais se podem desenvolver em volta da invocação?

Esse é o grande desafio que se coloca à piedade popular. É muito interessante que o Papa Francisco, no documento programático para o seu pontificado, a *Evangelii Gaudium*, ele diga que a piedade popular tem em si já uma capacidade de evangelização. E realmente é verdade. Eu estava ali a meditar quando olhava para aquela multidão e disse assim: muita daquela gente foi arrastada por outros, certo vem ver, ou pelos cartazes ou qualquer coisa. A própria religiosidade popular provoca noutros a possibilidade de virem. Agora isto não resolve tudo, há aqui um trajeto a fazer. Por isso é que vinquei duas ideias fundamentais que são: nestas circunstâncias apelar, em primeiro lugar, para a presença real viva de Jesus Cristo na Eucaristia. Esta é a grande questão. Nós temos ali a imagem Dele no pretório, como imagem, sem mais. Agora, o Cristo Vivo está na Eucaristia. Isto tem de ser muito vincado e temos de aproveitar todas as ocasiões para ajudar as pessoas a chegarem aqui. Segundo, ligado à Eucaristia, está a comunidade. Normalmente a piedade popular é muito de individual, a pessoa tem a sua devoção, tem as suas promessas, faz a sua oração, portanto é sua... é muito a sua realidade muito individual. Realmente a fé cristã não fica pura e simplesmente no individual, ela é essencialmente comunitária. Portanto, abrir as pessoas para o sentido da comunidade. E isto é um processo que tem de se ir fazendo, tem de se ir reafirmando, tem de se ir anunciando de maneira a que as pessoas interiorizem isso e tomem consciência desta realidade. Uma verdade é esta: é a partir desta realidade que temos de fazer o trabalho. Todos nós que temos responsabilidades na vida pastoral temos, por obrigação não criar uma sociedade ideal, e este ideal quer dizer de ideias, mas sobretudo temos de olhar para a realidade concreta das pessoas. Eu na homilia do domingo a preocupação de o mostrar, era uma citação do Papa S. João Paulo II, e que eu acho que é muito importante: o caminho da Igreja é o homem, mas o homem concreto. E o homem concreto é isto, é também a sua expressão na vida religiosa. E é a partir desta realidade que nós temos de ir fazer acompanhando e temos de desenvolver tendo a consciência de que não somos nós não convertemos ninguém, só Deus é que converte. O que nós temos é de proporcionar os instrumentos necessários, pela Palavra de Deus, por isso é que no sermão de sábado ao focar também uma realidade de S. João Paulo II que é o mostra-nos Cristo, que era ali, que é o Cristo. É a Palavra de Deus que é fundamental, sobretudo os Evangelhos. Ir buscar ali o rosto de Jesus Cristo. Por isso temos de difundir cada vez mais o gosto pela leitura e sobretudo pela escuta da Palavra de Deus. E depois por uma consciência atualizada, sobretudo conciliar, do que é a verdadeira fé cristã. Até, inclusivamente, no compromisso. Há aqui uma realidade que é esta: se nós formos ver pela participação daquela gente, vamos perguntar assim: "Qual é o compromisso missionário que esta gente possa ter?". Isto é fundamental. A missão está inerente à fé cristã. Agora há aqui todo um trabalho, há um desafio permanente e constante que se tem que fazer. E Sobretudo aqui na diocese dos Açores, eu apercebo-me disso, há um substrato muito rico de relação cultura-religião e que está muito bem situada a partir de Cristo, por um lado, e depois a realidade dos Impérios do Espírito Santo, que é outra realidade que está aqui. A realidade aqui está muito bem situada, agora é preciso desenvolve-la, agora a dificuldade é atualiza-la, de modo a que responda aos tempos de hoje.

4- Que relação existe entre os diversos santuários diocesanos, especialmente do Santo Cristo e Bom Jesus? Como se perspectiva essa relação?

Eu despertei para essa pergunta porque o Ouvidor do Pico levantou-me essa questão. Ele esteve no último encontro dos santuários e levantou essa questão. E realmente disse que é preciso, a partir da diocese, fazer esse trabalho de mais relação entre os santuários. Eu não estava ainda desperto para essa realidade, até porque não conhecia muito bem, mas isso tem de se fazer. Por uma consciência diocesana, não podemos pensar numa diocese que é chamada a viver a comunhão, a unidade, e por aí fora, e depois ter realidades que marcam tanto as pessoas e que estejam em situações tão díspares. Depois, com esta prerrogativa, hoje, e cada vez mais, vamos ter a mobilidade das pessoas. E Deus queira que sim, porque aqui nos Açores é fundamental essa mobilidade para que a diocese e a região seja um todo e tenha essa consciência. Ora bem, perante a mobilidade as pessoas têm de ter a consciência de que a linguagem, a forma de apresentar, é igual, ou se não é igual é pelo menos parecida em todos os momentos e em todos os lugares. Por isso há aqui um trabalho a fazer e eu terei a ocasião de, com o tempo, fazer esse trabalho. Agora que é fundamental é, fazer essa relação entre os santuários de maneira a que haja uma articulação pastoral entre eles.

5- A pastoral dos santuários está apenas entregue ao reitor ou há indicações mais precisas da parte do bispo?

Sim, ele está em nome do bispo, mas são diocesanos, tem uma afirmação muito particular por parte da diocese e naturalmente por parte do bispo, pois são diocesanos. Se não, poderiam ser santuários paroquiais, ligados à paróquia. Mas aqui sendo diocesanos têm uma responsabilidade do bispo e dos organismos diocesanos para ajudar na vida pastoral dos santuários. Embora no dia-a-dia haverá o reitor, ele é que o responsável do trabalho da pastoral do dia-a-dia dos santuários.

6- Que ligação os santuários devem ter com a pastoral diocesana e vice-versa? As festas anuais são programadas (por exemplo o tema de cada ano para a festa) de acordo com o programa pastoral? E com os programas nacionais e internacionais?

Indo logo à questão da visibilidade. O facto de estar o bispo diocesano, de estar praticamente, desde, o Vigário Geral, e uma grande parte dos cônegos da diocese, isto dá logo uma visibilidade que está ali uma presença diocese e uma responsabilidade diocesana. Depois o acompanhar e já este ano tive algum acompanhamento e irei ter cada vez mais, no sentido de acompanhar de que as festas, não desvirtuando o que é uma tradição, até porque as pessoas estão habituadas a ver um determinado modelo, e gostam, e que devemos respeitar, mas que porventura haja algumas sugestões a dar para que possa ainda ser mais, haja uma expressão maior em termos cristãos das festas que se realizam. Depois está o cuidado, que ainda é mais importante, porque esta festa é uma vez por ano e depois acaba. Agora, o problema coloca-se é no dia-a-dia de como estes santuários podem ser expressão de interioridade, de boa celebração, de acolhimento, de sacramento de reconciliação, por aí fora... Este é aqui é que é o trabalho do dia-a-dia. Está na minha preocupação, pelo menos aqui com este santuário do Santo Cristo, em Ponta Delgada. Com esse iremos, já no próximo ano, fazer algum trabalho nesse sentido. Depois acompanhando, embora penso que os outros estão mais ou menos encaminhados, embora não tenham a expressão deste. Penso que um santuário tem um valor de implantação na diocese e como resposta a uma forma que todo o cristão gosta de fazer, não é só a vida paroquial, mas a possibilidade de se deslocar a um santuário. Isto foi sempre, ao longo de todo o cristianismo algo de

fundamental para os cristãos, agora tem de ter uma oferta que seja exemplar nesse sentido. E ele tem de passar pela parte litúrgica, sobretudo pela Eucaristia, pelo sacramento da reconciliação, pelo acolhimento, aconselhamento espiritual que as pessoas procura, pela interioridade, pelas pessoas que querem o silêncio, a possibilidade de proporcionar a reflexão espiritual, por todos esses aspetos tem de estar presentes num santuário, para lá da vertente, que para muita gente é impensado, mas que no fundo é isso que os santuários estão a fazer que é sua vertente caritativa. Que mais ou menos, todos têm um bocadinho essa preocupação de socorrer, às vezes com sinais exteriores, por exemplo o Santo Cristo que tem um conjunto de famílias que dão um cabaz mais ou menos permanentemente, é um sinal exterior, que poderá ser melhorado, mas que tem o seu interesse.

7- Apesar de, nas festas do Santo Cristo, existirem seis esquemas de celebração, ainda do tempo do Sr. D. Aurélio, este ano optou-se usar a liturgia do dia, porquê?

Penso que esses esquemas têm interesse quando for em Tempo não obrigatório. O que eu quero dizer é, normalmente, o Tempo Pascal e já de si a Liturgia é muito rica. Quando há memórias obrigatórias ou quando há festividades obrigatórias penso que devemos seguir a Liturgia geral da Igreja e integra-la, e aí não temos de estar a fazer alteração. Não sendo isso, naturalmente é dar um conteúdo mais próprio da celebração. Não sei se foi apenas uma decisão diocesana ou se foi consultada a Santa Sé para que isso fosse possível. Penso que não. Agora, eu pessoalmente acho que é melhor nós integrarmos na liturgia. Porque é o que se faz em qualquer santuário, por exemplo quando a Liturgia é ao domingo é a Liturgia do domingo que se faz. Se é uma celebração própria e que não coincide com nenhuma festividade, aí sim, poderemos usar um desses esquemas. Mas isso foi uma opção minha, porque, por exemplo este ano, em primeiro lugar o domingo é um domingo pascal e depois logo no dia a seguir coincidir com a memória obrigatória de Santo Atanásio, sendo um vulto da história da Igreja tão importante, penso que era importante celebra-lo aqui no santuário do Santo Cristo, até porque ele está muito ligado a Cristo.

8- Que ligações existem com a diáspora, nestas invocações? Que relações entre os Santuários/festas e as celebrações na diáspora, diferentes ilhas (São Jorge, Graciosa, Santa Maria) e continente?

Pela sensibilidade que eu vou tendo, dá-me a entender que esta relação está mais forte com a diáspora no sentido de fora, na América ou no Canadá, onde estão as comunidades de emigrantes. E a relação faz-se porque os próprios imigrantes o exigem. Não só porque eles fazem esta relação de vinda e depois lá as suas festas, mas porque, inclusivamente, eles estão sempre a pedir, seja para o bispo, ou sejam padres daqui a que eles estejam lá presentes, essa relação é mais fácil. Em relação ao continente, não tenho tanto a consciência que haja esta relação. É uma relação mais débil e provavelmente por estarmos no mesmo país é uma expressão de cá, mas naturalmente não tem essa ênfase, se calhar nem essa necessidade de exigir que alguém esteja lá com eles nessa expressão religiosa. Aqui nas ilhas o que acontece é que, realmente, eles têm quase uma derivação da festa daqui do santuário do Santo Cristo que depois é vivida noutros lugares. Isto acontece com muitas outras invocações, por exemplo Nossa Senhora, Nossa Senhora de Fátima, há vários pequenos santuários ligados a Nossa Senhora, e até a Nossa Senhora de Fátima, pequenos oratórios, e isso não implica que

tenham uma relação contínua com o santuário maior. Aqui também há uma certa autonomia de expressão, porque aqui estão ligados, estão numa diocese, num território, aqui é valorizar no seu lugar aquilo que é a expressão do Santo Cristo. Penso que já está ligado pelo próprio território, pela própria diocese, que é uma presença.

9- Quando aqui falamos no Santo Cristo, mas também no Bom Jesus que, embora de uma foram mais ténue também tem expressão em outras ilhas...

A denominação é um bocadinho secundária, porque o que vai é sempre à mesma realidade, porque é o *Ecce Homo*, ou o Senhor da Pedra, ou o Senhor da Cana Verde, que é a mesma Imagem, que no continente, especialmente no Norte há muito esta relação com o Senhor da Cana Verde, depois o Bom Jesus ou o Santo Cristo, quer dizer, já são denominações mais particulares de cada lado mas, depois, a devoção acaba por ser a mesma, a devoção e a relação.

10- E que relações com outras invocações cristológicas na diocese (Ex. Santo Cristo da Praia, Santíssimo Salvador da Sé, Santo Cristo Misericórdia Angra)?

Aí o grande perigo que há é que as pessoas podem pensar que estamos com realidades diferentes, que o Divino Salvador não é o Santo Cristo. Aí é que é um grande problema. Porque de resto, o facto das denominações, elas fazem parte da cultura de um povo. Porque é que num determinado sítio foi o Divino Salvador que se valorizou tanto, porque é que noutro foi o Santo Cristo dos Milagres que se valorizou tanto, como em outro lado foi o Senhor da Misericórdia que se desenvolve? Isto tem a ver com a percepção de que as pessoas têm a necessidade de valorizar uma determinada realidade, como o Divino Redentor, noutros lados é o Cristo Rei. Isso vem do início da fé cristã o sublinhar de determinados aspetos da mesma pessoa, que neste caso é Cristo, como acontece com Nossa Senhora. Ou seja, Nossa Senhora com muito mais invocações. As pessoas colocam ali a sua necessidade e a sua realidade, como que realçam na pessoa de Jesus Cristo algo que diz mais a eles. Claro que tem muito a ver com o início do povoamento, com o início da evangelização e isso marca muito. Na altura, qual foi a denominação que os missionários deram muito para Cristo? Divino Salvador. No Brasil também há muito, por exemplo Salvador das Baías, Divino Salvador. Quando foi da primeira evangelização, que aqui não poderemos chamar assim, porque as pessoas vinham do continente, já traziam a sua fé. De qualquer maneira logo o início do povoamento e da evangelização marcam a denominação que tem e como se realçam algumas características da Pessoa Divina que as pessoas querem adorar e venerar.

11- Quem deve escolher o presidente das celebrações / pregadores dos tríduos – novenas (Santo Cristo, Bom Jesus, Senhor da Pedra)? Que critérios devem presidir à escolha?

Normalmente foi-se criando o hábito que o Bispo tinha de convidava outro bispo para essas três. Não tem de ser. Ao Bom Jesus, no Pico, este ano irei eu, como irei ao Senhor da Pedra. Mas futuramente já não será assim. Depois há um sentido de não quererem ficar a baixo daqui do Santo Cristo dos Milagres. O que tem sido até agora é que o bispo, ou é ele que preside, e este ano tinha todo o sentido eu presidir, depois, no futuro, haverá outro bispo que irá, e será a meu convite. Mas que tenha, naturalmente alguma relação. Por exemplo no próximo ano, que era já para ser este ano, será o bispo de Full River, e espero que não haja nenhum impedimento a que possa estar, mas que lá tem

uma grande comunidade de açorianos e que tem uma relação com o Santo Cristo. Depois futuramente veremos quem serão, mas que tenha alguma relação, não seja só por vir, só por figura. Em relação aos outros há também já alguma tradição a que o bispo peça a alguém, um bispo normalmente do continente, que venha presidir a essas Festas. Depois veremos se continuamos com essa tradição ou se deixamos ao santuário a possibilidade de eles poderem pedir. Tem o seu interesse de um lado, tem o interesse de outro. Nós não temos de estar a copiar o mesmo, porque aqui o Santo Cristo dos Milagres é diferente, tem uma expressão diferente, inclusivamente em termos diocesanos. O Senhor da Pedra em Vila Franca é muito localizado em Vila Franca, tem pouco mais de expressão. O do Pico é situado no Pico, o São Mateus é no Pico. Virá talvez do Faial alguma relação, mas pouco, não tem expressão diocesana, até exterior e o emblemático que o Santo Cristo tem. O Tríduo, normalmente são os reitores que organizam e convidam quem querem que faça essa preparação.

12- Que se pretende que sejam os santuários na diocese?

Os santuários têm de ser na diocese centros de espiritualidade. Isso é fundamental. Tenho claro que um santuário tem de ser um centro de espiritualidade. E tudo o que ali se faça seja exemplar. Porquê? Pelo facto de a um santuário acontece gente de todo o lado, acorrem, vêm e vão com o que ali receberam. Se se celebrou bem a Eucaristia, eles levam uma Eucaristia bem celebrada e contrário também levam. Normalmente quando se vem a um santuário a pessoa vem também carregada de necessidade, normalmente interior, uma necessidade de diálogo, de acolhimentos e de perdão. Por isso, ligado a uma Eucaristia bem celebrada está o sacramento da Reconciliação, que nós temos de valorizar cada vez mais. E o acolhimento às pessoas que veem a possibilidade de ter sacerdotes que acolham, que dialoguem, que escutem. Depois, que seja um centro de oração, temos de difundir um sentido de espiritualidade e oração. E uma oração que não é só individual, é importante o silêncio, é importante o tempo para as pessoas rezarem individualmente, mas também é importante propor-lhes a oração da Igreja. Temos de caminhar cada vez mais para que nos santuários a que a Liturgia das Horas seja também um momento celebrativo importante onde as pessoas possam participar. Depois abrir espaço para que dentro das possibilidades, e aqui é possível e já tem uma estrutura para isso, embora tenhamos de melhorá-la e vamos melhorar, para que uma pessoa, um grupo, queira vir estar ali um ou dois dias, ou poder um grupo vir fazer um tempo de reflexão fazer esse tempo de reflexão interiorização. Penso que é este conjunto que é importante. Para lá depois de poder a sua relação com a vida pastoral, ter a possibilidade de haver ali encontros. Os santuários têm muito essa propensão, porque são lugares de silêncio, lugares de encontro entre as pessoas, por isso podem proporcionar muito o germen para a parte formativa das pessoas, que venham ao santuário possam ter expressão pastoral.

13- Concretamente no Santo Cristo há particularidade da comunidade religiosa, aliás esta devoção surge dentro de uma comunidade religiosa de clarissas. É importante a presença de uma comunidade religiosa?

É importante a todos os níveis. Um deles para a caracterização do próprio santuário. Porque não haja dúvida que as irmãs já. Foi a Madre Teresa da Anunciada, que está no início desta devoção e relação com o Santo Cristo e que, foi ela a primeira e depois, de alguma maneira, se difundiu. Depois, as irmãs sempre ali estiveram no convento da

Esperança estando ali uma identidade religiosa, ligada ao convento. O permanecer desta identidade é fundamental, se não há uma descaracterização. A vida religiosa para a característica de um santuário é fundamental. Se queremos um centro de espiritualidade, as religiosas são fundamentais, em termos de acolhimento, em termos de proporcionar ambiente, e até no sentido da escuta, porque há muita gente que vão ali apenas para falar com as irmãs, elas têm o rosto materno da Igreja. Há ali uma complementaridade de trabalho pastoral que sem elas já não se faria, ficaria muito reduzido. Para lá da valorização da vida religiosa que é muito importante. Nós aqui nos Açores temos de valorizar muito, pois se temos dificuldades, como em todas as dioceses, na vida sacerdotal muito mais da vida religiosa. Não só porque as comunidades religiosas são tão poucas e estão envelhecidas. Por exemplo, as masculinas praticamente só temos três e duas em quase desaparecimento. No fundo, é um desafio muito grande e importante para a vida do santuário, para as finalidades que nós pretendemos.

14- Que perfil deve ter o reitor?

O perfil já está delineado pelas finalidades que pretendemos para os santuários. Tem de ser uma pessoa que tenha dinamismo, que tenha ainda a capacidade de trabalhar. Que seja uma pessoa que tenha uma relação humana forte e com abertura. Seja uma pessoa que tenha uma sintonia perfeita com aquilo que é a Liturgia, com a vida sacramental da Igreja. Todos estes aspetos são fundamentais. Seja uma pessoa capaz de imprimir uma espiritualidade profunda no próprio santuário. Não haja dúvida que estes são alguns indicadores para que se faça ali um trabalho. E depois que seja capaz de trabalhar em equipa. Não só é preciso a equipa sacerdotal, mas como depois tem outras, temos a Irmandade, temos as irmãs e temos outros intervenientes que é necessário coordenar e trabalhar com todos.

15- No caso do Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, que relação há entre as irmãs, Reitoria e Irmandade?

O trabalho do próximo reitor, dado que o atual está mal de saúde, será o de harmonizar todos esses intervenientes do santuário e que faça uma boa coordenação em que imprima um trabalho com todos estes intervenientes porque todos eles são necessários, para coadjuvarem o trabalho no próprio santuário.

16- Há a preocupação da diocese para que os santuários tenham organizado o respetivo arquivo (histórico; ex-votos (cartas, livros de pedidos, etc.); materiais devocionais (pagelas, etc); imprensa; homilias, pregações, retiros, novenários, etc.?

Espero que sim. Esse é o normal de cada organização, seja paroquial, seja santuário. No fundo, ter um arquivo bem organizada e ter recolha de todos os aspetos que digam respeito àquela realidade concreta. Concretamente, aqui no santuário do Santo Cristo, essa vertente é fundamental. Espero que esteja a ser feito, nem sequer ponho em causa que não esteja a ser feito. Isso diz respeito às pessoas que estão na própria organização. No que diz respeito à diocese, ela far-se-á em termos daquilo que é o próprio das homilias ficará em arquivo na diocese. O que é particular de cada santuário pertence ao santuário ir recolhendo e fazendo o seu arquivo próprio para que um dia possa ser consultado, para fazer parte da sua história.

17- Como podem estas festas, Santo Cristo e Bom Jesus especificamente, serem um meio privilegiado de evangelização? Que desafios / preocupações maiores e se lhe colocam em volta desta invocação numa pastoral de conjunto?

Tudo na Igreja, neste momento, a grande preocupação tem de ser evangelizadora e de ordem pastoral. Tudo o resto é desligado. Se tem outras vertentes tudo tem de estar relacionado, tem de ser evangelizador e no sentido pastoral mais amplo. E aqui, estando já tão enraizado esta presença de Jesus Cristo, na invocação de Santo Cristo dos Milagres, o que importa é evangelizar para que as pessoas reconheçam quem é este Jesus Cristo, que no fundo os atrai, que os chama e a esta multidão toda. No fundo é a questão da evangelização, da catequese, da vivência. Há aqui uma caminhada. É uma realidade permanente que se põe à própria Igreja. Aí não estamos muito diferentes ao que foi ao longo da história da Igreja, desde os primórdios do cristianismo. Os primeiros evangelizadores, desde os apóstolos, tiveram também, não só anunciar Jesus Cristo, mas também, de alguma forma ajudar àqueles que porventura tinham ideias não tão apropriadas, ajudar a retificar a outros, que porventura tinham outras formas de entender o religioso, reconhecer que afinal o que andavam à procura era deste, este é que é o Salvador, Jesus Cristo. Penso que hoje continua a ser a mesma realidade, que é sermos capazes de oferecer às pessoas que ali veem este esclarecimento na fé e ao mesmo tempo proporciona para que façam uma experiência profunda pessoal e comunitária da fé em Cristo e ao seguimento de Cristo. Esse será sempre o nosso objetivo.

3.5.3. Entrevista a Irmã Margarida Borges, Zeladora da Imagem do Santo Cristo

Entrevista escrita, recebida por correio eletrónico dia 15 novembro de 2016.

1- Qual a dimensão da devoção e invocação

O Senhor Santo Cristo dos Milagres começou por ser uma devoção e uma invocação dos açorianos e com o decorrer do tempo tem vindo a tornar-se uma devoção e invocação de cariz não só nacional mas também internacional. São inúmeros os continentais que anualmente visitam o Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres e participam nas Festividades. São cada vez mais os estrangeiros, de uma forma particular os emigrantes da América e Canadá que vêm ao Santuário conhecer a fonte das festividades que devotamente o povo açoriano realiza anualmente nas suas cidades nos Estados Unidos da América, Canadá e Bermudas. Mas a este Santuário, em menor escala, vêm peregrinos ou turistas de quase todo o mundo.

2- Que outros locais existem com relação a esta invocação? (dentro e fora da Ilha, Diocese, País. Indique tanto quanto possível os locais de que tem conhecimento)

Na Diocese, esta invocação está presente nas outras ilhas nomeadamente em Santa Maria, São Jorge e Graciosa. Pela emigração de muitos açorianos, nomeadamente micalenses, o culto foi difundido e, atualmente, em várias cidades celebra-se a festa em honra do Senhor Santo Cristo. Em Fall River (Massachusetts) foi instituída a Paróquia do Senhor Santo Cristo. Também há uma grande comunidade de açorianos no

continente português, lembro que na igreja de Nossa Senhora da Vitória na Baixa-Chiado celebra-se as Festas em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

3- Que relação existe entre o Santuário e esses locais?

Existe uma relação de proximidade. As Irmandades do Senhor Santo Cristo dos Milagres de muitos desses lugares participam, por vezes, nas Festividades do Senhor Santo Cristo dos Milagres, aqui nos Açores. O próprio reitor do Santuário e o Senhor Bispo são convidados a participar nas Festividades dessas comunidades e em outros eventos que se relacionem com o Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

4- Que expressões de piedade mais importantes envolvem a devoção?

A participação na santa missa de cada sexta-feira do ano é uma dessas expressões de piedade importantes que envolvem a Devoção. Porquê a sexta-feira? Precisamente porque se celebra a sexta-feira da Paixão e Morte do Senhor. Outras expressões de piedade dizem respeito à novena dos Espinhos que se realiza anualmente na 2ª semana da Quaresma; as promessas, muitas delas pagas, de joelhos, em torno do Campo de São Francisco, no Sábado da Festa; a participação na Procissão de Domingo; as promessas pagas na Roda e as ofertas que o povo faz ao Senhor Santo Cristo dos Milagres.

5- Quais as motivações das pessoas para se ligaram a esta invocação?

É a fé no Senhor Santo Cristo dos Milagres, transmitida secularmente de pais para filhos; a necessidade de um milagre nas suas vidas para vencer a doença, o desemprego e, muitas vezes, a solidão.

6- Como são alimentadas/incentivadas, ou desincentivadas?

Não respondeu

7- Que outras formas de devoção seriam importantes existirem (caso não existam, porque não existem?)

Seria importante uma maior devoção à Madre Teresa D' Anunciada. Porém, na hora da aflição o povo recorre sempre ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, esquecendo que a Madre Teresa D'Anunciada poderia interceder por nós junto do "Seu Mais que Tudo".

Assim, importa, reabrir o processo de beatificação; sensibilizar o povo devoto do Senhor para o facto Madre Teresa poder ser uma nossa intercessora junto do Senhor.

8- Que ações pastorais se desenvolvem em volta da invocação?

Não respondeu

9- Que desafios pastorais mais importantes se colocam com esta devoção?

Não respondeu

10- Que ligação há entre esta devoção e os sacramentos (Batismos, Casamentos, Unção dos Doentes, Reconciliação)?

Neste Santuário apenas se realiza o sacramento da Penitência.

11- Que relação há com o programa diocesano / nacional / internacional?

Não respondeu

12- Que relação há com a paróquia local e as paróquias vizinhas, Ouvidoria, ilha?

A relação com a paróquia local faz-se sentir de um modo muito particular durante as Festividades. É, pois, para a igreja Paroquial de São José que a veneranda Imagem do

Senhor Santo Cristo recolhe na madrugada de Domingo da Festa para que o povo possa participar na Vigília com o Senhor.

No que diz respeito às cerimónias da Semana Santa, o santuário tem encerrado as portas para que os rituais da Paixão Morte e Ressurreição do Senhor possam ter lugar na igreja paroquial de São José.

13- Há relação pastoral com os outros santuários da diocese?

Não respondeu

14- Quando decorre a festa?

A festa decorre todos os anos, no 5º Domingo depois do Domingo de Páscoa. Ainda assim, houve um ano em que as Festividades realizaram-se mais tarde, mais precisamente no mês de Julho. Estamos a falar do ano de 1901, o ano em que o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia visitam os Açores, e o povo faz questão que os reis tomassem parte nas Festividades em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres

15- Porquê essa data?

Foi escolhido o Domingo antes da Ascensão (5ª Domingo depois da Páscoa) para proporcionar um momento solene de aprofundamento da importância da oração. Uma preparação para os três dias seguintes em que a Liturgia marcava as Rogações rezando-se as Ladainhas de Todos-os-Santos a suplicar do Altíssimo as Suas bênçãos para as colheitas e o afastamento de todos os flagelos.

Já a procissão ao Senhor Santo Cristo dos Milagres tornava-se um convite dirigido ao povo para confiar na misericórdia divina em todos os momentos jurando saber que a Oração é uma força à disposição dos crentes. Simultaneamente, pela Oração, o homem vai criando intimidade com Deus, meditando nos seus atributos e reconhecendo a limitação da sua capacidade e a imperfeição que reina na sua vida.

16- Como se estrutura a festa?

A festa estrutura-se em duas partes. De um lado, a parte profana com os habituais arraiais, as tasquinhas, o Cortejo de homenagem ao Senhor Santo Cristo dos Milagres pelas forças de segurança, bombeiros, taxistas, etc; e, no que diz respeito ao campo religioso, as promessas em volta do Campo de São Francisco, a procissão de mudança da Imagem, a vigília de oração, a concelebração Eucarística festiva e a procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres percorrendo os antigos mosteiros da cidade de Ponta Delgada.

17- Quem está envolvido na festa? (comissão de festas, irmandades, voluntários, famílias, autarquias, estrutura eclesial, etc.)

As festividades envolvem toda a sociedade açoriana. Seja ela religiosa, política, judicial, académica, popular (coletividades, clubes associações, etc.).

18- Quem escolhe o pregador da novena/tríduo?

Quem escolhe o Pregador da novena/tríduo é o Reitor.

19- Que critérios presidem à escolha?

Não respondeu

20- Quem escolhe presidente das festas?

É o senhor Bispo quem escolhe o Prelado que vai presidir às festividades, ouvido o parecer do senhor Reitor do Santuário.

21- Quem escolhe o tema?

A Irmandade é quem tem escolhido, até ao momento, o tema das festividades.

22- Que critérios presidem à escolha?

Não existem critérios específicos para a escolha do tema.

23- É um tema apenas da festa ou anual?

O tema escolhido é para a Festa.

24- Há algum apoio a peregrinos (físico, alojamento, guiões, etc.)?

Durante as Festividades, as Religiosas de Maria Imaculada acolhem no Lar alguns peregrinos que vêm para participar nas festividades. Voluntários prestam cuidados de enfermagem aos devotos que pagam as suas promessas em torno do Campo de São Francisco.

25- Existe arquivo histórico?

Não respondeu

26- Existe arquivo de ex-votos (cartas, livros de pedidos, gravuras, etc.)?

Não respondeu

27- Existe arquivo de materiais devocionais (panelas, etc.)?

Não respondeu

28- Existe arquivo de imprensa?

Não respondeu

29- Existe arquivo de homilias, pregações, retiros, etc.?

Não respondeu

30- Qual o papel específico da Irmã Zeladora?

Para além de zelar pela Veneranda Imagem, a Capela do Senhor Santo Cristo e o Culto do Senhor, a Irmã Zeladora tem como objetivo acolher as pessoas, escutá-las e ajudá-las no que lhe é possível e como missão principal aproximar as pessoas de Cristo.

31- Qual é o papel da Reitoria, da Irmandade e da Comunidade Religiosa e, na sua opinião, qual deveria ser esse papel?

Compete à Reitoria fomentar e promover a devoção ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, bem como a espiritualidade ligada à Paixão e Morte do Senhor. Representar o Santuário em eventos ligados ao culto do Senhor Santo Cristo os Milagres, a nível regional, nacional e internacional

32- Que relações existem entre estas estruturas e, na sua opinião, como deveria ser essa relação?

São de cordialidade as relações entre estas três estruturas, trabalhando sempre de forma concertada, de modo a permitir bom resultados quer ao nível da preparação e realização das festividades em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, bem como o da concretização de alguns projetos, nomeadamente, o da criação do Núcleo Museológico na cozinha antiga do Convento de Nossa Senhora da Esperança.

33- Que perfil deve ter a Irmã Zeladora da Imagem?

Deve ser uma irmã consciente que a missão que recebeu lhe foi dada por Deus. Por isso, deve ser uma pessoa de oração e atenta à vontade de Deus para a poder viver no dia-a-dia. Deve ser acolhedora, humana, atenta ao outro, humilde, bondosa, alegre e generosa. Que ame a missão que recebeu.

34- Que perfil deve ter a Reitoria/ reitor

Deve ser um homem que ame o ser sacerdote, exercê-lo com amor, aberto e acolhedor, culto, que saiba criar laços de comunhão e fraternidade e com uma espiritualidade profunda. Que viva para o OUTRO e para os outros. Saiba acolher, escutar e saiba exercer autoridade na simplicidade. Se isso fosse possível, um homem sábio e santo...

3.5.4 Entrevista ao Dr. Carlos Faria e Maia, Provedor da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Entrevista presencial dia 3 de Maio de 2016

1- Qual a dimensão da devoção, mais local, universal?

Acho que é mais universal. Aliás toda a comunidade açoriana espalhada pelo mundo, para além desta, há toda a comunidade a nível nacional. E agora penso que, a partir deste ano, destas últimas festas, as coisas ainda se vão tornar maiores, com outra dimensão. Atendendo que chegou a casa de todos os nossos irmãos de todo o país. Eu creio que para o ano, se Deus quiser, a dimensão será muito maior.

Há vários depoimentos... eu não os tenho, mas o reitor do Santuário deve receber. Eu tenho uma pessoa que estava internada doente, uma pessoa que por sinal era açoriana, a mulher é que era açoriana. Ele estava bastante doente, a sua situação era bastante grave. Eles tiveram o privilégio de uma capa do Senhor Santo Cristo ser levada e foi colocada sobre a pessoa que estava doente. Este senhor que não tinha a tinha fé - tinha fé, cada um tem a sua fé - mas não era assim um crente, digamos não era um homem fervoroso, e a esposa que era açoriana colocou a capa sobre ele. A partir daí a fé dele transformou, já esteve cá e ele é um homem cheio de fé e de esperança e uma fé inabalável no Senhor Santo Cristo. Por acaso este depoimento, ele mandou o *email* para a Irmandade. Mas há muitos depoimentos que não recebemos. Vão mais para a Reitoria, a pedir graças, a pedir um terço, uma medalha, um registo ou a medida do Senhor Santo Cristo.

Por isso é como lhe digo, a fé não é só açoriana, a devoção ao Senhor Santo Cristo não é só dos Açores, mas acho que é do país inteiro. A nível mundial... Claro que temos portugueses espalhados por todo o mundo e os nossos imigrantes... Os Estados Unidos e Canadá são o grande foco da nossa imigração. Aí está muito enraizado. As festas maiores em honra do Senhor Santo Cristo são em Brampton, no Canadá. Há nos Estados Unidos, mas em Brampton são as maiores.

2- Portanto há outros locais onde existe esta devoção. Que relação existe entre o Santuário, concretamente a Irmandade e esses locais, ou apenas a sua existência?

Sabemos da sua existência. Por exemplo, em 2009, a Mesa da Irmandade deslocou-se a Brampton. Acompanhámos sempre as festas, nas cerimónias e procissão, acompanhámos a Imagem sempre. Acompanhámos a Mesa toda, nesse ano de 2009.

3- Que expressões de piedade de mais importantes envolvem a devoção e quais as motivações das pessoas para se ligaram a esta invocação?

Há a passadeira dos peregrinos, a sua localização não foi a melhor pois não permite o uso durante todo o ano. Normalmente vemos as promessas de joelhos sexta-feira à noite para o sábado. Sábado de manhã, de madrugada e de sábado para domingo também. Agora durante o ano não se vê com tanta frequência. Em termo de devoções, as pessoas interiorizam e não sabemos o que as pessoas sentem. O convento abre todos os dias das cinco e meia às seis e meia para aquela visita de proximidade junto à Imagem. Não sabemos o que vai na alma, o que é que as pessoas sentem, qual é, no fundo, o problema que elas têm.

4- Essas expressões de piedade são alimentadas/incentivadas, ou desincentivadas?

As promessas de joelhos são desincentivadas pelo próprio reitor, mas as pessoas prometem e geralmente quando elas prometem têm de cumprir, não é fácil de proibir. O ideal da passadeira dos peregrinos seria na extremidade da praça de modo que as pessoas, durante o ano, se quisessem, poderiam usufruir a qualquer momento, não quer dizer que fosse durante o dia, ou durante a noite ou que fosse num dia especial. A praça foi arranjada há dois anos e foi a Câmara que se lembrou, só que a localização não é a ideal. Foi conversado connosco, mas o que foi projetado, no desenho, parecia que era lateral e ao fim ao cabo é central e como os carros circulam as coisas complicam-se logo. Se não houvesse circulação de viaturas não tinha problema nenhum, as pessoas podiam andar à sua vontade, agora assim torna-se perigoso.

5- Que ações pastorais se desenvolvem em volta da invocação?

A pastoral poderia ser mais incentivada.

6- Uma pastoral mais vocacionada para a espiritualidade, para o apoio socio-caritativo?

As duas! Socio-caritativo e espiritualidade. E ter um sacerdote permanente, mais para ouvir, para dar um certo ânimo às pessoas que tocam com diversas dificuldades, desde monetárias, matrimoniais, familiares, profissionais, que engloba toda a vida. Acho que isso devia um papel mais importante e com a presença diária. O que quero dizer é, acho que, atendendo a todo o Santuário, a toda a fé envolvente neste Santuário à volta do Senhor Santo Cristo, atendendo às dificuldades das pessoas em todos os aspetos, acho que devia haver uma presença diária para acompanhar as pessoas que quisessem dialogar, quisessem desabafar. Acho que isso era importante.

7- Qual o papel específico do provedor e Irmandade?

O papel da Irmandade é a promoção e a divulgação da devoção em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, isto é ponto número um. E ponto número dois é apoiar as famílias que estão em dificuldades. É uma situação que é relativamente recente, há três anos a esta parte é que começámos, no fundo, a prestar um serviço, dentro das nossas possibilidades, à comunidade apoiando essas famílias que nos são identificadas. Se bem que, claro, se a gente tivesse capacidade... temos trinta famílias mas poderíamos ter cem, nós é que não temos capacidade para ajudar. Tanto é que na intervenção, no projeto, numa reunião com o Sr. D. António, nosso bispo, nós alvitramos que dentro

daquele projeto de apoio social tivéssemos uma cozinha social, e que nessa cozinha social a Irmandade do Senhor Santo Cristo disponha-se a que em cada dia estivessem de serviço alguns irmãos para distribuir as marmitas a quem necessitasse e viessem buscar. Mas segundo consta, as cozinhas sociais não têm corrido bem, são muitas exigências. Uma cozinha social construída de raiz em Vila Franca não está correndo bem, as expectativas não eram aquelas. Mas o que nós queríamos era isso, uma cozinha social, pois em vez de estarmos a entregar um cabaz de produtos de primeira necessidade a essas famílias. Mas por outro lado creio que as pessoas também precisam dos bens de primeira necessidade para as formarem, em vez de irem buscar marmitas, para saberem gerir, seria mais educativo. A cozinha social, sim senhor, para alguém que tem fome, mas para aquelas famílias que o problema não é de uma pessoa, são famílias de casais com filhos, aí creio que uma cozinha social não deveria ser.

A missão do Provedor é encabeçar o grupo de sete [Mesa da Irmandade] e por tudo isso em prática, desde a organização, a tudo. Claro, deveríamos ter colaboradores, neste momento até estamos necessitados de colaboradores, porque as pessoas têm a sua vida, não têm muita disponibilidade, depois as coisas tornam-se complicadas. O mais complicado é aquele mês propriamente das festas, que há tudo o que é de papeladas, licenciamentos, etc. De resto todo o ano vamos reunindo duas vezes por mês e se for necessário mais, pois cá estamos.

8- Quando decorre a Festa?

A Festa decorre sempre no quinto domingo depois da Páscoa. No próximo ano ser dia 21 de Maio de 2017

9- Porquê essa data?

Desde a primeira procissão ficou estabelecido que no quinto domingo após a Páscoa a procissão seria realizada nesse dia. Mas nada invalida que na eventualidade, numa suposição e numa mera especulação, num vinda do Papa a Portugal e que ele nos desse a honra de vir cá, pois perante uma situação dessas não vejo nada para que não se alterasse as Festas do Senhor Santo Cristo uma semana. A mim não me espanta nada, só numa situação dessas. Não me chocava nada e penso que o povo açoriano não ia ser crítico e até ia ver com bons olhos.

10- Como se estrutura a festa?

Começa com o tríduo preparatório na semana das Festas, na terça, quarta, quarta e quinta. Na sexta é a inauguração das luzes. No sábado é a Missa de inauguração, às nove da manhã após dessa Missa há a mudança da Imagem pelo claustro do convento para o andor. Depois, às quatro e meia é o bater da porta e nesse momento as irmãs de Maria Imaculada concedem à Irmandade e passam a responsabilidade toda em relação à Imagem e o andor à Irmandade do Senhor Santo Cristo. Naquele momento elas entregam a Vara ao Provedor como símbolo de entrega, da passagem da responsabilidade da Imagem do Senhor Santo Cristo delas para a Irmandade. Aquela vara é só tida naquele momento, ou seja no sábado na entrega do andor e da Imagem e é na recolha da Imagem que a Vara é entregue à Irmã Provincial que geralmente é quem esta cá presente e que a entrega ao Provedor. No caso de não estar a Irmã Provincial, é a Irmã Superiora. É simples, a vara é só enquanto a Imagem está sob a responsabilidade da Irmandade. A partir do momento em que a Imagem é entregue, é entregue a Vara.

Depois nesse sábado há a procissão da mudança e ao recolher a Imagem, Santo Cristo fica a fazer homenagem aos peregrinos no adro da Igreja, ao fim dos peregrinos passarem é o recolher da Imagem, há o sermão. Depois há a mudança da Imagem à meia-noite e meia para a igreja de São José que fica em vigília e adoração toda a noite, depois há a Missa dos peregrinos às seis da manhã e depois às dez horas a Imagem, isto é, a Imagem sai de São José a um quarto para as dez, porque às dez horas, impreterivelmente, seja transmitida a Missa campal em termos televisivos e Emissora Nacional. Depois a Imagem recolhe ao Santuário. Às quatro e meia é a saída da Imagem e a preparação das entidades, das autoridades, etc. O guião sai sempre uma hora antes. A seguir ao guião vão as opas vermelhas em dois de cada lado, homens peregrinos (não são irmãos da Irmandade), qualquer pessoa pode incorporar. Depois a Imagem sai às quatro e meia, no domingo. - Esqueci-me de dizer que no sábado há a Guarda de Honra em frente ao Forte de São Brás, pelos militares, ou seja, pela Força Aérea, pela Marinha e pelo Exército. Há um sobrevoo geralmente por um avião da Força Aérea, há uns disparos pela corveta, a Banda Militar toca o hino em honra do Senhor Santo Cristo. As honras militares é uma coisa que leva uns cinco minutos - Voltando ao domingo, a Imagem sai às quatro e meia, quando a Imagem regressa ao adro do Santuário aguarda que todos os peregrinos passem, os bombeiros, as autoridades civis, depois há a homenagem dos estudantes, deitam as capas no regresso do Senhor Santo Cristo novamente à sua casa. É nesse momento que é entregue novamente a Vara.

Na segunda-feira, a parte mais complicada, e com mais responsabilidade, aí já estamos mais leves porque a Imagem já está no seu lugar e correu tudo bem. Naquela manhã há ainda a Missa às onze que é em honra da Irmandade. Há as arrematações, a seguir ao almoço, dos pequenos animais. O Gado é feito uma semana antes na Associação Agrícola. A arrematação é a favor do Santuário. A Irmandade colabora, fazemos tudo, a entrada de animais, a saída de animais, os recibos, as faturas, fazemos tudo desde sempre. Marcamos para que seja antes para que seja mais fácil. Depois das Festas do Senhor Santo Cristo está tudo meio perdido. Fazemos uma semana antes, avisamos todos os postos da ilha, as paróquias da ilha, para que os lavradores e quem queira colaborar possa fazer a sua oferta ao Senhor Santo Cristo. É tudo anunciado com a devida antecedência

Depois, na quinta-feira, este ano não, mas no próximo ano iremos começar a Festa na sexta-feira com a inauguração das luzes, depois vai seguir todos os dias até ao encerramento das Festas que é na quinta-feira. Na terça e na quarta-feira vamos ter, que não tínhamos, concertos, vamos continuar um pequeno arraial. E faz sentido, pois o encerramento é na quinta-feira, aquela terça e quarta-feira ficava uma coisa meia... não faz muito sentido. Não vai haver grandes coisas, mas vai haver um concerto de uma banda durante o serão, o bazar, o Santuário está aberto para as pessoas que queiram entrar e prestar a sua homenagem. Na quinta-feira temos o encerramento às com a Missa às dezoito.

11- Quem escolhe o pregador da novena/tríduo, presidente das celebrações?

O Tríduo é do reitor. O convite de quem preside às Festas parte sempre do nosso bispo.

12- Que critérios presidem à escolha?

Os critérios são deles. Não sei se o bispo consulta o reitor, se há algum entendimento entre os dois.

13- O mesmo se passa com o tema de cada ano?

Não. O tema é a Mesa da Irmandade que atribui. Nós é que arranjamos sempre a palavra-chave.

14- Que critérios presidem à escolha?

É sempre baseado na fé. Se a gente reparar bem: "A fé em movimento"; "210 anos de inabalável fé"; "O Senhor tão perto de nós"; "A Paixão de Cristo que nos une". Em parte é baseado na fé, na esperança. Anda sempre à volta destes temas

15- Que relação há com o programa diocesano / nacional / internacional?

Não. Até poderia ter, mas por acaso não. Não quer dizer que não possamos vir a estar articulados.

16- Há relação com os outros santuários da diocese, de um modo especial com o Santuário do Bom Jesus, no Pico, ou o Santuário do Santo Cristo, na Fajã do Santo Cristo em São Jorge?

Não. Por acaso não há. Poderia haver...

17- A Irmandade tem arquivo histórico?

Há muitas coisas que estão perdidas porque a Irmandade não tinha sede própria. Ou seja, os mesários estavam ligados a algumas empresas aqui na nossa cidade e geralmente o Secretário tinha todos os Livros de Atas e a correspondência, e isso ia mudando de umas casas para as outras e nessas mudanças perdem-se coisas. Por acaso temos aí o Livro de Atas e eu fui buscar para fazer o levantamento dos Provedores para fazer um museu fotográfico dos Provedores antigos até agora. Fui procurar as atas mais antigas e só consegui a partir de 1900. Coisa que num livro que o José Andrade publicou, foi buscar à *Insula*, os Estatutos da fundação da Irmandade do Senhor Santo Cristo de 1775, com os primeiros irmãos fundadores. Por acaso uma coisa com muita graça e muita piada pelos 250 anos que fizemos este ano, que o José Andrade teve esta ideia e acho que foi uma ideia brilhante, que é de aplaudir. E aí é que a gente tem os estatutos da fundação da Irmandade e os primeiros irmãos inclusive, que são cento e vinte ou cento e trinta.

Mas temos. A partir de 1900 tenho ali o Livro de Atas. Tenho o registo de irmãos - tenho registo dos irmãos todos. Mas também muitos que... para traz... Não acredito nisso [que estejam no Arquivo Regional ou na Torre do Tombo]. É uma pena essas coisas se perderem porque isso é que faz a história.

18- Existe arquivo de ex-votos (cartas, livros de pedidos, etc.)?

Toda essa situação é com o Santuário ou com as irmãs

19- Existe arquivo de materiais devocionais (panelas, etc.)?

Não sei se eles têm isso guardado. Nós não temos nada disso.

É uma pergunta pertinente porque acho que deviam ter um arquivo de velhas estampas, das velhas medidas, das velhas relíquias. Pelo menos ter um exemplar para que ficasse

guardado. Não sei se eles fazem isso. Mas era importante para que, ao longo dos tempos se pudessem ver quais eram as primeiras estampas do Santo Cristo e compara-las com as atuais. Ou até recuperar as antigas e voltar a fazer das antigas.

20- Existe arquivo de imprensa?

Nós temos de tudo o que sai em relação às Festas do Senhor Santo Cristo e está no nosso *site*, *nomeadamente os* arquivos, quer tanto fotográficos ou de imprensa. Não é desde 1900, é relativamente recente, desde que temos o nosso *site*. Em papel, não temos

21- Que relação há entre as irmãs, Reitoria e Irmandade? Como deveria ser essa relação?

Eu procuro ter um bom relacionamento. Eu, como a Mesa da Irmandade, a nossa forma de estar é a mais aberto possível, o mais dialogante e colaborante possível. Estamos abertos a colaborar com a Igreja e com o Santuário sempre que seja a favor de melhorar e promover a fé em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres. A nossa posição aqui é de colaboração a mais alargada possível.

22- Há algum apoio a peregrinos (físico, alojamento, guiões, espiritual, etc.)?

Acho que era prioritário haver um centro de apoio ao peregrino pois era das coisas mais importantes para este santuário. Aliás, já falei com o Sr. Bispo nesse sentido. Nós temos um armazém com as decorações da fachada do Santuário e eu disse-lhe que não era por causa da Irmandade, nem das suas decorações, que o centro do peregrino não se vai fazer. Dentro do convento é um espaço bastante grande e é das coisas mais importantes. Era prioritário. O único apoio ao peregrino que se faz é só no sábado da mudança. Ou seja, no sábado de manhã a Cruz Vermelha está aqui no Santuário e tem uma marquesa e faz o apoio aos peregrinos, faz uns pensos, lava os pés, dá os primeiros socorros. É o único apoio que se faz ao peregrino em termos físicos. Espirituais... não há.

23- Que perfil deve ter a Reitoria/ reitor?

Deveria ser uma pessoa mais nova, que levasse as pessoas ao Santuário, que tivesse uma maior presença possível. Que tivesse uma outra Missa, não apenas às oito horas da manhã. O Santuário deveria ter mais informação, das Missas, etc. também para o turista em várias línguas. Pelo menos em português e inglês. Deveria ter um circuito com indicações que fosse mais elucidativo e que a pessoa ao chegar aqui não ficasse meia perdida. Era importante uma presença assídua, até para uma pessoa que queira desabafar, era importante uma presença mais assídua dentro do Santuário. Como o Santuário abre das cinco e meia às seis e meia [junto da Imagem] também nessa hora poderia haver uma presença para que os peregrinos que fossem ao coro baixo junto ao Senhor Santo Cristo. Faz parte do Santuário ter um apoio espiritual.

23- Que perfil deve ter a irmã zeladora e a Comunidade Religiosa?

As irmãs neste momento debatem-se com o problema de falta de irmãs, de falta de vocações, neste momento só têm quatro irmãs. Vão fazendo o possível e impossível. Se bem que a missão delas não está a ser devidamente colocada no terreno. Elas estão ligadas ao apoio à juventude e poderiam, eventualmente, apoiar a juventude que tivesse com dificuldades, mas isso é uma coisa que tem de ser criada pela Reitoria junto das irmãs, porque a congregação delas e a missão delas está virada para aí.

Independentemente disso, com quatro irmãs, também não é fácil abraçar um projeto. Aí as irmãs deveriam superintender e um grupo de leigos voluntários que as apoiassem, para apoiarem esses jovens em dificuldades. Mas já muito fazem... São as guardiãs do Senhor Santo Cristo e do tesouro que o envolve. A missão delas neste convento em relação ao Senhor Santo Cristo é imprescindível. Aliás, escrevi para a Madre Geral pois a minha preocupação e da Mesa da Irmandade é que as irmãs são imprescindíveis. Claro que o número delas é diminuto, mas são imprescindíveis, ajudadas, claro, por um grupo de leigos, mas elas seriam sempre as responsáveis. Sem as irmãs aqui, parte da espiritualidade vai-se embora...

24- Que perfil deve ter o provedor?

O Provedor, a primeira coisa que deve ter é a humildade. Humildade e fé são as duas coisas que o Provedor tem de ter.